UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01718855 8

BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES
DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*
Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Fernão Lopes

VOL. VII

ESCRIPTORIO
147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147
LISBOA
1898

DP
585
L6
1897
v. 7-10
cop. 2

CAPITULO CLXIX

Como el-rei partiu pera Galliza, e do que lhe aveiu no vau do Minho.

El-rei partiu pera Coimbra, como dissemos, levando grande sentido d'aquella entrada que os castellãos fizeram, e das trabalhosas jornadas que elle e os seus em tal tempo passaram, por os tomar dentro do reino, e estando el-rei n'aquella cidade, lhe veiu recado como João Fernandes Pacheco e seus irmãos se foram pera Castella, e isso mesmo Gil Vasques da Cunha e João Affonso Pimentel, por cuja partida seu adversario cobrara as villas e castellos de que tinham feito menagem, assim como Bragança e Vinhaes, e o Mogadouro e Villa Maior.

E se algum notar por mingua, não poermos aqui o porque se estes e outros fidalgos partiram do reino, isto seria grave de adivinhar, e cousa que por elles cumpria ser recontada; mas a commum fama de todos era que elles diziam que por aggra-

vos que d'el-rei recebiam, se foram de sua terra; porém fallaram bem os que disseram que qual deve ser o principe ácerca dos fidalgos e subditos, formosa cousa é de contar e ligeira d'escrever.

Mas contentar grandiosos corações de desvairadas vontades, isto é mui grande encarrego, e cousa assaz d'impossivel, porque aprazendo a uns, convém que anoje a outros.

Mas el-rei, posto que taes novas ouvisse, e lhe d'ellas desprouvesse, não mudou porém proposito do que na vontade tinha, que era entrar por Galliza por fazer guerra a seus inimigos, e partiu logo pera o Porto, e d'alli mandou chamar suas gentes, e foram juntos em Ponte de Lima, onde fez seu alardo, e achou quatro mil lanças, e muitos peões e bésteiros, e moveu caminho de Monsão, que eram d'alli sete leguas, e des-ahi ás Choças, que eram traz do rio do Minho, por onde entendiam passar; e todos alli recolheitos, aos quatro dias do mez de maio de 1436 nasceram entre elles novas, e era assim d'effeito, que da parte além do Minho, junto com Salvaterra, eram juntas muitas companhas por lhe embargar a passagem, e se irem lançar dentro em Tuy, sabendo que el-rei o ia cercar, e a verdade d'isto era que Diogo Peres Sarmento, adeantado de Galliza com outros fidalgos, quando souberam a ida d'el-rei pera aquella comarca, entenderam, o que era certo, que el-rei ia cercar Tuy, e quizeram-se lançar dentro na cidade pera a ajudar a deffender e os de dentro não quizeram isto consentir, dizendo que abastantes eram pera dar d'ella conta.

Entonce se tornaram, e pozeram seu arraial no campo do Louro, que é junto com o rio, e receando

a ida d'el-rei, que se ia chegando, affastaram-se d'alli, espaço de uma legoa; e estas eram as gentes que a el-rei disseram, sobre as quaes teve conselho; e accordaram que sem mais tardança movessem á pressa o arraial e passassem da banda d'além, e se os podessem tomar, que seria mui bom começo. Começaram entonce de andar cada um quanto mais podia, e chegando por acerca de Monsão, pediram a Diogo d'Abreu, alcaide d'aquelle logar, que lhe mandasse um seu escudeiro, que chamavam Fernão d'Ayres, que lhe fosse amostrar o vau; e elle e outro, que diziam João Vasques, foram ambos por serem guias d'elle, e chegaram ao vau das estacas, que n'aquelle logar era d'ancho como a costumada passagem do Douro, sendo já sol posto muito acerca do serão, e a noite, por antepoimento de nuvens, não bem clara como pera tal passagem cumpria.

El-rei fez chamar uma guia d'aquellas que os houvesse d'encaminhar, e elle entrou em cima de seu cavallo dando-lhe a agua pelos peitos: o vau não era direito, mas desviado pera cima, qual natureza ordenava, de um pedregulho seixal, e a altura da agua por uma igualança, não mais alta em um logar que em outro, mas era junto com elle um profundo pégo, bem mortal visinho, azado pera muitos perecerem, de que poucos sabiam parte.

A guia passou além; tornou mais rijo do que foi, por o grão corrimento da agua que descia; mandou el-rei passar a bandeira, por lhe avivar os corações de passarem mais toste; João Gomes da Silva, que era alferes, como foi além e alguns com elle a fundo por ribeira do rio d'onde el-rei ficava, que foi grande azo da perda que se alli fez, porque ao som das vozes d'onde elle estava, tirava a gente

por ali direito, e o vau ia mais acima desviado, e assim se perdiam muitos, e tornou a guia por encaminhar outra ida, e foi com ella muita mais gente que da primeira, e quando veiu a terceira vez, foram tantas que a espessura das bestas cresceu a agua fazendo des-ahi parede, e botou grande parte d'elles e deitou-os no pégo sem sendo vistos dos que eram em terra; des-ahi a noite, mal azada pera tal trabalho, fazia topar uns nos outros, e d'elles travavam de seus companheiros por se terem a elles, e levavam-n'os comsigo, e d'esta guisa e d'outra morria muita gente, até que os que iam detraz foram em conhecimento da perda que se fazia, e disseram-n'o a el-rei, e mandou que não passassem mais; uns se afogavam e não surdiam mais, outros nadavam as bestas com elles, e quando chegavam á beira d'agua, por a aspera subida da borda do rio, não podiam montar acima, e assim morreram bradando a grandes vozes que lhe accorressem, mas não prestavam a tal tempo, ca posto que se alguns nomeassem quem eram, e lhes seus servidores accorrer quizessem, não podiam, tanta era a pressa.

El-rei esteve um bom espaço áquem do rio não sabendo quaes eram mortos, e andada gran parte da noite a fundo mui longe de onde foi esta perda, passou em uma barca, e des-ahi aquelles que o fazer podiam, e quando foi o dia claro e soube aquelles que falleceram, ficou espantado e mui nojoso por se assim perderem por tão desaventurado cajão; e deteve-se alguns dias por os mortos que surdiam e tiravam fóra. Outros tiravam fóra com redes, e trabalhavam de soterrar todos; e o damno que se alli fez, contam alguns por sommas desvai-

radas, mas aquella que achamos em que se mais accordam, seriam, por todas, d'escudeiros e pagens, e d'outra boa gente, até quinhentas pessoas, e de capitães que de nomear cumpre, D. Affonso, sobrinho d'el-rei, e João Rodrigues Pereira.

CAPITULO CLXX

Como el-rei cercou Tuy e o combateu

Quantas razões el-rei tinha de tomar gran nojo por tal aquecimento, qualquer sizudo o pode entender; porém postas a de parte, segundo convem, aos grandes senhores, seus feitos em breve e curto razoado foram estes:

Passou o Minho e cobrou Salvaterra, e chegou por Souto Maior, e des-ahi veiu poer arraial sobre Tuy, e cercou-o de tal guisa que nenhum ligeiramente podia ir de fóra pera dentro, nem dos cercados pera fóra.

O logar estava porém bem percebido de gentes d'armas, peões e bésteiros, e de bons fidalgos, que tinham vontade de o deffender, assim como Paio Sarodea, que era o principal que da cidade cargo tinha, e Pedro Fernandes d'Andrade, seu sogro, que viera em sua ajuda, e Pedro Dias de Cordova, e Gonçalo Açôres, e com elle até tresentas lanças, afóra peões e besteiros; tinham pão e vinho, e

muitos mantimentos, e coração e desejo pera se não dar ligeiramente.

El-rei poz seus engenhos a redor d'ella, que tiravam de cada parte, e por o muito damno que faziam, foi preitejado d'esta guisa: que os engenhos não tirassem de noite nem os de dentro não lançassem nenhumas settas com herva.

El-rei consentiu em ello, porque lhe não prazia por nenhum modo que uma Sé honrada e antiga que ha na cidade, onde é fama que jaz o corpo de Frei Pedro Gonçalves, recebesse nenhum damno de sua parte; des-ahi os de dentro sahiam amiude a escaramuçar, e com boa e forte béstaria que tinham, maguavam mui mal os da hoste, não lhe prestando armas, por boas que fossem, que não ferissem muitos, e d'elles morriam em tanto que os receavam já muito.

Tambem os engenhos faziam gran damno na cidade, e matavam algumas pessoas.

Em esto foi um dia ordenado de se poer a escala e combater a cidade, na qual haviam de ir mui notaveis escudeiros escolheitos por el-rei, não por linhagem de fidalguia, mas por conhecimento de bons homens d'armas, entre os quaes era um chamado João Preto, conhecido por especial entre os outros, o qual fallando uma vez, como é costume, com um mui afamado bésteiro de dentro, que diziam Gonçalo de Paredes, perguntou-lhe se havia de ir na escala quando combatesse. E elle disse que sim.

— «Queres-me peitar, disse o de dentro, e não te tirarei? —

E elle respondeu que não presava seu tirar, e outras razões de desagradecimento, dizendo-lhe lo-

go, por mór despreso, as armas que havia de levar por que o bem podia conhecer.

El-rei, a que João Preto já contara esta historia, quando foi o dia do combate disse-lhe que se armasse bem, e lhe fez levar um seu forte bacinete, porque elle o não tinha tão bom, e bem armado d'outras armas, movendo a escala e começando combater a cidade, ia João Preto na dianteira com outros escudeiros, vestido de umas folhas cobertas de velludo verde, com uma banda de trena d'ouro, que eram os signaes que elle dera ao outro, que lhe melhor fôra callar.

Gonçalo de Paredes, segundo se mostrou, estava já prestes com a bésta no rostro aguardando de fundo da torre onde a escala havia de pousar por fazer aquello que fez, e como João Preto deu logar, já quanto á cara pera haver uma pouca mais de vista da que receber podia, logo em ponto nasceu um rijo virotão entre os olhos d'elle, que o feriu de mui má maneira, de guisa que a pouco espaço como d'alli foi levado morreu; outros foram feridos e mortos, como em tal jogo podeis entender e não se dando a bem o combate por azo da escala não chegar como cumpria, des-ahi por damno que em ella fez uma cabrita que de dentro tirava, mandou el-rei que a affastassem afóra, ficando os de dentro com grande lédice, posto que perda recebessem em alguns seus, e el-rei anojado do que acontecera.

CAPITULO CLXXI

Como os da cidade fizeram saber a el-rei a pressa em que eram, e do conselho que sobre ello teve.

Pensando os da cidade quando esto foi, que por azo do quebrar da escala que a cabrita fez, e por a perda d'aquelle escudeiro, e d'outros alguns que foram feridos, que lhe el-rei não quizesse jámais combater, receando similhante damno do que então aviera, começaram d'apupar grandes brados, escarnecendo do combate que lhe feito tinham, dizendo doestos e outras palavras, com que lhes parecia que se vingavam dos do arraial.

El-rei que contraria tenção d'esto tinha, mandou logo á pressa carregar a escala, e fazer uma gran caniçada por guarda do arraial e da escala quando outra vez houvesse de combater.

Os da cidade quando viram o repairar que se na escala fazia, e a gran pressa que davam em acabar a caniçada, entenderam que vontade era d'el-rei assecegar sobre o cerco até que os por força ou por preitezia os houvesse de tomar, e buscaram maneira como fizessem saber a el-rei de Castella o afincamento em que eram postos, e em que esperavam ao deante de ser, segundo as maneiras que os de fóra mostravam, e que fosse sua mercê de lhes accorrer.

El-rei de Castella, que já d'esto parte sabia, teve seu conselho como se daria accorro a esta cidade,

onde se fallaram estas razões, e foram estas as principaes, dizendo alguns que se maravilhavam de uma tão grande casa e tão poderosa como a de Castella, que por todo o mundo era nomeada, serem per seus peccados em tal sujeição postos, que uns poucos de portuguezes com um cavalleiro que tomaram por seu rei, lhe corriam a terra a seu despeito, e cercavam villas e cidades, que accorrer não podiam, assim como ora tinham aquella ainda não com toda sua gente, mas com essa pouca que lhe ficara depois da perda do vau, que apodavam a mil e quinhentas lanças entre más e boas, e mais não, assim que lançaram conta que houvera menos n'aquella passagem bem mil e quinhentas pessoas, das quaes eram a terça parte de homens de armas, e bésteiros de cavallo, nem estar ahi o Conde Nuno Alvares, com que andava gran parte da boa gente que em Porlugal havia, e ser tão alongado em cabo do reino, des-ahi o rio Minho que os portuguezes entre si e a terra tinham, que era grande estorvo pera haverem bom acolhimento, e que dês que se os homens acordavam, sempre os reis de Castella tiveram sujeitos os de Portugal, quando os mister haviam pera seu serviço, a que destruiriam a terra por muitas vezes se o fazer quizeram, havendo d'elles grandes ajudas, assim por mar como por terra, tanto que lh'o mandavam dizer como a houvera el-rei D. Affonso d'el-rei de Portugal seu sogro, até mandado chamar que fosse com elle á batalha dos mouros, onde logo fôra com todo seu poder, e depois ei-rei D. Pedro seu filho quando guerreava a casa de Aragão, que mandara pedir a Portugal quinhentos de cavallo pera o servirem n'aquella guerra, e que logo lhe foram enviados, e

por capitão d'elles o mestre de Aviz D. Martim do Avellar, e mais dez galés pagadas á sua custa com seu almirante Monsieur Lançarote, e assim d'outras ajudas que os reis de Portugal aos de Castella graciosamente por bons dividos faziam, todas ali foram nomeadas que eram feitas por via de sujeição, e por mais fazer não poderem alem d'esto, que se o haviam por uma batalha que fôra vencida, e el-rei seu padre fugiu, que esta era pequena maravilha, que tambem o fôra el-rei D. Anrique seu avô d'el-rei D. Pedro seu irmão, e que depois o tornara a vencer e matar, e cobrar o reino de que, a Deus graças, elle era senhor, e assim acontecera já a outros muitos. E porém não havia por que se espantar e leixar-se subjugar de quem não deviam, mas tomar bom esforço e levar suas honras adiante, como fizeram seus padres e aquelles de cujas linhagens descendiam, e que pois aquelles fidalgos, que em Tuy jaziam por seu serviço e suas honras, trabalhavam como bons por o defender, que elles mostravam gran mingua e covardice deixarem-n'os assim sem curar d'elles e serem tomados, e perderem-se de todo, por a qual razão em nenhum senhor nem principe do mundo fidalgos de Castella haviam de achar acolhimento, mas grande profaço com muita sua vergonha.

CAPITULO CLXXII

Do conselho que foi havido pera accorrer á cidade de Tuy.

FALADAS n'aquelle conselho estas e outras razões, quaes formava o grande odio que aos portuguezes, das cousas passadas tinham, sahiram d'elle dois bem mastigados accordos, os quaes todos louvaram por bem ditos e sisudamente cuidados, e foram estes:

O primeiro, que o infante D. Diniz, irmão do infante D. João, que fallecera por morte, e andava em Castella, como já tendes ouvido, que lhe desse el-rei logar que tomasse titulo de rei, e se chamasse D. Diniz rei de Portugal e do Algarve, e que todos os portuguezes que se pera Castella foram, e os que d'antes lá andavam, se ajuntassem a elle e o recebessem por senhor, e que d'esta guisa entrando no reino, des-ahi por largas promessas que a muitos faria, outros por montar em mór estado, que se chegariam a elle todos, tomando sua voz, e lhe dariam villas e castellos como seu senhor natural, e que por este modo cobrariam Portugal, pois que até entonce por arte, nem por outras forças de grandes trabalhos nunca haver poderam, a qual cousa se bem fazer podia, e melhor entonce que em outro tempo, porque com as gentes que lhe el-rei desse, e com as que os portuguezes alli tinham, elle podia bem levar duas mil lanças, afóra outras gentes que se a elle chegariam, e entrando d'esta guisa pela

Beira, com Martim Vasques da Cunha e João Fernandes Pacheco, e João Affonso Pimentel e os outros, seria grande ajuda e azo de os povos o tomarem por seu rei e senhor, e este accordo dizem que foi por conselho de Martim Vasques e os outros portuguezes que se pera lá foram, dizendo que n'aquella comarca não havia nenhum fronteiro, nem outra pessoa que lh'a defender podesse.

O segundo, que el-rei juntasse d'outra parte as mais gentes que podesse, e que as mandasse com um bom capitão sobre a cidade de Tuy por acudir a seu cerco, e que o som da fama fosse que elle ia lá por seu corpo pera poer batalha a seu adversario, e mais que o mestre de Santiago ajuntasse tambem suas companhas, dando voz que queria entrar por riba de Odiana, frontaria do Condestabre, pera se vingar da sobranceria que lhe fôra feita quando entrara duas vezes por sua terra, e com esto que se armasse a mais frota que podesse, pera correr a costa e vir sobre Lisboa, e que d'esta guisa se emavezariam os portuguezes, que não saberiam cobro nenhum que em si poer, ca o Conde não havia de leixar sua frontaria como lhe taes novas chegassem; el-rei isso mesmo como ouvisse que el-rei de Castella ia pera lhe poer batalha, que leixaria o cerco por se fazer prestes pera ella, o que era gran duvida de poer sem seu condestabre, o qual não ousaria de mandar chamar, por não ficar aquella comarca desamparada; mas era de crêr que acudiria ás gentes que entrassem na Beira com o infante, e assim ficaria Tuy descercado, e ajuntando-se aquelles que fossem pera o descercar, com os que o infante assim levasse, que podiam bem pelejar com elle e o desbaratar, porque seria livrado todo

esto, e baixado seu orgulho, ou cobrando o infante o reino da guisa que se fallava, que o contentaria el-rei com um bom ducado, segundo a elle pertencia, e assim ficariam todas as cousas em bom assocego com grande honra da casa de Castella.

CAPITULO CLXXIII

Como foram juntas estas gentes que dissemos, e o el-rei soube em Tuy.

Accordado esto assim por todos, e determinado por final conclusão, que os poz em grande esperança, mandaram á pressa recado aos de Tuy que fossem fortes e se defendessem ardidamente, que elles seriam cedo tão bem accorridos como todos podiam vêr, escrevendo-lhe a maneira que el-rei queria ter sobre ello; com a qual resposta cobraram grande esforço, começando-se de soltar em muitas abafas e desmesuradas palavras, peiores que ante diziam; e isso mesmo sahiram logo cartas mandadas por toda a terra a vassallos e a ginetes, e a bésteiros de cavallo, que fossem prestes pera entrar em Portugal com el-rei seu senhor, e com os capitães que lhe mandado fosse; e ainda diziam alguns no conselho que era bem de lançarem os prelados e beneficiados certos homens d'armas pera ajudarem a levar este feito adiante, que de todos era tão grande honra.

As cartas mandadas, não tardou muito que se todos não fizessem prestes com renovada sanha pera quem tanto desamavam.

Aquelle infante bastardo tomou logo o titulo de rei, chamando-se rei de Portugal e do Algarve, trazendo bandeira e sêllo das armas de Portugal direitas, e Martim Vasques e os outros portuguezes, assim como João Fernandes e João Affonso Pimentel, e as linhagens de uns e dos outros todos se chegavam a elle, nomeando-o por seu rei e senhor; e com as gentes que lhe el-rei deu, e com as que com elle se juntaram, passavam de duas mil lanças. Foram mais juntas algumas companhas com o mestre de Santiago, mas d'estas não fazem os authores menção que fizessem cousa alguma que de contar seja; e todas assim juntas com seus capitães, partiu o infante caminho da Beira, e Ruy Lopes de Avalos, que depois foi condestabre de Castella, com aquellas gentes que iam pera descercar Tuy, soando fama e voz que el-rei de Castella ia ali.

El rei, que sobre Tuy estava, d'esta fama sendo muito certo, não perdeu esforço, posto que assim estivesse, dizendo de praça, que ouviram muitos que sobre esto fallavam dentro em sua tenda:

—«Venham castellãos quantos quizerem, e com quantos trazer poderem, ca aqui me hão de achar sem duvida; e elles cuidam de me espantar com suas palavras e ajuntamentos, cuidando que por isso me hei-de partir e leixar o cerco d'este logar. E eu tenho esto mui pouco em vontade, ca eu não lhe guerreio sua terra, nem quero tomar esta cidade por cubiça que d'ella haja, mas porque me tem minhas villas forçadas e me fazem guerra muito contra direito, e eu assim é por força que assim

faça a elles, e porém cada um se avise que seja apercebido como cumpre; que ora venha el-rei com estas gentes que dizem, ora não, elles a não podem descercar senão por batalha, a qual lhe entendo poer em sua terra, pois lhe já puz outra em meu reino; e vencida esta como espero em Deus, que será a cidade tomada, então iremos poer outra a aquelle rei novo de nosso sobrinho que se agora fez com aquelles condes e bons portuguezes que com elle vem contra a terra que os creou.» —

—«Se attender nos quizesseses, senhor, (disseram alguns) parece-nos que será bem mandardes chamar o vosso Condestabre que viesse com as gentes que podesse ajuntar, e seria boa ajuda e grande esforço pera taes feitos.» —

—«O Condestabre, disse el-rei, está d'aqui alongado, e não sei se poderá vir a tal obra tão toste como cumpria, mas outrem temos nós em seu logar que nos ajudará melhor que elle, que é o Senhor Deus, e a sua preciosa Madre, em que eu tenho grande esperança, e em cujas mãos ponho meus feitos, que sabe, como já disse, que eu não lhes faço guerra senão por me darem paz. Porém eu lhe escreverei, se o fazer poder, que se venha com todas as gentes da sua fronteira, e ainda mandei chamar das que são d'aqui mais acerca, que se venham quantos poderem.

CAPITULO CLXXIV

Como o Condestabre encaminhou por ir pelejar com o infante D. Diniz, e o não quiz attender.

O Condestabre em esta sazão estava em Montemór o-Novo, villa de sua frontaria, por espaçar alguns dias, e ahi lhe chegou recado d'el rei em como el-rei de Castella com todo seu poder vinha a aquelle cêrco onde elle estava, pera lhe poer batalha, e que se fosse logo pera elle com todas as gentes de riba de Odiana.

Quando o Conde tal recado viu, moveu logo pera Evora pera poer aguça em sua partida; e estando n'aquella cidade com este afincamento, vieram-lhe novas que o mestre de Santiago de Castella ajuntava muitas gentes pera entrar n'aquella comarca, e se vingar das entradas que o Conde em sua terra fizera; e apoz este lhe chegou outro de Gonçalo Vasques Coutinho, e d'alguns logares da terra da Beira, fazendo-lhe saber que fosse certo que o infante D. Diniz, que se chamava, vindo, rei de Portugal, e o conde Martim Vasques e conde João Affonso Pimentel e outros muitos em sua companhia entravam n'aquella comarca, fazendo tal damno e perda em ella, que se lhes não accorresse, que seria toda destruida; e assim era de feito, ca elle entrou por Sabugal, e chegou á Guarda, e correndo Martim Vasques e os ginetes isso mesmo acerca de Vizeu, e por aquellas aldeias, tudo

destruiam como terra onde não estavam taes ginetes que a de tamanha assuada defender podessem.

Quando o Conde viu taes recados, e assim desvairados, foi posto n'aquelle cuidado e grande pensamento, que cada um sisudo póde cuidar que elle devia de ser; e outro cuidado que tanto o afincava assim, era não ter dinheiros d'el-rei, nem seus, pera pagar soldo ás gentes que com elle houvessem de ir; porém do almoxarife d'aquelle logar houve uns poucos emprestados com que lhe satisfizesse alguma pouca cousa.

Entonce chamou a conselho a aquelles com que costumava fallar, e vistos os recados que ao Conde vieram, accordou que era bem leixar os outros, e ir buscar o infante D. Diniz, e prazendo a Deus de o desbaratar, que se iria logo seu caminho a Tuy, onde o el-rei mandava chamar.

D'este conselho não foram alguns contentes, nem prouve a todos com estas palavras, dizendo d'elles que o Conde queria, o que Deus não queria, dar lhes cada dia trabalho e afães com poucas mercês nem bem fazer, e que lhe não bondava britarem os corpos de dia e de noite, mas ainda gastarem os bens que lhes el-rei nem elle deram, e outras taes razões porque bem mostravam que haviam pouca vontade de ir com o Conde buscar o infante; as quaes o Conde ouvindo, desprouve-lhe d'ellas muito, e alçou-se do conselho e cavalgou, e foi-se fóra da cidade por espaçar algum pouco, e Martim Affonso de Mello com elle, e andando ambos fallando, disse Martim Affonso contra o Conde:

— «Senhor, vós sois annojado do que aquelles cavalleiros disseram em vosso conselho por turvarem vossa ida, e por mercê que não o sejaes, mas levae

vosso feito adiante, e Deus que sempre bem encaminhou vossos feitos, encaminhará este, ainda que elles não queiram, e de mim vos digo que vos seguirei com boa vontade com estes que tenho, e posto que soldo não haja, eu o darei aos meus da minha casa.»

E d'esto foi o Conde mui ledo, agradecendo-o muito a Martim Affonso; e estas razões que lhe elle disse, souberam logo os do conselho que o contradisseram, de que se muito arrependeram, porque bem viram que segundo o caminho que Martim Affonso abrira tal ida já não podia ser torvada.

O Conde mandou logo pagar soldo a essas gentes que com elle eram, posto que fosse de poucos dias, e partiu-se logo com vinte lanças, não mais, indo com elle Martim Affonso, com todos os seus, e assim chegou ao Crato pera recolher os outros que iam após elle, e achou alli D. Alvaro Gonçalves Camello, priol que não havia visto depois que fugira da prisão de Coimbra, e ordenou de o levar comsigo pera o fazer vêr a el-rei e reconciliar com elle, e foi aconselhado por Martim Affonso que não fiasse d'elle, porque entendia que não amava o serviço d'el-rei, mas muito pelo contrario.

O Conde disse que assim o faria, porém levou-o comsigo até Niza, e des-ahi a Castello Branco, e assim depois todo o caminho, e elle n'aquelle logar achou recado que o infante era em termo de Covilhã, que eram d'alli sete leguas, de que foi mui ledo; e assim era de feito que elle estava n'aquella comarca, e d'alli escrevia suas afincadas cartas a muitos do reino secretamente, fazendo-lhe saber que a rainha D. Beatriz por outorgamento d'el-rei de Castella pozera todo direito que de Portugal

tinha, em elle, e que elle vinha em nome e titulo de rei com todos os portuguezes que em Castella andavam, que lhe beijaram a mão por seu rei e senhor, com outras muitas e boas gentes que lhe el-rei de Castella dera, que em sua companha vinham, rogando-lhes que elles assim o fizessem, e fariam em ello direito, e o que teúdos eram de fazer, e que lhes promettia como rei, que era, de fazer muitas mercês e grandes acrescentamentos.

Mas por todo esto, nem outras boas razões que em suas cartas escrevia, ninguem se vinha pera elle; e logo sem mais tardança enviou uma carta ao infante, cujas razões eram estas:

— «Senhor. Nuno Alvares Pereira, Conde de Barcellos e d'Ourem, e d'Arrayolos, Condestabre por meu senhor el-rei de Portugal, e seu mordomo mór, me encommendo em vossa graça e mercê, e vos faço saber que a mim me é dito que vós sois vindo com muitas gentes ao reino de meu senhor el-rei a fazer em elle guerra e mal e damno, e ainda o peior que é que por onde vindes vos chamaes rei de Portugal, de que me muito maravilho, e parece-me que se de vosso conselho só tal nome tomastes, que o devereis melhor de cuidar, e se vol-o outrem conselhou, entendo verdadeiramente que pera homem de vosso estado é cousa feia e vergonhosa, e porém eu sentindo estas cousas que são contra o serviço d'el-rei meu senhor, sou vindo a esta terra pera vol-o contrariar com a ajuda de Deus, e hoje á feitura d'esta carta cheguei a Castello Branco, e envio-vol-o a dizer por serdes d'ello certo, e rogo-vos e peço-vos que não hajaes por nojo de vos um pouco deter, porque Deus querendo, eu serei d'aqui a breve espaço comvosco.»

Escripta esta carta, mandou-a o Conde por um seu creado á Covilhã, onde sabia que o infante estava; e não indo o mensageiro duas leguas de Castello Branco, ao Conde chegou recado d'aquelle logar e d'outros que o infante com os que trazia, como souberam que elle ia a elles, que logo deram volta e se tornaram pera Castella, e que não havia porque ir mais a trabalhar; e assim foi d'aquella guisa, que tanto que este infante, e aquelles que com elle vinham, ouviram novas da partida do Conde quando moveu de Evora pera ir contra elles, que logo foi sabido onde cada uns andavam e haviam accôrdo, que pois o Conde ia a elles assim depresssa com trigosas jornadas, que se não escusava de haverem batalha, e vieram-se pera o infante, e vistas por elle taes novas de que descuidado estava, maravilhou-se muito, ca elle pensava que por a muito boa gente que trazia, que não se atrevesse nenhum a pelejar com elle, ainda que fosse el-rei, sem primeiro juntar todo o reino.

E havido sobre esto conselho, diziam alguns que o attendessem, e que vencendo-o, como era de cuidar, vistas as boas gentes, e muitas, que trazia, que era bom começo de sua entrada e azo grande pera se virem muitos do reino pera elle, e outras taes razões em que se accordavam os mais dos portuguezes. Outros fidalgos castellãos que vinham com elle, dos que foram na batalha real, e d'elles nas do Condestabre e já eram escarmentados, não se outhorgavam em tal feito, dizendo que elles foram já juntos por vezes com ajuda de gentes estrangeiras a pelejar com os portuguezes, e em quantas batalhas houveram com elles sempre foram vencidos.

—Pois como aguardaremos nós, diziam elles, esses que veem a passos contados, sem rei nem infante que lhes dê trigança?

—Digo-vos que o não havemos por bom sizo, mórmente que de quantos recados este rei D. Diniz mandou pelo reino, nunca vimos um que se pera elle viesse, e que porém pelejar com elle, nem esperar sua batalha, que lhe não parecia razão; e assim se partiram todos pera Castella com seu rei novo que traziam; e ao Conde pezou muito d'esto e a quantos iam em sua companha, e ordenou de se ir a Tuy pera el-rei, que o mandara chamar, e mandou tornar Martim Affonso com certas gentes por guarda da comarca de riba d'Odiana, e elle foi-se com mil e dozentas lanças á Covilhã e d'ahi á Guarda, que eram seis leguas, por folgar alguns dias do trabalhoso caminho que elle e os seus levaram por chegar a aquellas gentes, as quaes depois que foram em Castella, e o infante ia ao paço, os rapazes que estavam nas béstas dizem que não quedavam de lhe chamar apupando: — *Rei, onde his?*

Onde sabei que assim como foram mandadas cartas por todo o reino de Castella que se fizessem prestes, como já dissemos, assim foram enviadas outras a Santander, terra de Biscaya, que á pressa com grande aguça ordenassem as mais naus que ahi houvesse, e algumas galés com ellas.

Isso mesmo D. Diogo Furtado de Mendonça, almirante-mór de Castella, trabalhou em Sevilha de armar mui toste d'essas galés que ahi eram, e navios que achou, e foram armados treze, e outros tantos navios, e em Biscaya vinte e sete e duas galés, que foram por todos quarenta, entre naus e

barcas, e quinze galés, e todas se haviam d'ajuntar no porto de Lisboa, onde chegaram, lançando alguns trons em direito da cidade, sem empecimento que fizessem, e tornaram-se a Restello, meia legua da cidade, e a gente foi tanta que sahiu da cidade, de pé e de cavallo, por guarda da Ribeira, que até Cascaes, que são cinco leguas, todo era guardado de noite e de dia, que sómente a agua não podiam as galés d'aquella parte filhar, e não fizeram, nem lhe foi feito cousa alguma que de contar seja, e jouveram alli alguns poucos de dias, e foram-se.

CAPITULO CLXXV

Como el-rei combateu Tuy, e tomou a cidade por preiteria.

Ficou el-rei, como dissemos, corregendo a escala, quando os de Tuy mandaram recado que lhes accorressem, e emquanto passaram estas cousas que ouvistes, correu bem dois mezes, no qual tempo continuou el-rei sobre ella seus guerreiros trabalhos, que foram d'esta guisa.

Soube por novas, das gentes que de Castella partiram com Ruy Lopes d'Avalos, que se vinham chegando por onde elle estava, e quando foi certo que eram tão perto d'elle, pouco mais d'uma jornada, tendo já divisado o campo muito acerca da cidade, mandou tornar todas as barcas da passagem da

parte d'além pera sua terra, defendendo, sob pena de morte, que não fossem lá mais pera trazer nenhuma pessoa; em esto, ante nem depois, não cessavam corredores estenderem-se pela terra a trazer mantimentos sem receio dos moradores da comarca, e das gentes que assim vinham, ás quaes os cercados fizeram saber toda a maneira em que estava seu feito, e como el-rei aguardava já dias havia, mostrando que d'haver batalha com elles lhe prazia muito, tendo já escolhido o campo, e que viessem bem apparelhados pera pelejarem, mostrando isso mesmo os do logar grande esforço, tendo conselho por este modo: que como el-rei movesse pera a batalha, que sahissem todos a queimarem os engenhos e escala, e corrigimento do arraial. Chegou-se tanto Ruy Lopes d'Avalos com as gentes que trazia, que não era já meia jornada do arraial.

Entendendo el-rei a arte com que o enganar queria, e elle estando assaz cuidadoso da maneira que sobre ello haviam de ter, chegou-lhe recado certo que aquellas gentes se foram caminho de S. Paio, uma pequena aldeia seis leguas d'onde elle estava, e ali eram aposentadas, e apalancada a ponte por não receberem damno, e assim era de feito, que elles dormiram ahi aquella noite, e o outro dia partiram pera Pontevedra, que era d'alli duas leguas, onde estava o arcebispo de Santiago, em que não acharam bom acolhimento, porque trazia em vontade de se lançar em Portugal, como depois fez, e assim se tornou aquelle ajuntamento grande sem mais aproveitar a Tuy d'esto que tendes ouvido.

A' vespera de Santiago, que eram vinte e quatro do mez de julho, ordenou el-rei de combater a ci-

dade, e movida a ala e escala, chegaram ao muro, e bésteiros e peões onde lhe era divisado, faziam todo seu poder; e a escala pousou em uma torre, e os de dentro pozeram em ella fogo que se não poude supportar, e entonce trabalharam os de fóra rijamente por arredal-a d'alli, e em esto tirou de dentro aquelle pequeno engenho que tinham, e uma pedra deu na escala e outra na arca da ala, que pareceu que toda era quebrada, mas não foi o damno tanto como pareceu no som do quebrar, e cessou o combate.

Por tal azo ficou el-rei mui annojado, e os de dentro mui alegres, pensando que não tornassem mais a combater, por estes contrarios aquecimentos.

Mas essa noite não cessou el-rei de mandar correger aquelles fracos quebramentos, e foram mui bem adubados.

Em outro dia, vinte e cinco do mez nomeado de quatrocentos e trinta e seis, que era festa de Santiago, não pensando os da villa, nem os do arraial, que ahi houvesse d'haver combate, mandou el-rei dar ás trombetas, e mover a escala e fazer todos prestes pera combater como no dia passado, e os engenhos não quedassem de tirar, e pousou a escala em cima da torre, e os que n'ella estavam com lanças d'armas aos de cima, e os da escala a elles ás pedradas e béstas de torno, faziam grão damno com elles, de guisa que lhes faziam desamparar o muro e a torre, e mataram com uma setta o mestre que tirava com o engenho, e o primeiro que n'ella faltou foi um escudeiro chamado Vasco Farinha, que depois foi com o conde D. Affonso fóra da terra quando foi com sua irmã, que cumpre contar mais pelo meudo, que foi o combate tamanho

que desesperaram de se defender, e começaram de bradar que estivessem quedos, que se queriam preitejar. E sahiu Pero Fernandes d'Andrade fóra, e foi fallar a el-rei, e fincando os joelhos em terra disse que lhe pedia por mercê que se soffresse de mais combater, que lhe queriam leixar o logar, leixando-os ir com seus corpos, armas e haveres. E que lhe não devia de ter a mal de se defenderem, por sua honra ser guardada, e outras razões.

El-rei disse que não havia por mal de defenderem a cidade, por guarda de sua honra, e serviço d'el-rei seu senhor. Mas gentes que em tão desmesuradas palavras se soltavam, como os que dentro jaziam, que não havia mister outra preitezia, salvo tomal os por força, como elle já tinha prestes, e cortar lhes as cabeças com as linguas, pera mais não palrarem em outro logar.

A esto respondeu Pero Fernandes tão humildosamente e com tão mesuradas palavras que as suas afincadas preces e por alguns seus não receberem cajão na entrada por força, lhe outorgou que se fossem em salvo com suas armas, e os bens ficassem a sua mercê.

Entonce lhe beijou as mãos, e tornou-se pera dentro, e assim cessou o combate.

Em outro dia ordenou el-rei de entrar na cidade, e João Gomes da Silva, que era alferes, subiu pela escala com a bandeira d'el-rei tendida, e muitos com elle, todos armados com lanças nas mãos e bacinetes postos, e assim entrou a bandeira muito acompanhada por cima do muro, com muitas trombetas e pipias, e outras alegrias. E ao pé da escala ante que a bandeira fosse, fez el-rei cavalleiro seu

filho D. Affonso, e d'outros bons até seis ou sete, e depois que a bandeira andou pelo muro a redor, entraram na sé, e puzeram-n'a em uma alta torre d'ella.

Isso mesmo Gonçalo Vasques Coutinho entrou pela porta, que chamavam da Pia, com muitos homens d'armas e assim outros fidalgos, e foi cobrada d'esta guisa.

Na sé foi achada muita riqueza, porque quantos moradores havia na cidade e termo d'ella, todos ali tinham o seu; e quando se houveram de partir, requeriam que lh'o dessem.

El-rei disse que tal não promettera, mas dissera que os bens ficassem á sua mercê, e a sua mercê era de os haverem os seus.

Entonce se foram todos sem lhe fazerem nenhum desaguisado, sómente apupavam-lhe escarnecendo d'elles, e não mais.

El-rei leixou no logar por fronteiro Lopo Vasques, commendador-mór d'Aviz, e deu-lhe a riqueza que ahi foi achada, pera elle e pera os que com elle ficaram por guarda do logar, e leixou ahi os engenhos e os outros artificios de combater, e tornou-se ao Porto, onde estava a rainha sua mulher, e alli o veiu a vêr aforrado, de Vizeu onde estava com cincoenta, não mais, Nuno Alvares, seu Condestabre, e el-rei o sahiu a receber, e a seu rogo foi reconciliado na mercê d'el-rei o Prior D. Alvaro Gonçalves, que dias havia que o não vira.

CAPITULO CLXXVI

Como os de Serpa entraram por Castella, e do que lhes aconteceu.

Depois d'esta vinda de Tuy, no mez de dezembro da era nomeada, souberam parte Diogo Nunes de Serpa e Gonçalo Vasques de Mello, o moço, alcaide d'esse logar, e Alvaro Mendes de Beja como em Castella, na serra de Revoredo, acerca de Cortegana, andavam bem cinco mil vaccas, e fizeram sua falla todos trez que fossem alá o mais encobertamente que ser podesse pera trazer aquelle gado com algum outro roubo, se o achassem; e ajuntaram suas gentes, a saber: noventa lanças, os vinte e dois d'elles bacinetes e cotas, e os outros as cotas taes á guisa de corredores, e cem homens de pé e dez bésteiros de monte, e partiram do logar um domingo de madrugada, que eram vinte e seis dias d'esse mez, e foram logo em esse dia descobertos por esta guisa:

Jazendo elles em um valle escuso, que chamam a Coelheira, poendo cevada ás bestas, passavam por cima da serra d'esse valle doze de cavallo castellãos que levavam gado de Portugal; e viram-nos jazer, e leixaram o gado que levavam, e foram-se á pressa a dar novas a Arronche, a Diogo Garcia de Valdez, alcaide d'esse jogar, e des-ahi a Freixinal e a Cortegana, e a Aracena e Rio Frio, e ás Naves de Sevilha e a todos os logares por alli de redor como

viram alli jazer aquellas gentes para entrar por Castella.

E elles não sabendo esto, partira-se d'alli e foram assim todos juntos até além de Arronche, e d'alli se partiram em tres partes, a saber:

Gonçalo Vasques a Cortegana, e Diogo Nunes a Galarosa e a Rio Frio, e Alvaro Mendes ás Navas de Sevilha, e que em outro dia se ajuntassem todos em um logar que entre si divisaram, com aquella aventura que lhe Deus a cada um quizesse dar.

E Gonçalo Vasques chegou sobre Cortegana bem cedo ante manhã, cuidando de precalçar os do arrabalde nas camas, e porque os do logar sabiam já d'elles parte, acharam-nos com as lanças nas mãos, bem trezentos entre homens de pé e bésteiros, e maravilharam-se de os acharem assim percebidos, e escaramuçaram com elles assaz rijamente, e prenderam dous d'elles, os quaes lhe disseram como já eram descobertos, e a maneira como o foram; pero por todo esso não leixaram com elles de pelejar em tal guisa, que por força lhe tomaram quinhentas, entre cabras e ovelhas, e quizeram poer fogo ao arrabalde, e os do logar lhe rogaram que o não fizessem, e que lhe dariam duas carregas de pão e de vinho, e elles porque sabiam que eram já descobertos, por se não deterem não curaram do que lhe davam nem de o poer, e foram-se e correram toda a terra de Reboredo, cuidando que achassem o gado porque iam, e elle era todo arredado d'alli, salvo que acharam quarenta bois d'arado, que ficaram por esses montes espalhados, e vieram-se com elles áquelle logar onde se haviam d'ajuntar todos, e elles alli, acerca da noite viram vir gentes por uma serra; cuidando que eram castellãos poze-

ram-se logo á batalha, todos pé terra, e elle era Diogo Nunes com suas gentes, que vinha de correr, e não trazia mais que dez cabeças de gado e sete prisioneiros, porque toda a terra achara já guardada, e elles folgaram muito com elle. E sendo já de todo noite hi veiu Alvaro Mendes, e cuidando que eram castellãos, fizeram-se prestes assim como antes, e quando o conheceram folgaram muito mais, pois já eram todos juntos, ca elles bem sabiam que gentes vinham apoz elles, mas não sabiam quantos, nem em que logar eram; e jazendo alli em aquelle logar, vieram villãos de noite pera vêr se lhe podiam furtar os gados, e foi grande alvoroço entre elles, cuidando que eram as gentes que apoz elles vinham, e alçaram-se muito azinha e souberam que não era nada, e tornaram-se a dormir.

Em outro dia, á quarta-feira, partiram-se todos d'alli, e andaram quatro leguas; e porque as invernadas eram grandes e não podiam passar as cabras e ovelhas, mataram-n'as todas, e comeram d'ellas as que quizeram, e as outras leixaram mortas, e os castellãos chegaram aquella noite acerca d'elles, e houveram seu accordo que dessem sobre elles de noite, e que assim os poderiam mais ligeiramente desbaratar; des-ahi disseram:

— «Não é bem, que se dermos em elles de noite, pode ser que cuidando que matamos aos outros, mataremos a nós mesmos.» —

Os portuguezes houveram entre si conselho, que pois descobertos eram, que seria bem andarem de noite pelo luar. Depois accordaram que não andassem de noite, porque qualquer cousa que lhe aviesse, melhor era de lhe acontecer de dia que de outra guisa.

E assim dormiram aquella noite bem acompanhados de lobos que se achegavam ás carnes mortas, não sabendo parte de que seus inimigos eram tão perto d'elles.

CAPITULO CLXXVII

Como os portuguezes pelejaram com os castellãos e os venceram, no anno de mil quatrocentos e trinta e sete.

Em o outro dia, quinta-feira, que era primeiro dia de janeiro em que se começava a era de mil quatrocentos e trinta e sete annos, começaram os portuguezes d'andar seu caminho com o gado e treze prisioneiros que levavam, por se chegarem a Portugal o mais azinha que podessem; e indo ellles mui desfigurados á longa, viram estar um cabeço e em elle trinta ginetes; e quando os viram, disseram entre si:

— «Por certo as gentes que apoz nós veem, estas são, e estas vieram a descobrir terra.» —

E juntaram-se logo todos em batalha com as lanças levantadas, por parecerem mais; e entonce se partiu Alvaro Mendes com dez de cavallo pera vêrem que gentes eram, e chegou-se a elles tanto, que o poderam ouvir; e disse:

— «Que gentes sois vós outros, ou qual capitão é esse que ahi vem?» —

— «Os capitães, disseram elles, são taes os que aqui vêem, com o que vos hoje pesará.» —

E perguntaram os castellãos e disseram:

— «E vós outros que gentes sois, ou que capitão é aquelle que vem alli?» —

— «Vós sabereis hoje, disse elle, que os capitães que alli veem, são taes com que vos prazerá pouco.» —

E assim se espediu d'elles sem havendo ahi mais palavras; e tornou-se pera os seus, que não quedavam d'andar todavia com sua bandeira tendida dos signaes de Diogo Nunes, a qual levava um escudeiro, creado d'el-rei, que chamavam Gomes Martins; e logo acerca chegaram a um rio, que chamam Aguas de Mel, que é dentro em Castella, e o rio ia cheio em tal guisa que nadavam os cavallos, e passaram o gado, e des-ahi elles todos.

Os castellãos quando viram que se elles lançavam ao rio, cuidando que fugiam, descobriram-se de todo, e os portuguezes, como foram da parte áquem do rio, e transpozeram um cabeço que chamavam de Bramadeira, e foram em o valle, pozeram-se logo todos pé terra com o rostro pera onde elles haviam de vir, e ordenaram sua batalha em esta guisa:

Pozeram a par da bandeira dez de bacinete de uma parte, e dez da outra, e os sem bacinetes com suas lanças a par d'elles, e os homens de pé e bésteiros, tantos de uma parte como de outra, e os pagens, cavallos e gado, e prisioneiros, todos detraz si, por não darem os ginetes nas espaldas d'elles; e elles postos assim em batalha, e os castellãos pareciam todos em cima do outeiro, eram assaz de gentes pera lhes tolher o roubo; e assim vinham estes capitães, a saber: — um cavalleiro, que fôra aio de Dom Pedro Ponce de Marchena, com as gentes e bandeira de Dom Pedro Ponce, e com todos os de Freixinal, onde elle estava por fronteiro; e Diogo

Garcia de Valdez com o concelho de Arronche e com suas gentes que tinham na frontaria; e João Martins Rabião e outros, que eram por todos trezentas lanças, e sessenta ginetes, e cem bésteiros e oitocentos homens de pé: assim que eram mais de seis pera um; e como foram em cima do monte e os viram assim estar, deram á trombeta mui rijamente, e não se moveram d'alli, e fizeram des ahi uma batalha, a maior que poderam, e estiveram assim um pouco; des-ahi juntaram-se todos e leixaram-se estar.

Os portuguezes quando viram que não queriam vir a elles, enviaram a lá Vasco Esteves Godinho, commendador d'Ourique, e foi a elles e disse:

— «Àquelles cavalleiros que alli estão vos enviam dizer, que pois aqui estaes, que vos apraza de lhe poerdes praça.» —

— «Cavalleiro, disseram elles, vós dizei a esses capitães que elles não teem ganho de um pouco de gado e prisioneiros que levam, que lhes apraza de nol-os darem, e des ahi que se vão á boa ventura.» —

E elle veiu com a resposta, e elles disseram:

— «Tornade a elles, e dizei-lhe que nós não lhe daremos tão sómente um rabo de vacca, nem um prisioneiro, mas ou que se percebam de virem a nós, senão iremos nós a elles.» —

Quando elles este recado ouviram, disseram:

— «Pois que assim é, dizei-lhe que se vão com Deus com todo o que levam, ca nós não queremos ir a elles.»

— «Certamente, disseram os portuguezes, esto falso é, a mensagem não é verdadeira, ca não póde ser tantas e tão boas gentes como aqui veem, nos leixarem assim ir em salvo; mas mandaram-nos dizer

esto pera nos desbaratarem por arte, que tanto que nós formos desconcertados de como estamos, e nós quizermos partir, que dêem em nós de roldão, e assim nos matem a todos, e detêem-nos em palavras por se chegar a noite e se ajudarem de nós.» —

E assim era de feito, ca elles entendiam de os tomar ás mãos, e já traziam um taleigo cheio de correias de cervo pera os atarem a todos, e a esto disseram:

— «Não seja assim; mas pois elles não querem a nós vir, nós todavia vamos a elles, e matemos estes prisioneiros que aqui vão, que quando começarmos a batalha não os soltem os outros, e nos ajudem estes a matar.»

Des-ahi com piedade não o quizeram fazer, pero assim aconteceu depois.

Os castellãos, quando viram que elles em toda a guisa queriam pelejar, ordenaram sua batalha em uma az todos a cavallo, e quatrocentos homens de pé, e cincoenta bésteiros a uma parte, e outros a outra, e os ginetes detraz.

— «Ora, disseram os portuguezes, estas gentes que aqui vêem, todos viram divisados; e porém cumpre de nos assignarmos pera nos podermos conhecer.»

Entonce tomaram todos ramos de trovisco, e ligaram-n'os cada um onde havia geito. E aqui é de notar como Deus os quiz guardar e lhe dar victoria; porque este mesmo cuido, e por esta guisa, o fizeram os castellãos; assim que estes e a maior parte dos outros todos se assignaram d'aquelles ramos; pero prougue a Deus que não morreu na batalha nenhum portuguez por azo d'este assignamento.

E esto todo feito, sendo já horas de meio dia, co-

meçaram de se esforçar os portuguezes uns aos outros, segundo o dia que era, e prometter seus votos de sabor, como é de costume, antes que entrem ás batalhas. E des-ahi moveram logo a elles pelo monte acima dando á trombeta, chamando altas vozes: — *Portugal*, *Portugal*; *São Jorge*, *São Jorge*. —

Os castellãos como os viram acerca de si, desceram a elles rijamente, bradando: — *Castella*, *Castella*; *Santiago*, *Santiago* — e começaram a pelejar.

Deram os ginetes dos inimigos nas espaldas d'elles, e tomaram-lhe trinta cavallos, e mataram-lhe um pagem; e os portuguezes ao juntar das azes, derrubaram dos seus vinte de cavallo, e durou a batalha acerca de meia hora, e foram vencidos os castellãos; e mortos d'elles entre a batalha e o encalço, de cavallo e peões e bésteiros, duzentos e sessenta e seis, e captivos doze, e dos portuguezes foi morto o commendador Vasco Esteves, e ferido Diogo Lopes Sarrazinho; e um castellão que ia com os portuguezes quando se começou a batalha e se sentiu ferido, fugiu e veiu-se a Serpa, dizendo que todos eram mortos e desbaratados, pela qual cousa foi feito grande pranto no logar; e elles vieram em outro dia com grande ledice e prazer com a boa andança que lhe Deus havia dado.

CAPITULO CLXXVIII

Como el-rei de Castella mandou a el-rei de Portugal Micer Ambrosio com recado.

Já vistes em seu logar, onde fallámos das treguas que entre Castella e Portugal por quinze annos foram firmadas, como em trez cousas estava sua força, segundo a fórma dos trautos, a saber:

Na entrega dos prisioneiros, e na satisfação dos damnificados, e da penhora que uma das partes nos bens da outra podia fazer, sendo negligente em as cumprir; e como por não boa fé injustamente muitos portuguezes foram reteúdos e não entregues, e dos damnificados nenhum satisfeito; e havendo el-rei sobre esto conselho, achou que não sómente podia fazer penhora dos bens d'el-rei de Castella, mas ainda, pois que elle promettera de livrar os prisioneiros, e não os livrara, que era teudo a injuria que d'elle em tal caso os prisioneiros haviam recebido, a qual o senhor d'elles demandar podia perante quem d'ello fizesse direito; e pois el-rei de Castella nenhum maior que si tinha que o d'elle fizesse, que el-rei justamente lhe podia mover guerra, mormente penhora em seus bens, que era mais pequena cousa; e quando os castellãos quizessem dizer que tal tomada de cidade ou villa, injustamente fôra feita, pois era contra os trautos n'aquelle logar onde dizia durando assim o tempo das treguas, el-rei de Portugal por si, nem por outrem não tomaram nem rou-

baram cidade, villa nem castello, logar, terra, nem outra cousa dos reinos de Castella e subditos d'elles, que lhe responderam com outra clausula d'onde fazia mencão do soltar dos prisioneiros, que o rei a ello negligente, seu adversario, o podesse penhorar em tantos dos seus bens e dos seus subditos, quanto montasse na preitezia que entre elles fosse firmada; e porque no geral nome de bens se entendiam moveis e de raiz, e villas e cidades, e quaesquer outros, que elle nos d'el-rei mais propriamente que em outros, podia fazer penhora, e que o trauto dava logar, que por esto se entendesse a tregua não ser quebrada, nem feita outra penhora a quem tal tomada fizesse, ca não a tomava indevidamente por modo de propriação, mas por maneira de penhora, assim como faria um juiz execução por uma sentença em uma cidade ou villa de um devedor que a outrem fosse obrigado, não se diria por tal execução tomada nem roubada aquella villa: e que as represarias direitamente feitas em logo de execucão de sentença eram havidas; assim, que vistas estas razões, e outras mais que acharam por direito, ordenou el-rei de tomar Badalhouce, e quizera tomar Albuquerque, por cujo azo foi britada a tregua da parte de Castella, assim na tomada das naus que de Genova vinham, como em frota, que caladamente foi armada, e damnos que se em Portugal fizeram, aos quaes el-rei tornando, começou-se de accender a guerra.

Em esto foi novamente entre os reis ordenado outra convença, posto que d'ella menção não fizessemos, e esto, por todo saberdes, a saber:

Que el-rei de Castella desse cincoenta mil dobras a el-rei de Portugal, pagadas em certos termos, e mais as despezas que fizera na cidade de Badalhou-

ce, e que fizesse soltar de seu reino todos os prisioneiros portuguezes, enviando lá el-rei quem lhe prouguesse pera inquirirem onde estavam, e saber seu adversario quanto se fazia em tal requerimento, da guisa que no primeiro trauto fôra ordenado, e sendo el rei de Castella a ello negligente, que pagasse por cada um portuguez trezentas dobras castellãs. E não sendo os prisioneiros soltos, nem as dobras que em elles montasse pagas, que em tal caso Garcia Gonçalves fizesse preito e menagem de se poer em poder d'el-rei de Portugal até os prisioneiros serem soltos, ou pagada a quantia que montasse em todos; e mais que el-rei de Castella quitava a el-rei e a seus subditos toda a somma das sentenças que contra elles fôra julgada; e isso mesmo el-rei a elle todo o que montasse n'aquellas que contra seus naturaes foram dadas, e as penas que por razão dos prisioneiros incorrido tinha.

E assim o jurou el-rei de Castella por sua real fé aos evangelhos, e os senhores e grandes de seu reino.

E porque esta convença foi tão mal guardada como a primeira, começou-se outra vez a guerra, em que foram feitos estes e outros males como até aqui contámos.

Ora, vendo el-rei de Castella como havia menos duas cidades de seu reino, a saber: — Tuy e Badalhouce, e esto nos extremos d'ambas as partes, que era assaz odioso, des-ahi cuidando por muito que trabalhasse por ellas, que era duvida de as nunca cobrar, por o grande accorrimento que haver podiam, pensou que a melhor maneira pera se cobrarem sem gasto e despesa, e perda das gentes, assim era mover a el-rei alguma tal avença em que se tratasse de lhe serem entregues.

Entona fallou a um genoez que em sua mercê andava, homem discreto e entendido, chamado Micer Ambrosio de Marines, a maneira que em esto tivesse, e mandou o a Portugal por embaixador, o qual chegou ao Porto, onde el-rei estava, e bem recebido d'elle, vieram as suas fallas, nas quaes o genoez mostrou concluindo que por serviço de Deus, e prol de seus reinos, e por se escusarem tantas mortes e perdas, e outras que sobrevir podiam, que elle fallara a el-rei seu senhor mui largamente sobre esto, e que a melhor maneira que por elles fôra achada assim era:

Que todos os debates e querellas que um rei do outro houvesse, que fossem postos em mãos de bons juizes alvidros que vissem os damnos d'ambas as partes por procurador de cada um mostrados, e que elles os determinassem segundo Deus e suas consciencias, na melhor e mais breve maneira que se fazer podesse, tratando entre elles tregua ou paz, como por bem e proveito do povo, e serviço de Deus entendessem; e que se em esto outorgar quizessem, que elle trazia firmadas treguas entre elle e el rei seu senhor por um mez e meio, pera se poderem escolher os alvidros, e serem juntos onde se esto houvesse de tratar.

E el-rei sabendo o direito que tinha, e por dar logar a todo bem e assocego, disse que lhe prazia, e pois elle tanto bem fallava ácerca d'estes feitos, que elle era contente que elle fosse um d'elles.

Micer Ambrosio lhe teve em mercê fiar d'elle tanto, e concordaram logo que D. Nuno Alvares Pereira, seu Condestabre, e Dom João bispo de Coimbra, que depois foi Cardeal, fossem por sua parte juizes, e de Castella viessem Dom Lourenço Soares de Fi-

gueiroa, mestre de Santiago, e Ruy Lopes de Avalos, Adiantado de Murcia e camareiro mór d'el-rei, e mais aquelle Micer Ambrosio.

CAPITULO CLXXIX

Do poder que el-rei deu ao bispo de Coimbra e ao Conde, e como se viram o mestre de Santiago e Ruy Lopes.

Partiu o genoez pera Castella, e el-rei escreveu logo ao Condestabre, que áquella sazão estava em Evora, todo o que lhe aviera com elle e com que recado se expedira, e que porém cumpria que se fosse a Olivença, onde elle e o bispo de Coimbra por sua parte haviam de estar, e quaes de Castella haviam de vir a Villa Nova de Barcarrota, pera d'ahi tratarem seus feitos, segundo o poder que lhe dado fosse.

Como o Conde tal recado viu, começou de se fazer prestes com quinhentas lanças bem carregidas, e encavalgados, e com elle o bispo de Coimbra, e em sua companha haviam de ir Ruy Lourenço, bacharel em degredos, e outro famoso lettrado, que chamavam Alvaro Pires Escolar, pera por parte d'el-rei mostrarem os aggravos que de seu adversario havia recebidos; e o poder que levavam e que el-rei outorgou a todos, posto que a alguns pareça sobejo escripto ser brevemente tocado, era este:

«Que elle em seu nome e de seus herdeiros compromettia e dava poder a todos cinco como alvidros

bons varões amigaveis compoedores sobre todas as demandas, questões, discordias e brigas da guerra em que postos eram, elle e seu adversario, e sobre todas as cousas que d'ella nascer podessem e esperam ser, por qualquer guisa que um ao outro fosse obrigado; e que elles todos, nenhum desvairando, summariamente, sem outra figura de juizo, ora fossem os reis, e seus procuradores presentes, ou dado que o não fossem, podessem concordar e determinar os males, damnos e roubos que um rei ao outro era teudo, e os fazer amigos como quizessem e por bem tivessem, e que podessem tirar d'entre elles toda a inimizade e malquerença, e poer treguas ou paz por sempre, qual lhe melhor parecesse; e que não appellassem nem aggravassem de quanto elles em uma concordia mandassem, sem mais reclamação que sobre ello fazer podessem, nem por razão de scisma, nem de suspeição nem d'outro qualquer remedio que lhe por direito, assim canonico como civil, fosse dado, sob pena de pagar cem mil marcos d'ouro quantas vezes fosse contra o que os ditos alvidros mandassem, que e elles a podessem executar; e posto que os quatro accordassem, e um d'elles não, que seu accordo fosse nada, e se todos accordassem em algumas cousas, e não em tregua ou perpetua paz, que tal accordo não valesse, e se por ventura não concordassem em sua vontade, e quizessem escolher outro que os concordasse, que o não podessem fazer, salvo se pelos reis elegido fosse, e que nenhum prelado nem papa não podesse constranger os que desaccordassem, pera concordar com os outros.

E porque pera tratar tamanha cousa, como era tregua ou paz entre os reis, vendo seus grandes

queixumes, convinha tempo d'assocego sem outra discordia entre os povos, ordenou el-rei uma abastosa soffrança de guerra, a qual se publicasse na arraia entre Castello Rodrigo e São Felizes no começo do mez de janeiro do anno que havia de vir, de mil quatrocentos e trinta e sete, e esto que contamos era em dezembro, a qual durasse até março meado: e com este cargo que dizemos, partiu o Conde e o bispo e foram-se a Olivença; e aos oito dias de fevereiro, que era o praso certo que todos haviam de ser postos nos logares nomeados, chegou o mestre e Ruy Lopes a Villa Nova de Barcarrota com similhante poder e soffrença de guerra, e com elles Micer Ambrosio, pera estarem em qual dos logares quizessem, e mais Pero Sanches, doutor em leis, que vinha por procurador, que se não vieram áquelle dia que era ordenado, que tal soffrença de guerra não valesse. E como alli foram, a primeira cousa que se fallou por Micer Ambrosio, que andava entre elles, foi que se vissem uns com os outros, e dois cavalleiros com elles, e afóra estes trouvessem cada uns cincoenta de cavallo com cotas e braçaes de sua parte.

O Conde, o dia que se haviam de vêr, cavalgou em um grande e formoso cavallo com cota e braçaes, e uma jaqueta preta e arnez de pernas de malha, sob umas botas, e um cutello na cinta solto, levando comsigo Gonçalo Annes de Abreu, e Pedro Annes Lobato e mais de cincoenta, entre cavalleiros e escudeiros, isso mesmo com cotas e braçaes, e espadas e adagas; e Martim Gonçalves, tio do Conde, ficava com as outras gentes em Olivença pera se ir pera elle, se tal cousa recrecesse; e aquella ribeira onde as fallas haviam de ser, partia se em duas partes n'aquelle logar, e em meio um ilhéo pe-

queno de boa e graciosa verdura, e alli foram juntos, na maneira que dissemos, todos oito; e os outros cincoenta cada uns da parte de seu reino affastados um pequeno espaço, avisados porém os do Conde que tivessem olho em elle, que se alguma cousa entre elles recrecesse, que acudissem logo alli; e abraçando se o Conde e os outros senhores, des-ahi os cavalleiros uns com os outros, começaram de fallar n'aquello por que alli vieram, e departiram em ello por grande espaço, e acabadas suas fallas, tornou-se o Conde a Olivença, e mandou convidar a mór parte dos grandes que com o mestre e Rey Lopes estavam, e fez uma falla assaz honrosa e mui abastada, e tornou-se pera onde haviam de estar d'assocego.

CAPITULO CLXXX

Do que se começou de fallar perante estes alvidros

Pois trouvemos aqui estes juizes pera poer concordia entre os reis, razão nos parece dizer algum pouco do que se perante elles tratou, e que fim houve tamanho negocio, e esto mui breve, por não mostrar destemperada perlonga, onde assim foi que porque a todos bons juizes pertence sem affeição proceder nos feitos que hão de julgar, e por sua informação haver comprido conhecimento das querellas e direito que as partes que em elles compromettem têem, conveiu aos procuradores que alli eram, mostrar entre elles todo o direito que cada um rei contra seu adversario tinha; e fallando o Doutor

Pero Sanches por parte d'el-rei seu senhor das sem-razões que lhe foram feitas pelos portuguezes, começou tão longe seu razoado como os que prégam da Vera Cruz vão buscar á bocca de Adão aquelle pau de que foi feita, e elle por multiplicar aggravos fez alicerce á sua querella nas treguas que se fizeram em Monsão entre Portugal e Castella em vida d'el-rei Dom João, padre d'este rei D. Henrique, que entonce reinava, contando como el-rei de Portugal, estando n'aquellas treguas, tratara de casar sua filha bastarda que tinha, com o duque de Benavente, e o induzira que fizesse guerra a el-rei de Castella e se levantasse contra elle, quebrantando com esto as treguas, e não as querendo guardar, e assim outras razões de fraco fundamento, de que se logo leixou descahir, e veiu ter na tomada de Badalhouce, e allí lançou ancora e se amarrou o mais firme que poude, dizendo que durando aquellas treguas de quinze annos, el-rei mandara tomar Badalhouce e quizera filhar Albuquerque, contra a forma do trauto, se o fazer podera, e portanto elle fôra o quebrantador d'ellas, e el-rei de Castella justamente se movera a lhe fazer guerra, ca elle não fôra devidamente requerido sobre o soltar dos prisioneiros, e que pois especialmente era defeso que se não tomasse villa nem cidade, posto que se dissesse geralmente que se podia fazer tomada em bens, que se não entendia em taes bens que fosse cidade ou fortaleza, ca não era de presumir que el-rei de Castella obrigasse a cidade de Badalhouce que estava no fim do seu reino, e que as clausulas de penhora em seus bens e de seus subditos, se entendia em outros bens, e não cidade, villa ou castello, nem se podia fazer penhora pelas sentenças e sommas d'ellas, senão nos

bens dos subditos, segundo as palavras dos trautos, e outras tantas razões guarnecidas de direito a seu proposito estorcidas.

A' primeira das trez razões d'estas foi por parte d'el-rei respondido que o contrario se provaria tambem por frades que os andaram buscando, como por outros que fizeram fazer taes requerimentos e publicas escripturas, da denegação da justiça que segundo dito, e era abastante prova.

A' segunda: que pois que se nos trautos dispunha que se podesse fazer tomada nos bens do dito adversario, que em cidade ou villa cercada se entendia, ca d'outra guisa não se poderia fazer penhora em seus bens, se se não fizesse em villa ou outra fortaleza, porque os outros bens eram de seus donos, e não do principe da terra, salvo quanto é ao detendimento, ca el-rei de Castella não havia nenhuns bens de especial patrimonio, que se chamavam em direito bens de Cesar, e posto que os houvesse, seriam de maneira que se não poderia fazer em elles penhora senão de grande ventura, e onde nos trautos fazia menção que se não tomasse villa nem cidade, ou algum castello, entendia-se se o fosse mal e injustamente, mas bem e por penhora, tal cousa mandava o direito, e o trauto a não defendia.

A' terceira se respondeu assim:

Que mais daria el-rei de Castella licença de lhe fazer penhora em aquella cidade que estava no extremo dos reinos, que em outra que estivesse na metade d'elles, a qual se não poderia tomar sem ir a ella, com damno grande da terra em que estivesse, mórmente que os logares que estavam no cabo do reino podiam-se possuir, e prescrever por tal pessoa que tivesse publica auctoridade, assim como era el-rei

de Portugal demais, se os senhores, cujos eram taes logares, tiveram costume de fazer obrigações d'elles, e os penhorar, como já fizeram alguns reis de Castella.

Estas, e outras muitas razões, com direito allegadas, eram alli perante elles postas, por cada um querer mostrar que todo o que seu senhor fizera, fôra bem e justamente feito.

CAPITULO CLXXXI

Das razões que os procuradores mostraram, cada um por parte de seu senhor.

GASTANDO-SE o tempo em disputações que os procuradores dos reis a justificar suas causas formavam, era já esto no mez de março, e aquelle Micer Ambrosio, que dissémos, veiu alli a Olivença, e disse:

— «Que por quanto d'ambas as partes eram allegadas muitas razões, a cada um mostrar sua querella ser boa, e uma parte dizia que movera justa guerra, e a outra tambem que dircitamente a fazia, e uns diziam que as treguas foram quebradas por a parte adversa, outros que as quebrantara seu adversario, que por estas duvidas e todas outras virem a boa egualdade, que leixassem as disputações que tarde ou nunca haveriam fim, e tomassem outro modo de razoar chão, sem mistura de mais direitos, posto que algumas cousas já por elles allegadas replicassem em seu fallamento; e sendo todos concor-

dados em esto, foram dadas por parte d'el-rei de Castella umas razões por seu procurador, cuja conclusão, em breve, era esta: que el-rei de Portugal era teúdo a lhe entregar logo a sua cidade de Badalhouce, tal e tão boa como estava quando não devidamente fôra tomada por seu mandado, com o que fôra achado e roubado em ella, que podia valer cem mil dobras castellãs, e o damno que se depois seguira aos visinhos d'ella por tal azo, que podia chegar a outra tanta somma, e mais que lhe entregasse os arrefens que recebera por conservação das treguas, e a cidade de Tuy, a qual contra direito tomara, com todos os males e roubos que n' lla e seu termo foram feitos, os quaes damnos estimava serem satisfeitos não menos de sessenta contos de maravedis, que trinta e cinco valessem uma dobra castellã, que era um conto setecentos e dezeseis mil dobras, os quaes contos el-rei de Castella havia despesos na guerra por azo de seu adversario; e os procuradores d'el-rei de Portugal, summariamente mostrando seu direito, apresentaram outras entonce, que foram estas: — que sendo el rei seguro de seu adversario por azo das treguas entre elles firmadas, que por sua parte foram induzidos cavalleiros e escudeiros, naturaes de Portugal, vassallos do dito senhor, que tinham castellos e logares da sua mão, de que lhe fizeram menagens Bragança e o Mogadouro, e Vinhaes, e os entregaram a seu adversario, indo-se pera elle e serviam com elle; e mais que elle lhe tomara Segura e Picôa, fazendo taes fidalgos guerra de taes logares que tinham, e vindo ao reino por vezes por si e em companhia d'outros, fazendo todo o mal e damno que podiam; isso mesmo sendo el-rei seguro e despercebido, tendo que a tregua lhe fosse guardada, que seu adver-

sario armara uma frota e a enviara ao reino de Portugal por desvairadas partes, as quaes gentes fizeram damno e perda, e quanto mal podiam, tomando-lhe naus e outros navios seus e de seus naturaes, e que porém pediam que em qualquer accordo que entre os reis fizessem, que lhe mandassem entregar seus logares, e emendar os damnos e perdas que elle e seus naturaes por tal azo haviam recebidos.

CAPITULO CLXXXII

D'outras razões dos juizes alvidros por trazerem os reis a boa concordia.

LEIXADAS taes razões de uma parte e da outra, por ser em gran perlonga que se escusar devia, o Conde e o bispo ordenaram outras por trazerem os reis a boa concordia, as quaes, fallando muito breve, foram estas:

Que a el-rei de Portugal fossem entregues as villas e castellos de seus reinos, que eram em poder de seu adversario e d'aquelles que se foram pera elle, e mais que lhe fosse satisfeito n'aquello que montava nas sentenças por os juizes dadas, e penas dos prisioneiros, e as despezas que se fizeram na guarda de Badalhouce, pois por penhora de taes cousas fôra filhada; e porquanto os portuguezes que se pera Castella foram, deram azo á guerra e dariam ao diante, posto que paz ou tregua entre os reis houvesse, que porende entendiam que por serviço de Deus e assocego de taes feitos, que era bem de serem postos fóra de

Castella, ca d'outra guisa, em quanto elles assim andassem, não viam razão como entre os reis podesse haver amisade nem fiança, honrando um os inimigos do outro, e que lhe entregassem livres e soltos todos os prisioneiros que foram presos na primeira guerra e em esta segunda, onde quer que fossem achados; e mais as duas naus que vinham de Genoa. E que el-rei de Portugal entregasse a el-rei de Castella a cidade de Badalhouce, pagando-lhe elle a quantia das sentenças e as penas dos prisioneiros, e o que se dispendera por guarda d'ella, e mais lhe entregasse a cidade de Tuy com os outros logares que do seu reino cobrara, e isso mesmo os prisioneiros que em seu reino fossem achados.

Outrosim que todos os damnos e desvarios, e perdas e mascabos que se fizeram nas tomadas de quaesquer logares, assim de Badalhouce como dos outros, assim de um reino como do outro, que fossem quites de parte a parte; e que em feito dos arreleas que lhe parecia bem, pera segurança de taes feitos, como quer que da parte d'el-rei seu senhor fosse allegado que eram seus prisioneiros, que estivessem por arreleas assim como estavam, ou outros da condição d'elles tambem de Portugal como de Castella, com as condições das treguas de quinze annos, em mão de um senhor em que ambas as partes consentissem, a aquelle tempo que entre elles fosse ordenado.

Similhavelmente o mestre de Santiago e Ruy Lopes d'Avalos fizeram outro escripto em que pozeram suas tenções acerca d'estes negocios, por bem de concordia e paz entre os reis, leixando, segundo diziam, muito d'aquello que se por parte d'el-rei seu senhor podia pedir por bem de direito e boa justiça

por azo das treguas que quebrantaram, tomando a cidade de Badalhouce da guisa que fôra.

Primeiramente, que lhe tornasse el-rei de Portugal aquella cidade assim boa como estava quando a filharam, e todo o que fôra roubado em ella áquelle tempo, e mais os arrefens que em poder tinha; desahi a cidade de Tuy assim boa como estava quando a cobrara, com os bens dos que em ella moravam, que primeiro havia segurado, e todos os outros logares que n'aquella guerra havia filhados; outrosim que soltasse todos os prisioneiros que em Portugal eram presos. E que porquanto as despezas que el-rei de Castella havia feito eram muitas, e a todas el-rei de Portugal era teúdo, pero por bem de concordia que el-rei de Castella perdesse ametade, e a outra ametade lhe fosse pagada.

Isso mesmo Micer Ambrosio formou sua razão a de parte, que pois o mestre e Ruy Lopes já disseram suas intenções, que elle compromissario com elles queria dizer a sua, a qual foi esta:

Que era bem que se entregassem todos os logares que cada um rei tinha do reino do outro, tambem todos os prisioneiros que cada uma das partes tinha reteúdos, sem nenhuma rendição que por si pagassem, e que fossem quites de parte a parte damnos e perdas, e sommas e despezas de sentenças que dadas eram, e as penas dos prisioneiros, e que entregassem seus arrefens a el-rei de Castella, e os de Portugal fossem tambem livres e quites, e os portuguezes que se foram pera Castella não fossem lançados fóra, e ficassem em ella, que assim quedariam todas as cousas chãs e em bom assocego.

CAPITULO CLXXXIII

Das cousas que os castellãos mais emaderam além das primeiras por elles pedidas.

Vistas as intenções de todos, como aqui é conteudo, foi emadido da parte dos castellãos outras razões além d'estas formuladas d'aquesta guisa, dizendo que pois el-rei de Portugal requeria tregua, ou paz por sempre, que por se tirar de todo o debate e apagar toda a discordia, assim da rainha Dona Beatriz, filha d'el-rei Dom Fernando, sobre o direito dos reinos que pretendia d'haver, como d'outras cousas que se dizer podiam, que el-rei de Portugal casasse seu filho maior com ella, e que o casamento feito, que então aquelle seu filho se chamasse rei de Portugal e dos Algarves, e que em tal caso fossem dados á dita rainha logares taes em Portugal, quaes a rainha de tal reino pertencia pera governança de seu mantimento e estado, e que esta cousa era cumpridora e proveitosa pera o bem da paz: o primeiro por assentarem sua vida e estado de seu filho; a outra, porque ainda que seu filho fosse rei, elle mandaria todo no reino que quizesse, assim que no effeito e obra elle ficava rei; e de mais seu filho assentado na firmeza do reino, assim se cumpriria o desejo do padre de em sua vida vêr bem collocado o filho, o bem do qual é sua gloria. Outrosim, porque ao bem d'aquella paz era mui cumpridouro todo embargo e empacho ser fóra, por tal que Deus e o mundo visse que taes pazes se

faziam com boas e claras vontades. E que o infante Dom Diniz, filho d'el-rei Dom Pedro, que tinha tomado titulo de rei por direito que tinha em Portugal, que lhe fosse dado um ducado em elle, com terras e logares razoados, segundo cujo filho era; e porque se el-rei durasse em odio e rancor contra os portuguezes que andavam em Castella, e lhes tivesse o seu, não pareceria a Deus nem ao mundo que as pazes que se fizessem, eram chãs e de boa vontade. Portanto diziam que por bem, e grande firmeza de paz, que el-rei restituisse logo todos os bens moveis e de raiz aos portuguezes, assim a aquelles que se foram com a rainha Dona Beatriz, como a outros quaesquer que por outra occasião estivessem no reino de Castella, tornando os a todas as honras e estados que nos tempos passados haviam, sem outra delonga nem preito, nem debate; e que os segurasse por firme seguranca, que lhe não tivesse odio nem rancor, nem lhes fosse feito nenhum desaguisado nem mal; e fazendo-se assim, que veriam todos claramente que elle chã e de boa vontade vinha ás pazes, sendo tal cousa grande conservação d'ellas, mostrando que as cousas passadas eram de todo postas em esquecimento, o que não pareceria, sendo de outra guisa, ca se as pazes, prazendo a Deus, se fizessem, olvidados quaesquer escandalos, todos de consum viveriam em irmandade.

E emadiam mais outra razão, que prazendo a Deus de se taes pazes fazerem, por d'ellas sahir algum bom fruito, e o serviço de Deus e a sua fé ser exalçada, e a má seita de Mafamede ser abaixada, que el-rei de Portugal fosse teúdo de ajudar a el-rei de Castella, na guerra que contra os mouros fizesse,

com dez galés por mar por trez annos ás suas proprias despezas, e que d'esto lhe devia aprazer muito, por tal cousa ser santa e muito cumpridoura pera satisfação das culpas em que havia cahido nas guerras passadas contra os christãos do reino de Castella.

O Conde e o bispo quando estas razões viram por Micer Ambrosio, que lh'as em escripto trouve, desprougue-lhe muito d'ellas, vendo que eram taes, porque os reis que em elles comprometteram, nunca podiam vir a concordia de paz, e enviaram-lhe a dizer por elle que não entendiam sua intenção, e que quantas cousas foram emadidas alem d'aquellas que primeiramente pedira o procurador d'el-rei seu senhor, eram taes e tão fóra de razão, que não haviam mister resposta.

Entonces ordenaram Ruy Lopes e Micer Ambrosio de se irem a casa d'el-rei, pera lhe fallar, muito contra vontade do Conde por não terem nada feito d'aquello por que alli foram juntos, andando já em nove mezes que em ello dispendiam tempo.

Entonce se veiu a Evora, onde el-re estava, que o viu, e sahiu a receber bem duas leguas, e de Evora se partiu el-rei pera Lisboa, e o Conde se foi a Almada, e não se fez mais sobre este negocio.

CAPITULO CLXXXIV

Como o Priol D. Alvaro Gonçalves se foi pera Castella, e foi dado o Priorado a Lourenço Esteves de Goes.

DURANDO a tregua dos nove mezes que em Olivença foi firmada pera o Conde e os outros senhores poerem paz entre os reis, segundo dissemos, acertou se em esta sazão de se ir pera Castella o Priol D. Alvaro Gonçalves, que ainda estava no reino depois da fugida do Castello de Coimbra; e porque el-rei havia promettido ao Condestabre de dar o Priorado a Lourenço Esteves de Goes, commendador de Santa Vera Cruz, que o havia bem servido em companhia do Conde, se o Priol o perdesse a direito, entonce poz em vontade de o dar a Fernão d'Alvares d'Almeida, aio de seus filhos, e mandou dizer primeiro ao Conde qual em esto era o seu desejo, por a promessa que lhe feito tinha.

O Conde viu o recado d'el-rei, e a pessoa pera que era foi um pouco cuidoso, e disse:

— «Que elle lhe tinha em mercê o recado que lhe enviara, e que em outro dia lhe enviaria a resposta por um de que se fiasse.» —

E assim o fez, ca mandou a elle Gil Ayres, seu escrivão da Puridade, por o qual lhe enviou dizer que dias havia que lh'o tinha outorgado pera Lourenço Esteves, em que elle bem cabia, por ser bom cavalleiro e o bem haver servido em sua companha;

e pois elle era Freire da Ordem, que o leixasse eleger aos Freires, que o não ousavam fazer por sua defesa, pedindo-lhe por mercê que lh'o não tirasse, pois lh'o tinha outorgado, e outras taes razões, a que el rei respondeu d'esta guisa:

— «Verdade é que minha vontade era dar este Priorado a Fernão d'Alvares, por ser tal que o bem merece, des-ahi porque vós vêdes que em minha terra ha quatro dignidades deshonradas, a saber: — o Mestrado de Christus, e o de Santiago, e de Aviz e o Priol do Hospital, que são assim como quatro columnas que sustêm a honra de meu reino, e que todos os grandes de fóra da terra, quando veem, esguardam seus estados e nobrezas; e porém me parecia a mim que os que taes estados houvessem d'haver por meu serviço e honra do reino, deviam de ser pessoas notaveis e de grande auctoridade, e esto me similha que cabe mais em Fernão d'Alvares, que em Lourenço Esteves.» —

E esta razão dizia el-rei, porque Lourenço Esteves era mui pequeno de corpo, e não vistoso.

— «Mas segundo parece, disse elle, o Conde não o entende assim, e devia de ser pelo contrario em esto e outros cousas, ca devia mais de pesar os meus feitos que os seus, porque se os meus fossem esguarrados, outrem os não podia correger senão Deus, e os seus eu os podia correger.» —

Sobre esto passaram tantas razões, que el-rei consentiu mandar suas cartas aos cavalleiros da Ordem, que elegessem em Priol quem segundo sua regra, e serviço de Deus, fosse mais proveitoso á Ordem; e foi elegido D. Lourenço Esteves, e foi entregue do Priorado e das fortalezas d'elle.

Em esto viera-se o Conde a Porto de Moz, por

espaçar ahi alguns dias, e el-rei, que estava já em Santarem, escreveu ao Conde que bem sabia como a tregua dos nove mezes que em Olivença fôra firmada, era já acerca de sahida, e que elle esperando que a el-rei de Castella prouguesse de se alongar por mais tempo, que Micer Ambrosio viera a elle, e que segundo o recado que lhe trouvera, a el-rei de Castella não prazia que se espaçasse mais tal soffrença de guerra, e que porém elle ficava com elle na desavença em que ante eram postos, e portanto lhe mandava que se fosse logo a Santarem pera haver com elle conselho da maneira que havia de ter na guerra.

CAPITULO CLXXXV

Como el-rei foi sobre Alcantara, e se levantou do cerco d'ella.

O Conde em Santarem, teve el-rei conselho pera ir sobre Alcantara e mandou lhe que se fosse entre Tejo e Odiana, e juntasse as gentes d'aquella comarca e do reino do Algarve pera ir com elle áquelle logar.

O Conde foi a Evora, como lhe el rei mandou, e des-ahi se foi caminho de Alcantara, e juntou-se com el-rei, que partira de Santarem por outro caminho por beira do Tejo acima, passando por uma ponte de barcos que mandara fazer forte mui bem feita, e este ajuntamento foi em uma ribeira áquem do Crato, que chamam a Cafardela, e d'aquelle logar

foram assim sempre o Condestabre na vanguarda, e el-rei na reguarda, com os Mestres de Christus e de Santiago, e outros senbores e fidalgos com muitas gentes, que apodavam a quatro mil lanças, e grande numero de peões e besteiros, e com esto muita carriagem d'engenhos e escalas, e mantimentos; e passou pelo Crato, e des-ahi ás Meadas, e por Valença, e um sabbado se foi lancar sobre Alcantara, e era esto no mez de maio de 439 el rei tinha mandado que lhe viesse a ponte das barcas por que passara, pera ter um arraial d'além do Tejo que vae per uma parte do logar, e outro d'aquem pera ser todo cercado.

O arraial assentado d'aquella parte, mandou assentar seus engenhos, e tirar á villa, atrendendo cada dia por a ponte, de que muito lhe pesava por não vir, e emquanto concertavam a escala e passavam alguns dias, teve el rei conselho quem mandaria á forragem, por a fama das muitas gentes que n'aquella comarca se dizia que andavam, por azo do cerco a que acudiam.

João Affonso de Santarem, que era do conselho, como el rei aquello propoz, fallou logo contra elle e disse:

— «Senhor, pera que é dizer e cuidar quem mandareis á forragem por esto que se diz; vá lá o Condestabre que aqui está, que já o conhecem os castellãos.» —

O Conde vendo quanto era serviço d'el-rei, porque os mantimentos começavam de minguar, outorgou que lhe prazia, e el-rei lh'o encommendou.

E uma segunda-feira partiu com certas gentes, entre as quaes ia com elle Martim Affonso de Mello, que entonce tinha Badalhonce, e passou por Cace-

res e des-ahi a Montanches, e foram d'aquella vez dezeseis leguas por Castella além de Alcantara, onde el-rei ficava, e indo o Conde assim seu caminho, mandava alguns corredores diante que corressem a terra, e trazia muitos prisioneiros e gados, porque não cuidavam os castelhãos que seus inimigos tão longe entrassem, e chegou a uma ribeira que chamam Boteia, que era comarca abundosa e bem pobrada, e d'aqui mandou correr ao longe por duas partes; a uma mandou Lourenço Esteves, que já nomeámos, com certas gentes, e á outra mandou Martim Affonso de Mello, e elle ficou n'aquella ribeira com seu arraial; e havendo dois dias que ambos partiram, sendo o Conde á mesa que começava de comer, chegaram lhe novas que D. Lourenço Esteves vinha com grande roubo, e que sahira a elle João de Velasco, que ahi acerca da comarca estava, com 400 lanças pera pelejar com elle.

O Conde se levantou á pressa da mesa, e mandou dar ás trombetas, e logo foram juntos todos do arraial á sua tenda, e ahi mandou os que ficasssm, e com os outros sem mais tardança partiu com sua bandeira diante tendida, e uma legua e meia d'alli, o achou vir com grande roubo de gados e prisioneiros, e soube que João de Velasco não viera a elle, mas mandara certos de cavallo que viessem vêr como vinha.

Entonce se tornou o Conde e D. Lourenço Esteves com elle, á ribeira onde o arraial estava.

Martim Affonso, que fôra por outra parte, bem cinco leguas de onde ficara o Conde, encontrou com o commendador mór de Leão, que se vinha lançar em Caceres com cento e cincoenta lanças, e pelejou com elle e desbaratou-o, e prendeu no encalço trin-

ta e oito, entre cavalleiros e escudeiros, e mais trouxe grande roubo de gados e outros prisioneiros. E o Conde que chegava com D. Lourenço, como dissemos, e Martim Affonso, que chegou em outro dia, partiu o Conde d'aquella ribeira caminho de Alcantara, e andou tanto que chegou ás Brocas, cinco leguas áquem d'ella; e sendo comendo lhe veiu um reçado d'el-rei por Rodrigo Affonso de Mello, que se fosse á pressa, porquanto d'além do rio chegaram pera se lançar em Alcantara o Priol D. Alvaro Gonçalves que se fôra pera Castella, e Martim Vasques da Cunha e os outros portuguezes que lá andavam, e Ruy Lopes d'Avalos com elles, com gentes que diziam que eram duas mil e quinhentas lanças.

O Conde partiu trigosamente, e chegou aquelle dia á tarde a Alcantara com muitos gados e prisioneiros, e d'outros mantimentos assaz, com que os do arraial folgaram, que o bem haviam mister.

A ponte que el-rei esperava nunca veiu, e posto que entonce viera, já não podia prestar, e os castellãos entravam na villa cada vez que queriam, que não era cousa que se embargar podesse.

El-rei não embargando quizera jazer sobre ella até que a filhasse, cuidando de a destruir com os engenhos, posto que muita gente tivesse, e sem duvida a filhara, se a ponte viera a tempo que elle mandou.

Mas quando entonce foi aconselhado que não aprofiasse mais no cerco, ca inda que lhe derribasse o muro e quantas torres tinha, que não acabaria seu desejo, por a muita gente que dentro estava, El-rei vêndo esto, mandou alevantar o arraial, e veiu-se pera seu reino, e d'elles mandou pera suas casas, e outros pera as frontarias.

CAPITULO CLXXXVI

Dos embaixadores que foram a Castella pera tratar a paz, e não se avieram.

Os feitos da guerra estando em estes termos, foi movido que se tratasse entre os reis tregua e paz por sempre, e foram enviados a Castella por embaixadores os honrados D João, arcebispo que depois foi cardeal, e João Vasques d'Almada, cidadão de Lisboa, mui honrado cavalleiro, e Martim Docem, doutor em leis.

Estes mandou el-sei bem corregidos como cumpria, e sessenta em cavalgaduras com elles, os quaes chegaram a Segovia uma quarta feira. primeiro de junho, e depois de comer foram vêr el-rei e lhe fallar, propoendo a razão de sua ida como era por se tratar de tregua ou paz entre elle e el-rei seu senhor.

E el-rei se apartou com os de seu conselho, e respondeu por um cardeal de Avinhão, que ahi era, que se chamava Cardeal de Hespanha, que da paz lhe aprazia mais se fallasse que na tregua, e leixada grande proluxidade de razões que se por dias de uma parte e da outra se propoz, respondeu estas seguintes, se as lérdes quizerdes, que foram as principaes que os castellãos deram em escripto, dizendo:

«Que por o quebramento da tregua dos quinze annos, e por as perdas e injurias que recebidas haviam, que el-rei de Portugal por bem de concordia e assocego, desse a el-rei de Castella vinte contos

de antiga moeda de Portugal, que eram seiscentos mil francos d'ouro, e quarenta mil dobras em cada um anno em vida d'el-rei seu senhor e da infanta D. Maria sua filha, e mais que lhe desse dez galés por mar cada anno, armadas seis mezes á sua custa, e mil homens d'armas por terra por essa guisa pagados, esto em vida dos reis ambos, e que se el-rei de Castella houvesse d'haver batalha com os mouros, que el-rei de Portugal fosse em ella por sua pessoa presente.

Outrosim que perdoasse e recebesse em seu reino todos os portuguezes que andavam em Castella dês o tempo que a rainha D. Beatriz casara, e lhe entregasse todos seus bens que em Portugal haviam; e isso mesmo entregasse Badalhouce, e os logares todos que elle e os seus haviam tomados, e mais os arrefens que de Castella tinha; e além d'esto emadiam mais, dizendo:

Que el rei seu senhor tinha direito nos reinos de Portugal, não por parte da rainha D. Beatriz nem do infante D. Diniz, pois que herdar não podiam, mas porquanto elle era o mais chegado parente d'el-rei D. Fernando, sendo el-rei seu padre primo com irmão d'elle, e que por elle leixar este direito e as injurias que elle e seu padre haviam recebidas, lhe deviam ser feitas as taes ajudas e satisfação de dinheiros, trazendo a seu proposito o que fôra dado ao duque de Alencastro e a sua mulher».

A esto foi respondido que taes razões não eram de mover, nem era aquelle caminho pera virem á paz, ca o que entonce fôra feito ao duque tinha fundamento razoado, porquanto elle pretendia haver sua mulher direito em Castella, por ser filha lidima d'elrei D. Pedro, chamando-se elle rei e ella rainha

d'aquelles reinos; assim que o caso não era similhavel, nem entendiam mais de fallar sobre tão desarrasoadas cousas.

E os castellãos responderam que se elles não decendessem a alguma d'aquellas cousas, em razão dos contos da moeda e das dobras, e ajudas que pediam, que se não accordariam com elles em feito de paz, ca lhe seria grão vergonha fazerem-n'a d'outra guisa, sem emenda d'alguma cousa, e posto que a resposta d'esto fosse que a paz era a elles assaz de honrosa por el-rei de Portugal haver de receber todos os portuguezes que em Castella andavam, que lhe era grande encarrego e empacho, e lhes tornar suas terras e bens, e compral-as áquelles que as tinham, des-ahi entregar-lhe seus arrefens, e quitar-lhe a somma das dobras que montava nos prisioneisos e sentenças, e entregar-lhe melhores logares que os que elles haviam de entregar, e sobre todo enviar-lhe a requerer a paz a sua casa por tão honradas pessoas; e outras razões a esto pertencentes finalmente foram desacordados, e não fallaram mais em feito de paz.

CAPITULO CLXXXVII

Do conselho que el-rei de Portugal pediu pera fazer a paz, e do que lhe foi respondido.

LEIXADA a paz, fallaram em tregua, na qual razoando por dias e não se podendo em ella concordar, conveiu partir um dos embaixadores por notificar a el-rei seu senhor todas as cousas

até alli passadas, posto que lh'as por escripto já fizessem saber, e as que novamente entonce apontavam, e partiu pera Portugal o Doutor Martim Docem, segundo el-rei de Castella consentira, e dizendo a el-rei todo o que sobre este negocio alá viera, mandou el-rei chamar fidalgos e conselhos de seu reino, e foram juntos na villa de Santarem, onde elle entonce estava, e deu aos senhores, cavalleiros e escudeiros um escripto das cousas que os castellãos pediam, e outros aos concelhos pera responderem o que sobre tal feito devia fazer; e visto por todos, a resposta dos fidalgos foi esta:

Que entregassem villas por villas, e prisioneiros por prisioneiros, e mais que lhe dessem os arrefens, e na parte do perdão dos portuguezes, pois que a paz d'outra guisa dar não queriam, que lhes perdoasse a todos, e lhe antregasse os bens patrimoniaes que haviam de sua herança, e não dos que pertenciam á corôa do reino, comprando taes bens a aquelles que os tinham por boa e justa estimação; e que em effeito das dobras das sentenças, a pena dos prisioneiros e dos outros damnos e perdas, que se descontasse uma cousa por outra, e se algum mais devesse, que não fosse teúdo de o pagar, mas que ficasse tudo quite de parte a parte; mas que em razão da emenda dos vinte contos que pediam, e da ajuda das galés e das mil lanças, que taes cousas não eram pera ouvir, nem sómente fallar em ellas, e que com taes condições como estas, que guardassem sua paz; e que na parte da tregua por oito ou dez annos, em que pediam que se entregassem villas por villas, e prisioneiros por prisioneiros, e mais que lhe dessem os arrefens, esguardadas muitas cousas, que não cumpre de escrever, e como os arre-

fens lhe eram pouco proveitosos, accordaram que lh'os dessem.

Os concelhos isso mesmo deram outra acerca tal como esta, dizendo:

Que entrega-sem logares por logares dos que eram tomados, ou que tinham alguns portuguezes que se com elles alçaram, e soltassem todos os prisioneiros de uma parte e d'outra sem nenhuma ren ição, e quem alguma cousa d'ella já tivesse pagada, que a perdesse; e sobre o perdoar aos portuguezes lhe parecia que os que se foram no tempo da rainha D. Beatriz, a quem el rei perdoava por vezes, e lhe entregava seus bens e terras, e não quizeram tornar, que a taes como estes, que foram em culpa de seu mal, que não devia de ser perdoado, salvo se se por elles tornasse a paz Mas que tal como Martim Vasques, e João Fernandes, e o Priol e os outros que diziam que por aggravos que d'elle recebiam, se foram de seu reino, que a estes perdoasse e entregasse seus bens e terras, vistos os bons serviços que feitos haviam, que deviam mais pezar que sua partida; e mais que lhe entregasse seus arrefens, posto que n'elles direito houvesse, e quitasse as dobras das penas das sentenças, e quaesquer outras dividas, de guisa que todo ficasse livre, sem nenhuma obrigação de parte a parte. Nas condições dos vinte contos e dez galés, e as mil lanças, que esto elle não devia fazer, porque era mais guerra que paz, ca Deus lhe dera os reinos de Portngal por aprazimento do povo, livres e sem sujeição, pera os livrar e defender de toda prema e encargo, e que elle não devia leixar seue subditos, e taes filhos como tinha, assim sujeitos a Castella com taes obrigações; e se a ajuda houvesse de haver, fosse d'a-

quella maneira e necessidade em que a el-rei D. Affonso, seu avô, dera a el-rei de Castella, quando o fôra ajudar contra mouros, de que tirara gran fama e honra, e d'outra guisa não.

CAPITULO CLXXXVIII

Como foi feita tregua por dez annos, e com que condições.

TORNANDO o Doutor a Castella pera fallar em effeito de tregua, segundo o recado que d'el-rei levava, e leixando o longo razoado que d'ambas as partes sobre esto houve, e as condições odiosas de que se os castellãos de todo desceram, finalmente foram concordados em tregua de dez annos, com certos capitulos em ella postos, dos quaes brevemente diremos estes:

Que el-rei e seus herdeiros não fariam guerra por parte da rainha D. Beatriz, nem d'aquelle infante que se chamava rei, nem consentiria a elles que a fizessem com gentes d'outra nação, nem sua, e quando a fazer quizessem, que elle seria em desfazimento de tal com todo seu poder.

Outrosim que se entregassem de um reino a outro todos os logares que foram filhados por qualquer guisa que fosse. De Portugal a Castella, Badalhouce e Tuy, Salvaterra e São Martinho; e de Castell a Portugal: Bragança, Vinhaes e o castello de P conha, Miranda, Penamacôr, Pena Garcia, Segura

Noudar, as quaes entregas haviam de ser d'esta guisa:

Que a certos dias depois da publicação d'esta tregua, fossem postos por arrefens em poder do Condestabre, ou quem seu poder tivesse, na Ribeira, entre Villa Nova e Olivença, D. Alvaro Pires de Gusmão, Justiça mór de Sevilha, e o marechal Diogo Fernandes, Alcaide mór de Cordova, e Gomes Soares, filho maior lidimo de D. Lourenço Soares, Mestre de Santiago, e que do dia que lhe fossem entregues, até vinte primeiros seguintes, que el-rei de Portugal entregasse a cidade de Badalhouce ao dito Mestre de Santiago, livre e desembargadamente, e Badalhouce entregue até dois mezes, el-rei de Castella entregasse Bragança e Vinhaes, Piconha e Noudar, tirando os bastimentos e artificios de guerra que em elles estivessem postos por aquelles que os em poder tinham, e todas suas cousas; e que d'aquelle dia que estes quatro logares fossem entregues, a vinte e cinco dias, o Condestabre tornasse a entregar os trez arrefens, que lhe foram dados n'aquelle logar onde os recebera; e entregados taes arrefens, que d'aquelle dia até um mez, el rei de Portugal fosse teudo d'entregar a aquelle Mestre de Santiago outros de seu reino, que fossem estes: João Mendes de Vasconcellos, irmão de D. Mem Rodrigues, Mestre de Santiago de Portugal, e Gonçalo Pereira, filho maior de João Rodrigues Pereira, e Vasco Fernandes, filho maior legitimo de Gonçalo Vasques Coutinho, marechal de Portugal, n'aquelle mesmo logar onde os outros foram entregues, e do dia que fossem entregues até quarenta seguintes, fosse el-rei de Portugal entregue de Miranda e Penamacôr, e Pena Garcia e Segura, e do dia que es-

tes logares se entregassem até um mez, fosse entregue Tuy, Salvaterra e São Martinho.

E feitas taes entregas, tornassem os portuguezes de onde foram levados por arrefens, em este mesmo dia e logar fossem entregues Inhigo de Mendonça, e Gonçalo d'Estunhiga, e todos os outros que vivos eram, que foram postos da parte de Castella por arrefens das treguas de quinze annos.

Que como taes entregas fossem feitas, que logo fossem soltos todos os prisioneiros de um reino ao outro, segundo entre elles foi divisado.

E porquanto el-rei de Castella disse que lhe prazia depois das entregas até seis mezes seguintes fallar-se no feito da paz, e elle por entonce não podia determinar por quaes pessoas, nem em que logar deviam de ser taes fallas, que quando elle enviasse a Portugal tomar os juramentos que os do reino haviam de fazer, que entonce notificasse a el-rei por quaes pessoas lhe prazia se tratasse paz, e esto na postrimeira semana dos ditos seis mezes; e d'esta guisa cessou entonce a guerra que entre Portugal e Castella havia.

CAPITULO CLXXXIX

Como a rainha D. Catharina conselhava seu marido que houvesse paz em Portugal.

Cessada a guerra da guisa que dizemos, ficava por fallar na paz depois da dada dos logares e entrega dos arrefens passados aquelles seis mezes, segundo no trauto era conteúdo, e havia

de ser tal fallamento entre Elvas e Badalhouce, em quanto aos ditos reis proguesse, e de consentimento d'ambos.

Por certas razões que sobrevieram, foi este espaço alongado, de guisa que se houve de começar a cabo de quatro annos, por Paschoa de Ressurreição de mil quatrocentos e quarenta e cinco, entre São Felices e Castel Rodrigo; mas esto foi já em tempo d'el-rei D João, filho d'aquelle rei D. Anrique que fez aquellas treguas, que no capitulo antes d'este havemos recontadas.

E pois do tratar das pazes que se seguiram, havemos de fallar, e vós d'isto sèrdes em bom conhecimento, sêde nembrados que onde contámos as avenças feitas entre o duque de Alencastro e el-rei de Castella, o que perdeu a batalha, foi feito casamento do infante D. Anrique, seu primogenito filho, em edade de nove annos com D. Catalina, filha d'aquelle duque, irmã de D. Felippa, que só ficava rainha de Portugal; e morto aquelle rei D. João da queda do cavallo, ficou este seu filho D Anrique, que depois reinou depós elle de tão poucos annos, que não era pera lhe darem sua mulher; e depois que foi crescido, sendo de dezeseis, entonce ordenaram de os ajuntar ambos, havendo ella vinte e sete, e sendo elle de tão nova edade, cujos annos muito pareciam contradizer ao bem commum e regimento do povo, por graça do mui alto Deus que lhe prougue de em elle poer, foi assim acompanhado de taes costumes e bondades, especialmente da mui clara entre todas as virtudes, chamada por nome justiça, que seus prudentes e bem ordenados feitos assaz eram dignos de notavel relembrança, ca elle re-

gia sua terra muito mais cumpridamente que nenhum rei que ante elle houvesse.

Este rei D. Anrique houve d'esta sua mulher um filho e duas filhas; ao filho chamaram D. João, que reinou depois de seu padre, e uma das filhas houve nome D. Beatriz, e a mais pequena D. Catharina, como sua madre.

Esta rainha D. Catharina, sendo seu marido vivo, trabalhava muito com elle que houvesse paz e amisade com D. João, rei de Portugal, casado com sua irmã, fazendo-lhe palavras dos grandes dividos que todos de consum haviam, e todas as boas razões que a seu proposito acarretar podia, por que a esto o demover podesse.

El rei era homem sisudo e temia a Deus, e vendo sua boa intenção, outorgava que bem lhe prazia, se elle tal guerra podia leixar, não lhe sendo vergonha e prasmo; mas que se elle n'ella tinha direito, e lhe fosse contado por mingua, que o não leixaria de fazer por quantos dividos ahi haver podesse; e que cobrando tal terra, entonce ficava a elle podel-a leixar com sua honra, dando-a em casamento a seu filho com sua filha, ou a sua filha com o seu filho.

— «Mas se é cousa, dizia elle, que a mim não pertença, nem á corôa de Castella, seja vilta, eu a leixarei de grado, posto que dividos ahi não houvesse, porque não o sinto por minha prol, nem honra.» —

A rainha dizia que não era a elle mingua alguma, ca elle, nem seu padre, não faziam tal guerra, salvo por parte da rainha D. Beatriz, e que ella ouvira dizer a lettrados que seu padre se houvera tão mal, ácerca dos trautos, que sobre tal successão fo am

feitos, que seu direito era mui duvidoso, e que portanto era bem haver paz.

El-rei disse que tal tenção tinha, e que por esto fizera tregua de dez annos, na qual era posto que como as treguas fossem feitas, que logo se fallasse na paz, e que elle mandaria chamar os fidalgos e concelhos de sua terra, e fazendo com elles côrtes, alli se veria esta cousa bem e direitamente.

CAPITULO CXC

Como se juntaram os trautadores de Castella e Portugal pera fallarem no trauto da paz.

Tendo este nobre rei vontade de fazer tal ajuntamento por se determinar em elle esto que razoado temos, sendo elle doente já dias havia, sobreveiu a morte, que o tirou de tal proposito, e ficou seu filho, o infante D. João, que ora de presente reina, muito pequeno de dias; e a madre o reteve em seu poder que o não creasse outrem senão ella, segundo a forma do testamento e accordo que sobr'ello foi feito, e regiam por elle o reino esta rainha D. Catharina e o infante D. Fernando seu tio, irmão d'aquelle rei D. Anrique, como seus tutores e curadores, que eram.

E tendo este infante e esta rainha cuidado de todos, como estava em razão, e vendo como era obrigado as cousas que seu padre promettido tinha, entre as quaes uma era que se fallasse na paz, tanto que as treguas e entregas fossem feitas, por cumprirem

aquella promessa, fizeram saber a el-rei de Portugal o tempo e logares onde se esta falla fizesse, e accordaram que fosse feita entre São Felices e Castel Rodrigo, na raia d'entr'ambos os reinos; e alli veiu da parte de Castella, D. João, bispo de Segonça, e D. Pedro Viegas, alcaide mór de Cordova, e um doutor chamado Pedro Sanches; e de Portugal foram D. João, arcebispo de Lisboa, e Martim Affonso de Mello e um doutor nomeado Gil Martins; e porque dês que as treguas foram apregoadas até este dia, correram quatro annos e mais, e depois tamanho espaço, que havia já nove cumpridos quando a paz foi acertada, pode imaginar qualquer sisudo que detenças foram estas, ou que cousas de tamanha tardada, e sabei que o fez duas cousas: a primeira a doença d'el-rei D. Anrique, e a morte que lhe sobreveiu, por cujo azo nasceram taes duvidas e alvoroços no reiro de Castella sobre a creação e guarda d'el-rei, como sobre outras cousas, e que el-rei de Portugal foi movido de todo ponto, se alguma cousa se começasse contra honra e estado da Rainha e de seu filho, de poer em ello mão, até ir por seu corpo a Castella, quando mister fôra, por o divido que com ambos havia. Assim lh'o fez saber por sua carta, e prougue a Deus que amançou tudo.

A segunda, e mór detença foi depois que começaram a fallar na paz, as cousas desarrazoadas, que moviam a el-rei que lhes outorgasse; e por não ficar esso em aberto, e saberdes que era esto que lhe demandavam, leixando prolixidade de tantas razões como d esta vez e d'outras, d'ambas as partes foram despesas, e do effeito de tudo summariamente convem ordenar dois breves capitulos: o primeiro, que

requeriam seus embaixadores, e que lhe era respondido; o segundo, que recados mandava depois a rainha sobre esto, e que resposta lhe levavam; e entonce quaes foram a Castella pera tratar essa paz, e como se accordaram, e foi depois a grandes passadas rectificada e cessou a guerra de todo.

Ora, seguindo esto que dizemos, depois da Paschoa e da festa da Ascenção, ordenaram de fallar na raia, a par de Escarigo, e mandaram-se senhos escudeiros, que fossem divisar onde fosse pertencente pera tal falla, e acharam uma formosa nogueira de grande altura e formosa sombra, bem azada pera aquello, e não quizeram que alli fallassem, por ser da parte de Portugal.

Entonce foram mais acima, onde era um lizirão pequeno cercado d'agua que corria, e alli accordaram de se fazer, e que todos seis entrassem em elle e os escudeiros que traziam, além cada uns da parte de seu reino.

Em uma segunda-feira cavalgaram os castellãos, chegando primeiro áquelle logar, e vinham todos de mulas; os portuguezes chegaram logo acerca, sendo mais que elles, ca eram sessenta de cavallo com suas espadas cintas, sem outras armas nenhumas; e como os outros viram que os portuguezes eram tão perto do rio, como elles, moveram todos pera fundo, de guisa que entraram de sum na agua, e des-ahi no lizirão, ficando os escudeiros fóra, cada uns de sua parte.

Entonce fizeram suas reverencias uns aos outros, tirando uns sombreiros, e beijando-os nas faces. Os portuguezes quizeram fallar a pé, e elles disseram que bem fallariam de bestas; e juntos d'esta guisa, estando um pouco callados, disse o bispo ao arce-

bispo primeiro, dizendo que fallasse, e elle respondeu que dissesse elle, e assim se refertaram tantas vezes quem havia de começar, que fallou o arcebispo primeiro, dizendo que bem sabiam o accordo que ficara nas treguas feitas de dez annos, que logo a cabo de seis mezes, como publicadas fossem e as entregas feitas, se fallasse no trauto da paz; e que aquelle termo fôra muitas vezes espaçado a requerimento seu d'elles, e que ora eram alli vindos pera aquelle mesmo, e pois para aquello eram juntos, que lhe parecia que era bem de ter em ello tal maneira, por que a paz com ajuda de Deus fosse entre elles firmada com todo o bom amorio, dizendo assaz de razões porque se devia de fazer; e esto largamente e bem ordenado, acabado seu fallar, o bispo tirou o sombreiro, dizendo que era verdade, emadendo outras tão boas por latim, e por linguagem, allegando Cassiodoro e outros Doutores da Igreja, do bem que se seguia da paz, cujos ditos lettradamente a seu proposito excitava, e concluindo todo, veiu a dizer que pois esta paz pelos portuguezes já outra vez fôra pedida, e ora isso mesmo a demandavam, que prestes eram de a tratar, mas porque el-rei de Portugal devia fazer algumas emendas a el-rei de Castella por cousas que foram não devidamente feitas nas guerras atraz passadas, que cumpria de se fallar em ellas, por todas as cousas que tratadas fossem serem postas em boa igualança, que em estas cumpria primeiro de departir, e fallaram logo em ellas quanto lhe aprougue, dizendo que mais largamente lh'as enviariam depois por escripto.

Os de Portugal disseram que taes cousas não eram pera ementar por palavra, nem escripto, nem as reduzir em memoria, salvo fallar em bem de casamen-

tos dos de uma parte com outra, e nos bons dividos que haviam, e similhantes cousas todas inductivas de paz, e leixar as chagas soldadas, que por taes razões tornariam a deitar sangue; e elles disseram que não podia ser d'outra guisa, por bem e concordia d'ambas as partes por vêrem mais certo que taes eram; des-ahi espediram-se uns dos outros, e foram-se.

CAPITULO CXCI

Das razões que entre os trautadores foram falladas, e como se não concordaram.

Partidos os embaixadores pera onde pousavam, mandaram um escripto aos de Portugal, que começava d'esta guisa:

«Porque justo e razoado parece por tirar de raiz as discordias, e matar os riscos das cousas passadas, que todos os homens, especialmente os reis, que tratar querem de se ligar por amor, e que as discordias e guerra que entre elles são, e podem ser, sejam tiradas de todo, e venham á paz limpa e de boa vontade, que os trautos de suas avenças sejam taes e assim direitos, que a parte que com razão pede emenda e corregimento, seja razoavel e devidamente satisfeita n'aquello que justamente demanda e pede, e assim consirando as cousas passadas que entre Portugal e Castella até aqui foram, e serão adiante, e nós pela graça de Deus somos aqui vindos pera tratar, se a ella aprouguer, perpetua paz, por não

virem outras, cumpre que seja assim ordenada, que todas as cousas por boa e razoada igualança feitas, liguem os senhores que as fazer mandam, em bom amorio e paz de vontade, e porém nós os embaixadores de nosso senhor el rei de Castella, leixando muitas cousas das que por sua parte, justa e razoadamente demandar podiamos, e da outra ser outorgadas, porque as vontades d'el-rei nosso senhor, e da rainha sua madre e do infante D. Fernando, seus tutores e regedores de seus reinos, que nos a nós cá mandaram, são em tal feito claras e boas a esta parte, respondendo ao trauto da paz sobre que é começado de fallar, dizemos de presente que pera ser firme, e qual deve entre el-rei nosso senhor e seu adversario de Portugal, que elle é teudo de outorgar e fazer estas cousas que se seguem:

Primeiramente que porque taes principes, depois das pazes feitas, não podiam estar sem grandes fadigas e inquietações, e aquelles a que nas guerras passadas foram tomados bens de raiz, e villas, e logares, e quaesquer outros que lhe não fossem tomados, que as pessoas que os de Portugal em Castella haviam, ou de Castella em Portugal, do tempo d'el-rei D. João de Castella, e d'el-rei D. Fernando de Portugal até entonce, que todo lhe fosse cumpridamente tornado, segundo os que primeiramente possuiam.

E que porquanto as boas obras ligeiramente venciam os corações, e os traziam a grande amizade, que el-rei de Portugal por serviço de Deus e exaltamento de sua fé, ajudasse el-rei de Castella, quando houvesse guerra com os mouros, por mar com dez galés, seis mezes á sua custa, ou por terra com seis-

centas lanças e dois mil homens de pé, por essa mesma guisa.

Outrosim, que todas as despezas que el-rei de Castella, que veiu á batalha, avô d'este D. João que reinava, fizera na guerra em sua vida, e quanto gastara em manter os logares que por elle tomaram voz, e isso mesmo o que dispendera na guerra que se por a tomada de Badalhouce começara, em vida d'el-rei D. Anrique, as qaaes chegariam a grão somma de contos da moeda de Castella, que todo el-rei de Portugal era teùdo de pagar. Mas que por bem da concordia e amizade, que se queriam atrever a tanto abatimento do que pedir podiam, que não fosse el-rei teùdo a mais pagar que sessenta contos de moeda velha de Castella, que eram um milhão e setecentos e dezeseis mil dobras, contando trinta e cinco maradevis por dobra; não sendo esto a decima parte do que montava no que obrigado era.

Os de Portugal vendo esto e outras mais cousas que em seu escripto pediam, por outro que lhe enviaram, responderam d'esta guisa:

Que quem taes cousas como aquellas entre reis que tão bons dividos haviam. iam espertar a poer em capitulo, que pouca vontade nem zêlo havia de os concordar e poer em paz. Porque se el-rei de Portugal quizesse demandar e requerer similhantes, e muito móres cousas, bem o podia fazer por direito, mas que por honra d'ambas as partes era melhor cessarem de todo, que se haver de fallar em ellas.

Porém se seu senhor era tão piedoso e de tão boa consciencia, que taes pessoas de um reino a outro todas queria que fossem satisfeitas, que bem lhe prazia vêr em escripto quaes eram, e de que estados, e elles dariam outro dos bens que pedir podiam.

E quanto era da ajuda que pediam que el-rei de Portugal houvesse de fazer, disseram que mal parecia tal requerimento em quanto se por palavra e escriptos chamassem adversarios um ao outro; mas depois que as outras cousas fossem concordadas, e postas d'assocego como cumpria, que entonce era pera fallar e requerer qualquer ajuda, e d'outra guisa não.

Aos damnificamentos e despezas que foram feitas nas guerras passadas, e todas as cousas que n'aquelle capitulo pediam, lhe foi respondido:

Que tantas e muitas mais era seu senhor teudo e obrigado a pagar, quando lh'as por direito demandar quizessem, como se bem mostrar podia, mas que por serviço de Deus e bem de paz, e honra de um reino e d'outro, não cumpria fallar em taes cousas, mas serem affastadas, e todas quites de uma parte a outra, pero se isto não quizesse, salvo ir por tal feito em diante, que lhe dessem escriptos as pessoas, e nomeassem seus bens, e elles lhe dariam outro similhante, que pezasse mais que o seu.

Entonce deram escripto em um rol estes, a que pediam que entregassem os bens e terras que em Portugal haviam elles, e os filhos d'alguns, a saber: o conde de Vianna João Rodrigues Portocarreiro, Ayres Gomes da Silva, Martim Affonso de Mello, Affonso Gomes da Silva, Alvaro Gil de Carvalho, Fernão Gonçalves de Sousa, Gonçalo Rodrigues de Sousa, Gonçalo Vasques de Azevedo, e d'outros contados por nome até cincoenta e seis, afóra outros cavalleiros, donas, escudeiros e pessoas, de que se entonce não accordavam, nem haviam informação.

Os de Portugal deram outro do que seu senhor demandar podia, que eram ametade das terras que

foram tomadas ao Conde D. Affonso, que pertenciam á condessa D. Isabel sua mulher, sobrinha d'el-rei de Portugal, filha de seu irmão el rei D. Fernando, e des-ahi Aguilar de Campos, com todas as terras que foram dadas a D. Pedro, filho do Conde de Vianna, e Salvaterra com todos os logares que foram do Conde D. Alvaro Pires, que pertenciam a D. Pedro de Castro, seu filho, e as terras e logares que eram de Vasco Martins de Mello, e mais as penas das terras da rainha, que foram dadas a sua mulher, e isso mesmo os jantares das ditas terras de Vasco Martins de Mello seu filho. Outrosim Micer Lançarote, que havia Fonte Guinaldo, e outros logares; os castellos e logares que a Martim Gonçalves seu filho, des-ahi Alarcão e outras terras que foram dadas a Gil Vasques da Cunha, e assim as dignidades e bens que havia o abbade de São Justo, e outros assim nomeados, pouco mais de vinte pessoas, dizendo que não vinham avisados d'esto, nem haviam prologo de mais outra informação, e com esto cento e oitenta mil dobras das penas dos prisioneiros, e cincoenta mil das sentenças julgadas, e cincoenta mil da tomada das naus que de Genoa vinham, e assim os damnos e interesses, e outras cousas muitas; e emaderam mais em razoado, e disseram mais por palavra:

— «Senhores, nós quanto mais pensamos nas cousas conteudas em vosso escripto, tanto nos parece escusado fallar em ellas, porque adur se podem razoar taes feitos, que se d'ella não gere escandalo e mal querença, e não paz nem outro bem nenhum, porém nos parecia d'aguisado fallar na paz simplesmente, e não nas discordias e odios passados, como já dissemos; a qual não deve ser embargada por

proveito de pessoas privadas, a que pertence a mór parte de quanto dissestes e daes em escripto; ca aquelles que se d'estes reinos foram, por qualquer razão que fosse, e vieram contra elles a lhe fazer guerra, bem mereciam perder os bens, pois desserviam nosso senhor el-rei, vindo contra a terra de onde eram naturaes, não cahindo em menos erro, ca senão foram seus vassallos, mórmente os que reconheceram por senhor, fazendo-lhe vassallagem, recebendo d'elle muitas mercês, que são a maior parte dos que andam em Castella; e a paga que dizeis que el-rei de Portugal deve fazer por emenda das cousas passadas, vista a guerra que por seu azo foi ordenada, por esses trautos que allegaes, se pode bem mostrar que elle não é teudo a nenhuma cousa, pois tinha justa razão ds se defender de seus contrarios; mas que os reis de Castella os quebrantaram, e são teudos ao por vós pedido, e muito mais ao que por sua parte podiamos pedir, se quizessemos. ca alem do que é dito, bem podia el-rei nosso senhor pedir que lhe sejam entregues as terras que o duque de Alencastro deu á rainha D. Filippa, sua filha, em casamento com elle, das quaes lhe fez pura doação sendo elle rei dos reinos de Castella e sua mulher D. Constança rainha, outorgando a infanta D. Catharina sua filha, nossa senhora, rainha de Castella que ora é. E d'esto tem firme doação assignada por suas mãos, e sellada dos seus sêllos, a qual poderamos trazer pera a vêrdes que tal e, e nomes de muitas mais pessoas das que ementadas temos, se souberamos que em taes cousas houvereis de fallar; mas porque a serviço de Deus e concordia d'estes feitos não se requerem taes caminhos pera vir a paz, não nos foi com ello fallado, nem vinhamos per-

cebidos de responder a tal demanda, ca se taes cousas fossem cumpridoras de pedir pera bem da paz, tantas e mais fortes que as que vós tendes, temos nós que razoar podiamos por nossa parte; mas a nós nem a vós, pera bem da concordia, não cumpria fallar em cousas que renovam odios e imisades, mórmente quando vós sabeis que já esto foi pedido outra vez de vossa parte, tratando-se a paz pelos alvidros de um reino a outro, e nunca vos em tal cousa cahiram, nem em parte, nem em todo; demais sendo vós bem certos que uma parte, nem outra, taes sommas de dinheiros não havia de pagar, por mui culpado que fosse, que ante não soubesse dispender em guerra contra seu adversario; e porém não cumpria fazer menção de cousas que geram novos odios, que tanto é contrario ao bem da paz e ao prologo de vosso escripto. á qual se vos prouver de nos chegarmos, abreviando todo e leixando esto que tocastes, quitando de parte a parte, entonce fallaremos na ajuda que pedis, e em outra qualquer cousa que bem e honestamente, com honra d'ambas as partes devia ser requerida.»

Responderam elles, e disseram :

—«Nós bem vemos vossas razões que com boas e sãs vontades por vós foram e são propostas, assim por palavra como por escripto, mas pois em tão santo negocio somos, em que se trata do bem da paz, a qual Deus por sua mercê traga a termos de boa conclusão, convén todavia de se fallar, segundo dissemos, nos males e damnos que passados foram, e em quaesquer outras cousas que chãmente com direita consciencia entendemos que se devem de fallar, por todas as cousas ficarem chãs, e em tal estado, como se nunca entre taes reinos houvesse

guerra nem discordia, salvo boa paz, e boa amizade e irmandade; e d'esto deve a vosso senhor prazer muito, porque fallando-se taes cousas, por ellas se póde melhor vêr a razão e direito que cada uma das partes tem, de que tratando, se segue egualdade, e cessam os afincamentos que os principes depois das pazes feitas pódem haver de seus subditos; mas porque nós allegamos muitas razões, que os que vieram contra o reino, fizeram o que deviam, vista a forma dos trautos, e vós dizeis que erraram muito guerrear a terra de onde eram naturaes, e dar-lhes galardão por o mal que fizeram, isso mesmo mostramos claramente que el-rei de Portugal é teudo pagar o por nós pedido, e muito mais, se demandar quizessemos, e vós affirmaes que el-rei nosso senhor não é obrigado em muito mór quantia, e sendo tão contrarios nas cousas em que pende a mór força do trauto, nunca havemos de ser concordados. Porém nos pareee ser cousa justa. por bem d'ambas as partes, que houvessemos um juiz que, vendo todo, determinasse em certo qual d'ellas tem o direito. Mas porque o tal haver não podemos, seria bem feito que o primeiro Papa que ahi houver, a que todos obedeçam, conhecesse d'esto, e elle o determinasse até dez annos como sua Santidade por bem visse, e os reis fossem teudos guardar seu mandado e determinação, sem mais duvida que pozessem em ello; e se até este tempo ahi não houvesse tal Papa, ou posto que o ahi haja, não determinasse de todo as cousas sobre que debatemos. que ficassem no ponto e estado em que ora são; e assim prazerá a Deus, que é verdadeira paz, que mais toste concludiremos em ella, querendo-vos vós chegar ao arrazoado.»

Os portuguezes responderam que outras cousas haviam ahi mais pertencentes pera vir á paz, como lhe já disseram, que aquellas em que fallar queriam, pois que adur nunca podiam ser determinadas, mas pois em juiz e Papa fallavam, que el-rei seu senhor não havia mister outro Papa, nem juiz pera livrar tal negocio, salvo o mui alto Deus, que em similhantes feitos já outra vez pozera seu juizo; e pois seu senhor leixava de sua parte quanto demandar podia, e elles da sua não queriam fazer similhante, que bem se podia dizer d'elles o que disse Jesu Christo aos judeus, quando lhes fallou que não cuidassem que viera metter paz na terra, mas espada, e apartar o padre do filho, e a filha da madre.

— «E vós, disseram elles, parece que não viestes por metter paz em estes reinos, mas espada e guerra, como já em outro tempo houve, e apartar os bons dividos que entre os reis d'elles ha.»

Tornaram entonce a dizer que não podiam fazer al, nem minguariam d'aquello que á primeira por elles fôra proposto, porque assim lhes era mandado, e o traziam por escripto.

A esto lhe foi respondido que se o elles assim haviam de seus senhores, que sua estada era alli debalde, e não cumpria dispender mais tempo sobre tal negocio, e que melhor era a el-rei seu senhor ficar em guerra depois das treguas, que lhe outorgar as cousas que pediam, pois nas que elle demandava, não queriam consentir; e assim se partiram uns dos outros, ficando o trauto abrido e não desatado.

CAPITULO CXCII

Das razões que a rainha D. Catharina enviou dizer a el-rei, e do que lhe foi respondido.

Foram-se os embaixadores pera Castella, e contaram a seus senhores aquello que lhes com os de Portugal aviera, e como tal feito ficara sem nenhuma conclusão, e entendiam que sempre ficaria por muitas vezes que sobre esto lá fossem.

A rainha D. Catharina, que muito desejava paz e assocego entre Portugal e Castella, vendo quanto cumpria a seu filho, segundo a sua tenra edede; desahi os annos das treguas se gastavam indo, e mais os bons dividos que entre elles havia, que muito contradizia haver entre elles tal guerra, tendo d'esto esperto sentido, trabalhou de tal guisa, que o infante D. Fernando, tio d'el-rei, e todos os grandes do reino, do conselho de seu filho, leixaram ancarrego a ella que fallasse no trauto de paz e egualasse quaesquer cousas que a ella pertencessem, e ella o fez logo saber em Vizeu a el-rei onde entonce estava, dizendo que se elle quizesse chegar-se a razão aguisada sobre as cousas em que se até alli não accordaram, que ella entendia poer ahi taes meios pelo grão divido que d'ambas as partes eram, que os feitos viessem a bom fim, e que mandasse lá seus embaixadoree; e el-rei respondeu áquelle que lhe o recado trouve, que elle os mandara já por vezes ao extremo fallar no fim d'esta paz, e que sempre por sua parte foram requeridas tão desvairadas e desiguaes cousas,

ue nunca em ello fôra feito nada e sempre o trauto cara aberto, sem nenhum bom fruito que de fal alla nascesse; e que portanto duvidava de os enviar, porque mandando-os a sua casa, sendo-lhe pedidas taes cousas como até alli foram, as quaes elles não haviam d'outorgar, e tornarem se sem o tra boa firmeza, que os não entendia de os mandar lá, a menos de saber d'ella o sobre que havia de ser fallado.

Partido el-rei pera Santarem, chegou João Rodrigues, arcediago de Gordom, com resposta da rainha, dizendo todavia a el-rei que lhe mandasse dizer sua tenção n'aquellas cousas que se cumpria de se fallar no feito da paz, e que ella, como medianeira, a todo o seu poder o faria vir a toda boa concordança, e el-rei lhe mandou aquella resposta que por seus trautadores fôra dada aos de Castella sobre as cousas que pediam, dizendo que elle e seus reinos eram os damnificados, e que a elle fôra a guerra injustamente feita, e cumpria de receber d'ello emenda, mas pera se tratar boa paz entre elles, que de uma parte nem d'outra taes cousas não deviam ser pedidas, porque antes se metteria a toda guerra, que podesse ser qualquer d'elles que aquello fosse obrigado, que o haver d'outorgar; e quanto ao que dizia que pozessem tal feito em mão do Papa que os houvesse d'ouvir, e estar por sua sentença, que tal cousa pouco proveito trazia a nenhuma das partes, porque fazendo-se a paz sob tal esperança, os annos que passassem até áquelle tempo, e desahi até que a sentença fosse dada, sempre estariam em duvida e em lide de demanda uns com outros, e dando sentença por uma das partes, como era de cuidar, que mal soffreria a outra execução em seus

bens, valor de trez ou quatro milhões d'ouro, mórmente poer esto em mão de um juiz, que por affeição ou outra cousa porque se os homens costumam de mover, ligeiramente julgaria á vontade de uma das partes (ainda que fosse Papa), porque a outra seria muito perdidosa, e que em tal cousa não era de fallar.

Outrosim, que no que demandavam que por trauto se obrigasse a lhe dar ajuda contra os mouros, disse que por nenhuma guisa o faria, porque a mais grave cousa que a alguma pessoa posta em estado e honra, podiam demover que fizesse, assim era demandar-lhe tal cousa, porque parecesse que a fazia por modo de obrigação, e porque tal ajuda, fazendo-a por trauto, bem mostrava por ello ser feita, que tal partido não era de commetter, ca pois que natureza e amizade, se a Deus entre elles pozesse, constrangia a fazer tal ajuda, que não havia mister tal requerimento, que fazendo-o lhe fosse verganha.

A outra, em que lhe era requerido que perdoasse a todos os portuguezes e lhe tornasse os bens, respondeu que ouvir tal cousa, a toda a pessoa fazia aborrecimento, mórmente a aquelles que o receberam por senhor, que não havia mais contraria cousa á humanal natureza, que haver de fazer bem a aquelles que lhe erravam, recebendo d'elle muita honra e mercê, e que bem via ella, e os de seu conselho podiam entender, que quem tal espelho cada dia visse em sua casa, que lhe não seria saborosa cousa, nem vista, mórmente os que se foram na ida de Martim Vasques, e demais fazel-o por força de trauto, como elles requeriam, e que pera a paz ser bem feita, e a honra de cada uma das partes ser guardada, que lhe rogava como irmã e amiga, pois

d'esta cousa tinha carrego, que o quizesse poer em bom fim.

Partido João Rodrigues com este recado, tornou outra vez a Lisboa, onde el-rei já estava d'assocego, não em fórma de embaixador, mas com uma carta de crença, guarnido porém de muitas razões pera fallar no feito da paz, segundo parece, que lhe foram encommendadas, as quaes brevemente resumidas propoz ante el-rei d'esta guisa:

O que a mui alta e mui nobre senhora rainha de Castella manda a mim João Rodrigues, seu creado, que a vós, mui nobre senhor, rei de Portugal, seu mui claro e mui amado irmão, da sua parte dissesse, é esto em conclusão:

Que ella bem viu a carta que lhe enviastes sobre as cousas que vós pelos trautadores da paz, por sua parte foram requeridas, das quaes a primeira e a segunda vos não prazem, e a terceira dizeis que natureza e amisade constrangem fazer-se tal ajuda sem mais obrigação de trauto, e que d'outra guisa traz vergonha e prasmo ao que a fizer.

A quarta quando se a emenda houvesse de fazer aos portuguezes que aos da guerra primeira, que vossos vassallos não foram, se devia de fazer, mas aos outros não, e que todo bem esguardado, que os da sua parte entendem que el-rei seu filho ha razão d'esto demandar, e as escusas por vós dadas não são de receber, mas porque as vontades dos homens são desvairadas, e não se concordam assim de ligeiro, foi necessario a ordam de juizo entre elles por o juiz haver de declarar qual das partes tem razão, posto que seja contra vontade de uma d'ellas, e haja d'esperar sentença, e porque entre os reis, que superior não conhecem, o Papa por direito fica

seu juiz, pede ella que vos praza que o primeiro Papa que ahi houver a que todos obedeçam, determine esta cousa, e que esto não deveis recusar, pois que vos razão requer, e vós se quizerdes esto, não torva a paz, a qual tira os grandes males que se na guerra fazer podem, ca posto que o preito seja chamado lide, mais ha mister tal lide, leis, e decretaes e livres de direitos, que buscar outras armas pera ser vencida; e o que condemnado fosse segundo lei de Deus e razão natural, deve attender a execução, que os principes, quanto mais poderio de Deus recebem, tanto mais sujeitos devem ser á razão e á lei, mórmente quando tal sentença é dada por aquelles a que todos os direitos privam, e tiram a suspeita.

A outro capitulo diz minha senhora, a rainha, que bem entende ella que segundo o grão divido que entre vós ha, e o amor que se accrescentará. Deus querendo, por azo d'esta paz, que em razão está que seu filho e ella ajudassem a vós e a vossos filhos nas cousas que vos cumprissem, e vós assim a elles, mas que entre os reis e principes, ainda que haja grandes dividos, sempre costumaram firmar suas amizades por lianças e obrigações, ca esto accrescenta a amizada e traz mór segurança, e d'ahi outro proveito, que aquelles que sabem taes lianças e obrigações, não ousam poer entre elles senão bem e amor, e são sempre mais timidos, que não sómente receiam aquelle contra quem se mover querem, mas ainda seus alliados, e que se a vós prouguer pensar bem em esto, que pera vós e pera vossos filhos será grande proveito, reinando em paz e assocego, sendo sempre poderoso de fazer vossa vontade. E que os homens devem esguardar o que avir pode, ca mui-

tas vezes aquece alguns ser em guerra, e de ligeiro ser em mui breve em paz e viver em folgança, e outros que pensam d'estar em assocego, levantar-se entre elles, porque vivem em guerras e tribulações; e porende queria ella, como está em razão, que aquelles que natureza e divido obriga de se ber querer, que de feito assim o cumprissem por obra, de guisa que todos entendessem que eredes uma cousa, e que os vossos feitos eram seus, e os seus eram vossos, e que não foi sua tenção, nem Deus quizesse, que trauto nenhum fosse feito n'esta materia, que a vós fosse vergonhoso, mas egual a ambas as partes, e que se porventura a vós praz que se tire aquella limitação da ajuda contra mouros, que entonce fique o trauto chão, a saber:

Que nas guerras que el-rei seu filho e os que d'elle descenderem, geralmente houverem, que vós e vossos successores o ajudeis, com certo numero de galés á vossa custa, e isso mesmo faça elle a vós, e os que apoz elle reinarem, e d'esta maneira não haverá vantagem de uma parte a outra, e se cuizerdes que d'esta guisa se faça por terra, que assim se ordene, o que d'esto em se fazendo vem a vós e a vossos filhos muito maior proveito, que a el-rei seu filho de grande ajuda de navios ou de homens d'armas que lhe fazer podesseis, ca por aqui seguraes vosso estado e linhagem pera todo sempre.

Em vos requerer que torneis os bens aos portuguezes que se pera Castella foram na guerra primeira e segunda, diz a rainha minha senhora que o não deveis haver por aggravo, ca de vós o deveis fazer, por serem notaveis pessoas e naturaes d'esta terra, e andarem assim fóra d'ella por cousas que muitas vezes costumam d'aquecer; e querer agora entrar

em questão se fizeram bem ou mal, que é a questão entre vós e a rainha D. Beatriz sobre o direito d'este reino, ca assim os primeiros como os segundos, todos teem razões e escusas que fizeram o que deviam, e querer poer esto em disputação, não convem a vossa honra e estado, mas perdoar o queixume que d'elles tendes, tornando-lhe todo seu e fazendo-lhe outras mercês com que vos sirvam, e não andarem fóra da terra, ca propria cousa é dos reis perdoar, mórmente o que toca a suas pessoas, e se bem semençardes os feitos passados, assim em Castella como em outros reinos, achareis que d'esta guisa o costumaram fazer os principes, perpetuando por aqui sua honra e estado, recebendo de taes pessoas grandes serviços e proveitos; e porém vos roga muito a rainha minha senhora, que pois é feito de direito, que não tenhaes em conta tal paga e outorgueis este capitulo.

El-rei, presentes os do conselho, ouvindo estas razões um pouco como sorrindo, entonce disse:

— «Digo-vos, arcediago, que vós haveis mui bem fallado se vossa prégação fosse nova, e não fosse ainda ouvida, mas já esse sermão foi tantas vezes prégado, assim pelos embaixadores que vieram fallar na paz, como por cartas da rainha que nos sobre ello enviou, que já o sabemos todo de cór, e não cumpre ser por vós repetido, posto que mudeis mais doces palavras, por demover que vos haja de crêr; ca em o que á primeira disse e me pareceu, isso digo agora, e parecerá sempre que liança com taes condições, quejandas sempre demandaes, que nunca entendo de as fazer; e leixando os outros capitulos em que fallar não cumpre por bem da paz vir a honesto fim, sómente esta da liança com taes partidos,

eu não dou logar a se fazer, por ser vergonhoso a nós, e cahir em grande mingua; ca posto que pelas palavras pareça esto bem igualdado ser, quanto a obra é bem desigual, porque Castella tem muitas nações, assim como: França, Navarra, Aragão e Grada, com que pode haver guerra, como ora tem abrida, pera as quaes nos podia requerer tal ajuda, e nós, posto que guerra podessemos haver, não temos senão Castella só, e havendo paz com ella, ficamos teudos de lhe dar como logo cumpre d'haver, e elles a nós não, pois que a mister não havemos, e posto que taes cousas esguardar não quizessemos, era forçado quem nos visse fazer taes ajudas, e elles a nós nenhuma, que dissesse que por comprar paz faziamos tal feudo, e lh'a davamos em logo de pareas, o que era assaz desigual e grande nosso prefaço; assim que sobre esto não cumpre prégar mais.»

— «Mui alto e nobre senhor, disse João Rodrigues, pois vossa mercê não consente ser tal condição posta em feito de liança dizendo que é desigual, posto que á rainha minha senhora pareça direita igualeza, ella vos roga que se trate esta paz sem poer este capitulo, mas que se faça esta ajuda de fóra por cartas firmadas d'ambas as partes, que jurem todos guardar este segredo e não ser descoberto, salvo não querendo alguma d'ellas cumprir o que se na carta contivesse, e quando tal ajuda houver de ser pedida, que o fosse por divido de amor e parentesco, e não por força de liança, e assim cessará todo o que se dizer pode contra esto.»

— «Rogo-vos que me digaes, disse el-rei, que differença fazeis vós de tal capitulo a este em que fallastes, que não seja todo um, salvo quanto quer mostrar que se faz mais encobertamente por encobrir

nossa mingua, dando-se cartas d'essa guisa que dizeis, ante é mais feio que o primeiro, porque sabendo esto os do conselho d'ambas as partes, como convinha de fazer a saber, não podia ser que por algum modo descoberto não fosse, e sabendo-se como era forçado esto, haveriam já por a mor vergonha e prasmo, ca bem entenderiam que se não fazia por tal modo, senão por encobrir a sujeição em que nos meitejamos, pois tal partido é bem vergonhoso, não cumpre em elle mais de fallar.»

— «Ora senhor, disse o castellão, pois vós d'estes ambos tendes despedido, ainda tenho outro pera dizer, que por contemplação da rainha vossa irmã, é por força d'outorgardes, o qual é: que por serviço de Deus por que se isto faz, des-ahi por assocego d'ambas as partes, que vos praza d'ajudardes el rei seu filho n'esta guerra dos mouros que tem começada, por vossa pessoa quatro annos, com certos navios e homens d'armas segundo cumpre a vossa honra, e que se leixe todo o outro tempo, e que esto deveis fazer de boa vontade, a uma por serviço de Deus, porque se a guerra principalmente faz, a outra, pois que toda vossa vida dispendestes em guerra de christãos, espargindo muito sangue d'elles, que isto fosse como emenda e pendença de vossos peccados, e de mais grande louvor quanto ao mundo ajudardes a conquistar terra de que tanto mal ha vindo a todo Hespanha, que bem sabeis vós que nos passados tempos os móres do mundo se houveram por honrados de vir ajudar a esta conquista.»

— «Já vos respondi, disse el rei, que ajuda por trauto em nenhuma guisa entendo fazer, e se ella bem vira a carta que lhe de Santarem mandámos por Alvaro Gonçalves da Maia, escrivão da nossa

camara, não nos mandara esto requerer, por ser fóra de igualdança e muito desaguisado, ca se lhe nós escrevemos que nenhuma ajuda por trauto entendiamos d'outorgar, muito menos o fariamos por nosso corpo, havendo de ser por força de trauto, posto que fosse sob figura de liança e por serviço de Deus, assim que n'esto não cumpria fallar mais, nem mandar outros mensageiros, como ella escreve que vão, porém consirando em o grande amor que entre nós ha, porque lhe prougue de tomar d'esto carrego, des-ahi por não darmos logar ao inimigo da humana geração de semear odios e discordias onde Deus deu tamanhos dividos, posto que já lhe de todo mandassemos resposta da guisa que comnosco fallámos, a nós praz de mandarmos lá nossos mensageiros, e este recado lhe levar.

CAPITULO CXCIII

Quaes embaixadores el-rei enviou a Castella, e da carta que sobre ello enviou á rainha.

Partiu o arcediago pera Castella, e el-rei ordenou d'enviar a lá um honrado fidalgo, seu alferes mór, chamado João Gomes da Silva, e dois doutores com elle, um diziam Martim Docem, e outro Fernão Gonçalves Belcago, e estes mandou el-rei corregidos como cumpria á sua honra e estado, e por elles uma carta que dizia d'esta guisa:

«Mui cara e mui amada, a quem com todo o nosso coração inteiramente bem queremos, irmã amiga,

rainha de Castella e de Leão. Nós, el-rei de Portugal e do Algarve, vos enviamos muito saudar como irmã e amiga que muito amamos e prezamos, pera que queriamos que Deus desse tanta saude e vida e honra, como vós mesmo desejaes. Mui cara e mui amada irmã: Fazemos a saber que João Rodrigues, arcediago de Gordom, vosso creado, chegou a nós e nos trouxe vossa carta de querença, pela qual nos prometteu trez partidos em feito das lianças que nos ante por elle enviastes dizer, dizendo que vos parecia fazerem-se por aquelle modo entre nós e vosso filho com trautamento das pazes, dos quaes um era que em todas guerras que vosso filho e seus successores houvessem contra quaesquer pessoas, que nós e nossos herdeiros o ajudassemos com dez galés armadas a nossa custa, e isso mesmo fizessem elle e os que depós elle viessem, a nós e a nossos descendentes. Outro era que tal partido de lianças não fosse feito por trauto, mas simplesmente de fóra por nossas cartas e vossas, e que a ajuda que se houvesse de requerer, fosse pelo bom divido e amisade qua entre ambas as partes era, e não por as ditas cartas, e que todos jurassemos as cousas em ellas conteúdas a nenhum ser descoberto, salvo fallecendo alguma das partes das condições n'ellas postas, e que entonce podesse dizer e requerer sem prasmo do juramento. O terceiro partido que nos disse, que nós por nossa pessoa com certos navios e homens, segundo cumprisse o nosso estado, ajudassemos vosso filho em esta guerra dos mouros por quatro annos, e que leixasse a ajuda do mais tempo.

Mui cara e mui amada irmã e amiga: Porque nos estes partidos todos trez parecem mui desiguaes a nossa parte, e muito fóra do que nos sempre dizer

enviastes, especialmeute o terceiro, que bem crêmos que nunca por vós foi demovido, mas por tal pessoa que pouco desejo havia de trazer taes feitos a boa fim, des-ahi por o arcediago outra cousa não trazer que nos da vossa parte dissesse, porém não quizeramos em ello mais fallar, porque sempre por parte de vosso filho são tão desvairadas e desiguaes cousas movidas, que parece sobejo poer mais mão em tal feito. Pero por serviço de Deus, e por não contrariar do bom divido que entre nós ha, dando logar ao Principe das discordias, des-ahi por vossa contemplação, nos accordamos de vos enviar sobre esto nossos mensageiros, pelos quaes podereis saber nossa final intenção, e rogamos-vos, como irmã e amiga, que vos praza por parte de vosso filho, breve e sem delonga, declarar de todo o ponto a sua, de guisa que taes feitos hajam tostemente fim, porque quando consiramos os bons divididos que entre nós ha, e a perlonga que comvosco, que sois nossa irmã, tantos tempos ha que dura sem nenhum fruito de bem, Deus sabe que a nossa alma é muito anojada, e sêde certa que nos fareis estremado prazer de uma guisa, ou d'outra, dar final determinação n'estes feitos, pois a vós são encarregados, mui cara e mui amada irmã.

CAPITULO CXCIV

Das razões que os embaixadores disseram á rainha por palavra e por escripto.

CHEGARAM os embaixadores a Castella, onde foram bem recebidos, e feita boa honra e agazalhado dos senhores e fidalgos da côrte, e leixando as saudações que a rainha e el-rei seu filho deram, as encommendações dos infantes de Portugal que pera suas primas irmãs d'el-rei levavam, isso mesmo pera o infante D. Fernando e sua muher e filhos, e as ceremonias do beijar das mãos, porque é cousa que todos sabem, as fallas que se dispenderam por trautamento d'esta paz, tornemos a nosso breve fallamento, e dizemos logo que as encommendações dadas á rainha ante que fallassem do infante D. Fernando, tio d'el-rei e seu tutor, disseram a ella d'esta guisa:

—«Senhora, nós somos enviados a vós por vos dizer algumas cousas da parte d'el-rei de Portugal vosso irmão, nosso senhor, e porém vos pedimos por mercê que nos assigneis dia e hora a que vos tornemos a fallar o que nos por elle é mandado.»

E ella disse que lhe prazia, e disse o dia e hora, e quando.

Entonce foram vêr aquelle infante D. Fernando, e ditas as saudações que pera elle levavam, disseram estas palavras:

—«Senhor, nós somos aqui vindos, porquanto a rainha, madre d'el-rei vosso sobrinho, fez saber a

el-rei nosso senhor por pessoas e cartas que lhe enviou, que vós e todos os do reino dereis cargo a ella de egualdar o feito d'estas pazes, em que se até aqui não concordaram, e porque elle viu que estes feitos iam a perlonga, visto o razoado que lhe deu a arcediago João Rodrigues, moveu-se de nos mandar cá pera esta paz haver fim, e porque nós, senhor, somos certo que quantas cousas á rainha fallarmos, todas vós haveis de saber, nós ora não vos faremos d'ella palavra, pero, senhor, tanto vos pedimos por mercê que n'estes feitos esguardeis o serviço de Deus, des-ahi prol e honra d'ambas as partes fazendo todo vosso poder d'egualdar bem esto, porque vimos de guisa que el-rei nosso senhor sinta quão boa tenção e vontade sempre n'estes feitos mostrastes por vós, e trazida a tal fim.»

O infante se offereceu a todo o que diziam com gracioso vulto; e partiram-se d'ante elle, e indo fallar á rainha, o que lhe disseram foi esto:

—«Senhora, el-rei vosso irmão nosso senhor vos envia dizer que bem sabeis como por Alvaro Gonçalves da Maia, escrivão da sua camara, e homem de que muito fia, fizestes saber que vós trabalhareis muito com o infante D. Fernando, e com os do conselho d'el-rei vosso filho, por estes feitos virem a boa concordança, e que a todos prouguera de vós serdes medianeira d'elles, e pois a vós eram encarregados, chegando-se elle a cousas aguisadas, que vós entendieis de ter tal meio que ambas as partes viessem a boa concordança, e que lhe prouguesse de mandar a vós seus mensageiros pera se poer esto em bom fim, e elle vos respondeu por aquelle Alvaro Gonçalves como já por vezes enviara seus mensageiros, satisfazendo ao capitulo da tregua onde falla

d'esta paz, e sempre por parte d'estes reinos foram taes cousas pedidas, que nunca de tal falla nasceu um bom fruito, e porém duvidava muito d'enviar seus mensageiros a vós, como lhe dizer enviaveis, sem saber de vós primeiro em que cousas vos prazia que se houvesse de fallar, ca se aquellas eram que lhe sempre fallavam e requeriam, escusada era sua vinda, pois que os d'outorgar não haviam, que vós lhe mandastes dizer por João Rodrigues, arcediago, a primeira vez que a lá foi, que vos enviasse dizer sua tenção n'aquellas cousas que entendesse que cumpriam de se fallar, e vós trabalharieis a todo vosso poder de as trazer a toda boa concordança, e elle sem mais detença vos enviou dizer por elle sua final intenção, e agora quando chegou a Lisboa, d'esta segunda vez que a lá foi, lhe fallou da vossa parte algumas cousas, que a el-rei nosso senhor parecem mui deseguaes, de que logo recebeu resposta, e não quizera mais em ello fallar, mas por vossa contemplação, segundo lhe escrevestes ordenou de nos mandar a vós, rogando-vos como irmã e amiga, em que ha grão fiuza, que olhando tão bons dividos como heis, des-ahi tão grande serviço de Deus, como se d'esto seguirá, egualdasseis estes feitos com honra d'ambas as partes, de guisa que nos tenhamos razão de consentir em ello.»

A rainha disse:

—«Que bem lembrada era de todo, e lhe prazia muito com sua vinda, mas por as cousas se melhor encaminharem, e mais toste haver despachamento, que cumpria de lhe darem em escripto aquellas cousas que por parte d'el rei seu senhor entendiam de dizer.»

Outorgaram que lhes prazia, e foram-se pera as

pousadas, e tornaram depois com um escripto, cujas razões eram estas:

«Mui alta, e mui nobre e mui excellente senhora: Por parte d'el-rei nosso senhor, vosso irmão, dizemos a Vossa Alteza que elle e os do seu conselho hão muito pensado em estes feitos da paz, sobre as cousas que por parte d'el-rei vosso filho até ora foram movidas, e que elle, e quantos são, vistas em quaes pretende haver direito, e as maneiras que de um reino e d'outro se requer, que não podem achar melhor via pera estes feitos virem a fim, e egualdade d'ambas as partes, sem vergonha e prasmo d'alguma, salvo fazer-se boa, simples e verdadeira paz, sem nenhumas outras condições; porque da paz feita simplesmente, não pode nenhuma das partes dizer que a alguma d'ellas, ou ambas, traga mingua nem prasmo, o que não é quando n'ella ha certas condições, que quantas mais são, tanto d'ellas mais recrecem novas tensões, e suspeitas, pelas quaes se dizer pode que a alguma das partes traz mais honra, ou mais mingua, e quando alguma sinta que em tal fallimento fica, ou que alguns assim o entendem, sempre seu coração está d'ello escandalisado muito, e busca caminhos e maneiras por se tirar d'ello a fora, porém tal amizade nunca fica certa e firme, como pela paz feita simplesmente.

E ainda, senhora, mais achareis que d'esta paz simples se segue a ambas as partes amor e aprovei tamento, e pretenças, e com muito melhor vontade, que quando é feito emadendo-lhe condições, porque na paz simples todas as cousas que se d'ella seguem entre as partes, procedem de grande amor e livre vontade, sem constrangimento de condição que obrigue; pois onde ha dividos tão chegados, não é ne-

cessario outra maneira, salvo aquella que arreda todos os nojos e escandalos das cousas passadas, que é a simples e verdadeira paz, sem lhe emadendo outras clausulas nem condições, e se esguardardes nos tempos passados, não as achareis feitas, salvo d'esta guisa. E não havia ahi porém taes divididos, como, a Deus graças, agora ahi ha, porém, senhora, vos pedimos por mercê, que pois esta é a final intenção d'el-rei vosso irmão, nosso senhor, que vos praza vêrdes e pensardes bem todo, e nos dardes cedo em ello livramento.»

CAPITULO CXCV

Das razões que por ambas as partes foram falladas no conselho.

Propoz a rainha em conselho que maneira se teria de fallar em estas pazes, e havido accordo por todos, disseram que não achavam melhor cousa em que se fallar podesse, pera o effeito da paz vir a boa fim, salvo aquella que o arcediago em Portugal propozera e que já outras vezes por seus embaixadores fôra requerido, porque da paz simplesmente feita, sem outra liança d'ajuda, não achavam nenhum proveito, que se a el-rei seu senhor seguisse.

Porque paz simples, diziam elles, posto que se razoa por alguns que é mais egual a ambas as partes, nunca uma de outra póde ser segura como e quanto, e em que guisa, d'elle ha de ser ajudado, ou se dirá depois, que não pode ser entonce, ou por-

ventura que não quer, e pois se melhor via não acha que esta, em ella todavia se deve de fallar; e assim concluiram.

Todos os portuguezes, sabendo tal conselho, e como haviam de responder a elle no dia que lhe foi assignado, foram a elle, e razoando disseram:

— «Senhores, vós haveis accordado que se não falle em paz simples, mas condicional com certas lianças, dizendo que na paz simples não ha nenhum proveito, e na feita com lianças assignaes muitas vantagens, e nós, senhores, não o pensamos assim, mas muito pelo contrario, porque na paz condicional, quantas mais partes em ellas são, tanto mais traz suspeitas e duvidas, e por as muitas extensões que se d'ellas tomar podem, tanto filham em si ellas azo pera se dizer: esto é mais honra, ou menos deshonra; o que não faz quando a paz é simples, e se vós esta causa fazeis por vos aproveitar d'alguma ajuda d'el-rei nosso senhor, isso mesmo elle de vós, por egualdade de trauto a paz simples a faz haver mais cumpridamente, e com melhor vontade, ca a paz com lianças, de que vem muitas tensões, sentindo aquelle que a fizesse, que ficava em mingua, ou que a podiam cuidar outros d'elle, posto que elle entendesse que não ficava n'ella, ou que necessidade lh'o fizesse fazer, seu coração seria escandalisado, e por tal escandalo não se moveria a fazer mais d'aquello que no trauto de tal paz fosse conteudo, e tanto que cada uma das partes tal intenção tivesse, ou lhe fosse dito que alguns bons a tal parte tomavam, que não era sua honra. logo cataria modos como se de tal escusa podesse sahir, e entonce era forçado que a parte que pensava haver d'elle tal ajuda pela paz de lianças, que a houvesse de perder, e demais a

amisade entre elles nunca seria firme nem verdadeira, e a paz simples não traz nenhuma cosa d'estas, ca n'ella não ha vergonha de uma parte nem de outra, nem cousa que possa tomar a mau respeito, mas de mostramento de limpa vontade, de guisa que se não pode nenhuma d'ellas fazer tão alta ajuda, por mui grande que fosse, que lhe possa ser reduzida a nenhuma vergonha.»

— «Verdade é, disseram os do conselho, que bem se podia interpretar, e ter tenção em tal ajuda da guisa que vós dizeis; mas porém havia mister de ser certa a parte que houvesse de fazer tal ajuda, como e quanto, e em que guisa se haviam d'ajudar um ao outro.»

Responderam e disseram:

— «Isso que vós dizeis era bem de se requerer entre aquelles que fossem inimigos, ou entre si não houvessem dividos, mas entre os reis que taes dividos hão, o parentesco só abasta por certidão, e firmeza de se fazer tal ajuda, e mais não hão mister, e nós somos certos d'el rei nosso senhor, que tanto que a paz fosse feita, os reis ficariam em tão grande e tão nobre amizade, alem dos dividos que entre elles ha, que não havia mister mais segurança nem firmeza, senão o amor de que se mariam ambos, pera se ajudar e aproveitar um do outro.»

— «E nós cuidamos muito, disse aquelle que fallava, porque não quereis tão boa paz como aquesta que dizemos, ca vós bem vedes que d'el-rei nosso senhor nem tendes cousa alguma, nem esperança de a haver, e pois d'elle não tendes, nem esperaes nada, porque não aventuraes este nada a muito? Ca vós não cahindo na paz simples, nem tendes d'elle o que pensaes d'haver, nem tereis d'ello esperança,

e cahindo em tal paz, ganhareis n'elle um bom e verdadeiro amigo, havendo d'elle aquella ajuda que lhe por trauto demandaes, e muito melhor quando se poder fazer, ca como dizeis, que as cousas que trazem em si suspeita de vergonha, movem os homens de leixar de fazer muitas cousas das que lhe são demandadas, e d'onde tal vergonha não nasce, e se segue honra e fama, são muito mais promptos e alegres de fazer aquello que de sua vontade e prazer lhes é requerido.

E porém como dizemos, vós deveis aventurar o mui pouco que pedis, que é ajuda por trauto, ao muito que se seguir onde por razão e azo da paz simples, mórmente que esta ajuda que vós requereis, de dez ou doze galés, é assaz pequena e de fraco proveito, sem emadendo em vós honra nenhuma, esguardada a grandeza de Castella, e portanto nos parece razoado aventurar esta pouca ajuda, que pedis e não tendes, á muito maior, que por boa e liberal vontade d'el-rei nosso senhor haver podeis, cada vez que lhe fôr requerida; e assim concluimos que a paz com lianças nunca será de tanto proveito, como a paz simples pode ser.»

E os do conselho aporfiando que com lianças, e elles que não, havia ahi mais limpa amizade, não se fallou mais aquelle dia.

CAPITULO CXCVI

Como os embaixadores fallaram a departe á rainha, e lhe foi outorgada a paz como a demandavam.

Vendo os embaixadores com quantas razões dizer podiam, que se não mudavam os do conselho a cahir em simples paz, salvo todavia com lianças por serem seguros da ajuda que haviam d'haver, tiveram geito de fallar á rainha não sendo ahi os do conselho, e fallando-lhe, disseram:

— «Senhora, vós haveis visto o que por nós foi proposto, presente os do conselho, e posto que entonce e depois a algnns d'elles dissemos por vezes que não achavamos mais formosa via pera os effeitos serem egualdados, como é o da paz simples, nem entonce, nem depois, não vos dão a entender que em ella queiram consentir, pero as cousas por nós ditas são tão razoadas, que se não pode cuidar outra maneira que melhor seja, ca se a entender podessemos, fallariamos em ella de boa vontade, e assim parece que nós somos desaccordados, e pois, senhora, assim é, dês hoje mais fica a vós, que sois medianeira n'estes feitos, segundo mandastes dizer a el rei vosso irmão, fazerdes aquello que melhor entenderdes, egualdando a honra d'ambas as partes, ca a nosso vêr, em pequena cousa está este desaccordo, pera Deus ser servido, e seguir-se grande paz e assocego d'estes reinos.»

— «Em verdade, disse ella, eu bem vejo as razões que vós dizeis, mas eu duvido muito de vos quererem cahir em nenhum partido sem lianças, por não serem seguros, nem certos da ajuda que se houvesse de fazer.»

— «Senhora, disseram elles, a nós parece que toda a duvida d'esta paz é por mingua de certidão, que vós não haveis tão cumpridamente como quereis haver; de que nós entendemos que deveis de ser muito certa, sem poendo em ello mais duvida, porque visto os grandes e bons dividos que entre el-rei e a rainha nossa senhora, e vós, seus filhos e os vossos ha, isto só a vosso entender é bastante certidão e confiança pera vos el rei nosso senhor fazer qualquer ajuda, quando lhe por vossa parte fosse requerida, sem havendo ahi mais obrigação de trautos, a qual não é honesta entre taes dividos, porquanto, ou vós quereis esta ajuda por trauto, por grão proveito que d'ello entendaes d'haver, ou por vos recrecer d'ello honra. Se por proveito, este parece ser mui pequeno, considerando as cousas que el-rei vosso filho ha de fazer na guerra, tanto por terra como por mar, ca onde tamanha força ha, e frota como el-rei vosso filho arma em cada um anno sobre mouros, e considerando o que faz por terra, pequena vantagem darão dez ou doze galés pera ajuda de liança, que tão pouco valem em vosso feito, e não poderdes tão alta cousa, como tendes começada, e que tanto é serviço de Deus por tal ajuda quererdes haver; e se o, senhora, fazeis por honra que se d'ello a vosso filho siga, havendo esta ajuda por trauto, esto não é logo feito como lhe vós sempre escrevestes, dizendo que vos prazia que fosse egual a ambas as partes, e demais, quem visse a uma tão gran casa, como é a

de Castella guarnecida de tão boas gentes, pedir ajuda a um tão pequeno reino, como Portugal, pera guerrear a uns poucos de estrosos mouros, de que não é de fazer conta, mais apregoaria, pedindo tal ajuda, sua mingua e fraqueza de coração, que ardileza e fouteza de bons guerreiros, e ora, senhora, vos queremos dizer o que escusar quizeramos; mas porque vêmos vossa tenção e por força que o digamos nós, senhora, somos muito maravilhados não fiardes-vos em el-rei nosso senhor, que tanto que elle houvesse paz com vosso filho, que vos elle não fizesse toda ajuda que pera vossa guerra e qualquer cousa cumprisse, ca um homem, que a vós e a vosso filho tanta bemquerença mostrou, como vós bem sabeis, quando vosso marido finou, ficando vós e vosso filho com grandes duvidas em estes reinos, e pensando el-rei nosso senhor que se moveria alguma cousa contra a honra de vosso estado, se vos enviou por sua carta offerecer a toda ajuda e favor, que vós d'elle e pelos seus cumprisse, e ainda por elle mesmo, se vos tanto mister fosse, como bem sabeis; de cuidar é que vos ajudaria, sendo por vós requerido, ca pois elle, senhora, se vos offereceu assim de bom talante, como aquelle que havia grão cuidado de vossa honra, como podeis mostrar que haveis d'elle tão pouca fiuza que se comnosco houvesse paz, não ajudasse a vós e a vosso filho, nas cousas que vossa prol e honra fosse. Certamente, senhora, a nosso vêr, melhor seria confiardes-vos de um homem que vos ama e preza esta cousa, e muito mor que quererdes d'elle levar por pazes com lanças, e fazer se com sujeição de trauto, o qual todo mundo, se se assim fizesse, bem veria que pouca fiuza havieis vós em elle, e que mais confiaveis em uma pouca de escri-

ptura, que no bom amor e divido que a rainha sua mulher e seus filhos hão comvosco e com vossos filhos, devia d'abastar pera d'esto sêrdes certa, como dizemos.»

A rainha louvava estas razões, dizendo que assim o entendia, mas porém pela regra—que primeiro são dentes, que parentes—, assim ella como os do conselho, por parte d'el-rei seu filho, fortemente tinham mão na paz com liianças, todavia por trautos feitos.

E foi debatido muito sobre ello por espaço de dias, e assim aprouve a Deus, que é verdadeira paz, que se tratou entre estes reis, um domingo depois de vespera, quatorze dias do mez de junho da era adiante escripta, de 1449, estando a rainha em seu estrado, mandou chamar os embaixadores, presente o bispo de Palença e o bispo de Segovia, e Affonso Henriques, almirante, e Diogo Lopes de Estunhega, e outros fidalgos e prelados, que mingua não faz serem nomaados, e presente todos lhe disse:

«Que ella havia trabalhado com o infante D. Fernando seu irmão, e com os do conselho d'el-rei seu filho e outros grandes do reino, e isso mesmo com os procuradores das cidades e villas que alli eram, e tivera com elles taes maneiras, que, a Deus muitas graças, a paz era concordada segundo a elles demandavam.»

Elles responderam o que por serviço d'el-rei seu senhor entendiam; e porque o infante não era presente, foram-lhe fallar á sua pousada, estando com elle João Alvares de Osorio, guarda mór d'el rei, e João Affonso, secretario da rainha, e outros; e perante estes disse o infante que bem sabia a resposta da paz que lhe a rainha sua irmã e senhora havia dado, e que dava muitas graças a Deus por estes

feitos virem a tão bom fim, entendendo que era serviço de Deus e grande bem d'ambos os reinos, e que Deus sabia que sempre seu desejo fôra não haver guerra com christãos, e que lhe parecia que fôra grande mal, onde havia tão bons dividos, haver guerra nem discordia; e outras boas razões que disse, que lhe em grande mercê tiveram.

Entonce foi ordenada boa e simples paz por sempre, com aquelles elementos e condições por que ella melhor valer podesse; de que leixando os geraes capitulos de entregas e juizos, e outros similhantes, communs a ambas as partes, em estes dois seguintes foi a substancia d'ella:

«Que el-rei de Portugal fizesse emenda aos portuguezes que entonce em Castella andavam, que se foram com a rainha D. Beatriz. e em tempo d'el-rei seu marido, a saber, aquelles que o não receberam por senhor, nem estiveram sob sua obediencia, e esto dos bens dos seus patrimonios, que em Portugal haviam quando se d'elle partiram; e similhavelmente fizesse el-rei de Castella a aquelles que em Portugal andassem, que em Castella houvessem bens.»

«Outrosim que os portuguezes, que em Castella houvessem bens patrimoniaes ao tempo que se a guerra começou, que lhe fossem tornados, ou feita emenda por elles; e que esto mesmo fosse feito aos castellãos que alguns bens de seus patrimonios haviam em Portugal.»

E esta foi a substancia de todo o trato da paz.

CAPITULO CXCVII

Como foi feito o trauto da paz, e em que tempo approvado por el-rei.

A paz concordada, querendo ordenar o trauto, foi-lhe presente uma forçosa duvida, em que tiveram assaz de cuidar, a saber:

A pouca edade que el rei havia, que era menor de sete annos, no qual tempo jurar não podia, nem se obrigar a condição de tal paz, até ser de edade de quatorze, ou havendo auctoridade de sua côrte. que eram os ouvidores d'ella, a qual se requeria ser dada por tal ordenança e perlonga que lhe seria mui má d'haver, e tarde.

— «Pois, senhores, disseram os portuguezes que d'esto carrego tinham, que eram o bispo de Çamora e um Doutor Pedreanes, que modo se terá em esta cousa, que chegando el-rei aos quatorze annos, bem pode approvar ou reprovar este trauto, e posto que o approve, taes pazes em tanto guardadas, mais pareceriam soffrença de guerra, ou treguas, que direita paz nem perpetua até aquella edade em que o direito ha o homem por perfeito pera entender se aquello que faz é bem ou mal, que é conto de vinte e cinco annos, e menos d'este tempo quanto fizer, tanto é debalde, e pode-se chamar enganado, e não será valioso, assim que a firmeza d'esta paz não ficará, salvo no juramento da rainha e do infante, e prelados e fidalgos e concelhos, e não sendo a paz

valiosa d'esta guisa, não era razão de se fazer o contentamento em ella posto, até que firmasse el-rei por juramento ao tempo que o direito quer, ca d'outra maneira ficaria el-rei de Portugal sem paz e com sua perda, tendo grande ajuda feita a seus inimigos com o que o podessem desservir e fazer guerra, e mais ainda muita despeza em fazer armadas e outras ajudas, que bem certos eram que as havia de fazer, como lhe requeridas fossem.»

Outorgado esto que era assim, foram fallar á rainhá, e propostas estas razões, disse que não curassem d'outro caminho, salvo d'aquelle que simplesmente ordenado tinham, ficando a paz em seu juramento e dos outros do reino, e quanto era a acouteza que se d'ambas as partes havia de fazer, que era ella certa d'el-rei seu irmão, e ella assim o entendia, que não podia haver senão por grão siso aventurar o pouco ao muito, e o que se havia de dar por tal satisfação, era mui pouco em respeito do bem que se da paz seguia.

Concordados em esto, firmaram o trauto n'aquella villa de Ilhão, onde entonce estavam, postrimeiro dia de outubro de mil quatrocentos e quarenta e nove annos; e depois que el-rei de Castella chegou á edade de quatorze annos, foram a lá outra vez esses mesmos embaixadores requerer-lhe que approvasse este trauto que pela rainha sua madre, e pelo infante D. Fernande seu tio, que depois foi rei de Aragão, em seu nome fôra feito, a esta sazão já ambos finados.

El-rei mandou lêr o trauto, e por algumas razões que sobre ello pensou, não foi entonce firmado nem ratificado, e tornaram-se os mensageiros, e depois mandou el-rei de Castella a el-rei de Portugal sobre

este negocio Affonso Garcia, deão de Santiago, e João Affonso de Samora, escrivão de sua camara, e concordaram com el-rei a maneira como el-rei de Castella jurasse.

Entonce mandou a Castella o muito honrado fidalgo D. Fernando de Castro, do seu conselho, e um Doutor em leis chamado Fernão Affonso, a requerer esta approvação; e na cidade de Avila, onde el-rei estava, postrimeiro dia de abril de mil quatrocentos e sessenta e um annos, em que a era entonce andava, approvou el-rei o dito trauto, e não por sempre, mas até seis dias de março de mil quatrocentos e setenta e dois annos, no qual anno elle fazia edade de vinte e nove annos, e mais quanto tempo elle quizesse, e assim se guardou cumpridamente até áquelle tempo; e ante uns trez annos que se aquelle tempo acabasse, foram a Castella dois cavalleiros chamados Pedro Gonçalves e Luiz Gonçalves, ambos irmãos, do conselho d'el-rei, e um Doutor Ruy Fernandes, e com estes concordou el-rei sobre a dita paz por sempre em Medina del Campo, trinta dias d'outubro de mil quatrocentos e sessenta e nove annos, na qual foram quites todas as pagas que os reis haviam de fazer aos que foram tomados bens, como em cima dissemos, e todas as outras cousas, por que cessou a guerra de todo, e veiu amor e boa paz, que hoje em dia dura, e prazerá a Deus que durará por sempre, como a estes nobres reis por si e por seus herdeiros outorgaram.

CAPITULO CXCVIII

Como a rainha de Castella enviou a el-rei pedir certa ajuda de galés por sua carta, e da resposta que lhe por outra enviou.

Assim como de uma regra nasce outra, segundo dizem os lettrados, assim d'esta paz aos entendidos nascem duas cousas desejosas de saber: a primeira, se depois d'esta paz assim feita, foi requerido el-rei de Portngal que lhe fizesse alguma ajuda, e quanta e de que guisa, e se lh'a fez ou prometteu, e que resposta deu sobr'ello; a segunda, pois taes filhos, a Deus graças, havia de uma parte e d'outra, como se não moviam casamentos entre elles, por ser mui maior liança de amor e bemquerença.

Contentando algum pouco os que esto saber querem, sabei que foi, e não tardou muito, ca logo por experiencia provar quizeram, se tinham n'elle tão fiel amigo, quejando os mensageiros por tantas vezes tinham affirmado, e dada fim aos negocios da paz, a mui poucos dias que os mensageiros a Portugal chegaram, logo o rainha escreveu uma carta a el-rei requerendo-lhe ajuda pera a guerra dos mouros, cujas razões eram estas:

—«Mui caro, e mui amado com todo meu coração bem querido irmão, el-rei de Portugal: Eu a sem ventura rainha de Castella e de Leão, madre d'el-

rei e sua tutor, e regedor de seus reinos, vos envio muito saudar como aquelle pera que tanta saude, vida com honra queria quanta vós mesmo desejaes. Mui caro e mui amado irmão, bem sabeis como enviastes a mim, com vossa embaixada sobre os feitos da paz, João Gomes da Silva e o doutor Martim Docem, do vosso canselho, e o doutor João Gonçalves Beleago e Alvaro Gonçalves da Maia, vossos servidores; e eu, mui caro e mui amado irmão, trabalhei metter sobre ello, assim com o infante meu irmão, como com todos os do conselho d'el-rei meu filho, as melhores maneiras, que eu entendi que cumpria por bem de taes feitos virem a bom fim, de guisa que, a Deus muitas graças, a paz é concordada entre el-rei meu filho e seus reinos, e vós e os vossos, pela guisa que me mandastes dizer; e esto, mui caro e mui amado irmão, vos escrevo, porque Deus sabe que d'esta cousa hei grão consolação e sou mui leda, e entendo que isso mesmo vós e a rainha vossa mulher, minha muito prezada e amada irmã, fareis por a Deus prazer por esta paz os grandes e bons dividos que entre nós ha, serem unidos e confirmados em bom e verdadeiro amor, e porquanto, mui caro e mui amado irmão, vós sabeis bem como el-rei meu filho tem começado guerra com os mouros de Grada, a qual é disposto continuar, prazendo a Deus por seu serviço, e eu entendo que pera ella lhe cumpria, e é muito necessario, haver de vós ajuda de dez ou doze galés pera o primeiro verão em que se a guerra de fazer houver. Porém, mui caro e mui amado irmão, vos rogo afincadamente quanto posso, que por serviço de Deus, e minha honra e contemplação, e por mostrardes por obra o bom desejo que eu sempre senti que vós

a mim e a el-rei meu filho hav·is, por razão dos grandes e bons dividos que entre nós ha, vos praza d'outorgar e fazer a el rei meu filho a dita ajuda, que vos certifico que elle vos fará outra similhante, quando vos d'elle cumpridouro fôr, e em esto, mui caro e mui prezado irmão, fareis serviço a Deus, e a mim obra de bom e verdadeiro irmão, e mostrareis a boa vontade que a el-rei meu filho e a mim sempre houvestes, e cousa que vos elle e eu muito agradeceremos, mui caro e mui amado irmão. A Santa Trindade vos haja sempre em sua santa guarda; escripta, etc.»

El rei recebeu bem o mensageiro mostrando lhe bom gazalhado por lhe trazer tal recado. e por elle escreveu outra á rainha em resposta, que dizia d'esta guisa:

—«Mui cara e mui amada, a que com todo nosso coração inteiramente bem queremos, irmã e amiga, rainha de Castella e de Leão. Nós, el-rei de Portugal e do Algarve, vos enviamos muito saudar como irmã e amiga que muito amamos e prezamos e pera quem queriamos que Deus desse tanta saude, vida e honra como vós mesma desejaes. Mui cara e mui amada irmã: Fazemos-vos a saber que vimos a carta que nos por Alvaro Gonçalves da Maia, escrivão de vossa camara, enviastes, na qual era conteudo que vós haveis trabalhado sobre os feitos da paz, assim como o infante vosso irmão, como com todos os do conselho d'el-rei vosso filho, tendo com elles as melhores maneiras que podereis em tal guisa, que a Deus graças, a paz é concordada entre el-rei vosso filho e seus reinos, e nós e os nossos reinos, pela guisa que por nossos embaixadores vos enviámos a dizer, e que nos certificaveis d'esto, porque Deus

sabia que d'esta cousa haveis grão consolação, e entendeis que assim mesmo nós e a rainha nossa mulher, vossa irmã, seriamos, porque por esta paz, os grandes e bons dividos que entre nós ha, serão unidos e confirmados em bom e verdadeiro amor. Muito amada e prezada irmã: Deus sabe que nós, e a rainha vossa irmã, minha mulher, somos d'esta cousa bem ledos, e agradecemos muito a Deus de entre nós haver paz, e grande mal fôra onde tão grandes e tão bons dividos, como entre nós ha, ser guerra, nem outra nenhuma cousa que de mal fosse. Outrosim, muito amada e prezada irmã, ao que nos enviastes dizer que pois esta cousa assim era feita de sermos em paz, que nós bem sabiamos como el-rei vosso filho era em guerra com os mouros de Grada, a qual era disposto continuar por serviço de Deus e seu, e que porém nos rogaveis que pera o primeiro verão em que se a guerra houvesse de fazer, fizessemos ajuda a el-rei vosso filho de dez ou doze galés, que lhe eram muito cumpridouras. Muito amada e prezada irmã, vós haveis de ser bem certa que pois a Deus prougue tirar o embargo da guerra que entre nós havia, que toda a cousa que nos d'aqui em diante por vós, e por el-rei vosso filho, bem podermos fazer, lh'o faremos bem de grado em tal guisa, que prazendo a Deus, vós a nós achareis bom e verdadeiro irmão, e d'estas galés que nos enviaes demandar, a nós praz pera o primeiro verão em que vosso filho fizer a guerra, de as mandarmos lá em sua ajuda. Mui amada irmã, etc.»

E em fazendo el-rei esta pedida ajuda, não se contentou seu grandioso coração, cheio d'extremada grandeza, têl-a feita d'esta guisa, entendendo pois lhe tão afincadamente fôra pedida e requerida, que

os afincados rogos acompanhavam e constrangiam que o fizesse, o que era a elle pouca honra e fama, e logo a pouca sazão depois d'esto, sendo já o infante D. Fernando rei de Aragão, tendo porém governança de Castella, como d'ante tinha, este nobre rei de Portugal, vendo tão nobre conquista, qual se d'aquelles reinos contra mouros fazer queria, havendo grão desejo ao serviço de Deus, e que o empacho que Hespanha recebia de terem infieis o reino de Grada, fosse de todo tirado, lhe enviou offerecer, que prazendo-lhe de os guerrear e continuar sua conquista, que elle por seu corpo e com seu poderio o ajudaria mui de grado, e elle foi mui ledo de tal embaixada, e dispondo-se de o cumprir, torvou-o a morte acabando seus dias, e depois de seu finamento, continuando em sua boa vontade este catholico principe, rei de Portugal, mandou fazer similhante requerimento á rainha D. Catharina, madre d'el-rei de Castella, a qual agradeceu quanto entender podeis, mas disse que ella era mulher, a que não pertenciam feitos de guerra, e que el-rei seu filho não era de taes annos que em ella podesse ser, e que por esto lhe não convinha de se dispoer a tal obra.

Depois que el-rei foi em tal edade, e regia seus reinos, e começou de conquistar os mouros, o nobre rei de Portugal lhe enviou recontar estes requerimentos passados e porque não houveram effeito, e que agora pois que o Deus trouvera a perfeita edade, e elle com santa e boa tenção começava fazer tal conquista, querendo-a continuar, que elle por pessoa, com muito boa vontade, acompanhado de seu primogenito filho, e dos outros infantes e condes da sua terra, o ajudaria a ella, declarando-lhe logo a maneira em que o entendia, com a graça de

Deus, de fazer, e se porventura lhe fosse empacho r elle por pessoa, que elle lhe mandaria seus filhos todos, ou aquelles de que a seu bom prazer melhor entendesse de ser servido.

E d'esta e d'outras vezes que lhe tal ajuda foi offerecida, sempre sua resposta era que lhe agradecia muito seus bons offerecimentos, e que a breve tempo lhe mandaria resposta, a qual a breve espaço, nem longo, de nenhuma vez foi enviada, engeitando mui de vagar esta inteira ajuda, a qual, á primeira, com grande trigança, em pedaços requeriam.

CAPITULO CXCIX

Como foram movidos alguns casamentos dos filhos d'estes reis de uma parte e da outra, e não se acertaram.

RESPONDENDO á outra cousa desejosa de se saber, porque se não moviam casamentos entre taes infantes, pois que os de ambas as partes havia, e ser liança mais firme, sabei que movidos foram, mas porque os casamentos dos filhos dos reis, posto que razoados sejam, não são assim ligeiros de fazer, por as muitas cousas de que se n'elles trata, des-ahi outros senhores, posto que os tenham, não ousam honestamente de os casar fóra do reino sem licença do rei da terra, embarga-se ás vezes tal ajuntamento, e posto que se consiga como os padres querem e seja de todo acertado, fortuna poderosa em todas as cousas os desvia quando quer,

por caminhos não cuidados, assim como fez a alguns d'estes que se tratar começaram: ca el-rei de Portugal ante d'estas pazes tratava secretamente grande liança e amizade com aquelle infante D. Fernando, tio d'el-rei e seu tutor, na qual, entre as outras cousas, era casarem seus filhos uns com o outros, e sendo assim concordados por cartas e pessoas que entre alles fallavam, fez saber este infante a el-rei de Castella se lhe prazeria de tratar elle estas pazes que dissemos, e casar elle seus filhos com os d'el-rei de Portugal, e elle lhe mandou dizer que nas pazes podia bem fallar, mas dos casamentos não se entremettesse, e assim se desatou esta liança, e não se fez mais nenhuma cousa, e foi esto n'aquella sazão que el rei partiu pera ir sobre Alcantara, quando depois a rainha D. Catharina fez a saber a el-rei como aquelle infante e todos os do reino de Castella leixaram a ella o carrego do trauto pera firmar a paz.

Isso mesmo lhe escreveu logo que assim outorgaram que casasse sua filha a infanta D. Catharina com seu filho o infante D. Duarte, primogenito e herdeiro do reino, pelo qual casamento prazeria a Deus que se atalhariam as guerras e viriam á paz, e fallando el-rei ao infante seu filho ácerca d'este casamento, foi o infante posto em uma grande e razoada duvida, dizendo que sua esposa que havia de ser, era mui pequena, ca não havia mais de quatro annos, e elle de edade de vinte, e não era boa egualdança, ca convinha d'attender pera com ella poder casar nove ou dez annos.

Pero por se fazer a paz, vendo os bens que se d'ella seguiam, que elle com ajuda de Deus entendia supportar aquelle encarrego, com tanto que sen-

do casado, que o fosse bem quanto a Deus e quanto ao mundo; mas porque era tão pequena punha grão duvida de casar, porque elle logo ficava casado, e ella não ficava casada, e acontecendo a ella, ante que tomassem casa, algum cajão em seu corpo, assim como sandia, cega, ou paralitica ou gafa porque d'ella não podesse ser bem casado. que esto lhe era mui grão duvida, pois que a por nenhum d'estes cajões não podia leixar de mulher, a qual cousa seria a elle mui impecivel, e des-ahi a todo o reino; e depois que as pazes foram firmadas, fallou-se tanto n'este casamento e nas cousas a elle pertencentes, assim de cem mil dobras que promettiam com ella, se as dariam todas em ouro ou por que guisa, até que a rainha veiu dizer que se queria vêr com sua irmã, a rainha de Portugal, sobre esto, e que entonce fallariam sobre o feito d'este dote e em todo o al que cumprisse.

A el-rei pareceu esto que era perlonga que tarde poderia vir a fim; entonce mandou commetter casamento de sua filha á infanta D. Isabel, que depois foi duqueza de Borgonha, com este rei de Castella, entendendo que estava azado pera se fazer; porquanto el-rei D. Henrique seu padre, isso mesmo o infante seu tio, sendo vivos, tinham accordado de se fazer assim, se tão cedo não falleceram por morte.

E quando esta paz foi apregoada em Valladolid, ante que os embaixadores partissem, perguntou a rainha presentes elles a el-rei seu filho, dizendo d'esta guisa:

— «Filho, senhor, com quem vos prazeria a vós de casar?»

E elle respondeu e disse:

— «Com a infanta de Portugal, que me dizem que é uma das formosas donzellas do mundo.»

E por aqui podeis vêr que casamentos houve ahi commettidos, e posto que razoados e eguaes fossem, assim de linhagem e estado, como d'outras cousas, por aquella commum falla—que morte e casamento talhado é no céo—, não se ancaminhou nenhum d'elles.

E porém fallaremos d'outras cousas, pois que dos feitos de Castella com Portugal não temos mais que dizer, e n'este logar se contaram estes melhor que em outra parte d'esta obra.

CAPITULO CC

Da maneira que o Condestabre tinha andando na guerra.

Pois a Deus aprougue a guerra cessar de todo, e os reis postos em assocegada paz ante que d'outra cousa façamos menção, digamos um pouco dos modos que o Condestabre na guerra tinha, posto que já alguns espalhados por parte d'esta obra em curta relembrança hajamos tocado, não só por louvor d'elle, que o bem merece, mas por ser exemplo aos que hão de vir, mórmente aos que seu logar e officio tiverem, certo é que o longo costume das cousas que se dão a bem, faz aos homens ter auctoridade de louvar a aquelle a quem acontece, dizendo que velhos annos o fizeram sages, e a longa pratica lhe deu bons aquecimentos, assim como

contam de Diogo Lopes Pacheco e d'outros similhantes que se nomear podiam.

Mas que diremos d'este Nuno Alvares Pereira novo guerreiro?

Em sendo el-rei Mestre, quando lhe foi encommendada a frontaria de riba de Odiana, em edade de vinte e dois annos, que partindo de Lisboa com tamanho carrego, mórmente em guerra tão accesa e por tantas partes, sendo-lhe estranhas e fóra de usança sagezarias a tal negocio pertencentes, não curou de levar comsigo numero de muita gente, em que os capitães costumam de confiar; mas escolheu Pedro Annes Lobato, que dos bons homens d'armas havia conhecimento, aquelles a que prougue de ir em sua companha, que lhe em tal obra foi fiel alcoveto, e assim era depois seu costume que tomando algum escudeiro ou homem de pé pera viver com elle, sempre inquiria que fosse tal, que por obras e nome merecesse ser chamado homem.

Que avisamento foi entonce o seu quando chegou a Setubal, dormindo no arrabalde que mandou poer as escuitas contra o castello de Palmella, e disse a Alvaro Fernandes que viesse dar as novas que ouvistes, por vêrem se eram taes como cuidava, os que levava comsigo como os acharia prestes a taes horas, e porque guisa, se seus inimigos contra elles viessem; se alguns com elle acompanhavam que taes não fossem como slle queria, elle tinha geito de os fazer bons, e dos bons muito melhor, dizendo bem d'elles quando presentes não eram, louvando-os como bons homens d'armas, que era graude azo de acrecentarem em si por tal fama como d'elles dava.

Como seu arraial era assentado, cavalgava elle e andava-o todo vendo, e se d'elles se alojavam affastados

d'elle, posto que pequeno espaço fosse, por azo de suas bestas melhor pascerem, ou por companha, ou qualquer outra cousa, ainda que não fosse mais de humilde e de pequena condição, chegava a elle ahi mansamente, e com gracioso gesto dizia:

— «Que é isto amigo? Que pousada é esta que tão arredada de mim tomastes? Logo vossa tenda seja alçada e armada a par da minha, que de taes como vós queria minha tenda acompanhada, e guardada minha bandeira.»

E não lhe valendo nenhuma cousa, mostrando que tinha seu serviço em boa conta, docemente lh'o fazia fazer, posto que na vontade a tal pessoa lhe muito pezasse.

Era gracioso em suas palavras, recebendo graciosa e mesuradamente quaesquer da hoste que a elle chegavam; assim capitães como homens d'armas, de guisa que sempre sua mesura passava em os honrando além do que cada um em seu estado merecia; mas com esto no movimento do arraial, ordenando suas batalhas como haviam de ir, queria-se mui temido como senhor, de guisa que nenhum faliecesse do que elle mandava, ca d'outra guisa tornava bravo como leão, quando se algum desordenava do regimento que lhe era dado, chegando alli trigosamente; e se era escudeiro cambeiro ou honrada pessoa, com gesto queixoso dizia contra elle:

— «O amigo se quer vós?»

E com tal continencia lhe dizia esta palavra, que tomava d'elle grão ve gonha, logo se ordenava; e se eram pessoas de mais pequena condição, a uns matava os cavallos, a outros feria nos corpos, que o sentiam de geito que os pequenos lhe haviam medo, e os fidalgos e cavalleiros receio de o anojar,

assim que todos lhe eram obedientes e o amavam, ca elle depois caladamente por encobertos modos e gracioso geito, por não entenderem que por aquello era, fazia assaz boa emenda áquelle que assim anojara, posto que o justamente, e por proveito de todos o fizesse.

Em sua companhia serviam o mestre de Santiago, e o Priol do Hospital, e Martim Affonso de Mello que havia dozentas lanças, e geralmente todos os fidalgos d'entre Tejo e Odiana, e do reino do Algarve, todos aguardavam sua bandeira, sendo d'ello muito contentes, salvo o mestre d'Aviz que servia com el-rei, pero foi com elle a Caceres.

Em todas as cousas que fossem tomadas dos inimigos em batalhas e feitos d'armas quando entrava por Castella, ou por outra qualquer guisa, se mostrava mui sem cobiça, não tomando nenhumas d'ellas a aquelles que as alcançavam por nobres e boas que fossem, mas mandava partir as cavalgadas e esbulho das pelejas por grande egualdeza, poendo por quadrilheiros pera as partir, bons homens, e sem cobiça, de guisa que todos eram contentes; e se lhe alguma cousa cahia muito em vontade, posto que lh'a offerecessem, não a queria tomar, mas mandava-a comprar á vontade d'aquelle cuja era, sem geito nenhum de senhorio, e d'outra guisa não.

Em guerra e em tregua trazia muito a miudo escuitas com os inimigos, por saber de seus feitos parte quando algum movimento quizessem fazer.

Quando entrava por Castella mandava que nenhum pozesse fogo a pães, nem aldeias, nem arrabaldes, nem outros edificios, e se o alguem fazia, anojava-se muito com elle, e por vezes descavalgava e ajudava-o a matar, mostrando por obra quanto

lhe pesava dando escarmento aos que o punham, não porém tão aspero como aos que entravam nas egrejas por tomar d'ellas alguma cousa.

Se os seus tomavam algumas mulheres ou moças, ou moços pequenos indo á forragem ou por outra guisa, ainda que muito fizessem por encobrir d'ellas, elle trabalhava por fieis inculcas por saber parte de todo, e fazia-os trazer ante si, e mandava que se fossem pera a villa ou castello, se eram perto d'ello; e se ia de caminho mandava metter essas mulheres e moços em alguma egreja se a ahi havia. e se a não achavam fazia-os poer em um matto mandando ficar certos em guarda d'elles até que toda a gente da hoste passava; e que entonce sahissem e fossem pera suas terras.

Louvavam a Scipião Africano, como é razão, por uma cousa que fez na Hespanha, a qual foi que sendo tomada dos seus na guerra d'ella uma filha de um grande homem, esposada com um mancebo seu egual em linagem e estado, o padre e parentes d'ella mandaram dizer a Scipião que lhe desse a donzella, que lhe dariam por ella qualquer rendição que razoada fosse, e elle respondeu que lhe prazia com condição que fossem fazer as bodas a sua casa, do que elles foram mui ledos, e Scipião deu em casamento á noiva todo o que por ella lhe fôra dado, e mais outras joias aos que vieram á festa, e diz a historia que por este azo ganhou mais da Hespanha que por quantas batalhas até áquelle tempo fizera; mas esto fez Scipião no tempo que elle e os outros capitães eram cheios de nobres costumes e aformosentados de naturaes virtudes, como se largamente acha em escripto; mas agora n'estes postrimeiros tempos, em que os vicios todos entraram em logar das virtudes, é

muito de louvar este Condestabre, o qual entrando uma vez por Castella, gentes do seu arraial com capitães foram correr adiante, chegando a uma aldeia onde de tal aquecimento estavam dessegurados; e fazia-se n'aquelle dia alli uma boda; prenderam o noivo e a noiva onde s'iam pera os levar á egreja a lhe fazer seu officio, e alguns que andavam na festa, e muitos se metteram na egreja e d'elles fugiam por onde melhor podiam; e quando tornaram ledos tomando tal presa, o conde se anojou muito, reprehendendo asperamente o capitão que o fizera, nem consentira aos seus de o fazer nem outro nenhum nojo em dia de sua boda, e mandou que lhe trouxessem o noivo e a noiva, e perguntou a ella se lhe fôra feita alguma deshonra que tangesse a ella ou a seu marido.

E ella respondeu que não; e d'esto prouve muito ao Conde, e mandou soltar o noivo e a noiva, e os que vinham presos com elles, e mandou diante segurar os que achassem na egreja, ou por outra guisa, e chegou á aldeia por azo d'isto, dizendo que a queria mais honrar do que a honraram os que a prenderam, e tornou-lhe a fazer sua festa e officio, cantando os seus em ella, e leixou os noivos com os outros em paz, e tornou a seu alojamento, dizendo como assim cumpria de se fazer, pois que o casamento era um dos sacramentos da Santa Egreja.

Quanto elle guardava as egrejas e gentes que se a ellas acoitavam, já algum pouco havemos tocado, de guisa que nenhum, sob pena de morte, não era ousado de os descoitar, nem tomar d'ellas cousa que dentro estivesse, fazendo cumprir tal mandado com gran diligencia e sentimento, assim como se mostrou por vezes, e logo acerca da vinda de Alcantara,

quando Fernão Lopes Rombo, fronteiro do Redondo lançou uma cilada em Villa Nova del Fresno, cuidando tomar o alcaide da torre d'aquelle logar e os que com elle eram, quando sahisse fazer os oito dias a seu padre que lhe morrera, e soterrara na egreja acerca da barbacã da torre, e por se não fazer aquelle dia, não sahiu elle fóra, mas sahiu sua mulher e sua irmã d'elle, e trez filhos d'ella, e tomaram todos dentro na egreja, e d'outros até quarenta, e levaram-n os presos; e tendo-os captivos em seu poder, fizeram-n'o saber os castellãos ao Conde, e elle mandou logo que quantos foram tirados da egreja, que os tornassem a lá com as cousas que dentro tomaram; e os que esto fizeram se aggravaram muito, dizendo que não era razão nem direito. porquanto já tinha bestas e armas d'alguns em rendição, e demais que aquella egreja era cova de ladrões, d'onde sahiam a fazer muito mal uns cincoenta moradores que alli havia, a termo d'Evora e d'aquella comarca toda; e pero lhe assim mostravam por direito mestres em theologia. nunca em ello quiz consentir, salvo que tornassem á egreja, com todo o seu, aquelles que d'ella tiraram; e os que tomaram fóra, lhe ficassem. E assim se cumpriu logo sem mais trespasso.

E por esta e outras boas maneiras que o Conde na guerra usava com seus inimigos, assim como lavradores e gentes meudas, lhe queriam todos grande bem e rogavam a Deus por elle; mas os senhores e fidalgos com que pelejava, não lhe tinham tal vontade, porém tinham-n o por mui bom, ca elle podera fazer muito mal se quizera, mas sendo em seu tempo claro espelho de honestos costumes aos senhores entonce viventes, não o quiz fazer, e pode bem

verificar-se d'elle, aquello que se escreve, onde diz:

Potuit enim facere malum, et non fecit.

Assim que seus militares feitos e humanaes virtudes são lição abundosa pera qualquer principe, dos quaes grande e immortal fama convem que fique por sempre.

CAPITULO CCI

Que maneira o Conde tinha de viver no tempo da paz.

Ouvidos os modos que o Conde na guerra tinha, vejamos quaes eram no tempo da paz, e assim leixaremos fallar mais d'elle; onde sabei que seu geito de vida em continuadamente manter seu estado era este:

Elle em tempo de paz e de guerra sempre havia trinta escudeiros que o guardavam, tendo bons cavallos e armas, e mui bem vestidos, e assim manteúdos de guisa que no reino não havia senhor que os melhor corregidos tivesse.

Estes e os outros que com elle viviam, castigava elle tão bem, que lhe não consentia que a nenhum fizessem mal nem damno, e nos logares onde mais costumava estar d'assocego, não costumavam os seus pousar pela villa, nem consentia que trouxessem mulheres, salvo aos casados, mas nos castellos tinham pousadas e camas, que o Conde mandava fazer, es-

to por serem privados de por mau azo fazerem de noite cousa que não deviam.

Não consentia a pessoa leiga, que publicamente estivesse em peccado mortal, e muito menos aos sacerdotes, e quando taes pessoas sabiam que havia de vir a aquelle logar onde assim viviam, fugiam d'alli pera outros logares até que se d'alli partia; e d'elles por bom geito fazia casar com as mancebas que tinham, assim que bem se cumpria em sua casa e terra o dito de Santo Agostinho, que dizem que fallava *(Si non caste, tamem cauté)*.

Se algumas mulheres casadas uzavam de si mal, e elle havia certa informação que os maridos sabiam d'ello parte e lh'o consentiam, degredava-as de suas terras contra vontade dos maridos, dizendo que pelos peccados d'ellas e d'elles, pois lh'o consentiam, não queria que Deus lançasse a sua ira onde elle estivesse.

Sua terra era mui bem regida de justiça, vedando muito que uns com outros não houvessem arruido, nem se fizessem nojo, e as demandas que perante seus ouvidores vinham, cedo e por direita balança havia cada um seu peso, não se desembargando feitos pesados, que elle presente não fosse.

Nos divinaes officios era elle assim attento, sem mistura d'outros negocios, que continuadamente cumpria sua ordenança d'ouvir cada dia duas missas calladas, e nos domingos e festas lhe diziam mais uma officiada bem solemnemente com sua prégação, e esta usança nunca errava, posto que em guerra fosse, e lhe algum feito grande cumprisse de fazer, que todavia de noite lh'as haviam de dizer, se a manhã pera ello não podesse aguardar, e pera esto trazia mui honrada capella, e guarnida de ornamentos, e

vestimentas, e bons clerigos e cantores, os quaes sempre eram prestes, antes que os condemnasse, tendo cada um previsto ante que o Conde viesse, o que havia de dizer e de fazer, não fallando em outra cousa, salvo n'aquella que a seu officio pertencia, e esto mui mansamente, sem outro riso e joguetes, ca d'outra guisa lhe era muito estranhado.

Este Conde fez o mosteiro de Santa Maria do Carmo em Lisboa, e a egreja de Santa Maria dos Martyres em Estremoz; e refez e corregeu outras egrejas muito melhor do que estavam.

Assaz foram vistos, e não mui poucos, que mudando sua vida e corregendo seus costumes fizeram mudança com grande fervor, mas sua perseverança foi de pouca dura, leixando depois o que começaram cheios de mingua e vergonhosa reprehensão; e este não mudando, mas começando em sua nova edade uma virtuosa e honrada maneira de viver, sempre em todos seus feitos, essim mundanaes como d'espiritual ordenança, a teve, da qual nunca foi visto que disviasse por cousa que avir podesse; assim que se não pode escrever d'elle o que alguns sabedores notaram, dizendo que mal viviam os que sempre começavam de viver, e que outros começavam sua vida quando a deviam d'acabar, e d'elles morriam primeiro ante que a começassem; e este Condestabre continuando um theor de vida, não se mudou d'aquelle caminho.

Não é pouco de maravilhar da castidade d'este nobre varão, que ficando elle viuvo em edade de vinte e seis annos finando-se a Condessa sua mulher, sempre depois manteve castidade, posto que haver podera a mais honrada do reino.

Fazia grandes esmolas e muita caridade aos po-

bres, e especialmente aos envorgonhados, e viuvas e orphãos; e em cada uma das suas villas tinha certos mercieiros a que dava serto mantimento e de vestir, e aconteceu no tempo da tregua que dissemos, que veiu um anno minguado de pão, e em que o trigo foi muito caro, e vieram-se muitos castellãos pera Portugal com mingua de mantimento, e a todos que se acertavam a vir a Extremoz, e ás terras do Condestabre, a todos elle mandava dar cada semana senhos meios alqueires de trigo, s. ao marido meio alqueire, e á mulher outro, e a cada filho, quer fosse grande, quer pequeno, a cada um seu meio alqueire, e assim os manteve todo aquelle tempo, até que Deus deu novidade de pão no reino de Castella, e se tornaram pera suas casas, na qual esmola dispendeu muito pão que tinha encovado das suas rendas, que foi grão pregão de sua boa nomeada.

CAPITULO CCII

Como el-rei encommendou ao Conde o carrego da justiça de riba de Odiana.

Posto el-rei em tal assocego, desabafado dos feitos da guerra, cuidou correger sua casa e terra de algumas cousas que lhe pareceu dignas d'emendar, e fallou todo com o Condestabre, dizendo-lhe a maneira que em todo entendia ter, e como por elle e os do seu conselho queria que o reino e as despesas grandes de sna casa e da rainha

sua mulher fosse todo ordenado e corregido, especialmente departiu muito com elle sobre feito da justiça, a qual por azo da presente guerra cada vez fóra mais minguada e deitada em devassidade, atrevendo-se os homens a commetter muitos maleficios, entendendo que por servirem em ella, lhe haviam de ser relevados, chegando-se a taes capitães que lhe de seus erros ganhavam perdão, os quaes disse el-rei:

— «Posto que eu entendesse que bem a fazia, convinha-me outorgar em taes tempos por comprazer os fidalgos que m'os pediam, e por quanto eu entendo que uma das cousas a que muito obrigada sinto minha alma quanto a Deus e quanto ao mundo, assim é o feito da justiça, tanto por Deus aos reis encommendada, que lhe rogava, assim como elle foi seu ajudador e parceiro em trabalhar por ganhar o reino e o ajudara a defender, que assim lh'o ajudasse a governar em boa e direita justiça, tomando carrego da justiça d'entre Tejo e Odiana, e isso mesmo do reino do Algarve, sem mais alçada que pera elle viesse, sómente por seu bom accordo e madura discrissão fosse todo findo n'aquella comarca, e que lhe faria em ello prazer e serviço, e grande ajuda em descarregar sua consciencia.»

— «Senhor, disse o Conde, eu entendo bem vosso bom desejo, e Deus seja muito louvado por vos tal conhecimento dar, ca certamente como vós dizeis, esto é o maior encarrego que o rei da terra tem, e que entre as cousas mais lhe ha de ser demandada, da qual não devia desviar por creação, nem rogos de pessoas, nem outra cousa que se dizer possa, e não sómente o rei leixando-o de fazer, mas aquelles que lh'o rogam, por cujo azo tão boa obra se em-

barga, darão a Deus d'ello grave conta, e tendo, como é verdade, que taes rogos são grande encarrego de consciencia d'aquelle que os assim faz, nunca vol os por nenhum requerimento quiz fazer, posto que bem certo fosse de vossa mercê que m'o farieis, mas quando algum me cahe em tal erro por que merece pena ou fazer outra emenda, não quero que lhe minha casa seja couto, nem vos escrevo por elle, mas digo-lhe que se vá fóra d'ella, e que se venha livrar perante os vossos desembargadores, e depois que fôr livre, entonce se torne, e quando vem e me mostra carta de seu desembargo, entonce o recebo, e d'outra guisa não, e por este azo se refreiam de muitas cousas, em que cahiram, porque sabem que não teem em mim cobro de rogo que eu por elles haja de fazer, mas pois a vossa mercê é de me d'ello dardes carrego, a mim praz por serviço de Deus e vosso, porque vejo que a terra é bem minguada d'ella, de o tomar e poer em ello mão no melhor modo que me Deus encaminhar.»

El-rei foi ledo com esta resposta, pois que outorgava de o fazer, e entonce fez chamar os do seu conselho, assim como o Mestre de Christo e o Mestre d'Aviz, e outros senhores e prelados, e notificoulhes as cousas que em sua casa e reino correger queria, e todos com o Condestabre cada dia postos em conselho, ordenaram sobre todo como lhe melhor, e serviço mais seu d'elle e proveito do reino pareceu; e fallando logo na justiça, accordaram que qualquer que comsigo trouvesse algum malfeitor, ou o defendesse, que pagasse pela primeira vez cincoenta dobras, e por a terceira trezentas; e se fossem condes ou mestres os que esto fizessem, que pagassem por cada vez quinhentas, e todas fossem pera obras

dos muros; e porque acharam que no reino haviam logares coutados, em que se colhiam os homisiados por malificois que faziam, por cujo azo mais ousadamente se soltavam os homens a fazar mal, mandaram que não houvesse outros coutos do reino, salvo trez, que foi achado que o eram antigamente, a saber:

Entre Tejo e Odiana, Noudal, e na Beira, o Sabugal, e Traz os Montes, Freixo d'Espada Cinta.

O Conde depois d'esto, tomou carrego da justiça d'aquella comarca que lhe el-rei encommendara, e poz em ella mão de tal guisa, que a terra em pouco tempo foi assocegada e a justiça sentida, porque elle em tal feito não tinha lei, nem affeição com grande nem pequeno, nem creado nem amigo, por seu divido que fosse, mas todavia fazer direito, tendo Deus ante seus olhos, a que se não esconde cousa alguma, e a balança direita a todos, de geito que esses grandes que o acompanhavam em serviço d'el-rei, se affastavam d'elle, por aquella aspereza que com elles tinha em feito da justiça, posto que razoada e direita fosse; e porquanto lhe uma vez el-rei escreveu sobre um cavalleiro seu creado que mandava justiçar, que se houvesse com elle por outra maneira, posto que merecedor fosse, o Conde respondeu que pois assim era, que tal carrego não pertencia senão a elle, e pediu-lhe por mercê que lh'o tirasse; e não quiz d'elle mais usar.

CAPITULO CCIII

Das cousas que ordenaram mais os do conselho, e como as sizas não foram lançadas pelos reis.

TORNANDO a fallar do mais que pelo Condestabre e pelos outros senhores em aquelle conselho foi accordado, ordenaram ácerca da guerra, em que depois porventura por algum azo não pensado ligeiramente poderiam ser, não embargando a paz em que eram postos, que por bom provimento e mais segurança da terra, que el-rei tivesse sempre ordenança certa pera defensão de seus reinos, de trez mil e dozentas lanças, a saber: pelos capitães 500, de escudeiros de uma lança duas mil trezentas e sessenta, e pelas ordens do reino trezentas e quarenta, a saber: o Mestre de Christo, por si e seus commendadores, cento, e o Mestre de Santiago outros cem, e o Mestre de Aviz oitenta, e o Priol do Hospital sessenta; e mais que el-rei tivesse quinhentos arnezes, e o Contestabre, e D. Affonso, filho d'el-rei bastardo, o Mestre de Christus, o Mestre de Santiago, o bispo de Coimbra, o arcebispo de Lisboa, o arcebispo de Braga e o bispo de Évora, cada um cincoenta arnezes, e mais o Mestre de Aviz quarenta; e Gonçalo Vasques Coutinho, e o bispo do Porto, e o Priol de Santa Cruz, cada um, trinta; e o Priol do Crato e o bispo de Silves, e o bispo de Vizeu, e o bispo da Guarda, e o bispo de Lamego e o abbade d'Alcobaça, cada um tivesse vinte, e com estes mil e quinhentos arnezes, afóra as armas que no reino havia, estaria a terra egualmente percebida

pera tempo de mister quando tal tempo viesse, posto que d'esto bem descuidados estivessem pelo bom amorio e paz em que eram postos, como ouvistes.

Proveram isso mesmo por correger a casa d'el-rei quanto havia de suas rendas e direitos reaes, e acharam que lhe rendia todo o reino oitenta e um contos e seiscentos mil libras; a saber: as sizas sessenta contos novecentos e cincoenta mil, que eram juntamente por todo cento e oitenta e cinco mil e trezentas dobras, valendo entonce a dobra mourisca, ou coroa, qual quizesseis, quatrocentas e quarenta libras, que eram entonce cento vinte e trez reaes de trez libras e meia, e que todo esto el-rei dispendia e não lhe abundava, segundo sua grandeza e sobegidão de gentes, assim de homens como de mulheres, que em sua casa e da rainha andavam, e que guardada sua honra e estado, adelgaçando taes despezas lhe podiam abundar suas rendas pera o gastamento ordenado, e mais sobejar-lhe pera outras dadivas quando mister fizesse. Entonce ordenaram que das pessoas do conselho não andassem continuadamente mais de quatro, e que estes houvessem moradias em quanto ahi andassem, e posto que outros do conselho viessem á côrte além dos quatro que ahi d'andar haviam no conselho, não houvessem moradias, mas se outros além dos quatro fossem chamados por mandado d'el-rei pera côrtes, ou algum conselho, que até quinze dias não houvessem moradia, salvo d'alli em diante, e muito mais pouco se viessem arrecadar seus feitos á côrte, e que el-rei podesse mandar aquelles quatro, e trazer outros quatro, quando sua mercê fosse, e que afóra estes do conselho trouvessem a el rei de côrte de pessoas grandes pera acompanhar a elle, e a rainha

e os infantes, inda que eram pequenos, vinte, e d'escudeiros moradores, contando em elles as guardas d'el-rei, oitenta, e de cincoenta e sete moços da camara que trazia lhe ficassem com os pagens no mais de doze, e os quarenta e cinco tirasse por escudeiros, e de moços da estribeira com o apresentador trouvesse dez, e de caçadores no mais de vinte, e de moços do monte vinte e cinco; e assim temperaram as pessoas que trouvesse em todos os officios de sua casa, assim nas relações como d'escudeiros, e de clerezia como de quaesquer outros.

Outrosim ordenaram que na casa da rainha andassem quatro donas, e onde andavam vinte cinco donzellas, que não trouvesse mais de quatorze, e as outras agasalhasse el-rei, e mais uma camareira e outra mulher de camara, e assim outras mulheres e officiaes, e tiraram as covilheiras aos infantes, que eram mulheres que lhe guardavam suas roupas e a limpavam, e toda a outra limpesa que mulheres a moços honestamente é dado de fazer, e que lhe dessem escudeiros que tivessem este cuidado como consentindo el-rei na tenção d'elles, havendo-o por bem ordenado todo quanto assim faziam.

Mas porque fazemos menção que as sizas rendiam muito mais que os direitos reaes do reino, e alguns cuidam e tem hoje em dia que os reis acharam novamente tal sujeição, e a lançaram sobre o povo, e esto não foi assim, queremos aqui dizer brevemente qual foi seu começo d'ellas, por desfazer esta opinião, onde sabei que não achamos, nem se mostra que até o tempo d'el-rei D. Diniz, que morreu na era de mil trezentos e vinte cinco annos, que entre os povos houvesse siza por alguma razão que fosse, mas escripturas certas nos dão testemu-

nho que no tempo d'el-rei D. Affonso, o quarto filho d'el-rei D. Diniz, antes da pestilencia grande, que foi a cabo de vinte quatro annos, na era de mil trezentos quarenta e nove, já antes d'esta mortandade ahi havia sizas que os povos deitavam entre si, cada uns em seus logares como lhes prazia, quando taes necessidades avinham, pera que as houvessem mister assim como os moradores de Setubal, que sendo o logar descercado a aquelle tempo, e mandando este rei D. Affonso que o cercassem, lançaram entre si duas sizas, por haverem dinheiro pera se cercar, a saber, uma siza, que chamavam grande, nos vinhos, que egualmente rendia quatro mil libras, que eram mil e trezentas dobras, e outra siza meuda, que rendia umas quinhentas, e todas estas mil oitocentas dobras se dispendiam no cercamento do logar de Setubal, e cousas a elle pertencentes; e esta foi a primeira siza que achámos que concelho lancasse, e durou até que a villa foi acabada.

E depois em tempo d'el-rei D. Fernando, por as grandes necessidades das guerras em que o reino foi posto, lançavam os povos entre si sizas pera supportar os muitos encargos que de taes feitos nasciam, cada uns em seus logares, especialmente em Lisboa, que mór parte d'ello tinha, des-ahi pera cercar esta cidade; e depois que taes necessidades eram acabadas, se outras mais não sobrevinham, tiravam-n'as de todo ou parte d'ellas, como os povos entendiam por seu proveito, tomando conta aos recebedores de taes sizas, e thesoureiro a que eram entregues, sem o senhor da terra em taes feitos poer mão.

E vendo os reis taes rendas e sizas, havendo vontade de as haver, mostravam ao povo necessidades

passadas, ou que eram por vir, e pediam-lh'as graciosamente por dois ou trez annos, e que logo as leixariam; e outorgadas d'esta guisa, emadiam depos outra necessidade pera que as haviam mister, e pediam n'as por mais tempo, e assim lhe ficou a posse d'ellas, mas não que as elles deitassem.

E sendo o Condestabre e outros do conselho muito certos d'esto que dizemos, ordenaram entonce que se tirassem das sizas do reino a terça parte, por esta guisa, a saber: que quem pagava de siza um so do de cada libra, que pagasse não mais de oito dinheiros; e não embargando o terço, que assim tiraram das sizas pagadas as quantias de cento e sessenta capitães, e dos outros todos que as haviam d'haver, e quantas despezas que el-rei e a rainha com os infantes tinha em costume de fazer, ainda ficavam a el-rei de sobejo pera outras cousas que cumprissem dez mil dobras; a qual ordenança el-rei louvou por boa usança em todas as cousas, como elles ordenaram.

CAPITULO CCIV

Como casou el-rei seu filho natural D. Affonso com a filha do Condestabre.

Não prougue aos antigos que os senhores e fidalgos de seus reinos casassem seus filhos com as grandes pessoas das terras a elles comarcãs, sem sua licença e consentimento, receando que de tal divido e liança, como se d'este pa-

antesco seguia, lhe podesse nascer em algum tempo contraria torvação a seus filhos, e por esta regra o mui avisado e discreto Nuno Alvares Pereira, Condestabre de Portugal tendo uma filha mulher crescida em boa edade pera casar, chamada D. Beatriz, era requerido de alguns fidalgos e senhores de Castella sobre feito de seu casamento, e elle muito humildoso a seu rei e senhor, e como tinha de costume, mostrava-lhe as cartas que sobre esto lhe enviavam, pedindo-lhe por mercê que pera tal feito lhe desse licença.

El-rei ia sempre espaçando esto, dizendo lhe que de todo bem e honra que a sua filha viesse, lhe prazeria muito, porém se não trigasse a ello, ca porventura Deus lhe encaminharia pera ella outro e mais honrado casamento, d'aquelles que lhe eram commettidos; e elle lhe tinha em grande mercê receber d'elle tão boa resposta, e assim se foi espaçando por tempo até esta sazão, em que estando o Condestabre com el-rei em Leiria, e tendo isso mesmo el-rei aquelle seu natural filho chamado D. Affonso, que houvera ante que casasse, como contámos dos filhos que houve, tratou-se casamento, e firmou, d'este D. Affonso, filho d'el rei, com a filha do Condestabre, e de que o Conde foi mui ledo, e deu-lhe com ella em casamento o condado de Barcellos com terra de Penafiel e de Basto, e Montalegre com terra de Barroso, e Chaves e Guimarães, e Baltar, e o Arco de Boulhe, e certas quintas que o Conde havia entre Douro e Minho, e com outras rendas; e pediu a el-rei por mercê que pois elle dava o condado de Barcellos a seu filho, que o fizesse conde d'elle, e esto era porque el-rei lhe tinha pro-

mettido que emquanto elle vivesse não fizesse outro conde em Portugal, como ouvistes.

A festa de seu casamento ordenaram ser em Lisboa, e foram feitas suas bodas mui honradamente, a que vieram todos os senhores e pessoas notaveis do reino, em que houve justas e torneios, e muito prazer de matinadas, e outros jogos, assim da parte d'el-rei, como do Condestabre.

Este conde D. Affonso houve da condessa sua mulher uma filha, que chamaram D Isabel, mulher que foi depois do infante D. João seu tio, governador do Mestrado de Santiago de Portugal, e esto por licença do Papa, que dispensou com elles que casar podessem; e houve mais dois filhos, a um disseram D. Affonso, que depois foi conde de Ourem, e a outro D. Fernando, que foi conde de Arrayolos, ambos condes depois da morte de seu avô como fallaremos onde convier de ser contado.

Este conde de Ourem foi depois marquez de Valença, e o conde de Arrayolos foi duque de Bragança, e d'este houve um filho, que sendo seu pae vivo, foi duque de Guimarães, e casou com uma filha do infante D. Fernando, irmão d'el-rei D. Affonso, o quinto.

CAPITULO CCV

Como foi tratado casamento de D. Beatriz, irmã d'este Conde de Barcellos, com o Conde de Arandel.

Espaçou-se um pouco de tempo depois d'esto, poderiam ser uns trez annos, e foi tratado casamento de sua filha d'este rei D. João, irmã d'aquelle conde de Barcellos, genro do Condestabre, com D. Thomaz, conde de Arandel ou d'Armandel, um honrado senhor na casa de Inglaterra, e d'este casamento foi trautador o honrado cavalleiro João Vasques d'Almada, cidadão de Lisboa, que a aquelle tempo estava em Inglaterra, e um Doutor chamado Martim Docem enviou depois el-rei a Londres, e chegaram lá no mez de fevereiro, e aos sete dias andados, d'elle fallaram a esse conde em seus paços sobre as cousas que a este casamento cumpriam, e depois de muitas cousas a tal trautamento necessarias, concordaram em estas avenças, a saber:

«Que se formosura e feições de corpo, e sua graça d'essa D. Beatriz, contentassem a seus embaixadores, que a Portugal sobre esto (pera a vêrem) d'enviar entendia, que a recebessem em seu nome, e que el-rei lhe desse com ella em casamento cincoenta mil corôas, as vinte cinco mil logo na primeira paga, e as outras vinte cinco, do dia que fosse recebida em Inglaterra até um anno seguinte, e que el-rei a enviasse á sua custa, segundo pertencia á honra d'ambos.

E acontecendo sua morte d'elle primeiro que a d'ella, que houvesse depois a terça parte do que lhe assim davam em sua vida, pera supportamento de sua honra.»

E outras condições que não faz mingua serem escriptas.

Partiram os embaixadores de Portugal, e vieram outros de Inglaterra, a saber: Monseur João Hueltezira, cavalleiro da casa do conde, que era seu principal procurador pera tal negocio, e mestre João, Doutor em degredos, e um bom escudeiro que com elles vinha; e chegaram todos trez a Lisboa, onde entonce el-rei estava, e fallando el-rei sobre aquello por que eram enviados, e concordados em todo, e isso mesmo da formosura contentes e condições boas de sua filha, depois por alguns dias em uma espaçosa camara dos paços do dito senhor rei, muito bem corregida pera o q e se seguiu, sendo esto no mez de abril, estando com el-rei, D. João arcebispo de Lisboa, e Gonçalo Vasques de Mello, e outros do conselho, el-rei chamou sua filha pera acerca de si, e com ella vinham assaz donas e donzellas; e aquelle Monseur João, especial procurador pera esto, com grão reverencia tomou a mão d'ella direita, e em linguagem portuguez, sem emadendo aqui palavra, nem mudando a fórma, disse estas seguintes razões:

— «Mui nobre e honrada senhora D. Beatriz, o mui excellente e mui estremado senhor D. Thomaz, conde d'Arandel, e de Soria e de Varreria, vos sauda, e vos manda dizer que elle por mim Monseur João Hueltezira, cavalleiro seu procurador em esta parte sufficiente, e lidimamente estabelecido, e ordenado medianeiro, recebe a vós D. Beatriz em sua mulher

boa e lidima, assim como manda a Santa Egreja de Roma, e consente em vós, assim como em sua mulher, e pera esto em minha pessoa vos dá sua fé, sob esta condição se todas e cada uma das cousas promettidas, escriptas e conteudas publicas entre o dito poderoso meu senhor conde de uma parte e João Vasques de Almada cavalleiro, e Martim Docem Doutor em Leis embaixadores do mui alto principe D. João pela graça de Deus rei de Portugal e do Algarve, vosso padre da outra parte sobre vosso dote, e honesta passagem em Inglaterra feitas, e no escripto, e obrigatorio por esse mesmo mui poderoso principe e rei, feito ao dito meu senhor e conde, e sellado dos sellos do dito senhor rei e em instrumento publico sobre esto feito por vossa parte, e por vós bem e fielmente em toda a guisa pagadas e cumpridas: e assim eu Monseur João Hueltezira já dito procurador, e em nome e como procurador do dito D. Thomaz Conde, e de mandado seu especial, recebo a vós, D. Beatriz, em mulher do dito meu senhor D. Thomaz Conde, e em seu nome consinto, e elle em sua pessoa consente em vós assim como em sua mulher, e pera esto em seu nome, e em sua alma o juro, e dou a vós minha fé em nome de sua fé, e em sua alma sob a condição susodita.»

— «E eu D. Beatriz por vós Monseur João Hueltezira, cavalleiro procurador do mui excellente e estremado senhor D. Thomaz, Conde de Arandel Soria, e de Varreria já dito, tomo e recebo o dito senhor D. Thomaz Conde vosso senhor, em varão e marido meu, bom e lidimo, assim como manda a Santo Egreja de Roma, e em elle por vós medianeiro por vós consinto de vontade, e expressamente, assim como em meu marido, e pera esto a elle mui

excellente, e estremado senhor Conde D. Thomaz susodito, e a vós em seu logo, e nome recebente juro, e a minha fé dou sob a condição, e maneira que por vós em nome do dito senhor Conde recebida, e assim consinto aquellas cousas que me notificastes da sua parte.»

E esto todo assim feito presente notarios publicos d'ambas as partes, foram d'ello feitas escripturas quaes cumpriam, assim pera el-rei, como pera os embaixadores.

Carta que escreveu D. Lourenço, arcebispo de Braga, a D. João de Ornellas, abbade de Alcobaça, em que relata algumas cousas da batalha de Aljubarrota.

Dom abbade, senhor e amigo; de cima da outra semana que Deus andou comnosco contra os scismaticos, não hei sabido mais de vós, aprouve a Deus e a Santa Maria sua madre que as ribeiradas do meu gilvaz sejam já vedadas, e os mestres vão de bem em melhor; eu o sinto bem, ca se vierem caizo, já darei e levarei outra pela mesma requesta, e crêde vós, bom amigo, que quem esta pespegou não levou enxebre, nem irá contar em Castella aos soalheiros o cruzamento de minha cara. Hontem tive lettra e mensagem do Condestabre que me fazia saber el-rei de Castella sivera em Santarem como homem tresvaliado, e maldizia a seu viver, e jurava pelas barbas. Ca bofé, bom amigo, melhor é que o faça elle, que não fazemel-o nós, ca homem que as suas barbas arrepella, mór sabor fará das alheias. Tambem outro dia que elle se ia embarcar na frota

que jazia sobre Lisboa, por não levar caminho de terra; se ora os ventos lhe fizeram por agua, o que cá lhe fizeram por terra, de bom fadario nos livraria. Mas assim, ou assim de feição, vae elle hospedado, que não tornará tão azinha a ouvir as campas do vosso mosteiro.

João Vaz de Almada e Antão Vasques, seu irmão, estiveram aqui domingo ensembra com Mem Rodrigues, e se foram a Lisboa pera vêr algum geito de empecer, e esto de empecer aos castellãos que jazem na frota, mas eu lhe disse que não iam elles de cá enxotados de geito, que esperassem outro ruxoxo.

Quando eu vinha pera cá, por mingua do sangue que não queria estar, vos disse eu que tivera outra vegada por estas partes, a cá cobrara o ouvir, que por uma porrada se escendalecera. Agora por o prasmo da Virgem, esteve logo á correnteza, puz eu ementes de lhe amanhar o telhado por baixo do lastro da madeira, seja vossa mercê de mandardes d'essas vossas coutadas, por onde melhor se poder haver e no que vos fôr prestadio, sempre serei a vosso mandar. Feita a vinte e seis d'agosto.

FIM DA SEGUNDA PARTE

INDEX

PAG.

Capitulo CLXIX.—Como el-rei partiu pera Galliza e do que lhe aveiu no vau do Minho..... 5
Capitulo CLXX.—Como el-rei cercou Tuy e o combateu 9
Capitulo CLXXI.—Como os da cidade fizeram saber a el-rei a pressa em que eram, e do conselho que sobre ello teve..... 12
Capitulo CLXXII.—Do conselho que foi havido pera accorrer á cidade de Tuy..... 15
Capitulo CLXXIII.—Como foram juntas estas gentes que dissemos, e o el-rei soube em Tuy..... 17
Capitulo CLXXIV.—Como o Condestabre encaminhou por ir pelejar com o infante D. Diniz, e o não quiz attender..... 20
Capitulo CLXXV.—Como el-rei combateu Tuy, e tomou a cidade por preitezia..... 26
Capitulo CLXXVI.—Como os de Serpa entraram por Castella, e do que lhes aconteceu..... 31
Capitulo CLXXVII.—Como os portuguezes pelejaram com os castellãos e os venceram, no anno de mil quatrocentos e trinta e sete..... 34
Capitulo CLXXVIII.—Como el-rei de Castella mandou a el-rei de Portugal Micer Ambrosio com recado... 39
Capitulo CLXXIX.—Do poder que el-rei deu ao bispo de Coimbra e ao Conde, e como se viram o mestre de Santiago e Ruy Lopes 43
Capitulo CLXXX.—Do que se começou de fallar perante estes alvidros..... 46
Capitulo CLXXXI.—Das razões que os procuradores mostraram, cada um por parte de seu senhor..... 49
Capitulo CLXXXII.—D'outras razões dos juizes alvidros por trazerem os reis a boa concordia..... 51

Pag.

Capitulo CLXXXIII.—Das cousas que os castellãos mais emaderam além das primeiras por elles pedidas..... 54
Capitulo CLXXXIV.—Como o Priol D. Alvaro Gonçalves se foi pera Castella, e foi dado o Priorado a Lourenço Esteves de Goes..... 57
Capitulo CLXXXV.—Como el-rei foi sobre Alcantara, e se levantou do cerco d'ella..... 59
Capitulo CLXXXVI.—Dos embaixadores que foram a Castella pera tratar a paz, e não se avieram..... 63
Capitulo CLXXXVII.—Do conselho que el-rei de Portugal pediu pera fazer a paz, e do que lhe foi respondido 65
Capitulo CLXXXVIII.—Como foi feita tregua por dez annos, e com que condições..... 68
Capitulo CLXXXIX.—Como a rainha D. Catharina conselhava seu marido que houvesse paz em Portugal. 70
Capitulo CXC.—Como se juntaram os trautadores de Castella e Portugal pera fallarem no trauto da paz.. 73
Capitulo CXCI—Das razões que entre os trautadores foram falladas, e como se não concordaram..... 77
Capitulo CXCII.—Das razões que a rainha D. Catharina enviou dizer a el-rei, e do que lhe foi respondido 86
Capitulo CXCIII.—Quaes embaixadores el-rei enviou a Castella, e da carta que sobre ello enviou á rainha. 95
Capitulo CXCIV.—Das razões que os embaixadores disseram á rainha por palavra e por escripto. 98
Capitulo CXCV.—Das razões que por ambas as partes foram falladas no conselho..... 102
Capitulo CXCVI.—Como os embaixadores fallaram a departe á rainha e lhe foi outorgada a paz como a demandavam 106
Capitulo CXCVII.—Como foi feito o trauto da paz, e em que tempo approvado por el-rei..... 111
Capitulo CXCVIII.—Como a rainha de Castella enviou a el-rei pedir certa ajuda de galés por sua carta, e da resposta que lhe por outra enviou..... 114
Capitulo CXCIX.—Como foram movidos alguns casamentos dos filhos d'estes reis de uma parte e da outra, e não se acertaram..... 119

Pag.

Capitulo CC.—Da maneira que o Condestabre tinha andando na guerra 122
Capitulo CCI.—Que maneira o Conde tinha de viver no tempo da paz 129
Capitulo CCII.—Como el rei encommendou ao Conde o carrego da justiça de riba de Odiana 132
Capitulo CCIII.—Das cousas que ordenaram mais os do conselho, e como as sizas não foram lançadas pelos reis 136
Capitulo CCIV.—Como casou el-rei seu filho natural D. Affonso com a filha do Condestabre 140
Capitulo CCV.—Como foi tratado casamento de D. Beatriz, irmã d'este Conde de Barcellos, com o Conde de Arandel 143
Carta que escreveu D. Lourenço, arcebispo de Braga, a D. João de Ornellas, abbade de Alcobaça, em que relata algumas cousas da batalha de Aljubarrota 146

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

A LIBERAL, [illegible] typographica, R. de S. Paulo, 216

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES
DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*
Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Gomes Eannes d'Azurara

VOL. I

ESCRIPTORIO
147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147
LISBOA
—
1899

DUAS PALAVRAS

Tendo imposto a paz e o reconhecimento da independencia portugueza á cubiça e insolencia da Hespanha nascente que repellida e duramente castigada d'este lado da Peninsula ensaiava novamente os tentaculos do lado do Aragão, o Rei de «Boa Memoria», com os seus habeis conselheiros politicos, comprehendera naturalmente a dupla necessidade de dar emprego e campo á multidão aventurosa e guerreira, áquelle «novo mundo», como diz Fernão Lopes, que a revolução nacional e democratica fizera surgir da grande crise politica, e de crear, simultaneamente, novos esteios de força e de prestigio que intimidassem ou reprimissem futuras investidas ou recalcadas velleidades do ambicioso e vencido visinho.

Assegurar a paz publica e a consolidação economica do paiz, abrindo horisontes novos aos brios e ás paixões de fidalgos e soldados, creando-lhes como

que um viveiro e escola em que elles se formassem e exercitassem para novas contingencias bellicas; alargar o senhorio, rompendo novos veios de exploração e de accrescentamento ao trabalho e á riqueza nacional; ampliar o territorio, consequentemente o poder e o prestigio, era o necessario corolario dos ultimos acontecimentos; tinha de ser o pensamento, o interesse, a rasão historica da nova dynastia.

— «Que se os fidalgos e outros bons homens d'este Reino, — diz João I, pela penna de Azurara, — não acharem em que exercitar suas forças, é necessario que de duas cousas façam uma: ou travarão arruidos e contendas entre si, como se lê, que fizeram os Romãos depois que tiveram suas guerras acabadas, ou farão taes damnos aos de Castella que se aze de se as pazes quebrarem, a qual cousa eu não queria por nenhuma guisa.»

A primeira idéa, — como era então intelligente, e pratica a politica portugueza! — foi a de proseguir a guerra com os mouros, correndo-os das bellas terras andaluzas que elles infamavam ainda com a longa dissolução do seu dominio peninsular. Uma especie de tradição historica da politica castelhana, attribuia á Corôa de Castella o privativo direito de successão no dominio do ultimo resto do imperio hispano-mussulmano.

Para aquelle lado, pois, voltava a politica portugueza os olhos, — nem era a primeira vez, — desde que assente a paz com Castella não podia volvel-os para as bandas de Leão ou da Galliza.

«Mais azado para se poder conquistar» do que o litoral africano, ficava aquelle reino de Grada (Granada), observava D. João I aos filhos, accrescentando logo:

— «Ora que proveito tenho eu de aquelle Reino ser posto em sugeição dos Castelhanos?»

Elle não se illudia.

Sabia bem que o hespanhol havia de ser o inimigo contra o qual precisavamos precaver-nos; que, recalcadas e repellidas, a cubiça e a soberbia castelhana haviam de continuar a espreitar-nos, a ameaçar-nos, sempre.

Hontem... *como hoje.*

Foi infelizmente na altura d'estes acontecimentos novos, d'esta phase nova da historia nacional, que bem póde dizer-se a segunda fundação da nacionalidade portugueza, que Fernão Lopes, teve de largar a penna encantadora, deixando incompleta e truncada a chronica do Rei da «Boa Memoria».

Continuou-a, por commissão do neto do grande Rei, Gomes Eannes de Azurara.

E' a continuação d'este, — a 3.ª parte da bella chronica, na edição do dedicado e patriotico Antonio Alvares, — que damos em seguida, não sómente cumprindo o comprimisso tomado, mas congratulando-nos pelo acolhimento feito á republicação da 1.ª e 2.ª parte.

Aljubarrota e *Ceuta*, a grande batalha campal e a primeira conquista ultramarina, são dois feitos que valem por dois symbolos do velho e do novo Portugal: — a independencia e a expansão. Póde dizer-se que n'aquelles dois gloriosos nomes se resolvem e completam, condignas uma da outra, as obras de Fernão Lopes e de Gomes Eannes.

L. C.

LICENÇAS

Vi por mandado do conselho geral do Santo Officio, esta terceira parte da Chronica d'el-rei D. João o primeiro, de gloriosa memoria, cujo auctor foi Gomes Eannes de Azurara; não tem cousa alguma que encontre nossa santa fé e bons costumes, antes muitos exemplos de extraordinario valor, que podem servir de motivo aos portuguezes d'este nosso tempo, para commeterem grandes emprezas em serviço d'el-rei nosso senhor que Deus guarde, e em honra da nação portugueza. Lisboa, no convento da Santissima Trindade, em 10 de novembro de 1642.

O D. Fr. *Adrião Pedro.*

Esta terceira parte da chronica d'el-rei D. João o primeiro, de gloriosa memoria, composta por Gomes Eannes de Azurara, não tem cousa alguma contra a

fé e bons costumes, antes n'ella se tratam feitos heroicos de valorosos portuguezes, assim da primeira como da segunda condição, que tomaram e sugeitaram á corôa de Portugal a insigne cidade de Ceuta, dos quaes podem tomar exemplo os presentes de quem se não espera menos do que seus antepassados com tanto valor fizeram. E assim me parece este livro muito digno de se imprimir. S. Domingos de Lisboa, 16 de dezembro de 1642.

M. Fr. *Ignacio Galvão.*

Vistas as informações pode-se imprimir a terceira parte da chronica d'el-rei D. João o primeiro, de gloriosa memoria, auctor Gomes Eannes de Azurara, e depois de impressa tornará ao conselho para se conferir còm o original e se dar licença para correr, e sem ella não correrá. Lisboa, 29 de novembro de 1643.

Fr. *João de Vasconcellos.*
Francisco Cardoso de Torneo.
Pedro da Silva.

Pode-se imprimir. Lisboa, 17 de novembro de 1642.

O Bispo de Targa.

Não achei n'esta chronica d'el-rei D. João o primeiro, de gloriosa memoria, cousa por onde se possa negar a licença que pedem para se imprimir. Lisboa, 31 de Dezembro de 1642.

Diogo de Paiva de Andrada.

Que se possa imprimir esta chronica, visto as licenças do Santo Officio e ordinario que offerece, e depois de impressa torne para se taxar, e sem isso não correrá. Lisboa, 13 de Janeiro de 1643.

João Sanches de Baena.
D. Rodrigo de Menezes.
João Pinheiro.

PROLOGO

Conclusão é de Aristoteles no segundo livro da Natural Philosophia, que a natureza e o começo de movimento é de folgança, e para declaração d'esto, aprendamos que cada uma cousa tem qualidade, por a qual se demove a seu proprio logar, quando está fóra d'elle, entendendo ali ser confirmado melhor e por aquella mesma propriedade assaz assocegamento, depois que está onde a natureza requer.

Exemplo d'isto é a pedra que por sua graveza e pezo descende ao logar que lhe pertence, e depois que o percalça não se move.

Assim similhavelmente cada um homem tem desejo de conservar sua vida, á qual são necessarias muitas cousas sobre que elle não ha posição, e portanto ha mister que as peça por seu movimento a quem entender que as póde outhorgar, e depois que

as tiver cobrará folgança, usando d'ellas segundo o que deve, e portanto a grandeza de nosso Senhor Deus infindamente é liberal, a elle que em que peçamos esto se póde mostrar por algumas razões.

Para conhecimento da primeira, saibamos que no primeiro livro da gloria, diz o philosopho que se alguma propriedade convem a duas cousas, uma a tem por azo da outra, e é necessario que a tal perfeição compridamente seja em a primeira, cujo exemplo é aqueste.

Certo é que a quentura não convém ao frio esquentado, senão por o fogo, porém não embargante que elles ambos sejam, ella mais pertence ao fogo sobre o qual direitamente podemos fundar nosso proposito em aqueste meio, crendo que nenhum bem fazer convem aos homens, senão por azo do Senhor Deus, em cuja provação diz o Apostolo Santiago na sua primeira Canonica, que toda boa doação e todo liberal outhorgamento de cima descende do padre, dos lumes que sobre esto esparge os raios de sua bondade.

E porque nós tenhamos ouzia de lhe pedirmos ajuda para todas nossas cousas, elle mesmo nos convida no capitulo de S. Matheus, dizendo:

Vinde a mim todos os que trabalhaes em vossos desfallecimentos e sois encarregados, eu vos outhorgarei avondança do que desejaes. E no capitulo 16.° do Evangelho de S. João manda que peçamos e receberemos, no que parece que sem receio o devemos rogar que nos ajude, pois que elle mesmo se offerece a nos outhorgar o que lhe pedirmos.

De si o disse o propheta nos quarenta e nove psalmos, dizendo a cada um homem: — Chama-me em o dia da tribulação e eu te livrarei e tu me louvarás.

E o mestre das sentenças em a quadragessima quinta definição do quarto livro diz que a creatura racional deve dizer as cousas temporaes á verdade eternal, pedindo aquillo que bem deseja que lhe seja outhorgado. E posto que nós razoemos esto em sua presença, não cuidemos que entenderá novamente o que não conhece, cá escripto é em o Evangelho que o nosso Padre sabe as cousas que nos são necessarias primeiro que as façamos. E porém diz S. Gregorio em o dialogo, que o nosso pedir não faz mudança em a disposição divinal, mas faz-nos impetrar o que eternalmente se ordenou ser-nos outhorgado por nossas petições, e portanto em o dezoito capitulo de S. Lucas se diz: — Convem de orar.

Entonce cobraremos o que fôr bem requerido, porém devemos poer em Deus toda nossa esperança, que é poderoso pera nos ajudar em qualquer obra pera que o requeremos.

Empero esta sua ajuda não podemos assim por nós mesmos percalçar, porque elle des o começo fez em as creaturas encadeamento por guisa que as virtudes do ceu não vem á terra que não passem primeiramente por os corpos que são entre ellas, nem se move alguma cousa d'um termo pera outro que por a metade não faça movimento.

Porém como de nosso Creador infindamente sejamos alongados, e no começo são postos alguns corpos a que elle deu parte em sua gloria, e com alguns d'elles nós temos alguma natureza, cumpre que a estes roguemos por nossas petições de que desejamos haver bom desembargo. E por algumas razões se pode aquesto provar, das quaes a primeira se faz por aquesta maneira.

Quanto a petição é mais humildosa e apresentada

sem presumpção, tanto deve ser outhorgada com maior vontade, porem como mais humilde se mostrar cada um, poendo em outrem sua confiança e não presumir de si mesmo, segue-se que com maior vontade lhe deve ser outhorgado o que demanda, pois toda sua esperança põem na bondade do Senhor e nos merecimentos de quem por elle pede, e por confirmação d'esto é escripto em o quinto capitulo de Job que nos tornemos a algum santo, por cujo merecimento nos seja outhorgado o que requeremos.

A segunda razão é que todo aquelle que se conhece por vil e mesquinho em presença de quem quer demandar, esperará com razão de não ser ouvido e de o não leixarem chegar pera dizer o que ha mister, e portanto deve requerer a outrem que verdadeiramente peça por elle, e pois nós quanto aos corpos n'esta vida somos mui sujos, depois da morte seremos mui torpe vianda de vermes. E quanto ás almas diz o propheta em o pslamo cincoenta que em maldade somos gerados, e concebidos em pecado, mostra-se logo devemos rogar a quem não tenha empacho de infindamente ao glorioso Senhor apresentar nossa informação, nem duvidaremos se alguns santos esto podem fazer, que no sexto capitulo do Apocalipse é escripto que a devoção das nossas orações sóbe por mão do anjo á presença de Deus. E no doze capitulo de Thobias se lê que lhe disse o anjo como apresentara suas orações quando jejuava e fazia esmolas e soterrava os mortos, em que parece que os anjos e os santos são nossos ajudadores, quando devotamente os requeremos.

A terceira razão é aquesta, que é nescio o que trabalha de ir só pelo caminho duvidoso, tendo seguro e proveitoso guiador, portanto as petições que fazemos a Deus de serem quejandas, devem pela maior parte ser

duvidosas, e temos medianeiro homem Jesus Christo, segundo diz o apostolo S. Paulo em a primeira epistola a Thimoteo; a elle nos tornaremos, principalmente por nos encaminhar, pois em o decimo quarto capitulo do Evangelho de S. João disse:

Ninguem vae ao divinal Padre, senão por elle, que é caminho e claridade do mundo.

Oraremos humildosamente, que por seus merecimentos seja guardador dos nossos desejos e por sua misericordia nos queira impetrar as graças que havemos mister.

Ora fallando da quarta razão, entendemos que qualquer que leixa em as cousas necessarias a certa pratica pelo duvidoso entender, não tão sómente faz simpleza, mas ainda commete loucura, porém como nossa petição toda seja duvidosa de aprazer a Deus, porque diz a Santa Escriptura que nenhum sabe se merece odio ou amor em sua presença, e com esto somos certos que Deus outhorga a muitos grandes mercês n'aquella vida e na outra, por a bondade dos que as pedem, por elles se mostra claramente que se nós queremos bem pedir, d'esta pratica devemos uzar, em cuja provação se lê em o decimo oitavo capitulo do Genesis, que sovertendo Deus as cidades de Sodoma e Gomorra, livrou Loth por rogos do santo patriarcha Abrahão.

Quem soverteu as cidades e livrou Loth?

Muitas vezes fôra perdido o povo de Israel por sanha de Deus se o não abrandaram os rogos do propheta Moysés. E a linhagem de Salomão de todo perdera a cadeira real, senão fôra por el-rei David, servidor do mui alto; e direita razão é que pois aos homens são outhorgadas muitas graças por azo d'aquelles que podem pecar, muito mais lhe devem ser feitas mercês por rogos d'aquelles que já por sempre

não podem fallecer, e porém entenderemos que os santos rogam por nós em a outra vida.

Saibamos que o mestre das sentenças diz em as quarenta e cinco definições do quarto livro, que as almas bemaventuradas que por a esperança divinal recebem ledice em a face de Deus, entendem as cousas que se fazem de fóra, quando é compridouro pera seu prazer ou pera nossa ajuda, em que parece que os santos não dizem a Deus o que nós requeremos, mas elle lhe mostra os nossos desejos, querendo que por suas petições nos sejam cumpridos, porém a elle, segundo cada um tiver sua devoção se tornará devotamente, por guisa que aonde o seu requerimento não poder abranger chegue o merecimento d'aquelle em cuja santidade pozer confiança, especialmente poremos em a Virgem Santa Maria Senhora dos Anjos, que seja nossa advogada por sua misericordia, porque as cousas que forem requeridas por ella pera nós, sem tardança serão outhorgadas, ca diz Santo Anselmo no livro do Concebimento Virginal, que muitas vezes chamando os homens aquesta Senhora, mais trigosamente recebem graça que se Jesus Christo fosse chamado, esto não por ella ter melhoria sobre seu filho, mas por quanto Elle é julgador dos merecimentos de cada um não embargante que ouça quem quer que o chama por justo juizo, e retendo outhorgar o que não é merecido e de quem a sua Madre é chamada e requerida, posto que o pedidor não mereça ser ouvido, os merecimentos d'ella são abastosos pera comprir a petição do que fôr desejado. E por quanto eu sinto de mim tanta fraqueza pera continuar a seguinte obra, digo com toda humildade e reverencia em aquesta guisa:

Aquelle cuja graça por divinal resplendor infla-

mou os corações de seus santos apostolos da perfeita sabedoria e espiritual eloquencia, mande sobre mim alguma parte dos atomos d'aquella graça que por minha rudeza e fraco engenho possa fallar da franqueza e maravilhosos feitos d'este virtuoso e nunca vencido principe rei D. João, aquello que em seus grandes merecimentos mui inteiramente cabe, cuja historia nos seguintes capitulos entendo escrever, porque não menos me parece que deve o seguinte feito e os que detrás d'elle são escriptos, haver menos auctorizado registro do que houveram os feitos do grão Machabeu e d'outros muitos duques e principes que por suas obras a Deus muito prouveram.

Des-ahi punha fiuza em a divinal Madre mais gloriosa que outra pessoal creatura e virtuosa, possuidor em sobreavondavel cumprimento, em cujo ventre de virtuosa pureza fez a divindade graciosa morada e foi gerado finito temporalmente Deus Nosso Senhor Jesus Christo, porque ella é exalçada sobre todas tres hierarchias dos santos principados que por este seu infindo merecimento, pois ella de todas graças é ministradora, não tanto por meus fracos rogos, como por a singular devoção que este glorioso principe na santissima pureza sempre houve, impetrará por mim tal graça que eu possa escrever sua historia, segundo seus grandes merecimentos requerem, conhecendo que por mim nenhuma cousa posso sem sua graça e ajuda, segundo é escripto por Avicena em sua Metaphisica, dizendo que o não ser vem de nós e o ser de outrem, s. de Deus nosso creador em cuja prevação diz S. Gregorio que todas as cousas seriam tornadas em nada se as mãos do todo possante Deus as não conservassem, porque nenhuma condição é tanto izenta que em fallecimento não haja sua parte.

TERCEIRA PARTE

Da chronica d'El-Rei D. João o primeiro
e dos reis de Portugal o decimo
Em que se contem a tomada de Ceuta
Composta por Gomes Eannes de Azurara
chronista mór d'estes reinos

CAPITULO I

Do começo da historia e fundação de Ceuta.

O tempo e grandeza das obras, nos constrange fortemente que escrevamos nos seguintes capitulos a gloriosa fama da mui notavel empreza tomada por este virtuoso e nunca vencido principe, senhor rei D. João, que em seu proposito determinou forçosamente por armas conquistar uma tão nobre e tão grande cidade, como é Ceuta, no qual feito consirando podemos esguardar quatro coisas, a saber, grande amor da fé, grandeza de coração, maravilhosa ordenança e proveitosa victoria, a qual foi maravilhoso preço de seu grande trabalho, e pas-

saremos ao presente pela declaração de aquestas coisas, porque se de alguma d'ellas singularmente fallando pouco dissessemos, nossa força seria ingrata, e se de todas assaz fallassemos, pareceria infinda, empero sob muita brevidade algumas coisas diremos de cada uma, porque os ledores saibam como o dito rei se em ellas houve ácerca d'este feito.

Grande ardor foi o de sua fé em todas suas obras, singularmente em esta, ca todo seu principal movimento foi serviço de Deus e grande desejo que tinha de emendar alguma cousa, se a contra vontade de Deus fizera no tempo da guerra passada, e assim o dizia muitas vezes em sua vida, quando se acertava em ello fallar, que posto que em ello houvesse guerra, mui justa com seus inimigos, a qual era por defensão de sua terra, na qual suas armas muitas vezes foram tintas de sangue, que elle não entendia d'ello fazer, senão lavando suas mãos no sangue dos infieis.

Oh! maravilhosa caridade de principe, cuja similhança em homem d'aquelle tempo não foi achada, que com tamanho temor divinal tratava suas obras, que certo não era sem rasão que tão catholico e religioso principe cobrasse bemaventurados aquecimentos, pois sob o jugo da fé com tanto temor de Deus trabalhava seus feitos, que escripto é por Valerio Maximo, no seu primeiro livro, que porque os Romãos guardavam reverencia aos Deuses e sem sua vontade alguma cousa não faziam, por isso durou longamente o seu senhorio; e fallando da grandeza de seu coração, que poderemos dizer, senão que foi uma coisa mais pera maravilhar, que pera fallar de grandioso homem, sendo de tamanha edade era pouco seguro de seus imigos, porque as pazes que com elles tinha não eram tão firmes que se ligeiramente não podessem

quebrar, maiormente não sendo outhorgadas por el-rei, a qual cousa muitos consiravam que podia empachar sua obra, mas elle com nenhuma cousa poude receber embargo, antes com aquella firmeza e ardor da fé, que já fallámos, desprezou todos os contrarios que o poderiam empachar pera cobrar aquella victoria a que o seu coração prophetizando o chamava, não se contentando ainda por si só cobrar este feito, mas de seis filhos que tinha, os quatro que eram pera tomar armas áquelle tempo, levou comsigo.

Mas da postura de seus feitos e de como os tres d'elles foram cavalleiros, fallaremos ao deante mais cumpridamente, leixando sómente o rei no sob governança de um antigo cavalleiro, creado seu, que era mestre d'Aviz. Mas a ordenança de seus feitos foi cousa maravilhosa pera aquelles que viviam n'aquella edade, a qual pela historia adeante será devisada cumpridamente a quem em ella esguardar, porque achará que nem o cerco de Troia nem a passada de Sipião em Africa, foram de tanta excellencia.

Pois da victoria que lhe o Senhor Deus outhorgou em fim de seus grandes trabalhos, por contrato de suas famosas cavallarias, bem pode ser exemplo a todos os principes do mundo.

Muitos suficientes historiadores escreveram cavalleirosos feitos e façanhosas historias de muitos reis, duques e principes passados, mas por certo em nenhuma escriptura se achará que em tão breve tempo uma tão notavel e tão grande cidade fosse filhada por força d'armas, não porque ella de muitos por sua grande nobreza, não fosse cobiçada e desejada, mas punha espanto aos rostos dos que a olhavam e esguardavam seu temeroso semblante.

Santo Agostinho, que foi bispo em Africa, dá tes-

temunho da nobreza d'esta cidade, e que de todos os senhores, d'aquella terra foi sempre desejado seu senhorio.

Conta um senhor d'ella, Abdabiz, que foi grão doutor entre os mouros, que esta cidade foi fundada depois da destruição do diluvio, annos duzentos e trinta e tres, e assim havia a aquelle tempo que ella foi filhada quatro mil duzentos e oitenta e tres annos, e havia oitocentos e dezoito que era em poder de mouros, e diz que o fundador d'ella foi seu neto de Noé, e que esta foi a primeira que elle fundou em toda aquella terra d'Africa, e que portanto lhe poz o nome Ceyt, que quer dizer em lingua caldea, começo de formosura, e diz que mandou escrever umas letras em a primeira pedra que se poz no alicerce que diziam:

Esta é a minha cidade Ceyt, a qual eu povoei primeiramente de companhas de minha geração; os seus cidadãos serão estremados de toda nobreza d'Africa; dias virão que sobre o seu senhorio se espargirá sangue de diversas nações, e o seu nome durará até o acabamento do derradeiro segre. E assim deveis de saber que depois que esta cidade foi primeiramente fundada até o tempo que el-rei D. João a filhou, nunca foi nenhum principe nem senhor que cobrasse seu senhorio por força d'armas, porque ella foi primeiro de gentios, como dito é, e depois foi convertida á fé de nosso Senhor Jesus Christo, na qual durou até o tempo que o conde Julião a entregou aos mouros, quando por vingança d'el-rei D. Rodrigo, os mouros primeiramente passaram em Hespanha, segundo conta Santo Isidro e mestre Pedro e D. Lucas de Tuy.

Oh! cidade de Ceuta, diz o doctor, ante todas as de Africa mais exalçada, muito favoraveis te foram

os planetas e os signos muito sujeitos á tua constellação, em que primeiro foi teu fundamento, pois tão longamente guardaste tua virgindade em desprezo de tantos e tão ricos barões de quem sempre foste tão desejada, por te dares inteira e só a um tão alto e glorioso rei, o qual te depois tanto amou e tão valentemente defendeu. Dina será a tua façanha de perpetua remembrança, eras tu primeiramente de nação barbara, mais baixa de todas as nações, e agora acompanhada e guardada por força de linhagem dos reis de Hespanha e da casa de Inglaterra.

Partidas são de ti as ensujentadas cerimonias do abominavel Mafamede, e as suas mesquitas sagradas com elle são todas tornadas em templos do não mortal Deus, e n'elles tratado o mysterio do divinal sacrificio. Qual cidade é hoje no mundo mais temida e prezada que ti? Por certo grande gloria te será quando pensares quanto nobre sangue é espargido por teu defendimento, alegre e com grado deverás tu receber tal senhor.

Ora com graça de Deus começaremos nossa historia, repartida em capitulos segundo real ordenança dos antigos historiadores. Empero não será tão compridamente contada como foi o feito, porque nós começamos de escrever trinta e quatro annos depois de sua tomada, e afóra os impedimentos que ao deante serão contados, no dito tempo falleceram quasi a maior parte das auctorisadas pessoas que foram no conselho e feito da dita obra, que d'elle perfeitamente sabiam, e os que ficaram de que tinhamos razão saber, eram tão grandes senhores que pela excellencia de seu estado foram sempre tão ocupados que perderam a lembrança de mui grão parte das circumstancias d'aquellas cousas, maiormente que o principal d'estes

era o infante D. Henrique, o qual foi sempre tão occupado nos feitos do reino, des-ahi teve sempre em elle muito grandes encarregos cuja força occupou muito seu accordo em este feito, a qualidade dos quaes contaremos ao deante.

Proseguindo nossa força e tomando porém alguns pedaços que ficaram pegados nas paredes do entendimento d'este senhor, cheias de mui grandes cuidados e cercadas de feitos estranhos, com algumas migalhas que de fóra apanhamos, trabalharemos de fazer cousa que pareça inteira, segundo a fórma do processo que se segue.

CAPITULO II

Em que se declaram as razões porque esta força foi começada tão tarde.

Qual foi o primeiro movimento d'aquella demanda que era entre o reino de Castella e Portugal, des-ahi todos os aquecimentos que se d'elle seguiram, assaz tenho que fica declarado em um livro que d'elle é escripto, o qual foi posto em ordenança por uma notavel pessoa que chamavam Fernão Lopes, homem de communal sciencia e grande auctoridade, que foi escrivão da puridade do infante D. Fernando, ao qual el-rei D. Duarte em sendo infante, commetteu o cargo de apanhar os avisamentos que pertenciam a todos aquelles feitos, e os ajuntar e ordenar segundo pertencia á grandeza d'elles

e auctoridade dos principes e outras notaveis pessoas que os fizeram.

E por quanto o dito Fernão Lopes não pôde mais chegar com a dita historia que até a tomada de Ceuta, assim pela grandeza da obra que se n'aquelles feitos passados requeria, como pelos avisamentos d'elle serem caros e maus de apanhar, e esto porque a dita historia foi começada tão tarde que muitas das pessoas que verdadeiramente sabiam, eram já partidas d'este mundo, e outras que ficaram estavam departidas pelo reino, cada um onde lhe a ventura ordenara de serem, com galardão de seu trabalho segundo a parte de seu merecimento, ca não foi algum que servisse em alguma maneira a aquelle grande principe e senhor rei D. João, que ficasse sem maravilhosa satisfação de seu serviço, não ainda segundo a qualidade de seu merecimento, mas muito melhor e mui grandemente, segundo em sua historia em algumas partes podereis achar, ca entre os reis que foram em Portugal até sua edade elle foi havido por mais grande, e a sua magnificencia procedia de sua mui grande magnanimidade, e assim foi necessario ao dito Fernão Lopes de andar por todas as partes do reino pera haver cumprida informação do que havia de começar, e não tão sómente por aquelles que os ditos feitos trataram pôde ser perfeita informação, por quanto os mais d'elles eram chegados a derradeira edade, onde a memoria perde muito das primeiras cousas, que os velhos por natureza, por razão de esfriamento do sangue, perdem muitas cousas que na mancebia aprenderam, como escrevia S. Jeronymo em uma epistola a Nepociano, que sendo elle mancebo todas as cousas retinha vivamente, mas depois que a cabeça foi cã e a face enverrugada, logo um sangue frio lhe cercou o coração,

de guisa que muitas cousas que vira e aprendera na mancebia lhe esqueceram na velhice, e des-ahi os grandes trabalhos em que aquelles velhos andaram com el-rei todo o outro tempo passado, foi grande azo de se não lembrarem de todo compridamente, por cuja razão o dito Fernão Lopes despendeu muito tempo em andar pelos mosteiros e egrejas buscando os cartorios e os letreiros d'ellas, pera haver sua informação, e não só em este reino, mas ainda ao reino de Castella mandou el-rei D. Duarte buscar muitas escripturas que a esto pertenciam, por quanto o seu desejo não era que os feitos de seu padre fossem escriptos, senão mui verdadeiramente, e assim por esta tardança e por a historia ser começada tarde, o dito Fernão Lopes não pôde com ella chegar mais que até o tempo que os embaixadores d'este reino foram a Castella primeiramente firmar as pazes com el-rei D. Fernando de Aragão, e com a rainha D. Catharina, que áquelle tempo eram tutores d'el-rei.

E porquanto o mui alto e mui poderoso principe e senhor el-rei D. Affonso o quinto, ao tempo que primeiramente começou de governar seus reinos, soube que os feitos de seu avô ficavam por acabar, considerando como o tempo escorregava cada vez mais, e que tardando de ser escriptos, poderiam as pessoas que alli foram fallecer, por cuja razão se perderia a memoria de tão notaveis cousas. Portanto mandou a mim Gomes Eannes d'Azurara, seu criado, que trabalhasse de as ajuntar e escrever por tal guisa que ao tempo que se houvessem de ordenar em chronica, fossem achadas sem fallecimentos. E eu em cumprimento de seu mandado e por satisfazer a seu desejo, como de meu senhor e meu rei, me trabalhei de eu querer e saber as ditas cousas

e as escrevi em estes cadernos pela guisa que ao deante é conteuda, com tenção de as accrescentar ou mingoar em quaesquer logares em que foi achado, por verdadeiro juizo que o merecem, e a auctoridade d'aquellas pessoas, porque fui avizado, em ellas haverá pouco fallecimento, ca é cousa certa, que nos feitos que muitos viram e sabem, nunca homem tantas vezes pode perguntar quem sempre não ache cousas novas que saber, e isto porque cada um conta o feito por sua guiza, buscando muitos homens que vissem uma cousa e perguntando a cada um por si, achará que o primeiro não concerta com o segundo, nem o terceiro com o derradeiro, quanto a circumstancias da obra, e esto sei eu bem porque o pratiquei por muitas vezes.

Ora quando se esto faz em uma cousa pequena, que se fará no filhamento de uma cidade, ou no revolvimento d'uma batalha campal, onde a occupação de cada um não se póde mais entender, que a defensão de sua vida, em que elle tem tanto que fazer, que não é de crêr que pera outra nenhuma parte reparta seu cuidado? E quem quizer escrever os falamentos de todos seria uma cousa defusa, ou mais direitamente impossivel, ca elles não se contentam de contarem o que sabem, mas ainda accrescentam no que ouvem, e em muitas partes tão largamente, que fazem aquelles que hão de escrever a sustancia dos feitos, pôr em mui grandes duvidas, de guiza que é mais segura parte perguntar a poucas e a certas pessoas, que demandar a todos o que perfeitamente não ha razão de saber.

CAPITULO III

Da tenção que el-rei houve de mandar requerer pazes a Castella.

Mas é agora primeiramente de saber o grande desejo que el-rei havia de vêr acabados os feitos da guerra, que era entre elle e o reino de Castella, não porque elle em seu coração temesse o poder dos castellãos, nem d'outras nenhumas pessoas, que assás era de esforçado e valente em todos os casos perigosos, e quanto o trabalho e o espanto era maior, tanto o seu esforço era mais grande, segundo bem ouvistes nos grandes e perigosos logares em que foi, como os susteve esforçadamente; nem ainda havia elle razão de desejar paz, porque lhe as cousas até alli não accudissem segundo sua vontade, ca em todos aquelles feitos a fortuna lhe rendera melhor do que elle desejara, por cuja razão os feitos d'aquella guerra eram por todas as partes do mundo mui nomeados, ca fallamos ainda mais pelos damnos e perdas que os castellãos receberam, que elle nem os seus, mas de tal guisa pelejava que sempre pelejando parecia que buscava a paz, segundo se claramente mostrou por todos os seus feitos, a qual cousa foi sempre muito louvada, assim pelos douctores da santa egreja, como pelos philosophos historicos e peripaticos, e por todos os outros auctores historiaes, assim gregos como latinos, os quaes todos juntamente e cada um por si accordaram esta será mais excellente virtude que se

pode achar em um principe, nas adversidades ser forte e nas prosperidades humildoso, e por fallecimento de cada uma d'ellas cahiram já muitos principes mui grandes quedas, segundo conta João Bocacio, um poeta que foi natural de Florença.

Nem entendaes que el-rei assim desejava a paz por força de cansaço que houvesse em suster os trabalhos da guerra, os quaes são por si tão grandes que sobre elles não ha outros maiores, ca não ha principe que os continuadamente supporte, que se lhe a velhice não antecipe antes muitos annos, do que a sua natureza requer, e como o podereis vêr na segunda decada de Tito Livio no decimo livro, onde falla das razões que houve Annibal com Sipião chamando-se velho, sendo elle em edade de trinta e seis annos, sómente por o trabalho da guerra que sustivera em Hespanha e Italia por espaço de dezeseis annos; e se el-rei D. João este cansaço e enfadamento sentira, não movera logo tanto que a paz foi acabada tão grandes cousas, como achareis adeante que moveu, e pois medo das aventuras da fortuna, nem o espanto da grande multidão dos inimigos, não foi o principal azo porque elle buscasse paz, nem outrosim vontade pera se afastar dos trabalhos e buscar repouso e assocego, senão esta sua vontade de paz se atribuiram aquelles dois principios, que são escriptos na primeira taboa pelo dedo de Deus, dados a Moysés no monte Oreb, nos quaes se encerram todos outros segundo o diz a Santa Escriptura, o que amará a Deus sobre todas as cousas e a seu proximo como a si mesmo.

E amava Deus emquanto cobiçava e desejava de o servir n'aquelle officio; quem a seu estado convinha, offerecendo seu corpo de receber muitas chagas e fe-

ridas, não estimando trabalhos corporaes nem espalhamento de sangue pelo seu amor, e o que mais caro era, não perdoar a sua vida por exalçamento de sua santa fé catholica.

E posto que alguns nescios e covardes digam que a guerra dos mouros não é o maior serviço que a Deus pode ser feito por os seus fieis christãos, erram gravemente, que se assim foram os mui nobres reis de Hespanha que lançaram os mouros d'ella depois da morte d'el-rei D. Rodrigo, não fizeram hoje tão grandes milagres, como Deus cada dia por elles faz nas sepulturas onde jazem, nem se lhe fizera tanto serviço como se lhe faz nas sés, mosteiros e egrejas que elles tão grandemente edificaram e dotaram, e deixando-lhes mui grandes rendas de que se mantiveram e mantem muitas pessoas religiosas, que cada dia louvam e adoram o nome do Senhor e os bemaventurados martyres, que por exalçamento de sua santa fé se foram entre os mouros a receber corôa de martyrio, não teriam taes sedas como tem e possuem eternalmente entre o throno do imperador celestial.

Amava ao proximo emquanto se doia de qualquer damno que lhe viesse, ca posto que aquellas victorias houvesse contra elles, sempre os requeria e amoestava que todavia houvessem paz, esto era forte cousa, que elle que havia de ser requerido pera ella pela victoria que havia, e elle a mandava requerer.

Mas isto fazia elle a dois fins por duas cousas, a primeira porque lhe pezava de seu damno emquanto eram christãos, a segunda porque guerreando com elles não podia haver logar para servir a Deus, como desejava, em este passo tem alguns pouco menos que hereges, que todas as creaturas racionaes de qualquer lei que sejam, devemos de contar por proximos, o que

se assim fosse seria erro fazermos-lhes damno de certa sciencia, mas a isto posso eu dar aquella resposta que já dei acima com outras muitas auctoridades da Santa Escriptura que eu bem poderia amostrar, posto que fraco letrado eu seja, as quaes ficam por escrever porque não são pera declarar de todos em similhantes logares, porém concluindo este capitulo, o victorioso rei D. João, em cumprimento de seu grão desejo, segundo os mandamentos de Nosso Senhor, tanto que elle pôde buscou e requereu paz, a qual lhe Deus encaminhou, conhecendo sua vontade, pela maneira que adeante ouvireis.

CAPITULO IV

Como os embaixadores foram a Castella e da resposta que houveram.

Depois da morte d'el-rei D. Henrique, que foi filho d'aquelle rei D. João, que veio á batalha de Aljubarrota, ficaram d'elle dois filhos, a saber, um filho que chamavam D. João como seu avô, e uma filha que houve nome D. Catharina, como sua madre, e porquanto aquelle filho d'el-rei D. Henrique que lhe succedeu no reino era de muito pequena edade, quando primeiramente começou de reinar, ficaram por seus tutores a rainha D. Catharina sua madre, que era irmã da rainha D. Filippa, e o infante D. Fernando seu tio, que depois foi rei de Aragão, e logo a cabo de tempo el-rei enviou seus embaixadores

áquelles tutores d'el-rei, com suas cartas de crença pera acertarem com elles as pazes entre ambos os reinos, assim e por aquella guiza em que fosse achado por direito que se devia de fazer, os quaes embaixadores eram João Gomes da Silva, alferes d'el-rei e rico homem e de seu conselho, e Martim Docem, governador da casa do infante D. Duarte, seu filho herdeiro, e o doutor Beliago, Adayão da Sé de Coimbra, todos tres em seus estaos eram notaveis pessoas e de grande auctoridade, e tanto que chegaram á corte d'el-rei, lhe deram suas cartas de crença e começaram de acertar seus feitos com aquelles tutores d'el-rei, os quaes mostraram logo pelo presente que eram bem contentes que a paz se fizesse, comtanto que fosse buscado caminho, como se bem e direitamente podesse fazer, deveis de saber que as boas vontades d'aquestes, eram movidas por esta guisa.

Primeiramente a da rainha precedia por causa do divido que havia tamanho com a rainha D. Filippa, cujos filhos eram primos com irmãos dos seus, e por ello desejava que se fizessem entre elles taes amizades, por que ao deante não houvesse nenhuma contenda entre si e o infante D. Fernando, trazia seus trautos no reino de Aragão pera haver de ser rei, como ao deante foi, e esto era porque por morte de el-rei D. Martinho não ficou nenhum filho nem neto que herdasse o reino, e porém eram em contenda sobre a herança d'aquelle reino, el-rei Reynel, que era rei de Napoles, o infante D. Fernando e o conde de Urgel, padre que foi da mulher do infante D. Pedro, e o duque de Gandia, empero este não pode muito seguir sua demanda por azo do padre que lhe falleceu pera ello, os outros tres ficaram em contenda, e por quanto o conde de Urgel era natural do reino e se criára em

elle, sentia o infante D. Fernando que com qualquer parte do direito que tivesse, seria mais favorecido no reino que elle que era estrangeiro, pela qual razão tinha vontade de proceder poderosamente no regimento d'aquelle feito, e porque elle cada dia estava em esperança de se ir ao reino de Aragão, com poderio de gentes pera tomar posse do senhorio, sentindo que se a guerra de entre Portugal e Castella ficasse em aberto, que não poderia tão bem acabar seus feitos, porque era necessario que elle fosse o principal governador d'ella, e que sendo occupado em similhante trabalho perderia de todo o reino de Aragão, que lhe era tamanha honra e acrescentamento, e porém não sómente lhe aprouve de se a paz requerer em tal tempo, mas ainda teve que lhe fazia Deus mercê por lhe trazer tamanha segurança pera seus feitos, empero ao tempo que os embaixadores ácerca d'ello fallaram apartadamente, elle não mostrou outra necessidade, porque o fizesse sómente por lhe parecer razão e direito de se fazer, e assim pela boa vontade que mostrava a el-rei D. João, de maneira que tolla a duvida e tardança d'aquelle feito ficou nas egualanças que se haviam de fazer por causa dos damnificamentos que foram feitos entre um reino e o outro no tempo das guerras passadas, sobre as quaes foram tiradas suas inquirições por todos os logares do estremo, assim d'um reino como do outro, e por todas outras partes onde quer que os ditos damnos foram feitos, des-ahi fizeram seus descontos e finalmente firmaram as pazes entre ambos os reinos com todo bom amor e concordia pera todo sempre, das quaes foram feitos certos capitulos firmados por aquelles tutores d'el-rei e por todos os outros principaes do reino, ficando resguardado de ser depois requerido a el-rei D. João de

Castella, como fosse de edade que firmasse e jurasse os ditos capitulos, porque d'alli adeante não os podesse contradizer nem revogar, e des-ahi os embaixadores d'el-rei de Portugal, por poder de suas procurações que pera ello tinham mui sufficientes, juraram e firmaram as pazes até que os embaixadores de Castella viessem a este reino e as firmassem de todo, assim el-rei e seus filhos, como todas as outras pessoas grandes do reino, e esto todo acabado, foram dados pregões por todo aquelle logar, onde a côrte era, com toda a solemnidade que a tal feito cumpria, e assim feitas cartas pera todas as cidades, villas e logares d'aquelles reinos, pera que as fizessem apregoar por todas as suas praças e ruas principaes, a firmeza com que as ditas pazes eram feitas, mandando-lhe que d'alli em deante tratassem com os d'este reino com todo bom amor e concordia.

CAPITULO V

Como os embaixadores tornaram de Castella e como as pazes foram divulgadas por todas as partes do reino.

Como as novas chegaram a Lisboa onde el-rei estava, da vinda dos embaixadores, mandou logo que lhe tivessem prestes suas pousadas e os fez nobremente agazalhar, assim pelo merecimento de suas pessoas, como por razão da embaixada que traziam, e des-ahi teve seu conselho, no qual os ditos embaixadores foram ouvidos, da resposta que tra-

ziam, contando a el-rei toda a maneira que se com elles tivera n'aquelle reino de Castella, dando-lhe encommendas da rainha e do infante D. Fernando, assim a elle como a seus filhos e a todas as outras grandes pessoas do reino, e des-ahi entregaram a Gonçalo Lourenço todas as escripturas que traziam das firmezas das pazes, as quaes logo alli foram lidas e publicadas em presença d'el-rei e de todos os outros senhores que alli eram; el-rei agradeceu muito aos embaixadores o que assim trataram e encaminharam por seu serviço, porque fôra todo muito bem tratado e encaminhado.

Depois que esto todo foi acabado, mandou que se apregoassem logo aquellas pazes em aquella cidade, com aquella festa e solemnidade que tamanho auto requeria, e mandou isso mesmo que fossem feitas cartas pera todas as cidades e villas do reino e pera alguns nobres homens que alli não eram de presentes, por as quaes lhe fazia saber como por graça de Deus entre os seus reinos e os de Castella eram firmadas pazes e amigaveis lianças para todo sempre, e porém lhes encommendava que dessem por ello muitas graças a Deus e que fizessem apregoar as ditas pazes, cada um em seus logares. As quaes cartas assim feitas e enviadas, foi feito por todo o reino o que lhe el-rei assim mandara.

Mas pera fallarmos direitamente, é bem que digamos a diversidade das opiniões que havia nas gentes do reino, cada uns em sua parte; primeiramente todos os velhos e aquelles que haviam direito juizo, eram muito alegres, ouvindo a certidão d'aqueste feito, e convidavam seus amigos pera suas casas e logares, fazendo mui grandes convites, nos quaes faziam mui grandes despezas, sómente por se alegrarem de tama-

nho bem, e não podiam em alto fallar, emquanto assim estavam em seus ajuntamentos, senão nas grandes virtudes d'el-rei D. João.

«Agora, diziam elles, é Portugal o maior e mais bem aventurado reino que ha no mundo, ca nós temos entre nós todas as boas cousas que um reino abastado deve ter, nós temos grande abundancia de pão, por tal guiza que nunca a destemperança dos tempos pode ser tamanha que sempre em algumas de nossas comarcas não haja pão com que se as outras possam repairar, e ainda quando os annos forem eguaes, de nossa abundancia poderemos aproveitar a muitos de nossos amigos.

Temos muitos vinhos de desvairadas nações, de que não sómente a nossa terra é abastada, mas ainda se carregam muitas naus e navios pera soccorrimento das terras estranhas.

Pescados do mar e do rio são tantos e taes que em outras nenhumas partes do mundo são achados, e em maior abundancia, ca dos nossos portos se mantem mui grande parte da Hespanha.

Azeites e melles são entre tantos e tão bons, que os nossos visinhos hão mister de nós e não nós d'elles.

Carnes de todas as maneiras proveitosas e de grande sabor, que nas nossas terras e campos se criam por todos os tempos do anno, quaes e quejandas as naturezas dos homens sãos e doentes hão mister.

Fructas e legumes com todas as outras cousas nascem em nossas terras sem grão trabalho dos homens. E assim havemos estas cousas em tamanha abastança que a multidão d'ellas nos faz desprezar sua valia.

Os nossos portos e ancorações são tão seguras de todos os tempos contrarios, que tarde ou por grande

ventura recebem os navios nenhuns damnos em elles, porque hajam razão de se perder.

Ora pois, que assim é que nós temos tanta abundancia entre nós, qual cousa poderemos mais rasoavelmente desejar que a paz, que sem ella por grande e boa que seja a cousa, não se póde em seu perfeito estado conservar, e os damnos que da guerra se seguem assaz são muitos e grandes, porém pois que a Deus aprouve de dar tanta victoria e tanto bem ao nosso bom rei, que nos procurasse a paz com o reino de Castella, temos grande rasão de nos alegrar e rogarmos a Deus pela saude e estado d'el-rei nosso senhor, que pois nós temos com Castella paz todo o outro poder do mundo não no havemos que temer, cá nós de uma parte nos cerca o mar, e da outra temos muro no reino de Castella.

Ora d'aqui ávante poderemos aproveitar nossos bens e vender nossos fructos sem alguma torva nem empacho, e já agora os nossos mercadores poderão ir seguramente por toda a Hespanha a vender suas mercadorias, de que nos poderão trazer muitas nobres cousas, para guarnição de nossas casas, e os nossos lavradores que moravam n'aquelle extremo tornarão a povoar os casaes e herdades que desampararam com temor dos inimigos, e nós outros jazeremos nas camas repousando sem esperança dos trabalhos da guerra para que hajamos de ser chamados, nem ouviremos os gemidos das mulheres a que chegarem as novas das mortes de seus maridos, e quando andarmos pelas nossas praças, não teremos nenhum temor de nos chegarmos ao ajuntamento de nossos amigos, por recearmos de ouvir as desaventuras de nossa terra, porque quando se as cousas revolvem por similhante maneira, ameude correm as novas pelas cidades e

villas, as quaes continuadamente não podem ser alegres.

Nós andaremos por nossas romarias, visitando as reliquias dos santos, pera que possamos cobrar salvação pera nossas almas, e quando jouvermos em nossas camas, chegados a morte, teremos vagar pera fazer nossas mandas e testamentos, com grande segurança que se nos hajam de cumprir nossas postrimeiras vontades, depois do acabamento de nossas vidas, e alegres nos partiremos d'este mundo, quando certamente soubermos que as nossas carnes se hão-de gastar nos cemiterios d'aquellas egrejas, onde os dizimos dos nossos fructos e as primicias dos nossos gados démos aos reitores, padres de nossas almas, e que será outra cousa a terra que nos gastar, senão carne de nossos padres e avós, filhos e parentes? Em cuja companhia nos alevantaremos quando derradeiramente formos chamados para irmos juntamente áquelle juizo no qual o Filho da Virgem determinará nossas maldades, como por sua mercê, os quaes proveitos todos nos trouxe a bem aventurança da paz.

Outras departições mui contrarias d'aquestas eram entre os fidalgos mancebos, com todos os outros de sua edade, e assim alguns homens que não tinham outro bem senão esperança do ganho que lhe havia de ser dado pela avantage que fizessem no feito das armas.

Certamente, diziam elles, não tinha el-rei menos cuidado de tratar pazes com Castella, que se na guerra tivera perdido os melhores castellos do de seu reino.

Que queria elle mais senão que os castellãos viessem requerer pelos damnos que lhe cada dia eram feitos, nós tinhamos agora tempo de cobrarmos de Castella quamanha parte quizeramos, cá el-rei é em mui

pequena edade, por cuja rasão todo seu reino se rege por tutores, os quaes continuamente não podem serem em um accordo, e com qualquer pequena desavença que entre elles houvera, logo fôra necessario que todo o reino fôra devizo, que fôra grande azo para nós fazermos nossas entradas por aquelle reino, de cujos roubos enriqueceriamos toda nossa terra, e os nobres homens tiveram tempo e azo de exercitar suas forças e valentias, segundo pertence a ardideza de sua edade; quanto o trabalho fôra maior e a guerra mais continuada, tanto elles tiveram mais uzado o officio das armas e mais cousas e melhores experimentadas com que poderam fazer grande empecimento a seus inimigos, o que agora será pelo contrario, cá os mancebos perderam a melhor parte da sua edade, ou se irão fóra do reino, onde os galardões de seus trabalhos serão atribuidos aos estranhos, empero esta culpa não é senão da velhice, ca el-rei e todos aquelles que algo seguiram nas guerras primeiras, são já cansados e enfadados pela grande soffrença dos trabalhos que houveram, e porém desejam repouso, pelo qual trabalharam de trazerem todos os feitos a este fim, cá se elles foram dos nossos dias, não se trigaram tão azinha de buscar assocego pera si nem pera o reino, salvo se fôra com outra muito maior avantagem.

Quem será aquelle que possa em este mundo fazer cousa por santa e boa que seja, que haja de aprazer a todos, quando aquelle que fez todas as cousas, obrando tão justamente, não pôde fazer cousa com que approuvesse a todos, ca se fôr obra de sizo, é necessario que aborreça ao sandeu, e se fôr feito de fortaleza enteja ao fraco, e assim que cada uma cousa aborrece seu contrario.

Outras departições houve em aquelle feito como ge-

ralmente se faz em todas as obras dos homens, das quaes não curamos, porque não é bem que vamos pelo rasto de todas as cousas.

CAPITULO VI

Como el-rei D. João enviou requerer ao infante D. Fernando a conquista de Grada.

Assim trazia o mui nobre rei D. João prantado o amor da santa fé nas entranhas de seu coração, que tanto que aquella paz teve cobrada, logo se trabalhou de imaginar logar e maneira como podesse fazer serviço a Deus, segundo tinha desejo, e porquanto o reino de Grada lhe pareceu mais azado pera guerra que outro algum, fez saber sua tenção ao infante D. Fernando, porquanto os reis de Castella tem assim aquelle reino quasi em sujeição, dizendo que é de sua conquista, que por tanto não o deve guerrear nenhuma pessoa, sem sua auctoridade e mando, e isto ficou assim assentado em uzo des o tempo que os reis de Hespanha tinham os mouros entre si, que já agora convinhavelmente o hão por direito, e tanto que aquelle recado foi ao infante D. Fernando, deu em resposta que os feitos de Castella estavam assim empachados, que elle por entonce não podia determinar direitamente a resposta que n'aquelle feito houvesse de dar, e tambem tinha sua demanda começada por parte do reino de Aragão, a qual entendia proseguir até haver cumprimento de seu direito,

e que por ello tinha feito treguas com o reino de Grada por certo tempo, e que elle repouzasse assim até as ditas cousas serem findas, e que se a guerra com aquelle reino começasse, que elle lh'o faria saber, e que entonce poderia enviar seu recado por declaração de sua vontade, sobre a qual se teria conselho e lhe seria dado determinadamente resposta.

CAPITULO VII

Como el-rei tinha vontade de fazer grandes festas em Lisboa pera fazer seus filhos cavalleiros, e como os infantes fallaram acerca d'ello entre si, que similhante maneira de cavallaria não era honrosa pera elles.

Em este capitulo nos é necessario que tornemos atraz por trazermos nosso processo em sua direita ordenança, cá muitas vezes se acerta que jazem as primeiras pedras ao pé da obra, esperando por seu proprio logar, e as derradeiras são postas no fundamento do alicerce, quando o mestre da geometria lavra em seus officios.

Onde assim é verdade que antes muitos dias do presente negocio, o mui nobre rei D. João dissera como tinha grande vontade de fazer seus filhos cavalleiros, o mais honradamente que se bem podesse fazer.

Esto fallara elle já por vezes antes d'aquelle tempo, e não é duvida ser esto a principal cousa em que seu coração por entonce fosse mais occupado, cá via ante

seus olhos taes tres filhos barões fortes e mancebos, como de uma edade, que pouco levava mais um ao outro que um anno, os quaes cada vez que pareciam diante seu padre, lhe acrescentavam o desejo sobre o primeiro pensamento, como e porque maneira poderia mais honradamente dar estado cavalleiroso áquelles filhos que lhe Deus por sua mercê quizera dar, com tanta apostura de todas as cousas que a nobres principes convinha. E fallando sobre ello uma vez disse assim:

«Se me Deus por sua mercê traz assocego a este reino por firmeza de pazes com Castella, eu queria ordenar umas festas reaes, que durem todo um anno, pera as quaes mandarei convidar todos os fidalgos e os gentis homens que tiverem edade e disposição pera tal feito, que houverem em todos os reinos da christandade, e ordenarei que nas ditas festas haja notaveis justas e grandes torneios, e mui abastosos convites, servidos de todas as viandas que por todo o reino e fóra d'elle se possam haver, e assim danças e outros jogos, e serão tantos e taes que assim d'elles como de todas as outras cousas as gentes que o virem tenham que sobre a grandeza d'ello não se possam fazer outras maiores, e com esta darei tantas e tão grandes dadivas, principalmente áquelles estrangeiros que a grandeza e doçura dos beneficios que lhe eu assim fizer lhes ponha necessidade de os apregoarem grandemente ante todos seus amigos. E em fim d'estas cousas farei meus filhos cavalleiros.»

E isto foi assim dito por el-rei, a qual cousa bem queriam todos que se pozesse em obra, tanto que el-rei houvesse logar pera ello, empero os infantes lembrados de quem eram, e a alteza do sangue que tinham, posto que este feito a outros alguns parecesse

grande, a elles pareceu mui pequeno, empero supportaram-no assim emquanto o feito das pazes era em duvida, considerando que se as pazes não firmassem e a guerra ficasse aberta, que taes cousas lhe viriam ás mãos em que honrosamente podessem receber sua cavallaria, mas depois que as pazes foram firmadas, entenderam elles que não ficava ahi cousa certa em que elles podessem ser cavalleiros pela guisa que elles desejavam.

E sendo um dia todos tres juntos e ainda o conde de Barcellos com elles, trataram em aquella razão, como cousa que não andava muito longe de suas lembranças, e isto era na camara de seu padre, sendo elles apartados de sua presença, dando-lhe logar alguns feitos em que por entonce estava occupado, e tanto fallaram n'aquelle feito de sua cavallaria, movendo-se entre elles muitas razões, que ordenaram de fallar a el-rei.

—Vamos, disseram elles, fallar a el-rei nosso senhor e padre, e digamos-lhe que ordene alguma cousa em que possamos fazer de nossas honras, onde nos elle possa fazer cavalleiros, como pertence á grandeza de seu estado e á excellencia de nosso sangue, ca pois as pazes de Castella são firmadas e da parte de Grada não temos esperança certa, não ha ahi, pelo presente, cousa nenhuma azada em que possamos receber estado de cavallaria, se novamente não fôr buscado.

Pela maneira que sua senhoria tem vontade de o fazer todo, é cousa de pequeno valor pera a grandeza de tamanho feito, que, por grandes que as festas sejam, nunca seu nome é de grande valia pera similhante caso, porque similhantes pessoas, nos grandes feitos de fortaleza, com grandes trabalhos e perigos, vendo o sangue de seus inimigos espargido ante seus pés, só é

de receber agrado de sua cavallaria, e os filhos dos cidadãos e dos mercadores, cuja honra se não pôde mais estender, que a similhante estado, o de serem cavalleiros, a estes é cousa convinhavel de serem festas feitas e jogos, porque toda a força de sua honra, está na fama de sua despeza.

O conde de Barcellos era mais velho que nenhum d'elles, o qual, posto que fallecesse na nobreza de geração, quanto a parte da madre, fizera-o Deus tão virtuoso e de tamanha grandeza de coração, que em todas as cousas de honra, escondia a baixeza do sangue da madre, e, com isto, havia elle mui grande sizo pelo qual havia no reino grande logar pera conselho, quanto mais que elle fôra já fóra d'estes reinos, por espaço de grande tempo, e fôra por casas de grandes principes e senhores, onde lhe fôra dada grande auctoridade, assim por ser filho de quem era, como pela grandeza de seu corregimento, porque além dos seus corregimentos serem grandes e bons, levava comsigo muitos senhores e grandes homens, com outros muitos fidalgos d'este reino de que sempre foi muito bem ocompanhado, e foi tão longe a sua ida, que chegou á casa santa de Jerusalem, e em esta viagem, que elle assim fez, aprendeu e soube muitas cousas que viu n'aquellas partes estranhas, as quaes acrescentavam muito em seu bom conselho, assim que, por todas estas cousas, posto que os infantes fossem tão prudentes e discretos, tomaram porém grande ouzio pera fallarem a seu padre quando viram que o conde lhes louvou tão grandemente seu proposito.

CAPITULO VIII

Como João Affonso, vedor da fazenda, fallou aos infantes na cidade de Ceuta, e como os infantes fallaram a el-rei seu padre.

NÃO eram ainda estas razões de todo postas em fim, quando logo ahi chegou João Affonso, vedor da fazenda d'el-rei, o qual posto que determinadamente não ouvisse a certidão do proposito, pelas conjecturas que viu, entendeu que o feito em que aquelles senhores fallavam era de grande pezo, ca em similhantes cousas são apartados os homens avisados dos outros de grosso engenho, os quaes por pequeno movimento que aconteça e se faça, interpretam grande parte do que o homem tem na vontade. E, porém, João Affonso, cuja clareza de entender fôra a principal causa de seu accrescentamento, quando assim achou os infantes, desejou de saber o fim de seu proposito, por lhe parecer a qualidade da sustancia de tamanha força de que não podia nascer senão um feito grande e pezado, e pediu-lhes de mercê que lhe quizessem dizer o fundamento de sua tenção, e como quer que os infantes quizessem dissimular o proprio motivo de seu razoado conhecimento, como elle era homem seguro e bom e que tinha grande auctoridade no reino pela grande fiança que el-rei seu padre em elle havia, vieram-lhe a contar declaradamente sua tenção.

—Vossos pensamentos, disse elle, são assás de grandes e bons, e pois que vós tal vontade tendes, eu vos

posso ensinar uma cousa em que o podeis bem e honradamente executar, e esto é a cidade de Ceuta, que é em terra d'Africa, que é uma mui notavel cidade e mui azada pera se tomar, e esto sei eu principalmente por um meu criado que lá mandei tirar alguns captivos de que tinha encarrego, e elle me contou como é uma grande cidade, rica e mui formosa, e como de todas as partes a cerca o mar, afóra uma bem pequena parte porque hão sahida pera terra, e segundo o grão desejo de vosso padre e o vosso, não sinto pela presente cousa em que mais honrosamente podesseis fazer de vossas honras, como no filhamento d'aquella cidade, porém me parece que havereis bom conselho fallardes em ello a el-rei e pedir-lhe que encaminhe como se faça, ca esto é cousa pera ter em conta, ca não festes de convite de comer e beber, em que não ha senão despeza de vianda e occupação de tempo, cuja memoria prescreve com pequeno louvor.

—Pois, disseram elles, porque não fallaveis isto a el-rei primeiro, contando-lhe todas estas cousas por meudo, pera verdes o que respondia acerca d'ello?

—Si, lhe fallei, disse João Affonso, e não me parece que me respondeu como eu quizera, antes passou o feito como quem o tinha em jogo, mas pera isto melhor ser, chegae-vos a elle assim como estaes todos quatro, e fallae-lhe no feito, dizendo-lhe todo o que sobre ello vos parecer, e póde ser que vos entendera melhor do que entendeu a mim.

Os infantes disseram que era mui bem.

Des-ahi foram-se todos quatro juntamente pera onde estava seu padre, e começaram-lhe a fallar em todo o que passaram n'aquella camara, dizendo-lhe que posto que elle tivesse vontade de fazer assim

aquellas festas com grandes despezas, que a honra que se d'ellas seguia, sempre foi pequena a respeito da obra que elle em ellas queria fazer, a qual cousa seria boa pera outro algum principe cujo nome e fama fosse de mais pequeno valor, mas pera elle que tantas e tão grandes cousas tinha acabadas, não era similhante cousa pera ter em grande extremo, razoando acerca d'esto estas e outras muitas rasões, cada uma segundo as melhores podia entender.

Mas el-rei, cujo coração não se movia assim ligeiramente, começou de se rir contra elles, mostrando que tinha em jogo suas palavras, como ante fizera a João Affonso, e este é o verdadeiro coração do magnanimo, o qual logo no primeiro movimento, por grande que seja a cousa, não se derriba consentir em nenhum proveito nem perda que acerca d'ello se lhe possa mostrar, mas está posto em uma firmeza pela qual livremente consira quaesquer azos ou estorvos que se lhe de aquelle feito possam seguir, e assim respondeu passamente, como quem não tem a grandeza do feito em tal estima, que lhe faça espanto.

Os infantes assim como homens desejosos de similhantes novidades, como quer que lhe seu padre aquella resposta desse, não se poderam partir assim ligeiramente de seu proposito, antes consiraram em ello por aiguns dias, e quanto mais em ello consiravam tanto a cousa lhe parecia melhor e mais honrosa, e porém juntaram-se outra vez e fallaram ante si o que antes consirara cada um em sua parte, sobre todo houveram seu conselho e se tornaram outra vez a el-rei, mostrando-lhe todo o que haviam consirado, porque quanto era o que a elles pertencia, a cousa era tão boa que não tinham senão que lh'a trouxera Deus á memoria por grande milagre, e assim

foram a el-rei, havendo por boa determinação de lhe fallarem todavia, não sómente aquella vez, senão outras muitas até que lhe fosse outhorgada, e já esta derradeira vez fallaram a seu padre com muito maior pezo, como aquelles que tiveram maior espaço pera cuidarem no feito, e pera isso traziam muitas sufficientes razões e induzidoras a seu proposito, entre as quaes disseram que lhe pediam por mercê que esguardasse bem n'aquelle feito, porque sendo bem consiradas todas as partes do seu movimento, o acharia que dando-lhe Deus victoria, que acabaria tres cousas mui boas, as quaes nenhum grande principe devia engeitar quando se lhe assim offerecessem, como se a elle em tal caso offereciam, s.

A primeira grande serviço de Deus, que se elle no similhante caso engeitasse, tarde ou por grande ventura lhe sobreveria, outro similhante; e se vós, senhor, disseram elles, todo este tempo trabalhastes por paz, assim de fazerdes serviço a Deus, muito mais é razão que o sirvaes agora em este caso, pelo qual seguireis a boa intenção dos bemaventurados reis de Hespanha, de cuja linhagem descendeis por real geração.

A segunda cousa é honra que se vos d'ello segue, cá posto que vos Deus desse muitas e grandes victorias contra vossos inimigos, esto foi em defensão do vosso reino, a qual cousa em muitos logares vos apresentava a necessidade, porque vergonhosa cousa seria, nenhum grande principe que possue nome real, leixar guerrear seus reinos, que antes não offerecesse a si e a seu corpo por defensão d'elles, e esto é pelo contrario, porquanto vós por vossa eleição propria, sem constrangimento de nenhuma pessoa vos offereceis a este perigo e trabalho, não por outra necessidade, senão por serviço de Deus e por accrescentamento

de vossa honra, e esto assim como um sêllo firme, que poerá grande firmeza em vossas victorias.

A terceira cousa é a grande e boa vontade que tendes de nos fazeres bem e honradamente cavalleiros, o que por outra guisa não podereis fazer de que se a vós siga maior honra, pois que outra nenhuma conquista tendes em que o possaes fazer.

Porém vos pedimos por mercê que queiraes sobre todo consirar, provendo sobre nossas razões com outras muitas que o vosso nobre e grande entendimento concebera, e nos respondaes com effeito a nossa petição, a qual quanto a nosso juizo, não pode ser melhor nem mais direita, segundo as muitas razões que vos acerca d'ello temos dito, e outras muitas que leixamos perder.

CAPITULO IX

Como el-rei disse que não queria determinar alguma cousa d'aquelle feito até que soubesse se era serviço de Deus fazer-se, e como mandou chamar os letrados pera o saber.

Nem na verdade, posto que el-rei fizesse aquellas demonstrações em não querer consentir no requerimento de seus filhos, sua vontade porém não era menos que a de cada um d'elles, mas quanto elle mais retardava o feito, tanto fazia maior desejo aos infantes, e ainda provava seus entendimentos e engenhos, negando-lhe o que elles tanto desejavam, porque as duvidas trazem muitas vezes azo pera

que a cousa seja melhor entendida, e por ello tem os velhos mestres em costume demoverem grandes e muitas questões aos seus discipulos, porque o trabalho que elles tomam em buscar as provações, traz grande acrescentamento a sua sabedoria, porque a maior parte da sua logica é fundada em argumentos grandes e duvidosos, em que os escolares apuram todas as partes das outras sciencias.

Pratica que fez el-rei

«Bem ouvi, respondeu el-rei, o que até agora me dissestes, e posto que vossas razões sejam justas e razoadas, eu tenho ainda outras contrarias que vos responder, quando quer que sobre ello fallarmos acerca da determinação, empero ante que eu nenhuma cousa responda, quero primeiramente saber se esto é serviço de Deus de se fazer, cá por mui grande honra nem proveito que se me d'ello possa seguir, senão achar que é serviço de Deus, não entendo de o fazer, porque sómente aquella cousa é boa e honesta na qual Deus inteiramente é servido, porém vos ide pera vossas casas e cada um em sua parte consire quaesquer duvidas que se possam seguir acerca do serviço de Nosso Senhor Deus, e entretanto mandarei chamar meu confessor e assim outros alguns letrados, e fallarei com elles toda a ordenança d'este feito, e encomendar-lhes-hei que provejam em seus livros e consciencias se por ventura terei algumas duvidas em contra do que eu devo fazer, segundo fiel e catholico christão, e eu de minha parte consirarei em ello, e emfim de todo, ao tempo que houver sua resposta, nos juntaremos todos e teremos nossa falla, onde se tratará de toda a sustancia d'este feito, sobre o qual determinaremos se é bem de se fazer ou não.

Assim ficou el-rei com aquelle encarrego, e os infantes e conde de Barcellos foram pera suas casas, onde cada um tomou seu apartamento pera cuidar com muito mais diligencia as circumstancias e casos duvidosos, que o proseguimento d'aquelle feito podia trazer, quanto a fé e serviço de Nosso Senhor.

El-rei mandou logo chamar o mestre Frei João Xira e o doutor Frei Vasco Pereira, que eram os seus confessores, e o infante D. Duarte, e assim outros alguns principaes letrados que se n'aquella cidade poderam achar, e tambem fez chamar alguns principaes do conselho, ainda que poucos fossem, e sobre grande segredo lhe disse por esta guiza:

«Amigos fiz-vos aqui ajuntar conhecendo de vós, que assim por natural entender, como por abundancia de sciencia de que vos Deus guarneceu entre todos os outros do meu reino, me podereis sã e proveitosamente aconselhar em todo aquello em que minha alma possa ser em alguma duvida, e pera esto sei certo que vos não fallecerão tres cousas principaes, que se requerem pera os conselheiros dos grandes senhores, entre outras muitas que bem sabeis que são determinadas em todos os livros, que os antigos escreveram pera ensinança dos principes.

A primeira que hajam amor áquelle principe ou senhor que hão de aconselhar, porque o amor traz uma necessidade pela qual move o coração de seu possuidor a enquerer e buscar todas as cousas proveitosas e honrosas pera aquella cousa que ama, e porque as cousas que desejamos ter a nossos amigos hão nascimento d'aquellas que pera nós queriamos, ca cada um naturalmente deseja ao seu amigo o que pera si mesmo queria, e se os conselheiros dos reis fallecessem d'esta paixão, muitas vezes aproveitariam

com maior força seus conselhos, e porém disse Nosso Senhor Jesus Christo aos seus apostolos, depois que lhe revelou seus segredos, que lhe não chamaria mais seus servos, porque os servos não sabem a vontade de seu senhor, mas que lhe chamaria amigos, porquanto lhe tinha já ensinado a vontade de seu Padre.

A segunda cousa que se requer ao conselheiro, é que haja sabedoria, porque sem ella não se poderá direitamente aconselhar, ca posto que tivesse boa vontade, se lhe faltasse saber, não poderia muito aproveitar a aquelle que seu conselho houvesse mister, porque a boa vontade sem a obra não é cousa perfeita, e porém diz Salomão que dos conselheiros um se havia de escolher entre mil, o que se entende principalmente por rasão de ser sabedor, e porque guiza e em que cousas esta sabedoria se deva entender, seria sobejo de vos ser por mim relatado por extenso, porque sou bem certo que vos não fallece por entender em este caso o que vos eu leixo por declarar.

A terceira cousa que no conselheiro se requer, é grande segredo, por quanto o rompimento do conselho traz desfazimento da obra, e sabeis como no tempo dos romanos, que bem e proveitosamente regiam a grandeza d'aquelle imperio, uma das cousas porque seus feitos são tanto louvados por seus auctores, assim é por guardarem com grande diligencia a puridade de seus conselhos, e de eu ser bem certo que em vós ha cumprimento d'estas cousas, e que a mim pertence vossa natureza e auctoridade, e ainda a minha boa vontade me faz crêr, e affirmar, e porque communalmente em vós outros, que aqui sois presentes, está toda a força do conselho que pertence a saude de minha alma, e alguma parte da que perten-

ce ao corpo, vos rogo e encommendo, que com toda vossa diligencia, queiraes esguardar e consirar sobre todo o que agora entendo de propôr.

Ora é assim, que posto que eu trabalhasse por firmar as pazes em o reino de Castella, como vós outros todos sabeis, este Deus sabe que principalmente era por serviço seu, e por mim grande victoria, que eu contra elles houvesse, nunca em minha vontade poude receber alguma intrinseca alegria, sómente quanto era que pois elles queriam contra direitos e razão, aprumar as cousas de meus naturaes, e porque meu senhorio não devia sugeição, sómente me prazia, porque Deus por sua grande mercê me queria dar esforço e ajuda, como os podesse contrariar seu mau proposito, que contra mim e contra meus reinos haviam.

Empero Deus é verdadeiramente sabedor, e minha Senhora a Virgem Maria, a que muitas vezes pedia ajuda em minhas orações, que sempre lhe roguei e pedi que por mim nem por meu azo, nunca nenhuma geração dos christãos recebesse algum mal nem damno, antes pelo seu amor todo favor e ajuda, e desejando sempre vêr algum azo porque o podesse empecer, ainda que fosse com grande meu trabalho e perigo, aos inimigos de sua santa fé, e de tal ser meu desejo e vontade, é bem certa testemunha o requerimento que eu acerca d'ello comecei a fazer ao infante D. Fernando, que ora é defensor do reino de Castella, por cuja resposta senti que meu desejo não se podia cumprir, segundo meu requerimento, e porque não sentia cousa que pelo presente podesse torvar meu estado, não senti al que podesse fazer senão pedir a Deus que minha boa vontade recebesse por obra, pois por mim não fallecia de a cumprir.

D'outra parte considerada a edade de meus filhos, e como os Deus por sua mercê quiz fazer taes, que com grande direito devem receber estado de cavalleria, a qual pera ter alguma similhança de honra, pois que se por outra guiza não podia fazer, quizera que fôra em esta cidade, com umas mui grandes festas, porque ao menos a sua grandeza trouxesse azo de se soar pelas partes estranhas a honra d'este feito, mas elles consirando em ello entre si, tinham que se não podia por similhante maneira fazer cousa, por grande que fosse, que ácerca de similhante feito não fosse pequena, movendo-me ácerca d'isto muitas e justas razões porque devia buscar outra cousa em que os fizesse cavalleiros, as quaes posto que me justas e razoadas parecessem, não podia porém mais fazer, ca o azo pera similhantes cousas não se acha assim ligeiramente.

Estando em isto cuidoso, fallou-me João Affonso na cidade de Ceuta, como é grande e nobre e azada pera se tomar, a qual cousa parece que soube por avisamento d'um seu homem que lá mandou tirar alguns captivos.

Empero eu assim pelo presente levei o feito a jogo, porque era cousa em que ainda não consirava pouco nem muito, mas os infantes e o conde de Barcellos meus filhos, a quem o dito João Affonso fallou, consiraram melhor em ello e fallaram-me já por duas vezes, mostrando-me muitas razões porque me devia despôr a este trabalho, sobre a qual cousa lhe eu não quiz dar alguma resposta, antes que primeiramente não saiba, se o proseguimento d'ello é serviço de Deus.

Eu o não teria por victoria, nem o faria em boa verdade, ainda que soubesse cobrar todo o mundo

por meu, se não sentisse que em alguma maneira era serviço de Deus; porém porque eu possa saber certamente se isto é seu serviço ou não, vos fiz aqui juntar, porque sinto pelo grande conhecimento que tendes da lei de Nosso Senhor Deus, me podereis bem d'ello avizar, a qual cousa vos encommendo e mando que com toda diligencia queiraes escoldrinhar, assim por vossos bons livros e santas escripturas como pela alteza de vosssos entendimentos, e me torneis d'ello resposta o mais cedo que bem poderdes.

CAPITULO X

Como os letrados tornaram com resposta a el-rei dizendo que era serviço de Deus tomar-se a cidade de Ceuta.

Os confessores sobre quem principalmente o encargo d'esto ficava, não tomaram aquelle feito com pequeno cuidado, assim pela necessidade que os tanto constrangia a seguir os mandados d'el-rei, como por a sustancia do feito ser de tamanho peso, que nenhum homem de são entender o não devia ter em pequena conta, e porém foram-se logo pera seus mosteiros, e com grande cuidado prouveram seus estudos por tal guiza que lhe não ficou nenhuma cousa por vêr d'aquelles textos e glosas da sagrada escriptura, em que os santos douctores determinaram taes conclusões, mas pero que o seu cuidado fosse assaz de grande no escoldrinhamento d'esta duvida, com muito maior diligencia e vontade filha-

ram os infantes a força d'aquelle encargo, ca nunca seus pensamentos podiam ser livres nem apartados d'aquella maginação, e tanto corriam por ella em deante que passavam por todas as duvidas e começavam e proseguiam o feito por tal guiza, que se esqueciam do ponto em que estavam, e viam-se no meio d'aquella cidade envoltos entre os mouros, alegrando-se com o espalhamento do seu sangue, e tanta doçura sentiam em taes maginações, que lhes pezava quando se lhes offerecia cousa porque se tiravam d'ellas, e porque assim como naturalmente os feitos em que maginação do homem é occupada de dia, esses se lhe representam des que o somno tem occupados seus sentidos, assim aquelles senhores pela grande deleitação com que tomavam aquelles cuidados, a maior parte da noite, depois de jazerem em suas camas, não podiam ser livres da similhança d'aquellas cousas, e uma vez lhes parecia que viam grão multidão de naves carregadas de gentes d'armas, outras vezes viam as torres da cidade apendoadas de suas bandeiras, outras vezes lhes parecia que se achavam entre as forças dos mouros e que continuavam tanto suas pelejas que por força os affastavam d'entre si, ca não menos trabalhados achavam seus corpos que depois de acordados sentiam algum descanso, tão grande era o trabalho em que a vontade passava aquellas cousas.

Nós tomemos o entendimento d'estas cousas como christãos, como quer que muitos dos antigos tiveram que muitas das cousas que hão de vir, parecem aos homens em similhantes tempos, segundo Valerio escreve no seu primeiro livro e Marco Tulio no Livro da Velhice.

O dia em que el-rei havia d'haver sua resposta, foi assignado a aquelles senhores e letrados, no qual

cada um disse sua rasão e intenção, segundo a quantidade de seu entender e saber, não porém affastados de um proposito, e assim por reverencia da santa egreja, como pelo principal encarrego ser d'aquelles, fallaram primeiro os letrados, e disseram assim:

Resposta dos letrados

«Em esta presente materia, senhor, disseram elles, não houve mister de queimar muitas candeias requerendo seu estudo, e esto é por não ser cousa nova nem sobre tal escureza posta na escriptura, porque o seu intento nos pozesse em muitas duvidas, pera cuja declaração nosso entendimento sómente podesse abastar, antes são cousas tantas vezes limadas e desputadas que em qualquer parte que homem vá pela santa escriptura, póde achar mui largamente qualquer cousa que acerca d'esto queira escrever, e pera que são mais outras escripturas, senão as historias que tendes nos outros principes em vossas camaras, pelos quaes vossos antecessores são ante vossos olhos, e por ellas achareis o grande milagre que Nosso Senhor Deus fez por aquelle bom remigio rei, que prometteu os votos ao apostolo Santiago, pelo qual lêmos que o bemaventurado apostolo visivelmente appareceu em sua batalha, e por sua divinal virtude houve em ella tamanha victoria como sabeis, em cujo testemunho lhe ainda hoje pagam aquelles votos em todas as terras que a'aquella sasão eram de christãos.

El-rei D. Affonso, sendo na batalha das Naves, querendo passar uma serra pera ir pelejar com o grande Miramolim de Marrócos, sendo elle duvidoso de seu caminho, pela grande fragua que havia n'aquella serra, por onde elle de necessidade havia de

passar, Nosso Senhor Deus, querendo approvar a boa tenção e desejo que em elle sentia, enviou um anjo do ceu que o levou por meio d'aquella serra, mostrando-lhe caminho largo e chão porque sua hoste passasse, onde antes nem depois nunca foi achado.

Que foi, senhor, d'el-rei D. Fernando, que tomou Coimbra aos mouros e fez outras muitas batalhas com elles no reino de Castella, e d'el-rei D. Affonso seu filho, que tomou Toledo, e do conde Fernão Gonçalves, e do Cid Ruy Dias, e dos outros bons cavalleiros fieis e catholicos que por amor de Nosso Senhor Jesus Christo, com tantos e tão grandes trabalhos e com tanto espalhamento de seu sangue, passaram sua vida? Ou em que logar alojaremos suas almas, segundo nossa piedosa crença, senão na companhia dos bemaventurados martyres e apostolos? E que elles não morressem deante as sédas dos principes infieis, como muitos d'aquelles santos faziam, não era porque o seu desejo se affastasse d'aquelle proposito por nenhum receio nem temor, antes com mui grande fortaleza, armados de santa fé, commettiam ardidamente os inimigos em tal guiza, que rindo esperavam a sua derradeira hora, em meio d'aquelles trabalhos.

Mas pera que lembro eu, mui excellente principe, outros nenhuns reis nem senhores, apartados de vosso senhorio, pois temos ante nossos olhos a memoria do mui notavel fiel e catholico christão, el-rei D. Affonso Henriques, cujas reliquias tratamos entre nossas mãos.

Vede, senhor, os signaes que trazeis em vossas bandeiras, e perguntae e sabei como e porque guiza foram ganhados, os quaes certamente de todas as partes mostram a paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, por cuja reverencia e amor o bemaventurado rei of-

fereceu seu corpo em o campo d'Ourique, vencendo aquelles cinco reis como vossa mercê sabe.

Consirae isso mesmo senhor, se elle duvidára se o seguinte trabalho era serviço de Deus, não tivereis vós hoje em dia esta mui nobre cidade, nem a villa de Santarem, com outros lugares em vossos reinos, onde foram por elle começadas muitas e grandes egrejas e mosteiros, e acabados por outros fieis e catholicos christãos, em que o officio divino, com tanta solemnidade cada um dia é tratado e adorado, e se isto assim não acontecera, muito pequena parte houvera no mundo, onde os mandamentos do santo evangelho, inteiramente foram guardados, saiba vossa mercê que o estado militar não é por outra cousa tanto louvado entre os christãos, como por guerrearem entre os infieis, cá não é necessario, nem ha ahi mandamonto de Deus que façamos guerra a nenhuns christãos, antes nos encommenda que nos amemos uns aos outros, como irmãos que devemos ser em Elle, que é Nosso Senhor, segundo é escripto por S. Paulo em muitos logares de suas epistolas.

Bem é verdade que todo rei deve guardar seu povo, assim como cousa que lhe é encommendada por Nosso Senhor Deus, assim como o pastor deve guardar suas ovelhas, não tão sómente dos infieis, mas ainda dos christãos, quando por alguma maneira de soberba lhe quizessem empecer, cá malaventurado é o rei em cujo tempo os seus senhorios recebem queda.

Mas esto porém deve cada um de fazer com tamanha examinação e madureza de conselho, que antes que nenhuma cousa comece, proveja e saiba se ha ahi justiça e direito em aquella cousa que por similhante maneira quer começar, cá não deve ser sua intenção fazer ajuntamento de gentes por se deleitar

de andar sobre os campos empecendo aos visinhos, sómente deve guardar sua terra pela guisa que lhes é encommendado, e tanto que tiverem sua terra bem reparada deve de leixar as armas e buscar a paz, por quantas maneiras poderem, como fazia o S. Propheta Moysés, e outros alguns bons duques guiadores do povo de Deus.

Mas os infieis por nenhuma guisa devemos consentir em quanto pertinazmente aturarem sua perversa intenção, e o bom imperador Justiniano que com tanto trabalho fundou as primeiras leis, e todos os jurisconsultos ordenadores do direito civil, muitas vezes nos amoestam e mandam que arranquemos de nós com todas as nossas forças, esta má e damnada seita dos infieis, e assim as sagradas leis juntamente com os decretos dos santos padres se o não tivessem, quem daria ouzio ao nosso Summo Pontifice vigario geral sobre toda a universal egreja, cujo poderio cremos e confessamos por auctoridade do sagrado evangelho, que é tão abastante que pode ligar e absolver nossas almas, e assim é o que tem pela guiza que o teve o apostolo S. Pedro primeiramente, e este nos dá absolvição perpetua, quando direitamente morremos guerreando os infieis.

Ora, senhor, disseram elles, não temos porque acrescentar mais somma de palavras, basta que nós que aqui somos presentes, por auctoridade da sagrada escriptura, assim como homens que sem nosso merecimento temos graus na sacra theologia, determinamos que vossa mercê pode mover guerra contra quaesquer infieis, assim mouros como gentios, ou quaesquer outros que por algum modo negarem algum dos artigos da santa fé catholica, por cujo trabalho merecereis grande galardão de Nosso Senhor Deus,

pera vossa alma, e além d'esto não ouçaes cousa que vos acerca d'ello seja dito nem ainda que vos pareçam visões em similhança de cousas divinaes, não lhe deis fé, cá entendei verdadeiramente que o espirito malino vem pera vos tirar de vosso bom e santo proposito.

CAPITULO XI

Como el-rei moveu outras duvidas que tinha pera filhar aquella cidade.

Todas estas razões foram alli allegadas em presença d'el-rei, e outras muitas de que não curamos fazer expressa menção, assim pelos infantes e conde seus filhos, como por outros do conselho, empero el-rei não quiz logo assim de presente responder nenhuma cousa, antes mandou que lhe pozessem assim todo em escripto pera o elle melhor poder vêr e examinar com algum socego e repouso, e depois tornaria a ello sua resposta, como entendesse que era razão, e assim lhe ficou aquelle escripto, o qual elle proveu, examinando cada uma cousa em sua sustancia, empero tem muitos, e eu que esto escrevi com elles, que a necessidade não era tanta porque el-rei assim houvesse de retardar aquella resposta, mas que o fez por ser azo de guardar melhor o seu segredo, porque de trinta e uma virtude, que ao principe são apropriadas, muito lhe convem que seja cauteloso, segundo escreve Santo Agostinho no Livro da Cidade de Deus, louvando muito em os romanos o seguimento d'esta virtude.

Não tardou muito el-rei em prover seu escripto, como aquelle cujo coração andava muito acerca da obra, se não tivesse contrarios que razoadamcnte o podessem empachar sobre toda a efficacia de seus filhos, os quaes traziam assim tal viveza em aquelle requerimento, que nunca o leixavam haver nenhum repouso, como eram acerca d'elle.

Um dia os mandou chamar todos quatro e fallou com elles em esta guiza:

Pratica d'el-rei a seus filhos

«Pode ser que cuideis que me leixo repousar na ordenança do que tendes a mim fallado com mingua de vontade, a qual cousa certamente é muito pelo contrario, ca posto que eu em esta edade seja, não daria avantage a nenhum de vós em cobiçar a hora em que este feito podesse acabar, mas porque vi outros mui grandes feitos e experimentei seus grandes cargos, conheço como são caros de acabar, a qual cousa ainda a vós outros é escura de conhecer.

Disse o outro dia que antes de dar nenhuma resposta em este feito, queria saber se era serviço de Deus, porque sobre este devemos de fazer nosso alicerce, quanto á primeira intenção, e quanto á segunda, devemos de saber se o podemos fazer ou não, porque muitas cousas são boas e desejadas em algumas vontades dos homens, fallece-lhe porém o poderio pera as poderem acabar.

Porém já sei que esto inteiramente é serviço de Deus, e quanto é o que pertence a elle, que o devo de fazer, mas é agora de vêr quanto eu sou poderoso pera o fazer, sobre a qual consiração eu achei muitas e grandes duvidas, das quaes principalmente direi

cinco que não tão sómente todas juntas, mas cada uma por si é abastante pera empachar afim d'aqueste feito, e queremos dizer quaes são, porque possaes conhecer a força de sua valia.

Primeiramente consiro como pera similhante feito se requerem grandes despezas, pera as quaes hei mister muito dinheiro, o qual eu não tenho nem sei pelo presente d'onde o haja nem como, ca posto que o quizesse haver do povo, lançando-lhe alguns pedidos, acho que se o fizer que se me seguem d'ello duas perdas, a primeira escandalo do povo, a segunda rompimento do segredo.

Secundariamente consiro como a cidade de Ceuta é tão alongada de nós pera cujo combate não sómente havemos mister as gentes d'este reino, mas ainda outras de fóra, se se offerecerem pera nossa ajuda, e estas gentes hão de levar armas e fardagem e outras bitualhas que lhe são necessarias, e nós havemos mister artelharias de muitas maneiras e mantimentos em grande abundancia, porque não sabemos quanto tempo estaremos sobre aquella cidade.

Ora pera todas estas cousas serem passadas além, é necessaria uma mui grande frota de muitos navios e grandes, afora os pequenos de que não faço grande conta, os quaes não ha em meus reinos, nem posso achar caminho como os de fóra possa haver, nem porque guisa.

A terceira causa acho que é abastança de gente, que não tenho, porque como já disse, não tão sómente aquella que tenho, mas outras muitas mais que seriam necessarias se as razoadamente podesse haver e eu não tenho as de fóra, nem esperança como as haja, principalmente pelo fallecimento do dinheiro que sinto em meu reino, e sobre todo porque o não

posso haver de meu povo, pelos empachos que vos já disse, e assim que com as minhas gentes me convém sómente fazer todo meu feito.

Mas que será que eu tenho grande duvida e pouca segurança no reino de Castella, cá póde ser que sentindo como sou fóra de minha terra, poder-se-hão mover contra meus senhorios, a qual cousa será mui má ao deante de repairar, porque acharão toda a terra desapercebida e sem alguma contradição, obrariam todo o que quizessem, e assim que pela segurança d'esto convinha que eu leixasse minhas fronteiras ao menos acompanhadas d'alguma gente, e se as quizer leixar, não terei abastança pera o que de outra parte houver mister, cá a cidade de Ceuta é mui grande e mui forte, pera cujo combate e cerco ha mister muitas maneiras de gente, da qual se homem perfeitamente não fôr percebido, não será outra cousa senão começar feito de cujo doesto fique memoria pera todo sempre.

A quarta duvida que tenho, é consirando que posto que me Deus desse victoria, como em Elle confio, o filhamento d'esta cidade me pode fazer maior damno do que proveito, porque o reino de Grada, fica mais azado pera se poder conquistar.

Ora que proveito tenho eu d'aquelle reino ser posto em sogeição dos castelhanos?

Antes me é conhecida perda, por quanto sou bem certo que a mim e a meus naturaes tiveram e tem mui grande odio, quanto mais ainda agora, em cujo tempo a memoria de seus vencimentos está tão resente.

Assim que o filhamento da cidade de Ceuta pode ser azo pera que se cobre e haja o reino de Grada, da qual cousa eu por razão devo estar em maior es-

perança de perda que de proveito, porquanto o acrescentamento de seu senhorio fará menos fortaleza aos meus pera sua defensão, e a elles maior esforço e poder pera vingarem seus damnos passados.

A quinta cousa me parece que é muito pera duvidar, porque todo o sages ou discreto, antes que comece a cousa, deve de escolrinhar até onde chega seu encargo, assim como aquelle que de todo se deve prover e avisar, quanto mais nos feitos grandes e pezados de que homem não deve tão sómente consirar as cousas presentes, mas as que hão de vir vem ainda temer e arrecear os casos duvidosos, que communalmente aquecem, mas os que podem aquecer.

Ora sendo assim que Deus nos queira fazer tanto bem que cobremos esta cidade a nosso poder, que nome ou que honra nos vem se ao deante a não podermos manter ou defender?

Nós certamente teriamos duas duvidas mui grandes sobre este ponto.

A primeira que nosso trabalho não seria mais, senão como um pau, que o homem lança de sua mão, o qual sómente aproveita emquanto mata ou derriba, porque ao depois fica em duvida de se poder cobrar; nós se esta cidade cobramos e se a não podermos manter e deffender, não nos fica nenhuma cousa de que nos arrezoadamente possamos louvar, cá posto que matemos no seu filhamento grão multidão de mouros, estó não póde ser sem nosso damno e perigo: quanto vemos que uma alimaria por seu bestial sentir trabalha de se amparar e deffender de qualquer cousa, porque espera fazer sua fim, cá esto lhe é dado des o começo de sua nascença naturalmente, que busque mantimentos morada e ajuntamento pera fazer geração e defensão pera si e pera seus filhos, e pera

isto foram providos cada um em seu grau, de maravilhosas maneiras de defensões por aquelle que criou a natureza, porque a cada um foi posta fortaleza em seus braços, assim como aos ursos, e a outros similhantes e aos leões, poderio nos dentes e nas unhas, e a outros fortaleza nos cornos, assim como aos touros e bois, e a outros deu estremada ligeireza, assim como a toda veação e lebres, que se criam nos campos, e a outros deu entendimento e engenho, que fizessem moradas nas cavernas dos montes e nas concavidades da terra, em cuja profundeza podessem ter sua defensão, mas por certo mais grande e liberal foi a natureza aos homens, dando-lhe caminho e maneira como podessem além do natural, por sua industria e saber, buscar desvairadas maneiras de artificios pera sua defensão, encaminhando-lhe primeiramente como fizessem ajuntamento em certos logares, des-ahi que os cercassem de grandes torres e muros fortes, e que fizessem espadas e lanças, fachas, dardos com todas as outras cousas que ve les porque se os homens defendem; pois entendeis que os homens que tal engenho teem, ainda que de todo não sejam perfeitos, que quando matarem algum d'elles, que mataram elles a quem os quizesse matar?

Certamente não é de presumir o contrario; cá se esto assim não fosse, toda sua victoria seria de baixo valor, mas tanto á fortaleza dos vencedores ficará maior, quanto os vencidos são mais fortes.

Pois que nos queiramos gloriar na grandeza e valor do esbulho da cidade, esto é assaz de pequena victoria, porque por mui grande que á riqueza seja, nunca poderá ser egual á grandeza de nossa despeza, e não ha nenhum que por sua vontade queira empregar seu dinheiro em similhante mercadoria.

E' pois a honra que devia ser o principal preço e galardão de nossos grandes trabalhos, camanha pode ser, quando nós, ainda não estando ainda bem descançados em nossas casas, ouviremos pelo meio de nossas ruas que os mouros estão já em sua cidade buscando novas maneiras de fortaleza, além da que d'antes haviam, por que jámais outra vez por similhante modo ligeiramente não possam ser entrados.

Quanto certo é que os aquecimentos da perda, trazem novos avisamentos, se é em logar que a pessoa avisada possa receber emenda, e quanto a perda é maior tanto os avisos por seu azo são buscados por mais proveitosa subtileza de que se nos seguira a segunda duvida.

Esto é que os mouros que estão n'aquella cidade, registarão nas taboas de seus corações a lembrança d'aquelle damno e injuria, por cuja vingança carregarão suas fustas e navios da flôr de sua mancebia e virão aos nossos do reino do Algarve, que jaram desegurados em suas quintas, e roubal-os-hão de suas vidas e haveres, e sobre todo perderemos a esperança de jámais nenhumas de nossas mercadorias poderem, sem grande temor, passar em nenhuns navios pera nenhum porto nem cidade que haja no mar Mediterraneo, pela devisa que muitas vezes por necessidade vão fazer em aquella parte, e que ainda que quizessemos poer caso não certo que esta devisa se podia escusar, elles teriam as tarcenas de suas cidades cheias de fustas e de navios, sómente afim de impedir a nossos naturaes; a sentença qual seria sobre as cabeças d'aquelles que ahi tomassem, não é necessario a mim que vol-o haja de declarar.

Ora vêde que nos aproveita tantas e tão grandes despezas, com tamanha força de trabalho e cuidado,

com esperança de tão pequena victoria, cá a força principal da honra está na mantença da cidade, a qual eu não vejo caminho nem maneira como se por nós longamente possa manter nem governar.

Certamente eu diria que seria muito melhor pormos em esquecimento o movimento d'este feito, que de o abalarmos nem seguirmos, pois esta só cousa é bastante, afóra as outras quatro que são taes como ouvistes pera nos empachar todo nosso propósito; e se por ventura algum de vós entende que estas duvidas não são justas nem razoadas, mostre-me o contrario; eu lh'o reconhecerei segundo fôr direito e razão.

CAPITULO XII

Como os infantes fallaram entre si ácerca d'aquellas duvidas, e da resposta que trouxeram a el-rei.

Quem poderia declarar por escripto quanto aquellas palavras d'el-rei eram contra o que os infantes desejavam, pelas quaes foi entre elles um silencio, como se lhe fossem dadas outras algumas novas porque lhes certificassem alguma perda que por razão devesse ser d'elles muito sentida, e por dizer verdade quanto a aquella sazão não podia no mundo ser cousa que elles mais sentissem, que o fallecimento d'aquelle feito, empero porque o caso não ficava ainda todo determinado por negação, tomaram já quanto quer de conforto e entendimento de prover sobre os contrarios que pertenciam áquellas razões.

Parece-me, diz aquelle que escreveu aquesta historia, que vejo os entendimentos d'estes grandes principes andar por as vagas assim como a nau quando no alto mar, onde com fortuna de tempo contrario perde o conhecimento de sua direita viagem, cujos regedores são entre si em mui grande desaccordo, porque cada um em similhante tempo por muito sabedor que seja, nunca inteiramente confia de seu saber e muito menos de conhecimento de nenhum outro, porque quando as vontades são postas em algum grande temor, não ha ahi parte tão segura, que lhe não pareça duvidosa, quanto mais onde os homens tem alguma esperança de grande honra ou proveito, quaesquer contrarios que lhe sobrevenham principalmente, são d'elles muito sentidos, bem assim segundo o juizo d'estes senhores, estimado pelo trigoso desejo de suas vontades, não lhe parecia que seu padre uzava na determinação d'este feito, como quem desejava de vel-o acabado; porém accrescentavam em suas orações, pedindo ás virtudes do ceu que lhes apresentassem a hora em que se aquelle feito havia de acabar.

Ora leixemos seus pensamentos desvairados e concludamos na certidão de sua resposta, onde haveis de saber que elles tomaram assim a força d'aquellas razões, com todas suas circumstancias e particularidades, sobre as quaes fallaram entre si por tantas vezes, até que finalmente tornaram com a resposta a el-rei seu padre.

Resposta dos infantes

«Senhor, disseram elles, consirando nós sobre todo o que vossa mercê nos tem dito, achamos que á maior parte das vossas duvidas tendes mui sufficientes con-

trarios pelos quaes podeis todavia determinar vossa ida, cá não ha ainda empacho que nos torve, comtanto que a vossa vontade seja boa.

Dissestes primeiramente que pera tamanho feito era necessario abastança de dinheiro, a qual vós não tendes nem podeis haver.

A esto, senhor, se podem achar muitos remedios, assim como por provimento de metal d'aquella sorte de que se o dito dinheiro deve de fazer, que se poderá haver por escaimbo de mercadores de vosso reino, fallando vossa mercê com elles, por cujo trato se esto mais largamente pode encaminhar.

D'outra guisa se podem ainda haver os ditos dinheiros, e esto é fazer-se bom provimento em vossas rendas, abatendo em algumas despezas menos necessarias, prover as outras que forem mister pera vossa ida, e ainda das pessoas principaes do reino pode cada uma fazer de suas rendas mui grande parte de seus corregimentos, e assim como vossa mercê entendia buscar dinheiro pera as despezas das festas que tinheis vontade de ordenares pera nos fazerdes cavalleiros, assim podereis buscar pera este feito em que ha muitas e maiores avantages, que no outro das festas.

Ainda, senhor, consire vossa mercê quantas vezes começastes em vossos trabalhos passados, muitos e grandes feitos, em cujos começos não tinheis abastança de dinheiro com que tão sómente podesseis chegar a metade do feito, e prouve a Nosso Senhor Deus de vos prover pera tudo muito melhor do que podericis pensar, assim prazerá a Elle por sua mercê de vos ajudar em este feito, que não é menos de seu serviço do que eram os outros.

Ainda, senhor, este é um arrependimento que nenhum principe deve nunca de tomar, porque nunca

homem póde ter tamanha abastança de dinheiro, que lhe não pareça que é pouco, nem as rendas do reino nunca podem ser tão certas que a homem não pareça que são muito áquem do necessario. E quanto é, senhor, aos navios que dizeis que não tereis em abastança, esto, senhor, é a mais pequena torva que vós n'este feito podeis haver, e isto é porquanto vós podeis enviar vossos recados por toda a costa de Galliza e de Biscaia, e assim a Inglaterra e Allemanha e a outras partes, d'onde vos podem vir navios em grande abastança, de cuja vinda homem póde tomar pequeno receio, consirando com quanta diligencia elles vem ao frete do sal e dos azeites e vinhos, quando quer que pera ello são requeridos, e sobre todo podemos entretanto repairar vossas galés e fazer outras de novo, e avizar os navios que ha em vossos reinos que sejam prestes pera aquelle tempo que vossa mercê ordenar de partir, e ainda se segue um mui grande proveito, porque por azo do chamamento d'estes navios, que assim mandaes avisar pera seu frete, correrá fama de vossa armada, á qual muitos homens bons estrangeiros virão pera vos servir, desejando de fazer de suas honras.

Quanto á terceira cousa, em que me parece que mostraes que tendes receio de mingua, que vos a gente pode fazer, especialmente pela pouca segurança que tendes do reino de Castella, por cuja razão vos é necessario leixar as frontarias de vossa terra acompanhadas d'algumas gentes, pelo qual não tereis cumprimento, segundo o que nos é necessario pera tamanho feito.

Esto, senhor, com a graça de Deus não é pera arrecear nem temer, cá em vosso reino ha muita e boa gente e bem disposta pera qualquer trabalho, que a

vosso serviço e honra seja necessario, e posto que assim fosse que de necessidade vos conviesse leixar vossas frontarias repairadas, ainda ahi haveria gente pera se de todo remediar, quanto mais que com a graça de Deus, não ha ahi razão porque se espere similhante duvida, e esto por duas cousas: a primeira pela firmeza das pazes que são entre vós e elles, nas quaes ha tanta força de juramento, que não tão sómente entre os christãos, mas ainda entre os mouros, seria feio de quebrar; a segunda porquanto o infante D. Fernando, que é a principal pessoa do reino, por cujo azo o tal feito se havia de mover, é assim occupado em seus negocios, que não é de crêr que leixe a certa esperança que tem de haver o reino d'Aragão, por se entremetter em similhante novidade, a qual ainda ficaria em duvida se lhe dariam os do reino consentimento pera ello ou não, e sobre todo sendo lá a senhora rainha, á qual não prazeria de similhante feito, por onde deveis ter segurança pera começardes vossos feitos, sem receio nem empacho que vos d'aquelle reino possa vir, nem é bem que similhante duvida vá fóra de vosso segredo, porque os bons d'aquelle reino teriam razão pera receber escandalo d'elle pela pouca fé que se mostraria ácerca de suas verdades.

Até que chegaram a estas palavras, segundo achamos por verdadeiro acordo d'aquelles senhores que ahi estavam, não entendeis que por similhante palavra se deve entender que ahi estava mais que el-rei e seus filhos, mas eu digo que o houve por seu acordo, porquanto tendo o infante D. Pedro carrego do regimento d'estes reinos, me contou grande parte d'estes feitos, com intenção de o assentar todo em chronica, segundo d'ello fiz algum começo.

Depois me contou assim o senhor infante D. Henrique, duque de Vizeu e senhor de Covilhã, em cuja casa estive alguns dias, por mandado do senhor rei, o qual dos ditos feitos havia mais certa lembrança, que nenhuma outra pessoa do reino, quanto á sustancia das principaes cousas, em que está a força da historia, e esto era por duas cousas, a primeira principal porquanto elle do ventre de sua mãe trouxe comsigo abraçada a similhança da cruz de Nosso Senhor Jesus Christo, por cujo amor e reverencia sempre teve mui grande desejo de guerrear aos infieis, no qual desejo viveu e aturou toda sua vida, como ao deante será contado.

E esta declaração fiz aqui, porque vejo em muitas chronicas escriptas por mui sufficientes auctores, nascer mui grandes duvidas por fallecimento de mui pequena declaração.

E tornando a meu primeiro proposito, digo que sobre a quarta razão, em que el-rei dizia que filhando a cidade de Ceuta, daria azo ao reino de Castella como filhasse o reino de Grada, sobre esto se falou algum pouco, principalmente pelo infante D. Henrique, e assim esta quarta duvida, como a quinta, ficaram por aquella vez sem determinação, e esto foi porquanto el-rei por sua vontade se apartou d'entre seus filhos, mostrando que por entonces não queria mais ouvir d'aquellas razões.

CAPITULO XIII

Como el-rei mandou chamar ao infante D. Henrique e das razões que lhe disse, e como determinou ir tomar a cidade de Ceuta.

Ficaram assim aquellas duas conclusões pera determinar; não porque a resposta fallecesse aos infantes pera ellas, mas sómente por vontade d'el-rei, como acima é declarado, mas não passaram muitos dias, quando el-rei mandou chamar o infante D. Henrique seu filho, e apartou-se com elle dizendo: porque te vi o outro dia fallar mais que nenhum de teus irmãos, ácerca dos feitos de Grada, quero que me digas agora o que inteiramente te parece.

Pratica do infante D. Henrique

Senhor, disse o infante, todo o que eu entonces fallei, é a melhor parte do que sobre ello entendo, nem é cousa que por minha determinação só entendesse que se havia de acabar, mas eu fallava como quem tinha taes tres ajudas acerca de si, como eram meus irmãos, mas agora que eu de minha parte sómente haja de dar inteira resposta, parece-me que me deve abastar minha pouca edade e pouco conhecimento que tenho de simillhantes feitos pera minha escusa, e sobre tudo a pobre deliberação que sobre ello tenho posta, empero porque hei de cumprir vossos mandados como de meu senhor e padre, assim como melhor

poder entender, direi o que me parecer, senhor, disse elle; eu acho que todas as cousas que fazemos n'este mundo, se resolvem em tres pontos principalmente, s. no passado, no presente e no vindouro, e quanto é ao passado, eu consiro como ao tempo que Deus por sua graça quiz que vós houvesseis nome de rei, como não tinheis outra cousa senão uma pequena parte n'esta cidade, cá o castello era contra vós e assim o de Almada, Cintra, Torres Vedras, Obidos, Santarem e quasi pela maior parte todos os outros do reino, e quiz Deus por sua mercê encaminhar vossos feitos por tal guisa, que sem vosso grande damno vieram todos a vossa obediencia e sujeição.

Pois não menos deveis esperar agora, porque posto que aquelle reino de Grada fosse de todo livremente em poderio d'el-rei de Castella, ainda vos ficara poder com ajuda de Deus, de lhe poderdes contrariar qualquer damno ou offensa que vos novamente quizessem fazer, cá mais ligeira cousa vos seria de o fazerdes agora, antes que no primeiro começo, por muitas razões que pelo presente não são necessarias serem-vos declraradas pelo grande conhecimento que d'ellas haveis, e quanto é ao presente, consiro o serviço de Deus e a vossa grande fé e christandade, e a razão que não consente que hajaes de negar a guerra contra os infieis, por se d'ella seguir alguma ajuda e favor a el-rei de Castella, em acrescentamento de nossa fé, por muito nosso inimigo que elle fosse, porque os infieis por natureza nos querem mal, e elle por acidente.

Quanto é ao vindouro, eu tenho esto assim, que o filhamento d'aquella cidade, não póde ser azo por alguma maneira porque a amizade e paz que ora novamente filhastes com aquelle reino se haja por ello

de gastar, nem destruir, antes o sinto pelo contrario, porque elles conheceram pela grandeza d'este feito a ardideza e boa disposição de vossos naturaes, e isso mesmo a maravilhosa fortaleza com que obrastes tamanho feito, conheceram outro sim como o filhamento d'aquella cidade será azo grande pera melhoramento de sua conquista, e quando de todo em todo em elles fallecesse tal conhecimento, ainda sua má vontade não tinha pera ello perfeito cumprimento de execução, assim pela conquista não ser tão ligeira de acabar, como depois de seu acabamento não se lhe seguir menos cuidado de a conservar e manter, e sobre todo Nosso Senhor Deus, que é perfeição de todas as cousas, sentindo vossa boa vontade e disposição, será sempre pela vossa parte, onde direitamente podereis dizer com o santo Propheta: pois que o Senhor é em minha ajuda, não temerei cousa que me faça o homem.

E por esta guisa acabou o infante D. Henrique sua resposta, da qual el-rei seu padre ficou muito ledo, e assim com a bocca cheia de riso, lançou os braços em elle e lhe deu a sua benção.

— Ora, disse, meu filho, eu não quero mais resposta pera derradeira conclusão, por quanto eu mesmo a tenho consirada, e isto é que eu acho que nenhuma virtude póde ser em perfeição sem algum exercicio, e assim todos os officios, cada um em sua guisa, principalmente dos cavalleiros em que se requer fortaleza, que se os fidalgos e outros bons homens d'este reino não acharem em que exercitar suas forças, é necessario que de duas cousas façam uma: ou travarão arruidos e contendas entre si, como se lê que fizeram os romanos, depois que tiveram suas guerras acabadas, ou farão taes damnos aos de Castella que se aze de se as pazes quebrarem, a qual cousa eu não

queria por nenhuma guisa, e porém me parece que ainda que por al não aproveitasse o filhamento d'aquella cidade, pera esto sómente devemos d'haver por bem despendido nosso trabalho e gasto de dinheiro, e quanto é ácerca do mantimento que pera sua governança ao deante pertence este carrego, quero eu leixar de todo ao Senhor Deus.

E assim como Elle é poderoso pera fazer de pouco muito e de pequenas cousas muito grandes, assim poderá por sua grande mercê abrir azo e caminho como se aquella cidade governe e mantenha, se fôr sua vontade de a trazer a nosso poder, e porém determino com a sua graça e ajuda de começar a proseguir este feito até o poer em fim; não me fallecendo alguma d'aquellas cousas porque razoadamente deva ser estorvado, e pois nos Deus aqui trouxe em ora que eu assim esto houvesse de determinar, praz-me que vós sejaes o mensageiro que leveis as novas a vossos irmãos e lhe declareis toda minha intenção pela guisa que vol-a já tenho dito.

Bem é verdade que todos aquelles filhos d'el-rei, tinham mui grão desejo de vêr aquelle feito posto em fim, mas nenhuma d'aquellas vontades era egual á do infante D. Henrique, cá esto nascera com elle, como já disse, e porém assim como homem a quem muito prazia d'aquellas novas, poz os giolhos em terra e beijou as mãos a seu padre, dizendo-lhe que lh'o tinha em grande mercê.

CAPITULO XIV

Como o infante D. Henrique levou as novas a seus irmãos e do grande prazer que houveram.

O infante D. Henrique, que sabia com que vontade havia de ser recebido de seus irmãos, quando lhe levasse as novas d'aquelle feito, logo com grão trigança se foi a elles, contando-lhe toda a vontade de seu padre, segundo o que com elle passára, de cujas novas e recados os infantes e conde houveram grande prazer, como senão poderia dizer cousa que os mais alegrasse, e porém cavalgaram logo todos cada um de sua casa, e foram-se ao paço pera mostrarem a el-rei agradecimento de tamanha mercê, beijando-lhe as mãos por ello, como aquelles que bem mostravam que até aquelle tempo nunca viram prazer similhante, nem el-rei dentro em sua vontade não sentia pequena ledice, vendo as vontades de seus filhos assim dispostas pera as cousas de honra, pelas quaes conhecia todo o conhecimento de suas virtudes.

Bem é verdade que em todas as outras manhas que a grandes homens pertenciam, conhecia elle toda sua disposição, cá os via bem dispostos a cavallo e a pé, grandes monteiros e caçadores ligeiros, desenvoltos pera correr e saltar, lançadores de barra e remessão e desenvoltos nas armas pera justar, e assim pera quaesquer outros actos que a cavallaria pertencessem; não porém que diga que todos egualmente haviam

estas cousas e perfeição, cá antes digo, que é erro em ello e em todas as cousas, porque a virtude que em um fallece em acabado cumprimento, é achado no outro, e assim em estes senhores, posto que em todos houvesse boa diligencia pera experimentar todas as cousas que a elles pertenciam, algumas das quaes cousas eram cumpridamente em um, que não eram em outro, e n'aquelle que alguma cousa fallecia, acrescentava-se em elle outra, não porém que a algum d'elles fallecesse disposição boa pera todo fazer.

E deveis de saber que em cada uma sciencia ou virtude, são achados quatro graus ou quatro differenças pelas quaes o entendimento sobe e desce, assim como por uma escada, pera entender claramente as definições das cousas, e quanto á virtude temos quatro graus por esta guisa, a saber: bom, melhor, muito melhor, perfeito; assim como dizemos que ha ahi temperança, continencia, perseverança e o quarto modo d'estes se chama virtude heroica sobre a qual não ha ahi outra maior, e pozeram-lhe tal nome porque os gregos chamam aos seus principes heroes, e dizem que a estes convem esta virtude, principalmente, e assim na sciencia são achadas quatro differenças, a saber: a primeira, que é a mais baixa, se chama singular substancia, sob a qual não poderemos achar alguma outra; a segunda se chama substancia commum a muitas sciencias, a qual será principio de sua definição, se as primeiras substancias esto receber podessem; a terceira se chama substancia geral, a qual encontra essencialmente na definição d'outras muitas; a quarta é chamada muito alta, e muito geral substancia, que de sob si comprehende todas as outras, e esto escrevemos assim, porque os exemplos são azo a cousa ser melhor entendida.

E porém el-rei todas estas boas disposições e actos de virtudes conhecia em seus filhos, mas não era ainda em certa segurança, com que coração supportariam os verdadeiros actos de cavallaria e fortaleza, os quaes principalmente são nos trabalhos das guerras mais que em outra cousa, porque ali é presente muitas vezes perigo da morte, da qual o philosopho disse que era o fim de todas as cousas terriveis e espantosas, e, porém, é o estado da cavallaria muito mais prezado entre os homens, da qual cousa el-rei via assim aquelle começo, porque havia grande parte do conhecimento de todo o que elle desejava de vêr.

Seus filhos passaram assim todas aquellas reverencias e agradecimentos, e des-ahi foram escorregando tanto por suas razões, até que el-rei disse :

«A mim me parece que o principal começo que a mim convem fazer n'este feito, assim é que primeiramente haja de saber o assentamento d'aquella cidade e a fortaleza e muros e altura d'elles, e como são acompanhados de torres, e caramanchões, pera saber que artilherias me convem de levar pera ser combatida.

Outro sim, convem que saiba as ancorações que tem, e com quaes ventos trabalham os navios mais lá estando sobre ancora, e se por ventura as praias são assim livres e desempachadas, que nossas gentes possam sahir sem grão trabalho ou perigo, ou que o mar é tão chegado ao muro que dos navios mesmo se possam combater, consirando ácerca d'isto quaes pessoas lá posso melhor enviar, porquanto cumpre que sejam homens discretos e entendidos e taes que possam bem todo prover segundo é necessario pera tal caso, e não me parece que tenha outros que o melhor possam fazer, que o prior do Hospital e o

capitão Affonso Furtado, a saber o prior pera divisar a cidade e o capitão pera divisar o mar, com todas as outras cousas que a elle pertencem, mas como seja que elles hajam logar pera isso poderem vêr e saber sem ser entendida nem sabida a fim porque elles vão, pera a qual cousa tenho vontade de fingir uma formosa dessimulação, e isto é que quero dar voz que os envio com embaixada á rainha de Sicilia, a qual ao presente está viuva e em ponto pera casar, a qual cousa eu sei pelo requerimento que me ella enviou fazer, que me prouvesse de casar meu filho o infante D. Duarte com ella, e eu agora mandal-a-hei requerer pera o infante D. Pedro, a qual cousa eu sei bem certo que ella não ha-de fazer, empero aproveitará muito similhante cometimento, porquanto meus embaixadores terão azo de ir e vir pela cerca d'aquella cidade, onde poderão divisar todo o que lhe por mim fôr mandado.

Aos infantes pareceu mui bem a consiração de seu padre, e porém ficou a el-rei encarregado de o poer todo em obra, segundo o tinha consirado.

CAPITULO XV

Como el-rei mandou chamar o prior do Hospital e o capitão, e o que lhe disse que haviam de fazer.

El-rei mandou logo chamar o prior do Hospital e fez-lhe saber como sua vontade era de os enviar a casa da rainha de Sicilia com sua embaixada, empero, que seu principal fundamento e

tenção, era que elles divisassem a cidade de Ceuta, de todas as cousas que antes dissera, portanto lhes mandava que se fizessem logo prestes pera seguir sua viagem, pera a qual cousa logo mandou desembargar-lhe dinheiros pera alguns corrigimentos que lhe fossem necessarios, e mandou logo correger e aparelhar duas galés, as melhores que estavam em suas taracenas, as quaes foram assim corregidas de todas as cousas, como se houveram d'andar d'armada, esto era porque além da nobreza com que lhe convinha de os enviar, segundo seus embaxadores que eram, quiz que fossem de tal guisa apercebidos, que não podessem receber algum damno d'alguns mouros, se os achassem, e mandou el-rei fazer mui nobres librés de seu modo e devisa, pera todos aquelles que nas ditas galés haviam d'ir, e isso mesmo embandeirar e toldar aquellas galés desde a proa até á popa de pannos de suas côres, a qual cousa nunca ainda até aquelle tempo fôra vista em nenhuns navios similhantes, e des-ahi avante o começaram a poer em uzo até agora que se faz como vêdes, e por este modo foram assim as ditas galés aparelhadas e corregidas, e os embaxadores despedidos por tal guisa que em breve tempo começaram de seguir sua viagem, e partindo de Lisboa com aquella voz e fama chegaram sobre a cidade de Ceuta, onde lançaram suas ancoras, mostrando que queriam dar algum descanso á sua gente, e o prior assentado em sua galé, assim como homem muito sages e indiscreto, olhava muito bem o assentamento da cidade, como quem sabia a fim porque o fazia, e o capitão d'outra parte com grande aviso esguardava sobre a praia olhando qual era mais limpa de pedras, pera poderem em ella mais desempachadamente sahir as gentes d'armas, quando viesse a

hora do mester, e depois que foi noite soldou, andando em um batel mui passamente todas as ancoragens d'arredor da cidade, de guisa que pela maior parte foi de todo em conhecimento, e ao outro dia levantaram suas ancoras e seguiram sua viagem.

Des-ahi chegaram ao reino da Secilia onde era a rainha, a qual fizeram logo saber como ali eram, porém que fosse sua mercê de lhes lavrar mandado da maneira que haviam de ter.

As quaes novas ouvindo a rainha, mandou que se viessem logo a sua côrte, onde foram assim recebidos e agazalhados como convinha a embaixadores de tamanho principe, e leixando suas maneiras, que cada um tem em seu senhorio, como lhe praz por guarda do seu estado, finalmente depois que deram suas saudações da parte d'el-rei á rainha e apresentaram suas cartas de crença, deram sua embaixada por esta guisa.

EMBAIXADA Á RAINHA DA SICILIA

Muito alta e muito excellente senhora, rainha, nosso senhor el-rei D. João de Portugal, vos faz a saber por nós, seus embaixadores, como os dias passados vossa alteza enviou a elle por rasão de casamento de vossa senhoria com o infante D. Duarte seu filho, da qual cousa elle fôra muito contente, se o feito estivera em azo de se poder acabar, e lhe não fôra fallado primeiramente da parte da infanta D. Catharina, irmã d'el-rei de Castella, por cuja rasão não podia começar cousa alguma em similhante acto, até que elle de todo fosse posto em fim de si ou de não, quanto mais que aquelle casamento é mui proveitoso pera ambos os reinos, pela grande discordia que se tão longamente entre elles seguiu; a qual posto que a Deus

graças, agora seja finda por firmeza de pazes, que entre elles são tratadas, todavia por azo d'este casamento se firmaram melhor, e que esta foi a causa principal porque vossa embaixada não houve outra mais graciosa resposta, empero que elle consirando a disposição de vossa edade e como o infante D. Pedro seu segundo filho é um principe dotado de muitas virtudes, do qual vossa senhoria seria mui bem casada, que lhe prazeria muito que o dito casamento se fizesse.

Porém que elle vos roga e encommenda que esguardeis muito bem como o dito infante é seu filho, e a mui real geração de que descende, assim de sua parte como de sua madre, da qual o dito infante por seu merecimento não fallece cousa alguma, e como lhe será dado tão grande casamento como a excellencia de seu grande estado convem, e que havido sobre todo vosso bom conselho lhe envieis vossa resposta com effeito, crendo que além de ser vossa honra e proveito, fareis cousa que vos muito agradecerá, sobre as quaes palavras a rainha lhe disse que elles se fossem por entonces pera suas pousadas e que ella fallaria com seus conselheiros e que lhe daria sobre ello sua resposta.

Todos aquelles grandes homens, que eram com a rainha, esguardaram mui bem como aquelles embaixadores d'el-rei de Portugal eram homens de grande auctoridade, e assim por ello como pelo mui nobre corregimento que levavam, representavam mui bem a grandeza d'aquelle senhor que os lá enviava, pela qual cousa ponderaram mui mal a dissimulação que jazia n'aquelle feito, des-ahi começaram a tratar sobre aquella embaixada da qual a rainha era muito pouco contente, por quanto lhe parecia que seu estado re-

ceberia abatimento, mandando ella primeiramente tratar casamento com o infante D. Duarte, que era herdeiro no reino, e tornar a casar com o infante D. Pedro, que era sujeito a seu irmão, por rasão de sua primeira nascença, porém respondeu aos embaixadores d'el-rei, como ella por entonces não estava em ponto pera dar resposta em similhante feito, por alguns negocios que tinha em seu reino, nos quaes de necessidade entendia de tratar, porém que se tornassem com boa ventura pera seu reino e lhe saudassem el-rei e a rainha e toda a nobreza de sua geração, que com elle fosse em sua côrte.

Os embaixadores, como quer que lhe bem mostrassem que lhe prouvera levar outra melhor resposta, não curaram de replicar mais sobre aquella materia, porque bem sabiam que não era aquella a principal causa de sua primeira viagem, e porém espediram-se da rainha e meteram-se em suas galés e tornaram-se pera Portugal, mas não lhe esqueceu de tornarem outra vez ácerca da cidade de Ceuta, fazendo algum mais repouso que da ida, pera acabarem de todo o que lhe fallecera da primeira vista, e tal maneira tiveram em todo, que lhe não ficou nenhuma cousa por tentar, d'aquellas que a el-rei prazia saber.

Alguns mouros d'aquella cidade, que depois do filhamento d'ella consiraram na vinda d'aquestas galés, maldiziam a si, e a fraqueza de seus entendimentos, porque tão tarde conheceram a sagacidade com que se tratára sua destruição ; e entonces se acordavam como viram ao prior ir com sua galé ao longo da cidade assim vagarosamente, como quem se trabalhava de a esguardar com femença. E chegando a Lisboa, el-rei havia dias que estava em Cintra, e com elle seus filhos, afóra o conde de Barcellos que se tornara pera

sua terra, porquanto era já casado e lhe mandára seu padre que se tornasse pera sua casa.

CAPITULO XVI

Como o prior e capitão partiram pera Lisboa e da embaixada que levavam e das cousas que fizeram em sua viagem.

Pequena detença fizeram as galés, depois que partiram de Ceuta, pera chegar a Lisboa, cá o vento foi mui prospero e as galés vinham mui bem apparelhadas, de guisa que lhe não fallecia nenhuma cousa pera seguirem brevemente sua viagem, e quiz Deus assim ordenar por que todo aquelle porto de Lisboa estava mui bem acompanhado de muitas naus e outros navios pequenos que vieram ahi descarregar suas mercadorias, com intenção de ir ao Algarve carregar figo, pera levarem a suas terras, porquanto o tempo da carregação era já acerca, e as galés acertaram de trazer assim sua viagem ordenada, que um domingo a horas da missa, appareceram á bocca da foz de Lisboa, e como era dia em que os homens não eram occupados em nenhuns trabalhos, começaram de correr pera a ribeira, como commummente tem por costume, quando algum grande navio entra por aquella foz.

As galés com a descente da maré que era contraria, fizeram tanta detença por aquelle rio, que as gen-

tes tiveram espaço de comer e tornaram a olhar como se vinham chegando pera a cidade, e certamente que era grande prazer assim dos que estavam na terra como dos que vinham pelo mar, porquanto as galés vinham nobremente embandeiradas e toldadas, e cada uma trazia duas mui reaes trombetas, cujo som alegrava os corações d'aquelles que as estavam olhando, e não era pequeno descanso aos das galés, vendo os ajuntamentos que a gente da cidade fazia pera olharem sua chegada, cá todas aquellas torres e muros eram cheias d'homens e mulheres, que se chegaram pera alli por esguardarem a doçura d'aquella vista, e os mercantes estrangeiros eram muito maravilhados com aquella novidade que viam, no corregimento das galés, o qual certamente era assim formoso e bom, que lhe fazia representar mui grande estado; certamente, disseram elles, este rei de Portugal, assim como é grande em todos seus feitos, assim faz grandiosamente todas suas cousas.

Os outros da cidade moviam entre si muitas porfias, sophismando cada um o fim d'aquella embaixada.

Em esto, chegaram as galés d'avante da cidade, onde já estava a mór parte dos grandes e bons que ahi havia, pera acompanharem aquelles embaxadores assim por seu merecimento, como pela honra da embaxada que traziam, e assim eram todos cegos no entender que não havia ahi nenhum que podesse maginar outra cousa, senão que toda a força d'aquella embaxada fôra sómente pera tratar aquelle casamento.

O repouso que os embaxadores fizeram na cidade, foi pequeno, cá logo no dia seguinte fizeram saber a el-rei novas de sua chegada, e entretanto concertaram suas bestas, de guisa que a quarta feira muito cedo, partiram pera Cintra, onde os el-rei mandou mui bem

receber e agazalhar, segundo mereciam taes pessoas, quanto mais por virem assim novamente com similhante embaxada de fóra do reino, e por quanto todos os conselheiros outrosim tinham que aquelles embaxadores não foram a outra cousa enviados, sómente por tratar aquelle casamento, teve el-rei maneira de os ouvir logo perante elles, onde cumpridamente disseram todos os aquecimentos de sua viagem, calando aquelle principal que se guardava pera outro maior segredo, e porque ainda esta dissimulação podesse ser melhor tratada, quando el-rei ouviu determinadamente a vontade da rainha, fez semblante como que lhe desprazia d'aquelle feito não vir a fim, mas os outros dois lhe razoaram sobre os remedios que lhe pareciam que eram necessarios pera tornar outra vez a replicar no cometimento d'aquelle feito, el-rei não desprezando seus arrazoados, mostrou que era muito melhor leixar assim o feito quedo por algum espaço de tempo, mas não tardou muito que o prior e o capitão foram avisados da maneira que haviam de ter quando lhe fossem dar o verdadeiro recado d'aquella cousa porque os elle enviára, tendo maneira como os infantes se chegassem aquelle tempo pera a camara de seu padre, sob similhança d'alguma outra necessidade que cada um fingisse aos seus, por melhor encobrimento d'aquelle segredo.

Juntos assim todos, primeiramente perguntou el-rei ao capitão pela resposta de seu encargo, a que elle sem outra solemnidade de palavras disse:

— Senhor, eu não trago outra resposta, senão que tendes mui boa praia e mui boa ancoração, e que podeis encaminhar vossos feitos e ir muito em boa hora, quando quizerdes, e a cidade sem grande tardança com a graça de Deus será em vosso poder posta.

— Assim prazerá a Deus, disse el-rei, empero quero saber principalmente a ancoração com todas as outras cousas que vos encommendei.

— Não mais, disse o capitão, senão que podeis ir como já disse, que todo tendes bom e á vossa vontade, e ainda mais senhor, entendo que não sómente cobrareis aquella cidade, mas ainda outros muitos logares que por seu azo virão a vosso poder ou de vossa geração.

Isto, senhor, sei eu por um maravilhoso acontecimento que me aconteceu quando era moço, do qual sempre trouxe mui grande lembrança pelos maravilhosos azos que sempre depois ácerca d'ello vi seguir, e porque vem a proposito, não é mau de o saberdes pela guisa que me aconteceu, e foi assim que el-rei D. Pedro vosso pae, cuja alma Deus haja, mandou meu padre fóra d'este reino com uma sua embaxada, e como quer que eu fosse moço de poucos dias, levou-me porém meu padre comsigo pera vêr terras e aprender, e seguindo nós assim nossa viagem chegámos a um porto ácerca d'um logar d'Africa, que chamam Ceuta, onde me eu trabalhei de vêr algumas d'aquellas cousas que me pareciam mais especiaes, e andando assim cheguei-me a uma fonte que alli estava, com um nobre chafariz, onde me eu acostei um pedaço, tomando desenfadamento em vêr a formosura dos cavallos que alli traziam a beber, os quaes eram muitos e bons, e estando assim, sobrechegou ahi um homem de comprida edade, cujos habitos e barba era manifesto signal de sua velhice; o qual chegando-se a mim começou-me d'olhar perguntando-me d'onde era, e eu lhe disse como era hespanhol. Não vos pergunto disse elle, senão de que logar sois á Hespanha? eu lhe respondi como era natural da cidade de Lisboa.

— Essa cidade, disse o velho, em que reino é? Eu lhe respondi como era do reino de Portugal.

— E qual é o rei que agora reina n'esse vosso reino? disse o velho.

— E' um mui bom rei, disse eu, que se chama D. Pedro, filho que foi do mui nobre rei D. Affonso, que foi na batalha do Saládo, o qual D. Pedro é um rei mui justiçoso e amador do seu povo.

— Que hajaes prazer, disse o velho, dizei-me quantos filhos barões tem esse vosso rei? Eu lhe disse como tinha tres, o primeiro havia nome D. Fernando, o segundo D. João, o terceiro D. Diniz. E não tem mais? disse o mouro, certamente não, disse eu, de que eu saiba parte. Elle começou-me de rogar que consirasse bem se tinha outro algum filho, e por vossa mui pequena edade, não me veiu á memoria vosso nascimento, porém como quer que me aquelle velho muitas vezes aficasse, requerendo-me sempre que esguardasse bem se além d'aquelles tres filhos tinha el-rei outro algum, o qual lhe eu sempre negava, e ainda muitas vezes conjunctamente como quem lhe não vinha á memoria mais d'aquello que lhe sempre dizia, empero a fim vendo-me afficado d'elle, comecei de consirar com semença, até que me cahiu no entendimento a verdadeira lembrança de vossa nascença, entonces lhe disse:

— Amigo, é mui grande verdade que el-rei tem ainda um filho pequeno, que se chama D. João, mas eu não me lembrava d'elle, porque entre nós os filhos bastardos não são havidos em tamanha honra como os lidimos. Por isso vos perguntava, disse elle, e em dizendo esta palavra, deu um mui grande suspiro e abaixou o rosto chorando, da qual cousa eu fui muito espantado, e por elle assim continuar em seu choro e

tristeza, roguei-lhe muito que me dissesse a causa que o assim movera a chorar, como quer que m'o por muitas vezes negasse, a conclusão afficado com meus requerimentos, me disse:

— Amigo, o meu choro não é tanto como eu tenho rasão, nem entendeis que choro cousa nenhuma que seja presente, mas pelo conhecimento que tenho da perda que ha-de vir a meus naturaes e amigos, e porque a tua ventura te trouxe aqui, nota bem o que te agora disser.

— Sabei que esse rei D. Pedro que vós agora tendes por vosso rei em esse reino, não ha muito de viver, por cuja morte reinará em seu logar o infante D. Fernando seu primeiro filho, o qual será casado com uma mulher, por cujo azo o reino depois da morte de seu marido ficará em grande revolta, e os outros dois filhos por engano de sua cunhada serão lançados em Castella, onde farão fim de seus dias.

Finalmente esse filho pequeno que tu vês desprezado, em comparação de seus irmãos, será ainda n'esse reino, como uma pequena faisca de que se levanta mui grande fogueira, cá dias virão em que elle primeiramente vingará a deshonra de seu irmão, e depois por escolhimento do povo será alevantado por rei; o qual haverá grandes demandas com o reino de Castella, de que sempre ficará vencedor, e elle será o primeiro rei de Hespanha que terá posse em Africa, e será o primeiro começo da destruição dos mouros, e ainda elle ou os da sua geração, virão a este chafariz dar de beber a seus cavallos.

— Ora vêde, senhor, quem estas cousas assim ouviu e as viu passar por aquella propria ordenança, se crerá que a cidade de Ceuta é já posta em vosso poder, e porém torno a dizer o que já disse, que podeis ir

com boa ventura, quando quizerdes, cá tendes todo
i vossa vontade, assim a praia como as ancorações.
El-rei era homem que tinha em pouco similhantes
uizos, e porém começou de se rir, tendo em jogo as
palavras de Affonso Furtado, dizendo-lhe que toda-
via lhe dissesse a certidão do que lhe encommendára,
que bem sabia elle que o não mandára fóra d'estes
reinos, senão principalmente áquelle fim, crendo que
elle era tal pessoa, que saberia provar e conhecer não
tão sómente similhante cousa, mas ainda outro muito
maior feito, quando quer que fosse necessario, que
porém passasse por aquellas palavras e dissesse se
aquella ancoração era sobre pedra, ou sobre areia,
ou sobre vaza, ou se por ventura era alli o mar tão
alto que os grandes navios podessem ancorar perto
dos muros da cidade, ou se por ventura, por azo das
marés ou correntes, seriam os navios em algum tra-
balho na enchente ou vazante da maré.

Todas estas razões prestaram pouco acerca do capi-
tão, cá elle por nenhuma guisa quiz mais dizer do
que tinha dito, entonce perguntou el-rei ao prior que
lhe dissesse do assentamento da cidade, e as mais
cousas que lhe encommendára.

CAPITULO XVII

Da resposta que o prior deu a el-rei ácerca do assentamento de Ceuta, e mais cousas que lhe encommendára.

SENHOR, disse o prior, de cousa que visse nem achasse, não vos hei de dar resposta, até que me façaes trazer quatro cousas, duas cargas d'areia e um novello de fita e meio alqueire de favas, e uma escudella.

— Cuidaes, disse el-rei, que não temos aqui o capitão com suas prophecias?

Entonce começou de se rir, e disse que lhe leixasse o jogo, e que lhe desse recado do que lhe perguntava.

—Senhor, disse o prior, eu não tenho costume de jugatar com vossa mercê, mas ainda vos torno a dizer que sem as ditas cousas vos não direi nenhuma resposta.

Já el-rei começava de tomar algum queixume, pensando que os embaxadores não arrecadaram seu feito pela guisa que lhe elle mandára.

— Vêde, disse elle contra seus filhos, que bem concertadas duas respostas pera homens de tal auctoridade; estou-lhe perguntando pelas cousas que lhe mandei, e um me falla em astrolomia, outro me falla em similhança de feitiços, quem havia de cuidar que taes dois homens houvessem de trazer similhante recado?

Os infantes conhecendo quem era o prior, não podiam crêr que elle tornasse de sua viagem sem trazer certo recado, porém lhe disseram que se arrecadára como d'elle confiavam, que désse a resposta a el-rei seu padre. O prior estava-se rindo porque via que el-rei não conhecia sua tenção, porém disse que ainda que elle quizesse responder, que não saberia, sem lhe trazerem as ditas cousas, as quaes lhe foram trazidas pela guisa que as elle requeria, e tanto que as teve dentro em uma camara, metteu-se só n'ella e com a areia, começou a devisar sua embaixada por esta guisa: tomou aquella areia e fez logo o monte d'Almina, com toda a cidade, assim como jaz com suas alturas e valles e fundos d'ellas, e des-ahi a Aljazira com a serra de Ximeira, assim como jaz em sua parte e onde havia de fazer demonstração d'um muro, cercava com a fita, e onde havia de assignar casas, punha aquellas favas, em tal guisa, que lhe não ficou nada por divisar, e depois que todo houve assim acabado, chamou el-rei e seus filhos e disse-lhe:

Agora podeis vêr a similhança de meus feitos, é perguntar-me por todo o que vossa mercê fôr, e eu poder-vos-hei responder com experiencia ante vossos olhos.

Esguardou el-rei mui bem toda aquella mostra, como estava, des-ahi o prior começou-lhe a devisar todo mostrando-lhe logo toda a largura do muro como estava da parte do mar, e quanto era acompanhado de torres e de que altura eram a maior parte d'ellas, e depois lhe mostrou o castello com todo seu assentamento, e quaes eram os logares por onde a cidade podia receber combate, com todas as mais cousas que a el-rei prouve de saber, e como quer que o philosopho diga que mais forte é o conhecimento

da cousa conhecida por si mesmo, que por sua similhança, não reprovando seu dito, que seria escarneo pera mim, certamente não falleceu nenhuma cousa d'aquellas que eram na cidade pera vêr e saber, que todas ahi não fossem mui bem declaradas e conhecidas, segundo cumpria, da qual cousa foi el-rei muito contente, louvando muito a boa discripção do prior e muito lhe pareceu aquella cidade asada pera o que elle desejava, e depois d'algum pequeno razoado que sobre aquelles feitos houve, mandou el-rei que tirassem a areia e aquellas cousas que alli estavam, e por entonce não se fallou mais nada em cousa que áquelle caso pertencesse.

CAPITULO XVIII

Como el-rei disse a seus filhos que duvidava muito começar aquelle feito antes de primeiro o saber a rainha e o Condestabre.

Visto aquella mostra que o prior fez, el-rei consirou sobre todo alguns poucos dias, e depois que todo teve bem consirado, fallou com seus filhos em esta guisa:

—Consirei ácerca de nossos feitos começados, e acho que pera se bem poderem executar, tenho dois mui grandes inimigos ou impedimentos.

O primeiro é a rainha minha sobre todas muito amada e prezada mulher, a qual por suas grandes

virtudes e bondades, é assim amada de todos geralmente, que se ella em este feito não dá consentimento, nenhum dos do povo, nem dos outros maiores, não porão mão em este feito, com nenhuma fiuza nem esforço; o segundo impedimento é o Condestabre, o qual sabeis que por sua mui boa vida e pelos grandes e bemaventurados agradecimentos que houve, tem assim as gentes do reino chegadas á sua amisade, que se elle por ventura contradisser esse conselho, todos terão que não era feito direitamente, a qual cousa lhes faria menos esforço pera nos ajudarem a ello quando fosse requerido.

Porém antes de nenhuma cousa é bem que vejamos porque maneira lhe faremos saber a determinação que em ello havemos, porque ao depois por seu desprazimento não recebamos algum pejo.

Os infantes foram algum tanto descontentes no movimento d'aquelle feito, pensando que em ambas aquellas pessoas teriam mui grandes contrarios, e esto consiraram por esta guisa.

Primeiramente que a rainha era mulher, a qual segundo sua natureza não lhe poderia desejar nenhuma cousa perigosa, e quanto era a parte do Condestabre, consiraram como era homem velho e que toda sua mancebia despendera em tantos trabalhos, dos quaes pela graça de Deus havia dias que tinha repouso com grande e proveitoso galardão de seus merecimentos, a qual cousa porventura seria azo de o poer em duvida, na esperança da victoria que lhe d'aquelle feito poderia vir.

Empero assim como homens em que morava uma formosa e maravilhosa fortaleza, não quizeram mostrar que aquelles eram os maiores impedimentos que n'aquelle feito podiam haver, e consirando em ello, o

disseram a el-rei, que similhantes cousas não eram pera ter em grande estima, porque o disseram elles, tanto que a rainha nossa senhora e madre, fôr contente, ácerca de nosso movimento, o Condestabre não é homem que contradiga nenhuma cousa que vós ordenardes por serviço de Deus e por accrescentamento de vossa honra e estado. Porém quanto á rainha nós iremos a ella e lhe fallaremos por tal guisa que ella mesmo seja a que vos peça que nos outhorgueis o proseguimento d'este feito.

A el-rei pareceu bom conselho o que tinham seus filhos, e disse que se trabalhassem de o poer em fim, por quanto sentia que estes dois impedimentos tirados não tinha outra duvida pera que leixasse de proseguir sua demanda.

Os infantes se foram logo á rainha e apartaram-n'a em seu estrado, dizendo por esta guisa:

Pratica dos infantes á rainha

Senhora, bem sabe vossa mercê a alteza do sangue d'onde por graça de Deus viemos a este estado em que de presente somos, a qual cousa nos acarreta continuadamente mui grandes cuidados, porque possamos conseguir a virtude d'aquelles principes, de cuja linhagem a Deus prouve de nos trazer a este mundo, e sobre todo consirando a edade em que somos, e como poderemos mais honradamente receber estado de cavallaria, em algum logar onde se movessem alguns grandes feitos d'armas, ou trabalhos perigosos, onde nossa virtude podesse ser demonstrada ante a vista de todos, pois que os cavalleiros principalmente foram ordenados porque entre os outros homens tenham vantagem nos feitos das armas, quanto mais aquelles

a quem Deus quiz dar nobreza de geração nos logares onde se provam as forças e se experimentam os corações, devem mais honrosamente receber a ordem d'aquelle estado, e por quanto el-rei nosso senhor e padre desejando nossa honra e accrescentamento, como de seus filhos, quizera fazer grandes festas e convites pera honrar nossa cavallaria, da qual cousa nós por nenhum modo podiamos ser contentes, consirando o que dito é, e estando em esta duvida, quiz Deus que sobrechegou ahi João Affonso, vedor da fazenda, e fallou-nos em uma cidade que é em Africa que chamam Ceuta, mostrando-nos como era mui azada pera ser filhada, a qual cousa nós fallámos a el-rei nosso senhor e padre, o qual enviou lá o prior e o capitão, por devisarem o assentamento da cidade, se porventura seria tal como João Affonso dizia.

Ora são já chegados de lá e segundo o recado que trouxeram, a cidade é mui azada pera se filhar, havendo bom aviamento pera ello, e porquanto, senhora, nós temos mui grande vontade de se este feito poer em fim, e sentimos que el-rei senão quer despoer a ello assim despachadamente, como nós queriamos, pedimos-vos por mercê que primeiramente vos praza consentirdes em ello, porque sentimos certamente, que o principal impedimento que el-rei ha-de ter, é a duvida em que estará, não sabendo se vos prazerá d'ello ou não, por quanto cuidará que por o amor que vos nos tendes, segundo a condição das outras mulheres, que não vos prazerá que cometamos cousa de que nossas vidas fiquem em perigo, e des-ahi que lhe peçaes da vossa parte seja sua mercê de encaminhar como isto seja posto em fim.

«Bem é verdade, respondeu a rainha, que eu vos tenho assim aquelle amor que qualquer madre por

obrigação natural deve ter a seus filhos, e ainda muito maior, por duas cousas.

A primeira pelo grande amor que tenho a el-rei vosso padre, assim pelas grandes virtudes que em elle ha, como por ser meu senhor e marido, e sentir que me tem tão grande amor, como homem do mundo que o mór tenha a sua mulher, e a segunda por vos Deus fazer taes, de que eu espero que não nascerá outra cousa, salvo aquella que requer o estado que tendes, e grande linhagem de que descendeis, empero quanto pera similhantes feitos eu nunca vos poderia privar vossas boas vontades, antes vos ajudarei a ellas com todas minhas forças e poder, e certamente que eu não podera hoje ouvir novas com que me mais provera, cá por similhante requerimento me fazeis entender que taes vontades tereis ao deante pera obrardes aquellas cousas que sempre obraram e obram aquelles reis e principes da lingahem de que descendeis.

Porém a mim me praz muito de poer logo mão em este feito, por tal guisa, que com a graça de Deus vossas boas vontades hajam effeito, segundo desejaes e quereis.

CAPITULO XIX

Como a rainha fallou a el-rei no requerimento de seus filhos, e da resposta que lhe el-rei ácerca d'ello deu.

NÃO quiz a rainha poer aquella cousa em tamanha tardança, porque lhe parecia que minguava na boa vontade que mostrava a seus filhos, e fez logo saber a el-rei como lhe era necessario fallar-lhe, porém que fosse sua mercê servido de lhe fazer saber a disposição em que estava, mas el-rei usando de sua nobre cortezia, não quiz consentir que se ella mettesse em tal trabalho, e disse ao mensageiro que lhe dissesse que elle iria onde ella estava, como de feito logo foi.

Pratica da rainha a el-rei

«Senhor, disse a rainha, eu vos quero requerer uma cousa, que é muito contraria pera requerer madre pera filhos, porque commummente as madres requerem aos padres, que arredem seus filhos dos trabalhos perigosos, tendo sempre grande arreceio de quesquer damnos que lhe podem acontecer.

Eu tenho tenção de vos requerer que os arredeis dos jogos e das folganças e os metaes nos trabalhos e perigos, e isto senhor é por esta guisa: vossos filhos e meus vieram hoje a mim e me contaram todo o feito que tinheis passado ácerca da cidade de Ceuta,

sobre que vos fallou João Affonso, vosso vedor da fazenda, dizendo-me como sentiam que vos não despunheis a encaminhar seu filhamento como elles desejavam, porém que me pediam que me prouvesse de vos fallar em ello e vol-o requer da sua parte e da minha.

Eu, senhor, esguardando como elles vem de linhagem de imperadores e reis, e de outros mui notaveis e grandes principes, cujo grande nome e boa fama é hoje por todas as partes do mundo nomeada, não queria por nenhuma guisa, pois lhe Deus por sua mercê quiz dar a disposição dos corpos e do entender, que elles por seus trabalhos fallecessem de conseguir os feitos d'aquelles que disse, e portanto eu acceitei seu encargo e me prougue muito de seu requerimento, havendo seu desejo por bom pera começo de sua nova edade, pelo qual vos peço por mercê que queiraes encaminhar como elles possam exercitar suas forças e provar suas virtudes segundo devem, pera a qual cousa parece que tendes mui bom azo querendo-vos aviar que se ponha em obra aquillo que já tendes fallado, e além da parte que a vós ácêrca d'ello acontece, eu da minha vol-o terei em mercê.»

«Senhora, respondeu el-rei, tal requerimento me fazeis vós de que eu recebo mui grande empacho, e esto é por me requererdes primeiramente o que vos eu houvera de requerar a vós, metendo a mim em prazimento o que eu por ventura duvidára muito de vós quererdes outhorgar sem constrangimento de rogos.

Porém, dou muitas graças a Deus, porque vos trouxe a tempo de me tal cousa requererdes, da qual eu sou muito ledo e me praz de o poer em obra segundo me requereis, o que com graça de Deus espero

que venha a proveitoso fim, e por quanto, senhora, me vós tendes feito este requerimento, prazer-vos-ha que eu vos faça outro não mui longe d'este proposito, que vos praza de eu ser onde vossos filhos forem, assim participador de seus conselhos e companheiro de seus perigos.

Bem foi a rainha leda d'ouvir as razões que se até alli passaram, mas quanto a aquelle ponto bem mostrou que lhe não prazia de o ouvir, e disse:

«Senhor, a mim será muito grave de poder com meu coração que outhorgasse cousa similhante, cá por aquella guisa que a mim pareceu razoado o requerimento que vos primeiro fiz, por essa me parece, quanto a meu juizo, o vosso fóra de razão, porquanto aquello que meus filhos requerem, é pera ganharem honra, que vós já tendes ganhada, a qual elles ainda não tem senão por razão de vós e d'aquelles reis e senhores d'onde descendem, e porém lhe é necessario de a buscarem agora sometendo seus corpos a grandes trabalhos e perigos, não receando sua morte, se por algum caso acontecer por chegarem a aquello que seus avós percalçaram, cá por certo não lhes ficará pequeno encargo depois de vossos dias, de conseguirem vossas virtudes e parte de vossa honra. E pois que a Deus graças, por muitas partes do mundo é notorio como vós por vossos grandes merecimentos e trabalhosos encargos, cobraste tanta honra, que não tão sómente ao mais poderoso rei do mundo poderia abastar, mas ainda tres ou quatro seriam d'ello contentes, assim, senhor, me parece vossa ida escusada, se vossa mercê fôr, cá sobre todo deveis de consirar na edade em que sois, a qual creio que é pouco menos de cincoenta e dois ou cincoenta e tres annos, e como toda vossa mancebia despendentes em trabalhos por

defensão e acrescentamento de vossos reinos, a qual cousa prouve a Deus de vos poer em termo e fim bemaventurado. E pois a Elle prouve de assim ser, mais honesto e mais rasoado é que os annos que vos derradeiramente ficam pera viver despendaes em corregimento de vossos reinos e emenda de vossos pecados, porque assim como a Deus prouve de vos honrar o corpo em este mundo, que assim vos honre a alma no outro, antes que moverdes agora novas pelejas, das quaes se pode seguir por ventura que ainda que depois queiraes assocegar, o não possaes fazer, porque os feitos se aquecem muitas vezes por tal guisa que com umas guerras se começam outras, e são similhantes ao fogo que os lavradores põem aos matos, os quaes pensando queimar uma pequena mouta queimam suas sementeiras. E deveis ainda consirar como todas as honras d'este mundo caem ao ponto d'uma só hora, e por uma mui pequena desaventura perdem os homens mui grande parte de suas honras passadas, porque toda a boa andança dos homens commummente se julga pela fim: cá em nenhuma d'aquellas cousas que os homens esperam n'este mundo, não responde menos a sorte e a fortuna que os feitos das pelejas.

Porém de nossos filhos irem e cometerem qualquer cousa que lhe vós ordenardes, a mim me parece que é bem, e que vós fiqueis em vosso reino, e aquecendo, o que Deus não queira, que seus feitos não succedam segundo sua vontade e nossa, melhor é que vós tenhaes com que os vingar ao depois, que a contraria fortuna abranger assim a vós, como a todas as grandes pessoas do reino, cá necessario será se vós fordes, que não fique nenhuma pessoa no reino notavel sem vosso grande constrangimento. E assim, senhor, que

minha tenção é ser melhor ficardes, que por nenhuma cobiça de honra vos moverdes de partir de vosso reino.

«Todas vossas razões, senhora, disse el-rei, são pera consirar quanto pertence a aquelle que se movesse por caso d'honra, o que certamente não é em mim, sómente me lembra como sugei meus braços em sangue dos christãos, o qual posto que justamente fizesse, ainda me parece dentro em minha consciencia que não posso d'ello fazer cumprida pendença, salvo se os mui bem lavasse no sangue dos infieis, cá determinado é na santa escriptura, que a perfeita satisfação do pecado, é cada um por onde peca, por alli haver a pendença.

Pois que pendença posso eu fazer, de quantos homens por mim e por meu azo foram mortos, senão matar outros tantos infieis ou muitos mais se poder por serviço de Deus e exalçamento da santa fé catholica? cá posto que eu quizesse fazer similhante emenda por orações ou esmolas, não me parece que haveria perfeita satisfação, pois a pendença é desegual do erro, cá o officio de rezar principalmente é dos clerigos e frades e outras pessoas religiosas, e a esmola que áquelles quizesse fazer, são dinheiros de minhas rendas, dos quaes eu não posso sentir mingua, pois de outra qualquer parte meu estado ha-de ser governado, e ainda me parece que seguindo este feito perfaço todas estas cousas, porque assaz de esmola será buscar dinheiros e mantimentos pera governar tantas gentes, como eu com a graça de Deus espero de levar a esta santa romaria.

Pois quanto ás orações parece-me que assaz será Deus servido de similhante modo quando por sua graça aquellas casas em que se agora serve e adora

o nome de Mafamede, cuja alma por seus justos merecimentos é sepultada nas funduras do inferno, forem acompanhadas de clerigos e religiosos, que de noite e de dia se sirva e adore o seu santo nome.»

«Quanto senhor, disse a rainha, ao serviço do Senhor Deus, eu não fallo nenhuma cousa, antes me praz e lhe dou muitas graças por vos poer em tal proposito, cá não poderei torvar nem ser contraria a nenhuma cousa que a seu serviço toque, e Elle que é sabedor de todas as cousas, sabe certamente que em minha vontade não está o contrario.»

CAPITULO XX

Como el-rei pelo presente não quiz declarar á rainha que elle havia d'ir em aquelle feito, e como logo mandou encaminhar as cousas que pertenciam pera a frota.

Quem poderia ouvir aquellas palavras, que entre aquelles senhores passavam, que não houvesse extremada folgança? por certo bem disse Salomão em seus proverbios que a maior parte da bemaventurança d'esta vida, pera ter qualquer homem, está em ter boa mulher, nem el-rei foi pouco ledo d'ouvir assim aquellas palavras á rainha, das quaes em sua vontade foi muito contente, empero não quiz determinar sua ida, consirando que se a rainha determinadamente soubesse que elle havia d'ir, que se lhe

recresceria mór trabalho de espirito, da qual cousa se lhe poderia seguir algum damno pela fraqueza de sua compreição, mas a ida de seus filhos ficou logo posta em determinação, e logo el-rei começou de encaminhar avivadamente o corregimento que pertencia pera sua ida, e a primeira cousa que logo mandou fazer foi provimento de suas tercenas, pera saber parte dos navios que tinha, e como eram repairados; mandou logo trigosamente cortar madeira pera refazimento d'algumas galés e fustas que lhe falleciam, pera comprimento do numero que elle entendia de levar, a saber, quinze galés e quinze fustas, e assim mandou logo apparelhar carpinteiros e calafates que obrassem nos ditos navios, e des-ahi guarnecimento pera elles com todas as outras cousas que lhe pertenciam.

Mandou mais el-rei apanhar quanto cobre e prata se pôde achar no reino, e assim mandou trazer outro de fóra, fazendo seu trato com os mercadores, pelo melhor modo que elle pode, em tal guisa que em mui breve tempo teve d'elle mui grande abastança, e João Affonso, vedor da fazenda, proveu logo todas as rendas da cidade e fallou com Ruy Pires do Landroal, que era thezoureiro da moeda, não lhe declarando porém o segredo, por tal guisa que lhe mandou que fizesse apparelhar as fornalhas todas da moeda, as quaes logo foram prestes, e despachadamente começaram de lavrar, e tanta trigança se punha n'aquelle lavramento, que tirando alguns dias de mui grandes festas, todos os outros continuadamente de dia e de noite lavravam.

Mice Carlos, o almirante, foi logo avisado por mandado d'el-rei que prouvesse todos os mareantes, cada um em seu estado, de guisa que despachadamente podesse fazer d'elles o que lhe el-rei mandasse.

Gonçalo Lourenço de Gomide, que era escrivão da puridade, mandou logo fazer cartas em nome d'el-rei pera o escrivão dos maravedis, e assim pera todos os coudeis e anadeis dos besteiros do reino, que fizessem logo seus alardos e lhe enviassem os cadernos d'elles, onde quer que elle estivesse, nos quaes declaradamente fossem escriptas as edades das pessoas e corregimentos que tinham pera serviço d'el-rei.

Mas quem poderia escrever a multidão das sentenças que se davam sobre aqueste feito, cá o rumor do povo era mui grande vendo o abalamento d'estas cousas, e posto que cada um em sua parte se trabalhasse de esquadrinhar aqueste segredo, não havia ahi algum que certamente soubesse determinar o logar pera onde aquelle corregimento era, e as sentenças que se davam ácerca d'ello leixamos pera outro capitulo, porquanto aquellas cousas não se faziam ainda tão trigosamente, como se ao deante fizeram, e deveis de saber que a diligencia que el-rei mandou poer na moeda e rendas, foi por não lançar pedidos, a qual cousa fez a dois fins.

A primeira porquanto aquelle feito principalmente era movido por serviço de Deus, e não queria el-rei que pessoa alguma de seu reino tivesse azo de receber algum escandalo. A segunda era porque se houvera de lançar pedidos, fôra necessario de fazer ajuntamento de côrtes, nas quaes de necessidade se houveram de declarar algumas congeituras, ou partes do feito, por tal guisa que se poderia entender a verdadeira determinação que el-rei sobre esto tinha.

Em este corregimento e cousas que el-rei assim mandou fazer, se pozeram bem dezoito mezes, no qual espaço os infantes fallaram a seu padre, pedindo-lhe por mercê que quizesse poer maior trigança n'aquelle

feito, cá posto que el-rei muito trabalhasse, a elles não parecia tanto que nas cousas que homem muito deseja, quando está em esperança de as cobrar, nunca o espaço pode ser tão pequeno, que lhe não pareça grande, e além d'esto uma das propriedades dos homens mancebos, segundo declara frei Gil de Roma, por authoridade do philosopho, na terceira parte do segundo livro do Regimento dos Principes, e Paulo Virguerio na Ensinança dos Moços Fidalgos, é serem trigosos e arrebatados em seus feitos, e esto por razão do esquentamento do sangue, que em elles naturalmente é n'aquella edade, e tanto lhes parecia aos infantes que esta cousa se fazia de vagar, que disseram a seu padre que pensavam que elle queria cessar do proposito que com elles determinára.

«Bem sabeis, disse el-rei, como antes que fallassemos á rainha, vos disse que não podia em este feito fazer nenhuma cousa que a primeiramente ella e o Condestable não soubessem, e pois da rainha houvemos seu prazimento, convem que fallemos ao Condestable, por cuja razão não posso mais trigosamente despachar meus feitos pera aviar o que me é necessario.

Os infantes disseram que era mui bem que sua mercê encaminhasse como se logo pozesse em obra de fallar ao conde, porque ao deante tivesse certa determinação do que haviam de fazer.

CAPITULO XXI

Como el-rei e os infantes determinaram a maneira porque se havia de fallar ao Condestable n'aquelle feito, e como lhe foi fallado e por que guisa.

El-rei e os infantes eram áquelle tempo em Santarem, quando estas cousas entre elles foram falladas, onde determinaram que este feito não fosse fallado ao Condestable por escripto nem mensageiro, mas el-rei lh'o dissesse pessoalmente, e que pera isto se fazer mais fóra de suspeita, que o infante D. Duarte e o infante D. Henrique partissem logo caminho de Riba d'Odeana levando comsigo monteiros e caçadores que andassem assim despendendo dois ou tres mezes em seus desenfadamentos, até que el-rei e o infante D. Pedro passassem o Tejo, e se fossem chegando contra algum logar que fosse mais acerca d'onde quer que o Condestable entonce estivesse.

O infante D. Duarte avisou logo seus officiaes que se fizessem prestes pera continuarem seu caminho, e escreveu a Martim Affonso de Mello, porque era um fidalgo grande caçador e monteiro, fazendo-lhe a saber como elle e o infante D. Henrique seu irmão iam a folgar contra aquella parte, porém que lhe rogava que elle estivesse prestes com suas aves e cães, e isso mesmo avizasse a quaesquer pessoas que sentissem que tinham disposição para ello.

E logo os infantes partiram sem toda a sua gente

entender o tal segredo, sómente no monte e caça, e entretanto el-rei esteve em Santarem até que lhe pareceu que era tempo de partir, e tanto que se passaram dois mezes, logo na segunda semana do terceiro mez el-rei fez encaminhar sua partida, e por sua tenção ser melhor dessimulada, disse um dia contra o infante D. Pedro, de maneira que todos ouvissem.

«Já agora vossos irmãos cuidaram que não ha mais na caça nem no monte, que quanto elles sabem, empero meu filho, ainda eu quero vêr se lhe posso levar avantagem, porque vós outros mancebos, pensaes que nós, os velhos, não sabemos as cousas tão perfeitamente como vós, mas prazendo a Deus nos partiremos d'aqui e iremos vêr estes montes, onde eu achei muitas vezes mui grandes porcos, e se a Deus prouver de nos deparar cousa em que nos desenfademos, porém podemos vêr quando nos ajuntarmos quaes foram melhores monteiros.

Aquelles senhores e fidalgos que eram com el-rei, começaram muito de departir n'aquella montaria, de guisa que todo entendimento da côrte, não era por entonce em outra cousa senão em corregimento pertencente pera aquelle caminho.

Partiu-se el-rei logo d'aquella villa de Santarem, e o infante D. Pedro com elle, e correram logo aquella ribeira de Mugem, e des-ahi foram-se á ribeira de Sôr, que é acerca de Coruche, e repousaram alli algum pouco, por quanto o Condestable a aquelle tempo estava em Arrayolos, e encaminharam sua ida contra Montemór, e esto mui de vagar, e antes que partisse d'aquella ribeira de Sôr, disse el-rei contra o infante:

«Certamente eu acho já agora minha casa desfeita de bons cães, especialmente de alões, cá me parece que estes que trago, ou é porque os mais d'elles não

foram ainda encarniçados, ou porque por ventura não são bons de sua natureza, ou porque não tem conhecimento das matas d'esta terra, como tem das outras da Extremadura, onde foram criados.

«Pois, disseram alguns dos que alli estavam, senhor, seria bom mandardes de vossa parte saber a casa d'alguns fidalgos d'esta comarca, se tem alguns cães que vol-os enviem, especialmente pera aquella ribeira de Laver, em que sempre sois de achar grandes porcos e bons.

«Não parece que aproveitara, disse el-rei, por quanto o mestre d'Aviz que é um homem que sempre tem muitos e bons, sei que será já com meus filhos, ou lhe enviariam pedir os melhores cães que tivesse, cá assim fizeram a Martim Affonso de Mello, mas entendo, disse elle, que o Condestable terá algum bom, que nos possa enviar.

— Se vossa mercê fôr, disse o infante, escrever-lhe-hei eu, porquanto me vem mais a geito que a vossa mercê, por eu ser alongado de minhas terras, e vir á côrte desapercebido de similhantes desenfadamentos.

El-rei disse que era mui bem consirado, e todos os outros assim disseram, como se commummente faz ante os senhores que qualquer cousa que dizem em louvor ou doesto, todos conseguem seu proposito, e tanto se poz esto em uzança em nossos dias, que alguns fundando sobre ello interesse, filhavam similhante geito por officio, mas o que d'ello se seguiu fallaremos ao diante, depois do acabamento d'estas cousas, passando primeiro pelos feitos do reinado d'el-rei D. João e D. Duarte, porquanto em seus dias nenhum d'aquestes achámos que ante sua presença houvesse avantajado favor.

Ora tornando a nosso proposito, o escrivão foi

logo chamado, ao qual foi logo mandado que fizesse uma carta em nome do infante D. Pedro, pera o Condestable, na qual depois de suas encommendas lhe fazia saber como el-rei seu padre e elle eram partidos de Santarem com intenção de se desenfadarem por aquelles montes, e que porquanto elle viera de suas terras á côrte aforrado mais com intenção de desembargar seus feitos, que d'andar a monte, que lhe rogava que se tivesse um bom alão de filhar, que lh'o enviasse, porquanto os que seu padre trazia não eram taes que entre elles houvesse algum especial.

Esta carta foi logo feita e assignada, e o moço da estribeira prestes pera a levar, mas foi necessario levarem-na ainda á camara do infante pera lhe elle poer o sinete, e esto era porque além d'aquelles sellos que o seu escrivão trazia, costumava elle sempre trazer um com que sellava algumas cartas especiaes, que a ello prazia, e ao tempo que lhe houve de poer aquelle sinete, teve tal modo, que fez um escripto por sua mão mui secretamente, no qual fazia saber ao Condestable como el-rei seu padre era necessario fallar com elle algumas cousas sustanciaes e de grande segredo, porém que lhe encommendava que dissimulasse por alguma boa maneira, como bem podesse chegar a Montemór, onde el-rei seu padre logo havia de ser, a qual carta assim enviada, vendo o Condestable a alma que em ello vinha, como sages e discreto, calou mui bem aquelle segredo, fazendo ao moço algumas perguntas mui alongadas d'aquelle proposito, s. pela saude d'el-rei e de seu filho, e desahi dos desenfadamentos que trazia em suas montarias.

«Sei, disse elle, que el-rei meu senhor houve novas da boa esquença de seus filhos, que cá traz em seus montes, e quiz vir tomar sua parte, por lhe elles não

levarem avantagem, mas muito me peza porque não tenho agora taes cães com que lhe possa fazer serviço, empero entre estes que tenho, será buscado o melhor pera serviço do senhor infante D. Pedro, que m'o envia pedir; des-ahi fez logo fazer a resposta assim de praça, como o infante fez a que lhe enviou, dizendo que de seus desenfadamentos lhe prazia muito, mas que lhe pezava por não ter cousa especial, como elle desejava, pera lhe fazer serviço, empero que dos alões que havia em sua casa, lhe enviava o melhor, e que lhe pedia por mercê que qualquer outra cousa em que elle entendesse que o poderia servir, não o houvesse d'ello por escusado.

El-rei fazendo assim sua viagem, chegou a Montemór, e tanto que o Condestable soube que elle alli estava, disse contra os seus:

«Pois el-rei meu senhor alli é tão perto, que não são mais de tres leguas, ainda que grandes sejam, desmesura será não ir eu fallar-lhe, havendo tanto tempo que o não vi; porém encaminhou logo sua partida e foi fallar a el-rei, e tanto que chegou lhe foi fallado todo o feito passado, dizendo-lhe el-rei, que posto que algumas cousas tivesse começado d'ordenar, que não era porém com determinação de o feito se poer em execução, até ser fallado com elle, porém lhe rogava que lhe dissesse o que lhe d'aquelle feito parecia.

—O que a mim parece, respondeu o Condestable, é que este feito não foi achado por vós nem por outra nenhuma pessoa d'este mundo, sómente que foi revelado por Deus, querendo-vos abrir azo e caminho pera que lhe fizesseis este tão especial serviço, pera que vossa alma ante Elle possa receber grande merecimento, pois que a Elle praz de o servirdes n'este

feito, não ha mais que esquadrinhar, cá assim como a Elle prouve de o trazer ante os olhos do vosso entendimento, assim lhe prazerá por sua mercê de o trazer a proveitoso fim, e vós por mercê não leixeis d'obrar em ello, de guisa que por vossa mingua não falleça nenhuma cousa do que pera similhante feito pertence.

Em esto chegaram os infantes D. Duarte e D. Henrique, d'onde andavam em seus desenfadamentos, e sem outra mostrança de conselhos nem de falla certa, sentiram a vontade do Condestable, e brevemente se partiram cada um pera sua parte, el-rei e infante D. Pedro pera Santarem e os infantes D. Duarte e D. Henrique pera Evora, e o Condestable pera Arrayolos.

CAPITULO XXII

Como el-rei começou de ordenar mais trigosamente sua ida, e como se os infantes tornaram d'Evora, e como se os infantes D. Pedro e D. Henrique partiram pera suas terras, e cousas que lá fizeram.

O espaço que os infantes estiveram em Evora, foi pouco, que tanto que souberam que seu padre era em Santaram, logo partiram d'aquella cidade e foram pera elle, onde seu ajuntamento não durou muito porque o infante D. Pedro e o infante D. Henrique se foram logo pera suas terras.

El-rei e o infante D. Duarte, ficaram alli dando

aviamento mais trigoso ás cousas começadas, do que se até hi dera.

O infante D. Pedro e o infante D. Henrique, tiveram tal maneira em seu caminho, que se o desenfadamento de Riba d'Odeana foi grande, aquelle não foi menos, cá tanto que chegaram a Coimbra logo o infante D, Pedro fez buscar quantos desenfadamentos se poderam achar pera folgança de seu irmão e sua, e com esto grande abastança de viandas, de que sempre foram governados emquanto estiveram pelas terras do infante D. Pedro.

Por similhante fez o infante D. Henrique, tanto que entraram na comarca da Beira, onde elle tinha seu senhorio.

Mais fez ainda o infante D. Henrique por acrescentar seus desenfadamentos, cá ordenou como se fizessem umas nobres festas em Vizeu, pera as quaes mandou convidar o conde de Barcellos seu irmão, com todos os senhores bispos, fidalgos e outros bons homens que havia em aquella comarca, aos quaes fez saber como aquellas festas se haviam de começar em vespera de Natal e haviam de durar até dia dos Reis, porém que lhe prouvesse de terem tal maneira em sua vinda, que aquelle tempo fossem alli ou antes, se o fazer podessem, por azo de suas apozentadorias serem melhor aviadas, e pera esto mandou o infante a Lisboa e ao Porto por pannos de sirgo e de lã, e brosladores e alfayates pera fazerem suas librés e momos, segundo pera sua festa realmente pertencia, e des-ahi foram buscadas viandas por todas as partes mais abastadamente do que se poderam achar.

Foram ali trazidas muitas cargas de cera, que se despenderam em muitas tochas, assim de servir como de danças, brandões e vellas e outros, em tamanho

numero que quasi seria impossivel de se poderem contar.

Alli foram outrosim de todas as viandas de assucar e conservas que se poderam achar no reino, em mui grande abastança, e assim de todas maneiras de especies e outras fruitas verdes e secas, que compraram pera a festa ser bem abastada, e tambem vieram alli muitas pipas de malvasia, com outros muitos vinhos brancos e vermelhos, assim da terra como de todas as partes onde os havia melhores, e quando veio a vespera de Natal, eram já todas estas cousas prestes, e assim muitos corregimentos de justas e outros arreios de desvairadas maneiras, e a cidade e aldeias de arredor eram todas cheias de gente, de guisa que parecia a alguns estrangeiros que por alli passavam, que aquelle ajuntamento não era senão côrte d'el-rei.

Em aquellas festas houve mui grande prazer, porque havia em ellas muitos senhores e grandes com muitas maneiras de desenfadamentos, e sobre tudo a abastança que era mui grande, de muitas deleitosas viandas, cá não se acha que em todos aquelles dias houvesse nenhum fallecimento porque aquella festa em alguma parte podesse ser abatida. E deveis saber que o infante D. Henrique foi um homem cujos feitos e estado entre seus irmãos teve maior avantagem de realeza, leixando o infante D. Duarte a que por direita successão convinha de o fazer, e como quer que se estas festas começassem com intenção de não serem em ellas outras pessoas de grande estado, afóra aquellas que já dissemos, o infante D. Duarte que estava em Santarem com seu padre, tanto que soube as novas d'aquelle ajuntamento, houve mui grande desejo de ser em elle, e logo como passou dia de Janeiro, houve licença de seu padre e escolheu seis fidalgos,

os mais gentis homens de sua casa, com algum outro pequeno corregimento, e assim aforrado partiu de Santarem, e trigou tanto seu andar que posto que os dias fossem pequenos e os caminhos maus, chegou a Vizeu a taes horas, que ouvio o officio de vespera dos reis com seus irmãos. Mas quem poderia dizer o acrescentamento da festa que aquelles senhores fizeram com sua vinda?

Ao outro dia houve justas mui grandes, nas quaes justou o infante D. Duarte e aquelles gentis homens que com elle vieram, e da outra parte justaram os infantes e os mais d'aquelles fidalgos e gentis homens que eram alli com elle, e todo aquelle dia se despendeu em justas e danças e outros desenfadamentos.

Alli houve momos de tão desvairadas maneiras que a vista d'elles fazia mui grande prazer a quantos alli eram, e ainda a muitos de fóra que o souberam.

E no dia seguinte disse o infante D. Henrique ao infante D. Duarte, seu irmão.

—Senhor, pois que foi vossa mercê virdes a esta terra aonde nós estamos, não como cortezãos, mas como homens que continuadamente seguiamos o monte, será vossa mercê filhardes uma libré das que aqui temos feitas pera nós outros os monteiros.

O infante disse que lhe prazia muito, a qual libré foi repartida por alguns d'aquelles fidalgos e gentis homens, e posto que ella não fosse de muito finos pannos, era porém desejada de muitos, porque não a dava senão a especiaes homens.

CAPITULO XXIII

Como os infantes foram a Santarem todos tres, e da maneira que tiveram em seu caminho, e do que fallaram a seu padre tanto que chegaram aonde elle estava.

ACABADAS assim aquellas festas, como tendes ouvido, partiram-se os infantes com seu irmão, caminho de Santarem, e o conde de Barcellos e os outros senhores e fidalgos se espediram d'elles e tornaram-se pera suas terras.

Os infantes todos tres tiveram entre si esta maneira, a saber: o infante D. Henrique fez a despeza a seus irmãos emquanto foram pela comarca da Beira, e o infante D. Pedro depois que foram na Estremadura, e o infante D. Duarte emquanto estiveram em Santarem, esto todo fizeram entre si tão abastadamente, que o segundo não estudava em al, senão como sobrepujaria ao primeiro, e o terceiro ao segundo, empero tão grandemente foi todo feito e ordenado, que não tinham em que levar vantagem um ao outro.

Ah! Deus, diz o auctor, e como posso eu fallar em estas cousas, que se me não demovam as entranhas da vontade, pera haver d'ello uma saudosa lembrança, que assim como os enfermos se deleitam em consirar os deleites da saude, e os velhos em contar os bons aquecimentos das cousas passadas, onde se acharam, não menos folgança sinto eu em mim em consi-

rar e saber as cousas d'aquelle tempo, e ainda que naturalmente todos os homens depois que passam as primeiras tres edades, doestam muito aquelle tempo em que são, dizendo que viram outro melhor mundo, prasmando o presente, buscando-lhe novas maneiras de faltas pera ajudarem seu proposito, segundo nosso entender não é tanto pela maldade das cousas d'aquelle tempo, como pela fraqueza de sua edade, cá certamente não se póde aquesto entender em mim, por quanto a minha edade não é similhante á d'aquelles que disse, nem a Deus graças, não sou assim apassionado por enfermidades porque me annoje a vida presente, sómente me despraz porque não vejo um tempo similhante áquelle, cá todos os senhores do reino n'aquelles dias amavam muito seu principe e o principe a elles, entre os quaes havia uns geraes desenfadamentos, e os cidadãos tinham entre si concordia e amisade.

Como os infantes chegaram a Santarem, foram recebidos de seu padre e de toda outra gentileza da côrte, com mui grande prazer e alegria e desenfadamento, e o infante D. Duarte, em cuja pessoa e casa entonce era a gentileza do reino, teve encargo de fazer a custa a seus irmãos, emquanto estiveram em aquella villa com seu padre, e como quer que elles assim andassem em suas folganças e desenfadamento, não perdiam porém cuidado de acabarem este feito em que tinham fallado, parecendo-lhe que se alongava mais do que seu desejo queria, cá segundo achamos desde que n'este feito primeiro foi fallado até aquelle ponto, eram passados melhoria de tres annos, e acordaram entre si de fallarem em ello a seu padre, o que assim fizeram, pedindo-lhe por mercê que posse aquelle feito em algum certo termo pera elles

encaminharem seus feitos, segundo lhe pertencia. Ao que el-rei respondeu e disse:

— Esto não foi ainda fallado a nenhum dos do meu conselho, e tenho terminado pera o S. João, a Deus prazendo, fazer ajuntamento dos conselhos em Torres Vedras, onde entendo propôr este feito e determinar o termo certo em que com a graça de Deus hajamos de partir.

E porque era já na quaresma, partiram-se os infantes D. Pedro e D. Henrique, e foram-se pera Tentuguel, onde juntamente tiveram a quaresma. E porque nossos feitos de todo levem sua direita ordem, diremos aqui o que falleceu em est'outro capitulo passado, por accrescentar no aviso bom que el-rei teve em sua ordenança.

Onde é de saber que querendo el-rei chegar a Montemór, que era vespera de entrudo, houve novas como seus filhos em aquelle mesmo dia chegaram a Evora, e porque sentiu que elles não poriam grão tardança de vir a elle sabendo sua vinda, e que por azo do Condestable que ahi havia de vir, teriam alguma presumpção os seus, mandou-lhe logo dizer que sem alguma tardança partissem logo d'alli e tornassem a continuar sua montaria, cá posto que fosse quaresma, a mancebia relevava todo, e que depois que assim andassem alguns dias, tornassem pera Montemór. A qual cousa os infantes pozeram em obra, e logo a quarta-feira, acabado o officio da cinza, partiram caminho de Beja, cá o outro tempo andaram por Elvas e por outros logares de Riba d'Odeana, e tanto que assim passaram alguns dias, fizeram volta pera Montemór, e no caminho acerca de Portel, mataram um mui grande urso, que enviaram a seu padre, mandando-lhe dizer palavras graciosas, de que seu

padre houve grande prazer, e do que se entre elles mais passou, fica no capitulo antes d'este.

CAPITULO XXIV

Como el-rei mandou chamar os de seu conselho e como os infantes tornaram á côrte, e das cousas que o infante D. Henrique requereu a seu padre.

Gonçalo Caldeira sómente foi aquelle a que a puridade d'este segredo foi revelada, o qual era escrivão da camara d'el-rei, esto porque Gonçalo Lourenço, escrivão da puridade, cujo creado elle fôra, não podia por si só escrever tanta escriptura, como pertencia pera este feito, e porém foi revelado assim a aquelle por sentirem d'elle que era homem que o guardaria, certamente elle tomou d'elle tamanho cuidado, que posto que depois da tomada de Ceuta muitos annos vivesse, nunca houve homem que em ello lhe ouvisse fallar senão por grande ventura, e ainda o que fallava com muita cautella e temor.

A aqueste Gonçalo Caldeira foi dado carrego de fazer as cartas porque el-rei mandou chamar aquelles do conselho que haviam de ser com elle em Torres Vedras, e com todo esto el-rei não cessava de encaminhar seus feitos o mais despachadamente que podia, e passada a festa da Paschoa os infantes partiram de Tentuguel e foram-se pera Cintra, onde seu padre estava e tivera aquella festa, e outrosim o conde de

Barcellos e o Condestable e o mestre de Christus, e o mestre de Santiago, e o mestre d'Aviz, e o prior do Hospital, e Gonçalo Vaz Coutinho, e Martim Affonso de Mello e João Gomes da Silva, com todos os outros senhores e fidalgos que haviam de ser em aquelle conselho, vieram-se chegando pera aquelle logar onde lhes era mandado que viessem, e chegando-se o tempo assignado, el-rei partiu de Cintra e foi folgando por aquella comarca de Lisboa caminho de Torres Vedras, e antes d'esto chegando el-rei a Carnide, o infante D. Henrique que muito desejava por seu corpo fazer alguma cousa avantajada, chegou a seu padre e disse:

— Senhor, primeiro que por estes feitos mais vades adeante, porque com a graça de Deus vão já por tal via que virão a boa fim, eu vos peço por mercê que me outhorgueis duas cousas.

A primeira que eu seja um dos primeiros que filhe terra, quando a Deus prazendo chegarmos davante da cidade de Ceuta, e a segunda que quando a vossa escada real fôr posta sobre os muros da cidade, que eu seja aquelle que vá primeiro por ella, que outro algum.

El-rei olhou contra elle com continencia toda cheia de rizo e lhe respondeu por esta guisa:

— Meu filho, vós hajaes a benção de Deus e a minha por terdes tão boa vontade pera meu serviço e pera acrescentamento de vossa honra, empero pelo presente eu não vos respondo a nenhuma d'essas cousas, mas prazendo a Deus eu vos responderei a ellas em outro tempo mais pertencente pera se dar que agora.

Assim chegou el-rei áquella villa de Torres Vedras, onde se ajuntaram com elle todos aquelles senhores que foram chamados pera aquelle conselho, e antes

que se alguma causa fallasse, disse el-rei ao Condestable.

— Porquanto este feito é assim grande e arduo, eu sou em mui grande duvida de o mover a estes como por nova determinação, cá posto que eu verdadeiramente d'elles conheça que são todos mui bons e desejosos de meu serviço, acho porém que todos os homens tem cada um seu desvairo nas condições e virtudes, e que assim não são todos em um coração e vontade, e pode ser que poendo eu este feito determinadamente em seu juizo, que a similhança do perigo com mingua da fortaleza poderá poer em alguns taes duvidas, que leixando-lhes homem limar por razão, farão aos outros tamanho receio, que pode ser azo d'este feito se leixar de acabar, porém queria saber a maneira que vos parece que devo ter pera me poder segurar d'aquesta duvida.

— Senhor, disse o Condestable, vossa consiração me parece mui boa, mas o remedio pera ello me parece que será bem que vós não movaes esta cousa, como quem a move novamente, mas como cousa que tendes determinada por justa e boa, cá pois vosso principal movimento foi por serviço de Deus, a elle principalmente deveis leixar a determinação do conselho, e o que a vós pertence é firme proposito pera o poerdes em fim com a sua graça e ajuda, e o que a estes de vosso conselho quizerdes dizer não seja pera vos elles aconselharem se é bem de se fazer ou não, mas sómennte que lh'o dizeis por seu aviso e assim por vos elles dizerem e conselharem os melhores azos e caminhos porque este feito se possa acabar, e pera se esto melhor encaminhar, vós ordenareis que eu falle primeiro no conselho que outro nenhum, e eu com graça de Deus ordenarei melhor minha falla por

tal guisa que nenhum d'elles não haja rasão depois que eu fallar contradizer nosso proposito.

A el-rei prouve muito d'aquelle conselho, e mandou logo chamar seus officiaes, aos quaes mandou que fizessem prestes aquellas cousas que pertenciam pera corregimento da casa em que elle havia de ter seus conselhos, a qual era uma salla dianteira, que está em aquelles paços de Torres Vedras, onde está a capella, e foi todo assim corrigido como cumpria á excellecia de seu estado, a saber, o assentamento d'el-rei em meio e os bancos dos outros d'uma parte e d'outra, e o dia em que esto houve de começar, era uma quinta-feira, na qual el-rei e seus filhos ouviram uma missa do Espirito Santo officiada com grande solemnidade, por tal que a sua santa graça lhe podesse dar verdadeiro conhecimento de todo o que n'aquelle feito, por seu santo serviço entendia fazer, e d'alli por diante ficou a el-rei sempre por devoção a ouvir similhante missa cada semana em aquelle dia, não tão sómente elle, mas todos seus filhos o costumaram sempre em suas capellas emquanto viveram.

CAPITULO XXV

Como el-rei tomou juramento aos do conselho e porque guisa, e das palavras que lhe disse ácerca de seu propósito.

Vinda a hora em que aquelle conselho havia d'haver fim, juntos aquelles senhores e fidalgos em aquella casa, antes que el-rei fallasse nenhuma cousa do que desejava, disse:

Pratica d'el-rei aos do conselho

Aquellas cousas soemos haver por fortes e asperas as quaes por algum aquecimento contra nosso desejo novamente acontecem, porque a uzança das cousas gera menos prazo d'ellas e a vós assim parecerá algum pouco grave esta novidade, que hora entendo fazer, a qual por ventura cuidareis que é feita com mingua de fiança ou com alguma nova suspeita que tenho contra algum de vós, ou por ventura contra todos, o que certamente não é assim, ante vos tenho por bons e leaes e amadores de minha honra e serviço, e assim conheço que fui sempre de vós lealmente servido e aconselhado, cá se assim fôra que eu de vós tivera duvida ou suspeita, bem podera buscar azo pera que vos affastára de meus conselhos, mas esto que eu faço é uma amoestação, á qual o pezo e grandeza do feito requer, e Nosso Senhor Deus quando foi a sua transfiguração em o monte Tabor, não houve por

mal de amoestar aquelles tres apostolos que apartou comsigo, que calassem o segredo d'aquella celestial visão, como quer que estes eram os principaes que elle tinha emquanto a humanidade do seio dos seus conselhos e por testemunhas de seus segredos.

Porém antes que nenhuma cousa falle comvosco d'aquello sobre que fostes aqui chamados, quero que me façaes preito menagem que guardareis fielmente todas as cousas que eu de presente comvosco fallar, e que as não direis a nenhuma pessoa por palavra nem por escripto, antes affastareis todo azo e geito porque nenhuma cousa que ao dito feito pertença, se possa saber nem entender.

Todos disseram que lhe prazia, empero cada um era duvidoso entre si, pensando que cousa podia ser aquella sobre que se fazia tão novo fundamento, entonce lhe deu el-rei juramento no Lenho da Vera Cruz, sobre o livro dos Evangelhos, que guardassem assim todo aquelle segredo como dito é, esto assim acabado começou el-rei seu proposito em esta guisa:

«Amigos, este dia foi sempre de mim muito desejado, ca bem sabeis quanto minha vontade sempre foi chegada ao amor de todos os christãos, e isto podeis claramente entender, consirando como havendo guerra entre mim e o reino de Castella, quantas vezes fui requerido d'el-rei de Grada offerecendo-me gentes pera me ajudar a destruir e damnificar meus contrarios, á qual cousa sempre eugeitei conhecendo que posto que me trouvesse proveito, que não era razão tomar tal ajuda, sendo elles inimigos da nossa Santa fé; outro sim fui d'elles requerido pera lhe dar de mim ou de meus reinos paz perpetua ou treguas por algum tempo, offerecendo-me por ello a meu serviço por suas cartas e recados, a qual cousa menos quiz

outhorgar, havendo tal amizade e concordia por má e deshonesta, e que sendo a elles favor, que é vituperio de nossa fé, pois ainda d'elles em este mundo, segundo sua tenção é por seu doesto, e sabeis outrosim, que em todos os feitos passados posto que por graça de Deus sempre houvesse victoria de meus inimigos, nunca em meu coração pude desejar outra cousa, senão paz, não que esta cobiça houvesse por me haver por cançado de similhantes trabalhos, mas por me lembrar que eram christãos, cujo damno eu muito sentia, e como e quantas vezes eu esta paz desejei e busquei com elles, manifesto é ante o conhecimento de vós outros, e porque Nosso Senhor Deus verdadeiramente conhecia o meu desejo e com que intenção me movia a requerer a dita paz, prouve-lhe por sua mercê de a trazer a este fim que sabeis, a qual cousa eu não tive nem tenho por menos victoria do que tive o vencimento da batalha real, na qual se determinou grão parte de nossa duvida, e porque n'aquelles tempos passados eu semprs desejei de fazer um tal serviço a Nosso Senhor Deus, por cujo grande trabalho e perigo podesse satisfazer por merecimento alguma offensa se a contra sua vontade, por mim ou por meu azo tivesse feita, e trazendo assim este cuidado, muito a meude revolvia meu entendimento, esquadrinhando onde, ou como lhe poderia fazer aquelle serviço.

Empero não me podia vir á memoria logar azado em que o podesse fazer, e porque eu podesse entender que o meu trabalho e esquadrinhamento era de pouca sustancia e valor ante a sua perfeita e mui alta sabedoria, mui ligeiramente me apresentou ante a imagem do conhecimento, por azo não maginado nem pensado, como lhe este serviço perfeitamente poderia

fazer, filhando a cidade de Ceuta, mostrando-me logo certos azos e caminhos porque mais ligeiramente poderia acabar meu desejo, e porque sento e soube a grandeza d'aquella cidade e a multidão de gentes que em ella moram, e consirando outrosim como é nas partes d'além d'este nosso mar, retive assim este segredo sem vol-o divulgar, por duas causas, a primeira por saber se teria pejo no aviamento de meu feito, quanto as pazes de Castella, a segunda por haver certo conhecimento se haveria alguns impedimentos em minha passagem, e ora que já de todo sou avizado, fiz-vos ajuntar aqui por duas cousas.

A primeira por me ajudardes a dar graças a Nosso Senhor Deus, que me tão boa e tão honrada cousa trouxe a mão em que o podessemos servir, o que deveis fazer com muito boa vontade, porque todos os que aqui estaes fostes commigo n'aquelles meus primeiros trabalhos, por cuja razão eu sou muito ledo de haverdes isso mesmo commigo parte em qualquer cousa que eu faça, por salvação de minha alma.

A segunda pera receber de vós aviso e conselho como melhor e mais proveitosamente possa cobrar a fim do dito feito, e ainda a terceira, por vos avizar que vos façaes prestes das cousas que vos forem necessarias pera corregimento de vosso ida.

CAPITULO XXVI

Como o Condestable respondeu primeiro n'aquelle conselho, e das razões que disse, e como o infante D. Duarte e seus irmãos responderam, e porque maneira.

Posto que el-rei despendesse pouco tempo em aprender sciencia, todas suas palavras porém eram ditas com mui grande auctoridade, tanto que elle assim teve acabada sua razão, a primeira voz, que devera ser do infante D. Duarte, ficou ao Condestable, segundo por el-rei fôra ordenado, tendo-se tal maneira, que nenhum dos outros podesse entender que era feito de certa sabedoria, e como quer que o Condestable fingidamente refuzasse muito de o fazer, empero houve-o de fazer por rogo do infante, aprofiando sobre ello primeiramente algum pouco, aqui haveis de saber que sempre até aquelle tempo se acostumava nos conselhos dos reis fallarem primeiramente as maiores pessoas e des-ahi as outras, descendo cada uma por seu grau até á mais pequena, e d'alli avante ficou em uzo de fallarem primeiro as mais pequenas, e por similhante subirem ordenadamente pera cima, até chegarem á maior, a qual certamente é uma mui boa maneira pera todos os conselhos dos grandes senhores, posto que quando as maiores pessoas fallam primeiro, as mais pequenas tomam receio de contrariarem o que as maiores disseram, ainda que lhe pareça o contrario.

«Que argumento de palavras, senhor, respondeu o Condestable, posso eu fazer, nem outra alguma pessoa que aqui seja em vossa presença dirá que paréça razoada, sómente dizer-vos com o propheta, isto é feito do Senhor e é maravilhoso ante os nossos olhos, nem vós não queiraes metter este feito no conto dos outros, porque as outras cousas, sobre que vós filhaveis conselho, ainda que justamente o fizesseis, era porém pera buscar certos caminhos porque mais ligeiramente se podessem segurar vossa vida e honra, e assim de vossos sujeitos e naturaes, mas este feito sómente pertence ao serviço de Deus e salvação das almas, vossa e d'aquelles que vos em ello servirem, e quanto a alma é mais nobre que o corpo, tanto Nosso Senhor Deus toma maior cuidado de endereçar os conselhos d'aquelles que se movem pera sua salvação.

Porém eu não tenho nem sinto outro conselho que vos em ello dar, sómente que o carrego d'este feito principalmente leixeis a Deus, remerecendo-lhe o cuidado que teve e tem de vossa salvação, e eu de minha parte ponho lei a mim mesmo de lhe dar muitas graças por ello, pela parte que a mim acontece, e assim como vos servi em todas as outras cousas, assim vos servirei em esta ora, e ainda quanto a cousa é melhor e mais proveitosa, tanto porei em ello mór vontade e diligencia».

E acabando esta palavra se alevantou d'onde estava e foi poer os joelhos ante el-rei, e em lhe beijando a mão disse: eu vos faço esta reverencia, tendovos muito em mercê de me azardes cousa em que vos sirva em meu officio de cavallaria em que me Deus por sua mercê poz, sendo cousa tanto de seu serviço.

Depois que o Condestable acabou estas razões, fallou o infante D. Duarte por esta guisa:

«Pois que o Condestable que é um homem que foi em tantas e tão boas cousas, por seu corpo, onde ganhou tantas e tão grandes honras como tem por seus merecimentos, ha por tão bom vosso proposito e fundamento, não achando contradicção alguma, que posso eu hi dizer, que ainda por mim não fui em nenhuma cousa perigosa nem de temor, sómente folgar muito por me Deus trazer em que possa fazer de minha honra, e por ello dou muitas graças a Deus, e a vós senhor tenho em grande mercê por vos prazer de aviar cousa em que vos possa servir com tanto serviço de Deus e accrescentamento de minha honra.

E em acabando estas palavras, alevantou-se em pé e foi beijar a mão a seu padre el-rei, e por similhante maneira fizeram seus irmãos de cujas palavras não curamos fazer expresa mensão, porque commummente todas faziam a este proposito.

Ora qual pensaes que havia de ser nenhum dos outros, por ouzado que fosse em fallar, que tivesse atrevimento de contradizer o fundamento d'aquelle proposito? cá não entendaes que ainda que a intenção d'el-rei fosse tão boa como era, que ahi não houvera alguns debates, sobre que se poderam seguir algumas razões, se aquella maneira não fôra primeiramente consirada, porque assim como Nosso Senhor poz grande desvairo nas continencias dos homens, assim lhe prouve que nos entendimentos fossem deseguaes, e dizem os antigos que esta sómente é aquella cousa que no mundo foi melhor repartida, porque nenhum homem não tem tão pouco sizo, que se d'elle não contente sem cobiça da vantagem que d'outrem conheça, empero foi requerido áquelles que dessem suas

vozes, cada um segundo melhor entendesse, mas não houve ahi algum que soubesse dizer o contrario.

Mas João Gomes da Silva, que era um homem forte e ardido, cujas palavras sempre traziam jogo e sabor, levantou-se em pé.

«Quanto eu senhor, disse elle contra el-rei, não sei al que diga senão ruços além, e esto dizia porque el-rei e os mais dos que alli estavam tinham já as cabeças cheias de cans.

El-rei e todos os outros começaram de se rir, e assim folgando, fizeram fim de suas fallas, quanto áquelle proposito.

CAPITULO XXVII

Como el-rei teve conselho sobre o encobrimento d'aquelle proposito, e como foi determinado que mandasse desafiar o duque d'Olanda, e da maneira que el-rei teve n'aquelle desafio.

Sobre estas cousas passadas, teve el-rei seu conselho porque maneira poderia melhor encobrir o avisamento de sua frota, porque todos tivessem em ello olho e perdessem o cuidado d'inquerir a certidão d'aquella viagem, e pera esto foi achado um mui proveitoso remedio, a saber, que o duque d'Olanda fosse logo desafiado, e pera esto ordenaram que Fernão Fogaça, que era vedor do infante D. Duarte, fosse portador d'aquelle desafio, e alli ficou

logo determinado que pera o outro S. João, que seria d'alli a um anno, fossem todos prestes, cada um onde houvesse de embarcar, e feita a embaixada que Fernão Fogaça havia de levar, foi logo despachado, de guisa que em breve tempo fez sua viagem, e tanto que chegou a casa do duque, fez-lhe saber como elle era alli enviado por parte d'el-rei D. João de Portugal, segundo lhe d'ello fazia certo por sua carta de crença, porém que lhe pedia por mercê que lhe assignasse tempo em que lhe podesse dizer cumpridamente sua embaixada.

O duque respondeu que elle se fosse por entonce pera sua pousada e que elle consiraria quando podia ser despachada, e que lh'o faria a saber.

Fernão Fogaça tanto que foi na pousada, mui secretamente fez saber ao duque como lhe era muito necessario de lhe primeiro fallar apartadamente, porquanto aquello que lhe entonce havia de dizer, era principal causa de sua vinda, e o que lhe depois havia de dizer de praça, era cautelosamente por melhor encobrimento de seu proposito.

Ao duque prouve muito de fazer seu requerimento e assim encaminhou como secretamente lhe desse audiencia, e tanto que Fernão Fogaça foi com elle, disse-lhe:

«Senhor, vossa mercê poderá bem saber como el-rei D. João de Portugal meu senhor, se faz ora prestes com todos os senhores de seu reino pera fazer um grande feito por serviço de Deus e accrescentamento de sua honra, e esto é que elle entende este anno seguinte d'ir sobre os inimigos da santa fé, e porquanto a elle prazerá muito de sua verdadeira intenção ser encuberta pera maior descuido dos ditos infieis, acordou de vos mandar desafiar, porque os que vissem

assim este corregimento, não tinham azo de suspeitar a certeza do que elle deseja, porém vos roga que vos praza receber este desafio como mostra de o haver por firme, pera cuja confirmação façaes alguma maneira de apercebimento, e que prazerá a Deus que lhe trará alguma cousa á mão pera accrescentamento de sua honra, em que elle vos poderá mostrar o agradecimento de vossa boa vontade e despeza que em vosso apercebimento fizerdes.

O duque respondeu que agradecia muito a el-rei de o querer fazer sabedor de tamanho segredo, o qual lhe certificava que elle o guardasse mui bem, e esto dizia o duque porque Fernão Fogaça lhe contou toda a verdade do feito, e que quanto era ao desafio, que daria acerca d'ello tal maneira, que elle houvesse por bem empregado o atrevimento que em elle tivera.

Tornou-se Fernão Fogaça pera sua pousada, e o duque ficou-se em seus paços, e a cabo de dois dias lhe mandou dizer que tivesse paciencia, porquanto elle queria mandar chamar seus conselheiros, em cuja presença queria ouvir a sustancia de sua embaixada, ca bem era de presumir, que um tão honrado principe, como o era el-rei D. João, não poderia a elle enviar senão cousa de grande pezo e auctoridade, e porém mandou logo o duque fazer suas cartas pera todos aquelles grandes senhores de sua terra, em as quaes lhe fazia saber como alli estava um embaixador d'el-rei D. João de Portugal, o qual lhe trazia uma embaixada, porém que lhes mandava que trigosamente fossem com elle, porquanto não entendia de ouvir d'ella nenhuma cousa fóra da sua presença.

Em esto fazia o duque duas cousas mui sages, a primeira fazia entender a aquelles que os tinha em grande conta, pois não queria ouvir similhante cousa senão

em sua presença, a segunda fazia grande serviço a el-rei, porque estando alli aquelles ao tempo do seu desafio, seria azo de ser divulgado com maior auctoridade e firmeza.

Depois que tudo foi prestes e o duque posto em seu estrado, fez chamar Fernão Fogaça, e lhe mandou que dissesse todo o porque alli fôra vindo.

«Senhor, disse elle, o muito alto e muito poderoso principe el-rei de Portugal D. João meu senhor, vos envia dizer por virtude da carta de crença a vossa mercê apresentada, que a elle são por muitas vezes feitas grandes querelas e queixumes por seus subditos e naturaes, de muitos roubos e damnos que lhe os moradores de vosso senhorio hão feito e fazem cada dia, não querendo leixar passar livremente as mercadorias dos ditos seus naturaes pelos mares e portos do vosso senhorio, e ainda por outros de fora, onde elles podem abranger, fazendo-lhe represalias injustas e não certas, sobre as quaes se hão socorrido a vossa mercê pedindo-vos direito e justiça, pois aquelles damnadores em o dito tempo eram vossos subditos e naturaes e habitantes em os ditos vossos senhorios, e vós poderoso de os castigar e corregir, na qual cousa não quizestes prover com justiça, antes pozestes os negocios em dilações transitorias, sobre o qual os ditos damnificados se tornaram a elle, não achando em vós satisfação nem justiça, no que se mostra vós dardes a ello favor e consentimento. Quanto mais que ainda se tem por certo que vossos officiaes em vosso nome receberam os direitos das mais das ditas cousas, no que se mostra vós dardes a ello favor e consentimento, porém sua alta senhoria, querendo prover sobre as ditas cousas vos requer que façaes logo emenda d'ellas com satisfação perfeita, cá de outra

guisa elle ha por desafiadas todas vossas terras com vossa pessoa e senhorio, pera fazer em ellas guerra por mar e por terra, e que porém vol-o faz a saber por serdes avisado de sua parte, como pertence a sua alteza de vos avisar em similhante caso.

Grande queixume mostrou o duque ouvindo assim aquella embaixada, e todos os outros que eram com elle por similhante guisa ficaram mui espantados, e entonce mandaram a Fernão Fogaça que se sahisse fóra da casa pera elles fallarem em aquelle feito.

O duque mostrava todavia que não podia haver nenhuma paciencia, dizendo que não tão sómente el-rei de Portugal, mas toda a Hespanha, não temia nenhuma cousa, e deveis de saber que esta desafiação trazia mui justa côr, porque certo era que os naturaes d'aquelle ducado faziam mui grandes roubos no mar em os navios d'estes reinos, mas tanto aproveitou aquella embaixada que já mais nunca se fizeram como se antes faziam, principalmente porque o duque ficou muito amigo d'el-rei, por aquella fiança que em elle tivera.

Alguns d'aquelles conselheiros houve alli que disseram que seria bem de o duque enviar a el-rei sua resposta branda, porquanto disseram elles:

«Senhor, este rei de Portugal é um homem forte e ardido e bem esquençado, e todos seus naturaes são homens que hão uzado as armas e estão agora bravos e orgulhosos pelas grandes victorias que houveram contra o reino de Castella, e sobre tudo el-rei é um homem que viu já muitas cousas, e posto que vos ora assim este recado enviasse, certo é que já terá todos os seus feitos corregidos, e antes que vos vós possaes aperceber, virá sobre vós com todo seu poder, cá bem ha dois annos, disse um d'elles, que eu ouvi a um

mercador que vinha de Bruges, que ahi novas eram que el-rei fazia repairar sua frota e mandava fazer outra de novo, com outros grandes corregimentos de guerra, de que se percebia caladamente, e pois elle tem pazes feitas com Castella, bem se mostra, segundo este recado, que a vossa honra se fazia toda esta festa, e por mercê não queiraes que pelo mal que quatro ladrões de vossa terra podem fazer e querem meter vossa pessoa e senhorio em prova não certa, ca esta experiencia não se deve fazer senão sobre os derradeiros remedios, pois em ella pende a honra e a vida.

Outros houve alli que razoavam pelo contrario, mas o duque todavia não podia abrandar de seu queixume; entonce fez chamar Fernão Fogaça, e com continencia mui aspera, começou de lhe dar sua resposta em esta guisa.

«Segundo parece este vosso rei ficou assim posto em orgulho dos bons aquecimentos que houve nos tempos passados contra seus visinhos, empero pois sesudo é, deve consirar que não morrem todos de sob uma massa, e que em este meu senhorio, assim ha homens que sabem o officio da cavallaria, como no seu, e que não tem menos vontade de me servir, que os seus tem a elle, porem vós lhe dizei que a mim praz muito de sua vinda, e que elle me achará prestes quando vier, e que lhe faço certo que o vá receber a qualquer logar onde sua frota vier portar.

E pera esto lhe mandou fazer sua carta de crença, e des-ahi mandou que se partisse quando quizesse, mas depois que foi noite mandou o duque por Fernão Fogaça mui secretamente, dando-lhe suas encommendas mui graciosas pera el-rei, com outras muitas palavras de regradecimento, e sobre todo fez-lhe mercê

e mandou que se tornasse muito embora pera seu reino, nem Fernão Fogaça não ficou tão simples que lhe mui bem não soubesse agradecer com suas boas palavras pela parte d'el-rei seu senhor toda a boa maneira que elle em aquelle feito tivera, e assim fez fim de sua embaixada.

CAPITULO XXVIII

Como Fernão Fogaça tornou com a resposta de sua embaixada, e como se as cousas passaram acerca do corregimento da frota emquanto elle fez sua viagem.

Bem mostrou o duque d'Olanda que tinha vontade de fazer prazer a el-rei, porque tanto que o embaixador Fernão Fogaça partiu fez logo saber a todos os logares de seu senhorio como por certos recados que havia d'el-rei de Portugal, era necessario de ser prestes, porquanto o mandara desafiar, e assim começou de se correger d'algumas cousas, de maneira que em todo seu senhorio não podiam al entender, senão que todavia tinham guerra aberta com Portugal.

El-rei, depois que Fernão Fogaça partiu, começou muito mais trigosamente de correger todas as cousas que lhe cumpriam pera bom aviamento de sua partida.

Mandou logo fazer prestes certos escudeiros com suas procurações abastantes, os quaes mandou por toda a costa de Galliza e de Biscaya e a Inglaterra e Alle-

manha, fretar navios grossos, quantos se podessem achar, a qual cousa não era, senão um manifesto pregão que corria por muitas partes da christandade d'aquela armada que el-rei assim fazia, e porque as novas de longe sempre fazem a cousa maior do que é, posto que o corregimento d'el-rei fosse mui grande, ainda a fama era maior.

E em se corregendo estas cousas e outras muitas, sobrechegou Fernão Fogaça com seu recado, do qual muito prouve a el-rei, e mandou que se divulgasse por todo o reino que os principaes capitães d'esta armada haviam de ser os infantes D. Pedro e D. Henrique, mas não quiz que se vulgasse determinadamente que haviam de ir sobre o duque d'Olanda, empero que em sua vontade bem lhe prazia que o cressem assim todos, porque similhante maneira de encobrimento fazia parecer a cousa mais certa a aquelles que o presumiam, e ainda que se determinadamente dissesse, não leixaram alguns de conhecer que a disposição d'aquella terra não requeria tres artefícios como el-rei ao presente mandava fazer, e consirando em ello poderiam conjecturar outra mais certa determinança, e tinha el-rei esta maneira, que quando lhe fallavam n'aquella ida, assocegava sua continencia por tal guisa, que lhes fazia entender que não era aquelle o logar certo pera onde elle fazia seu percebimento, e d'outra parte movia questões e fazia perguntas e figuras que queriam representar a conquista d'aquella terra de que elle desejava que se prezumisse.

Ora que seria que estando el-rei com estes ciumes d'aquelle segredo, chegou um homem pera arrecadar seus feitos, e trouxe-lhe a cidade de Ceuta toda debuxada, assim perfeitamente como ella está, e como quer que aquelle homem similhante intenção não trouvesse

de suspeitar alguma cousa d'aquelle segredo, foi el-rei posto em grande trabalho entre si, pensando mesmo que sua vontade era descuberta por presumpção d'alguns, a qual moveu aquelle homem de lhe trazer aquella figura parecendo-lhe que lhe prazeria com ella, segundo o desejo que tinha, empero el-rei teve tal avisamento ao tempo que lhe assim aquello foi apresentado, que não fez demonstração de nenhum contentamento, nem ainda, segundo cremos, fez nenhuma conta de similhante figura, antes a menos prezou de todo.

Bem poderemos certamente entender, que a vontade de Deus era de encaminhar todavia como el-rei houvesse a victoria d'aquelle feito, quando aquelle simples homem, fóra de nenhuma presumpção, que ao similhante negocio tangesse, movido por graça especial a qual elle não conhecia, nem sabia, lhe apresentava assim aquella figura porque mais ligeiramente podesse tirar algumas duvidas, se as em sua vontade tinha, ácerca da conquista d'aquella cidade.

Outrosim depois do acabamento d'aquelles conselhos, determinou el-rei como toda a gente da comarca da Beira e Traz os Montes e Entre Douro e Minho, embarcassem na cidade do Porto, e mandou ao infante D. Henrique que se fosse á comarca da Beira, e que fizesse ajuntar todos os coudeis e anadeis, e assim d'aquella comarca, como de Tras os Montes, e que por seus livros fizesse apurar toda a gente que fosse pera servir, dando-lhe os cadernos dos alardos, que já antes d'esto mandára fazer, os quaes tinha em si Gonçalo Lourenço, como dito é.

E por esta mesma guisa mandou ao conde de Barcellos que tivesse carrego da comarca d'Entre Douro e Minho, e a gente da Estremadura e d'entre Tejo e

Odeana e do reino do Algarve, determinou que embarcasse na cidade de Lisboa sob capitania do infante D. Pedro, ao qual leixou o carrego da operação das gentes d'estas tres comarcas, pela guisa que o tinham seus irmãos das outras, e porque os vassalos e toda outra gente que haviam d'haver contia e soldo, podessem aviar melhor seu corregimento mandou que lhe pagassem as ditas contias e soldos, e mandou outro sim ao infante D. Duarte seu filho, que por ello inteiramente tivesse carrego e regimento da justiça e da fazenda de todo o reino, e era o infante ao tempo que lhe este carrego foi cometido de edade de vinte e dois annos. E porque estes dois trabalhos são mui grandes e elle era homem mancebo e não os havia acostumado, tomou-os com tão grande cuidado, que em nenhuma cousa faltava, e punha tanta diligencia, que se levantava tão cedo a ouvir missas que pouco espaço depois do sol sahir era na rolação, onde estava continuadamente até ás onze e doze horas, e logo como acabava de comer, dava audiencia mui grande espaço, e sem filhar grande repouso tornava a desembargar petições ou prover feitos da fazenda, de guisa que pera seu descanço lhe ficava mui pequena parte da noite, o que foi causa de se lhe gerar doença de humor melenconico, a qual se lhe acrescentava muito mais com a continuação do trabalho, sendo elle homem muito gracioso e mavioso de condição, que nunca soube a nenhum homem dar má resposta, e aquella dôr segundo sua natural propriedade, é anojar-se da gente e querer sempre apartamento.

Éram em aquelle bom principe duas mui grandes pelejas, porque por sua condição queria estar entre gente e ouvir graciosamente seus requerimentos, e aquella triste enfermidade o constrangia a aborrecer

todas aquellas cousas. Empero tanta era a bondade e virtude em elle, que vencia a maldade da dôr e seguia sua boa natureza e condição, de guisa que de mui poucos homens era entendido ter elle enfermidade.

Por certo, diz o auctor, grande resplandecimento fazia no mundo tanta bondade e virtude de principe, da qual me aparto dolorosamente, leixando de fallar em ella por tornar ás outras cousas, cá por certo bondades dos homens d'aquelle tempo eram nada em comparação da d'este principe. Mas do maravilhoso remedio que elle achou pera sua cura, seria proveitoso a qualquer que sente algum padecimento d'esta enfermidade, se lêsse por aquelle livro que elle compoz, que se chama o *Leal Conselheiro*, onde achará o remedio d'aquella cura cumpridamente escripto aos vinte e tres capitulos.

E assim foram repartidos os carregos do reino, pelos infantes e conde de Barcellos.

A el-rei sómente ficou cuidado de suas artilharias e armas, com todas outras cousas que pertenciam pera aviamento de sua frota, e pera estas cousas melhor se poderem encaminhar, foi-se el-rei chegando contra a cidade de Lisboa, pera d'alli mandar mais ligeiramente perceber todas as cousas.

CAPITULO XXIX

Como el-rei escreveu aos fidalgos que se fizessem prestes pera irem com seus filhos, e do grande trafego que entonce era no reino ácerca d'aquelle corregimento.

QUEM poderia em aquelle tempo fallar em outra cousa senão em armas e em apercebimento de guerra? cá logo el-rei escreveu a todos os senhores e fidalgos e homens de conta suas cartas de apercebimento, nas quaes lhe fazia saber como elle por seu serviço e honra do reino tinha ordenado enviar seus filhos, a saber o infante D. Pedro e o infante D. Henrique por capitães de sua frota pera o servirem no que elle mandasse, com os quaes lhe aprazia que fossem aquelles a que elle assim escrevia, e porém que lhe mandava que se fizessem logo prestes pera irem com elles em a dita frota, e lhe fazerem primeiramente saber as gentes com que o entendiam de servir pera lhe desembargar seus dinheiros e ordenados, pera corregimento seu e das ditas suas gentes, e com isto era o fervor tão grande no reino, que em todos os logares as gentes não trabalhavam em al, porque uns andavem em alimpar e correger suas armas, outros em mandar fazer biscouto e salgar carne e mantimentos, e outros em correger navios e aparelhar guarnições, de guisa que ao tempo da necessidade, não se achassem d'algumas cousas fallecidos.

Mas principalmente era este trafego na cidade de Lisboa e do Porto, porque commummente não havia ahi algum que fosse livre d'este cuidado.

Tanta e tamanha era a revolta, no corregimento d'estas cousas, que quando fazia tempo calado, claramente ouviam o ruido por mui grande parte dos logares de Ribatejo, e em verdade era formosa cousa de vêr, ca por toda aquella ribeira jaziam naus e navios, nos quaes de dia e de noite andavam calafates e outros mesteiraes que lhe repairavam seus fallecimentos, d'outra parte jaziam muitos bois e vacas decepadas, e alli muitos homens a esfolar e outros a cortar e salgar, outros a meter em toneis e em botas, em que haviam d'ir.

Os pescadores e suas mulheres tinham cuidado de abrir e salgar as pescadas e cações e arrayas, e similhantes pescados, dos quaes todos os logares onde o sol tinha maior assocego, eram cheios.

Os officiaes da moeda, de dia e de noite nunca seus martelos estavam quedos, por tal guisa que ainda que um homem bradando dissesse alguma cousa entre aquellas fornaças, escassamente podia ser entendido.

Os tanoeiros não eram pouco trabalhados em fazer e repairar as vasilhas pera os vinhos e carnes e outros mantimentos.

Os alfaiates e tozadores em aparelhar pannos e fazer librés de diversas guisas, cada um segundo o senhor d'ellas lh'as mandava fazer.

Carpinteiros em encaxar bombardas e trons e endereçar todas as outras artilharias, as quaes eram muitas e grandes.

Os cordoeiros em fazer guindarezas e estrinques e cabres, e outra muita cordoalha de linho, que faziam

assim pera os navios da terra como pera os de fóra, cá todo se repairava em este reino.

Quem seria aquelle, que distinctamente podesse contar os trabalhos que havia entre aquellas gentes? Cá não era algum que fosse escusado d'aquelle encarrego, porque posto que os velhos por razão de sua edade soubessem que haviam de ficar, não tinham porém pequeno cuidado de esquadrinhar qual seria certamente a parte pera onde aquella frotà havia de fazer sua viagem, e sobre isto tinham grandes departições, cá este officio principalmente deixa-o a natureza aos velhos, por razão das muitas cousas que viram e sabem, e porque são já livres das paixões, as quaes não leixam aos mancebos livre poder pera cuidarem direitamente as cousas e como quer que os seus cuidados fossem tão agudos, não havia ahi porém algum que podesse determinar a certidão d'aquelle feito, cá uns diziam que el-rei mandava a infanta á Inglaterra pera cazar em aquelle reino mui honradamente e que iam seus irmãos com ella com aquelle poderio de gentes e corregimentos de guerra, pera ajudarem el-rei seu primo a conquistar o reino de França.

Outros diziam que iam sobre o reino de Napoles, porque a rainha estava viuva e que escrevera a el-rei que enviasse lá um de seus filhos pera casar com ella e receber o senhorio do reino, e que d'esta mesma viagem haviam de fazer similhante no reino de Secilia, e por isso enviava el-rei aquelles dois filhos, por razão dos dois casamentos.

Outros diziam que el-rei no começo da demanda que houvera com o reino de Castella, que prometera d'ir em romaria á casa Santa de Jerusalem, por tal que o Senhor Deus lhe desse victoria contra seus inimigos, e porquanto lhe o Senhor Deus dera assim

aquelle estado e os de seu conselho não eram em acordo que elle fosse fóra de seus reinos, e por tanto enviava lá seus filhos assim poderosamente por duas razões.

A primeira por cumprirem a romaria por elle e poderem passar por todos os logares sem receio de pessoa alguma, dizendo ainda que quando lá fôra o conde de Barcellos, que esta fôra a principal causa de sua ida, a saber, que o mandara seu padre com intenção de vêr aquella santa cidade e os portos e ancorações que havia em este mar Mediterraneo n'aquelle porto de Jafa, onde faz sua fim, e esto é quanto a este mar que entra pelo estreito de Ceuta, e a segunda era por trazerem aquelle Santo Sepulcro com todas as outras reliquias que se podessem achar em aquella cidade e termos d'ella.

Outros diziam que haviam d'ir sobre a cidade de Bruges, por certas razões que allegavam que el-rei tinha pera o fazer, as quaes aqui não declaramos por extenso, porque são tantas e com tantas particularidades, sem proveitoso effeito, que tivemos por melhor de as leixar, por dar logar a outras cousas.

Outros diziam que os infantes todavia haviam d'ir sobre o duque d'Olanda, pela guisa que já ouvistes, cá posto que aquelle segredo assim fingidamente fosse calado, aquelles que iam com Fernão Fogaça o contavam a seus amigos, e quanto lhes elles mais encommendavam que fosse sm segredo, tanto elles mais azinha o descobriam, porque aquella cousa é azinha quebrantada, que em si traz maior força de defeza quando por medo d'alguma pena se não leixa de quebrantar.

Outros disseram que por quanto em Avinhão n'aquelle tempo estava o Auti-Papa, que se chamava

Clemente VII, ao qual obedecia toda Hespanha, afóra este reino de Portugal, que el-rei como fiel e catholico christão que sempre tivera com o Papa de Roma, tendo verdadeiramente que aquelle era o direito Vigario de Nosso Senhor Deus em logar do Apostolo S. Pedro e verdadeiro pastor da egreja, enviava seus filhos, querendo desfazer tamanha divisão como estava entre os christãos, e os infantes iam assim poderosos porque se por ventura alguns d'aquelles seus subditos quizessem tornar a ello, que os infantes levassem tamanho poder, que lh'o podessem contrariar.

Outros disseram que aquella frota principalmente ia sobre Normandia, porque el-rei achava que tinha direito em ella, por razão d'el-rei D. Affonso, que fôra bisavô de seu padre el-rei D. Pedro, o qual fôra conde de Bolonha.

Outros fallavam outras muitas cousas, tão desvairadas, que seriam longas de escrever, porque é determinado na Santa Escriptura que onde verdade se esconde, alli se multiplicam muitas mais palavras, e como quer que assim estes desvairos e outros muitos havia entre elles, não era porém algum que podesse certamente nem assim apalpando fallar na cidade de Ceuta, sómente quanto achámos que um judeu servidor da rainha D. Filippa, que chamavam Juda Negro, que era grande trovador segundo as trovas d'aquelle tempo, em uma trova que enviou a um escudeiro do infante D. Pedro, que chamavam Martim Affonso d'Athouguia, contando-lhe as novas da côrte, disse todas estas cousas que dissemos e outras muitas, entre as quaes no derradeiro pé da quarta trova disse que os mais sezudos entendiam que el-rei ia sobre a cidade de Ceuta, mas esto entendiam que elle não o soubera tanto por nenhum signal certo que visse, quanto por

juizo de astrolomia de que elle era mui sabio e muito uzava.

CAPITULO XXX

Como em Castella souberam estas cousas e do conselho que acerca d'ello tiveram, e de como determinaram de enviar a el-rei seus embaixadores por firmarem as pazes.

Todos os homens, segundo sentença do philosopho no primeiro livro da transcendente philosophia, naturalmente desejam saber e aqueste natural desejo nos mostra o cego, a que Nosso Senhor Jesus Christo perguntou que era o que desejava?

Respondeu que lhe desse vista, não determinando que visse uma cousa nem outra, porque na Santa Escriptura por saber se põem vêr segundo diz o propheta no quarto verso do psalmo oitavo, «porque eu verei os ceus teus dos teus dedos obra», mostrando que aquella vista era perfeita sabedoria, que elle entendia percalçar depois do trespassamento d'esta vida, mas sobre esta sentença do philosopho se faz um formoso argumento, se por ventura este desejo a que assim nos move a natureza, é quanto ás cousas que pertencem á alma, ou quanto ás que pertence ao corpo.

Sobre o qual argumento brevemente entendamos que em ambas ha logar; tendo cada uma parte seus graus apartados, cuja declaração pelo presente não é pera nosso processo, e fallando d'este desejo que per-

tence ás cousas do corpo, saibamos que este desejo é partido em quatro partes, porque um desejo é aquelle que homem deseja saber, não sómente a outro fim senão por filhar em si um desenfadamento que o entendimento recebe quando ha perfeito conhecimento da cousa sobre que tem duvida, cuja experiencia cada um póde vêr em si, vendo novamente algum homem ou mulher que elle por ventura conhece, mas não é em certa lembrança d'onde nem de quando ha d'elle este conhecimento, e posto que lhe proveito nem perda traga, empero o natural entendimento totalmente deseja chegar a esta sabedoria, e cobrando-a sente folgança; outro saber é quando homem aprende alguma sciencia, por cujo fim espera receber honra ou proveito, e quando a percalça sente ledice por razão da honra e do proveito, mas não por outro fim.

Outro saber é quando algum deseja saber alguma cousa subtil qual se elle imagina que poucos sabem, e quando a percalça sente ledice, possuindo em si mesmo um intrinseco prazer, consirando como elle é em perfeito conhecimento d'aquello que poucos sabem.

O quarto desejo de saber é quando homem deseja de saber aquellas cousas de que não é certo, se lhe virá damno ou proveito, e muito mais ainda trabalha o entendimento por saber a certidão de que certamente espera de receber damno, que das outras de que se segue proveito, cá sómente o temor é azo de filhar os homens conselho, cujo movimento foi em alguns d'aquelles principaes do reino de Castella, que ouvindo as novas como este feito crescia cada vez mais, tiveram mui grande cuidado de saber o principal movimento d'el-rei.

Mas este desejo não era, salvo por aquella derradeira razão, que já dissemos, temendo o damno que lhe podia vir, e diziam entre si como podia ser que el-rei fizesse tamanha armada e tão grande ajuntamento de gentes pera ir sobre o duque d'Olanda, sendo entre elles tão poucas injurias passadas, que posto que el-rei o mandasse desafiar, seria a outro fim, mas não já que a sua verdadeira ténção fosse d'ir sobre elle, e sobre esta duvida alguns genovezes estantes na cidade de Lisboa escreveram a outros seus parceiros estantes em Sevilha, recontando-lhe todo o ardimento que se trazia em Portugal, acerca do aviamento d'aquella frota, e posto que se algumas cousas dissessem de desvairadas maneiras, os mais dos sezudos todos criam que se fazia pera irem sobre a cidade de Sevilha, porém que elles fossem avisados de tirarem d'alli sagesmente suas mercadorias e cousas em que entendiam receber algum damno em abatimento de sua fazenda, e com estes recados e muito mais com a presumpção que se fazia manifesta se ajuntaram aquelles vinte e quatro da quadra de Sevilha, e tiveram sobre ello grandes conselhos sobre os quaes escreveram ao conselho d'el-rei, a saber á rainha e alguns outros grandes senhores que eram com ella, porquanto o infante D. Fernando era já rei d'Aragão e estava em seu reino provendo sua terra.

Chegou assim este recado a Palença, onde el-rei estava, sobre o qual se fallaram muitas cousas, entre os quaes fallou primeiramente um bispo d'Avila, a quem aquelle recado de Sevilha especialmente fôra encomendado, porquanto elle era natural d'aquella cidade, e esto fallou elle assim porque muitos d'aquelles do conselho diziam que não era pera se fallar em similhante cousa, que bem era de presumir que se el-

rei D. João tivera vontade de cometer similhante cousa que não mandára lá seus embaixadores requerer paz.

PRATICA DO BISPO D'AVILA

«Senhores, disse o bispo, muitas mais vezes dão as cousas conselhos aos homens do que os homens o dão ás cousas, e sobre todo a experiencia, que é mestra de todas as cousas, não certa, e porém o que os de Sevilha requerem, não é sobre fundamento vão, que não ha nenhum tão simples em este reino, que não sinta que similhante ajuntamento como se faz no reino de Portugal, não seja muito pera temer e arrecear, cá não tão sómente nós outros que somos seus visinhos, mas ainda os alongados de seu reino, pensam similhante cousa e consiram bem o damno que se lhe pode seguir d'ello, cá aquelle é havido por prudente e sezudo que consira as cousas ante que venham, cá por isso disseram os velhos antigos, que o homem apercebido é meio combatido, e aquelle bom cavallheiro D. João Manuel portanto poz n'aquelle livro que fez, que se chama o Conde Lucanor, um exemplo que aconteceu á andoriuha com as outras aves, que faz muito á este proposito.

Certo é que o reino de Portugal é cercado todo de mar d'uma parte, e d'outro o cercam estes nossos reinos, e ainda até agora não se acha que algum dos reis de Portugal tivesse outra conquista, em que tanto tempo nem tão grandemente trabalhasse, como a guerra d'estes reinos, leixando aquelle primeiro rei que se occupou em despejar muitos d'aquelles logares que tinham os mouros, e ainda d'aquelle não foi de todo livre, cá muitas cousas achamos nas chronicas antigas, que se passaram entre elle e este nosso reino, mas pera

que me detenho eu em estas cousas? Abaste o que já disse, a saber que elles não tem com quem hajam contenda senão comnosco.

Pois como pensaremos que el-rei agora haja de fazer armada pera ir buscar novas conquistas, não havendo nenhuma cousa pera ello, é bem pera crêr aquelles que não tem sizo, que el-rei haja de fazer uma armada em que ha quatro annos que entende e despende dinheiro, e não tão sómente abala pera ella as cousas de seus reinos, mas ainda manda por todas as partes da christandade buscar navios e armas pera ir sobre o ducado d'Olanda.

Por certo as imizades e os damnos não são passados entre elles tão grandes nem taes que por razão d'elles se houvessem de mover tamanhas cousas, nem ainda el-rei é homem que por similhantes cousas cometidas por pessoas vis e de tão pequeno preço, houvesse de mandar dois seus filhos fóra de sua terra com tamanho poder.

Mas por certo que o feito que assim anda calado, alguma grande cousa ha-de partir, e os genovezes estantes em Lisboa que similhante escreveram, alguma cousa conhecem e sabem porque deram tal aviso a seus amigos.

Porém meu conselho é que emquanto a cousa assim está, que a cidade de Sevilha seja logo avizada, que os muros sejam reparados e os almazens providos, e que as portas sejam mui bem fechadas e as chaves entregues a homens ficis, e que seja mandado a todos os fidalgos e cavalleiros comarcães d'aquella cidade que se venham pera ella logo e façam cumprir e guardar todas estas cousas, como sentirem que pertence pera segurança da dita cidade, e provejam todas as galés e navios que estiverem nas tercenas, que lhe

não falleça nenhuma cousa, pera se aproveitarem d'ellas quando cumprir.»

Depois que o bispo acabou sua falla estava alli entre aquelles senhores o adeantado de Caçorla, que era um fidalgo muito sezudo, posto que muito velho não fosse, o qual se estava sorrindo emquanto o bispo fallava.

«É bem, disse elle, que nós hajamos de tomar o temor por todos os outros a que por ventura maior parte pertence d'esto? Como podemos nós fazer nenhum movimento de nos aperceber, que não fizessemos mui grande injuria a el-rei de Portugal, tendo com elle nossas pazes e lianças firmadas e havendo ahi tão chegado divido, como ha entre nosso rei e seus filhos, e sendo elle um principe tão grande e tão nobre que hajamos de suspeitar d'elle que ha-de quebrar sua verdade e sua fé d'onde nunca se acha que similhante fizesse?

E o que os genovezes de Lisboa escreveram não é cousa razoada que por esso se haja de crêr, nem move o conselho d'el-rei, ca o feito d'aquelles não é outra cousa senão salvar aquelle dinheiro que tem, porque em elle está toda a sustancia de sua vida e honra.

Porém o que me a mim parece acerca d'ello é que nos não façamos mudança acerca de nenhuma cousa, porque se possa suspeitar que nós temos receio de cousa alguma que se n'aquelle reino faça, mas que hajamos nossas pazes por boas e firmes, como é razão que nunca Deus quizesse que a verdade sahisse em similhante caso d'entre os senhores e principes, cá se assim fosse grandes males se recresceriam d'ello.

E porque ainda estas cousas fiquem mais firmes e mais seguras, podemos enviar nossos embaixadores a el-rei por lhe tomarem juramento, segundo ficou de-

terminado quando seus embaixadores d'aqui partiram, e este movimento será justo e honesto, e poderemos por elle fazer dois grandes proveitos.

O primeiro será que se el-rei jurar as pazes, como é de crêr que fará, ficarão nossos feitos todos seguros. e se por ventura elle tem em vontade de fazer outra cousa, logo porá algumas escusas ao não fazer, do que se elle não póde escusar que não fique prejuro e infamado, e nós poderemos entonce entender por qualquer pequena duvida que elle ponha que todo seu fundamento é pera nos empecer, e entonce teremos razão pera nos percebermos descubertamente e sem nenhum prasmo».

Alli estavam n'aquelle conselho mui grandes senhores, ca estava o duque de Arjona e o mestre de Calatrava, e o prior de S. João, o conde de Benavente e o arcebispo de Toledo, e o bispo de Burgos e um deão de Santiago que era mui grande douctor, e assim outros muitos douctores e cavalleiros que alli leixára el-rei D. Fernando pera se determinarem as duvidas que sobreviessem ao conselho d'el-rei seu sobrinho, e estes todos fallaram entre si, havendo seus debates acerca d'aquelle feito, e finalmente acordaram que o conselho do adeantado era mui bom, e porém mandaram logo fazer a embaixada e elegeram pera ello o bispo de Mondonhedo e a Dia Sanches de Benavides.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDEX

PAG.

CAPITULO I — Do começo da historia e fundação de Ceuta 18

CIPITULO II — Em que se declaram as razões porque esta força foi começada tão tarde 23

CAPITULO III — Da tenção que el-rei houve de mandar requerer pazes a Castella 27

CAPITULO IV — Como os embaixadores foram a Castella e da resposta que houveram 30

CAPITULO V — Como os embaixadores tornaram de Castella e como as pazes foram divulgadas por todas as partes do reino 33

CAPITULO VI — Como el-rei D. João enviou requerer ao infante D. Fernando a conquista de Grada 39

CAPITULO VII — Como el-rei tinha vontade de fazer grandes festas em Lisboa pera fazer seus filhos cavalleiros, e como os infantes fallaram ácerca d'ello entre si, que similhante maneira de cavallaria não era honrosa pera elles 40

PAG.

CAPITULO VIII — Como João Affonso, vedor da fazenda, fallou aos infantes na cidade de Ceuta, e como os infantes fallaram a el-rei seu padre..... 44

CAPITULO IX — Como el-rei disse que não queria determinar alguma cousa d'aquelle feito até que soubesse se era serviço de Deus fazer-se, e como mandou chamar os letrados pera o saber 48

CAPITULO X — Como os letrados tornaram com resposta a el-rei dizendo que era serviço de Deus tomar-se a cidade de Ceuta..... 54

CAPITULO XI — Como el-rei moveu outras duvidas que tinha pera filhar aquella cidade..... 60

CAPITULO XII — Como os infantes fallaram entre si ácerca d'aquellas duvidas, e da resposta que trouxeram a el-rei..... 67

CAPITULO XIII — Como el-rei mandou chamar ao infante D. Henrique e das razões que lhe disse, e como determinou ir tomar a cidade de Ceuta 73

CAPITULO XIV — Como o infante D. Henrique levou as novas a seus irmãos e do grande prazer que houveram..... 77

CAPITULO XV — Como el-rei mandou chamar o prior do Hospital e o capitão, e o que lhe disse que haviam de fazer..... 80

CAPITULO XVI — Como o prior e capitão partiram pera Lisboa e da embaixada que levavam e das cousas que fizeram em sua viagem..... 85

CAPITULO XVII — Da resposta que o prior deu a el-rei ácerca de assentamento de Ceuta, e mais cousas que lhe encommendára 92

CAPITULO XVIII — Como el-rei disse a seus filhos que duvidava muito começar aquelle feito antes de primeiro o saber a rainha e o Condestabre..... 94

PAG.

CAPITULO XIX — Como a rainha fallou a el-rei no requerimento de seus filhos, e da rosposta que lhe el-rei ácerca d'ello deu 99

CAPITULO XX — Como el-rei pelo presente não quiz declarar á rainha que elle havia d'ir em aquelle feito, e como logo mandou encaminhar as cousas que pertenciam pera a frota 104

CAPITULO XXI — Como el-rei e os infantes determinaram a maneira porque se havia de fallar ao Condestable n'aquelle feito, e como lhe foi fallado e por que guisa 108

CAPITULO XXII — Como el-rei começou de ordenar mais trigorosamente sua ida, e como se os infantes tornaram d'Evora, e como se os infantes D. Pedro e D. Henrique partiram pera suas terras, e cousas que lá fizeram 113

CAPITULO XXIII — Como os infantes foram a Santarem todos tres, e da maneira que tiveram em seu caminho, e do que fallaram a seu padre tanto que chegaram aonde elle estava 117

CAPITULO XXIV — Como el-rei mandou chamar os de seu conselho e como os infantes tornaram á côrte, e das cousas que o infante D. Henrique requereu a seu padre 120

CAPITULO XXV — Como el-rei tomou juramento aos do conselho e porque guisa, e das palavras que lhe disse ácerca de seu proposito 124

CAPITULO XXVI — Como o Condestable respondeu primeiro n'aquelle conselho, e das razões que disse, e como o infante D. Duarte e seus irmãos responderam, e porque maneira 128

CAPITULO XXVII — Como el-rei teve conselho sobre o encobrimento d'aquelle proposito, e como foi deter-

PAG.

minado que mandasse desafiar o duque d'Olanda, e da maneira que el-rei teve n'aquelle desafio..... 131

CAPITULO XXVIII — Como Fernão Fogaça tornou com a resposta de sua embaixada, e como se as cousas passaram ácerca do corrigimento da frota emquanto elle fez sua viagem 137

CAPITULO XXIX — Como el-rei escreveu aos fidalgos que se fizessem prestes pera irem com seus filhos, e do grande trafego que entonce era no reino ácerca d'aquelle corrigimento..... 142

CAPITULO XXX — Como em Castella souberam estas cousas e do conselho que ácerca d'ello tiveram, e de como determinaram de enviar a el-rei seus embaixadores por firmarem as pazes 147

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

A LIBERAL — Officina Typographica
Rua de S. Paulo, 216
—
1899

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Gomes Eannes d'Azurara

VOL. II

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

—

1899

CAPITULO XXXI

Como aquelles embaixadores vieram a Portugal e como deram a embaixada a el-rei, e da resposta que houveram, e como Dia Sanches de Benevides morreu, e o bispo se tornou.

NOBREMENTE mandou a rainha corregar aquelles embaixadores, assim pelo que pertencia á excellencia do estado de seu filho, como por serem os primeiros que vieram a este reino, depois da morte d'el-rei D. Henrique, os quaes partidos de Castella traziam em si mui grande duvida de acabarem o porque vinham, tamanho era o espanto que lhe pozeram ácêrca do movimento d'el-rei contra a cidade de Sevilha, a qual opinião lhes fazia pensar que seriam mal recebidos e peior agazalhados.

Emperó acharam tudo pelo contrario do que elles esperavam, porque tanto que el-rei houve novas de sua vinda, mandou logo um escudeiro ao extremo, que os fizesse mui bem receber em todos os logares do reino, por onde elles viessem, o qual escudeiro le-

vava poder abastante d'el-rei pera que lhe fizesse dar abastantemente todas as cousas que lhe fizessem mister, sem lhe ser levado dinheiro algum, mas tudo á custa d'el-rei.

E quando assim aquelles embaixadores viram similhante começo, prouve-lhe muito, do qual logo mandaram recado á rainha e aos do seu conselho, fazendo-lhes saber aquelle agazalhado que lhe el-rei ao presente mandava fazer

Mas quando elles chegaram acerca de Lisboa, onde el-rei estava, ali poderam elles de todo conhecer quanto a sua opinião era errada, cá mandou el-rei mui grande parte dos bons que havia na cidade pera os acompanharem, e tanto que foram ante elle, recebeu-os mui graciosamente de sua pessoa, do que elles sobre todo foram mui mais contentes.

«Senhor, disse o cavalleiro, el-rei nosso senhor e a rainha sua madre vos enviam muito saudar, e o duque com todos os outros da sua valia se encommendam em vossa mercê, e os outros fidalgos e cavalleiros com a mais gentileza da côrte enviam beijar vossas mãos e encommendar em vossa mercê.»

As quaes encommendas assim dadas foram recebidas por el-rei com aquella mesura e cerimonia que convinha a seu estado, entonces lhe deram a carta de crença e lhe apresentaram sua embaixada em esta fórma:

EMBAIXADA D'EL-REI DE CASTELLA

«Mui poderoso e serenissimo principe, senhor el-rei

O bispo de Mondonhedo e Dia Sanches de Benavides, subditos naturaes e feituras do mui alto, muito poderoso serenissimo e illustrissimo principe senhor,

el-rei de Castella e de Leão, vosso sobrinho e nosso senhor, notificamos a vossa mercê, como ante a sua real magestade foram vossos embaixadores, a saber: João Gomes da Silva, vosso alferes-mór e o doctor Martim Docem, e o doctor Beliago, os quaes com vossa auctoridade e poder trataram com a senhora rainha e com el-rei D. Fernando, que entonces era infante, como tutores do dito senhor, pazes perpetuas, firmes e valedoiras pera todo sempre, ante a sua real senhoria com todos os seus reinos e senhorios e terras, e vossa alteza com todos seus reinos senhorios e terras, sobre as quaes foram feitos uns capitulos, em que inteiramente se contem a fórma das ditas pazes e a maneira como se devem firmar e guardar.

E porquanto os ditos senhores, tutores e curadores d'el-rei, fizeram juramento solemne segundo pera tal auto cumpria, e assim todos os outros principes d'aquelles reinos, passando-se todo assim em presença dos ditos vossos embaixadores, segundo d'elle tornaram suas escripturas publicas, os quaes embaixadores juraram outrosim, em vosso nome e de vossos filhos, por virtude e poder de vossas procurações, que pera ello levavam sufficientes e abastantes, ficando resguardado aos ditos senhores, de enviarem ao deante seus embaixadores pera ser tomado pessoalmente o dito juramento de vossa mercê e assim de todos os outros, a quem pertence similhante juramento.

E porque depois dos ditos tratos passados se seguiram outros negocios d'aquelles reinos, principalmente os feitos d'el-rei D. Fernando, não poderam enviar a vossa mercê requerer o dito juramento.

Porém, porque as ditas pazes sejam firmes e ratas, el-rei nosso senhor, por auctoridade da rainha sua madre e dos outros do seu conselho, nos mandou co-

mo seus embaixadores, que firmassemos o dito juramento e lhe levassemos d'ello nossas escripturas publicas, nas quaes se contivesse todo o auto que se ácêrca d'ello passasse.

Ora muito alto e muito poderoso principe, a vossa senhoria apraza encaminhar como o dito juramento seja feito, por tal que as ditas pazes se guardem e firmem segundo por vossos embaixadores foi tratado e firmado.»

Acabada assim a sustancia d'aquella embaixada, disse el-rei:

«Como quer que em todas as cousas os grandes principes tenham maneira de retardarem algum pouco suas respostas, pera haverem razão de se aconselhar, quanto ácêrca d'esta presente, muitos dias ha que eu tenho havido meu conselho, cá por tão firme tive e tenho qualquer cousa que aquelles meus embaixadores em meu nome tratassem, como se eu por minha propria pessoa o fizera, e portanto me praz muito de fazer o dito juramento, por a guisa que me por vós é requerido, e d'aqui por deante tratar com todas as cousas de meu sobrinho, por aquella guisa que trato com as minhas, tendo seus naturaes com os meus aquella maneira que é razão.»

E quanto ao juramento, disse el-rei que pera se fazer como cumpria, que elle mandaria chamar alguns dos principaes do seu reino que ali não estavam, e que entonces encaminharia como elles fossem despachados segundo seu requerimento, e assim fizeram fim quanto aquelle dia das cousas sosuditas, e os embaixadores houveram nobres pousadas, e se ante eram bem agazalhados e providos das cousas que lhe faziam mister, d'ali adeante o foram muito melhor, cá eram em aquella cidade, onde el-rei estava, muitas cousas

deleitosas, especialmente pescados frescos, de que elles em algumas partes de seus reinos são mal providos.

El-rei tinha maneira de os mandar abastar de todo, e des-ahi, quando foi tempo, el-rei e seus filhos fizeram juramento assim e por aquella guisa que fôra feito em Castella, de que os ditos embaixadores tomaram seus instrumentos e escripturas, segundo sentiam que cumpria pera segurança de seus feitos.

Mas porque além da dita sua embaixada elles traziam outras cousas, que haviam de requerer, assim como tomadas de alguns navios, ou damnos que se sempre fazem entre os visinhos dos extremos, foi-lhe necessario estarem ainda alguns dias na côrte pera requererem aquellas cousas, no qual espaço se seguiu que aquelle cavalleiro Dia Sanches de Benavides adoeceu, e como quer que por mandado d'el-rei fosse mui bem curado, a enfermidade era tal, de que por necessidade houve de fazer fim de sua vida, na qual cousa a el-rei desaprouve, e assim lhe mandou fazer mui honradas exequias, e á sepultura foram a maior parte dos bons homens que havia em aquella cidade, por mandado d'el-rei, e assim d'ello, como de todo outro gazalhado que lhe el-rei mandou fazer, o bispo foi mui contente, e assim louvava muito el-rei, por todos os logares por onde ia, quando se tornou pera sua terra, cá logo em breve tempo foi despachado.

E haveis de saber, que depois que estes embaixadores entraram em Portugal, até que se o bispo tornou, sempre foram manteudos, elles e seus homens e bestas, á custa d'el-rei, assim grandemente como elle costumava de fazer; e emfim foram dadas ao bispo grandes dadivas de joias de ouro e de prata, e pannos de grande valia, as quaes com outras cousas, foram

azo porque aquelles servidores, que vieram com os ditos embaixadores, contra sua natureza louvavam muito a grande magnificencia d'el-rei.

CAPITULO XXXII

Como el-rei de Aragão enviou seus embaixadores a el-rei, e da resposta que levaram, e como n'este tempo vieram alguns estrangeiros offerecer-se a el-rei, e da maneira que com elles teve.

Pois que já dissémos dos embaixadores de Castella, e de todo o que se seguiu em sua embaixada, digâmos agora todos os outros embaixadores que vieram a el-rei, por razão d'aquella armada que assim fazia tão grande, cá a fama d'ella como já dissemos soava por todas as partes, e espantava muito os corações dos homens, especialmente d'aquelles que eram mais chegados a este reino.

E foi assim, que tanto que em Castella foi determinado que os embaixadores viessem a Portugal, logo alguns senhores do conselho escreveram a el-rei D. Fernando, fazendo-lhe saber todo o feito como passava, cá posto que elle estivesse assim alongado, não se fazia nenhuma cousa de peso em Castella que a elle não soubesse, e esto era porque os mais d'aquelles eram sua feitura, e assim como lhe fizeram saber a partida dos embaixadores, assim lhe escreveram depois toda a resposta que levaram, mas en-

tonces ficou a elle outro muito maior cuidado, porque consirou em si, que pois el-rei de todo segurava o reino de Castella, firmando as pazes por juramento, como dito é, que poderia ser a verdadeira tenção de irem contra elle, ou contra algum logar do seu senhorio.

Este pensamento, tinha elle assim, porquanto houvera o reino por aquella guisa que já ouvistes, do qual havia tão ponco que estava em posse, e fôra-lhe dito como o conde de Urgel, que pensava ter maior direito no reino que elle, vendo como já por si não podia cobrar o nome de rei, que escrevera a el-rei D. João, como elle era assim forçado do seu, e que pois já n'aquelle reino não podia cobrar direito, que lhe prouvesse de ó ajudar, e que com pequeno movimento que elle fizesse acerca d'elle, seria de todo ponto em posse d'elle, cá os mais e maiores d'aquelle reino não obedeciam a el-rei D. Fernando senão por força, cá conhecido era a todos que o reino justamente pertencia a elle mais que a el-rei D. Fernando, e que se a Deus prouvesse d'elle cobrar a dita posse, que elle não filharia nome de rei, mas que elle tinha duas filhas para casar, e elle isso mesmo a Deus graças tinha filhos, que as casasse com dois d'elles, comtanto que o que casasse com a maior, tomasse logo nome de rei de Aragão, e que ao outro filho seria dada terra em aquelle reino com que podesse viver honradamente, e que por seu fallecimento lhe ficaria o seu condado, com toda sua terra.

E como quer que nenhuma cousa d'estas se falasse a el-rei D. João, e porem certo que foi assim dito a el-rei D. Fernando, e de o elle crêr não era sem razão, porquanto elle estava assim em aquelle reino onde era quasi estrangeiro, e conhecia bem que ainda que o seu direito fosse maior, que muitos d'aquelles

que lhe obedeciam quizeram antes o conde por seu rei, por azo da natureza que havia com elles, cá bem conhecia que o seu obedecimento era constrangido, mais que por vontade, e que obediencia constrangida nunca se póde possuir sem grande suspeita, e porque os seus lhe conheciam aquelle grande cuidado, e que lhe aprazia de ouvir qualquer cousa de movimento de cada um de seus contrarios, trabalhavam-se de saber tudo o que ácerca d'ello podiam saber, e diziam-lho: e querendo-lhe comprazer, muitas vezes lhe afirmavam o que não sabiam, de que se seguiam penas injustas a alguns, cá isto é uma cousa que faz a muitos principes ganhar grandes inimizades com seu povo, e os males que se d'ello seguiram, manifestos são a todos aquelles que sabem as chronicas antigas.

Não era pois esta cousa pera el-rei D. Fernando nâo crêr, trazendo comsigo tão manifesta côr, e porem mandou logo fazer prestes seus embaixadores, os quaes enviou logo com suas cartas a el-rei D. João, e leixando a prolixidade das outras cousas, brevemente chegaram a este reino, e tanto que foram em ponto de serem ouvidos, disseram a el-rei por esta guisa:

Embaixada d'el-rei de Aragão

«Senhor: el-rei de Aragão, nosso senhor, vos faz a saber como ha muito tempo que ha novas que vós vos percebeis de guerra, e que elle emquanto vosso percebimento não foi muito soado, sempre pessoa que era alguma cousa pequena, mas depois que houve certas novas que mandaveis aperceber todas as gentes do vosso reino e buscar por diversas partes naus e navios pera fazer grande ajuntamento de fróta, que entendeu, e entende, que um tão alto principe como

vós não pode mover similhante feito, senão a algum grande fim, e que quanto a certidão do feito é mais duvidosa, tanto é maior razão que se proveja sobre ello, e porque entre as muitas partes que se determinam ácêrca de vossa armação, principalmente são só duas que a elle pertencem, a saber, que alguns seus contrarios vos moveram partido, que os ajudeis a cobrar aquelle reino, pondo-vos esperança de o darem depois a cada um de vossos filhos, e a outra é, que enviais sobre o reino de Secilia, de que elle tem tanta parte como sabeis.

Porém, que elle vos roga que consireis a boa vontade que elle sempre teve a vós, e a todos vossos feitos, e ao direito que elle tem n'aquelles reinos, o qual já foi visto e determinado pelo Santo Padre, e assim por todos os letrados e sabedores dos ditos reinos, por cuja razão em elle foi em posse posto, e recebido por rei e senhor, como bem sabeis, e portanto que vos não queiraes mover contra elle por nenhuma esperança de proveito que vos ácêrca d'ello seja movida, não havendo justa razão pera ello, e que sobre tudo pera obrardes segundo pertence a vossa clara magnificencia, vos praza qae lhe envieis dizer ácêrca de todo vossa vontade, cá elle posto que lhe estas cousas fossem ditas, nunca determinadamente em seu coração póde caber que vós similhante movimento fizesseis, não havendo mais justa causa, que porque vos conhece por justo e direito em todas vossas cousas, e assim obrador de grandes feitos».

El-rei não quiz mais alongar resposta, porque não era cousa que pertencesse ao conselho.

— Vós direis, disse elle, a el-rei D. Fernando meu amigo, depois de lhe dardes minhas saudações, que elle saiba certamente, que meu ajuntamento não é

contra elle, nem contra cousa que a elle pertença, cá saiba elle que com maior vontade o ajudaria a ganhar outro reino, tendo n'elle alguma parte de direito, do que lhe daria fadigo sobre o que tem ganhado, do qual Deus sabe que me prouve, e me praz muito e que se porventura eu tivera determinado de dizer este segredo a algum principe similhante, que fôra a elle, mas que prazendo a Deus, mui cedo saberá certo recado de minha intenção.»

Não havemos aqui porque escrever os gazalhados nem as mercês que el-rei fez áquelles embaixadores, cá esto havia el-rei avantajadamente sobre todos os principes do mundo; elles foram muito contentes de el-rei, e mais o foi el-rei D. Fernando depois que lhe os embaixadores contaram a boa vontade que el-rei tinha pera elle, e pera toda sua honra.

E porque as novas eram taes, e a elle tanto praziam, lh'as contavam aquelles seus embaixadores com muita diligencia, e assim toda a maneira que el-rei tinha em seu estado, e o corregimento de sua frota, e principalmente louvavam muito a postura dos infantes, e de todo prazia muito a el-rei D. Fernando. «Certamente, disse elle, sempre conheci el-rei D. João ser muito avantajado principe, e em todos seus feitos sempre se mostrou grande e virtuoso e elle que este feito assim move, membre-nos que ha-de ser uma cousa notavel e grande, cuja fórma será de mui grande preço, e ainda inveja de muitos principes do mundo.»

Outrosim vieram em este ensejo a el-rei, um grande duque d'Allemanha e um barão com elle pera o servir em aquelle feito; e o duque disse a el-rei que ouvindo novas em sua terra, d'este seu movimento, vinha com intenção de o servir, porém que lhe pe-

dia por mercê que lhe declarasse logar certo pera onde ia sua frota, porque pera tal poderia ir, que não seria razão de o seguir em ella.

El-rei lhe respondeu que elle tinha determinado por seu serviço, de não revelar aquelle segredo a alguma pessôa fóra de seu conselho, e que ainda saberia que nem todos do conselho eram d'ello sabedores, sómente alguns d'elles certos e especiaes, porém que se a elle prouvesse de ir assim com elle por acrescentar em sua honra, que lh'o teria em serviço, e lhe faria por ello mercê.

O duque respondeu que sua determinação não era tal, senão pela guisa que lhe já dissera, porém que com sua licença se queria tornar pera sua terra.

El-rei mandou-lhe fazer mercê, segundo requeria seu estado, e des-ahi encaminhou pera Santiago, e d'ahi caminho de sua terra.

E o barão ficou com el-rei e o serviu depois mui bem, segundo fizeram outros muitos estrangeiros que vieram fazer de suas honras em este feito, entre os quaes foram principalmente tres grandes fidalgos, gentis homens da casa de França, e o principal d'elles havia nome Mosem Arredentão, o segundo, Pierre de Souvre Batalha, e o terceiro Gibotalher; empero nenhum d'elles vinha tão grandemente corregido como o grão barão, que trazia comsigo quarenta escudeiros fidalgos gentis homens, que depois provaram mui bem por seus corpos, suas honras, na tomada d'aquella cidade.

E posto que estas embaixadas e cousas vão assim juntamente, não sejam porém apropriadas a aquelles tempos, cá entre umas e outras se metiam alguns espaços, os quaes homem distintamente não poderia escrever, porque as chronicas que levam similhante

ordenança, não pódem levar mais certa declaração, salvo aquellas que levam os feitos contados d'um anno a outro, similhantes a aquelles a que os romanos chamavam *Annaes*, porque havia ordenança que se escrevessem os feitos de cada um consul apartadamente, e porque elles não reinavam mais que um anno era necessario que se fizesse cada um anno o dito livro, empero ainda estes livros tinham outro nome, cá lhe chamavam os livros dos dias fastos, cá era fasto em sua linguagem, como dia convinhavel pera pelejar ou fazer outros grandes feitos, a qual cousa sempre era mui bem esguardada pelo regimento das rodas celestiaes, e ou vencessem ou fossem vencidos, todavia haviam de fazer escrever todo seu acontecimento, e ao dia em que elles venciam, chamavam fasto, a saber, dia convinhavel, e ao dia em que lhe não convinha pelejar, chamavam-lhe nefasto, porque tanto quer dizer em nossa propria linguagem fasto, como bem aventurado, e nefasto como não bem aventurado, á qual ordenança nos não podemos guardar em esta obra, por ser começada tão tarde, como já ouvistes, e tratada em tão grande segredo que foi cousa d'haver d'aquelles feitos mui poucas escripturas, que ao deante parecessem, sómente aquelles que se fizeram, depois do conselho de Torres Vedras, quando ficou determinado de se divulgar a partida dos infantes, e as cousas que se entonce escreviam não eram senão ordenanças, que se geralmente fazem em todas as armações em que ha-de ser alguma multidão de gente, o que ainda não foi feito, senão no derradeiro anno, e sobre todo as cousas foram mui grandes e embrulhadas umas com as outras, por cuja razão não se poderão escrever por outra guisa, cá as muitas cousas não são assim ligeiras de abarcar, por-

que aquelle que acha as rodas do carro apartadas, algum tempo ha mister pera as ajuntar.

CAPITULO XXXIII

Como os embaixadores d'el-rei de Grada vieram a el-rei e do que lhe requereram, e como traziam recado d'el-rei ao infante D. Duarte e á rainha, e do que lhe prometeram.

Ainda fica agora pera dizer, como el-rei de Grada enviou seus embaixadores a el-rei de Portugal, cá se os outros reis christãos tinham temores, muita mais razão tinha elle, consirando quantas vezes enviara seus recados a el-rei pera cobrar sua amizade e segurança de paz, e nunca a d'elle podéra haver, e que poderia agora suspeitar ouvindo as novas de tamanho ajuntamento, cuja fama espantava muitos principes da christandade?

Quanto mais que os mouros forros, que viviam em este reino, vendo assim aquelle ajuntamento, como homens que não tinham perdida a amizade dos outros mouros, que a sua seita requeria nunca cessavam de perguntar qual era o verdadeiro proposito d'el-rei; e não é duvida que este segredo lhe não fôra revelado, segundo a grande diligencia que elles tinham de o saber, se algum dos do reino, afóra aquelles que já dissémos, houvera azo de o saber, empero apalpando assim, depois que viram que el-rei segurava Cas-

tella e Aragão, suspeitaram que aquelle ajuntamento não podia ser, senão sobre o reino de Grada, e avizaram por suas cartas a el-rei de Grada, o qual ouvindo assim aquellas novas de tantas partes, enviou seus embaixadores a el-rei de Portugal, os quaes eram certos mouros de grande auctoridade, levando seus turgimães, que lhe interpretassem a linguagem.

El-rei, assim como tinha em costume de receber bem todos os estrangeiros, recebeu a elles, segundo seu estado, e quando foi tempo de darem sua embaixada, disseram:

Embaixada d'el-rei de Grada

«El-rei nosso senhor, vos envia dizer, como depois que este vosso senhorio, está em posse de reino, nunca entre os seus naturaes e os vossos foi achada tal discordia, porque leixassem de tratar uns com os outros, trazendo-se d'aquelle reino ao vosso grandes mercadorias, e do vosso ao seu, e que além de todo, o dito senhor vos teve sempre em sua vontade grande amor, principalmente por vossas grandes virtudes e bondades, o qual o constrangem a vos enviar por muitas vezes seus presentes, o que nunca fez a nenhum christão.

Porém, disséram elles, que agora, que alguns seus naturaes tinham receio de vir a vossos reinos, com suas mercadorias, como antes sahiam por azo do corregimento de vossa frota, suspeitando que podia ser contra algum dos logares de seu senhorio, e que outros mercadores, de seu reino, leixavam de levar as suas ao vosso, receando que lhe fossem reteudas por vós ou vosso mandado, que vos prouvesse, por evitar assim esta suspeição de lhe enviardes certa segurança

de uns e outros poderem estar, e contratar amigavelmente, como sempre fizeram, na qual cousa lhe fareis uma grande graça, a qual elle prazendo a Deus entende de emendar com outra similhante, ou muito maior quando lhe requerida fôr da vossa parte».

— Não sei que razão tem os mouros, respondeu el-rei, de terem similhante suspeita, nem os meus naturaes isso mesmo, tendo tão pequena certeza de minha vontade? porque ainda que eu assim mande correger minhas gentes, pera enviar meus filhos, por meu serviço, a verdadeira tenção d'ella está muito longe de seu conhecimento nem vejo que razão podesse ter que parecesse razoada pera fazer similhante segurança.

Porém vós lhe dizei que eu não entendo fazer com elle, nem com outra alguma pessoa, similhante innovação, pois que a nunca fiz em todos os meus dias, e porque esta é a conclusão de meu proposito, vós podeis ir, muito embora, quando vos aprouver.

Os mouros sentiram que por aquella resposta não levavam nenhuma segurança, e fallaram entonce á rainha, por vêr se poderiam encaminhar o feito por outra guisa, cá tal avisamento traziam d'el-rei de Grada; o qual era que a Rica Forra, que era a principal das mulheres d'aquelle rei mouro, enviava dizer á rainha D. Felippa, como el-rei seu senhor e marido, enviava seus embaixadores a este reino requerer algumas cousas a el-rei, as quaes a ella prazeria muito que ellas fossem bem aviadas, e porquanto ella sabia quanto os bons requerimentos das mulheres moviam os corações dos maridos, quando lhe requeriam algumas cousas em que tinham vontade, que lhe rogava, que por contemplação sua, lhe prouvesse filhar cargo de requerer a el-rei a resposta

d'aquelle feito, poendo em ello todo seu bom desejo, de guisa que a vontade d'el-rei de Grada, seu senhor e marido, fosse posta n'aquelle fim que elle desejava, e que pois ella tinha filha pera casar, que em breve tempo poderia vêr o agradecimento de sua boa vontade, cá lhe certificava que lhe enviasse pera ella o melhor e mais rico enxoval, que nunca fôra dado a nenhuma princesa moura nem christã.

Mas quem havia de ser aquelle que movesse a rainha, pera falar em tal partido? cá a rainha era uma mulher muito amiga de Deus, e segundo suas obras filhara de mámente encarrego de nenhum infiel, pera lhe procurar nenhum favor, quanto mais que era natural de Inglaterra, cuja nação entre as do mundo, naturalmente desamam todos os infieis.

— Eu não sei, respondeu ella, a maneira, que os vossos reis com suas mulheres teem, que entre os christãos não é bem contado a nenhuma rainha, nem a outra alguma princesa, de se entremetter nos feitos de seu marido, quanto em similhantes casos, pera os quaes elles teem seus conselhos, onde determinam seus feitos, segundo o entendem, e as suas mulheres quanto melhores são tanto com mais diligencia se guardam de quererem saber o que a ellas não pertence, cá conhecem, certamente, que seus maridos, com seus conselheiros, teem maior cuidado do que á honra do seu estado pertence, do que o ellas podem conhecer, verdade é, que ellas não são assim afastadas de todo que lhe não fique poder de requerer o que lhes praz, mas estes requerimentos, são taes, que os maridos não hão razão de lh'os poderem negar, e algumas que o contrario fazem, não são havidas por ensinadas, nem discretas.

Porém vós direis á rainha vossa senhora, que eu

lhe agradeço sua boa vontade, mas que ella poderá de seu enxoval fazer o que lhe prouver, cá com a graça de Deus, a minha filha não fallecerá enxoval pera seu casamento; e vós requerei vosso feito a el-rei meu senhor, que elle é tal, que se lhe vós requererdes o que é razão, que vol-o fará com mui boa vontade.

Os mouros sentiram que não tinham bom recado na rainha, e provaram de attentar ao infante D. Duarte, pera vêr se com suas grandes promessas o poderiam inclinar a sua devoção, e foram-se a elle, e disseram-lhe como el-rei de Grada, seu senhor, era um homem que muito desejava ter amisade com seu padre, e por conseguinte, com elle, e com toda a casa de Portugal, e para elle crêr que sua vontade era tal, que o poderia saber de todos os mercadores, e outros naturaes d'este reino, como eram tratados tão docemente, e com tanto favor, leixando-lhe trazer suas mercadorias e tratar com seus naturaes, assim como se fossem subditos d'algum rei mouro, com que elle houvesse mui chegada liança de sangue, por cuja razão, disseram elles, senhor nos enviou a el-rei vosso padre com sua embaixada, da qual cremos que vossa mercê haverá já certa informação.

Porém, senhor, porque el-rei de Grada, nosso senhor, muito deseja cobrar aquella segurança que requeremos, elle vos envia dizer que por quanto elle sabe que el-rei vosso padre, ha-de obrar em este feito, principalmente por vosso conselho, que vos roga que por sua contemplação, vos praza filhar encargo do dito requerimento, de guisa que pela boa vontade que vós em ello pozerdes, possa vir a fim de seu desejo, e por vós não haverdes vosso trabalho por mal despeso, que elle vos promette, assim como

rei que é, de vos fazer um tal serviço que em todas as partes do mundo seja nomeado por grande, pera segurança do qual vos será feita por nós qualquer firmeza que vossa mercê mandar, e ainda se mister fizer, abastante fiança.»

«Os principes d'esta terra, respondeu o infante, não são costumados de vender suas boas vontades por preço de dinheiro, cá uzando de similhante modo, teriam mais razão de se chamarem mercadores, que não senhores, nem principes; porém vossas promessas são escusadas ácerca de similhante caso, cá não tão sómente esse presente, que el-rei diz que me enviará, mas que me fizesse segurança que me daria todo seu reino, por similhante modo o não receberia d'elle, nem poderia fazer a el-rei meu senhor e padre nenhum requerimento, senão aquelle que fosse justo e razoado, e el-rei de Grada, vosso senhor, não ha porque tomar taes cocegas, não havendo mais justa causa pera ello.

E d'esta guiza se tornaram os mouros, pouco contentes de tal resposta.

CAPITULO XXXIV

Como o infante D. Henrique veio depois de janeiro fallar a el-rei seu padre, e como se tornou para o Porto, e da maneira que teve na sua armação.

Já me parece que tenho tempo de leixar estas cousas, e fallar nas outras que são mais chegadas ao aviamento da frota, emperó antes direi um pouco das boas vontades que todos traziam para servir el-rei n'aquelle feito, porque cada um trazia tamanha lédice em seu corregimento, como se determinadamente soubessem que sem nenhum perigo haviam d'haver victoria, nem lhes fazia nenhum empacho, a duvida que tinham do logar certo cá não sabiam pera onde havia de ir.

Era antonce a gente do reino repartida em duas partes, porque havia ahi uns, que serviram el-rei em todos os seus trabalhos, e eram quasi todos d'uma edade pouco mais ou menos, e os outros eram os filhos d'aquestes, os quaes traziam em si mui grandes desejos de chegarem aos merecimentos de seus padres; cá assim como os filhos dos galgos geralmente seguem a natureza de seus padres em caçar, assim os filhos dos bons homens, commummente se chegam a aquelle officio que seus padres uzaram e porque mereceram.

Não fallo d'alguns, que por sua desvairada constelação perdem sua bondade, cá assim ha hi outros, que por sua nascença não são obrigados a seguir vir-

tude, e dá-lhe Deus graça que se chegam a ella, e a seguem, porque cobram honra, cá em todas as cousas se toma a maior parte, pelo todo, mas pera este corregimento não ser tão perfeito, como todos tinham em vontade, sobreveio um grande empacho, porque começaram de morrer de pestilencia na cidade de Lisboa, e tambem no Porto, e esto foi, segundo diziam, por azo dos navios que vieram de muitas partes, e em alguns d'elles havia pestilença, e porque esta enfermidade, segundo diz S. Izidoro na sua Etimologia, é contagiosa, fez mui grande damno no haviamento d'aquella frota, principalmente na morte da rainha, que sobre todos, foi mais sentida.

Não podemos falar direitamente, que algum do reino tivesse maior cuidado de aviar o que lhe pertencia, que o infante D. Henrique, cá tanto que passou o mez de janeiro, veiu falar a seu padre, contando lhe o ponto em que leixava todas as cousas, e dizendo-lhe outrosim, que lhe pedia por mercê, que lhe desse seu regimento escripto, da maneira que havia de ter.

— Meu filho, disse el-rei, a mim me praz que por o presente vós não leveis outra ordenança, nem corregimento, senão vossa descripção, com a boa vontade que eu em vós sinto pera me servir, mas levareis uma minha carta, pera que vos obedeçam todos, assim como a capitão general, e outra similhante darei a vosso irmão, o infante D. Pedro, e vós partivos logo pera a cidade do Porto, e trigai-vos quanto vos fôr possivel que façaes vir essa frota de lá, mas sede avisado, que o mais que poderdes, escuseis d'entrar na cidade, senão quando fôr muito necessario.

Assim partiu o infante de Sacavem, d'onde entonce estava seu padre, e onde esteve em mentes a peste foi grande em Lisboa, e até que a rainha adoeceu.

O infante teve tal modo em seus feitos, que n'aquelles tres mezes seguintes aviou todas suas gentes e armas e mantimentos, de tal guisa, que no começo do mez de maio, foi dentro na cidade do Porto, onde logo começou dar trigoso aviamento a sua frota, e fazer encaminhar todas as cousas que pera ella pertencião tãobem e tão ordenadamente, que nem sua nova edade, nem fallecimento de pratica de taes feitos, não o poderam empachar que não recebesse mui grande louvor de seu maravilhoso trabalho, cá diziam aquelles velhos, que era muito pera maravilhar, um homem de edade de vinte annos, ser tão destro e tão desempachado pera aviar tamanho feito, e se Tito Livio (diz o auctor) louva tanto no livro da segunda guerra, a prudencia de Cypião, porque estando em Secilia ordenou tãobem sua frota pera passar em Africa, sendo elle quasi de trinta e cinco annos, e havendo já cometidas muitas pelejas, pelo mar, e por terra, como não louvaremos a este principe sendo de edade de vinte annos, sem haver conhecimento de similhantes feitos, por certa pratica sómente, quanto tinha uma natural inclinação pera commeter grandes feitos?

Não falamos aqui da armada do infante D. Pedro, porque, posto que o nome fosse seu, o cuidado era principalmente d'el-rei seu padre, e do infante D. Duarte, e com todas estas cousas, não esquecia ao infante D. Henrique de mandar fazer mui ricas librés, as quaes ordenou que levassem todos os capitães, que eram ordenados, sob sua capitania, e tratando estas cousas, chegavam-se, vindo para a cidade, todos os senhores e fidalgos que haviam d'ir com elle.

Alli chegou Ayres Gonçalves de Figueiredo, nobre cavalheiro, sendo em edade de noventa annos, corre-

gido com seus escudeiros, e gente de pé, e elle com sua cota vestida, cuja continencia parecia pouco d'homem de sua edade, e quando o infante o viu chegar a elle, pera lhe beijar a mão, começou de se rir e disse:

— Já me parece, que homem de tantos annos, devia filhar repouso, por descanço de tantos trabalhos.

— Eu não sei, respondeu Ayres de Figueiredo, se os membros, por razão da edade, enfraqueceram, mas a vontade não é agora menos, da que foi em todos os trabalhos que eu levei com vossso padre, e não poderá por certo haver maior honra, nas exequias de minha sepultura, que antes de meus dias acabados, ser em este feito.

Por esta guisa fizeram dois escudeiros bayoneses, que por muitos serviços que fizeram a el-rei na guerra, lhes dera alli mui boas tenças pera sua mantença, os quaes eram homens de pouco menos edade que Ayres Gonçalves de Figueiredo, os quaes se foram ao infante requerer que lhe mandasse dar seu provimento, pera sua ida.

— Assaz é, disse o infante, o que vós tendes trabalhado, eu vos tenho muito em serviço, vossa boa vontade; parece-me que é bem que fiqueis, cá já a vossa edade não é pera mais trabalhos.

Os escudeiros, por nenhuma guisa quizeram ficar, antes mostraram suas continencias queixosas, quando lhe foi falado que ficassem.

— Pois que será, disse o infante, que as armas que tinha, são já todas repartidas, e não tenho assim prestes com que vos armasse?

— Não é bom homem, disseram elles, aquelle que por necessidade alguma, vende suas armas, e nós, posto que por algumas vezes nos fizessem mingoa

nossos soldos e a tença, depois que nos foi assentada, por fallecimento da paga, as nossas sempre estiveram comnosco, porém o mantimento nos dae segundo vossa ordenança, e das armas não tenhaes cuidado.

Muito ledo foi o infante de suas boas vontades e além de seu ordenado lhe mandou fazer mercê, conhecendo que era muito pera agradecer a homens de tal edade, similhante desejo.

Não sei (disse o auctor) se fale aqui, como gentio, mas por certo, eu penso, que os ossos dos finados desejavam ser vestidos em carne, onde estavam gastados em suas sepulturas, para serem companheiros de seus filhos e parentes no ajuntamento d'aquelle feito, e direitamente podemos dizer, que se os vivos tinham ledice, que as almas d'aquelles que por resplendor divinal sabiam a verdade d'esto, se alegravam muito mais.

Pera cuja prova, é bem que saibaes o que aconteceu a um frade, da ordem de S. Domingos, que era em aquella cidade do Porto, no segundo dia das ladainhas, sendo-lhe mandado que prégasse ao outro dia á procissão, se levantou depois que o gallo cantou a primeira vez, e estando fazendo oração deante do altar da Virgem Maria, antes que entrasse em seu estudo, lhe appareceram maravilhosas visões, entre as quaes lhe pareceu que via a el-rei D. João, ante a Virgem Maria, armado, posto de giolhos e as mãos levantadas contra o ceu, d'onde lhe apresentavam uma espada, cujo resplendor a aquelle homem bom, aparecia que não tinha comparação, mas o portador d'aquella espada, não conheceu elle, como quer que a sua vista lhe parecia cousa divinal, e porque este bom homem era simples, não quiz contar esta visão

senão a outro frade seu amigo, que era sachristão d'aquelle mosteiro.

Oh! como as almas d'aquelles bons homens, que morriam n'aquella peste, partiam saudosas dos proprios corpos, não tanto por aquella natural saudade com que se as almas partem das carnes, como por não verem a fim aquelle feito.

Ah! diziam elles, morte sem remedio, fim de todas as cousas terriveis, sobre cujo imperio e senhorio não ha poder nenhuma cousa creada de sob novello da lua, e ante cujo brado tremem todas as cousas que se n'este mundo movem, por que trigavas tanto teus dolorosos passos pera nos levares d'aquestra vida? Porque nos não leixavas algum pequeno espaço pera vermos a fim d'esto? Onde tiveras razoado tempo pera te entregares de nossa divida, se as nossas almas te faziam mingua pera povoares as casas do outro mundo.

Bemaventurados serão aquelles que receberem os derradeiros golpes ante os olhos de seus senhores, aos quaes seus parentes e amigos contaram as chagas, porque depois seus filhos recebam honra pelos merecimentos de seus padres, e o seu nome, depois da victoria, não poderá escorregar d'ante o conhecimento dos que depois vierem. Mas nós, não só dos que hão de vir, mas ainda dos presentes, nossas mortes são esquecidas, e o trabalho do presente negocio não lhes dá vagar que se possam apartar pera chorar nosso fallecimento.

Era ali o trafego tamanho em aquella ribeira, que de dia, nem de noite, nunca estava só, nem os marinheiros eram pouco cansados em arrumar tamanha multidão de frasca, e com esto as estradas e caminhos eram cheios de carros e de bestas, que vinham

carregadas de mantimentos e armas, das terras d'aquelles fidalgos, e doutras cousas que lhe cumpriam pera sua ida, e aquelles que tão azinha senão podiam despachar da terra, trigava-os o infante por suas cartas, de guisa que não abalasse sua frota, e elles ficassem contra suas vontades.

CAPITULO XXXV

Como el-rei escreveu ao infante D. Henrique que partisse com sua frota, e como o infante partiu, e da ordenança que levava.

Cada dia el-rei havia novas do corregimento da frota que estava na cidade de Porto, assim pelas cartas que o infante lhe escrevia, como por outros muitos que cada dia iam d'uma cidade pera outra, cá segundo os tempos, não podiam os caminhos estar mui livres, porquanto aquelles fidalgos esperavam d'ir á cidade de Lisboa, e por tanto mandavam seus homens e cousas deante cada um segundo lhe cumpria, escreveu el-rei ao infante, que tanto que aquelles principaes fossem prestes, que partisse logo o mais trigosamente que podessem, porque tanto que elle viesse com sua frota, entendia logo aviára outra de Lisboa, de guisa que ao tempo que tinha ordenado partissem.

E como o infante foi prestes, mandou apparelhar uma fusta, na qual mandou um seu escudeiro, que

chamavam Affonso Annes, que depois foi contador d'aquella cidade, o qual levava recado a el-rei, como o infante, seu filho, partia já da cidade do Porto com sua frota, e logo o infante mandou que se recolhessem todos, pera seguir sua viagem, e era formosa cousa de vêr o corregimento d'aquella frota, porque todas as naus, galés e outros navios, eram nobremente embandeirados, com balsões e pendões pequenos, das côres, motes e devisa do infante.

E porque eram todos novos, e bem acompanhados d'ouro, davam muito grande vista, e as galés eram toldadas de finos pannos d'aquelles motes e devisa que já disse, e os capitães das galés, eram estes que se seguem, a saber, o senhor infante, o conde seu irmão e D. Fernando de Braganca, filho do infante D. João, e Gonçalo Vasques Coutinho, marechal e João Gomes da Silva, alferes mór d'el-rei, e Vasco Fernandes d'Atayde, governador da casa do infante, e Gomes Martins de Lemos, aio que fôra do conde de Barcellos, e assim eram sete galés, e sete capitães, e assim estes como todos os outros que iam nas naus, de qualquer condição que fossem, que capitania de gente alguma tivessem, levavam a libré do senhor infante, a qual era de pannos de sirgo e outra de finos pannos de lã, repartida pelo contrario, porque as maiores pessoas houveram a libré dos pannos de lã, e as outras de menos estado, vestiam os pannos de sirgo.

E porque falamos nos capitães das galés, é bem que saibaes d'alguns dos principaes que iam da outra frota, a saber; D. Pedro de Castro, filho de D. Alvaro Pires de Castro, Gil Vaz da Cunha, Pero Lourenço de Tavora, Diogo Gomes da Silva, João Rodrigues de Sá, João Alves Pereira, Gonçalo Annes de

Sousa, Martim Affonso de Sousa, Martim Lopes d'Azevedo, Ayres Gonçalves de Figueiredo, Luiz Alvares Cabral, Fernão d'Alvares, seu filho, Estevam Soares de Mello, Mem Rodrigues de Refoyos, Garcia Moniz, Payo Rodrigues d'Araujo, Vasco Martins d'Albergaria, Alvaro da Cunha, Fernão Lopes de Azevedo, e Alvaro Fernandes Mascarenhas.

Todos estes homens levavam a libré do infante, e assim outros alguns fidalgos e escudeiros, cujos nomes não podemos perfeitamente saber, e quando foi o dia d'aquella partida, era entre todos aquelles da frota mui grande alegria, cá todos os navios eram acompanhados de trombetas e outros instrumentos, cujo som espertava seus corações, pera serem alegres.

E ainda haviam outro azo pera serem muito mais ledos, cá em aquelle dia foram todos vestidos de novo, a qual cousa, por sua novidade sempre traz algum accrescentamento de folgança em o coração de qualquer, e muito mais no dos homens mancebos, cuja clara experiencia não ha mister outra prova. E além d'aquella libré, que assim o infante deu áquelles senhores e fidalgos, e assim geralmente a todos os seus, cada um d'elles dava aos seus apartadamente sua libré, como lhe aprazia, mas porque seria grande prolixidade escrevermos a devisa de cada um, abasta sómente que a do infante; eram umas capellas de carrasco, bem acompanhadas de chaparia, e por meio uns motes, que diziam: *vontade de bem fazer*, e as suas côres eram branco e preto e vis.

Todos os bons homens da cidade que ali ficavam, se espediram aquelle dia do infante, offerecendo-lhe seu serviço, porque além de em elle haver uma graça singular pera todos aquelles que com elle tratavam,

porquanto elle era natural d'aquella cidade, tinha especial cuidado dos moradores d'ella, pera requerimento de seus feitos, por cuja razão era mui amado d'elles todos, e o tinham quasi por seu cidadão.

Tanto que as novas chegaram a Lisboa da vinda do infante D. Henrique, logo el-rei mandou ao infante D. Pedro que fosse receber seu irmão, pera cuja ida logo foram prestes as outras oito galés, que ali estavam, e assim todas os bateis e navios pequenos que havia na frota, nas quaes ia primeiramente o infante D. Pedro e na segunda, o mestre de Christo e na terceira, D. Affonso, na quarta, o prior do Hospital, na quinta, o almirante, na sexta, seu filho Mice Carlos, e na setima, o capitão, e na oitava, João Vaz d'Almada.

O Condestable, com todos os outros senhores que eram ordenados para ir com o infante D. Pedro, foram nos bateis de suas naus, e assim em alguns navios pequenos, e se a frota do Porto vinha bem embandeirada e toldada, esta que partia de Lisboa não ia menos, emperó tudo era dos motes e divisas d'elrei, e assim começaram de fazer sua viagem, caminho da foz, contra onde os outros vinham, e o infante D. Henrique trazia tal ordenança em sua frota, que parecessem primeiro por a foz os navios pequenos, e depois as naus grandes, e após ellas as gales, das quaes a mais derradeira era a do infante, e des-ahi todos os navios começaram d'andar balraventeando ao travez d'aquelle mar, fazendo sempre divisa sobre a gale do infante, e pelo espalhamento que assim faziam, era aquella frota de todos estimada em muito maior numero, e assim andaram um pedaço, até que se ajuntou uma frota com a outra, d'onde aquelles irmãos houveram entre si grande prazer, como aquel-

les cuja amizade entre os vivos não foi outra similhante.

E certamente taes cinco filhos, assim abedientes a seu pedre e amigos entre si, nunca se achou em escriptura que algum principe os tivesse, e assim foram aquelles senhores juntamente acompanhados de sua frota, até que chegaram áquelle logar, onde o infante D. Henrique depois mandou fazer uma egreja, a qual se agora chama Santa Maria de Belem.

CAPITULO XXXVI

Como Affonso Annes chegou aos infantes com as novas da doença da rainha, e como por aquelle azo aquelle grande prazer em que estavam, foi tornado em tristeza.

Oh! quanto minha vontade desejava chegar ao fim d'esta victoria sem algum antrepoimento de tristeza, mas a cega fortuna, com seus tristes aquecimentos, não quiz que a nossa gloria fosse livre d'algum triste acontecimento, nem ha cousa, entre os vivos, mais certa, que o movimento das cousas terreaes, e portanto se determina em philosophia que a direita derivação do tempo, é ser durar-ento do mundo, em perseverança mudavel, o qual é departido em quatro partes, segundo o desvairo quaternario do circulo do ceu, que é chamado zodiaco, o qual em cada uma quarta, tem tres signaes chamados por no-

mes desvairados de animaes, os quaes se regem entre os homens por quatro ternarios de mezes, em que são desvairadas influencias, que geram aos homens novos fallecimentos.

E porém um philosopho, cujo conselho requeria um homem, pera consolação da tristeza que tinha por morte de seu padre, lhe disse:

— Amigo, lembra-te depois que nasceste quantas vodas e alegres desenfadamentos houveste, e soporta em paciencia, este triste aquecimento, que te veio, cá o movimento do mundo, por tal condição, foi assim ordenado, que não leixasse alguma cousa em perduravel assocego.

Ora pois, que assim é, vamos por nossa historia adeante sem receio.

Onde deveis de saber, que tanto que os infantes chegaram com sua frota a aquelle porto de Restello, segundo já dissemos, mandaram alli lançar as ancoras de seus navios, e a outra frota fazia andando suas voltas ao travez d'aquelle mar, tangendo suas trombetas e instrumentos, que traziam, como homens que queriam mostrar aos outros da terra, que estavam em grande ledice, que traziam em seus corações.

Nem o infante D. Henrique estava pouco ledo, assim pela vista de seus irmãos, e de toda a outra gente da côrte, que o alli vieram receber, como por trazer assim sua frota bem aderaçada de todo o que lhe cumpria, mas porque sua gloria não fosse de todo acabada, chegou alli Affonso Anes, aquelle seu escudeiro, que trouxera recado a el-rei de sua vinda, e lhe disse como sua senhora e madre a rainha, estava doente.

Empero, disse elle, que não ficava ella tão aficada de sua dôr, porque elle houvesse de tomar tristeza

alguma, antes lhe fôra dito, que a principal causa d'aquella enfermidade, era por azo da grande abstinencia que fazia em seus jejuns e orações, cá posto que ella, em toda sua vida, fosse uma das princezas do mundo de mais singular devoção, ainda que nos outros tempos quizesse jejuar, era-lhe defeso por seus abbades, com accordo dos phisicos, por azo da fraca compreição, e tinham determinado os phisicos que a dita abstinencia, seria muito perigosa pera sua vida, e porém cessava de o fazer, cá determinado é por santo Agostinho, que cada um tenha tal temperança no jejum e oração, que lhe fique livre poder pera uzar das outras virtudes, cá d'outra guisa, seria homicida de si mesmo.

Mas depois que a rainha foi certa da ida de seus filhos, que ainda até aquelle tempo, não sabia da d'el-rei, nem do infante D. Duarte, cá posto que lhe fosse d'antes fallado como já ouvistes; el-rei não quiz que o ella o soubesse até acerca da sua partida, por lhe arredar o coração do cuidado que sentia que ella filharia, ali não curou ella de phisicos nem de conselhos de confessores, mas jejuava muito amiude, e fazia grande oração, além do que tinha em costume, cá tanto que era manhã, logo se ia á egreja, onde estava até o meio dia, e tanto que comia e filhava um pouco de repouso, logo tornava a sua oração.

Mandava visitar as casas dos santos, e dar grandes esmolas aos pobres, e fazer outros bens, por acrescentar em seu merecimento, e de como lhe el-rei contou determinadamente sua tenção, e des-ahi o seguimento de sua dór, até que a Devs levou d'este mundo, ouvireis agora, no seguimento d'estes capitulos.

CAPITULO XXXVII

Como el-rei disse á rainha determinadamente sua tenção, e da resposta que lhe a rainha deu, e como por azo d'alguns, que ali adoeceram de peste, el-rei se partiu pera o mosteiro d'Odivellas, e como a rainha ficou pera acabar suas devoções e como em aquelle dia adoeceu.

Porque todo fim principal dos historiadores, está no recontamento das virtuosas pessoas, porque a sua clara memoria, por nenhum prolongamento d'edade possa ser afastada d'ante os presentes, a qual cousa por certo traz comsigo dois proveitosos fins; o primeiro quando amoesta aquelles, que vêm e ouvem o memorial de suas mui virtuosas obras, o qual certamente é aquelle espelho, que Socrates philosopho, mandava que os mancebos esguardasem ameude por tal que os bons feitos de seus antecessores fossem a elles proveitoso ensino, cá assim como no bésteiro não póde ser conhecida aventagem, antes que tire a algum certo signal, assim nenhum bom homem, poderia obrar perfeitamente o auto d'alguma virtude, senão trouvesse ante os olhos a imagem d'algum tão virtuoso, que a sua proveitosa inveja lhe mostrasse o verdadeiro caminho pera chegar ao fim de seu desejo.

O segundo fim e que, se os homens sentissem, que pelo fallecimento de sua vida se acabava toda sua lem-

brança, certamente não se poeriam a tão grandes trabalhos e perigos, como vemos que se manifestamente põem, a qual cousa foi o principal azo porque os primeiros auctores se esforçaram a compoer historias, cá naturalmente toda a creatura racional deseja duração, por cuja razão os primeiros philosophos sentindo este natural desejo, pensando que a morte não vinha aos homens por lei determinada, sómente, por corrompimento dos humores, se trabalhavam muito por buscar arteficio pelo qual os mantivessem em duração, ordenando proveitosas veandas, segundo as qualidades das compreisões, e assim buscaram leituario e mezinhas, porque arredassem as enfermidades do corpo, mas depois que conheceram que em aquello não havia algum proveito, disseram que por quanto o homem era feito de muitos contrarios, de necessidade havia de morrer.

Aristoteles, que d'isto tomou especial cuidado, disse n'aquelle livro que se chama Segredo dos Segredos, que enviou a Alexandre ácerca do fim dos seus dias, que bem certamente elle se maravilhava do homem que comia pão de trigo e carne de dois dentes, poder fallecer naturalmente, e depois que os homens conheceram que por si mesmos determinadamente não podiam durar, buscaram certas maneiras de similhança porque elles fossem aos presentes em certo conhecimento uns fizeram tão grandes sepulturas e assim maravilhosamente obradas que a vista fosse azo de os presentes perguntarem por seu possuidor, outros fizeram ajuntamento de seus bens, havendo a auctoridade real pera o que fizessem morgado pera ficar ao filho maior, de guisa que todos os que d'aquella linhagem decendessem houvessem razão de se lembrarem sempre d'aquelle, que a primeiro

fizera outros se trabalharam de fazerem tão excellentes feitos d'armas, cuja grandeza fosse azo de sua memoria ser exemplo aos que depois viessem, por cuja rasão honravam muito aos historiadores das taes cousas, como diz Valerio que fazia Cypião a Lucano, e assim outros muitos aos seus auctores, e porém dizia Alexandre, o grão rei de Macedonia, que elle seria bem contente de trocar a prosperidade que lhe os Deuses tinham aparelhada, e affastava sua mão de toda a parte, que lhe no ceu podiam dar, por haver um tão alto e tão summo orador pera seus feitos, como tivera Achiles em Homero poeta; e um romano sendo perguntado em um convite, qual era a cousa que mais desejava? disse que saber certamente que depois de sua morte, seus feitos seriam assim, e compridamente escriptos como os elle fizera.

Creio que o dizia porque fôra tres vezes levado no carro do triumpho, e houvera onze corôas d'aquellas que se davam áquelles que primeiramente entravam em algumas cidades ou villas, ou grandes navios quando era em peleja de mar.

E, não sómente filharam os antigos cuidado de escrever os feitos dos virtuosos homens, mas ainda das virtuosas mulheres, assim como se acha na historia da Biblia, da rainha Hester, e de Judith, e assim nas obras de Tito Livio, de Lucrecia e de Virginia, e d'outras similhantes, e se estes auctores assim quizeram remembrar os feitos virtuosos d'aquestas, pequena culpa mereceremos nós ao deante, escrevendo o acontecimento, e virtuoso fim d'aquesta rainha, cujas grandes virtudes são dignas de grande memoria.

Já dissemos a maneira como lhe seus filhos falaram e como lhe el-rei falára em Cintra, e como sua ida, nem do infante D. Duarte, ficava posta em determinação.

Ora sabei, que depois que el-rei de todo teve seus feitos aviados, pera partir, querendo-lhe determinadamente declarar sua vontade, estando um dia na camara folgando com a dita senhora, sendo ahi acerca do seu estrado Brites Gonçalves de Moura e sua filha Mécia Vasques, começou d'ordenar el-rei suas departições, por tal guisa, que chegou á conclusão de sua vontade.

— Senhora, disse elle, como quer que ao tempo que me falastes ácerca da ida de nossos filhos, eu por entonce não determinasse, se não sómente a ida dos infantes D. Pedro e D. Henrique, e pera elles principalmente ordenei todo este feito, consirando como faria grande agravo ao nosso filho, o infante D. Duarte, sendo elle de tal edade e tão desejoso de provar sua força, não ordenar como elle fosse em tal feito, e deshi a mi não seria bem cabido de os mandar assim sem minha presença, pois por a graça de Deus, são em tempo de lhe poder mostrar a ensinança que deprendi em similhantes feitos por continuação de muitos dias, e soffrimento de grandes trabalhos e muitos perigos, e pero que vos algumas vezes tocasse na vontade que tinha de ser em este feito, agora vol-a declaro, que a Deus prazendo, eu entendo d'ir e levar comigo assim ao infante como a seus irmãos.

E como quer que a rainha, dos outros dias passados, sentisse a vontade que el-rei trazia n'aquelle feito, ouvindo-a assim determinadamente, não póde suster sua continencia, que não mostrasse em ella, que havia grande sentimento, cá posto que assim fosse virtuosa, como já ouvistes, a natureza das mulheres em similhantes casos, não póde ser tão esforçada que não faça mover o coração a alguma tristeza, mas Brites Gonçalves e sua filha ouvindo aquellas palavras sol-

taram de todo seus olhos em lagrimas, e a rainha tornando á sua razão disse a el-rei, não como cabia dizer a mulher, mas como quem falava por respeito da linhagem de que descendia.

— Verdade é senhor, disse ella, que eu vos pedi que mandasseis vossos filhos a este feito, e vos disse logo entonce quanto me parecia ser razoado de vós não irdes, e de vós agora mandardes o infante, segundo dizeis, conhecendo quanto lhe é compridouro, como quer que grande sentimento por ello houvesse, meu gosto nunca o poderia mostrar, mas a vossa ida me faz que me não abaste sizo, nem entender pera me reter de não mostrar o que sinto, mas pois vós, por bem houvestes e haveis de ir, a Deus prazendo, elle enderence vossa ida por tal guisa, que seja muito a seu serviço, e vossa honra e de vossos filhos e bem de vossos reinos, e disse contra as outras que estavam chorando com grande sentimento.

— Amigas, não haveis porque chorar, porque o choro em taes casos, não é cousa que aproveite, antes vos rogo que d'aqui em deante uzemos do que a nós, e a nossos officios pertence, isto é encomendarmos a Deus este feito muito afincadamente, fazendo taes obras e bens, porque mereçamos ser ouvidas, e não tão sómente, ainda por nós, mas por todas as virtuosas pessoas, por cujo merecimento sintamos que este feito, póde ser ajudado, cá certo é, que em taes cousas presta muito a oração, segundo se mostrou nos feitos da lei antiga, que pela oração que fazia Moysés, quando o povo dos judeus pelejava, recebia mór ajuda que por suas proprias forças, e nós assim oremos, menosprezando todo o trabalho e cansaço, que se em ello possa seguir, e façamos outros bens, porque nossas orações sejam dignas de ser ouvidas ante

Deus, e isto é melhor, que espargimento de lagrimas, nem outra alguma maneira de grande tristeza, e em acabando esto disse a el-rei:

— Senhor, eu vos peço por mercê, que se me Deus quizer dar dias de vida, que chegue até o tempo de vossa partida, que vós façaes vossos filhos cavalleiros presente mi, ao tempo de vosso embarcamento, com senhas espadas, que lhe eu darei, e com a minha benção, cá posto que seja dito, que as armas das mulheres enfraquecem os corações dos cavalleiros, bem creio que, segundo a geração de que eu venho, nunca serão enfraquecidos por as receberem de minha mão.

Ao que el-rei respondeu, lhe prazia muito.

A rainha mandou ao outro dia chamar João Vasques d'Almada, ao qual disse que lhe mandasse fazer tres espadas, e as mandasse guarnecer mui ricamente de ouro, e alifres e de pedras preciosas, e tanto que fossem acabadas lh'as trouxesse, des-ahi proseguindo ella em suas orações, que tanto era manhã logo se ia á egreja, onde estava até o meio dia, e tanto que era vespera, logo se tornava a ella e estava até noite, que se tornava para a sua casa, onde despendia o serão, não em danças, nem em outros desenfadamentos d'este mundo, sómente em espiritual contemplação.

Além d'esto mandou a rainha, por muitos mosteiros, grandes esmolas, e assim a outras algumas pessoas que ella sabia que eram de boa vida, encommendando-lhe que toda sua principal intenção, fosse encommendar a Deus, que lhe prouvesse, por sua piedade, trazer aquelle feito a proveitoso fim, e estando assim alguns dias, seguiu-se que adoeceram algumas pessoas de peste, em aquelle logar de Sacavem, e esto

era porque a peste andava muito grande em Lisboa, como já ouvistes, e por ser tão perto da conversação da gente, que era necessario, que tivessem uma com outra, a necessidade do tempo não podia ser, que o dito logar fosse largamente livre d'aquelle padecimento, e como el-rei soube, que alli adoeceram aquellas pessoas, disse á rainha, que seria bem que se partissem logo antes de comer.

— Senhor, disse ella, vós vos podeis logo partir, que eu depois que acabar meus officios, me partirei, cá mulher tão velha, como eu, não deve haver medo de peste, e isto dizia a rainha, porque ella era entonce de edade de cincoenta e tres annos.

— Pois senhora, disse el-rei, que vós assim quereis, podeil-o fazer, mas peço-vos, que o mais cedo que poderdes vos partaes d'este logar.

Entonce se partiu el-rei, caminho do mosteiro de Odivellas, e a rainha não quiz partir até o meio dia, como dissera, e estando assim na egreja lhe deu a dôr de peste, não porém que ella sentisse, que era similhante enfermidade, sómente imaginava que seria outra alguma dôr, que viria por causa de sua fraqueza, segundo lhe já outras vezes viera, e assim partiu caminho do dito mosteiro.

CAPITULO XXXVIII

Como o infante D. Henrique e o conde D. Affonso chegaram a Odivellas, e como a dôr se acrescentou á rainha.

É agora pera fallar, como as novas foram tão azinha a el-rei, como se a rainha sentia, cá por azo d'aquelle ar corrupto que assim andava, não podia alguem sentir nenhuma enfermidade, que logo pelo prezente cuidasse que era outra cousa, mas tanto que a rainha chegou, a el-rei foi a vêr, assim como aquelle que de sua enfermidade tinha maior cuidado que outra alguma pessoa, e muito foi ledo, quando achou tão boa mostrança de continencia, pelo que lhe pareceu, que sua enfermidade, não era causa de perigo, e em este ensejo, sendo já, porém, passados tres dias da enfermidade da dita senhora, chegou ahi o infante D. Henrique e o conde D. Affonso, com todos os outros senhores e fidalgos, que vinham em a sua frota, os quaes logo ao outro dia, depois que chegaram a Restello, foram a Odivellas fazer reverencia a el-rei e á rainha e ao infante D. Duarte, e mui graciosamente foram recebidos d'el-rei, especialmente o infante, e muito ledo fôra elle, quando o dia passado lhe fôra contado pelo meudo, como a frota vinha do Porto e a ordenança que trazia, e sobretodo, a grande diligencia que o infante tivera em dar aviamento.

— Bem parece, meu filho, disse elle, que o cargo

que vos eu dei não foi filhado por vós, como por homem de vossa edade, cá segundo me contaram toda vossa frota vem mui bem aviada, como de homem que tem vontade de me servir, e acrescentar em sua honra, e bem podeis dizer, que tivestes maior diligencia em vosso corregimento, do que nós tivemos no nosso, pois que fostes prestes, primeiro que nós; e entonce foram falar á rainha, a qual com a força do grande prazer, encobria o mal da enfermidade, cá assim o recebeu com tão boa continencia, que pouco parecia mulher sentida de tamanha dôr, mas a ledice, que o infante D. Duarte trazia, era cousa que póderia pelo presente ser mal contada, porque até aquelle tempo, sua ida estivera encoberta pela guisa em que estivera a d'el-rei, por cuja razão lhe fôra necessario, posto que bem soubesse que havia d'ir, mostrar fingida tristeza, por fazer crêr aos outros, a certeza de sua ficada, nem tinha outrosim ouzadia de aviar nenhuns corregimentos de sua pessoa, por arredar todos os azos, porque aquelle segredo podesse ser corrompido, sómente quanto mandara a João Vasques d'Almada, que fizesse mui bem correger sua galé, por quanto ordenava de ir com ella, e assim com aquella ledice e boa vontade, que trazia, recebeu a seus irmãos, e a toda a outra boa gente, que com elle vinha, e por certo não era fingida a boa vontade, que elle n'aquelle feito trazia, por a qual se podia conhecer parte da grandeza de seu coração, e posto que o tempo fosse pouco, nenhuma cousa lhe faleceu pera seu corregimento, cá tambem e tão compridamente houve todas as cousas, que pertenciam pera corregimento de sua pessoa, como se dés o começo d'aquelles feitos, mandára ordenar seu corregimento, e bem é de crêr, que se a doença da rainha, não fôra, que

ainda o infante D. Henrique fôra d'elle muito melhor agazalhado, cá além do grande amor que lhe havia, muito se desenfadára de falar no começo d'aquelles feitos, de como os Deus trouxera por sua graça, a tempo de os poderem proseguir.

Já o infante D. Pedro a aquelle tempo estava na frota, como aquelle que tinha a capitania de todas as naus, e assim tinha a sua nau certo signal, porque fosse conhecida entre todas as outras, cá levava grande estandarte, avantajado dos outros, e um farol de noite segundo costume, mas a capitania de todas as galés era d'el-rei, e depois que o infante D. Henrique falou áquelles senhores tornaram-se ambos os infantes e conde pera a frota, pensando que a doença da rainha não fosse a que depois pareceu, cá logo no dia seguinte, o infante D. Duarte, mandou chamar os infantes seus irmãos, fazendo-lhe saber, como a rainha sua senhora, e madre se sentia muito mal, os quaes, logo trigosamente cavalgaram, e se foram a Odivellas, onde estiveram até o acabamento da dita senhora.

Não foi sua tristeza pouca, quando chegaram á rainha, e a acharam tão afflicada da dôr, tomando mui grande cuidado de a servir assim no presente, como depois, e lhe faziam buscar todos os remedios que se podiam achar pera aliviamento de sua enfermidade, e posto que todos grande cuidado tivessem, o principal encargo era do infante D. Duarte, o qual com grande diligencia, nunca podia dar o seu cuidado a outra cousa, senão a pensar e requerer todas as mezinhas e cousas, que pertenciam pera remedio da rainha, e não sei (diz o auctor) em quantas maneiras louve tanta virtude de principes, por certo se o proprio entendimento d'aquelle preceito, que foi escripto na segunda taboa, que diz que aquelle que honrar seu

padre e madre, viveria longamente sobre a terra, e quanto a esta vida corporal bem creio, que estes deviam cumpridamente ser aquelles, certamente assim foram sempre obedientes a el-rei seu senhor e padre, e á rainha sua madre, que nem aquelle filho de Veturia Cariola de que Valerio faz menção, nem outros alguns, que sejam emmentados na escriptura, não se póde egualar a este, e esto não entenda algum que se diz, por falar de graça, cá eu que esta historia escrevi, li mui grande parte das chronicas e livros historicos, e nunca em ellas achei similhante.

Todos os outros cuidados da guerra, em aquelles dias foram esquecidos, e sómente a occupação era em ouvir phisicos e surgiões, e poer em execução todas as cousas que elles ordenavam pera saude d'aquella senhora, como quer que seus remedios e trabalhos pouco prestassem, porque a dôr se acrescentava muito mais á rainha, cá a determinação da fim não tem algum certo remedio, cá escripto é (posuisti terminos eius, etc.) da qual cousa el rei estava mui anojado, como aquelle que conhecia a perda que se lhe seguia por morte de tão boa mulher, com a qual havia vinte e sete annos que estava cazado sem algum entrepoimento de desacordo, que entre elles houvesse, antes muito amor e concordia, como já ouvistes, e tamanho era o sentimento que el-rei tomava pela enfermidade da rainha, que se lhe privava o comer e dormir, por cuja razão muitos presumiam que se lhe seguiria alguma grande enfermidade por aquelle azo, se não fôra seu mui grande esforço.

CAPITULO XXXIX

Como a rainha havia verdadeiro conhecimento de sua morte, e das obras que acerca d'ello fazia, e como deu o Lenho da cruz a seus filhos.

Já falei em outro logar em aquella sentença do philosopho, como todos os homens naturalmente desejam saber, e falei tão sómente n'este natural desejo, quanto ás cousas temporaes, assim como as cousas que são dadas ao homem como principaes do verdadeiro saber, cá toda sabedoria em este mundo seria cousa de pouco valor, sómente porque por ella podemos chegar áquelle verdadeiro conhecimento das obras, porque a alma recebe salvação, porque todo saber sem Deus, não é saber, porém todo o fim da virtuosa vida é no verdadeiro conhecimento de Deus.

E porque já muitas vezes falamos nas grandes virtudes que havia em esta rainha, é de saber como lhe Nosso Senhor quiz dar conhecimento do verdadeiro saber, mostrando-lhe a escuridade da presente vida, por intrinseco amor que lhe deu de si mesmo, com certo conhecimento da fim de sua vida, e posto que o juizo d'alma seja sómente no conspecto de Nosso Senhor Deus, o qual segredo quiz que não soubesse nenhuma pessoa vestida em esta carne humana.

Todos os sabedores, especialmente S. Thomaz, que por comtemplação divinal, subiu ao monte do verdadeiro saber, tem que quando a creatura acerca de

sua fim, ha verdadeiro conhecimento do Creador e, se arrepende amargosamente dos seus peccados, que o juizo d'este, é a verdadeira salvação, o qual signal se póde conhecer por aquelles que em similhantes tempos falam com seus abades quaesquer faltas, que sentem em suas consciencias, segundo aquelle santo conselho que o Propheta ensina no psalmo dizendo:

«Eu tornarei por todos os meus annos atraz, alimpando as entranhas de minha consciencia, pera te recontar as amarguras de minha alma»; por o qual arrependimento poderemos verdadeiramente saber como aquesta santa rainha, cobrou a verdadeira bemaventurança, cá posto que muito ameude fosse confessada, em todos os outros tempos, depois que se a enfermidade esforçou em ella, falou mui compridamente com seu abbade, e em satisfação d'alguns encargos, se os tinha, mandou fazer muitas esmolas, e outras grandes obras de piedade, dizendo muitas razões em arrependimento de seus peccados, as quaes faziam grande contrição a aquelle seu confessor, e acabado esto, fez chamar seus filhos.— Deus sabe, disse ella, tamanho desejo sempre tive, de vêr a hora, em que vos vosso padre fizesse cavalleiros, e pera ello mandei fazer e guarnecer tres espadas, e pois a Deus apraz, que eu em este mundo não veja tamanho prazer, Elle seja louvado por todo, e logo mandou saber se lhe enviara já João Vasques as ditas espadas, e disseram-lhe que não.

— Pois, disse ella, vão logo trigosamente a Lisboa, e façam-m'as trazer. Quizera, meus filhos, disse ella contra os infantes, dar-vos agora as espadas, em que vos antes falei, mas por não serem aqui, leixo de vol-as dar, pero dar-vos-hei o verdadeiro escudo de

fortaleza e defensão, que é o lenho da Vera Cruz, e de manhã, a Deus prazendo, vos darei as espadas.

E entonce mandou trazer uma cruz d'aquelle verdadeiro pau, em que Nosso Senhor Jesus Christo padeceu, e partiu-o em quatro partes, segundo os quatro braços, que estão na cruz, e deu a cada um dos infantes seu braço e o quarto guardou pera el-rei seu senhor.

— Meus filhos, disse ella, eu vos rogo, que vós recebaes esta preciosa joia, que vos eu dou com grande devoção, e que creaes perfeitamente na grande virtude que Deus em ella poz, e como é perfeito remedio pera todos os perigos da alma e do corpo, e quem n'ella tem verdadeira fiuza cobra escudo firme e forte pera sua defensão, contra o qual não póde empecer nenhum imigo espiritual nem temporal, especialmente contra os infieis, e não tão sómente é defensão contra elles, mas ainda destruimento, segundo se conta no seu officio, o qual diz:

«Fugi partes adversas, cá venceu o Leão, o qual é Jesus Christo, que n'ella padeceu.»

— Eu vos rogo, filhos, que sempre continuamente o queiraes trazer comvosco, que não sabeis os dias, nem as horas dos perigos; e elles lhe beijaram as mãos e lh'o tiveram muito em mercê, no fim da qual pratica lhe lançou a sua benção.

CAPITULO XL

Como a rainha deu as espadas aos infantes, e das razões que disse a cada um, quando lhe deu a sua espada.

Zelo de grande amor, mostrou sempre a rainha aos infantes, especialmente acerca d'este tempo, em que falamos, a qual causa, foi sempre d'elles muito conhecida, em especial n'aquelle Lenho da Cruz, que lhe assim deu, o qual elles filharam com mui grande devoção, e assim o trouxeram sempre comsigo em todos os dias da sua vida, e tão continuo o trazia o infante D. Duarte, que depois de rei, ao tempo de seu fallecimento, quando morreu o soterraram com elle, e depois de muitos dias se lembraram que o levava, e abriram a cova d'onde jazia, pera lh'o tirarem, o qual houve a rainha sua mulher.

E o infante D. Pedro não sabemos que maneira teve com o seu, emperó bem é de crêr que homem tão catholico como elle era, não partiria de si cousa tão boa, nem tão santa.

Mas do infante D. Henrique, podemos-vos dar certo testemunho, porque ao tempo que escrevemos esta historia, elle era de cincoenta e seis annos, e falando ácerca d'esto nos disse, que nunca lhe lembrava depois que o dito Lenho lhe fôra dado, que o tivesse fóra de si, sómente um dia que o tirára por não atentar em desvestindo a camisa, e ouvimos depois a Luiz

de Sousa Carneiro, da ordem de Christo, seu camareiro mór, e filho de Gonçalo Rodrigues de Sousa, que quando se o dito infante finou que lhe tirára o dito Lenho da Cruz, e o déra a el-rei em Evora, com o sinete, e o seu livro de rezar.

Acabando assim estas cousas, chegou ahi João Vasques d'Almada, que trazia feitas e guarnecidas aquellas espadas em que já falámos, com as quaes muito prouve á rainha, pera com ellas conseguir seu bom proposito, e tanto que as teve em seu poder, fez chegar pera a par de si, seus filhos, e tomou a espada maior e disse contra o infante D. Duarte.

— Meu filho, porque Deus vos quiz escolher entre vossos irmãos pera serdes herdeiro d'estes reinos, e terdes o regimento e justiça d'elles, a qual já el-rei vosso padre vos tem cometido, conhecendo vossas virtudes e bondades, tão cumpridamente, como se já vosso fosse, eu vos dou esta espada e vos encomendo que vos seja espada de justiça, pera regerdes os grandes e os pequenos d'estes reinos, depois que a Deus prouver que sejam em vosso poder, por fallecimento d'el-rei vosso padre, eu vos encomendo seus povos, e vos rogo, que com toda a fortaleza, sejaes sempre a elles defensão, não consentindo que lhe seja feito algum desaguisado mas a todos cumprimento de direito e justiça, e vê les filho, como digo justiça, justiça com piedade, cá a justiça que em alguma parte não é piedosa, não é chamada justiça mas crueldade, e eu vos rogo e encomendo, que queiraes ser cavalleiro com esta espada, e estas espadas mandei assim fazer, pera as dar a vós e a vossos irmãos, ante de vossa partida, pera vos el-rei meu senhor fazer com ellas cavalleiros, presente mi, como já disse, mas a Deus aprouve de não ser assim, po-

rém vos rogo, que sem empaxo, vós queiraes filhar esta de minha mão, a qual vos eu dou, com a minha benção e de vossos avós d'onde eu descendo, e como quer que seja cousa empachosa, os cavalleiros tomarem armas das mãos das mulheres, eu vos rogo que não queiraes ter ácerca d'esta que vos eu dou similhante embargo, cá segundo a linhagem, d'onde descendo, e a vontade que tenho pera acrescentar vossas honras, não entendo que por ello empecimento nem damno vos possa vir, antes que a minha benção e d'elles vos fará mui grande ajuda.

O infante D. Duarte, com grande obediencia, poz os giolhos em terra, e lhe beijou a mão, dizendo que elle cumpriria o que lhe ella assim mandava, com mui boa vontade, o que certo nunca lhe esqueceu em todos seus dias, antes o cumpriu mui perfeitamente, como ao deante será contado.

A rainha ouvindo-lhe aquellas palavras, prouve-lhe muito, e alçou a mão e deitou-lhe a benção, e depois tomou a outra espada e chamou o infante D. Pedro e disse-lhe:

— Meu filho, porque sempre desde a meninice, vos vi muito chegado á honra e serviço das donas e donzellas, que é uma cousa, que especialmente deve ser encomendada aos cavalleiros, e porque a vosso irmão, encomendei os povos, encomendo ellas a vós, as quaes vos rogo que hajaes sempre em vossa encomenda.

Elle lhe respondeu que lhe prazia muito, e que assim o faria sem duvida, e entonce se poz em giolhos e lhe beijou a mão, e ella disse que lhe rogava que fosse com ella cavalleiro, dizendo-lhe outras muitas razões, como dissera ao infante D. Duarte, e depois lhe deitou a benção.

Mas é de consirar com que continencias os infan-

tes ouviam similhantes palavras, cá no tratamento de similhante razoado, não se podia escusar grande multidão de lagrimas, as quaes, posto que as elles fortemente retivessem, suas continencias estavam mui tristes, ouvindo as palavras, que lhe a rainha dizia, com tanto amor, sizo e conhecimento de sua morte, e ella outrosim, vendo o grande sentido, que os filhos haviam de seu padecimento, alem de sua dôr, havia por ello grande sentimento de tristeza.

Ainda nos fica por dizer da terceira espada, que foi dada ao infante D. Henrique, o qual a rainha chamou dizendo:

— Meu filho, chegai-vos pera cá; vestindo ella sua continencia de nova ledice, e enchendo sua boca de rizo, e mui honestamente disse:

— Bem vistes a repartição que fiz das outras espadas, que dei a vossos irmãos, e esta terceira guardei pera vós, a qual eu tenho que assim como vós sois forte, assim é ella, e porque a um de vossos irmãos encomendei os povos, e a outro as donas e donzellas, a vós quero eu encomendar todos os senhores cavalleiros e fidalgos e escudeiros d'este reino, os quaes vos encomendo, que hajaes em vosso especial encarrego, cá posto que todos sejam d'el-rei, e elle d'elles tenha especial cuidado, cada um segundo seu estado, elles porem haverão mister vossa ajuda, pera serem mantendos em direito, e lhe serem feitas aquellas mercês que fôr razão, cá muitas vezes acontece, que por informações falsas, e requerimentos sobejos dos povos, os reis fazem contra elles o que não devem, pera o qual carrego vos escolhi, conhecendo de vós quanto amor lhe sempre tivestes e vol-os encomendo, que alem de vossa boa vontade, vos seja posto por necessidade. Eu vos dou esta espada, com a minha benção, com a

qual vos encomendo, e rogo que queiraes ser cavalleiro.

Não poderia bem declarar por escripto a grande tristeza com que o infante D. Henrique estava, porque além das boas vontades de seus irmãos, elle havia razão de a ter muito maior, como no seguinte capitulo será contado.

— Senhora, disse o infante, vossa mercê seja muito certa, que emquanto me a vida durar, terei firme lembrança de todo aquello que me ora assim encommendaes, pera cumprimento do qual, offereço todo meu poder e boa vontade.

Entonce lhe beijou a mão, dizendo que lhe tinha em mercê aquella espada, que lhe assim dava, a qual elle não sabia estimar em nenhum preço.

A rainha, ouvindo-lhe aquellas palavras, esforçou-se-lhe a vontade pera rir, e alçou a mão, e lançou-lhe a sua benção.

CAPITULO XLI

Como a rainha tornou a falar ao infante D. Duarte e lhe encommendou os infantes seus irmãos e Brites Gonçalves de Moura e Mécia Vaz sua filha; e assim todas as outras suas cousas.

Bem mostrava a rainha em aquellas palavras, que assim disse ao infante D. Henrique, que o amava especialmente, e portanto dissemos no capitulo antes d'este, que elle havia razão de ter em si mór tristeza que algum dos seus irmãos, e podemos

inda entender que a rainha sentia por divinal reve-
ção quaes, e quejandas virtudes havia de ter ao deante
infante seu filho, e posto que já agora razoadamente
m ellas podessemos falar, leixemo-las pera depois, por
alarmos de cada cousa em seu proprio logar, e quanto
encomenda que lhe sua madre deu, elle lh'a mante-
e tão cumpridamente, como lh'a prometeu, e d'esto
ou eu bem certa testemunha, porque vivendo com
l-rei D. Duarte, cuja alma Deus tenha na bemaven-
urança, vi por muitas vezes seus grandes requerimen-
os que fazia por muitos senhores, fidalgos e cavallei-
os, pelos quaes remedeava seus feitos, e acrescentava
m suas honras.

Vi outrosim, que ao tempo que a rainha D. Leo-
or, foi em desacordo com o infante D. Pedro, mui-
os fidalgos e escudeiros d'este reino, foram em ponto
le se perder, senão acharam em elle amparo e ajuda,
sobre todo, do que elle tinha nunca foi negado a
odos aquelles que se a elle soccorriam, fazendo-lhe
nuitas mercês a cada um, segundo seu estado.

Depois que a rainha deu as espadas a seus filhos,
como iá ouvistes disse ao infante D. Duarte:

— Filho, eu vos rogo, pois, que vos Deus fez n'este
mundo senhor de vossos irmãos, que vós tenhaes es-
pecial cuidado d'elles, e os hajaes por vossos especiaes
servidores, honrando-os sempre, quanto em vós fôr;
e fazendo-lhe as mercês que merece ser feitas a taes
e tão bons irmãos, como n'elles tendes, e não creaes
que outros melhores servidores que elles, possaes ter,
nem queiraes prepoer a elles outros alguns, cá quando
vos lembrar que são meus filhos, e de vosso padre,
que vos tanto amamos, com razão deveis crêr que el-
les não podem al desejar senão vossa honra e serviço.
E posto que alguns, por inveja, se entremetam a vos

dizer alguma cousa contra elles, nunca lhe deis cumprida fé, antes primeiro os ouvi, e bem creio que achareis que elles nunca se apartem d'aquella verdadeira tenção, que devem ter a seu irmão e senhor.

Por certo, (diz o auctor) esto guardou o infante D. Duarte mui especialmente, o que eu vi mui bem, quando o infante D. Henrique veiu de Tanger, porque alguns d'aquelles fidalgos que com elle foram, querendo encobrir suas faltas, diziam algumas cousas contra o infante, ás quaes elle não quiz dar nenhuma fé, antes dizia que seu irmão não poderia fazer cousa que não fosse justa e boa, mas que elles o diziam por se escusar do que contra elles arrozoadamente podia ser dito, e não tão sómente guardava isto entre seus irmãos, mas com todas as pessoas do seu reino, cá tanto era bom, que tarde ou por grande força, podia crêr mal algum de nenhuma pessoa, e bem creio, segundo já disse em outro logar, que não é esta pequena virtude, pera qualquer principe, especialmente pera aquelles, em cujo regimento, é posta a vara de justiça.

— Outrosim, disse a rainha, vos encomendo Brites Gonçalves de Moura e Mécia Vaz sua filha, que são mulheres que me tem bem servido, e sabeis a conta em que as sempre tive, e assim vos encomendo todas as outras minhas servidoras e creadas.

Ao que o infante respondeu, que lhe tinha muito em mercê deixar-lhe tal encomenda, a qual elle cumpria o melhor que podesse, e que a Deus aprazeria de o ajudar, por tal guisa que sua vontade e mandado fosse em perfeita execução, e entonce disse aos infantes D. Pedro e D. Henrique.

— Filhos, deveis crêr firmemente, que Deus ordena todas as cousas, como ha por bem, e todos os bons

devem conformar a sua vontade, com o seu querer, e a Elle aprouve por sua mercê, de ordenar que vosso irmão fosse herdeiro d'este reino, e vosso senhor, da qual cousa vós deveis ser muito contentes, consirando que pois haveis de ser servidores, que o sois d'um vosso irmão mais velho, o qual conhecidamente é tão bom como vós sabeis, e vos tanto ama, e do seu pouco, segundo a disposição da terra, vos deveis mais contentar, que do muito de outro algum principe, ainda que fosse o maior do mundo, e porém o deveis sempre servir e amar, com grande vontade e desejo.

E os infantes com grande mesura responderam á rainha que lhe tinham muito em mercê similhante conselho, o qual elles com a graça de Deus, poeriam em obra mui cumpridamente, porque além da razão e natureza e sangue, que com elle haviam, os constrangia a ello mandar-lh'o ella, a qual cousa foi por elles mui bem guardada, cá em todos os dias do dito senhor, o serviram e amaram com grande vontade e obediencia.

CAPITULO XLII

Como o infante D. Pedro requereu á rainha que fosse sua mercê leixar as suas terras á infanta sua irmã, e como lhe foram outorgadas.

Não me posso partir d'este razoado, posto que o seu recontamento me cause tristeza, conhecendo quanto a sua contemplação é proveitosa pera ensinança d'aquellas pessoas que verdadeiramente querem conseguir virtude.

Crêmos que já fica escripto no outro volume, em que se recohtam, os feitos passados d'el-rei D. João, quantos filhos elle houve da rainha sua mulher, e como não houve mais d'uma filha, que depois foi duqueza de Borgonha, a qual a aquelle tempo, era mulher de perfeita edade.

E vindo a rainha sua madre e senhora n'aquella disposição, apartou-se d'alli com as outras senhoras e donzellas, onde estava com grande tristeza, rogando a Deus, pela saude da dita senhora, e depois que ella assim repartiu suas encomendas, como já ouvistes, chegou-se a ella Brites Gonçalves de Moura, e disse-lhe:

— Senhora, parece-me que todos os do reino haveis encommendado a vosso filho o infante, e não tivestes lembrança da infanta vossa filha, que é mulher e em tal edade como sabeis, o qual é mais necessario ser encomendada a elle, que outra nenhuma pessoa.

— A meu filho, respondeu ella, todas minhas cou-

sas são encomendadas, especialmente minha filha de que elle sabe que eu tenho tamanho cuidado, e porém não curei de lhe falar em ella, sentindo que elle é tal, que lhe não fará mingua ser-lhe dito por mi d'ella.

O infante D. Pedro, que ahi estava, disse á rainha:

— Senhora, se vossa mercê fosse, a mi parecia bem chamarem a el-rei, e lhe pedirdes que as terras que vós tendes, que haja por bem dal-as á infanta sua filha, pera seu soportamento emquanto não ha outra rainha.

E os infantes ajudando as razões de seu irmão, disseram que lhe parecia muito bem de se fazer assim, sobre o qual o infante D. Henrique foi falar a el-rei seu padre, por mandado da dita Senhora, dizendo como a rainha lhe enviava pedir que chegasse lá, pera falar com elle algumas cousas, que lhe era necessario, no que el-rei não poz nenhuma tardança.

— Senhor, disse ella, de todos quantos estão n'este reino, de que eu tinha carrego, eu não sei quem vos haja de encomendar em esta hora em que estou, porque de todos sinto que tendes especial cuidado principalmente dos que meus são, e me serviram, segundo os bens e mercês, que lhe sempre fazeis. Bem creio, segundo as grandes virtudes que Deus em vós poz, que depois de minha morte, lh'o fareis assim cumpridamente, e ainda muito melhor, mas porque vossa Senhoria bem sabe, como a infanta nossa filha é já quasi de dezenove annos, e como tem forma cumprida de mulher, e que depois de minha morte todas as senhoras, donas e donzellas, que andam em minha casa é necessario que fiquem a ella, e que ella as sustente com vossa mercê e ajuda, porém eu vos peço, que as terras que eu de vós tinha, que lhe façaes

d'ellas mercê, até que a Deus praza de lhe trazer casamento, ou que venha rainha a este reino, ainda que eu espero em Deus, que vós a casareis mui cedo, como é razão.

E como quer que el-rei fosse homem de tamanho coração como já ouvistes, pelo grande amor que havia á rainha, ouvindo-lhe suas palavras não se pôde ter que não chorasse, e assim com os olhos cheios d'agua, lhe respondeu.

— Senhora, eu sou muito ledo de cumprir todo esto que me vós requereis, e mais ainda lhe faço mercê e doação de todas as joias e baixellas e os corregimentos que de vós ficarem, e mi a pertencerem.

E ella disse que lh'o tinha muito em mercê, e a infanta que já ahi estava, lhe foi beijar a mão, e á rainha sua madre, e por similhante guisa fizeram os infantes todos tres, que presentes estavam.

Não falamos aqui do infante D. João, nem do infante D. Fernando, porquanto os mandara do dito mosteiro, por razão da dita pestelença que assim andava entre elles, consirando porquanto eram assim moços, que lhe poderia mais azinha aquelle ar empecer, porque um d'elles havia quinze annos e o outro doze, e assim ficaram em este reino com a infanta sua irmã, sob a governança do mestre d'Aviz, a que o regimento do reino ficou encomendado.

E por acabarmos de todo as encomendas da rainha haveis de saber que depois que se el-rei assim partiu d'ella e a infanta sua filha, ficaram os infantes todos tres, e o infante D. Duarte se apartou com os phisicos e surgiões, pera falar com elles em razão da cura que pertencia á rainha sua madre, e ficando os outros infantes juntos com ella, assim fraca como ella estava lhe começou a dizer:

— Porque sempre vos vi, em um amor e vontade, sem haver entre vós nenhuma desavença, por obra nem por palavra, assim como verdadeiros irmãos, vos rogo e encomendo, que assim como vos até aqui amastes, assim vos ameis d'aqui em deante, em serviço de Nosso Senhor, e sempre vossos feitos irão de bem em melhor, e não haverá nenhum no reino, que vos possa empecer, e se fordes desvairados e inimigos, não haverá em vós a força que ha, sendo ambos em um amor, como claramente podeis entender, pelo exemplo da frecha, de que em nossa terra ha uma historia, em que se diz que ligeiramente pode um homem quebrar uma e uma, e pera quebrar muitas juntas, cumpre muito mór força; e os infantes lhe disseram que prazeria a Deus, que assim o fariam, e certamente sempre entre elles foi grande amor, e não tão sómente quanto ás vontades de dentro, mas ainda por certos signaes de fóra, cá nos motes e divisas, assim tomaram ambos quasi uma similhança, cá o infante D. Pedro, trazia no seu escudo por mote, Desejo, e a sua erva carrasco, e ainda se acertara que a repartição das terras era assim junta uma com outra.

Mas do que se depois seguiu, ácerca da morte do infante D. Pedro, fica um grande processo, pera contar adeante, onde perfeitamente podereis saber quanto o infante D. Henrique trabalhou por salvação de seu irmão, e muitos que em esto falaram, não como homens que inteiramente sabiam a verdade, disseram que o infante podera dar vida a seu irmão, se tivera boa vontade de o fazer, o que é certo que se fôra contra outra alguma pessoa, elle trabalhara em ello como por si mesmo, mas contra seu rei e senhor, achou que o não podia fazer, sem quebrantar sua lealdade, o que elle dizia que o não faria, não tão sómente por seu

irmão, mas por mil filhos, ainda que os tivera, nem ainda por salvação de si mesmo, posto que por sua defensão se podesse salvar, das quaes cousas a obra foi manifesta testemunha.

CAPITULO XLIII

Como os infantes pediram a el-rei que se partisse d'alli, e do conselho que ácerca d'ello tiveram, e das visões que a rainha viu antes de sua morte.

Se quizessemos julgar determinadamente qual era o logar que Nosso Senhor tinha aparelhado, á alma da rainha, bem poderiamos dizer, julgando as cousas do outro mundo pelas circumstancias d'este, que era aquelle onde os bemaventurados tem o seu alojamento perduravel, cá dito é pela bocca da verdade, da abondança do coração fala a boua, porque cada um nunca prophetiza senão d'aquello que deseja, e quem ouviu taes razões como a rainha dizia antes de sua fim, bem poderia julgar que as não falava senão por espirito prophetico, segundo podeis vêr pelas seguintes palavras, cá estando assim depois que falou a seus filhos, estando elles assim, junto com a sua cama, começou o vento a se esforçar em tal guisa, que o sentiam aquelles que estavam na casa, e a rainha perguntou que vento era o que assim corria.

Os infantes lhe disseram, que era Aguião.

— Creio, disse ella, que bom seria este pera vossa

viagem; respondeu-lhe o infante, que era o melhor que ahi havia.

— Que cousa tão estranha, disse ella, eu que tanto desejava vêr o dia de vossa partida, em que pensava tomar tamanho prazer, por razão da vontade que tenho de vêr vossa cavallaria, segundo cumpre a vosso real estado, ser eu agora tamanho estorvo d'ella, e demais ser certa de a não poder aqui vêr.

— A Deus prazerá senhora, disse o infante D. Duarte, vós a vereis tão cumpridamente como desejaes, cá posto que agora sejaes em tal ponto, por razão de vossa enfermidade, outros muitos foram já muito mais doentes, e prouve a Deus de lhe dar saude, assim lhe prazerá por sua mercê, de a dar a vós, porque nos vejaes fazer cavalleiros, e partir nossa viagem como desejaes.

— A Deus prazerá, disse a rainha, de me não dar n'este mundo tal prazer, porque entendo que se m'o aqui desse, que me minguaria alguma parte da bemaventurança do outro, cá espero na sua mercê, que pois lhe praz de eu aqui não vêr prazer, de m'o dar no outro mundo, onde me será mais proveito pera a saude perduravel.

O infante tornou a repetir que todavia ella haveria prazer n'este mundo, como ante dissera, e haveria saude, e veria o que desejava.

Mas ella, como mulher, que das cousas temporaes, não tinha algum sentido, começou de dizer:

— «E subirei no alto, e de lá vos verei, e a minha doença não torvará a vossa ida, cá vos partireis por festa de Santiago»; do que foram serão maravilhados, duvidando muito de tal cousa poder ser, porque d'alli até aquella festa, não havia mais de oito dias, e por enhum modo podiam cuidar que a ida se podesse en-

n

caminhar em tão breve tempo, segundo a disposição das cousas, cá se a rainha vivesse, havia mister mais tempo pera sahir da fraqueza em que já estava, e de razão elles não haviam de fazer movimento até que ella fosse em melhor ponto, e se morresse convinha de serem feitas suas exequias, como pertencia a seu real estado, e parecia a cada um que esto consirava que era necessario passarem primeiro alguns dias, antes que el-rei passasse o sentimento de tamanho nojo, pera haver de tomar conselho ácerca de sua ida.

Empero a santa rainha, falava como quem o sabia, cá assim foi perfeitamente cumprido, como ao deante será contado, porque a hora da morte é a mais forte cousa e a mais terribel que se pode achar entre todos os tormentos do mundo, onde tem muitos que as almas são assim apressadas com infernaes visões que lhe alli apparecem, que o espanto lhe faz perder a verdadeira fortaleza; cá posto que Nossa Senhora fosse tão fóra do pecado como todos verdadeiramente cremos, não pode consentir na dita hora similhantes visões, segundo se lê, que pediu a seu filho que lh'as não mostrasse.

Pois quando Ella que é Madre de Deus, e a mais santa entre todas as creaturas, teve este receio, que pensamento deve ser o nosso, quando pensarmos o estado em que somos? principalmente os principes terreaes que tamanho logar tem de pecar, os quaes posto que muito virtuosos sejam, não podem porém, segundo diz Salomão, andar de cote sobre as brazas, que não escaldem seus pés, nem trazer o fogo em seu seio, que se lhe não queimem os vestidos, pelo qual se escreve no Apocalipse: «nome tens que vivas, e és morto», e porém hão perigoso porto, cá assim como o grande navio, e muito carregado, ha mister mais sa-

bedores e fortes marinheiros, que outro mais pequeno, isto mesmo é dos grandes senhores aos outros homens, e deveis porém de crêr, que assim como elles tem livre poder sem prema de algum superior, pera peccar em esta vida, assim tem grande merecimento na outra, aquelles que por virtude o leixam de fazer, e assim lhes é maior excellencia, prometida no outro mundo, segundo verdadeiro testemunho do evangelista, que disse que resplandeciam assim como sol, e muitas historias ha ahi de muitos e grandes principes, porque Deus fez muitos milagres, assim como se acha d'aquella santa rainha D. Izabel, que foi mulher d'el-rei D. Diniz, que jaz em Santa Clara de Coimbra, á qual foi revelado o dia de sua morte, e d'el-rei D. Pedro, que sendo partido d'esta vida, por bom espaço, tornou sua alma outra vez á carne, pera confessar um só peccado, sem cuja penitencia, não podia receber a bemaventurança da gloria.

Esta rainha D. Filippa, estando n'aquelle ponto, que já ouvistes, lhe apareceu Nossa Senhora, pera lhe dar verdadeiro esforço pera a passagem d'aquella hora, cá depois d'estas cousas que já dissemos, ella endereçou seu rosto pera cima, tendo seus olhos direitos pera o ceu, sem nenhum mudamento de continencia, e foi visto em ella um ar todo cheio de graça, o qual todos visivelmente conheciam que era espiritual, e tendo as mãos juntas, como temos em costume de fazer quando vemos o corpo do Senhor, disse:

— Grandes louvores sejam dados a vós minha Senhora, porque vos prouve de me virdes visitar do alto, e assim filhou a roupa que tinha sobre si, e a beijou como se beijasse uma paz.

Quando os infantes viram assim estas cousas, conheceram bem que aquelles eram os derradeiros si-

gnaes do conhecimento da morte de sua madre, e consiraram que seria grande empecimento, se el-rei seu padre alli estivesse, cá sabiam muito certo, segundo o grande amor que lhe havia, que estando alli, quando ella morresse, que não poderia ter aquella temperança, que lhe cumpria pera guarda de sua saude, e foram-se a elle assim juntamente, dizendo:

— Senhor, porque sentimos que a senhora rainha é em tal ponto, que cedo será fim de sua vida, parece-nos que é bem que vossa mercê se parta d'aqui pera alguma parte, porque o mal não haja razão de ser maior sobrevindo-vos alguma enfermidade, por azo do vosso grande nojo, o qual com menos pena sentireis, não tendo ante os olhos a força do nojo, porque o haveis de sentir a causa d'elle.

— E bem vos parece, disse el-rei, que eu haja de desamparar uma mulher em similhante tempo, com que tão longamente mantive companhia? por certo bem se pode seguir qualquer caso, que a Deus prouver, mas eu por nenhum modo me partirei da par d'ella, em cuja companhia me faria Deus mercê, levar-me pera o outro mundo.

— Por que quereis vós, senhor, disseram os infantes, azar dois grandes males, por vossa estada, sem esperança de nenhum proveito? O primeiro, que sentindo-vos a rainha acercar de si, acrescentar-lhe-heis maior trabalho, quando lhe lembrar que já vos mais não ha de vêr, cá posto que a sua vontade esteja conforme com as cousas do outro mundo, emquanto a alma está na carne, é necessario que a humanidade requeira o que é de sua natureza, o segundo é que vós estando aqui, é necessario que esteis a todos seus officios, e que a vejaes depois de finada, a qual vista vos trará á consiração muitas cousas, cuja lembrança

acrescentará vosso grande nojo, de que se vos pode seguir alguma grande enfermidade, que será muito peor. Porém vos pedimos por mercê que vos não aparteis d'aquello, que sempre uzastes, a saber, razão e conselho, maiormente sobre cousa tão assignada.

— Pois que assim é, disse el-rei contra o infante D. Duarte, vós mandae chamar todos os do conselho que aqui são, e fallae com elles, e o que acordardes que é bem que eu faça, isso farei; e brevemente o conselho feito, determinaram que todavia el-rei se devia partir d'alli, e passar-se além do Tejo, a um logar que chamam Alhos Vedros, como de feito logo partiu.

Mas d'aquelle triste despedimento que elle fez da rainha sua mulher, quando a foi vêr antes que se partisse, não posso eu fallar tanto como devia, que a força das lagrimas me embargam a vista, que não posso escrever, consirando em cousa tão triste, ca se me apresenta ante a imagm do entendimento, como o verdadeiro e leal amor é mais forte das cousas, que a natureza n'este mundo ajuntou, do qual Salomão diz nos Cantares, que é forte como a morte.

CAPITULO XLIV

Como a rainha foi comungada e ungida, e como fez fim de seus dias, e como o auctor diz que em ella havia cumpridamente as quatro virtudes cardeaes.

GRANDE tristeza sentiram os infantes, quando souberam certamente, que a morte de sua madre, por nenhum modo se escusava, e fizeram logo chamar os phisicos e surgiões, pera falarem com elles acerca d'alguns remedios que se podessem achar, pera que ao menos seu padecimento não fosse tamanho, e acordaram os ditos phisicos que era bem que a rainha se mudasse pera outra cama mais baixa, pera lhe aquella ser corregida como cumpria.

Mas ella, que nos ceus tinha firmadas as ancoras de sua vontade, tanto que foi assim mudada, requereu que lhe trouxessem o corpo de Nosso Senhor, e foi-lhe logo trazido, e ella com todo acatamento e reverencia, como melhor poude, alevantou suas mãos, e disse muitas palavras de grande devoção, pedindo-lhe com grande humildade perdão de seus peccados, e salvação pera sua alma, com tanta humildade e graça espiritual, que a quantos ahi estavam parecia que eram ditas por um anjo celestial, e depois que recebeu a comunhão, foi ungida, e mostrou que se sentia d'uma perna, abaixo do giolho, e vista pelos phisicos, assim honestamente, como era razão, acharam que tinha um carbunculo, o qual foi bem conhecido, que era cousa nova, porque

até alli não lhe sentiram mais dôr que uma levação, e posto que sentissem, que com nenhum remedio podia receber saude, mandaram porém que lhe furassem aquelle carbunculo, dizendo logo que não podia mais durar, por determinação da phisica, que até o outro dia, que era uma quinta feira, na qual pouco mais de meio dia, a dita senhora mandou chamar os clerigos, e disse que começassem o officio dos mortos, e ella com todo seu entendimento, ouvindo o dito officio, por tal guisa, que quando algum d'elles errava, ella o corregia, e em acabando a derradeira oração, ella corregeu todo seu corpo e membros ordenadamente e levantou os olhos contra o ceu, e sem nenhum trabalho nem pena, deu sua alma nas mãos de seu Creador, parecendo na sua boca um ar de rizo, como quem fazia escarneo da vida d'este mundo, cá assim ha-de ser, segundo tenção d'alguns doctores, que o homem que direitamente ha-de viver, venha a este mundo chorando, e parta-se d'elle rindo.

Os infantes tiveram seu conselho acerca da enterração da rainha, e acordaram que, porque o tempo era quente, cá era quando o sol está em dois graus do signo do Leão, que a enterrassem de noite o mais secretamente que podessem, e ao outro dia pela manhã lhe foi feito o officio, segundo cumpria ás exequias de tamanha senhora, empero que eu creio, que não seria tão grande em este mundo, como lhe será feito no outro.

Os infantes foram em aquella noite vestidos de burel, e assim todos os outros, que a maior parte dos bons do reino eram juntos n'aquella cidade, e não havia algum, que de seu moto proprio não tomasse dó por ella, cá certo perdiam n'ella mui grande esteio pera todas suas honras e acrescentamentos, se-

gundo já ouvistes, que nem ainda á hora da morte lhe pode esquecer de encommendar todos os estados do reino a seus filhos, como aquella que d'elles todos tinha especial cuidado.

Por certo, diz o auctor, nós poderiamos aqui fallar muitas razões ácerca do grande dó que foi feito por esta senhora, as quaes nos parece que se devem escusar, consirando como seu recontamento não traz honra ás grandes virtudes d'aquella senhora, cujo fallecimento escrevemos, porque todos certamente sabemos que no dia que entrámos n'esta vida, por lei determinada, fomos julgados á morte.

A nossa vida não é senão uma trasladação que fazemos do ventre ao sepulchro, segundo diz Job, e porque n'esta vida nos são mostrados em este mundo dois caminhos, a saber um de virtude e outro de deleitação, segundo os poetas fingem que Hercules achou no deserto, e o caminho da deleitação é aquelle que nos leva direitamente ao inferno, e a morte dos que este caminho seguem devemos chorar por sua perpetua damnação, mas com o fallecimento d'aquelles que vão pelo caminho das virtudes, nos devemos de alegrar tanto, quanto mais nos a sua bemaventurança pertence por natural divido, ou ajuntamento de amizade, e portanto dizia Ovidio, poeta:

«Não me honre nenhum com lagrimas nem vá ao meu enterramento com choro, porque não deve com razão chorar a morte que me leva á vida immortal» e Xenefonte conta que Cyro, o maior, estando para morrer dizia:

«Oh! meus muito amados filhos, não queiraes cuidar que como eu partir de vós, que me tornarei em nenhuma cousa, nem farei em algum logar, por que quando eu conversava comvosco, certo é que nem

vieis a minha alma, mas entendieis que morava em este corpo, pelas cousas que me vieis obrar, pois aquella mesma alma crêde que me ficará pera sempre, depois de minha morte, a qual entonce perfeitamente começará de viver, e porém não me queirais chorar com dôr.»

Mais poderia alguem dizer por auctoridade do sabedor.

Qual dos homens poderá este caminho certo fazer? cá escripto é que ninguem sabe se merece odio se amor, na presença de Nosso Senhor.

Ao que eu posso direitamente responder, que, de tanta sciencia cumpriu Deus o entendimento dos homens, que ligeiramente podem conhecer, pelas obras de cada um, por qual d'estes caminhos faz sua viagem.

E porque já disse, que a virtude era aquelle caminho, pelo qual podiamos chegar á verdadeira vida, quero dizer como esta rainha seguiu verdadeiramente este caminho, por onde com razão, não devemos chorar seu fallecimento.

Grande cuidado tiveram os antigos sabedores, de esquadrinhar verdadeiramente quaes em tamanho numero são estas virtudes, porque assim havemos de fazer nossa viagem, porque ellas são assim como proveitosas balisas, que são postas em algum vau perigoso, em cujo passamento os homens teem alguma duvida de poderem fallecer, e uns disseram que eram trinta e uma virtude, e outros disseram que não eram mais de onze, e brevemente determinaram que posto que muitas hajam, que sómente quatro são aquellas que nos podem direitamente encaminhar, por tanto lhe chamaram virtudes cardeaes, porque cardo em latim quer dizer couce, em que se a porta revolve, e

por similhante guiza todas as mais virtudes se revolvem sobre o couce d'aquestas, que são justiça, prudencia, temperança e fortaleza, as quaes a rainha houve em mui excellente grau, e ainda as outras tres que se chamam theologaes, segundo no seguinte capitulo será contado.

CAPITULO XLV

Como o auctor faz divisão das virtudes, e como se os infantes partiram d'aquelle mosteiro pera Restello.

Justiça é a primeira virtude, e a principal de todas, a qual, segundo diz Seneca, é tal virtude que não tão sómente pertence áquelles que hão-de julgar, mas ainda a cada uma creatura racional, pera julgar a si mesmo, a qual virtude era mui perfeitamente em aquella senhora, cá assim trazia sua vida justamente ordenada, que nunca achámos que a alguma pessoa fizesse injuria, por nenhum modo, porque suas palavras sempre eram ditas mui mansamente, e fóra de toda escatema, fazendo muitas amizades, porque se escusaram grandes injurias e males, cá tanto que sabia que alguns se queriam mal, logo trabalhava de os avir e concertar, ou por si ou por pessoas religiosas, e muito lhe prazia de dispender hi alguma cousa do seu, se entendia que pera os apaziguar e acabar seu desejo era necessario.

Nunca do alheio mandou tomar nenhuma cousa forçosamente, nem contra vontade de seus donos.

Trouxe sua vida assim ordenada, que todas as cousas que pera ella eram necessarias, eram compradas ou aviadas, segundo a vontade d'aquelles que as tinham.

Da virtude da Prudencia seria sobejo fallar, em tamanho grau uzou d'ella em todos os seus feitos, e porque já disse assaz do claro conhecimento que teve pera seguir todas as virtudes, cá a prudencia não é outra cousa senão um habito ou clara disposição, por que o homem por intrinseco conhecimento pode receber conselho pera se arredar das cousas más, e se chegar ás boas.

Em outros ramos se parte esta virtude, segundo os gregos, assim em uma, que se em grego chama sicnesis, e outros cibalia, de que a nós não convem falar.

A virtude da Temperança foi mui louvada em esta senhora, por que em todas as cousas achamos que viveu muito temperadamente; seus trajos foram sempre muito honestos, assim ordenadamente, que nem eram de tão baixo valor, que por seu azo nascesse presumpção de escacesa, ou menos preço, nem assim altamente obrados, que por sua vista mostrasse aos outros uma conhecida louvaminha.

Muito louva o philosopho a todas as mulheres, o silencio e ocupação, a qual cousa certo em ella era achada em grande sufficiencia, cá tarde e por grande ventura falava sem necessidade, e suas palavras sempre eram ditas com a continencia baixa, e mui mansamente razoadas, nem se parecia em ella o geito, que muitas senhoras tomam em falar, que leixam a maneira que lhes pertence, e fallam á parecença, como moças creadas em mimos, e a sua continencia era sem

pre baixa, e o rosto a meude vestido d'um ar cheio de honestidade, e seu comer, não era por deleitação, sómente por suster a vida, nem o seu cozinheiro era muito importunado pera buscar novas maneiras de iguarias; jejuava tanto, como a sua natureza podia soffrer, e maior trabalho tinha o phisico em a constranger que comesse pera ajudar a natureza, que o confessor tinha em a reprehender da sobegidão; amava muito a venerosa castidade, e assim fazia grande honra a todas as pessoas que a mantinham; não se deleitava em jazer longamente na cama, depois das horas razoadas, mas muito primeiro do que a sua natureza e seu estado requeriam, era alevantada; a maior parte de sua ocupação era em rezar, e todos os dias rezava as horas canonicas, segundo o costume de Salusbri, e as horas de Nossa Senhora e dos mortos, e os sete psalmos, com outras muitas devoções, e muitas vezes rezava o psalterio todo, e outras horas certas vigilias, segundo a ordenança de sua devoção, e o tempo que lhe ficava não era despreso em prover o cofre das joias, nem corregimentos de seus toucados, mas com proveitoso exercicio, obrando por suas mãos algumas obras pertencentes a seu estado, nas quaes muito a meude fazia ocupar todas as mulheres de sua casa, pelas arredar d'alguns azos contrarios a sua fortaleza.

Não quero dizer mais, porque a fim de sua victoria, é manifesta prova de sua virtude.

E pois que já disse d'estas quatro virtudes, que pertencem ao encaminhamento de bem ordenada vida, quero dizer das outras tres, que são chamadas theologaes, que inteiramente pertencem á alma.

Não foi pequena sua fé, quando por amor do Senhor Deus lhe prouve trabalhar sua vida, por chegar a fim de seu desejo, conhecendo que o perfeito bem

era o reino dos ceus, e assim amava todos os guiadores de nossa santa fé, e havia grande odio aos infieis, e não é duvida que o infante D. Henrique seu filho, houve aquella mesma impressão, dentro no seu ventre, a qual o fez ao depois sempre conseguir aquelle desejo, segundo ao deante em nossa historia será contado; sua verdadeira esperança sempre foi em Deus e nas suas virtudes, cá nunca foi achado que tentasse outras maneiras de pouca firmeza, sómente ter sua esperança verdadeira n'aquelle Senhor, em cujo serviço desejava viver e acabar, o qual desejo lhe Deus cumpriu, como já ouvistes.

Da sua caridade não direi tanto, quanto com razão se póde dizer, cá sua riqueza tudo era thezouro de pobres, fazendo muitas esmolas segundo já temos dito; ella tinha muitas mercieiras em todas suas terras, e em todos os mosteiros em que havia pessoas religiosas, e de boa vida, dava cada um anno ajuda pera seu mantimento, e assim pera casar orphãs e crear meninos; requeria a el-rei que uzasse de piedade com algumas pessoas, em que a justiça não havia tamanho logar, e fazia outros muitos bens, em cumprimento das obras de caridade.

Por todas estas cousas cobrou assim a bemaventurança d'este mundo, como do outro, cá em este mereceu nascer da mais alta geração, que havia entre todos os principes christãos, e mui aposta de seu corpo com a excellencia de virtudes, e houve um dos honrados principes do mundo, por marido, constituido em dignidade real, o qual a amava muito, e assim houve filhos, de que nunca viu nojo, antes teve razão de se alegrar muito com elles, porque conhecia que nenhuma rainha no mundo tinha filhos similhantes a elles; houve riqueza e servidores muito obedientes, e

seguidores de sua vontade, assim que em este mundo não havia mais que haver, e pera merecer a gloria do outro, lhe deu Nosso Senhor a sua graça, que seguisse o caminho das virtudes, porque mereceu chegar áquelle fim que já dissemos; morreu em sua cama acompanhada de seus filhos, houve assaz espaço em sua dôr, pera fazer os derradeiros officios que a christãos pertence, cá durou treze dias em sua enfermidade; houve o verdadeiro conhecimento do Senhor Deus com grande arrependimento de seus peccados; sua consciencia descarregou sem nenhum trabalho, e se partiu d'este mundo mostrando taes signaes antes de sua morte, pelos quaes conhecemos verdadeiramente que é no lugar dos Santos, d'onde conhecem quantas trevas jazem sobre a claridade de nosso dia; pois como poderemos chorar sua morte com razão? antes altamente devemos de nos alegrar, aquelles a que praz de sua bemaventurança, e creamos certamente que Nosso Senhor Deus, mandou por ella as prizões d'este mundo, porque a sua alma lançava ante os seus pés, que lhe piedosamente desse victoria pera seu marido e filhos com salvação de todo outro povo d'estes reinos, que por azo de sua morte seus filhos podessem ser mais honradamente cavalleiros, cá se ella vivera seus filhos foram feitos cavalleiros em Portugal, segundo lh'o el-rei tinha prometido, que lhe não iôra tamanaha honra, como foi de o serem em terra d'Africa, em uma tão honrada cidade, depois do acabamento de tanta victoria.

Ora fazendo fim d'este capitulo haveis de saber que tanto que aquella santa rainha foi posta em sua sepultura, e feitas suas exequias, os infantes se partiram d'ali acompanhados d'aquelles senhores e fidalgos, e se foram pera uma aldeia, que está acima

d'aquella egreja que o infante D. Henrique mandou fazer, que chamam Santa Maria de Belem, e a aldeia ha nome Restello, por amor d'aquella ancoração que alli está, que se chama por essa mesma guisa, e alli estiveram até que a frota partiu, como ao deante ouvireis.

CAPITULO XLVI

Como os infantes tiveram seu conselho ácerca dos feitos primeiros, e como foram fallar a el-rei e tornaram outra vez a ter conselho a aquella aldeia.

Por azo d'aquelle forte acontecimento, era feito em todo aquelle ajuntamento um geral silencio, com que todos andavam não menos pensosos do que eram de ledos antes d'aquelle feito, e assim como todos andavam vestidos de dó, assim tiraram todos os arreios que tinham as galés e navios, de guisa que não parecia a frota outra cousa senão arvores d'alguma mata a que a força do fogo priva das folhas e fructo, e não sabiam fallar em outra cousa, senão das grandes virtudes que havia na rainha, nas quaes não havia ahi algum que podesse achar contrario, e muitos duvidavam de se poder fazer algum movimento ácerca do que era começado, cá diziam que tamanhos tres signaes como Nosso Senhor Deus em aquelle feito mostrára, não eram pera ter em jogo, s. a grande peste-

lença que dias havia que andava entre elles, pela qual já faleceram muitas e boas pessoas, e o segundo fôra o eclypse do sol, que foi antes alguns dias da morte da rainha, e em tamanho grau como antes na memoria d'aquelles, que entonce eram, nem depois até este prezente, nunca foi visto, cá duas horas continuadas esteve coberto por tal guisa, que pareciam todas as estrellas, e assim todos os outros signaes do ceu que geralmente parecem depois que o sol passa o occidental orizonte, e o crepusculo nos traz a escuridade da noite, e o terceiro foi a morte da rainha, que sobre todo era mais sentido.

Os infantes, tanto que foram em Restello, como já ouvistes, falaram logo entre si que maneira deviam ter ácerca de seus feitos, e acordaram que era bem de irem falar a seu padre, a qual cousa logo em aquella noite seguinte pozeram em obra, cá pouco mais de meia noite mandaram fazer prestes os bateis, e se foram a Alhos Vedros, em tal guisa, que quando era manhã estavam com seu padre, o qual acharam mui anojado, vestido de panos tintos, e quando outrosim viu os filhos vestidos de burel, renovou-se em sua vontade uma mui dorosa lembrança da rainha sua mulher, e com elle estava o conde de Barcellos seu filho, e Gomes Martins de Lemos.

—Senhor, disseram os infantes, consiramos de vos vir falar acerca d'estes feitos, pera sabermos a maneira que quereis ter, e fazermos segundo sentirmos vossa vontade.

—Meus filhos, respondeu el-rei, bem vêdes no tempo em que estou, e que cuidado deve ser o meu, consirando em tamanha perda, como perdi, cuja lembrança me traz tamanho nojo, que não sei cuidar em outra coisa. Porém leixo este encarrego a vós, disse elle contra

o infante D. Duarte, que com vossos irmãos e com esses outros do conselho, faleis ácerca d'este feito, e o que acordardes, me fareis a saber, pera eu consirar sobre ello e determinar o que melhor e mais proveitoso parecer.

E logo os infantes se tornaram sem outra detença pera Restello, e fizeram chamar aquelles do conselho, que estavam mais prestes, os quaes, por conto foram quatorze, contando hi os infantes, cujos acordos foram partidos em duas partes eguaes, a saber, sete a cada uma parte, os infantes todos trez, e outros quatro dos do conselho, eram de acordo que el-rei devia de partir como primeiramente tinha determinado, porque diriam que tamanhas despezas como já eram feitas, e tal provimento com tão grandes trabalhos remedeado e buscado, não deviam assim passar em vão, quanto mais pois aquello fôra principalmente movido por serviço de Deus, que se não devia leixar de acabar por nenhuma cousa, nem havia ahi razão porque se justamente leixasse de fazer, cá posto que assim a rainha falecesse, sua morte a tal feito não devia fazer empacho, cá a rainha não era mais que uma mulher, cuja morte não trazia outra torva pera seu proposito, sómente a tristeza que elles por sua causa filhavam, a qual prazeria a Deus que ajudaria a boa andança da victoria.

Quanto mais que a fama d'este feito era tão divulgada por tantas partes do mundo, que todos pensavam que tamanho movimento não podia parar sem commettimento d'algum grande feito, pelo fim do qual estavam cada dia em esperança de ouvir certo recado. A qual cousa seria muito vergonhosa assim pera el-rei, como pera todo o reino, quando soubessem que por similhante azo o leixavam de poer em fim.

Os outros sete acordaram que el-rei por nenhum caso devia de partir.

— Por certo, disseram elles, se vós dizeis que por isto ser serviço de Deus, o devemos principalmente seguir, bem se mostra que lhe não praz de similhante movimento, porquanto ante os nossos olhos traz tão manifestos signaes, porque de razão devemos crêr que nosso movimento é contrario a sua vontade.

Que cousa tão maravilhosa pensaes que é o damno que esta peste fez e faz cada dia em tanta e tão boa gente, como d'ella falleceu e fallece? e não é duvida que depois que forem todos dentro nos navios, que se não acenda muito mais, cá o ajuntamento a fará muito mais acender, e o remedio proveitoso pera ella seria espalhar agora esta gente, e é certo que não poderia tamanho fogo estar muito que se não apagasse, e se nos agora partissemos, pode ser que assim como morreu a rainha, morrerão outras pessoas taes, cujo damno trará muito grande perda.

Devemos ainda muito recear tamanho damno, como recebemos na morte d'aquella senhora, porque sómente as suas orações eram bastantes pera nos livrarem de quaesquer perigos, cá bem mostrou Nosso Senhor Deus signaes ácerca de sua morte, porque muito devemos sentir a perda de seu fallecimento, da qual não ha nenhum, posto que de pequena condição seja, que não tenha mui grande sentido.

Certamente nós lhe mostrariamos signal de pouco amor, perdendo em tão breve tempo a memoria de sua morte, não tomando sequer algum espaço porque o mundo conhecesse o sentimento que tinhamos d'ella, mas logo assim tirados dos choros de sua sepultura fazermos viagem, não seria bem, e que ainda que quizessemos leixar estas cousas, temos outro muito

grande empacho, que é muito pera consirar, e esto é que por azo da morte da rainha se desaviaram muitas cousas, pera corregimento das quaes não ha mister menos de um mez, pois nós somos agora quasi em fim de julho, e passado um mez seriamos em fim de agosto, que é já começo de inverno, em que se não deve começar similhante feito.

Assim que por todas estas razões, se deve por agora escusar a execução d'esta cousa.

Sobre estas duas opiniões houve em aquelle conselho grande debate, em o qual, dizem alguns, que o infante D. Pedro respondeu algumas razões mais asperas do que devia, ao Condestabre, porque disseram que era um d'aquelles que mais affirmava que el-rei devia ficar, empero nós não o soubemos determinadamente, nem o infante D. Henrique, que no similhante nos fallou, creio que o fez, por escusar algum prasmo que houveram aquestes, que estas vozes mantinham.

CAPITULO XLVII

Como os infantes e tres dos outros do conselho tornaram a falar a el-rei em a determinação de seus acordos, e das razões que el-rei ácerca d'ello disse, e como finalmente determinou a partida.

Logo em aquelle dia aquelle conselho foi posto em determinação, de guisa que a noite seguinte ordenaram os infantes de tornar com resposta de todo a seu padre, mas porque elles todos tres eram

de uma parte, segundo já ouvistes, disseram os outros, que tinham a outra, que fossem outros tres, pera darem cada uns sua razão, segundo alegaram.

Os infantes disseram que eram contentes, e tiveram tal maneira em sua partida, que quando era manhã, ao domingo seguinte, foram com seu padre, segundo fizeram o dia d'antes. El-rei se apartou logo com elles em um alpendre que estava n'aquellas casas onde pousava, e o infante D. Duarte disse todas as razões que os outros alegaram, contrariando a ida d'el-rei, dando-lhe ainda melhores entendimentos, e mais claros do que lhe os outros que ahi estavam deputados pera ello poderam dar, e emfim perguntou-lhes se queriam ainda além d'aquello dizer alguma coisa? e elles disseram que não, cá tão bem o arrazoara por sua parte, que elles sentiram de si que o não podiam melhor fazer.

Muitos falaram depois ácerca d'aquelle arrazoamento, que assim fez o infante, havendo por grande maravilha tomar assim aquellas cousas na memoria, e retel-as por extenso, louvando muito a clareza de seu entender; outros porém de mais dura crença, não podiam entender senão que artificialmente tomava o infante assim aquellas cousas, cá por outra guisa maginavam que se não podesse fazer, como quer que em ello fossem enganados, cá aquello era assaz de bem pouco pera outras muitas virtudes que lhe o Senhor Deus outorgara.

Acabadas assim aquellas cousas, que pertenciam á primeira razão, disse o infante pela mesma guisa as outras, que a elle e aos de sua parte pertenciam.

El-rei ouvidas assim aquellas razões, descobriu sua cabeça, que tinha côberta com seu dó, e disse:

— Muito me pesa que em tão boas pessoas seja

achado algum falecimento de fraqueza em similhante caso, cá certamente eu cuidara que, posto que eu por causa de minha grande tristeza, ou por outro algum azo, quizera ficar, que elles me constrangeram a ir, aconselhando-me que todavia seguisse minha viagem. Porém consirando ácerca de todos os empachos que elles pozeram em minha ida, cuja força principalmente está em estes acontecimentos que se hora seguiram, contando pelo mais forte o fallecimento da rainha que Deus haja, crendo que o aparecimento d'estes signaes é mui grande amoestação de nossa ficada, o que eu tudo entendo pelo contrario, porque notorio está que pera proseguimento de tamanho feito, não cumpre mais que irmos arrependidos e pungidos de nossos peccados, inclinando ao Senhor Deus nossas almas, tornando-nos a Elle de todo coração, fazendo penitencia dos erros passados, que contra Elle comettemos, demandando-lhe mui humildosamente que nos livre de nossos inimigos, e que lhe praza dar gloria ao seu nome, exalçando a sua santa fé, quebrantando e destruindo todos os seus contrarios, com a sua propria virtude, esto devemos tanto com maior diligencia fazer, quanto a nossa tenção é movida a mais certo fim, a qual humildade nós não poderemos mostrar melhor, nem mais cumpridamente em outra alguma cousa, como soffrendo com bom coração todos os casos contrarios, pois cremos certamente que por Elle são ordenados, cá lhe não fazemos em ello tamanho serviço como fazemos de nosso proveito, porque necessario é que Deus uze de suas creaturas, como lhe prouver.

Qual é o cavalleiro que ha-de entrar em alguma justa, que não prove primeiro seu cavallo, e um dia vê com que assocego suporta o arruido e pezo das armas, outro com que força toma o trabalho, e assim

todas as outras cousas? Pois que sabemos se Nosso Senhor Deus, por estas cousas nos quiz provar, cá o ouro prova-o o fogo, e os casos da fortuna provam os homens, certamente eu creio que todas estas cousas, que assim aconteceram, são mais porque Deus por ellas nos mostra a certidão da victoria que o contrario, porque o fim da tristeza é ledice e o fim da ledice é tristeza, e nôs que agora somos tristes, prazendo a Deus começando nosso feito, seremos ledos, porque todas as cousas depois que chegam á maior alteza, não ha mais logar de subir, e a nossa tristeza não poderá ser maior, por todos em ella termos parte, que morrer uma similhante pessoa, em cujo fallecimento não ha ahi algum por de pequena condição que seja, que com razão não mostre sentimento em sua perda.

Quanto a nós falando directamente, não faz outro damno, sómente uma saudosa lembrança, a que nos sua presença, por razão de seu fallecimento acarreta, que quanto é pera rogar a Deus por nós, certo é que nenhuma pessoa n'esta vida, por virtuosa que seja, não é tão digna de ser ouvida, como depois que é apartada d'esta miseravel casa, que é a carne, cujos apetites continuadamente nos constrangem a pecar, e assim entendemos que Nosso Senhor Deus, querendo mais limpamente ouvir as orações da rainha, lhe prouve de a tirar d'entre nós, porque solta d'este corporal carcere, a sua alma mais livremente podesse comtemplar na divinal magestade, procurando a nossa victoria, e pera nós isto firmemente crermos, ponhamos ante os nossos olhos as maravilhosas cousas que lhe aconteceram antes da sua morte, pelas quaes certamente sabemos que a sua alma está em bemaventurado repouso.

Porém por todas estas razões, eu determino com a graça do Senhor Deus, de todavia seguir minha tenção por seu serviço, cá d'outra guisa não me parece que faria o que devo.

O conde de Barcellos, que alli estava, falara já com el-rei ácerca d'aquello, aconselhando-o que todavia seguisse seu proposito, e assim o fez em aquella hora, que ajudou muito a tenção dos infantes, e por similhante fez Gomes Martins de Lemos, que era um homem de grande sizo, pelo qual el-rei dava grande auctoridade a seus conselhos.

CAPITULO XLVIII

Como os infantes se tornaram a Restello, e do aviamento que deram a todas as cousas que pertenciam a sua viagem.

QUANDO os infantes sentiram de todo a vontade de seu padre, houveram grande refrigerio pera seu nojo passado, assim disseram que lhe tinham muito em mercê similhante determinação.

— Ora que será, senhor, disseram os outros tres que alli estavam, que ainda não tendes todo acabado, porque uma das maiores duvidas que achamos, é o desconcerto que se fez na frota, por azo da morte da rainha, o qual não se póde tão azinha remedear, que ao menos não seja necessario esperar um mez?

— A nossa frota, disse el-rei contra o infante D.

Henrique, assim está desconcertada, que lhe seja necessario aquelle espaço pera se tornar a aviar?

—O desconcerto, senhor, que ella tem, disse o infante, é que vos podeis logo meter em ella e partir quando quizerdes, cá a maior detença será alevantar as ancoras e apparelhar as velas.

—Porém pois que assim é, toda a minha detença, disse el-rei, será d'aqui até quarta feira, e depois siga-me quem poder, e vós meus filhos, tornae-vos logo a vossa frota e fazei dar a todo tal aviamento que quarta feira, prazendo a Deus, possamos partir, e porque o feito das armas, não ha mister tristeza nem choro, nem roupa de dó, antes requere que os cavalleiros se guarneçam das melhores cousas que tem, porque a sua vista lhes alegre os corações, como se escreve que faziam os romanos. Porém vós tirae logo vosso dó, e vesti-vos, como d'antes andaveis, e ainda melhor, e assim dae aviamento a todos os outros que o façam, e em outro tempo, com a graça de Deus, escolheremos em que se possa mais razoadamente fazer nosso dó.

Os infantes partiram logo caminho da frota, e o infante D. Henrique convidou seus irmãos pera jantarem com elle na sua galé, e tanto que foram em ella, trouxeram logo os vestidos aos outros infantes, e elle tambem se vestiu e mandou embandeirar a galé toda, e disse ás trombetas que se pozessem na maior altura, e que fizessem em seus instrumentos todo o signal de ledice que podessem, e como era domingo e os homens por razão das calmas estavam jogando todos e folgando em seus navios, porque o mais que podiam escusavam a cidade por causa da grande peste que n'ella havia, e quando ouviram o som das trombetas, de que tinham pouca esperança, ficaram entre si mes-

mos muito maravilhados, empero pensaram que os infantes não estavrm ahi, e que por ello aquelles seus trombetas, com pouco tento filhariam aquelle ouzio, e alguns d'aquelles capitães que ali estavam queriam mandar requerel-os que se calassem, mas quando lhe disseram que a galé estava embandeirada e que além do som das trombetas ouviam n'ellas charamelas e outros instrumentos, bem criam que era feito a outro fim, e trigosamente mandaram aparelhar seus bateis pera saber parte, que cousa era aquella novidade, e os que pousavam nas aldeias, ou andãvam folgando ao longo d'aquella praia, muito azinha se chegaram á ribeira pera serem certos do que aquillo queria dizer, e em breve tempo foram tantos os bateis d'arredor da galé do infante, que queriam jogar as punhadas sobre qual chegaria primeiro a bordo, e depois que souberam a determinação do feito, pozeram logo muita trigança em tornarem a correger seus navios pela guisa que já estava aquella galé.

Em verdade era formosa cousa de vêr uma frota, que pela manhã parecia alguma mata que perdera as folhas e fructo, ser em tão breve tempo tornada a parecer um formoso pomar acompanhado de muitas folhas verdes e flores de diversas côres, cá assim eram aa bandeiras e estandartes de desvairadas guizas, e que cantavam em elle muitas aves de graciosos sons, cá os instrumentos não eram poucos, porque em cada navio havia instrumentos de desvairadas guisas, os quaes todo aquelle dia a uma voz nunca fizeram fim de tanger.

Não tardou muito que as novas não chegaram á cidade, as quaes fizeram em ella mui grande alvoroço, porque todos estavam já quasi desapercebidos de similhante movimento, por cuja razão lhes foi necessa-

rio de se trigarem pera tornarem todo a correger, e cá o espaço era mui breve pera se correger tamanho feito, e foram logo dados pregões que até terça feira por todo o dia, fossem todos recolhidos á sua frota.

Bem é de consirar, que mandado tão trigoso, de similhantes cousas, não lhes daria grande espaço pera dormir.

Muitas cousas fallaria aqui, se quizesse, ácerca dos desvairados juizos que se davam sobre aquella partida, especialmente a gente do povo, culpando muito el-rei, por fazer similhante movimento, dizendo que o prior do Hospital, com suas fortalezas, movera primeiramente aquelle feito, e que elle tirava ainda agora el-rei de seu sizo; outros diziam que el-rei não quizera partir, posto que aquelle ajuntamento estivesse feito, visto os maravilhosos signaes que lhe aconteceram, mas que o prior induzira os infantes, e que elles, como homens mancebos, desejadores de cousas novas, afficaram seu padre tanto, que o faziam partir contra sua vontade.

«Ora, bom Pae, diziam elles, cá pulhas foi a perda da rainha, pera a que mui cedo ha-de ser, cá nós outros não partimos senão como homens que querem tentar a Deus, e el-rei cuida que com estes filhos ha-de tomar a garça no ar, porque os vê assim homens de prol, e desenvoltos nas manhas, e que não ha mais nas forças das armas, que quanto elles sabem; ainda é de vêr quejandos homens serão depois que forem nos perigos, cá elles até agora não provaram como sabe a ferro frio.

«Mas a culpa d'este feito, não é tanto de nenhum d'elles, como d'outros muitos senhores de Portugal que são homens diosos, e que teem experiencia de muitas cousas, que lhe deviam de contradizer, ao menos con-

sirassem taes signaes, como acontecem cada dia no ceu e na terra.»

«Quem cuidaes, diziam outros, que ha-de ter atrevimento de falar a el-rei em tal cousa? cá ha mais de tres annos que elle tem este feito começado, e ninguem o sabia senão os infantes e o priol, que é certo que aquella ida que elle fez a Castella não foi senão por mandado d'el-rei, nem a prizão em que o tiveram, não foi senão acinte?»

«Ora, diziam outros, calae-vos, que nós ouvimos a pessoas que hão razão de o saber, que el-rei não quizera ir, vistas as cousas que aconteceram, se o infante D. Henrique não fôra, cá diziam todos que a frota não podia ser prestes, senão passante d'um mez, pela qual causa elle quizera ficar se lhe o infante não dissera que fosse na sua, que estava de todo prestes.»

«Não foi al, diziam outros, cá el-rei sempre teve este filho por mais homem que nenhum dos outros, pera feito d'armas, e assim se gloriava estranhamente de falar em elle, quando lhe disseram que trazia sua frota bem corregida do Porto; empero ainda é de vêr quão grande differença ha de matar os porcos montezes na Beira, a pelejar com homens armados, que se sabem defender. Cuidam que são as justas d'aqui, que se não atreve ninguem aos ir encontrar? sobre todo, praza a Deus que seja por bem, o que á bó fé está em duvida, segundo muitos sezudos prezumem, consirando os duvidosos casos que ácerca d'ello se podem seguir.

CAPITULO XLIX

Como el-rei partiu d'Alhos Vedros na galé do conde de Barcellos, e se veiu lançar em Restello, e como no dia seguinte se foi com sua frota ancorar a Santa Catharina.

Em este pequeno espaço que temos dito, se fizeram prestes quasi a maior parte de todos os que haviam de ir em aquella frota, e onde antes pediam espaço d'um mez, lhe abastaram tres dias, e ainda não de todo acabados.

A quarta feira seguinte se metteu el-rei na galé do conde D. Affonso, e foram-se pera elle os infantes, e muitos d'aquelles senhores que ahi eram, e veiu aquella noite cear e dormir a Restello, a qual nós podemos bem affirmar que foi melhor vigiada, que por ventura fôra á noite da nascença de Nosso Senhor Jesus Christo, porque o arruido era tão grande na frota, que os homens uns com os outros senão podiam entender, e a praia não era menos aluminada de tochas, e acompanhada, que se se em ella fizeram festas d'algum grande principe, e não menos era o trafego na cidade, por azo das muitas cousas que lhe eram necessarias pera sua viagem.

Na dia seguinte, que era vespora de Santiago, vinte e quatro dias de Julho, partiu el-rei d'alli e mandou levar ancora, e foi aquella noite acerca de Santa Catharina, e este pouzo, que assim alli fez tão perto,

foi pera dar azo que se recolhesse a gente com maior trigança, mas no outro dia, que era dia de Santiago, mandou dar ás trombetas da sua galé, porque tanto que fôra em Restello se sahiu da outra, e se passou á sua. Assim como deram ás trombetas na sua, assim deram em todas as outras naus, fazendo signal aos marinheiros que desferissem as velas, o qual em um ponto foi posto em obra, e assim encaminharam com boa ventura, caminho da foz. El-rei, como já disse levava a capitania das galés, e o infante D. Pedro, das naus, levando cada um seu farol, pera regimento das outras.

E porque alguns quererão saber quaes eram os principaes que iam com el-rei, escrevemo-los aqui, empero não lhe guardamos nenhuma ordem no escrever, porque achamos que por nenhum modo o poderiamos fazer.

Eram principalmente, depois d'el-rei, os infantes D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, o conde de Barcellos e o mestre de Christo, D. Lopo Dias de Sousa e o prior do Hospital Alvaro Gonçalves Camello, o Condestable, o almirante Mice Lançarote, o marechal Gonçalo Vaz Coutinho, o capitão Affonso Furtado de Mendonça, João Gomes da Silva, alferes d'el-rei, o conde de Vianna, D. Pedro, alferes do infante, D. Fernando de Bragança, filho do infante D. João, irmão que foi d'el-rei, D. Affonso de Cascaes, D. João de Castro, D. Fernando seu irmão, D. Alvaro Pires de Castro, D. Pedro seu filho, D. João de Noronha, D. Henrique seu irmão, Martim Affonso de Mello, guarda-mór d'el-rei, João Freire d'Andrade, Lopo Alves de Moura, Gomes da Silva, Gil Vaz da Cunha, Vasco Martins da Cunha, Diogo Gomes da Silva, Gonçalo Anes de Sousa, Pero Lourenço de Tavora, Alvaro Nogueira, João Alveres

Pereira, João Rodrigues de Sá, Martim Vaz da Cunha, Ayres Gonçalves de Figueiredo, Affonso Vaz de Sousa, Gonçalo Lourenço de Gomide, escrivão da puridade, Nuno Martins da Silveira, João Affonso de Santarem, Gonçalo Nunes Barreto, Alvaro Mendes Cerveira, Mend'Affonso seu irmão, Diogo Lopes de Sousa, Gonçalo Anes d'Abreu, Vasco Fernandes Coutinho, Alvaro Pereira, sobrinho do Condestable, aquelle cujos filhos depois tiveram carrego da creação d'el-rei D. Affonso, como adeante se dirá, Gomes Martins de Lemos, João Affonso de Brito, Diogo Alvares, mestre-sala, Luiz Alvares Cabral, Fernão d'Alvares seu filho, o doctor Martim Docem, Diogo Fernandes d'Almeida, Diogo Soares de Albergaria, Alvaro da Cunha, Alvaro Fernandes Mascarenhas, João Affonso d'Alemquer, Gonçalo Pereira de Bouzela, Ruy Vaz seu irmão, Gonçalo Pereira, das armas, Lopo Dias d'Azevedo, Fernão Lopes d'Azevedo, Martins Lopes d'Azevedo, Gonçalo Gomes d'Azevedo, alcaide de Alemquer, Janemendes de Vasconcellos, Ruy de Sousa, Nuno Vaz de Castello Branco, Lopo Vasques, Paio Rodrigues, Pero Vasques, Gil Vasques, Diogo Soares, João Soares, todos estes irmãos de Nuno Vasques, Ruy Gomes da Silva, Garcia Moniz, Paio Rodrigues d'Araujo, João Fogaça, Vasco Martins do Carvalhal, Fernão Vasques de Siqueira, Fernão Gonçalves de Arca, Estevão Soares de Mello, Mem Rodrigues de Refoyos, Vasco Martins d'Albergaria, João Vasques d'Almada, Pedro Vasques, Alvaro Vasques, seus filhos, Alvaro Gonçalves d'Atayde, governador da casa do infante D. Pedro, Vasco Fernandes de Atayde, governador da casa do infante D. Henrique, Pedro Gonçalves Malafaia, Luiz Gonçalves seu irmão, João Rodrigues Taborda, Pedro Gonçalves de Curutello, João d'Atayde,

João Pereira, Alvaro Peixoto, Pero Peixoto, Pedro Annes Lobato, Belendim de Barbuda, Ruy Vasques Ribeiro, Diogo Lopes Lobo, Alvaro Anes de Cernache, Alvaro Ferreira, que depois foi bispo de Coimbra, Gomes Ferreira, todos estes senhores e fidalgos eram capitães de gente pouca, ou muita, cada um segundo seu estado.

Afóra estes, eram com el-rei aquelles estrangeiros que já dissemos, e um rico cidadão inglez, que chamavam Mondo, que veiu a serviço d'el-rei com quatro ou cinco naus, e muitos frecheiros e outra gente.

Ficaram isso mesmo no reino, pera todas as comarcas, fidalgos repartidos pera guardarem as fronteiras, e sobre todos o mestre d'Aviz, que ficava em pessoa d'el-rei.

CAPITULO L

Como el-rei em aquelle dia que partiu fez sua oração mui devotadamente, e das cousas que em ella pediu.

GRANDE foi sempre a devoção que el-rei em todos seus dias teve, segundo já disse no prologo d'aquesta historia, e dizem que em aquella sexta feira, que houve de partir, tendo seu altar corregido, em desferindo as vellas de sua frota, se poz em giolhos e alevantou os olhos e mãos contra o ceu, e disse:

Oração d'el-rei

«Senhor, pois que por tua infinda mercê e piedade, entre as tuas maravilhosas obras a mim feitas, por teu infindo poder te prouve trazeres a mim, teu pequeno servo, a este estado em que me pozeste por tua graça, dando-me reinos e terras pera reger e mandar, no qual me fizestes muitas e grandes mercês, principalmente dando-me ajuda e esforço pera contrariar meus inimigos, e agora me chegasse a este tempo, praza-te que por tua santa mercê, que te lembres de mim, e d'este teu povo, de que me deste cargo, que somos aqui juntados pera fazermos teu santo serviço, e nos queiras dar victoria contra os inimigos de tua santa fé, guardando a satisfação de nossos pecados pera outro tempo.

E vós minha Senhora Virgem Maria, que sempre de meus feitos fostes avogada, praza-vos continuardes em minha ajuda, porque pelos vossos merecimentos receba eu victoria d'aquello que sabeis, que com tamanho desejo vos requerer.»

Como o vento frio nas velas começou de lançar a frota pela boca da foz, a qual cousa era tão formosa de vêr que aquelles que a viam não podiam cuidar que sobre similhante prazer, havia outro maior, todo o ajuntamento dos que ficaram em Lisboa era pelos muros da Alcaçova, e assim por todos os outros logares d'onde se bem podia vêr a sahida d'aquella frota, na qual cousa sentiram todos muita folgança, salvo alguns que el-rei por necessidade mandara ficar.

«Oh! senhor, diziam elles, tamanho amor mostraste ao povo de Portugal, em lhe dar similhante prin-

cipe pera seu regimento, bemaventurado foi o dia em que seu nascimento apareceu em este mundo, cá elle por certo poz a verdadeira corôa sobre a cabeça do seu povo; vá, diziam elles, com tanta boa ventura que a fama de sua victoria faça inveja a todos os principes do mundo;» e alli queria cada um certificar que sabia a verdade d'aquelle segredo, mas não porém que algum o soubesse, certamente outros se queriam trabalhar por saber o numero da frota, como quer que seu trabalho acerca d'ello prestasse pouco, e assim estiveram em suas departições com pouca lembrança de comer nem beber, e muitos d'elles tinham o rosto e olhos cheios d'agua, não podendo reter a força das lagrimas ante a grandeza de sua maravilhosa alegria, não se querendo d'alli partir até que os montes de Cezimbra esconderam toda a vista da frota.

Assim correram todos aquelles navios sua viagem, de guisa que ao sabado sob a tarde, começaram de dobrar o cabo de S. Vicente, e por razão de certas reliquias que alli jaziam, mesuraram todos suas velas em dobrando o cabo, em signal de reverencia, e aquella noite foi a frota toda junta ancorar na bahia de Lagos, e ao domingo seguinte sahiu el-rei em terra, e teve logo alli seu conselho, no qual foi determinado que se divulgasse claramente toda a verdadeira intenção d'aquelle movimento, porém foi mandado ao mestre frei João Xira que prégasse, porque todo o povo podesse verdadeiramente saber qual era a intenção porque el-rei se movera a fazer aquelle ajuntamento.

CAPITULO LI

Como o mestre frei João Xira prégou deante de todo o povo, e das razões que disse.

Muitas vezes falámos nos capitulos antes d'este, com quanto cuidado e diligencia foi sempre guardado o silencio d'aqueste feito, até este ponto, que já a sua rotura não podia trazer algum damno, e porém determinou el-rei, com accordo de seu conselho, de ser alli divulgado, pera a qual cousa mandou prégar o mestre frei João Xira, o qual avisado do que havia de dizer, subiu em seu pulpito pera haver de prégar deante d'aquelle povo, e ainda que lhe mui breve espaço fosse dado, elle assim como homem muito abastado de sciencia, falou muitas cousas de grande auctoridade, das quaes nós apanhámos algumas poucas, assim como as podemos aprender, segundo a longura do tempo, por acompanharmos nossa historia.

Sermão do padre frei João Xira

«Creio, disse elle, que depois que el-rei nosso senhor teve determinada a execução d'este feito, foram entre vós outros desvairados juizos ácerca de sua intenção, não com pequenos desejos de saber seu proposito verdadeiro, e elle assim como principe muito sezudo, acautelando-se dos damnos que poderiam acon-

tecer a vós e a elles, guardou sempre seu segredo como cumpria á grandeza de tamanho feito.

Agora, honrados senhores, que sente que é razoado de vos ser revelado, vos faz saber, que considerando elle as muitas e grandes mercês que Deus tem feito a este reino seu, e a vós seu povo, dando-lhe tantas e tão grandes victorias contra seus inimigos, pelas quaes trouxe seu feito a este fim, e porque em tratando assim aquellas primeiras cousas, ainda que contra sua vontade fosse, se fizeram muitos damnos aos christãos, dos quaes elle muito sempre desejou fazer cumprida pendença, não porque elle sentisse sua consciencia por ello agravada, cá pequena culpa merece o que erra, sem consentimento de sua vontade, mas porque das boas vontades é, segundo diz S. Bernardo, conhecer o homem culpa, onde culpa não tem, quiz elle mover-se a fazer tal serviço a Nosso Senhor Deus, porque merecesse pera si e pera nós outros, parte na sua gloria, a qual por certo não podia ser maior, que guerrear os inimigos de nossa santa fé catholica, cá aquelle que póde contradizer ao erro e não o contradiz, por esse mesmo consentimento parece que o aprova, segundo é escripto na terceira causa, e na terceira questão do degredo, dizendo que aquelle que póde contradizer e empachar aos maus e não o faz, não é outra cousa salvo dar-lhes favor á sua maldade, e não carece de escrupulo de suspeição, da companhia escondida, o que manifestamente vê o pecado contra a santa fé, e não o contraria.

E pois tal como este, que é outra cousa senão similhavel a aquelles inimigos, que o fazem? pelo qual é digno e merecedor da mesma culpa, e assim deve por Deus ser julgado, cá como diz o Apostolo no primeiro capitulo da sua epistola aos romanos, que não

sómente aquelles que são contra a fé, são dignos de morte, mas ainda os que lh'o consentem, não lh'o contrariando com todas suas forças, pela qual cousa parece aquelle que se tem por catholico e verdadeiro christão, e que com toda sua força não se despõe a defender a sua santa fé, não é verdadeiro cavalleiro, nem membro de Jesus Christo, nem tem parte alguma com elle, e que é peor que cada um d'aquelles infieis, cá todo aquelle que vive sob alguma lei, é teudo a se poer a perigo de morte pela guardar e manter, cá diz Tullio, no primeiro livro dos Officios e o philosopho no terceiro livro das Eticas, que aquelle é verdadeiramente forte, que vivamente soffre a morte por defensão de sua lei.

Ora quando o homem é obrigado a deffender as leis de sua terra, quanto mais deve ser pela lei de Nosso Senhor Jesus Christo, pela qual somos certos que posto que moramos em esta vida, viveremos sempre na outra, segundo dá testemunho S. Leão, Papa, na vigessima tercia e na oitava questão dos Degredos dos Santos Padres, onde diz:

«Tirae todo o pavor e espanto, e estudae em pelejar esforçadamente contra os inimigos da santa fé, cá Deus todo poderoso sabe que se algum de vós outros morrer, que morre pela verdade da fé e salvação de sua lei, pelo qual elle mesmo dará o celestial galardão.»

Poendo exemplo de Moysés, coudel de seu povo, cá tantos perigos e trabalhos soffreu por defensão da sua lei.

Porém nosso senhor el-rei, assim como verdadeiro cavalleiro, se moveu principalmente por fazer serviço a Nosso Senhor Jesus Christo, empecendo aquelles que em doesto de sua lei vivem, na terra que elle primeiramente deu aos christãos.

Cá podeis saber que a cidade de Ceuta com toda a

outra mourisma, depois de sua paixão foi convertida a sua santa fé, na qual durou até o tempo do conde Julião, que a por sua vontade deu aos infieis, os quaes tornaram as suas santas egrejas em mesquitas, tirando d'ahi as cousas santas, e lançando-as em nosso doesto, por logares sujos e vis, e d'alli fizeram depois muitos damnos na Hespanha, pelos quaes nós justamente podemos fazer aquelle pranto que se escreve no segundo capitulo do primeiro livro dos Machabeus, que fez aquelle santo barão Mathatias, sobre a cidade de Jerusalem, dizendo:

«Ai! de mim, porque nasci pera vêr a destruição da santa cidade, vendo-a posta nas mãos dos inimigos, e as cousas santas lançadas em sugidade, e o seu templo feito assim como o homem sem honra, e os vasos de seus santos sacrificios são levados captivos e tornados em usos abominaveis e sujos, e toda a formosura lhe é quitada, e o que era livre, agora é feito servo, ante a vista de nossos olhos.»

O qual santo barão, depois do pranto que assim fazia com tamanha dôr pelo abatimento de sua lei, e movido com zêlo de virtude, mui ousadamente matou um judeu de seu povo, sobre a arca onde publicamente em presença de todos queria fazer sacrificio aos idolos, e matou outrosim um gentio de Antiocho, porque o requeria que fizesse aquelle abominavel sacrificio, elle logo começou a dar grandes vozes, chamando os seus, dizendo:

«Todo aquelle que tem zêlo da lei, saia de pós mim, e assim morou com elles, com grandes trabalhos no deserto, até que lhe veiu o tempo da morte, antes da quál os confortou que perseverassem todos fielmente pelejando e padecendo por amor da lei de seu Senhor Deus, dizendo:

«Agora filhos muito amados, sede amadores da lei, e dae vossas almas pelo testamento dos padres, e acordae-vos das obras que elles fizeram em suas gerações, e recebereis grande gloria e nome perduravel!»

Ora, honrados senhores, el-rei nosso senhor vos faz saber como por todas a razões susoditas, sua tenção é, com a graça do Senhor Deus, ir sobre a cidade de Ceuta, e trabalhar quanto elle poder pela tornar á fé de Nosso Senhor Jesus Christo, porem vos encommenda que ajunteis em vós mesmos todas vossas forças, pera cobrardes verdadeira fortaleza, segundo sua intenção, e haverdes com elle parte de seu grande merecimento, e arredae de vós opiniões que alguns outro dia traziam em Lisboa, parecendo-lhe grave movimento o que el-rei assim queria fazer.

E isso mesmo o dó que mandou tirar tão em breve, pela morte de sua mulher, o qual juizo certamente foi assim deliberado, como de principe muito virtuoso e conhecedor de todo o bem, o qual bem deveis de saber que teve maior sentimento da morte de sua mulher, que outra nenhuma pessoa.

Empero, por fazer limpamente o serviço de Deus, tirou de si, pelo presente, todo signal de tristeza, e em esto não fez elle cousa nova, cá reconta Valerio Maximo, no seu primeiro livro, e Tito Livio no livro da segunda guerra, que havendo os romanos uma batalha com Annibal, acerca do rio de Canas, morreram dos romanos de dentro da cidade, quarenta e sete mil trezentos e trinta e quatro, afóra seus amigos e liados, de que morreram quasi numero infinito, pelo qual não ficou mulher em Roma que não fosse tinta de dô.

Empero acabados os trinta dias, foram todas ves-

tidas de vestiduras brancas, e assim leixaram todo outro signal de tristeza, sómente por sacrificarem mais alegremente suas animalias ante os altares de seus deuses, da qual cousa poderemos tirar dois respeitos, o primeiro a estima em que aquelles tinham a morte de seus filhos, irmãos e parentes, cá era entre elles havida por honrada e digna de gloria, quando a recebiam por defensão ou acrescentamento de sua propria terra.

E porém tinham que não devia por elles de ser tão longamente chorada, segundo era o grande acendimento e fervor que tinham ácerca das cerimonias e sacrificios de seus deuses, pois que sobre tanto espargimento de sangue, contra a natural inclinação de suas vontades, sómente com a vontade de religião se arredavam de toda tristeza, a qual cousa por certo é a nós mui grande doesto, quando estes certamente sabiam que as almas d'aquelles iam direitamente ao inferno, que razão temos nós de chorar a morte d'aquella que sabemos que é na companhia dos bemaventurados santos? cá visivelmente vimos signaes ante os nossos olhos porque o com grande razão devemos crêr, quanto mais em similhante auto pera o qual alegremente devemos endereçar nossas vontades, quanto mais certamente sabemos que a sua fim é saudavel e digna de grande merecimento.

CAPITULO LII

Como o mestre pnblicou a cruzada, e como por sua auctoridade absolveu a todos de culpa e pena.

Depois que o mestre assim acabou sua razão, quanto era aquelle processo em que tomára seu fundamento, disse:

—Honrados senhores, todo o que vos até aqui disse, foi dito e fallado por auctoridade e mandado de el-rei nosso senhor, mas o que vos agora quero dizer será dito como de meu officio, porque nós outros não somos senão como atalaias no povo de Deus pera o avisar contra seus inimigos corporaes e espirituaes, segundo é escripto em muitas partes pelos santos padres prophetas, especialmente em o terceiro, e em os trinta e tres capitulos de Ezechiel, onde diz aos similhantes pastores que os ha feito atalaias sobre o seu povo, ameaçando-os que se não forem diligentes em amoestar todos os seus errores e peccados, perigos e damnos, em que de presente estão, ou ao deante poderem estar, que a morte e damnação que lhe por ello possa vir, que a demandara de suas mãos, e condemnára por ella o seu sangue d'elles mesmos, e por essa mesma guisa se querela o propheta Jeremias, em a lamentação e pranto que fez sobre Jerusalem, dizendo que os seus prophetas e sacerdotes foram causa de seu captiveiro e destruição, segundo mais compridamente se declara no segundo capitulo, onde diz:

«Os teus prophetas te viram cousas falsas e loucas, e não te mostravam a tua maldade pera te provocarem a penitencia, cá em similhantes tempos, disse o mestre, são as nossas armas necessarias, a saber, a palavra do Senhor Deus, presentando os seus santos sacramentos aos seus fieis e catholicos christãos, porque a sua fim possa ser segundo pertence a sua santa religião, assim como é escripto no mesmo capitulo do Deutoronom, que chegando-se a hora da batalha estivesse o sacerdote deante da face da hoste, dizendo:

— Ouve, Israel, e vós outros que quereis commetter peleja contra vossos inimigos, não haja medo em vossos corações, nem queiraes fugir com o seu temor, cá Nosso Senhor Deus em meio de nós pelejará contra nossos adversarios, porque nos livre de seu perigo, e isto mesmo confirma S. Thomaz na 2. 2. quadragessima quæstione, no artigo segundo, onde trata esta materia, concluindo que ainda que aos prelados e clerigos não convenha pelejar, pero a elles principamente pertence e é justo e meritorio animar, induzir e esforçar a todos os fieis christãos porque justamente possam pelejar pela maneira que já tenho dito, ácerca do qual proposito diz S. Leão Papa, falando de si mesmo, na vigessima tercia causa, e na oitava questão do segredo, que elle fez ajuntar o seu povo contra os mouros, que era fama que vinham a um porto de mar, e que elle por sua propria pessoa sahiu com elles.

E porém uzando do meu officio vos requeiro e rogo a todos quantos aqui presentes sois, que consireis bem em vossas consiencias quaesquer peccados, males ou erros, que tenhaes commetidos, e que peçaes ao Senhor Deus perdão d'elles, com todo coração e vontade, e façaes d'elles penitencia, havendo firme proposito de vos guardar de peccar d'aqui em deante, pela qual cou-

sa sereis absoltos de culpa e pena, por virtude d'uma letra que o Santo Padre ontorgou a el-rei nosso senhor, vendo seu santo desejo, a qual letra logo alli de presente o mestre publicou, em fim da qual fez absolvição a todos, e disse: amigos, haveis de ter que a vida d'estes infieis não é entre nós por virtude de sua propria força, sómente por vontade do Senhor Deus, ao qual praz dar logar que nos dêem fadiga e trabalho, porque nós assim affligidos e trabalhados, pelo poder de tão vis inimigos, conheçamos os muitos erros que contra Elle commettemos e nos tornemos a Elle por verdadeira penitencia, e nós assim tornados ao verdadeiro caminho possamos d'elle receber esforço e ajuda pera os destruir, os quaes até aqui eram por sua grande piedade suportados, não sem grande e escondido juizo, cá assim como Nosso Senhor Deus, no tempo do pataiarcha Abrahão, suportava os gentios e inimigos de sua fé, sómente por correição do seu povo, assim mantem agora aquestes entre nós em vista de nossos olhos, fazendo damno a muitos de nossos irmãos, sómente a fim de nos amoestar e castigar, onde se lê que Deus Nosso Senhor disse áquelle santo patriarcha:

«Tu irás a teus padres, e serás enterrado em tua velhice, pero em a quarta geração tornarão cá, a saber os que de ti descenderem, cá ainda não são compridas, até este tempo presente, as maldades dos que esta terra possuem».

Pois se nós tivermos em Elle cumprida esperança, é de crêr que nos ajudará contra esta má geração, que por certo não será a nós pequena gloria e honra entre todos os povos que forem em esta Hespanha, sermos os primeiros que passamos em Africa, e começamos de poer o jugo da fé sobre os pescoços dos infieis, e assim teremos dois mui grandes proveitos, o

primeiro é a salvação que sabemos certamente que receberemos pera nossas almas, e o segundo honra mui grande entre todos nossos vizinhos, e perduravel memoria, que ficará pera todo sempre, emquanto hi houver homens que possam falar, e não ainda aquelle nome que os gentios cobravam por suas victorias e façanhas, ou que alguns principes christãos ainda receberam, por quererem sobjugar seus visinhos sem causa justa nem honesta, mas receberemos o verdadeiro nome, porque o fazemos sómente por amor e honra d'Aquelle que por acorrer a nossa miseria e condemnação em que eramos, e livrar-nos d'ella, não duvidou decender do céu e poer-se ante nós, vestido de nossa humanidade, em a qual padecendo poz sua alma por nós até ser morto na cruz e livrar-nos, em o que, como diz S. Pedro no segundo capitulo da sua primeira canonica, nos deu exemplo maravilhoso pera que sigamos as suas pégadas, em cuja provação diz S. João, no terceiro capitulo da sua primeira canonica, que assim como elle morreu por cada um de nós, assim devemos dós morrer, se fôr mister, por saude e salvação de sua santa fé, dizendo:

«Em esto conhecemos a caridade de Deus, porquanto Elle poz sua alma por nós, e nós outrosim devemos por nossas almas contra aquelles que blasphemam seu santo nome».

Que como em este corpo glorioso da egreja militante, cuja cabeça é Jesus Christo Nosso Redemptor, sejamos todos seus membros, e todas as perfeições, dignidades, riquezas e estados, nos sejam dispensados pôr Deus, porque com ellas ajudemos e sirvamos na sua santa casa, doendo-nos da deshonra que foi feita nas suas santas egrejas, sendo tornadas em serviço dos inimigos da fé, assim como se fosse feita a nós mesmos

segundo mais largamente nos ensina o apostolo nos doze capitulos da Epistola que enviou aos romanos, e em outra similhante que escreveu aos do Corintho, e muitos exemplos da Santa Escriptura vos poderia aqui ementar, senão sentisse as vossas vontades tão inclinadas a todo o bem.

Empero, por acabar meu officio, vos quero aqui poer um breve exemplo do grande amor que uma santa mulher teve ácerca do serviço de Deus, e da sua santa fé, a qual foi aquella santa madre dos Machabeus, cá como assim fosse que ella visse sete filhos estar postos em duros e graves tormentos, por mandado d'aquelle mau rei Antiocho, por quanto não queriam fazer contra a lei do seu verdadeiro Deus, e comer carne de porco, esta gloriosa mulher, com o amor da lei e da honra de Deus esqueceu o natural divido que com os filhos havia, e espertou-os a soffrer dorosa morte sobre sua carne mesma, que se gerára em o seu ventre, amoestando os filhos com voz não de mulher mas de forte e santo varão, que morresem pela lei de seu Deus, onde assim é escripto d'ella, no setimo capitulo do segundo livro dos Machabeus, das cousas que disse, e como esforçava os filhos, quando os viu em tormentos, e por tanto madre assim maravilhosa em tanta maneira, é digna de boa memoria, a qual vendo sete filhos perecer sob espaço d'um dia, soffria-o com bom coração, pela fiel esperança que tinha em Deus, e assim amoestava fortemente com voz paternal, a cada um d'elles, em esta maneira, dizendo:

«Não sei em que maneira pareceste em meu ventre, cá eu não vos dei o espirito, nem a alma, nem a vida, nem ajuntei os membros de cada um de vós, mas o creador do mundo, o qual primeiramente formou a natureza de todas as cousas, e achou o nascimento e

começo de todos os homens, Elle vos dará outra vez com misericordia o espirito e a vida, assim como agora menosprezaes a vós mesmos pelas suas leis, e disse ao postrimeiro filho:

«Have misericordia de mim, que te trouxe nove mezes em meu ventre, e te dei leite tres annos, e te criei e trouve até esta edade, rogo-te filho que esguardes ao ceu e a terra, e todas as cousas que são em ella, e conheças que de nenhuma cousa as fez Deus, e a geração dos homens, e assim será feito em ti esforço pela sua mercê, que não temas este carniceiro, mas sendo feito digno com teus irmãos recebe morte».

A qual cousa o mancebo com mui bom coração soffreu, e depois a madre com grande constancia e com aquella bemaventurada esperança, que em seu coração tinha, recebeu corôa de martyrio.

E pois aquella mulher, cuja natureza é fraca, tão esforçadamente aconselhava os filhos que soffressem morte por serviço de Deus, quanto mais sendo ainda na velha lei, aos quaes segundo diz o Apostolo todas as cousas em figura aconteceram, que mostrança posso eu fazer a vós outros, que sois fieis membros de Jesus Christo, comprados pelo seu sangue precioso? E porque disse em cima que a memoria d'esto duraria, pera todo sempre ante os homens, quero que saibaes que se os juizos astrologos são verdadeiros, segundo aprendi d'alguns sabedores que sabiam a hora em que se este feito primeiramente determinou, por entrar Martes em sua exaltação em casa de Venus de sahimento do sol, e a Saturno entonce que o signo de Libra, significador das cousas remembradoras, mostra que a memoria d'esto ha-de durar e se ha-de poer em escripturas, cujo trasunto será levado a muitas partes em remembrança de nossos bons feitos.

CAPITULO LIII

Como el-rei partiu de Lagos e se foi a Faro, e como d'alli seguiu seu caminho até que chegou com toda sua frota ante as Algeziras.

Acabadas assim aquellas palavras do mestre, todos tiveram mui boa vontade pera seguir seu ensino se elles creram que aquella determinação que lhes el-rei fazia saber era verdade, o que elles tinham muito pelo contrario do que tinham da primeira, cá diziam que lhes não fôra aquello assim dito senão por esconder a outra mais certa determinação que el-rei tinha ordenada.

«E' mau de conhecer, diziam elles, estas praticas que el-rei traz por encobrir sua vontade, sabe já todo o mundo que vae pera Cecilia, e agora nos quer fazer entender que vae sobre a cidade de Ceuta, tal é agora esta como a outra que disseram agora ha um anno, que havia d'ir sobre o duque d'Hollanda; dizei-lhe que busque outra mais formosa encoberta, que quanto esta muito ha que a sabemos.»

Assim esteve alli el-rei até a quarta feira que partiu pera Faro, e porque em seguindo sua viagem encalmou o vento, foi-lhe necessario de estar alli até outra quarta feira, que eram sete dias do mez d'agosto; entonce partiu na viagem do Estreito, e á sexta feira, um pouco antes da noite, houveram vista da terra de mouros, e alli mandou el-rei que fizessem andar todos

os navios de mar em roda, porque não era sua vontade entrar pela boca do estreito senão de noite, crêmos que seria porque os mouros da terra não podessem tão azinha saber a viagem que el-rei queria levar.

Tanto que foi a noite, começaram de caminhar pela boca do estreito.

Em aquella noite aqueceu ali um pequeno caso, de que se houvera de seguir mui grande perigo, cá foi assim que porquanto aquella galé de João Vaz, em que ia o infante D. Duarte tinha cheiro, por azo de sua bondade sahiu-se o infante d'ella, e foi-se pera a galé do ínfante D. Henrique seu irmão, e aqueceu de se acender fogo em uma alenterna, pelo qual foi grande alvoroço dentro da galé, e o infante D. Duarte que jazia em cima da coberta, por azo da calma que era grande, lembrou-se de seu irmão, e abriu trigozamente a porta, e o infante D. Henrique tomou a alanterna assim como estava ardendo, e a poz em cima, e o infante D. Duarte a lançou n'agua, e o infante D. Henrique tomou em si menencoria, pensando que lhe empolassem as mãos e lhe fizesse empacho ao tempo da necessidade; mas alguns que ahi estavam lhe ensinaram pera seu remedio que pozesse as mãos no mel e que seria seguro d'aquelle damno, como de feito foi, cá posto que ao depois pelasse aquelles couros das mãos, não leixou porém de trabalhar como se não tivesse algum empacho.

Bem é verdade que este remedio é proveitoso, mas assim pelo presente, segundo a força do fogo foi grande, se a forte compreissão do infante não fôra não podera assim trabalhar que primeiro não passaram alguns dias, empero todos aquelles couros foram pelados ao depois em quanto o fogo abrangeu.

CAPITULO LIV

Como a frota chegou toda ante as Algeziras e como alli veiu Pedro Fernandes Portocarreiro e os mouros de Gibraltar trazer serviço a el-rei.

Bem é de consirar qual esperança os mouros de Gibraltar teriam quando vissem chegar tamanha somma de frota tão perto de seus termos, porque ao sabbado sobre a tarde foi ancorar ante as Algeziras, a qual cousa poz muito grande espanto entre todos os mouros d'aquellas partes, e pelo presente não souberam outro remedio senão ajuntar as melhores cousas que se poderam haver, e levaram-nas em presente a el-rei.

— Senhor, disseram aquelles que o presente levavam, os visinhos e moradores d'esta villa de Gibraltar vos enviam este serviço, não cousa egual á excellencia de tamanho principe, mas como se pode haver por similhantes pessoas, certificando-vos que vos não é offerecido com menos vontade do que seria a el-rei de Grada, nosso senhor, se presente fosse, porque sentimos e crêmos que todo o serviço que vos fizemos elle o haverá por tão bem empregado, como em si mesmo, e vos enviam pedir por mercê, que não hajaes por mal d'elles mandar fechar suas portas e poer recado em sua villa, cá o fizeram por duas cousas, a primeira porque elle foi certificado que não quizereis dar segurança de vossa frota a el-rei de Grada quando vol'a enviou re

querer, a segunda porque alguns d'aquelles mouros mancebos não tenham livre poder pera sahir fóra da villa cá poderia ser que se travaria entre uns e outros tal escaramuça, porque vossa mercê haveria alguma sanha, e por ventura poderia ser azo de vos moverdes de todo contra elles, o que poderá ser que agora não tendes em vontade.

Porém por lhe fazerdes mercê e os tirares d'este cuidado, vos pedem que lhe mandeis declarar vossa vontade ácerca do que a elles pertence, pela qual cousa serão muito mais obrigados a vosso serviço do que até aqui foram.»

—E se eu, respondeu el-rei, não quiz a el-rei de Grada fazer similhante rogo, que m'o tão aficadamente mandou requerer, que razão teria agora de o fazer? pois a determinação d'este feito ainda não está fora d'aquellas pessoas que são ordenadas pera meu conselho, quanto pera dar similhante segurança; quanto é ao presente lhe dizei que lh'o tenho muito em serviço, e que me praz de lh'o receber por entender de lhe fazer mercê em alguma outra cousa, fóra d'aquesta que me de presente requereis.

Os mouros ficaram muito tristes ouvindo similhante resposta, porque quanto elles podiam entender, todo o movimento d'aquelle feito se ordenára por caso de sua destruição, pera a qual cousa não havia mister mais certa prova que a vista da frota que viam repousada e ancorada entre a face da sua terra, a qual cousa lhes fazia acarretar desvairados pensamentos, porque as adivinhas das vontades sobre os males duvidosos, sempre aduzem tristes cuidados.

Em Tarifa tinha el-rei de Castella por fronteiro e alcaide um nobre cavalleiro que fôra natural d'estes reinos, irmão da condessa D. Guiomar, tio do conde D.

Pedro de Menezes, o qual se chamava Martim Fernandes Porto Carreiro, e assim aqueceu que o dia passado, quando a frota chegou á cabeça do estreito, como já ouvistes, os de Tarifa houveram vista d'ella, e porque viam tamanha multidão de frota como nunca viram nem esperavam em aquelle estreito, estavam em si muito maravilhados, mas a cabo de pouco amainaram todas as velas, e como era longe e sobre a tarde, os de Tarifa que estavam olhando disseram:

— Certamente que aquello eram phantasmas; mas um portuguez que ahi estava disse:

— Mais azinha creio eu, que é aquelle poder d'el-rei de Portugal, meu senhor, que outra nenhuma vã similhança.

— Pois, disseram os outros, que todas as arvores de Portugal fossem desfeitas em madeira e todos os homens se tornassem carpinteiros, não poderiam em toda sua vida fazer tamanha multidão de navios.

— «Vós vereis, disse elle, muito cedo aquello a que agora chamaes phantasmas, carregadas de boas gentes d'armas com as bandeiras de Portugal, passar perante os vossos olhos;» a qual cousa nenhum dos outros podia crêr, porque além da multidão da frota, quando os navios assim andam, e muitos mais, se os homens veem de longe, parece dez tanta somma. O portuguez teve cuidado de dar vista á ribeira pera vêr a certidão do que elle suspeitava, e quando ao outro dia era manhã, a frota começava já de passar por d'avante os muros da villa, e pera ainda ser a sua vista mais formosa, acertara-se em aquella manhã uma grande nevoa que a encobriu toda; senão quando elles ouviram o som das trombetas e dos outros instrumentos que se tangiam em todos os navios, cujo som parecia a

elles cousa celestial, e em esto rompeu a força do sol e pareceu a frota que passava sua viagem.

Mas qual seria aquelle que podesse fazer outra cousa na villa, que leixasse de vèr tamanha formosura?

«Certamente, disse Martim Fernandes, bem parece esta obra ordenada por el-rei D. João; parece-me quando consiro nos feitos d'este homem, que é um sonho, no que me parece quando Jacob dormindo; consirae bem, disse elle contra os outros que alli estavam, que nunca vistes nem ouvistes que nenhum rei de Hespanha, nem d'outra nenhuma parte, por si só ajuntasse tamanha multidão de frota; e tanto que a frota ancorara ante as Algeziras, mandou logo Martim Fernandes fazer prestes um grande presente de vacas e de carneiros, e mandou com ellas Pedro Fernandes seu filho, fazer serviço a el-rei.

CAPITULO LV

Como el-rei teve conselho se levaria logo sua frota sobre a cidade, e como alli Pedro Fernandes mandou enforcar um almogavere de Grada.

Como alli chegou Pedro Fernandes com aquelle presente, logo houve um batel em que foi falar a el-rei a bordo da galé, e depois que lhe beijou a mão, disse:

— Senhor, meu padre Martim Fernandes vos envia pedir por mercê, que se entenderdes que vos elle em

alguma cousa póde servir, que façaes d'elle conta como de cada um dos outros de vossa casa, e vos envia dizer que por que elle tem em si carrego d'aquella villa, por el-rei de Castella seu senhor, que vos não póde por si vir fazer aquella reverencia que é teudo, segundo vosso grande estado, nem esso mesmo se póde fazer prestes pera se ir comvosco pelo encarrego que tem, mas quer-vos fazer serviço de mim, que sou seu filho, em edade e desposição pera vos poder servir em qualquer cousa que me vossa mercê mandar, e porque entende que ha já dias que sois no mar e que havereis mister algum refresco pera vossos cavalleiros e fidalgos, vos envia alli aquelle gado, o qual vos pede por mercê que recebaes d'elle em serviço como de cousa vossa.

El-rei foi muito ledo com aquelle offerecimento de Pedro Fernandes, e disse:

— A boa vontade de vosso padre recebo eu por grande serviço, e por ello lhe farei mercê, e assim a vós quando quer que me fôr requerido, e quanto é ás vacas e carneiros, dizei-lhe que eu tenho provisão por agora que me baste pera mim e pera minha frota, e que aquello sinto que será melhor pera elle, pera guarnição de sua fortaleza.

Pedro Fernandes tanto que foi fóra do batel cavalgou em um ginete que trazia, e começou de alancear todo o gado ao longo d'aquella praia, e os da frota quando aquello viram, mataram todas as vacas e carneiros, e aproveitaram-se d'ellas, cada um como melhor podia, o que el-rei e todos os bons que alli eram tiveram a grande bem áquelle fidalgo.

Mas outro serviço fez elle, que lhe el-rei muito mais agradeceu, cá ouvindo o dito Pedro Fernandes dizer como um grande almogavere do reino de Grada anda-

va alli salteando os moços que sahiam á fructa, como entonce levava um, trabalhou-se de o filhar e trouxe-o alli preso em uns pardieiros velhos que alli estavam, entre os quaes era uma torre, que tinha ameias, e alli o mandou enforcar.

Mas o mouro não recebeu pequena honra em sua justiça, que foi acompanhado de muita e muito boa gente, que com boa vontade o iam vêr, os quaes tanto que o viram enforcado o atassalharam todo ás espadas, e esto fez Pedro Fernandes com mui boa vontade, sem embargo do reino de Castella ter entonce pazes com o de Grada, mas estes serviços não lhe foram a elle mal agradecidos, que logo alli lhe mandou el-rei dizer que lhe rogava que tanto que fosse em seu reino, o viesse vêr, como de feito depois veiu, onde lhe foi dado sómente por el-rei mil dobras d'ouro em uma copa, dizendo que lh'as mandava pera um cavalo, fóra outras muitas joias que foram estimadas em outro tanto valor, e com todo esto lhe fizeram os infantes cada um por si mui grandes mercês, de que elle foi mui contente.

E estando assim el-rei em aquelle logar, teve conselho d'ir sobre a cidade a segunda feira seguinte, e em fazendo em aquelle dia sua viagem, sobreveiu uma mui grande cerração que fez grande empacho a toda a frota, pera governar direitamente onde queria, e porque as correntes são alli mui grandes, lançaram toda a frota das naus caminho de Malaga, fóra uma em que ia Estevão Soares de Mello, e as galés e fustas e outros navios pequenos foram em aquelle dia mesmo ante a cidade, onde a torvação era entre os mouros por similhante chegada, empero não grande, porquanto elles ainda não viram toda a frota junta tão perto de si, como viram as galés e fustas, nem podiam cuidar que el-rei ia sobre aquella cidade, po-

rém fecharam suas portas e pozeram-se por cima dos muros mais por vêr que por se defiender.

CAPITULO LVI

Como el-rei mandou passar as galés da outra parte de Barbaçote, e do conselho que alli teve.

Depois que os mouros viram as galés de todo ancoradas sobre o seu porto, foram já algum tanto perdendo de sua primeira segurança, especialmente Salabençala, e assim alguns d'aquelles velhos da cidade, por cuja razão escreveram logo a todos aquelles logares d'arredor que se viessem com suas armas e corregimentos, até que vissem o que podia ser d'aquella vinda.

Outros dizem que logo que a frota appareceu pelo estreito, mandaram este recado.

Mas de qualquer guiza que fosse, o espaço podia ser pouco, porque sabbado houveram elles vista primeiramente da frota, e á segunda feira chegou sobre a cidade, e d'aquelles mouros que estavam sobre os muros começaram alguns de tirar com trões e béstas aos da frota, no que bem mostravam que tinham perdida toda a esperança de paz, e como quer que assim trabalhassem de fazer seus tiros, não podiam muito empecer a nenhum dos christãos, porque os navios estavam bem afastados do muro, senão a galé do almirante, a qual logo como chegou foi ancorar mais perto

da praia que as outras, onde estava mui sugeito ao perigo d'aquellas settas, mas elle por nenhuma guisa se quiz afastar d'alli, como quer que lhe fosse dito por algumas pessoas, ao que elle respondia que pois que a ventura alli primeiramente o lançara, que alli queria esperar qualquer perigo que lhe viesse, que pois elles vieram pera ir deante, não era razão que tornassem atraz.

Certo que elle em sua vida foi sempre mui esforçado homem d'armas, e portanto não queria que por elle passasse cousa grande nem pequena, que não pertencesse ao nome que tinha.

Alguns d'aquelles mouros mancebos sahiram á praia escaramuçar com os christãos, e os christãos isso mesmo sahiram nos bateis e andavam ao longo da praia tirando uns aos outros, e assim travaram sua escaramuça um grande pedaço.

Alguns d'aquelles mouros filharam um grande penedo que estava no mar, pera terem d'alli melhor azo pera empecerem aos christãos, mas Estevão Soares, conhecendo-lhe aquella vantagem, foi rijamente a elles e tomou-lhes o dito penedo, e assim andaram um grande pedaço até que alguns d'aquelles mouros morreram, e outros houveram por seu barato de se recolher á cidade.

A' quarta feira, que era vespera de Santa Maria de Agosto, teve el-rei seu conselho de se passar da outra parte da cidade pera onde se chama o Barbaçote, com intenção de esperar alli as naus que as correntes lançaram em Malaga, como já dissemos, e depois que lá foi, porque viu que as naus punham grande tardança em sua vinda, mandou ao infante D. Henrique que fosse na sua galé pelo infante D. Pedro seu irmão, e que dissese a toda a outra frota que trabalhasse

muito de se ajuntar com elle, o mais cedo que podesse.

O infante D. Henrique partiu á quarta feira acerca da noite, e começou de seguir sua viagem, e pelo farol que a nau do infante D. Pedro trazia, logo em aquella mesma noite a galé de seu irmão chegou a ella.

— Senhor, disse o infante D. Henrique, el-rei nosso senhor e padre manda que vós vades logo em esta galé, que quer ter conselho ácerca de filhar da terra, se será em aquella parte de Barbaçote onde já está, ou se tornará da outra parte onde primeiro estivemos, e que mandeis esse mesmo recado a todas as outras naus dar avisamento que se trabalhem de o mais cedo que poderem fazer sua viagem direita pera o logar onde estão as galés.

— Não sei porque maneira, senhor, respondeu o infante D. Pedro, deva partir assim e leixar esta gente, na qual sinto bem que será mui grande desconsolação, além da que trazem pela peste que anda entre elles, e assim pela tristeza que os sãos trazem dos mortos e doentes, e outrosim pelo enfadamento do mar, que poucos homens suportam de boa vontade, empero d'outra parte consiro que vou a mandado d'el-rei, e mais sendo chamado por tal pessoa como vós.

Entonce mandou dar avizo a toda a outra frota que se trigasse o mais que podesse, segundo el-rei tinha mandado, e os infantes se foram ambos na galé á sexta feira pela manhã cedo, e indo assim sua viagem, aconteceu que um peixe ia voando pelo ar, e cahiu dentro na galé dos infantes, com que elles aquelle dia houveram algum refresco, e porque esta historia escrevi, nunca vi nem ouvi similhante cousa, o reconto assim por me parecer cousa maravilhosa, e algum tanto afastada da natureza, segundo meu juizo.

CAPITULO LVII

Como o auctor fala nas grandes divisões que havia nos mouros da cidade, e das cousas que aconteceram o outro anno passado.

Por certo, diz o auctor, a mim conviria falar por muitas maneiras, se eu quizesse contar toda a maior mormuração que havia entre os mouros depois que as galés primeiramente lançaram ancora deante da cidade, e diremos primeiro o que aconteceu n'aquelle Março passado, em que elles tiveram o seu Ramadão, que é o jejum, o qual se começara a vinte e sete de Fevereiro quando a lua fazia um bissexto, segundo o conto dos seus annos, porque elles trazem a sua era segundo o costume da lua, e porque o circulo da lua é mais pequeno que o do sol, tornam elles sempre atraz onze dias com começo d'aquelle jejum, a que elles chamam Ramadão e em pouco menos de tres annos tem acabada a volta de sua roda, em que ha dezenove bissextos, e assim dão os dias do anno solar trezentos sessenta e cinco, e do anno da lua trezentos sessenta e oito e uma hora e dezesete minutos e quarenta e nove pontos.

E porque os mouros em aquelle tempo fazem suas abstinencias, assim como nós fazemos em nossas quaresmas, e pensam elles que quaesquer signaes que em aquelle tempo appareçam ou sonhos assignados, porque elles muito crêem, cá dizem que por uma de qua-

tro cousas vem a qualquer homem os sonhos quando dorme, a primeira por sobegidão de vianda, de que o estomago está empachado, a segunda por mingua de mantimento, a terceira por força de pensamentos que o homem traga de dia em alguma cousa, e a quarta por revellação divinal.

Ora foi assim, que n'aquelle Ramadão que já dissemos, foram tres partes da lua criz, e pareceu logo seguinte na novidade da outra lua, uma estrella acerca d'ella, de maior grandeza e resplandimento que outra alguma que houvesse no ceu, das mil e vinte e duas em cujo conto alguns astrologos pozeram o numero das estrellas de que se possa filhar alteza, a qual estrella durou assim entre elles toda a circulação da lua, cuja vista trouxe a elles grande cuidado, e muito mais porque um d'aquelles seus mouros santos, durando o tempo de jejum, sonhou que via aquella cidade cuberta de abelhas, e que pela boca do estreito vinha um leão com uma corôa d'ouro posta na cabeça, e que trazia muito grandes bandos de pardaes após si, que cometiam todas aquellas abelhas, por cuja razão Calabençala fez juntar quantos sabedores se poderam achar por toda aquella terra, entre os quaes veiu alli um grande astrologo, que era Almocadem maior na cidade de Tunes, e grande sabedor em muitas cousas da sua seita, especialmente em astrologia, ao qual chamavam Almedebenfilhe, e tanto que assim foram juntos, tiveram seu conselho na mesquita maior, onde foram recontadas todas estas cousas passadas, sobre as quaes houve mui grandes debates.

Mas aquelle almocadem nunca falou palavra, antes meteu as mãos de sob uma aljuba que trazia, e a continencia muito triste, e os olhos baixos contra a terra, suspirando muito a meude, se deixou estar acerca de

duas horas, sem nunca dar nenhuma resposta a cousa que lhe perguntassem, e em fim constrangido por Calabençala, alevantou a cabeça e poz a mão em a barba, que tinha sem nenhum cabello preto.

— Dou ao demo, disse elle, taes movimentos e taes signaes, cá o curso do mundo anda fóra de toda sua lei, e os planetas perderam sua certa carreira, ou a destruição de toda a terra d'Africa é aparelhada, cá similhantes tres signaes nunca me lembra que os lesse, que assim apparecessem sobre um effeito; verdade é que eclipse da lua traz muitas vezes pestilença, outras vezes fome ou discordia. Mas estella nunca foi homem que a visse ante a face da terra, senão agora. Bem é que eu acho que ella parece certos tempos do anno em terra da India maior.

Mas não que acompanhe a lua, nem siga seu curso, como fez agora esta, a qual chamam alguns dos nossos auctores Orião, porque traz figura de esplada, e dizem alguns que a sua influencia traz fogo e sangue, cá ella é uma d'aquellas estrellas que cahiu do cabo do carneiro, segundo é declarado nos textos de Ptholomeu, e porque a qualidade d'aquelle signo, que se chama Aries, é quente e seco, dizem que traz esta estrella comsigo fogo, e porque outrosim os primeiros auctores a pozeram em figura de espada, é forte signal, ca se o planeta Saturno, que é estrella que empece a parceira, designada de seu curso, não me anojara tanto como esta, e sobre tudo o cris que ante appareceu me faz ainda a esperança muito peor, ca acho pelos almenaques, que quando os mouros outra vez perderam Hespanha, que outro similhante criz foi visto primeiro, e ainda não tão forte como este, porque acho que a aquelle tempo, mais estava na casa do Escorpião, o qual com seu cabo ardente

apremava Jupiter em sua alteza. E Venus, que é nosso planeta, vejo-a triste e fóra de toda alegria. Mercurio outrosim, que lhe devia de acorrer por sua trigança que traz pelo ceu, acho-o mui afastado de sua companhia.

Ora que leixassemos estas cousas, sómente aquelle sonho é abastante pera nos poer grande espanto, porque creio que tendes em vossos escriptos como no tempo do grande Miramolim, que a primeira vez que passou d'esta terra em Hespanha andava um mouro cavando em uma sua horta, acerca d'esta cidade, e tirando a pedra d'uns alicerces velhos, achou um marmore, em o qual era esculpida uma imagem d'um nosso propheta, que chamavam Brafome, de Marrocos natural, sob cujos pés estavam escriptas umas letras em quatro regras, que diziam assim :

«Da casa de Hespanha sahirá um leão com tres cachorros seus filhos, acompanhado de grande frota, carregada de muitas gentes, e apremará a tua nobre cidade. Oh! cidade, e do seu femel virá o destruidor das partes d'Africa. Mouros fugi, e não queiraes esperar o brandimento de sua espada.»

E assim concerta esta prophecia com o sonho d'este mouro, porque diz que via leão coroado, pela boca do estreito, outrosim as abelhas significamos nós outros, e os pardaes são os christãos, cá similhante viu um mouro em Cordova em sonhos, quando os mouros a perderam.

Porém o meu conselho é que nos soccorramos á providencia divinal, fazendo nossas orações mui devotamente, que nos livre de tamanho perigo; e pera isto ser bem feito, cumpre de escreverdes a alguns logares onde sintaes que estão alguns religiosos, que lhe praza receberem este feito em encommenda, o que

eu creio que elles farão de necessidade, porque estes signaes assim pertencem a elles, como a nós, se não tanto que aquelle sonho dos pardaes que filhavam as abelhas, significa que o damno será primeiro n'esta cidade, e será bem que se tenha todo bom avizamento em quaesquer estrangeiros que aqui sejam, de guisa que não tenham azo de esguardarem os muros da cidade, nem os leixem andar soltamente por onde elles quizerem, porque não sabe homem a tenção que trazem.

CAPITULO LVIII

Como a frota por azo da tormenta tornou outra vez ás Algeziras, e como ao dobrar do cabo de Almina as galés foram em grande perigo

Ficaram os mouros mui desconsolados, ouvindo assim aquellas novas de sua destruição, empero foi em isto, o que é em todas as cousas, que quando hão de ser, não podem leixar de ser, e a fortuna cega os entendimentos dos homens, que se não sabem desviar d'aquellas cousas que lhe são ordenadas.

Que cousa foi a de Annibal, que com tanta fortaleza correu toda a Italia, fazendo tantos e tão maravilhosos feitos em armas, e por derradeiro constrangido da fortuna requeria piedosamente paz a seu inimigo capital Scipião?

E Pompeu, n'aquella derradeira batalha que houve

com Julio Cesar, seu sogro, nos campos de Emathia, pero tivesse tamanho poderio, elle mesmo confessa que a fortuna forçosamente o tirava de seu entender pelo trazer á batalha, a fim de se mostrar.

E Gayo Cesar, quando foi a hora de sua fim, como quer que tamanho sabedor fosse, e lhe tantos signaes fossem revelados em declaração de sua morte, nunca porém se pode desviar de seu cruel aquecimento, e assim o diziam alguns d'aquelles mouros sabedores, a quem preguntavam que pois elles sabiam que el-rei ia sobre a cidade, e passaram tantos dias sem lhe fazer nojo algum, porque não punham em si, e em seus muros melhor guarda? Quanto mais, sendo assim avisados por aquelles signaes, que tinham visto.

«Verdade é, diziam elles, que nós tinhamos este avisamento, e bem poderamos em treze dias, que el-rei andou d'arredor de nós sem nos fazer algum empecimento, afortalezar nossa cidade muito mais, e fazer pera nossa guarda mil remedios, se tiveramos industria. Mas as rodas celestiaes nos tinham assim atados, que eramos feitos quasi imobiles, e portanto não era em nosso livre poder receber nenhum conselho nem avizamento, sobre a cousa determinada.

Depois que os infantes foram assim com seu padre, como dito é, toda a outra frota se juntou aquelle dia, segundo lhe fôra mandado.

El-rei teve seu conselho, no qual se determinou de tomar terra em direito d'umas salgas que ahi estavam, nas quaes se aconteceu que alguns dos christãos sahiram fóra, assim como homens de pouco sizo, e sahiram os mouros a elles e começaram de se embrulhar de tal guisa que morreu um christão, pelo qual se poz a frota em tamanho alvoroço que quizeram a maior parte d'elles sahir fóra, senão fôra por temor el-rei que

o mandou defender mui rijamente, porque certamente fôra um mui grande perigo, por azo da grande multidão dos mouros que estavam mui acerca, e d'outros muitos que se poderam recrecer, os quaes todos embrulhados fôra azo de grande perdição, e muito mais dos christãos que dos mouros, assim pela vantagem do logar, como pela pouca ordenança que entre si levavam.

E estando assim el-rei em este conselho pera filhar alli terra, sobreveiu uma grande tormenta, pela qual foi necessario que se el-rei d'alli partisse pera outra parte, porque o logar era tal que a frota não podia alli pairar, mas esto foi enviado pela graça de Deus, segundo adiante será contado.

E assim foram as galés em muito grande perigo ao dobrar da ponta d'Almina, e as naus não poderam tão azinha fazer sua volta, e andando assim pairando ao mar, abrandou a tormenta, e quando quizeram seguir a viagem das galés que eram tornadas ás Algeziras onde primeiro estiveram, lançou-as a corrente caminho de Malaga, segundo antes fizera. Do qual abalamento que assim a frota fez os mouros houveram muito grande prazer, como quer que se enganavam muito em ello, porque aquelle foi um mui grande azo pelo qual a cidade foi tão azinha tomada, segundo adiante será contado.

CAPITULO LIX

Da maneira que os mouros tiveram depois que a frota partiu, e como se em ello póde constrar que Deus só foi o que trouxe o fim da victoria.

GRANDE folgança tiveram os mouros por aquella partida d'el-rei, não conhecendo o calado segredo que a Providencia Divina em ello ordenava, e porque em ello verdadeiramente possamos conhecer quanto Nosso Senhor Deus em ello quiz obrar por sua graça, devemos esguardar tres maravilhosas cousas que se em ello seguiram, além da ordenança da rasão, pelas quaes podemos receber avizamento pera o deante, que posto que algumas cousas não venham á nossa vontade, que as hajamos por boas, consirando que nos acontecem a fim d'outro bem maior, o qual nós por aquelle presente não conhecemos.

Onde é de saber, que a determinação d'el-rei era filhar terra pela parte de Barbaçote, segundo já ouvistes, pensando que a não poderia tão desempachadamente filhar da outra parte, a qual cousa, se assim fôra, podera ser que posto que se a cidade depois filhára, fôra com mui grande trabalho, e não sem grande espargimento de sangue, cá o logar era muito fragoso, e a multidão dos mouros muito grande, porque além dos visinhos da cidade, eram ahi outros de fóra que estavam em numero de cem mil,

e aquella tormenta foi causa de se el-rei partir, e escusar aquelle perigo, e mais que tanto que os mouros viram assim partir aquella frota, cuidaram que se ia de todo, e porque os outros mouros de fóra lhe faziam nojo e damno, cá elles por natureza são grandes estragadores de cousas alheias, mandou Calabençala por requerimento dos outros da cidade que se fossem muito embora pera suas casas, porque sua presença a elles já não era necessaria, agradecendo-lhe porém muito seu trabalho e boa vontade que tiveram pera os vir ajudar.

Ora vêde se poderemos direitamente attribuir este acontecimento senão a Deus, o qual é Aquelle, segundo diz o Apostolo, que obra em nós o seu cumprimento, segundo diz Arato, poeta, vivemos á perfeição de todas as cousas.

Outra cousa diremos ainda aqui, porque pertence a Deus Nosso Senhor, esto é que el-rei D. João era assim compressionado, que quanto na terra era forte, no mar enfraquecia muito, e sómente em passar de Lisboa pera Coina, enjoava de tal guisa, que não sabia de si parte, e porque elle conhecia em si esta falta, se encommendou á Virgem Maria da Escada que o livrasse d'aquelle trabalho, e foi cousa maravilhosa, que em todo um mez que andou no mar, nunca fez mostra de nenhum enjoamento.

El-rei quizera ter logo alli seu conselho, porque toda a outra frota levara a corrente, como já dissemos.

Mandou el-rei outra vez ao infante D. Henrique que fosse com as galés pelas naus, como antes fizera, e indo assim sua viagem de noite, ouviram vozes da companha que vinha em uma nau, em que era João Gonçalves Homem, com outros muitos do infante D.

Pedro, e segundo parecia, encontrou outra nau com ella de cujo encontro abriu por tal guisa que parecia que a escalaram com um cutello, e estavam em mui grande perigo os que n'ella vinham, e não lhes foi pequeno conforto quando sentiram as galés junto comsigo, pedindo ao infante D. Henrique que lhes fizesse acorrer.

O infante fel-a logo alijar da mór parte da carga e apertar com cabres mui grossos e fortes. Mas todavia foi-lhe dito que aquella nau por nenhuma via podia fazer vela que logo de todo senão alagasse, e entonce a levaram á tôa, de guisa que d'ella senão perdeu cousa alguma, e a nau foi depois concertada segundo era necessario, pera navegar como da primeira.

O infante seguiu sua viagem, e trouxe as naus como lhe fôra mandado.

CAPITULO LX

Da visão que Fernão d'Alvares Cabral viu ácerca do acontecimento do infante, e das razões que ácerca d'ello diziam.

Outro acontecimento se seguiu maravilhoso ainda, em aquella frota, e foi assim que ao tempo que el-rei havia de partir de Lisboa, além da gente que o infante D. Henrique trouxera do Porto, lhe subreveiu outra muito mais, por cuja razão lhe foi ordenado por seu padre el-rei uma nau grande

em que podesse levar a dita gente, da qual o infante fez capitão Luiz Alvares Cabral, seu vedor, e mandou a seu filho Ferrão d'Alvares Cabral que fosse com elle em logar de seu padre pera o fazer servir em a sua galé, e estando assim n'aquella obra de Gibraltar aqueceu que o dito Fernão d'Alvares se lançeu a dormir sobre uma mesa que estava debaixo do telhado, e d'alli a um pedaço acordou bradando, e assim acordado começou a dizer com o espirito apressurado e trigoso, que acorressem ao infante seu senhor que andava embrulhado com os mouros, e tantas vezes e com tal aficamento disse isto, que alguns dos que andavam pela galé se chegavam pera elle, e porque o viram assim acordado, foram mui maravilhados, empero falaram-lhes alguns dizendo que cousa era aquella que lhe assim parecia, que o infante estava fóra de similhante cuidado.

— Vêdes, disse elle, que cousa pera crêr? vejo-o eu andar entre aquelles perros, sem lhe acorrer nenhum de vós outros. Mas empero Deus é com elle, que já tem derrubados dois; ajudae-o por Deus, que o não levem aquelles mouros ante si, cá são tantos que sou espantado como se pode d'elles defender; e entonce começou a dizer, oh! Virgem Maria, acorre-lhe, que se tua ajuda lhe falece, de nenhum dos seus pode ser ajudado.

E queixando-se fortemente contra os seus porque o não iam ajudar, e quando lhe parecia que o infante dava algum golpe a algum mouro, era o seu prazer tamanho que todo o rosto se lhe enchia de rizo, e muito mais quando lhe parecia que o matava, e entonce começava de esforçar o infante, dizendo que não temesse nenhuma cousa, que Deus o ajudaria, e assim dizia outras muitas cousas, como se propriamente vis-

se andar o infante entre os mouros, como de feito depois andou.

A qual cousa fizeram saber ao infante, o qual posto que bem conhecesse que aquillo era ar de peste, mandou porém ao seu phisico, mestre João, que o fosse vêr, e quando chegou a elle e lhe falou, foi Fernão d'Alvares muito mais queixoso, dizendo-lhe que faria muito melhor d'ir ajudar seu senhor, que de estar com elle em similhantes razões.

—Empero, disse elle, deixai vós os fanados, cá cuido eu que lhes vae a elles de quando em quando o infante meu senhor, corregendo a fazenda, e assim tornava ás suas primeiras razões, e o mestre João disse ao infante:

— Eu tenho bem visto a Fernão d'Alvares, e quero-vos acerca d'ello fallar como phisico e como conselheiro, e quanto a phisico me parece que todavia o devereis d'ir vêr, porque certo é que isto que assim fala não é al, senão ramo de peste, o qual lhe representa assim estas cousas e revelações como cousas que hão de ser, trazendo a alma quasi apartada do corpo pera conhecer aquellas cousas, que por si só depois ha-de vêr, e tanto que vos vir não ha duvida senão que perca aquella maginação e torne a seu proprio entender, e falando como conselheiro me parece que não deveis lá de ir, antes vos afastar d'elle quanto poderdes, porque este ar é contagioso como sabeis, e chegando-vos a elle ponde-vos a perigo. E porém sobre tudo vossa mercê póde fazer o que lhe prouver.

O infante disse que Deus Nosso Senhor fizesse o que sua mercê fosse, que todavia entendia de o ir vêr, e tanto que chegou a elle e lhe falou, Fernão d'Alvares saltou logo em pé fóra da mesa, e alevantou as mãos contra o ceu dizendo que louvava muito ao Se-

nhor Deus pela victoria de tamanho perigo, contando-lhe todo o que lhe aparecera.

— Ora pois, disse o infante, tornae-vos a repousar e folgar, ca esto não foi al senão algum assombramento d'ar corrupto que vos quizera empecer e não pôde.

— O repouso que eu hei-de fazer, disse Fernão d'Alvares, é mandar-vos fazer a ceia, que já pedaço ha que me quizera alevantar pera ello, se não estivera em aquelle trabalho.

Todas estas cousas que assim Fernão d'Alvares disse, depois aconteceram ao infante, sem falecer nenhuma, e assim aconteceu a elle que estando a frota ante a cidade de Ceuta lhe deu uma levação, pela qual logo o infante o mandou bem curar de sangrias, e de todas as cousas que lhe ao presente eram necessarias, e mandou que o levassem a Tarifa pera ser lá melhor curado, mas elle por nenhum modo quizera partir até se despedir do infante, o qual o mandou trazer a bordo da sua galé, e lhe falou.

— Senhor, disse elle, Deus sabe quanto desejo de vos servir, e não quizeram os meus pecados que eu n'este tempo vos servisse segundo desejava, de que minha alma não leva pequena magua, porém estou n'estes termos que vedes, que não sei a fim que hei-de haver, mas qualquer que seja, eu vos peço por mercê que me encomendeis em vossas orações, e se eu morrer vos lembreis de minha alma, cá se me Deus dá vida bem creio que por meu serviço conhecereis minha boa vontade.

E prouve a Deus de lhe dar vida e mostrou bem a obra de suas palavras, cá sempre depois serviu bem o infante, e assim mesmo em seu serviço morreu sobre o cerco de Tanger.

CAPITULO LXI

Como el-rei teve seu conselho se tornaria outra vez sobre a cidade de Ceuta, e das razões que se no dito conselho passaram.

Já na frota não havia algum que cuidasse que havia d'alli fazer viagem senão pera Portugal, e entonce havia entre elles muitas e desvairadas repartições.

«Agora, diziam elles, podera el-rei conhecer as traições do prior, cá certo é que nos trazia todos vendidos pera nos resgatar como seus prisioneiros; vêde que cousa ia metter em cabeça a el-rei, que havia de tomar a cidade de Ceuta, onde se adergaramos de filhar terra, nunca de nós tornára pé d'homem pera Portugal.

«Quem duvida que elle não escrevesse a Salabençala que pozesse em si recado, avizando-o de todo corregimento d'el-rei? cá certo é que quando elle foi á Secilia, em vez de olhar os muros da cidade, foi falar com Salabençala, e á bó fé, segundo alguns disseram, mais levou elle d'aqui do que rendeu o seu priorado vinte annos; pois vêde vós, diziam outros, ainda com todas essas cousas os infantes não o chegam menos a si, que se porventura entendessem que por seu azo haviam de cobrar á cidade.

«Assim lh'o meterá elle em cabeça, diziam outros, e elles como são gente manceba crer-lhe-hão quantas abusões lhe elle disser.

«Não póde ser, diziam alguns, cá el-rei não é parvo nem esse feito não é pera ter em jogo, e posto que el-rei cale, vós vereis a derradeira, que elle lhe dará tão bom castigo que pera todo sempre seja memoria, e o que lhe a elle faleceu pera fazer quando jouve no castello de Coimbra, acabar-lh'o-hão agora.

Mas sobre todo foi prazer de vêr quando el-rei á segunda feira mandou chamar todos do conselho que viessem nos bateis pera falar com elle ácerca d'aquelle feito.

Quando o prior passava acerca dos navios no seu batel, não olhavam todos menos pera elle cá se souberam certamente ser verdade o que antes diziam, e não cuidavam al senão que el-rei lhe queria demandar razão d'aquelle feito, e não era a gente do povo muito de culpar, pois que muitos dos capitães lhe davam culpa, dizendo que elle ordenára todo aquelle feito.

Mas o prior que era homem sezudo, ainda que ouvia todas aquellas palavras, deitava tudo a jogo, sómente se acha que disse a alguns d'aquelles fidalgos que o atormentavam por aquella razão, que os corações lhe não falecessem, cá o que elle encaminhara e ordenara elle daria d'ello boa conta.

Depois que os do conselho foram assim juntos propoz el-rei sua razão, dizendo que bem sabiam com quantos trabalhos e despezas trouxera alli aquelle ajuntamento a fim de filhar a cidade de Ceuta, como elles bem sabiam, sobre o qual se fizera já quanto elles viram, porém que lhe dissessem o que acerca d'ello lhe parecia, sobre a qual proposição foram arrezoadas muitas cousas, e finalmente foi o conselho partido em tres partes, a saber: uns disseram que era bom todavia tornar a Ceuta, outros disseram que fi-

lhassem Gibraltar, e outros que se tornassem pera Portugal, e os que eram do conselho que se filhasse Ceuta, foram principalmente os infantes, os quaes responderam a seu padre por esta guisa:

«Senhor, vós deveis consirar quanto tempo ha que começastes este feito e quantas e quão grandes cousas tendes movidas pera chegardes ao fim, por cuja razão a fama d'este feito voou por muitas partes do mundo, e como posto que no começo encobristes este segredo, que já agora o tendes revelado, e tornando-vos assim ou apontando em outra cousa de menos valia, não podeis haver victoria que vos não fique maior prasmo, quanto mais por não provardes nem sairdes com vossa força e poder sobre a grandeza d'aquella cidade, cá se por ventura já vos jouvereis em seu cerco sobre ella alguns tempos arrazoados, não tivera o mundo porque vos dar tamanha culpa, mas tornardes-vos assim, parecerá que vos espantou a sombra dos mouros, nem aos mouros será pequena alteração quando consirarem que vos assim espantastes da sombra da sua cidade, e póde ser que lhe ficara d'aqui ouzio e atrevimento de correrem com seus navios a costa do Algarve, mais do que até qui fizeram, porém nosso conselho é que todavia vos vades sobre a cidade e que a cerqueis e combateis com vossos engenhos, e esperamos em Deus que vos dará victoria, cá pois esto principalmente foi ordenado por seu serviço, pelo qual desprezastes todos os outros contrarios, quantos se vos offereceram no começo d'este feito, não deveis agora tornar atraz por este que é muito mais pequeno, e Deus que sabe vossa vontade e tenção vos ajudará por tal guisa que acabeis vosso feito como desejaes.»

Estas razões e outras muitas acerca d'este propo-

sito disseram os infantes e o conde de Barcellos a el-rei, com os quaes se foram dois ou tres do conselho, e os que falaram em Gibraltar propozeram suas razões em esta forma:

«Se por ventura este feito não pertencesse senão á cidade de Ceuta sómente, ou ella fosse tal que se podesse bem cercar, logo seria bem de aventurarmos nossos corpos e fazendas por cobrar seu senhorio, e ainda que vissemos milhares de mortos dos nossos christãos, e nós outros feridos e cançados sobre elles pelejando, não era razão que nos partissemos de similhante contenda.

«Mas que será quando cuidarmos que havemos de pelejar com todos os mouros d'Africa, e aventurar com tanto fim o que não tem fim.

«Quanto mais que nós não podemos cercar a cidade, ainda que nos muito trabalhemos, não lhe tolheremos que não entrem mantimentos e gente de fóra quanta quizerem.

«Entonce vos digo, disse um d'aquelles, que será peleja bem egual nós affastados de nossa terra comendo nossos mantimentos cada dia que d'ella trouxemos, por cujo falecimento não estamos em certa esperança que possamos tão azinha cobrar outros, e entonce será nossa peleja muito razoada, elles serem mais que nós muito, que hão de vir como quem vem a perdões como souberem que nós aqui estamos, e farão escarneo de nós se nos virem jazer em nosso cerco, sentindo com nossa vinda razoado temor; vêde que logar é Ceuta, que ha n'elle uma legua pera cercar assim de ligeiro, pera o qual por boa fé que havia mister toda a Hespanha, pela qual razão somos em accordo que pois já cá somos que vos contenteis de filhar a villa de Gibraltar, porque além de todas razões é pera consirar

como sômos hoje em dezenove dias de Agosto, e que pera assentar vossas artilherias e arraial ha mister dez ou doze dias de Setembro, e não tardará muito o inverno que não comece mostrar os signaes de sua frieldade, cá tanto que o sol entra no signo de Libra, logo os dias começam de abaixar cada vez mais, e as tormentas aqui no inverno são muito grandes, de guisa que gravemente podem aqui estar nenhuns navios sobre ancora muito tempo, e esta é uma das cousas que vos é muito necessarias, a saber, a frota, porque a maior parte d'ella como vêdes é cercada de mar, aonde ha mister estes navios, e ainda se os tivesseis, porém é bem que consireis sobre todo, cá estas cousas são mui grandes e hão mister mui bem providas com todas suas partes.

CAPITULO LXII

Como os outros do conselho disseram a terceira razão, e como por el-rei foi determinado á ponta do Carneiro, que queria ir sobre a cidade de Ceuta.

Longo mais do arrazoado fôra este capitulo, se quizeramos escrever em elle a declaração de todas as razões d'aquelle conselho, porém guardamos pera aqui a derradeira intenção dos que diziam que se tornassem pera Portugal, os quaes ouvidas as razões dos outros disseram:

«Nem é conselho o primeiro que dizem que vades a

Ceuta, nem o segundo em que vos aconselham que tomeis Gibraltar, porque não são cousas que devaes de poer em execução, segundo nosso conhecimento.

«E fallando primeiramente do que pertence a Ceuta, assaz nos parece que vos foi alli fallado os muitos inconvenientes que havia, os quaes evidentemente são conhecidos entre aquelles que entendem em similhantes feitos, empero não foi em elle fallado na tardança que se segue de necessidade, se a cidade fôr cercada segundo pertence, cá deveis de consirar que não será vossa honra alevantardes-vos do cerco depois que a uma vez cercardes, cá sabeis como se diz que el-rei D. Fernando de Castella jouve sobre a cidade de Coimbra sete annos, e outros dizem que el-rei D. Affonso de Castella jouve outros sete annos sobre esta cidade, no qual tempo fez aquelle cerco de Algezira, que está de fóra.

«Pois vós ao menos que estivesseis aqui um anno se mister fôsse, não seria muito, ora vêde que frete haveis mister pera a multidão de tantos navios como aqui tendes, quanto mais ainda que elles por sua vontade não estarão aqui, cá tem de levar as mercadorias pera governança de suas terras, sem as quaes porventura se não poderam governar. Ora pera que são mais razões ácerca d'ello? basta que consirados todos os casos contrarios, achareis que é quasi impossivel de o poderdes acabar.

«E quanto é á filhada de Gibraltar, isto é cousa que não deveis fazer, pelas pazes que tendes com o reino de Castella, cá dirão que o não fizestes senão a fim de os injuriar, mostrando que seu poder não era bastante pera acabar sua conquista, e vós em seu despreso quereis vir guerrear sua empreza, cá bem sabeis como escrevestes a el-rei D. Fernando, que vos

filhasse na companhia d'aquella conquista, e o que vos el-rei respondeu, e poderia ser que durando-vos sobre o cerco d'esta villa, os castellãos haverão as pazes por quebradas e se trabalharão de fazer alguma novidade em vossos reinos, o que seria azo de grande perigo, e finalmente nossa tenção é que vos torneis pera Portugal, visto como não podeis nem deveis mais fazer.

«E pois que vós principalmente começastes este feito por serviço de Deus, Elle que sabe vossa tenção e conhece que não podeis em ello mais fazer, receba vossa boa vontade com a grandeza do trabalho que acerca d'ello tendes levado cumpridamente por obra, cá não é seu serviço levardes tanta gente a morrer sem alguma esperança da victoria, cá escripto é que os mortos não louvam o Senhor, mas os que vivem e conhecem o seu nome.»

Esto até aqui disseram aquelles derradeiros, mas el-rei não quiz nenhuma cousa responder, antes disse que a determinação d'aquillo leixava pera depois, e mandou logo fazer prestes toda a frota, e que se fossem lançar á ponta do Carneiro, a qual cousa foi feita mui ledamente, porque todos maginavam que ahi não havia já outra cousa senão tornar pera Portugal, tendo pouco cuidado de quanto trabalho e despeza sobre aquelle feito era levado, e como todo juntamente se perderia ao ponto d'uma só hora, e assim pareceria que todas as cousas até alli feitas, foram feitas afim de trazerem deshonra a el-rei e ao reino.

Depois que a frota foi assim toda junta na ponta do Carneiro, el-rei saiu em terra e ajuntou comsigo todos os do conselho, e assentou-se no chão e elles todos d'arredor d'elle.

— Agora, disse elle, vos quero responder a todo o

que me falastes ácerca de meus feitos, e quanto é ao que me dizeis que me torne pera meu reino, parece-me que assaz seria de grande mingua haver acerca de seis annos que ando n'este trabalho, fazendo sobre ello tantas circumstancias como sabeis, pelas quaes o mundo está com as orelhas abertas pera ouvir a fim da victoria, e leixal-o assim agora parece-me que não seria outra cousa senão um escarneo. E outro sim acerca do que dizeis de Gibraltar, assaz seria feia cousa ter o fito posto em uma tamanha cidade e por derradeiro desfechar em uma similhante villa, e porém abreviando as circumstancias dos contrarios que acerca d'ello poderam acarretar, declaro que minha vontade é o dia d'hoje, a Deus prazendo, ser sobre a cidade de Ceuta, e d'amanhã filhar terra, e d'ahi em deante proseguir minha intenção até que Deus traga aquelle fim que sua mercê fôr.

Ora convem, diz o auctor, que digamos aqui de como Pedro Fernandes Porto Carreiro, tanto que sentiu que a determinação d'el-rei era filhar a cidade de Ceuta, requereu a seu padre licença pera se ir pera elle.

— Leixa primeiro, disse seu padre, a el-rei assentar seu arraial, e entretanto encaminharemos alguma boa cousa que lhe leves em serviço, que assás de tempo haverá hi pera o servires.

Esto escrevemos assim aqui como membro que fazem os pedreiros sobre a parede, pera tornarmos depois aqui pera fundarmos outra rasão.

CAPITULO LXIII

Como el-rei ainda teve conselho acerca do filhar da terra onde seria, e das rasões que disse ao infante D. Henrique.

Muito parecia á maior parte d'aquelles do conselho d'el-rei aquella viagem perigosa, empero não tiveram nenhuma rasão de a contradizer, depois que viram determinadamente a vontade d'el-rei, quanto mais sendo seus filhos primeiramente em aquelle accordo, e bem poderamos aqui nomear expressamente quaes eram aquelles conselheiros que alli estavam e as vozes que cada um dava, mas porque poderia ser que seriam julgados ao revez de suas intenções, leixamos de o fazer.

Ora sabei que não foi menos contenda sobre o desembarcar d'aquella frota, do que foi primeiro sobre o cerco da cidade, porquanto el-rei determinadamente disse que queria poer seu arraial na Almina, a qual cousa era contra a opinião de todos, cá lhe disseram que seu cerco não prestaria nenhuma cousa se elle não empachasse aquella parte do sertão.

— Parece, senhor, disseram elles, que vós vindes pera cercar e quereis ser cercado, bem sabeis que os mouros não tem tamanho poder por mar como por terra, e além d'isso tereis abastança de mais aguas e melhores, e sereis seguro d'elles enviarem recado a nenhuma parte, e posto que grande multidão de

mouros venha, podereis fortalezar vosso arraial de cavas e artificios de madeira, por tal guisa que nunca vos poderão empecer, e se estiverdes na Almina elles podem metter quantos mouros quizerem dentro na cidade e entrar e sahir quando lhes aprouver, e adubar seus bens e trazer seus fructos pera suas casas, como se vós ahi não estivesseis, assim que vós estareis mais cercado que elles; e por esta guisa se passaram sobre este feito outras muitas rasões, ao que el-rei respondeu que elle havia por melhor de ter alli seu arraial, porque não tinha necessidade d'outro palanque, e que sómente havia de ter cuidado depois que alli estivesse de pelejar com os mouros da cidade, e se estivesse da outra parte que teria dois cuidados, um de pelejar com os mouros da cidade e outro de se defender dos que viessem a seu soccorro.

— Ora, disse elle contra o infante D. Henrique, meu filho, bem me lembra os requerimentos que me fizestes quando eramos acerca de Lisboa, aos quaes vos eu disse que vos responderia quando fosse mister, e porque agora é tempo de vos responder ao que me requerestes, que vos outorgasse que fosseis em companhia d'aquelles que primeiro filhassem terra, eu vol'o concedo, mas não me apraz que em ello vós vades como companheiro, mas como principal capitão, e quando el-rei isto falava toda sua cara estava cheia de rizo, como aquelle que tinha grande esperança no engenho e fortaleza de seu filho.

— Nós prazendo a Deus, disse el-rei, iremos hoje sobre a noite ancorar nossa frota d'avante da cidade, e vós ireis primeiramente com a vossa frota que trouxestes do Porto direito a Almina, e ahi fareis lançar vossas ancoras e alojar vossa frota, e nós iremos da outra parte dos banhos por tal, que quando os mou-

ros virem a maior força da frota em aquella parte, entendam que alli ha-de ser a principal força da nossa desembarcação; pela qual cousa acudirão alli a maior parte d'elles por empachar nossa sahida, e da outra parte de Almina não farão grande conta, pela suspeita que terão que não havemos alli de filhar terra, e vós tanto que virdes meu signal, lançareis vossas pranchas em terra e sahireis o mais despachadamente que poderdes, e depois que nós sentirmos que tendes a praia filhada, passaremos nossa frota pera acerca da vossa, e encaminharemos de vos seguir, de guisa que vos não leixemos muito estar sem companhia.

— Outro sim, disse el-rei, porque a corrente não haja logar de nos lançar as naus caminho de Malaga, como já fez duas vezes, tereis maneira de levar vossas galés por tal ordenança que posto que alguns dos navios de nossa companhia queiram esgarrar por força da corrente, que não hajam logar de correr mais avante.

CAPITULO LXIV

Como a frota partiu pera ir sobre a cidade de Ceuta, e das razões que os escudeiros do infante D. Henrique houveram com elle.

Não poderia direitamente contar o grande prazer que o infante D. Henrique houve, quando lhe seu padre deu aquellas novas, cá assim como homem que o recebia em especial mercê, lhe foi beijar a mão com a continencia mui alegre, e tanto que todos foram na frota, mandou logo o infante aparelhar todas suas cousas de guisa que quando as trombetas fizeram signal pera partir, disse a todos que pensassem de si de maneira que depois que a frota partisse não se andassem ocupando em outras cousas, de que todos houveram mui grande prazer, pensando que a sua viagem direitamente havia de ser pera Portugal, e assim com aquella lédice, posto que fosse vã, corregeram mui azinha todas suas cousas, de maneira que sendo feito o signal de partida estavam todos prestes, e porque era em tal tempo como sabeis, acerca da tarde muitos d'elles fizeram sua ceia temporã, por darem maior esforço a seu prazer, e o infante mandou logo adereçar, suas galés por aquella ordem que lhe seu padre mandara, pera reter a corrente da agua quando trouxesse os navios da frota d'el-rei, e depois que o infante e o conde seu irmão foram partidos, começaram de caminhar todos os navios da frota d'el-

rei, e depois que todos os mareantes e aquelles que haviam de reger a frota sentiram que todavia haviam d'ir avante á cidade, alevantaram vagarosamente suas ancoras e corregiam seus aparelhos assim como tem por costume de se levantar homens preguiçosos quando em tempos de frio jazem em camas moles e brandas, de guisa que por sua tardança mostram quanto suas vontades são contrarias aquello que fazem, e assim faziam aquelles mareantes em correger seus aparelhos, porque já a galé d'el-rei era acerca de Aljezira, quando o derradeiro navio partia da ponta do Carneiro, e assim iam ordenados um ante outro, que não parecia senão uma ponte que chegava de terra a terra, e depois que os navios do infante D. Henrique assim foram partidos como já dissemos, e os da frota d'el-rei começaram partir caminho d'Aljezira, aquelles que iam na galé do infante pensavam que se tornavam pera Portugal, e ficaram d'ello muito espantados, e disseram que caminho era aquelle que aquella frota assim levava?

— Leixae, disse o infante, cá o que governa já sabe por onde ha-de ir.

— Antes nos parece que o não sabe, responderam elles, pois que leva tal caminho, cá elles vão caminho de Ceuta e nós imos pera Portugal.

— Leixae fazer, disse o infante outra vez, a frota sua viagem, que vae acabar o por que aqui foi vinda, a qual palavra não foi mui doce nos ouvidos d'aquelles, entre os quaes se começou logo um novo rumor falando cada um apartadamente sobre a determinação d'aquelle feito, e principalmente se apartaram todos aquelles escudeiros que iam com o infante, e acabado de pouco foram assim todos juntos falar ao infante.

— Senhor, disseram elles, nós vos pedimos por

mercê nos queiraes perdoar algumas razões que vos queremos dizer, porque sentimos que será muito melhor de vol'as dizermos agora que ao depois que o feito fôr começado, cá poderia ser que parecendo nossas tenções justas e razoadas, ao tempo que nos houvesseis de mandar não compriríamos vosso mandado com aquella obediencia que vos devemos, a qual cousa seria azo de vos queixardes do que agora ouvireis antes que o feito seja começado.

— Ora senhor, disseram elles, nós somos bem certos que el-rei vosso padre fez duas vezes conselho acerca de sua vinda, porque sente que não pode filhar a cidade de Ceuta como queria, e não sabe como se torne que pareça razoado ao mundo, e por isso quer levar a frota sobre a cidade e mandar sahir a mor parte da gente meuda com alguns capitães dos mais somenos, e elle comvosco e com outros principaes ficardes na frota, porque ao depois se possa dizer que elle trabalhou por tomar terra e não pôde, e que fez sobre ello toda sua posse. O que senhor se assim é, vós sabeis que será grande mal, cá outra melhor cautella devia vosso padre buscar que não aquesta, que notorio é que nos espadaçarão alli a todos na metade d'aquella area, ante a vista de vossos olhos, sem nenhuma esperança de remedio. Porém vós sabei que posto que vos ouçamos tal mandado, que muitos havemos de poer duvida ao comprir. Por tanto vol'o fazemos assim a saber por vosso avizamento, que consireis que será bem de o fazerdes saber a vosso padre, cá segundo cremos não o tem menos em vontade todos os outros.

CAPITULO LXV

Como o infante D. Henrique respondeu a aquelles escudeiros e a frota chegou d'avante da cidade.

O infante algum tanto ficou espantado de similhante novidade, e assim mostrou a continencia alguma maneira queixosa quando lhes deu a resposta, principalmente por reprehender suas desavisadas palavras.

— Parece, disse elle, que el-rei meu senhor teve um conselho em terra e vós outros tivestes outro no mar, e pensaes que elle nem nós outros teremos de vossas vidas aquelle carrego que é razão de termos, porém vossas palavras me forçaram declarar-vos o que d'antes tinha pouco em vontade, e esto é que de manhã prazendo a Deus Nosso Senhor, me vereis sahir primeiro que ninguem pela prancha d'esta galé em terra, e porque nenhum de vós haja razão d'ir apoz mi, mandarei aos outros navios por dois dos meus, pera levar commigo, e vós podereis seguir bem vossas vontades, porque a mim apraz que até que me vós não vejaes sahir, que por mandado que venha d'el-rei meu senhor, nem meu vós não façaes movimento algum.

Grande arrependimento mostraram todos aquelles d'aquellas palavras que disseram ao infante, e antes quizeram perder sua fazenda, que ter falado similhante cousa, e alli começaram de se queixar mui fortemente, dizendo que aquello seria já muito peor que o da pri-

meira, cá o que elles disseram não fôra dito com má intenção, sómente por lhe parecer que não seria razão de os alli leixar morrer sobre cousa de que a elle ficava pouca honra.

— Empero, disseram elles, senhor, vós não cuideis que assim haveis de sahir sem nossa companhia, antes crêde que não ha aqui tal, que antes se não leixe morrer, que ser-lhe feita similhante injuria. E posto que vós queiraes sahir como dizeis, vós sabei que nós sahiremos todos a par de vós, ou nos alagaremos n'este mar.

— Não mais, disse o infante, que sobre o que vos disse não entendo fazer outra mudança.

E assim ficaram todos aquelles escudeiros com aquelle nojo, dispendendo a parte que lhe ficava do dia, fallando sobre aquelle feito.

Os mouros da cidade tanto que viram a frota acerca de seus muros, encheram todas as janellas e frestas de candeias, por mostrarem que eram muitos mais do que os christãos presumiam, e assim pela grandeza da cidade como por ser de todas as partes tão alumiada, era mui formosa de vêr, sobre a qual nós aqui podemos interpretar que assim como a candeia quando se quer apagar dá sempre grande lume, assim estes que ao outro dia haviam de leixar suas casas e fazendas, e muitos d'elles haviam de partir das vidas pera todo o sempre, faziam aquella sobeja mostrança de claridade significando sua fim, ou porventura mais direitamente podemos dizer que Nosso Senhor Deus querendo mostrar como aquelles maus sacrificios que até alli se fizeram, estavam pera fazer fim, quiz assim em figura demonstrar que assim como em aquella hora a cidade era mais alumiada do que nunca fôra por fogo temporal, assim seria no dia se-

guinte alumiada do verdadeiro fogo do Espirito Santo, quando os christãos trouxessem o signal da cruz por todas as partes da cidade.

CAPITULO LXVI

Como os da frota traziam por essa mesma guisa lume por seus navios, e das tenções que entre si haviam.

Posto que aquelles mouros assim alumiassem sua cidade a fim de acrescentarem em a similhança de sua multidão, os outros que estavam nos navios não alumiaram menos a sua frota, mas esto era mais por necessidade que por mostrar sua multidão, porque tanto que os navios tiveram suas ancoras lançadas, logo cada um começou de cuidar no que lhe cumpria pera o dia seguinte, e com tochas que os capitães tinham ante si e as candeias que os homens traziam nas mãos quando andavam corregendo suas cousas, era a frota mui alumiada e parecia ainda muito mais aos da cidade, porque o fogo feria na agua do mar e parecia que tudo era lume, a qual cousa não punha pequeno espanto áquelles mouros que a direitamente podiam esguardar, mas depois que a noite se começou de gastar e os senhores se metteram em suas camaras pera filharem seu repouso, começaram cada uns d'aquelles de se acostar em seu alojamento, e porque em similhante tempo os homens tem vagar de cuidar em quaesquer cousas, porque em-

quanto a força do somno não tira o natural sentir, não podem arredar de si desvairadas imaginações, onde cada um leva seu entender pera aquello que traz mais acerca da vontade.

E certo é que em tal tempo póde homem consirar o damno ou proveito que lhe póde vir melhor que em outro algum tempo, cá dito é pelo philosopho que o coração estando quieto se faz prudente.

Jazendo assim aquelles, começaram a consirar qual seria a sua fim no outro dia, cá posto que ahi houvesse muitos ardidos e fortes, assim estavam outros de pequenos corações.

Cá na grande multidão necessario é que haja de todo metal, os quaes toda aquella noite não podiam dormir senão a bocados, e andavam a seus peitos tão desvairados pensamentos que os não leixavam livres a um só cuidado, e assim como a nau quando traz pequena carga a arvore secca, anda sobre as ondas d'uma parte pera outra sem ter certo rumo porque faça sua viagem, bem assim andavam os pensamentos d'aquelles, aluindo sem certo curso. E uma vez se lhe apresentava ante a imagem da alma como os mouros eram homens que arreceavam pouco a morte, comtanto que elles podessem cumprir suas vontades matando seus inimigos; outra vez pensavam que se ali fallecessem, no que elles punham grande duvida, que sepulturas haveriam e como os não veriam seus filhos nem seriam acompanhados de parentes no seu enterramento, quando lhe fizessem sua derradeira honra, nem poderiam chorar sobre suas covas os que grande sentimento de suas mortes tivessem.

«Oh! diziam elles entre si, como foram bemaventurados todos aquelles a que Deus leixou acabar seus dias em seus leitos, os quaes em tal tempo são acom-

panhados de suas mulheres e filhos, aconselhados de seus abbades com grande proveito de suas consciencias, e estão fazendo repartição de seus bens segundo o movimento de suas vontades.

«Mas nós outros os que aqui morremos não veremos nenhumas d'estas cousas, antes jazeremos sem sepulturas, desprezados de todos os vivos, e assim se gastarão nossas carnes sem de nós alguem saber parte senão depois da derradeira resurreição do juizo.

«E que proveito nos póde trazer o ganho dos trabalhos que levamos em nossas mocidades e mancebias, senão havemos de ter poder em nossos dinheiros pera os darmos pera saude de nossas almas?»

Por certo mais nobres pensamentos tinham aquelles a que a natureza guarnecera da verdadeira fortaleza, os quaes consirando em este feito diziam entre si:

«Bemaventurados somos nós a quem Deus entre todos os de Hespanha outorgou primeiramente graça de cobrar terra nas partes d'Africa, e que havemos primeiro de despregar nossas bandeiras sobre a formosura de tamanha cidade.

«Vá com Deus, diziam elles, por bem empregado nosso trabalho em similhante serviço, pois que o nosso sangue ha-de ser espargido por remimento de nossos peccados. E que perda receberemos os que aqui fizermos fim de nossos dias? Pois temos certeza que as nossas almas que são espirituaes, verão verdadeiros prazeres no outro mundo. E os auctores das historias, apartados em seus estudos, estarão contemplando na bondade de nossas forças, e escreverão nossos feitos pera ensinança de muitos vivos, e voará a fama de nossas mortes por todas as partes onde os homens conhecerem escripturas, e nossa fortaleza será como espelho de todas aquellas gentes que descenderem de

nossa linhagem, os quaes sempre viverão em favor de nosso merecimento, cá os reis que depois vierem a Portugal sempre terão rasão de se lembrar de tamanho feito.

E pensando assim em estas cousas muito a meude, se levantavam a olhar o movimento das estrellas pera saber camanha parte ficava por passar da noite, cá tarde lhe parecia que chegava a claridade do dia pera verem a hora que tanto desejavam.

CAPITULO LXVII

Como no dia seguinte os mouros e os christãos cada uns trabalhavam em seus feitos.

Pequena tardança poz o sol em começar seu diurnal trabalho, cá esto era uma quarta feira vinte e um do mez d'Agosto, em a qual aquelle imperial planeta entrava em seis graus do signo que se chama de Virgo, e em aquella hora que Ganimedes começou de romper a primeira teia do oriental crepusculo.

A gente da frota que no começo da noite fôra trabalhada, uns em corregimento das suas fardagens, outros aparelhando as guarnições de seus navios, eram ainda algum pouco asonorentados, e quando viram a claridade do sol que tendia seus raios pelas arcas de seus navios começaram de se apitar uns aos outros, chamando-se por seus nomes, e des-ahi meteram suas mãos a revolver as armas, provendo-as de todas as

partes se tinham algum falecimento, outros andavam com os ferramentaes nos braços e com os martellos nas mãos pera pregarem seus arnezes, outros tentavam as atacas de seus gibões se tinham aquella fortaleza que lhe cumpria, outros se lembravam de seus pecados e andavam buscando seus abades, mostrando a Deus o grande arrependimento que haviam em seus corações, outros provavam suas armas tomando as fachas nas mãos e desenvolvendo os braços pera uma parte e pera outra pera vêr se os embargavam em alguma parte, outros tiravam as espadas das bainhas e começavam-nas a brandir, provando se tinham aquelle fio que lhes cumpria.

«Ah! diziam elles, boa espada que quando Deus queria, bem sohieis vós a cortar por cima das folhas e das cotas, veremos hoje o que sabeis fazer pela carne d'estes perros que não podem suportar nenhuma cuberta.»

Outros abriam as cerraduras das suas botas em que traziam seus biscoitos, apresentando a seus amigos as melhores viandas que tinham.

«Comamos, diziam elles, cá por ventura este é nosso derradeiro dia, e se nos Deus por sua mercê leixar vivos depois da victoria, não nos falecerá vianda.»

Taes havia ahi que já tinham as côres quejandas lh'as a morte havia de aparelhar d'ahi a pouco espaço; outros andavam tão ledos que já em seus rostos se via a similhança da victoria.

Nem os mouros não estavam tão ociosos que não cessavam de repairar todas as cousas que sentiam que lhe poderia prestar pera sua defensão, e assim andavam correndo por aquelles muros d'uma parte pera outra, mostrando que nenhum medo tinham em seus corações.

Mas outro cuidado era o dos mouros velhos e de todos os que sabiam a declaração d'aquelles signaes que já dissemos, e uns andavam escondendo seus haveres, outros estavam descalços em suas mesquitas com os corpos tendidos ante as reliquias dos seus prophetas, pedindo mercê ás divinaes virtudes que trouxessem aquelle feito a tal fim que a sua cidade não ficasse quebrantada ante a ira d'aquelle rei.

«Ah! Deus, diziam elles, e pera que era tal fundamento de cidade, cuja nobreza nas partes d'Africa tinha corôa, se a formosura de nossas ruas ha-de ser tinta de nosso sangue? E tu santo propheta Mafamede que na casa de Deus Padre tens a segunda cadeira, porque não abres os olhos de tua divinal magestade e esguardas sobre nós que vivemos sob a tua disciplina? e não nos leixes assim trilhar em poder d'estes infieis que com tamanha soberba querem destruir a tua lei, e se tu sabias que a tua cidade havia de ser casa de christãos, porque o não revelavas a nossos padres que a leixassem despovoar? Mas agora que os seus ossos já são desfeitos em cinza d'arredor das tuas sagradas mesquitas, cujas paredes elles com seus trabalhos alevantaram, e nós obrigados de as acompanhar, queres tu agora consentir que nós vamos buscar as terras alheias e participar com aquelles em egualeza que por razão da nobreza de nossa cidade nos viviam em obediencia?

«Certamente a tua divinal clemencia não consentirá que vejamos hora de tanta crueza. Se por ventura a grandeza de nossos pecados te forçarem de o consentir, tu ouvirás os nossos gemidos no meio da nossa cidade quando recebermos os derradeiros golpes ante as aras sagradas das tuas mesquitas, espargendo nosso sangue sobre as sepulturas de nossos padres, e nós

alli tendidos receberás nossas almas que sahirão de nossos corpos, e nossas mulheres e filhos que escaparem da crueza do triste ferro, carregados de prizões passarão nas partes da Hespanha, onde muitos dos nossos parentes já tiveram tamanho senhorio. E alli farão os seus netos vida miseravel, pelo falecimento da celestial ajuda. E sobre todo a força do captiveiro lhes fará renunciar a tua lei, que tu entre todas as outras cousas devias mais sentir. Ora vê com que piedade poderás suportor todas estas cousas, e que proveito nos veiu a nós de guardarmos a tua lei e seguirmos os teus mandamentos, se na hora de tão estreita necessidade não acorres a este povo mesquinho com a tua celestial ajuda?»

CAPITULO LXVIII

Como el-rei mandou apparelhar uma galeota em que andou avizando todos os capitães da frota da maneira que haviam de ter.

QUANDO el-rei viu que o sol começava de quecer e que a sua gente andava toda em trabalho de se correger, mandou fazer prestes uma galeota e meteu-se n'ella, posto que n'aquelle tempo lhe era mais razoado o repouso que o trabalho, por quanto em querendo entrar na sua galé, quando estava da outra parte do Barbaçote, se feriu em uma perna, e por azo do grande trabalho e a ferida não ser

pequena, se lhe fez na perna um grande inchaço o qual cada dia crescia mais, e pera dôr de similhantes logares é a melhor mezinha o repouso que outra nenhuma.

Empero el-rei não fez outra mostrança, sómente escusou de levar o arnez das pernas, e assim com uma cota vestida e com uma barreta na cabeça e a sua espada na cinta, andou por todos aquelles navios, dando avizamento a cada um da maneira que havia de ter, e assim trazia sua continencia alegre que a todos parecia manifesto signal da victoria que esperavam, e quando falava com aquelles capitães todos os outros do navio sahiam a bordo pera ouvir suas palavras, e não menos esforço recebiam de as ouvir, que se certamente souberam que Deus lhe enviava um anjo do ceu pera lh'as dizer.

— Todos, disse elle contra os capitães da sua frota, tende tal avizamento que nenhum de vós não saia em terra senão depois que vir que o infante D. Henrique meu filho tem filhada a praia d'aquela parte d'onde está determinado, porém tende todos vossos bateis corregidos por tal guisa que com pequena tardança possaes ser em aquelle logar onde o infante estiver; e chegando á galé do infante D. Henrique começou de se rir, e perguntou-lhe em que termo estava seu corregimento?

— N'este que vêdes senhor, respondeu elle parecendo todo armado com todos os seus acerca d'elle armados e a bordo de sua galé, e assim estão todos os outros d'esta frota que cá mandastes.

— Vedes? não vos disse eu, disse el-rei, que ante manhã havia de ser meu filho de todo prestes? cá em taes tempos como estes logo elle sabe perder o somno toda uma noite sem mostrança de sertir por ello trabalho.

— Ora pois meu filho, disse elle contra o infante, com a benção de Deus e com a minha, quando virdes tempo já sabeis o que haveis de fazer.

Tanto que aquelle nobre principe acompanhado de todas as virtudes, o infante D. Duarte, viu seu padre fóra da galé, cá ambos estavam aquelle dia em uma, mandou trazer suas armas com intenção de ser dos primeiros no commetimento d'aquelle feito, e como se armasse acertou d'haver uma pequena ferida em uma mão.

— Certamente, senhor, disseram os que ahi estavam, não seria mau escusardes vossa ida á terra por este dia, cá o espalhamento d'este sangue é muito pera arrecear, cá são signaes que ás vezes parecem por bem, se o homem se quer guardar por seu avizamento, assim como dizem que fez um consul romano quando estava pera pelejar com Anibal junto da cidade de Taranto, que por vista d'um similhante signal escusou sua partida por aquelle dia, pelo qual salvou sua vida e de toda sua hoste.

O infante ouvindo aquellas razões começou de se rir contra elles, dizendo que sabiam muito mal conhecer a verdadeira intenção d'aquelle signal.

— Pois que quer isto al dizer, disse elle, senão que assim como em esta minha mão primeiro apareceu sangue, assim espargirei eu hoje com ella com a graça de Deus, tanto sangue dos corpos dos infieis, até que por força de meu braço os veja sahir ante mim fóra da sua cidade.

E' certo que o esforço do dito principe era grande, e posto que elle aquellas cousas dissesse em jogo, certo foi que a sua espada aquelle dia foi muitas vezes banhada em sangue, cá aquelle que elle acertava ante si com o primeiro golpe, não havia mister o se-

gundo, e taes dava que logo com elles lhe dava a derradeira hora.

Todos os seus que alli estavam sentiam aquelle grande prazer que elle tinha, e emquanto lhe vestiam as armas departiam, estando em muitas cousas de seus desenfadamentos, falando n'aquello que os homens mancebos mais trazem acerca de suas vontades, a saber, bemquerença de suas amigas.

— E vós, senhor, disse Fernão Affonso de Carvalho, que era page do infante, haveis hoje de fazer alguma cousa de aventagem por amor de vossa dama?

— Se m'a tu lembrasses, respondeu o infante, em tempo que eu tivesse logar de fazer pelo seu amor tão assignada cousa porque podesse cobrar sua graça, farias boa cousa!

Bem mostrou o infante, diz o autor, por aquellas razões, que era pouco de damas, cá se o elle fôra verdadeiramente, não houvera mister outra lembrança senão aquelle mortal tormento que os bem amantes por força de razão trazem esculpido em seus peitos.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDEX

PAG

CAPITULO XXXI — Como aquelles embaixadores vieram a Portugal e como deram a embaixada a el-rei, e da resposta que houveram, e como Dia Sanches de Benavides morreu, e o bispo se tornou.....

CAPITULO XXXII — Como el-rei de Aragão enviou seus embaixadores a el-rei, e da resposta que levaram, e como n'este tempo vieram alguns estrangeiros offerecer-se a el-rei, e da maneira que com elles teve 1

CAPITULO XXXIII — Como os embaixadores d'el-rei de Grada vieram a el-rei, e do que lhe requereram, e como traziam recado d'el-rei ao infante D. Duarte e á rainha, e do que lhe prometeram..... 1

CAPITULO XXXIV — Como o infante D. Henrique veio depois de janeiro fallar a el-rei seu padre, e como se tornou pera o Porto, e da maneira que teve na sua armação..... 2

CAPITULO XXXV — Como el-rei escreveu ao infante D. Henrique que partisse com sua frota, e como o infante partiu, e da ordenança que levava..... 2

CAPITULO XXXVI — Como Affonso Annes chegou aos infantes com as novas da doença da rainha, e como por aquelle azo aquelle grande prazer em que estavam, foi tornado em tristeza..... 3

CAPITULO XXXVII — Como el-rei disse á rainha determinadamente sua tenção, e da resposta que lhe a rainha deu, e como por azo d'alguns, que ali adoeceram de peste, el-rei se partiu pera o mosteiro d'Odivellas, e como a rainha ficou pera acabar suas devoções e como em aquelle dia adoeceu... 3

CAPITULO XXXVIII — Como o infante D. Henrique e o conde D. Affonso chegaram a Odivellas, e como a dôr se acrescentou á rainha..... 4

CAPITULO XXXIX — Como a rainha havia verdadeiro conhecimento de sua morte, e das obras que ácerca d'ello fazia, e como deu o Lenho da cruz a seus filhos 4

CAPITULO XL — Como a rainha deu as espadas aos infantes, e das razões que disse a cada um, quando lhe deu a sua espada..... 5

CAPITULO XLI — Como a rainha tornou a falar ao infante D. Duarte e lhe encomendou os infantes seus irmãos e Brites Gonçalves de Moura e Mécia Vaz sua filha, e assim todas as outras suas cousas..... 5

CAPITULO XLII — Como o infante D. Pedro requereu á

rainha que fosse sua mercê leixar as suas terras á infanta sua irmã, e como lhe foram outorgadas.... 58
Capitulo XLIII — Como os infantes pediram a el-rei que se partisse d'alli, e do conselho que ácerca d'ello tiveram, e das visões que a rainha viu antes de sua morte..... 62
Capitulo XLIV — Como a rainha foi comungada e ungida, e como fez fim de seus dias, e como o auctor diz que em ella havia cumpridamente as quatro virtudes cardeaes..... 68
Capitulo XLV — Como o auctor faz divisão das virtudes, e como se os infantes partiram d'aquelle mosteiro pera Restello..... 72
Capitulo XLVI — Como os infantes tiveram seu conselho ácerca dos feitos primeiros, e como foram falar a el-rei e tornaram outra vez a ter conselho a aquella aldeia..... 77
Capitulo XLVII — Como os infantes e tres dos outros do conselho tornaram a falar a el-rei em a determinação de seus acordos, e das razões que el-rei ácerca d'ello disse, e como finalmente determinou a partida..... 81
Capitulo XLVIII — Como os infantes se tornaram a Restello, e do aviamento que deram a todas as cousas que pertenciam a sua viagem..... 85
Capitulo XLIX — Como el-rei partiu d'Alhos Vedros na galé do conde de Barcellos, e se veiu lançar em Restello, e como no dia seguinte se foi com sua frota ancorar a Santa Catharina..... 90
Capitulo L — Como el-rei em aquelle dia que partiu fez sua oração mui devotadamente, e das cousas que em ella pediu..... 93
Capitulo LI — Como o mestre frei João Xira prégou deante de todo o povo, e das razões que disse.... 96
Capitulo LII — Como o mestre publicou a cruzada, e como por sua auctoridade absolveu a todos de culpa e pena..... 102
Capitulo LIII — Como el-rei partiu de Lagos e se foi a Faro, e como d'alli seguiu seu caminho até que chegou com toda sua frota ante as Algeziras..... 108
Capitulo LIV — Como a frota chegou toda ante as Algeziras e como alli veiu Pedro Fernandes Portocarreiro e os mouros de Gibraltar trazer serviço a el-rei 110

Capitulo LV — Como el-rei teve conselho se levaria logo sua frota sobre a cidade, e como alli Pedro Fernandes mandou enforcar um almogavere de Grada... 113
Capitulo LVI — Como el-rei mandou passar as galés da outra parte de Barbaçote, e do conselho que alli teve..... 116
Capitulo LVII — Como o auctor fala nas grandes divisões que havia nos mouros da cidade, e das cousas que aconteceram o outro anno passado..... 119
Capitulo LVIII — Como a frota por azo da tormenta tornou outra vez ás Algeziras, e como ao dobrar do cabo de Almina as galés foram em grande perigo.. 123
Capitulo LIX — Da maneira que os mouros tiveram depois que a frota partiu, e como se em ello póde consirar que Deus só foi o que trouxe o fim da victoria..... 126
Capitulo LX — Da visão que Fernão d'Alvares Cabral viu ácerca do acontecimento do infante, e das razões que ácerca d'ello diziam..... 128
Capitulo LXI — Como el-rei teve seu conselho se tornaria outra vez sobre a cidade de Ceuta, e das razões que se no dito conselho passaram..... 132
Capitulo LXII — Como os outros do conselho disseram a terceira razão, e como por el-rei foi determinado á ponta do Carneiro, que queria ir sobre a cidade de Ceuta..... 136
Capitulo LXIII — Como el-rei ainda teve conselho ácerca do filhar da terra onde seria, e das razões que disse ao infante D. Henrique..... 140
Capitulo LXIV — Como a frota partiu pera ir sobre a cidade de Ceuta, e das razões que os escudeiros do infante D. Henrique houveram com elle..... 143
Capitulo LXV — Como o infante D. Henrique respondeu a aquelles escudeiros e a frota chegou d'avante da cidade..... 146
Capitulo LXVI — Como os da frota traziam por essa mesma guisa lume por seus navios, e das tenções que entre si haviam..... 148
Capitulo LXVII — Como no dia seguinte os mouros e os christãos cada uns trabalhavam em seus feitos.. 151
Capitulo LXVIII — Como el-rei mandou apparelhar uma galeota em que andou avizando todos os capitães da frota da maneira que haviam de ter..... 154

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

A LIBERAL — Officina Typographica
Rua de S. Paulo, 216
—
1899

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Gomes Eannes d'Azurara

VOL. III

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

—

1900

CAPITULO LXIX

Como Salabençala estava mui anojado vendo como a determinação d'el-rei de todo era filhar terra ante os muros da sua cidade.

Razão é que digamos algum pouco da maneira que tinha Salabençala depois que viu de todo a determinação d'el-rei; o qual deveis de saber que era um homem já de edade e de linhagem dos Marins, a qual entre todas as gerações que ha em Africa é havida por melhor, e pera elle acrescentar mais em sua nobreza, era senhor d'aquella cidade e d'outros muitos e bons logares da costa d'aquelle mar, e bem deveis de entender qual seria o seu pensamento quando visse a novidade de tal visinhança, qual lhe chegava ante as portas da sua cidade.

E porque quanto os homens são mais sezudos tanto acham mais duvidas nas cousas grandes e perigosas e porém consirava Salabençala como el-rei D. João era um principe de tão grande fortaleza, posto que elle viesse além do mar, não eram os feitos d'el-rei tão pequenos nem elle tão pouco avizado que não soubesse

mui bem parte de todo, consirava como com tão pouca gente não negara a batalha a el-rei de Castella, vendo-o acerca de si com tão grande poder, e o vencera e desbaratára, e como depois por suas gentes houvera com os naturaes d'aquelle reino tão grandes contendas como todos sabiam, das quaes sempre ficára vencedor, e que começára assim aquelle feito com tão grande sageza que nunca podera ser revelado senão quando a frota parecera deante dos muros da sua cidade, onde elle o via acompanhado de quatro filhos barões, nobres e de grande ardimento, com tão grande poder de gentes e com tamanha frota.

«Pois, dizia elle entre si mesmo, quando posso eu ser soccorrido e repairado pera resistir a tamanha força. El-rei de manhã me começará a combater e eu não tenho ainda quatro pedras no muro a respeito das que hei mister pera a redondeza de tamanho cerco; quando o farei eu já saber a el-rei de Fez? ou quando terá tempo pera mandar avisar suas gentes e espaço pera se correger que primeiro os muros de Ceuta não sejam desfeitos pedaço a pedaço? e n'estes pensamentos estava mui duvidoso de nenhum bom aquecimento. Ah! Deus, dizia elle, que peccado foi o meu tão grande que me troaxe a tanta má ventura acerca de minha velhice? e estando assim n'este cuidado, chegou a elle grande companhia d'aquelles mouros mancebos que se ajuntaram pera defender a cidade, e porquanto o acharam assim pensativo, começaram de o reprehender dizendo que era escarneo pera similhante pessoa mostrar-se de tão pouco esforço sem perigo razoando.

«Que ha ahi, diziam elles, mais que virem os christãos sobre nós? os quaes em numero não são tantos que nós mui bem não possamos pelejar com elles? e

que sabemos nós se pela ventura a sua vinda é assim de nossa maior honra e acrescentamento de nosso proveito? cá póde ser que esta formozura de frota que elles ajuntaram pera vos cercar, ficará ainda nas nossas taracenas e as suas baixelas d'ouro e de prata ficarão pera casamento de nossos filhos, e os corregimentos de suas capellas poremos em nossas mesquitas em testemunho de nossa victoria.

— Ora, disseram elles, a sua frota está repartida em duas partes, e crêmos que sua tenção é de filharem terra hoje, o que se assim fôr iremos a elles á praia e antes que sáiam dos bateis, faremos n'elles mui grande matança, cá os mais e melhores vem todos cobertos de ferro, por cuja razão o seu movimento não pode ser sem grande força e trabalho, e nós desenvoltos e ligeiros chegaremos a elles quando quizermos, e tanto que os uma vez tivermos em terra, tarde ou por grande ventura se poderão depois alevantar. E que geito poderão ter pera se erguer aquelles que são pouco menos de pezados, que grandes penelos? e em tanto uns de nós empacharem os que quizerem sahir nos bateis, os outros terão em tanto cuidado de buscar logar e maneira pera haverem as sarraduras d'aquelle ferro, por onde tirem as vidas áquelles que primeiro sahirem em terra.

— Não sei, respondeu Salabençala, se tereis essas cousas assim azadas pera acabar como arrezoaes? praza a Deus que não acheis sobre ello outro empacho, porém hivos com boa ventura e ordenae vossos feitos o melhor que poderdes, e de qualquer cousa que se lá passar tende cuidado de m'o fazer a saber a meude.

Mas o que depois se seguiu diz o auctor que falará adeante, declarando a maneira que Salabençala acerca d'ello teve.

CAPITULO LXX

Como Martim Paes, capellão mór do infante D. Henrique, falou algumas razões em presença de todos.

Somma de grande processo se faria em nossa historia se quizessemos seguir todas as cousas segundo as achamos por informações d'aquelles que verdadeiramente sabem, empero segundo attenção dos modernos abreviamos todo aquello que com razão podemos, cá ainda ficavam por dizer muitas cousas que os mouros passavam entre si emquanto a gente da frota não filhava terra.

E estando assim o infante D. Henrique com a prancha prestes e todos os seus armados pera sair quando vissem o signal, Martim Paes que era seu capellão mór, tomou o corpo do Senhor nas mãos e pouzou-se deante de todos, e começou de os esforçar em esta guisa:

«Irmãos e amigos, eu acho, disse elle, que nunca homem pode direitamente fazer alguma cousa senão sabe o fim porque o faz, e vós outros que aqui sois ajuntados por ventura não sabeis direitamente porque aqui viestes; agora sabei que sois aqui vindos por serviço de Nosso Senhor Jesus Christo, o qual vos aqui apresento, por cujo amor e serviço el-rei nosso senhor se moveu a começar esta demanda.

«Este é aquelle primeiramente que de nenhuma coisa formou o mundo e creou em elle todas as cousas

sómente por seu querer, e sobre todo formou o homem que é da mais nobre e melhor natureza que outra alguma creatura terreal, tendo-lhes aparelhado casa perduravel pouco mais baixa que a dos anjos, segundo diz o Propheta, e como quer que os homens se desviassem do verdadeiro caminho, Nosso Senhor quiz vir a este mundo tomar carne humana e viver em elle até soffrer morte por remir o nosso pecado.

«Leixo de vos dizer, disse elle, como depois de sua santa paixão aquelle ensujentado e abominavel e cismatico Mafamede tomou nome falso de propheta, e sob color de virtude e honestidade semeou pelo mundo esta sua damnada seita, a qual assim como as más hervas crescem muito mais que as proveitosas e boas, bem assim esta má semente dos infieis cresceu tanto na horta do Senhor, que senão fosse arrancada pelos fieis e catholicos principes, em breve tempo cresceria tanto que amorteficaria toda a boa semente.

E porque nosso senhor el-rei é um d'aquelles obreiros que o Senhor convida no Evangelho, ajuntou aqui este seu povo pera fazer seu santo serviço, o qual hoje com sua graça e ajuda o espera de poer em obra.

«Ora, disse elle, porque saibaes que todos os bons servidores que verdadeiramente desejam trabalhar em alguma cousa com grande cuidado, buscam todas as maneiras por onde melhor possam achar sua fim, e porque o nosso verdadeiro remedio é a nossa consciencia a qual devemos de alimpar e purgar de todas as maguas que em ella sentirmos, e porque sem a graça de Nosso Senhor Deus o não podemos percalçar, vol-o apresento aqui, no qual contemplando vos possaes dorosamente doer e arrepender de vossos peccados, cá escripto é nas historias da Bi-

blia onde diz que falou Ahior, principe dos filhos de Amon ao gran capitão Olofernes, quando tinha cercado aos judeus a cidade de Betulia, declarando como o Senhor maravilhosamente sabia deffender todos os seus quando elles guardavam perfeitamente seus mandamentos.

«Sabe, Senhor, que nunca houve quem podesse contradizer a este povo, salvo quando se apartou da honra de seu Deus, cá logo foi dado em prea e roubo a seus inimigos, e como outrosim fizeram penitencia e se arrependeram de seus peccados, logo a virtude do ceu foi com elles pera resistir a todos seus inimigos.

«As quaes cousas são escriptas no quinto capitulo do livro de Judith, pelo qual entendemos que duas cousas sómente nos ficam pera fazer com toda diligencia a saber, cobiçar a perfeição da victoria contra os inimigos da fé, e a segunda humildar nossas almas ao Senhor, tornando-nos a elle de todo coração, fazendo penitencia de nossos erros passados e pedindo-lhe que por sua santa piedade nos queira ajudar, dizendo-lhe aquello que no vigessimo capitulo do Paralipomenon é escripto, onde diz:

«Porque, Senhor, não sabemos que mais devamos nem possamos fazer, esto sómente nos fica, a saber que endereçemos nossos olhos a ti, pois não ha ahi cousa porque devamos ser alheios d'este negocio.

«E porque o dia de hoje seremos ajuntados com a graça de Deus sobre este feito, e assim todos os do povo de Portugal, deveis-vos de esforçar e ajudar uns aos outros com todo coração e vontade, cá este é o proprio officio da natural justiça, segundo é escripto no primeiro livro dos Officios, onde Tullio allega um dito de Platão, dizendo ser mui altamente escripto por este philosopho, a saber, que não sómente nascemos

pera nós mesmos, cá parte de nosso nascimento requer o serviço de nossa terra e parte os amigos que de nós alguma cousa hão mister, e segundo praz aos estoicos as cousas que são em terra geradas, principalmente são pera uso dos homens, e os homens outrosim são gerados por causa e proveito dos homens porque elles entre si mesmo aproveitem uns aos outros, no qual seguimos a natureza commum, e esto vemos em brutas alimarias, as quaes naturalmente se amam umas ás outras, segundo diz o Sabedor aos treze capitulos do Eclesiastico, poendo a similhavel lei do amor em os homens, dizendo:

«Toda alimaria ama a outra a si similhante, e todo homem deve isso mesmo amar a seu proximo segundo se mostra nos instrumentos da musica, nos quaes todas as vozes concorrem a uma consoante e correspondem e dão perfeição umas ás outras, e assim diz Policrato que deve ser na communidade dos homens, os quaes se devem ajudar pera soccorrer uns aos outros.

«E esto mesmo parece na supernal natura em a communidade dos anjos, a cuja similhança devem em a egreja militante serem ordenados os homens, os quaes todos são em um amor e concordia despostos e partidos, segundo diversas hierarchias e ordens, e se correspondem uns aos outros pera gloria de Deus cada um segundo suas excellencias e perfeições, e todos concorreram prestesmente e de um coração pera destruir e derribar aquelles que se quizeram alevantar contra sua santa cidade celestial, e egualar-se ao seu Deus Lucifer e os seus maus anjos, segundo que no duodecimo capitulo do Apocalipse é escripto que S. Miguel e os seus anjos pelejaram contra elles até os derribar do ceu; deveis ainda cobrar verdadeira

fortaleza poendo ante vossos olhos como pelejaes por amor de Nosso Senhor Deus que é a verdade, consirando que assim como vos elle ajudou contra vossos inimigos christãos que eram muito mais que vós outros, assim vos ajudará contra estes que são nossos inimigos e de Christo, nem deveis recear o espargimento de vosso sangue sobre similhante conquista, cá escripto é que na edificação do templo de Jerusalem todas as pedras iam primeiramente picadas e lavradas com martelos, porque mansamente fossem postas na obra que havia de durar.

«Por este exemplo tem os douctores que aquellas que se hão de poer no fundamento e alicerce d'aquelle muro do templo celestial, que é dito Jerusalem, hão de ser primeiro n'este mundo picaçados com o ferro porque o seu assentamento ha-de ser em aquelle logar pera todo sempre, e tambem como vos o Santo Padre vos outorga os verdadeiros perdões que é salvação das almas por sua santa letra, da qual assás vos foi falado por o mestre Frei João Xira, quando estivestes em Lagos, e os que ainda em si sentirem alguma cousa porque suas consciencias sejam aggravadas, cheguem-se a seus abbades e mostrem d'ellas arrependimento, e des ahi vindo todos aqui, dar-lhe-hei paz por tal que elle vol-a dê pera todo sempre no seu reino.»

Entonce se levantou o infante d'onde estava em giolhos, e fazendo sua oração ante o corpo do Senhor, foi beijar o pé d'uma Custodia mui rica em que elle sempre estava depois que partiram de Portugal, e por esta mesma guisa fizeram todos os outros, e depois d'esto disse Martim Paes que fincassem todos os giolhos em terra e fizessem a confissão, em fim da qual os absolveu de culpa e pena, segundo poder da santa cruzada.

«Agora, disse elle, irmãos e amigos tendes sobre vós as armas da fortaleza, e d'aqui em diante pelejae sem algum temor, cá o nosso Deus estará aqui em presença de todos até fim de vossos trabalhos sem nenhum temor dos inimigos pera vos dar o seu verdadeiro esforço; e depois que o infante foi fóra sempre Martim Paes acompanhado de muitos capellães alli esteve com o Corpo do Senhor, resando muitos psalmos e orações de grande virtude até fim de todo o feito, e como quer que muitos virotes e pedras fossem lançadas de fóra contra a galé, prouve a Elle de nunca empecer em aquelle logar onde estava, nem em nenhum d'aquelles clerigos que ante Elle resava.

CAPITULO LXXI

Como o batel de João Fogaça foi o primeiro que sahiu fóra, e como Ruy Gonçalves filhou primeiro terra e des ahi todos os outros.

Todas aquellas palavras que assim razoou Martim Paes fizeram grande fortaleza e acrescentamento da fé em quantos estavam n'aquella galé, mas porque em todos os outros navios não se fazia similhante aucto e o sol começava já aquecer, annojavam-se os homens porque tardava tanto o signal que lhes havia de ser feito pera sahir em terra, des ahi os mouros andavam já pela ribeira fazendo suas maneiras pelas quaes punham grande alvoroço em as gentes

que estavam nos navios, e cada um desejava de sahir, senão tivera receio da defeza d'el-rei.

Empero João Fogaça que era vedor do conde de Barcellos não pôde supportar tanta tardança e mandou endereçar seu batel direito á praia, e o primeiro homem que saltou em terra foi Ruy Gonçalves, commendador que depois foi de Canha, e vedor da infanta, mulher do infante D. João, mas não o acharam os mouros tão ligeiro de derribar como elles antes diziam a Salabençala, cá tanto que elle saltou entre elles em terra começou de os ferir tão rijamente que os fez affastar d'aquelle logar onde os bateis haviam de sahir, e o infante D. Henrique porque tinha a sua prancha algum tanto affastada da terra, lançou-se dentro em um batel que passava por ahi e metteu comsigo Estevam Soares de Mello e Mem Rodrigues de Refoios que era seu alferes, e mandou as trombetas que fizessem rijamente signal pera sahirem todos os outros em terra, e tanto que o infante foi na praia começou a gente a recrescer, e Ruy Gonçalves que sahira primeiro, andava já diante entre os mouros e um gentil homem allemão em sua companhia, os quaes derribaram um grande mouro que entre todos os outros mostrava maior fortaleza.

Mas é agora de saber como o infante D. Duarte como valente cavalleiro, sahiu da sua galé emquanto seu padre andava provendo a outra frota, e foi-se pera aquelle porto onde o infante D. Henrique filhara terra, e Martim Affonso de Mello e Vasques Annes Côrte Real eram acerca d'elle quando saltou na praia e assim fizeram outros muitos se o elle quizera consentir, mas com receio de seu padre leixava de o fazer e n'esto seriam os christãos já fóra n'aquella praia desembarcados até cento e cincoenta, e assim começa

ram mui rijamente de se metter com os mouros, mãgoando-os a meude com suas armas, até que por força os fizeram metter pela porta da Almina, e o primeiro homem que foi dentro com elles foi Vasques Annes Côrte Real, e des ahi o infante D. Duarte e os outros após elle, indo tambem pelejando com os mouros.

E entonces o infante D. Henrique conheceu seu irmão, cá posto que o infante D. Duarte havia pedaço que andava entre os mouros, não entendaes que os homens em similhantes logares quanto mais sendo armados se podem tão azinha conhecer, empero quando o infante assim conheceu seu irmão fez-lhe mui grande mezura, dizendo que dava muitas graças ao Senhor Deus por lhe dar tão boa companhia.

—E a vós senhor, disse elle, tenho muito em mercê a boa vontade que tivestes e tendes pera nos vir ajudar.

Não era aquelle o logar segundo o tempo em que se muitas palavras houvessem de ser prolongadas, porque as lanças e pedras não estavam em vão, e em esto foram levando os mouros contra a porta da cidade, ferindo e matando em elles sem nenhuma piedade, cá eram já com os infantes melhoria de trezentos homens, e ordenaram alli sua batalha com intenção de esperarem el-rei segundo lhe fôra mandado.

—Não me parece que é bem, disse o infante D. Duarte, que façamos agora alguma detença, porque estes mouros são aqui acerca de nós e se os levarmos assim poderá ser que quando elles entrarem que entremos de volta com elles ou ao menos forçal-oshemos tanto que não possam fechar as portas e entretanto acudirá a nossa gente e entraremos a seu despeito; e o infante D. Henrique disse que lhe pare-

cia mui bem, e em esto começaram de seguir os mouros em tanto que os fizeram tirar entre as cisternas e um chafariz que ahi estava em que se coava agua quando vinha de cima dos outeiros, e entre aquelles mouros andava um mouro grande e crespo todo nu, que não trazia outras armas senão pedras, mas aquellas que elle lançava da mão parecia que sahiam d'um trom ou colobreta, tanto eram forçosamente enviadas, e quando os mouros assim foram empuxados como já dissemos, aquelle mouro virou o rosto contra os christãos e dobrou o corpo e foi dar uma tão grande pedrada a Vasco Martins de Albergaria sobre o bacinete que lhe lançou a cara fóra.

A vista d'este mouro não era pouco espantosa, cá elle havia todo o corpo negro assim como um corvo, e os dentes mui grandes e alvos e os beiços mui grossos e revoltos, mas a Vasco Martins não esqueceu de lhe pagar seu trabalho, cá posto que aquella pedrada fosse mui grande e em similhante logar, Vasco Martins não perdeu o tento, mas ainda o mouro não havia vagar de se virar da outra parte, quando elle adiantou seus pés e correu a lança com as mãos e passou-o com ella de parte a parte, e tanto que aquelle mouro foi morto, logo todos os outros viraram as costas e acolheram-se á cidade, e os christãos de volta com elles, e sobre a entrada d'esta porta houve ahi muitas divisões, especialmente entre aquelles que se acertaram ser ahi acerca, os quaes com desejo de cobrarem nome de honra apropriaram assim o grau d'aquella entrada, e ainda o peor que foi que muitos que estavam ainda nos navios disseram em algumas partes que aquella honra fôra sua, emperó a verdade é que Vasco Martins d'Albergaria foi aquelle que entrou primeiro pelas portas da cidade, e dizem

ainda que em chegando á porta deu um grande apupo e brandindo a lança disse:

«Já vae o de Albergaria»; e assim como elle foi o primeiro que entrou a cidade assim fez depois muito avantajadas cousas por sua mão como nobre cavalleiro que era, e a primeira bandeira real que entrou na cidade foi a do infante D. Henrique, e certamente que aquella bandeira devera ser bem conhecida entre toda a nobreza e geração d'aquelles Marijs, e muitas vezes foi depois despregada entre grandes ajuntamentos d'elles onde foi feita grande mortandade entre os mesmos mouros, segundo adeante em muitas partes de nossa historia entendemos de contar, nem havia ahi outra bandeira nem estandarte senão uma bandeira de Martim Affonso de Mello e um estandarte de Gil Vaz, e quando os infantes entraram, entraram com elles obra de quinhentos homens d'armas.

CAPITULO LXXII

Como as novas chegaram a Salabençala de como os christãos eram dentro na cidade.

Venhamos agora dizer a maneira que os mouros tiveram em levar aquellas novas a Salabençala, e aqui faremes fim de todas as cousas que a elle pertencem.

Onde haveis de saber que depois que aquelles mouros disseram a Salabençala que queriam ir empachar

a vinda dos christãos á ribeira, elle mandou ordenar seus mouros por tal guisa que muito a miude lhe trouxessem as novas de qualquer cousa que se passasse para seu avisamento, e os primeiros que chegaram a elle foram aquelles que lhe contaram como os christãos tinham já a praia filhada e como mataram um d'elles e feriram outros muitos.

—E agora, disse Salabençala, em que ponto são?

—São já acerca de Almina, disse o mouro; estando alli em estas rasões chegaram outros mouros e disseram como Almina era filhada e não sómente disseram aquelles.

—Estão os christãos em este ponto mas trazem os nossos ante si como ovelhas caminho da porta da cidade. Parece, Salabençala, que os não acham tão ligeiros de vencer como elles entendiam.

—E foram muito enganados, respondeu o mouro, acerca d'aquelle ferro que os christãos trazem sobre si, cá pensavam que se não podessem com elle abalar, o que é muito pelo contrario porque não menos saltam e correm como se andassem cobertos de papel.

—Ora, disse Salabençala, ide e dae avisamento a todos que sarrem mui bem as portas da cidade e façam muito pelas deffender de cima do muro quanto poderem.

E estando assim pera enviar aquelles, chegaram outros depenando suas barbas e fazendo grande dó.

—Já, disseram elles, nem presta nenhum avisamento acerca d'ello que os christãos já são dentro na cidade e sobrevem outros muitos mais e matam os nossos como se fossem cães.

E assim como vieram estes sobrevieram outros muitos mais que contaram aquellas mesmas novas e outras muito peores, cá lhe disseram como os chris-

tãos se espalhavam já pelas ruas e faziam nos mouros mui grande mortandade.

Salabençala virou o rosto pera outra parte pera esconder a força das lagrimas que lhe corriam dos olhos, e tornando contra elles lhes disse:

— Pois que a minha má ventura e a vossa assim ordena que hajamos de perder nossa honra e nossas casas e fazendas, trabalhae por salvar vossas vidas o melhor que poderdes, porque das riquezas já me parece que mal vos podeis aproveitar, e pois que na cidade pozestes tão máu remedio, eu não sinto como se deffenda o castello.

Os infantes e o conde de Barcellos e os que eram com elles, depois que foram dentro na cidade filharam logo uma pequena altura que alli está, por conselho do infante D. Duarte, e esto era um outeiro que se alli fizera com as esterqueiras das casas que se alli por grandes tempos costumavam lançar, e alli estiveram um pouco esperando que recrescesse mais gente que ainda não era com elles, mais d'aquelles quinhentos que dissemos, e porque a cidade é muito grande e era necessario que se espalhassem aquelles por ella e poderia ser que não acudiriam outros tão azinha pera poderem empachar os mouros que não cerrassem as portas, correriam mui grande perigo de se perderem todos, mas a tardança não foi muita, porque a gente da frota não punha vagar em sua sahida e em breve tempo se ajuntaram alli outros muitos, e Vasco Fernandes de Athaide não se teve por contente de entrar por aquella porta por onde os infantes entraram, mas apartou-se com alguns seus e assim com outros alguns de pé de Gonçalo Vaz Coutinho seu tio, e foi-se ao longo do muro da parte de fóra, a outra porta que estava acima d'aquella, e começou de a britar.

Em esto chegaram outros alguns que vinham de fóra e á força de machados e de fogo foram aquellas portas de todo britadas, mas esto não foi ligeiramente acabado, cá primeiro morreram alli sete ou oito homens que não eram tão bem armados, cá os mouros eram ainda muitos sobre os muros e recresciam pera alli cada vez muitos mais, porque pensavam deffender a entrada aos christãos á força de pedras e de armas que lançavam do muro, empero esto era grande engano que elles tinham, cá posto que as suas portas estiveram fechadas, abastante era a fortaleza dos christãos pera as abrirem, assim como fez Vasco Fernandes áquella, empero elle foi ferido, por cuja rasão lhe conveio estar alli até que foi entrada.

Grande má ventura, diz o auctor, que foi a de aquelle dia pela morte de tão bom homem, cá por certo elle era um fidalgo em que havia muitas bondades, e assim era muito amado d'el-rei D. João e de todos seus filhos, em especialmente do infante D. Henrique com quem vivia, e de como elle fez sua fim falaremos em outro logar.

CAPITULO LXXIII

Como os infantes partiram d'alli e das razões que lhe João Affonso, vedor da fazenda, disse quando chegou a elles.

Christo Jésus Nosso Senhor, direitamente foi aquelle a quem podemos dar a honra d'este feito, empero não ficam os homens que em ello trabalharam sem mui grande parte d'ella, entre os quaes João Affonso, vedor da fazenda, merece sua parte por ser por elle movida uma tão santa e tão honrada cousa, e assim teve elle mui grande prazer quando lhe disseram que a cidade era entrada, não porém que elle fosse achado ao tempo que lhe deram estas novas dormindo, antes já era na praia e começava de seguir o caminho dos primeiros, e quando chegou áquella pequena altura onde estavam os infantes alevantou sua cabeça e disse lhes:

— Senhores, parece-vos que são estas assaz de honradas festas pera o dia de vossa cavallaria, melhor me parece que vos vejo hora onde estaes, cá vos vêr nas logeas frias de Cintra, provendo os assentamentos do reino.

E em passando assim estas cousas não cessava a gente d'armas de chegar cada vez mais. E por que Gonçalo Vaz Coutinho falando muitas vezes n'aquella armada dissera que lhe pezava muito, porque a honra d'aquelle dia seria toda dos homens de pé por causa

das poucas armas que levavam, e que seriam mais desenvoltos que os homens d'armas, a qual palavra não esqueceu ao infante D. Duarte, o qual quando assim viu aquelles homens d'armas seguir avante tão desenvoltamente disse contra o infante D. Henrique:

— Parece-me, irmão, que não é hoje a honra toda dos homens de pé, como dizia Gonçalo Vaz; porque a gente era já muita mandou o infante D. Henrique por requerimento de seu irmão que se repartissem cada uns por sua parte, a saber: o conde D. Affonso por uma rua e a sua bandeira com parte d'aquella gente por outra, e Martim Affonso de Mello por outra, e disse o infante D. Duarte que era bem que elles ambos se fossem por acerca d'aquelle muro a filhar todas as alturas que se podessem achar, porque os mouros não tivessem logar de se acoiherem a ellas primeiro, e indo assim porque o sol era mui grande e aquella costa aspera de subir, tirou o infante D. Duarte parte das suas armas porque sentiu que era trabalho sobejo trazel-as, vendo como os mouros já levavam caminho de desempachar a cidade, e o infante D. Henrique porque ia ainda todo armado não o podia seguir, pela qual cousa seu irmão o esperou duas vezes até que lhe foi necessario tirar a maior parte das suas armas, de guisa que não ficou senão com uma só cota.

Mas porque falamos nas razões que os escudeiros do infante D. Henrique quando vinham da ponta do Carneiro disseram e da resposta que lhes elle deu, prazer-vos-ha de saberdes a conclusão que houveram por emenda do seu falamento, e foi que quando elles viram o infante no batel, lembrando-se do que elle lhes dissera accrescentaram muito mais sua trigança considerando como todos não cabiam na prancha, quizeram arremedar ao infante lançando-se em um batel, e fo-

ram tantos que os não pode suportar e alagou-se com elles, mas prouve a Deus que posto que alli fosse a agua d'altura d'uma lança d'armas e elles fossem todos armados nenhum d'elles se afogou, e foi ainda mór maravilha que a Duarte Pereira que era um d'aquelles, cahiu um cutello que levava do infante, e lembrou-se d'elle depois que sahiu fóra, e olhando pera o pego o viu jazer, porquanto a agua é alli muito clara, e tornou outra vez por elle assim armado como estava e sahiu sem perigo, mas as cotas d'armas e plumões e outras cousas que cada um levava á sua maneira, perderam alli toda sua formosura, cá bem haveis de saber como cousas de taes louvores se corregeriam em similhante logar, empero alguma cousa lhe aproveitou aquelle alagamento pera soportarem a força da quentura.

CAPITULO LXXIV

Como o infante D. Duarte foi filhar a altura do Cesto e o infante D. Henrique tomou a rua direita.

Em aquelle logar onde o infante tirou suas armas, aquelles escudeiros de que já fallamos, os quaes se pelo tom de suas palavras não foram já conhecidos quanto por suas divisas nem cotas d'armas pouco conhecimento d'elles podia haver, e se dizem que os homens nunca pelejam melhor que quando são acesos em sanha, aquelles em aquella hora deveram

de pelejar avantajadamente, porque assaz de sanha ia com elles, assim pela primeira menencoria como pelo segundo aquecimento de que elles não levavam pequeno sentido.

O infante depois que assim tirou suas armas ficou em uma só cota e trigou-se muito por alcançar seu irmão, e seguiu-o tanto até que chegou a elle no fim da primeira altura, e tornando-se d'alli o infante D. Duarte saltando umas paredes, foi necessario apartarem-se cada um pera sua parte, porque o infante D. Henrique cuidou que pois aquella altura era tomada, que seu irmão tomasse pera fundo, e com tal intenção tomou aquelle caminho, mas o infante D. Duarte foi assim filhando todas as alturas, até que chegou ao cume da maior onde se chamava Cesto, e não cuideis que a passagem d'estes logares era sem algum trabalho, porque a cidade por todas as partes andava cheia de mouros, e não podiam os homens andar por alguma parte que não achassem muitos, mas não podia o infante D. Duarte encontrar com tantos que não desejasse ainda muitos mais, porque havia muitos dias que elle desejava a sua vista, e muitas cousas se poderam dizer acerca de sua ardideza, as quaes contadas direitamente em qualquer outro homem por grande e bom que fosse, poderiam ser contadas por grandes, mas o infante não quiz d'ellas fazer grande conta, por serem muito áquem do que elle desejava.

Empero posto que alguns bons homens com elle fossem, cá toda a força da sua gente ficava ainda na frota, a qual depois veiu com a sua bandeira; a sua espada era a primeira que feria em qualquer logar que se achava ser necessario, assim como tendes ouvido que foi primeiramente filhada a praia, e des-ahi a Almina, des-ahi a cidade, porque todos os da frota d'elrei esperavam que houvessem de sair por outra or-

denança, segundo era ordenado, e não estavam tão prestes como se o caso offereceu.

Mas depois que viram como todos os da frota do infante D. Henrique sahiram com tamanha trigança, e como depois que entravam na Almina não tornava mais nenhum, e viram isso mesmo como os mouros que estavam no muro corriam todos pera a porta, sentiram que toda a força do feito estava em aquelle logar, porque el-rei andava ainda pelos navios e a frota era mui grande e elle havia de falar com muitos, mandou ao infante D. Pedro e a um seu vedor que chamavam Diogo Gonçalves de Travassos, que fosse em um batel dizer ao infante D. Duarte se lhe parecia bem de filharem terra, que o infante D. Henrique, seu irmão, já era na Almina e que estava acerca das portas, segundo lhe parecia no sair da gente que da sua frota sahia.

Mas quando Diogo Gonçalves lhe tornou com recado que o infante D. Duarte era em terra, mandou elle logo Diogo Seabra, que era seu alferes, que pozesse a bandeira no seu batel, e mandou fazer signal com as trombetas a todos os outros navios que se fizessem trigosamente prestes.

E estando o infante D. Pedro pera ir falar a el-rei, seu padre, chegaram alguns d'aquelles senhores que vinham buscar el-rei, o qual se acertou logo de chegar ahi com intenção de dizer ao infante que sahisse o mais trigorosamente que podesse pera filhar terra, elle e todos da frota.

— A bom tempo, disseram alguns d'aquelles fidalgos, podemos nós já ir pera levarmos d'aqui honra nem nome que nos muito preste, pois a cidade é já entrada; entonces contaram a el-rei o grande arruido que ouviam dentro e como lhe parecia que ás vezes ouviam o som das trombetas.

— Por certo, disseram elles, bemaventurados foram aquelles que acertaram de ser em aquelle ajuntamento, cá de toda a honra d'este feito elles levam a melhor parte; e em esto chegaram as novas em certo como a cidade era entrada e os infantes e o conde de Barcellos andavam dentro espalhados cada um pera sua parte.

Na lidice d'el-rei não falo, cá posto que elle por sua vontade a tivesse tamanha como era razão, não a mostrou muita em sua continencia, cá este era o seu geito em todas as cousas nunca amostrar continencia alegre por grande bemaventurança que lhe viesse, nem isso mesmo tristeza, pelo contrario, mas começou de se rir contra os outros, quando soube a maneira que o infante D. Duarte tivera em se esconder d'elle pera se ir com seu irmão em aquella dianteira.

— Parece, disse elle, que meu filho não quiz esperar, porque entendeu que por azo de minha velhice sahiria mais tarde ou por ser mais pezado que elle pera saltar, ou quiz ir com seu irmão porque lhe sentiu a vontade mais acesa que a minha. Mas dou muitas graças a Deus porque lhe mostrou tão azinha o fim de seu desejo.

CAPITULO LXXV

Como el-rei e o infante D. Pedro com todos d'aquella frota filharam terra e como Gonçalo Lourenço de Gomide foi feito cavalleiro chegando á porta da cidade.

NÃO era pequena a trigança que tinham todos aquelles que estavam pera sair em terra, e sabei que inveja e cobiça não era mui longe da maior parte d'elles, por que os fidalgos e gentis homens desejavam de ser na companhia dos que entraram primeiro na cidade, aos quaes parecia que o agradecimento d'aquellas cousas em que elles mais trabalhassem todo seria nenhum, pois que não foram n'aquella deanteira e a elles não contavam nenhuma cousa por grande senão aquella entrada que os primeiros fizeram na cidade, e os populares haviam grande tristeza por a cobiça das riquezas que pensavam que os outros tinham, e diziam em suas vontades que todo seu trabalho fôra despeso em vão, porque elles haviam de ficar sem parte de tamanha riqueza como criam que havia n'aquella cidade.

— Amigos, diziam elles, foram lá muito em boa hora os que vieram em companhia do infante D. Henrique na frota do Porto, que toda a honra e proveito d'esta demanda fica com elles, empero assim trabalhámo-nos e despendemos como cada um, elles apanharam o ouro e a prata e toda a outra riqueza, e nós

chegaremos ao esbulho dos almadraques velhos e das outras cousas de similhante valia, e assim sahiram todos cada um como melhor podia, até que el-rei chegou á porta da cidade onde fez detença, assim por razão da perna que tinha ferida, como por entender que a seu estado não cumpria partir d'alli senão ao combate do castello, visto como a cidade já estava em tal ponto.

E todos os outros se espalharam pelas ruas da cidade, a saber, a bandeira do infante D. Duarte com todos os seus por uma parte e o infante D. Pedro com sua gente, e por outra o Condestable e o mestre de Christus e assim todos os outros capitães cada um onde a ventura o levava, empero cada um d'elles tinha assaz de trabalho porque todas as ruas ainda andavam cheias de mouros, e Ruy de Sousa que era sobrinho do mestre de Christus e padre de Gonçalo Rodrigues de Sousa, que foi capitão dos ginetes d'estes reinos, querendo fazer avantagem, levou os mouros por uma rua deante si, sobre o qual recresceram tantos que o cercaram em uma torre onde hoje em dia chamam o postigo de Ruy de Sousa, e alli ardidamente se defendeu até que foi socorrido.

Nuno Martim da Silveira filho de Martim Gil Pestana, que foi da linhagem d'aquelles que primeiramente fundaram a cidade de Evora, foi aquelle dia bem conhecido entre todos os do infante D. Duarte, porque assim como lhe Deus dera grandeza na forma do corpo assim tinha especial força para suportar grandes trabalhos, segundo pareceu aquelle dia, cá fez tanto por si que mereceu ser um d'aquelles que o infante D. Duarte fez cavalleiros no domingo seguinte, e lhe fez depois muita mercê e acrescentamento, segundo em nossa historia se dirá ao deante.

D'outros muitos e bons poderia fallar se quizesse alargar meu processo, mas deixo tudo por chegar ás principaes cousas.

Quando el-rei estava assentado á porta da cidade chegou alli Gonçalo Lourenço de Gomide, seu escrivão da puridade, acompanhado de quatrocentos homens todos de sua libré e a maior parte d'elles da sua criação, e disse a el-rei assim.

— Senhor, em galardão do serviço que vos tenho feito e por acrescentardes em mim e em minha honra vos peço por mercê que aqui me façaes cavalleiro, da qual cousa el-rei disse que era mui ledo, e assim fez el-rei cavalleiro a Gonçalo Lourenço, como dito é.

CAPILULO LXXVI

Do grande trafego que havia na cidade e da maneira que os mouros tinham em seu defendimento.

Bem podeis consirar qual seria o trabalho d'uns e dos outros, e depois que a fazenda estivesse em tal estado, entre os quaes era um arruido tão grande que muitos disseram depois que o ouviam em Gibraltar, e muitas cousas notaveis se passaram aquelle dia no revolvimento d'aquelle feito que foram bem dignas de memoria, se chegaram a nosso conhecimento, cá bem é de consirar que aonde era tanta e tão boa gente e desejosa de bem fazer, que senão passariam cousas senão grandes e boas; quanto mais pa-

recendo um signal tão manifesto como era a grande mortandade dos mouros que foi em aquelle dia, mas deveis de saber que duas cousas houve alli por que a bondade de todos não foi tão perfeitamente conhecida como devera; a primeira e principal foi por ser aquella peleja dentro na cidade quanto mais sendo as ruas tão estreitas como eram, cuja estreitura não consentia em si senão mui poucos, cá se aquella peleja fôra em campo ou em alguma praça larga muito maior fôra o seu nome, e a segunda cousa foi a tardança que se poz em escrever o acontecimento d'este feito, porque como já disse no prologo d'esta historia a maior parte de todos os bons eram já finados, cá a outra gente popular não trazia em aquelle dia o cuidado senão em roubar, cá achavam bem assaz pera fartar suas cobiças, e era este um caso mui perigoso por quanto as casas tinham as portas baixas e estreitas e eram feitas segundo a ordenança dos mouros, e os homens com aquelle acendimento da cobiça que traziam entravam sem algum resguardo, e muitos dos mouros estavam em suas casas mostrando uma mui desavizada porfia que lhe causava a morte, a qual elles podiam escusar senão fôra sua cobiça, e alguns d'estes mouros podendo fugir e salvar as vidas o não faziam, mas estando metidos em as casas diziam entre si:

« Pois a minha má ventura foi tanta que visse a hora de tamanho mal, aqui quero morrer em esta casa em que morreram meus padres e avós, e assim andavam os mesquinhos por meio d'aquellas casas, em mentes não chegava a sua derradeira hora, e esguardavam com mortal semença na formosura das cousas que seus padres ou avós em ellas fizeram, e quanto a esperança era mais certa de sua perdição tanto lhe pareciam aquellas cousas mais nobres, porque o desejo

naturalmente é da cousa que mais desfalece, e quando as assim olhavam punham os olhos fitos em ellas e davam mui grandes gemidos, lembrando-se de sua fim.

«Ah! Santo Propheta, diziam elles, e que é o que nos has de dar pela fieldade que guardamos em tua lei se nos tu desamparas em hora de tamanho mister?» e taes havia que não haviam vagar de acabar este pensamento quando sentiam os inimigos, e com aquella lastima tamanha metiam-se de traz das portas pera matarem os inimigos quando entrassem, mas esto não lhe aproveitava muito, cá achavam os mais dos christãos armados, e assim ligeiramente não lhe podiam empecer, e como esto nunca se acertava em similhantes logares que um só entrasse que logo não achasse outros alguns acerca de si, era a magua d'aquelles mouros tamanha que sem arma nem ferro se lançavam aos christãos, e não havia hi tal nem tão desesperado que por grande multidão que vissem que não mostrassem signal de defensão, e jazendo na terra as almas quasi fóra dos corpos, ainda moviam seus braços pera uma e outra parte como que desejavam cortar alguma cousa, e alguns tomavam suas riquezas e as alagavam nos poços ou as soterravam nos cantos de suas cásas, maginando que posto que entonce perdessem sua cidade, que a tornariam ainda a recobrar e se aproveitariam d'aquellas cousas que assim guardavam.

CAPITULO LXXVII

Como o infante D. Henrique tornou á rua direita e das cousas que alli fez.

Dissemos nos outros capitulos como o infante D. Henrique presumiu que seu irmão era em outra alguma parte, e porém desceu-se contra a rua direita pera ir tentar a fortaleza do castello, cá de todas as outras cousas da cidade não fazia já nenhuma conta pelo vencimento em que os mouros andavam, e menos era o seu desejo contente d'uma boa dita que n'aquelle feito houvesse; não porque elle não conhecesse a grandeza da victoria, mas porquanto se houvera com tão pequeno trabalho, cá certo é que aquella cousa é menos ou mais amada, segundo o trabalho com que a alcançarmos, cujo senhorio por grande trabalho cobramos, e por tanto diz o philosopho no livro da Economica que os mancebos desprezam as riquezas porque as cobraram ligeiramente, e portanto naturalmente são liberaes e gastadores, o que os velhos são pelo contrario, e porém finge aqui o auctor que dizia o infante entre si mesmo:

«Que me prestou a mim ser eu o primeiro capitão que el-rei meu senhor e padre mandou que filhasse terra, pois com tão pequeno trabalho havia de haver minha victoria? ou que gloria poderei ter no dia de minha cavallaria se a minha espada não fôr molhada no sangue dos infieis?» e indo assim com este pensamento

chegou á rua direita pela qual seguindo um pequeno espaço chegaram a elle muitos christãos, os quaes segundo justa estimação seriam até quinhentos, que vinham fugindo ante os mouros, e vendo-os o infante cerrou a cara do bacinete e embraçou um escudo que trazia e leixou passar quasi todos os christãos até que chegaram os mouros, os quaes muito azinha conheceram os seus golpes entre todos os outros, cá assim os cometeu rijamente que os fez per força virar as espaduas pera onde antes traziam os rostos.

Os christãos tanto que conheceram o infante cobraram esforço e fizeram outra vez volta sobre os mouros e começaram de os seguir até chegarem com elles a umas casas onde descarregavam as mercadorias que vinham de fóra, e ainda pousavam alli genoeses, e chamavam-se a Aduana e ainda agora se chamam assim, as quaes casas tinham uma porta barreirada d'aquella parte da Almina, e quando alli chegaram os mouros, ou por verem outros de novo em sua ajuda ou por sentirem que os christãos não traziam tamanho esforço como da primeira, voltaram outra vez o rosto sobre elles e fizeram-lhe outra vez virar as costas muito mais depressa que da primeira, e levando-os ante si toparam outra vez com o infante, o qual, era entonce de edade de vinte e um annos e tinha os membros grossos e fortes e não lhe falecia coração nem cousa pera lhe fazer suportar os trabalhos, e quando assim viu outra vez os christãos desbaratados, dobrou-se-lhe a sanha e saltou outra vez entre elles e tão fortemente os cometeu que os fez esborralhar pera uma parte e por outra.

Mas os christãos traziam comsigo tamanho temor que a maior parte d'elles passaram pelo infante sem o conhecerem, e não tornaram mais atraz, e outros

que ficaram saltaram com o infante no meio d'aquella empresa e revolveram o feito por tal guisa que alguns dos mouros cahiram alli e os outros não poderam supportar a fortaleza d'aquelles golpes e voltaram as espadas, por cuja rasão receberam muito maior damno, mas o infante não os quiz leixar assim como da outra vez, antes os seguiu levando-os ante si até que chegaram á sombra dos muros do castello, mas aquella passagem se podia conhecer mui bem por o rasto dos mouros que jaziam mortos na rua, os quaes em breve espaço tinham companhia uns aos outros, e assim diziam elles em seus brados quando falavam aos dianteiros que abalassem rijamente, cá os seus parentes e irmãos não podiam supportar tamanho damno, e esto era porque aquella rua era aquelle tempo estreita e os mouros eram muitos mais, de guisa que os chritãos primeiros e os mouros derradeiros não podiam pelejar senão mui poucos, e dos christãos foi sempre o dianteiro o infante, cujos golpes eram bem conhecidos entre todos os outros, e assim se foram os mouros recolhendo os que podiam, até que chegaram á sombra dos muros do castello, onde receberam algum accorro, porque se ajuntam alli tres muros, a saber o do castello e outro muro que departe as villas ambas.

CAPITULO LXXVIII

Como o infante pelejou alli mui grande pedaço e como Fernão Chamorro foi derribado.

Assim entre aquelles muros pensaram os mouros de recobrar suas forças, e assim pararam os rostos direitamente contra os inimigos atrevendo-se na estreitura do logar e multidão que estavam sobre os muros, a qual cousa não era sem razão porque o logar é assim azado, que por poucos que em cima estivessem faziam grande damno nos debaixo, ou por força se tornariam pera traz, e pera elles terem ainda mór esforço viam o pequeno numero dos christãos que estavam com o infante, o qual os fazia ter esperança de se vingar alli do damno de seus amigos e parentes, cá de quantos primeiramente abalaram com o infante quando partiu da Aduana, não eram alli com elle mais que dezesete, porque os outros se partiram poucos e poucos cada uns pera sua parte onde os levava a cobiça do roubo, e outros levava-os a grande sede que haviam, porque toda sua vianda era salgada e a grande quentura do sol secava-lhe a humidade dos corpos e fazia-os muito a meude buscar os poços das aguas, onde se não podiam haver fartos, outros haviam as compreições molles e delicadas e não podiam suster longamente a força do trabalho e tiravam-se a fóra, e assim com aquelles dezesete susteve o infante sua peleja melhoria de duas horas e

meia, e em estes commettimentos cahiam ás vezes alguns d'aquelles mouros em terra, e deram uma tão grande ferida a um escudeiro do infante, que chamavam Fernão Chamorro, que sem nenhum accordo cahiu tendido em terra sem ter similhança alguma de vida, e os mouros se trigavam muito pera o filharem, e o infante e aquelles que com elle estavam não lh'o quizeram consentir, e sobre a defensão e filhada d'aquelle escudeiro durou a contenda um grande pedaço até que o infante deu uma arremetedura grande, a qual os mouros não quizeram esperar, e começando-se a retrahir foram assim fortemente seguidos que lhes conveio por força leixar toda aquella rua e meterem-se por aquella porta que vae pera a outra villa, e o infante de volta com elles, mas d'aquelles dezesete que primeiramente o acompanharam não o seguiram mais de quatro, a saber, Alvaro Fernandes Mascarenhas que depois foi senhor de Carvalho, Vasco Esteves Godinho e Gomes Dias de Goes natural de Alemquer, os quaes todos tres viviam com o infante, e o quarto era um escudeiro d'el-rei que se chamava Fernão d'Alvares, e por ser homem que desejava servir ao infante e se acertou alli com elle, assim o continuou em aquelle feito, e bem é verdade que o escudeiro era bom pera serviço d'aquelles senhores, mas a vontade do infante não foi menos pera o deante lhe dar o galardão dos outros, porque eram seus e viviam com elle, não digo nada porque geralmente tinha maneira de os galardoar, nem era o serviço d'aquestes pera ter em pouca estima, e de dois d'estes que eu conheci posso dar certo testemunho porque foram bem alojados e pagos de seu serviço, mas quem havia de cuidar que o infante nem nenhum d'aquelles quatro que com elle foram podesse escapar d'aquelle

feito vivo, porque sobre aquella porta é o muro muito grosso e forte e tem duas ordens de ameias, de guisa que de ambas as partes é defensavel, e está ainda mais uma torre com uma aboboda furada em certos logares, e d'aquella torre sahia a segunda porta feita em volta, e assim vão por entre aquelle muro e a barreira até que chegam á terceira porta.

Ora que seria aqui? cá os mouros que elles leixavam ante si eram muitos e os muros isso mesmo estavam cheios d'elles, cujo cuidado não era outro senão empecer aquelles christãos onde elles podiam chegar com suas armas, e quando elles sentiram que os inimigos entravam de volta com os seus, puzeram-se sobre os buracos da aboboda por tal que com as pedras que lançassem de cima podessem impedir a passagem aos christãos quando quizessem passar por baixo, mas quiz Deus que o seu desejo não houve aquella execução que elles com tão boa vontade quizeram, e a poder de força o infante passou além d'aquelles mouros que levava ante si, empero presumem alguns que os christãos serem tão poucos e os mouros tantos arreceavam os de cima de lhe lançarem as pedras por não darem aos seus mesmos que não sabiam que posto houvessem de ter sobre tão pequeno numero, assim foram aquelles mouros todos empuxados até que passaram a terceira porta.

Mas aquella passagem não foi sem grande trabalho dos christãos e damno dos infieis, cá parte d'elles jaziam por aquelle caminho, cuja morte os outros de cima do muro choravam com grande sentimento.

«Alli, diziam elles, jaz João, nomeando cada um por seu nome, e ainda hoje o seu coração estava affastado de tamanho cuidado, por certo não é este pequeno signal quando o poderio de cinco homens sómente te-

ve esforço e ardideza de empuchar tamanha multidão com tamanho damno e estrago de seu sangue, se quer ao menos não fôra a nossa fortuna tão sobranceira e desastrada, e viramos alguns d'aquelles christãos jazer na companhia dos nossos, porque vingados do seu sangue poderamos abrandar nossa tristeza.»

«Bem parece que Mafoma, o nosso santo propheta quer povoar de nossas almas outra cidade no outro mundo, já d'aqui avante não haverá ahi esforço nem conselho entre nenhum de nossos cidadãos, porque a frol de nossa mancebia é partida d'entre nós.»

«Bem aventurados sois vós outros que não sentis já das cousas d'este mundo alguma parte, cujas almas pelo martyrio de vossas carnes vivem agora satisfeitas dos eternaes prazeres que nos antigamente foram promettidos pelo verbo de Deus Padre, que é o nosso Propheta Mafamede.»

«Mas de nós é pera haver piedade que estamos ainda vestidos de humanal conhecimento e sentimos com tanta dôr o espargimento de nosso sangue, e o que mais é que não sabemos ainda qual será o logar da nossa queda, ou quaes serão os tormentos que darão fim a nossa miseravel vida.»

CAPILULO LXXIX

Como o infante esteve duas horas alli entre aquelles muros e mouros, e das razões que o auctor põe acerca de sua fortaleza.

Por conseguir a materia da humanal fortaleza, não posso partir d'ante meus olhos a virtude d'um principe tão singular que com tamanha força e grandeza de seu coração arrancou tamanha multidão de infieis fóra da terra de sua natureza.

Por certo eu não reconto estas cousas em tamanha grandeza como devia, porque eu mesmo me espanto quando alevanto a minha consiração pera contemplar a profundeza de tamanho feito, porque me lembra que li nas obras de Tito Livio, como aquelle valente romano, Oracio Cocles, tem tamanho nome porque teve atrevimento de pelejar com tres inimigos, cuja virtude de fortaleza Valerio Maximo na sua Historia Romana antepõe aos feitos de Romulo, que foi o primeiro fundador d'aquella cidade.

Ora que posso eu dizer da fortaleza d'um homem, que sem esperança de nenhuma companhia commetteu tantas vezes um tamanho ajuntamento de seus inimigos, derribando ante seus pés aquelles que com maior atrevimento de sua fortaleza queriam esperar o brandimento de sua espada? certamente eu creio segundo meu juizo que se as cousas mudas hão algum sentimento, que aquellas portas dos muros estão

ainda espantadas de tão maravilhosa fortaleza; empero não quero este feito de todo attribuir a sua força, porque consiro que o quiz Nosso Senhor Deus trazer ao mundo por defensão de seu santo Templo, que é a sua Santa Igreja, por vingança dos erros e commettimentos que aquelles inimigos da fé por muitas vezes fizeram aos seus fieis christãos, e que este principe, assim como seu cavalleiro armado com o signal da Santa Cruz, pelejasse pelo seu nome.

E pera provar minha intenção, ponho ante os meus olhos o processo da sua vida, na qual acho taes e tão maravilhosas virtudes que consirando em ellas não me parece senão d'algum homem trazido a este mundo por espelho de todos os vivos, as quaes virtudes a Deus prazendo, eu contarei destinctamente em seu proprio logar, pera que possaes verdadeiramente conhecer a prova de minhas palavras.

Oh! excellente principe, diz o auctor, flôr da cavallaria do nosso reino, coração e fortaleza digna de grande memoria, e qual outro posso eu louvar em superlativo grão que houvesse verdadeira fortaleza, salvo se dissesse este é outro infante D. Henrique?

Os mouros assim empuchados por entre aquelles muros passaram a terceira porta que vae pera a villa de fóra, mas alli voltaram elles rijamente, acordando-se que, se aquellas portas fossem fechadas que teriam elles de todo a perdida esperança de cobrarem jámais aquella villa primeira, e assim pozeram toda sua força pelo empachar.

O infante e os outros que com elle estavam, tinham o contrario d'aquelle desejo, poendo toda a diligencia pera acabar de fechar aquellas portas, mas com todo seu trabalho um grande pedaço estiveram assim, que nunca poderam fechar mais de uma porta, porque

quando queriam fechar a outra logo os mouros os cometiam rijamente, de guisa que lhe não queriam leixar uzar do que pretendiam.

Mas dava grande ajuda á defensão dos christãos uma parede que estava ante a face d'aquella porta, a qual empachava os mouros por tal guisa que não podiam alli pelejar senão mui poucos, e tanto estiveram n'aquella porfia, que cada um d'aquelles escudeiros por sua vez provou de ter assim aquella porta, e não o podia longamente soffrer assim pela força do trabalho como pelo nojo que lhe os mouros faziam nas pernas com azagaias que metiam por baixo, e vendo o infante como sua estada alli não aproveitava, fez de todo soltar as portas e saltou fóra e os outros com elle, e começou de seguir os mouros, os quaes sem nenhuma mostra de sua defensão começaram de fugir, que não pareciam senão homens que fogem d'algum touro, quando o sentem vir após si por alguma rua, e d'aquella fugida que os mouros fizeram teve o infante e os seus tempo pera tornarem a fechar sua porta, segundo antes desejavam, e depois que elles entraram primeiramente pela porta da abobada até que se tornaram, passaram duas horas.

CAPITULO LXXX

Como todos pensavam que o infante era morto, e como nenhum ouzava passar por aquella porta com medo dos mouros que estavam nos muros.

QUEM poderia julgar que o infante nem nenhum d'aquelles estava em tal ponto segundo os muitos azos contrarios que se poderiam maginar, cá aquella villa de fóra estava toda cheia de mouros sem esperança de nenhum socorro, e pelas portas não ouzava nenhum de passar por azo da grande guarda que os mouros de cima do muro acerca d'ello punham, e assim por estas cousas deram todos voz que o infante era morto, e pensavam todos que el-rei fizesse por ello mostra de grande nojo, pela qual razão não ouzava nenhum de lh'o dizer, mas quando lh'o disseram respondeu elle que não montava muito, pois morrêra em seu officio, mas depois que soube a verdade do feito, houve em sua vontade grande prazer, especialmente porque aquelle filho se parecia mais com elle na feitura do corpo que nenhum dos outros, e pensava el-rei que se assim o não parecesse nas propriedades de dentro que lhe seria quasi um doesto depois de seus dias, cá é nm commum falar entre os homens quando falam em algum que é já finado, que logo lhe buscam um simllhante por cuja proporção o possam fazer conhecer a aquelles com que falam, e muito melhor se faz ainda esto quando ahi ha filho

que pareça a seu padre, que logo dizem que não havia mais em elle do que ha n'aquelle seu filho, e por bom que o padre seja, logo recebe doesto quando o apropriam com algum filho que por ventura não se parece com elle nas virtudes e costumes.

Mas por certo mais conhecida esperança leixou el-rei D. João do infante seu filho quando se partiu d'este mundo, especialmente por aquelle começo que se alli seguiu tão manifesto, que não sómente elle que era seu padre mas qualquer outro do povo folgava de ouvir similhante cousa.

E posto que o amor dos padres aos filhos não tenha egual comparação entre as cousas que a natureza n'este mundo ajuntou, empero o feito foi por si tão grande e tão notavel que entre todos os grandes feitos dos homens deve ser havido por maravilhoso, cá elle por si só acrescentou toda a grandeza d'esta victoria.

Grande padecimento tinham os mouros que estavam em cima dos muros, porque sentiam como o infante e os outros tinham a porta fechada e não lhe podiam empecer, e esto era por razão da volta do muro que vinha sobre aquella porta onde elles estavam, sob cuja sombra rerebiam amparo, nem aquella detença que o infante alli fazia não era a outro fim senão por esperar que recorressem os seus pera alli, cá sua vontade de todo era disposta pera tornar outra vez a pelejar com aquelles mouros até que os botasse de todo fóra, e quando viu que a tardança era tamanha e que nenhum dos seus acodia, disse a um d'aquelles que com elle estavam que os fosse chamar ou outros quaesquer que achasse, porque elle podesse receber ajuda.

Mas cada um por si respondeu que o não faria por

nenhuma guiza, não porque arreceasse o perigo do caminho, mas por elle não ficar alli tão desacompanhado e que se lhe alguma cousa recrecesse que seria grande mal não serem todos juntamente com elle.

— Mas será muito melhor, respondeu o infante, que vades, porque por vossa ida acabaremos nosso feito, cá os mouros correm pera aquella outra parte de cima, e com atrevimento do socorro que têm em esta outra villa dão trabalho aos nossos, o que não fariam se sentissem que alguma gente andava cá entre elles, e ainda póde ser que cada um de meus irmãos sabendo parte d'este feito sahirá por aquella porta e nós sahiremos por esta, e assim os poderemos ligeiramente empuchar fóra da cidade.

— Como quereis, senhor, responderam elles, que nenhum de nós haja de filhar atrevimento pera vos leixar ainda que estivesseis em uma camara seguro de todo perigo, quanto mais aqui? Vergonha haveriamos de vos leixar sendo tão poucos, ainda que fosse muito breve.

De maneira que nunca se d'alli quizeram partir, dizendo que pois a ventura alli os ajuntára, que mortos ou vivos a par de si os havia de achar.

CAPITULO LXXXI

Como Garcia Moniz filhou atrevimento de passar aquella porta pera ir buscar o infante, e das razões que lhe disse.

Como quer que a doçura do ganho que os homens haviam no despojo d'aquella cidade trouvesse suas vontades alegres, quanto mais com a victoria que em todas as cousas onde acontece é tanto desejada, todavia tanto que as novas do infante chegaram ás suas orelhas muitos correram pera acerca d'aquella porta por verem a certidão d'ellas, e quanto o passo d'aquella porta era mais perigoso tanto a certidão de sua tristeza se acrescentava muito mais, e preguntavam uns aos outros cada um como vinha mais tarde pelas novas que havia do infante.

—Não sabemos, diziam elles, nem ha nenhum que o possa saber, cá depois que elle passou aquella porta e quatro que foram com elle, nunca mais tornou nenhum, empero quaesquer novas que ellas sejam não podem ser senão muito tristes pera todos aquelles que o amavam, cá certo é que toda aquella villa de além é cheia de mouros, e mais além d'isso o grande perigo que seria ao passar d'estas portas não se havia de ter que não passasse além onde não havia remedio que o escusasse de morte, elle e aquelles que com elle passaram, salvo se foi a graça de Deus que os quizesse guardar, empero bem é de crêr que se elles

vivos foram, já algum d'elles acudira, em duas horas que arrazoadamente póde haver que elles d'aqui são partidos.

E em estas departições estavam, mas não havia hi algum que ousasse de passar aquella porta, porque poucos ha que se queiram poer á ventura onde a morte está aparelhada.

Mas quando Garcia Moniz, que era um fidalgo que fôra guarda do infante sendo moço, chegou alli e lhe disseram o feito como era, não quiz mais esperar nenhuma cousa, mas assim como ardido cavalleiro se poz a todo o perigo e saltou rijamente pelas portas dentro até que chegou onde o infante estava.

—Ah! por mercê, disse elle, porque meteis os vossos em tamanhas desesperações, que não está alli tal a aquella porta que não tenha por fé que jámaes vos não ha-de vêr, e estão dizendo assim mal á sua ventura que os apartou de vós, que consiram o grande doesto que lhes poderá ficar se se acertar de vós fallecerdes por não serem comvosco. Por Deus, Senhor, vós quereis cometer umas cousas, e perdoae porque vol-o digo, que são além de toda ardideza dos homens, e ainda leixaivos aqui estar com esperanças que se hajam de vir pera vós alguns outros, e não quereis consirar como aquelles muros estão cheios de mouros, e que acima d'esta porta está outra porta por onde entram e sahem os mouros quantas vezes querem, que não cuideis que todo o cuidado dos vossos é em pelejar com os mouros, porque os mais d'elles tem mór cuidado de roubar as casas que acham vasias, e vossos irmãos e todos os outros capitães andam espalhados pela cidade cada uns por sua parte, e entretanto póde ser que sahiram alguns d'aquelles mouros que estão no castello, ou por ventura muitos que

andam na cidade querendo-se recolher, virão por esta porta e acharão por boa dita de vos acharem aqui pera se vingarem no vosso sangue. Porém, por mercê, partivos d'aqui e tornae-vos pera fóra, onde podeis fazer de vossa honra com maior segurança de vossa vida.

E o infante conhecia bem Garcia Moniz que era homem sezudo e bom cavalleiro, e conheceu que o aconselhava mui bem, e assim o poz logo por obra e os outros isso mesmo que lhe falaram acerca d'ello, e porém cometeu seu caminho pera se tornar, onde achou já estar Fernão Chamorro, alevantado com uma grande ferida no rosto.

Nem cuideis que os que antes alli estavam passavam seu tempo ociosos, cá os mouros acudiam alli a meude e continuamente aturavam sua peleja, mas depois que o infante chegou cobraram elles em si muito maior esforço e cometeram-nos rijamente, de guisa que derribaram alli alguns.

E estando assim os feitos n'este ponto chegou alli Nuno Antunes, filho de Antonio Vaz de Goes.

— Senhor, disse elle ao infante: vossa bandeira e o estandarte do infante D. Pedro vão caminho da outra porta de cima com intenção de se irem por alli pera a villa de fóra, e os mouros são muitos ácerca d'aquella porta, façavo-lo a saber porque é bem segundo me parece que vós vades contra lá por tal que os vossos recebam esforço e ajuda.

E o infante disse que lh'o tinha muito em serviço e assim encaminhou logo rijamente pela rua acima, até que chegou onde os seus estavam, e certamente sua chegada foi alli mui proveitosa, cá a força dos mouros era mui grande sobre a entrada d'aquella porta, os quaes punham toda sua diligencia em defender a

passagem aos christãos, e assim deram uma grande pedrada na haste da lança da bandeira do infante que a derribaram em terra, a qual mui azinha foi alevantada por força d'aquelle que a trazia, e o infante vendo assim aquelle feito saltou muito azinho entre elles e cometeu-os de tal maneira que os lançou além das portas, mas não traziam alli todos tal ardideza como elle, cá sómente Garcia Moniz achou comsigo na escuridade d'aquellas abobodas que estavam sobre aquella porta.

CAPITULO LXXXII

Como o infante tornou outra vez áquelle logar d'onde partira, e como os mouros leixaram de todo o castello.

OUTRA vez se tornou o infante pera aquelle logar d'onde ante partira, por aquella rua direita por onde suas bandeiras vieram, não que elle estivesse n'aquelle proprio logar, mas na entrada da outra travessa que é a fundo d'aquella onde elle á primeira estava, porque alli estava um grande ajuntamento de mouros com que ainda tornou a pelejar, e em esto lhe chegou recado de seu irmão o infante D. Duarte que o enviava a chamar a uma mesquita que alli estava acerca, onde depois foi a sé cathedral.

— Dizei vós, respondeu elle a aquelle mensageiro, ao infante meu senhor e irmão, que melhor seria se

sua mercê houvesse por bem de elle vir pera cá pera arrancarmos estes mouros de todo d'aqui, que de me eu partir agora pera nenhuma parte, e esto lhe envio dizer pela vontade boa que lhe sinto pera similhantes feitos, e que saiba que como eu d'aqui partir que entendo que não ficará aqui mais nenhum.

E como quer que muitos bons alli estivessem com o infante, assim pelo grande trabalho que já tinham passado como por razão da mui grande calma que fôra aquelle dia, estavam já mui annojados, tomando mui ameude folga quando quer que haviam algum pequeno espaço, e chegavam-se ao infante requerendo que leixasse aquelle feito, porque ao tempo que se o castello houvesse de combater todos aquelles mouros de necessidade se haviam de partir d'alli.

Mas esto não prestava muito, cá tal desejo tinha elle que emquanto os alli sentira nunca os houvera de leixar se não fôra o mandado de seu irmão, a quem elle em todas as cousas guardava obediencia, porque fôra aquelle recado que lhe primeiro veiu foram outros, aos quaes o infante sempre achou resposta dizendo que em aquelle dia não era pera leixar similhante logar, não tanto pelo damno que os mouros depois poderiam fazer, como por lhe não dar algum azo porque lhe podesse ficar alguma esperança de sua salvação, e esto dizia o infante pensando que aquella mesquita era muito mais alongada d'onde elle estava, e que isso mesmo não era chamado a outro algum fim senão pelo tirarem d'aquelle trabalho pela grande continuação que sabiam que elle aquelle dia tivera acerca d'aquella contenda, empero mandou-lhe dizer emfim o infante D. Duarte que todavia fosse sem outra alguma tardança.

— Senhor, disse o mensageiro, vosso irmão vos en-

via dizer que elle e os outros vossos irmãos são alli ajuntados, onde tem comsigo a maior parte dos capitães que vieram a este feito afim de falarem no filhamento do castello, pera a qual cousa lhe é vossa presença muito necessaria, porém vos encommenda que vos vades logo sem outro detimento.

Ouvindo esto o infante não se deteve mais, antes chamou logo aquelles que com elle estavam, dizendo que pois a vontade de seu irmão era que se partissem d'alli que seria mui bem partissem de maneira que os mouros não sentissem que se partiam constrangidos.

— E pera isto me parece, disse elle, que será bem que vós vades deante e eu ficarei detrás, ou ficae vós detrás e eu irei deante.

— Isso não é razão, disseram elles, que vós senhor hajaes de ficar, tendo aqui taes pessoas que vos d'ello muito bem podem escusar.

A esto respondeu o infante que pois elles assim queriam, que tivessem tal modo em sua ida que não mostrassem a seus inimigos que se partiam constrangidos, o que elles fizeram pelo contrario, porque tanto que o infante se partiu, olhando pera traz viu que os seus não traziam aquella ordem que deviam, segundo o que lhes elle antes dissera, e tornou outra vez sobre os mouros que os seguiam e os levou ante si por aquella rua até que chegaram a aquelle logar onde primeiro cahiu Fernão Chamorro, mas em aquella ida não o seguia nenhum nem os mouros quizeram tornar após elle pensando que ficavam todos os outros de traz ao canto, afim de os enganar, e assim se tornou o infante seu passo e passo até que chegou á mesquita onde estavam seus irmãos.

De Salabençala não falei até aqui da maneira que teve depois que lhe os mouros levaram aquellas no-

vas que já tendes ouvido, mas agora me mandou elle requerer que escrevesse o seu feito pera dar fim á sua triste espedida.

Porém é de saber que depois que elle de todo viu que a cidade era entrada e os christãos por ella espalhados, sentiu que não havia outro remedio senão perder-se de todo, entonce tomou certos d'aquelles seus servidores de que se mais fiava, e entregou-lhes suas mulheres pera lh'as porem fóra da cidade, e elles com a trigança e desacordo que tinham não se lembravam senão de mui poucas cousas pera levar comsigo, e Salabençala andava entre tanto passeando por aquellas casas alevantando muitas vezes os olhos pera o ceu, e gemendo fortemente, como quem tamanha perda recebia, até que por derradeiro cavalgou um ginete e se foi fóra da cidade, mas qual seria o pranto que elle por tamanha perda fizesse, claro será a todos aquelles que direito juizo tiverem, mas sei eu que por grande que seu nojo era nunca o mostrou muito em sua continencia, cá elle era homem fidalgo e de grande sizo e auctoridade, e o nojo que tinha suportava-o comsigo mesmo.

CAPITULO LXXXIII

Como o infante D. Henrique chegou aonde estavam seus irmãos, e como Vasco Fernandes de Atayde foi morto.

Fazendo conclusão de todos os aquecimentos do infante D. Henrique, nos quaes foi a força de todas as cousas que se em aquelle dia fizeram que de contar fossem, nem presuma algum que eu não puz tanta diligencia em requerer e buscar todos os aquecimentos dos outros senhores, porque não digo eu dos principaes, mas de qualquer outro do povo escrevera seu feito se o achara de merecimento ou o podera saber por qualquer guisa, conhecendo bem que a vontade d'el-rei meu senhor é saber perfeitamente todos os merecimentos de seus naturaes, pera honrar a memoria dos mortos e remunerar aos vivos, pelos trabalhos de seus padres, ou d'elles mesmos, e esto porque sua vontade é posta em uma egualeza de justiça, segundo no processo de seus feitos mais compridamente será achado, e de eu não saber perfeitamente a verdade das cousas, tenho tres rasões pera minha escusa, a saber as primeiras duas que já disse, uma a estreitura d'aquellas ruas e a outra a longura do tempo, e a terceira é o pouco cuidado que alguns queriam ter em me dizerem as cousas que sabiam, e taes requeria eu que pero lhes mostrasse mandado d'el-rei meu senhor, não me faziam menos aguardar á

sua porta, que se eu por ventura principalmente vivera por sua bemfeitoria, outras vezes me davam suas escusas, allegando escusações, as quaes conhecidamente eram mais por tomarem similhança de estado, que por nenhuma outra necessidade.

Em verdade não leixarei de dizer que quando eu consirava que um doutor, e outro similhante me mostrava taes mostranças, recebia por fadiga d'ir muitas vezes a sua casa, lembrando-me como aquelle com quem eu vivo, que é meu senhor e meu rei, offerece suas orelhas a ouvir meus rasoados, com menos cerimonias, quando sente que é rasão.

E perdoar-me-heis porque me affastei tanto da historia, cá o fiz por me escusar d'alguma culpa, se m'a alguem quizer poer.

No recebimento que o infante D. Duarte fez a seu irmão, não fallei alguma cousa, porque muitas vezes disse o grande amor que entre elles havia, e isso mesmo como o infante D. Duarte foi um principe muito mavioso e agazalhador.

Mas fica-me por dizer d'aquelle bom e valente cavalleiro Ayres Gonçalves de Figueiredo, de cuja grandeza de edade já fallei, o qual em aquelle dia andou sempre armado, e se acertou alli com o infante depois que os mouros sahiram pela outra porta de cima, onde derribaram a bandeira a Mem Rodrigues, o qual Ayres Gonçalves de Figueiredo pelejou sempre continuamente, melhor que outros alguns de muito menos edade, e outros dois escudeiros bayonezes que moravam no Porto, e acharam o infante no meio d'aquella rua, quando logo primeiramente começou a seguir por ella.

—Não vos parece, senhor, disseram elles, que estamos agora melhor aqui que nas logeas do Porto, onde

nos vossa mercê requeria que ficassemos? E em aquelle segundo cometimento que o infante fez em os mouros, quando assim foi chamado da parte de seu irmão, Vasco Fernandes de Atayde houve novas como seu senhor andava n'aquelle trabalho, e trabalhou-se de o ir buscar, e quando chegou áquelle logar onde o infante estivera primeiro com os mouros, que era acerca da porta, lançaram os inimigos de cima uma pedra, a qual era tão grande e com tanta força lançada, que tanto que deu sobre a barreta de Vasco Fernandes cahiu logo morto em terra, e este só cavalleiro foi aquelle que por seu sangue pagou toda a desaventura d'aquelle feito, empero bemaventurado foi elle que em tal logar fez fim de sua vida, e sua alma sómente levou as novas ao outro mundo da perfeição d'aquella victoria, e não é duvida senão que sua morte fôra muito mais chorada se fôra por outra maneira.

Grande desenfadamento filharam todos aquelles senhores que estavam juntos em aquella mesquita, e assim todos os outros, fallando da boa victoria que lhe Deus déra, e cada um contava o que lhe acontecera, mas sobre todos aquelles escudeiros que foram com o infante tinham mui grande gloria em contar a sua parte, porque não ha no mundo tamanha honestidade que não seja tocada de doçura de gloria, e tanto é maior quanto o seu merecimento é havido com maiores trabalhos, o que certamente era assás de grande, quanto a aquelles, cá foi achado que depois que chegaram áquelle logar aonde cahiu Fernão Chamorro, até que o infante partiu pera a mesquita, passaram cinco horas trabalhando continuamente, e posto que nós em outras partes digamos o espaço do tempo maior ou mais pequeno, a verdade é esta, e o al se diz segundo o fallamento d'aquelles que emmentámos.

CAPITULO LXXXIV

Como el-rei mandou chamar o infante D. Henrique, e das razões que lhe disse.

Morto Vasco Fernandes, como dito é, logo os mouros começaram de despejar de todo aquella villa primeira, e estando assim aquelles senhores, tiveram seu conselho e começaram de aviar as cousas que cumpriam pera combate do castello, determinando que por aquella noite não fizessem nenhuma cousa, somente que lhe fossem postas suas guardas até o outro dia que o combatessem realmente, e o infante D. Henrique tanto que foi n'aquella mesquita, por causa do grande trabalho que tinha passado, lançou-se algum pouco a repousar, e todo seu principal cansaço era as feridas que tinha nas pernas, de que era algum tanto sentido, e em jazendo assim lhe chegou recado d'el-rei que o enviava chamar, o qual estava em outra mesquita, apartada d'aquella onde agora é o mosteiro de S. Jorge, e bem deveis entender que onde elle estivesse em similhante tempo, qual seria a companhia que com elle fosse, cá dizem os direitos que o testemunho que el-rei der deve valer sete, e isto disseram porque além da sua virtude, por bem de razão e direito sobre os outros homens tem excellencia.

Constrae que el-rei não podia estar só que não estivessem com elle ao menos seis mil homens, depar-

tindo certos officios, segundo em seus livros está declarado.

Ora se de necessidade os homens hão-de acompanhar o rei, certo é que com melhor vontade se chegam a elle no dia da folgança e ledice, que quando está pelo contrario, e não ainda a elle que sobre todos os homens tem excelleencia, mas ainda a qualquer outro do povo se chegam de boamente no dia de sua ledice, como vemos geralmente quando se fazem bodas, que além dos que pera ellas são convidados se chegam outros muitos, e portanto cumpre mais aos reis, que hão de agazalhar gente, mostrarem sempre suas caras alegres e mandar ás vezes fazer festas em suas casas, quando o tempo o requer, cá diz o auctor dos feitos d'el-rei D. João de Castella, que foi na batalha de Aljubarrota, que uma das cousas porque perdeu muitos fidalgos quando vinha pera este reino, foi por ser homem que sempre em sua continencia mostrava tristeza.

Todas as palavras que se alli a el-rei diziam vinham á conclusão do louvor da victoria, e uns falavam no filhar da terra, e outros como o infante D. Duarte sahira escondidamente da galé com desejo de ser com os primeiros, e outros como a Deus prouvera de a villa ser entrada tão azinha, outros falavam da discrissão do prior, que antes doestavam, dizendo que soubera mui bem encaminhar todo o que lhe fôra mandado.

— Bem sabia, respondeu el-rei, o prior o recado que me levava, e eu bem conhecia quando o primeiramente enviei, que se visse que a cidade era desposta ou azada pera a eu poder filhar que o saberia conhecer, nem eu não começara nenhuma cousa n'este feito se me elle o contrario dissera, conhecendo quem elle é, cá bem creio verdadeiramente que se algum homem de

engenho e sizo houvesse de subir ao ceu vivo, em carne, o prior seria.

Certamente, diz o auctor, não era pequena honra áquelle cavalleiro aquellas palavras que el-rei assim dizia d'elle ante aquelle povo, e se nós ante dissemos da honra que havia de ser dada o João Affonso, vedor da fazenda, nem ao prior fica d'este feito pequena parte.

E tornando á nossa historia, entre todas as cousas que alli falavam, principalmente se dizia como Deus quizera por sua mercê em aquelle dia guardar o infante D. Henrique, contando seus aquecimentos pela mais formosa maneira que elles podiam dizer, conhecendo que não podiam em ello falar tanto que a seu padre mais não prouguesse, cá doce cousa é a todos os homens ouvir os louvores de quaesquer cousas que a elles pertencem, especialmente dos filhos, além dos quaes não ha hi maior amor, e querendo o infante vir ao mandado de seu padre, achou que lhe furtaram aquelle bom cutello com que elle aquelle dia tantos e taes golpes fizera, por cuja bondade o infante houve assim queixume de lh'o levarem, dizendo que por nenhuma cousa d'alli partiria até que lh'o não tornassem, e posto que alli estivessem mais de cinco mil homens, tal diligencia foi posta em o buscarem, que lhe foi tornado á sua mão, e quando o infante chegou onde el-rei estava, foi d'elle recebido com grande prazer.

— Meu filho, disse elle, pois que a Deus prouve dar-vos hoje tal aquecimento, assim como elle foi avantajado de todos os outros feitos, assim praz a mim que por louvor de vossa fortaleza recebaes logo aqui ordem de cavallaria.

— Senhor, respondeu o infante, posto que meu merecimento não seja tamanho, eu vos tenho muito em

mercê a boa vontade que tendes pera accrescentar em minha honra, empero eu vos peço por mercê que me não queiraes fazer similhante cousa senão ao tempo que a fizerdes a meus irmãos, porque assim como nos Deus trouxe a este mundo um ante outro, assim me prazeria que nossa honra fosse dada ordenadamente.

El-rei disse que lh'o agradecia muito, e que assim encaminharia que se fizesse.

CAPITULO LXXXV

Como João Vaz d'Almada foi poer a bandeira da cidade de Lisboa sobre as torres do castello e isso mesmo o conde D. Pedro levou a bandeira do infante á torre de Fez.

Depois que aquelle conselho assim foi feito acerca das guardas que em aquella noite haviam de poer sobre o castello, indo assim aquelles que pera ello foram ordenados seu caminho, porque o tempo era já acerca em que convinha começarem seu trabalho, acertou de olhar um d'elles pera o castello, sobre o qual viu estar uma grande banda de pardaes.

— Não vêdes, disse elle contra os outros, como aquelles pardaes alli estão assocegados? que me matem se Salabençala com todos os outros não é partido d'alli e leixou o castello vazio, cá se assim não fosse não estariam alli aquelles pardaes assim de assocego, e to-

dos os outros disseram que lhes parecia ser assim, sobre a qual cousa tornaram a el-rei pera receberem seu mandamento, acerca do que haviam de fazer.

Mas por ventura não seriam aquelles os pardaes que o outro sonhava que comiam as abelhas?

—Pois que assim é, disse el-rei, vão chamar João Vaz d'Almada que traz a bandeira de S. Vicente, e digam-lhe de minha parte que a vá logo poer sobre a mais alta torre.

João Vaz foi logo chamado e a bandeira prestes, e ajuntaram-se com ella parte d'aquelles bons homens, e foram-se caminho do castello, e querendo quebrar as portas que estavam fechadas, pareceram sobre o muro dois homens que dentro estavam, a saber um biscainho e outro genoez.

— Não filheis trabalho, disseram elles, em quebrar as portas, cá não tendes nenhum empacho em vossa entrada, cá os mouros são já partidos todos d'aqui, e sómente ficamos nós ambos, que vos abriremos as portas quando quizerdes.

— Ora pois, disse João Vaz, filhae lá essa bandeira e ponde-a sobre esse muro, até que nos vamos.

Alguns disseram aqui, querendo fazer este caso maior, que aquelle genoez, com outros alguns que dentro estavam, quizeram mostrar signal de defensão, e que el-rei mandára sobre elles certa gente d'armas e béstaria, e que por força d'armas se filhara o castello, a qual cousa verdadeiramente achamos que não foi assim, e tanto que o castello foi aberto, foi dentro o infante D. Duarte e o infante D. Pedro, e o conde de Barcellos, e assim outros senhores e fidalgos, cá o infante D. Henrique estava com el-rei, e andando assim provendo todas as cousas que havia em aquella fortaleza, deram muitas graças ao Senhor Deus

que por similhante maneira os pozera em posse de todo.

E é pera rir do que alli aconteceu a um escudeiro do mestre de Christus, cá onde os outros andavam apanhando ouro e prata e outras cousas de grande valia, elle se foi occupar com um gavião treçó que trazia na mão, que achára n'aquelle castello, e tão contente andava d'aquelle bom achadego, que não tinha lembrança d'outro nenhum ganho nem proveito, e estimando seu presente n'aquelle preço em que o elle tinha, foi fazer serviço d'elle ao infante, mas eu não sei se o agradecimento de similhante dadiva seria tamanho como a perda do proveito que elle podera haver, carregando-se d'aquellas cousas de que assás havia no castello.

Muitos se começaram alli de aposentar com intenção de serem companheiros de João Vaz, mas el-rei não o quiz consentir, e mandou lá o infante D. Henrique que os fizesse sair todos fóra, e que a posse do castello leixasse sómente a João Vaz e aos seus, e segundo aprendemos, melhor encontro achou elle alli que o gavião treçó do escudeiro do mestre, cá a melhor parte das mais e melhores cousas que tinha Salabençala e todos os outros que com elle estavam n'aquelle castello, houve João Vaz, as quaes eram n'elle mui bem empregadas, cá era nobre cavalleiro e trabalhou sempre em sua vida pera accrescentar em sua honra, com muitos serviços que fez a el-rei e ao reino.

Como o castello foi assim desamparado como dito é, mandou logo o infante D. Duarte ao conde D. Pedro de Menezes, que era seu alféres, que levasse a sua bandeira á outra villa de fóra e que a pozesse sobre a torre de Fez, mas isto não era assim ligeiro de fa-

zer, porque os mouros não podiam assim leixar de boamente a posse da sua cidade, cá muitos d'elles determinavam fazer alli antes fim de suas vidas que leixar suas moradas, e não é sem rasão que não sómente os homens que hão verdadeiro conhecimento, mas ainda as brutas alimarias naturalmente mostram sentimento quando são tiradas do seu, segundo diz o philosopho no livro de Proprietatibus Rerum, e assim houve alli uma escaramuça á sahida d'aquella porta, que se agora chama de Fernão Affonso, na qual mataram a um alferes de D. Henrique de Noronha, empero isto prestou pouco aos mouros porque ia a bandeira acompanhada de mui nobres pessoas, cá eram alli o dito D. Henrique e D. João seu irmão, e Pero Vaz d'Almada e Alvaro Mendes Cerveira, e Mem de Affonso seu irmão, Alvaro Nogueira e Nuno Martins da Silveira e Vasco Martins do Carvalhal, e o grão barão d'Allemanha, o qual em aquelle dia provou como valente cavalleiro que era, e assim o fizeram a maior parte de todos os gentis homens que com elle vinham, e Nuno Vaz de Castello Branco, e cinco irmãos seus que alli vinham, e Diogo Fernandes d'Almeida e outros muitos e bons e grandes fidalgos, cujos nomes não podemos perfeitamente saber, e assim foram todos juntamente poer aquella bandeira sobre a torre de Fez, e a guardaram aquella noite, e D. Fernando de Castro e D. João seu irmão, acompanhados d'outros muitos cavalleiros, sahiram pela outra parte de cima escaramuçando com os mouros, até que os lançaram fóra pela outra porta, que se ora chama de Alvaro Mendes.

CAPITULO LXXXVI

Em que o auctor declara o tempo em que a cidade foi tomada e quaes eram os trabalhos dos homens em aquella noite.

VINTE e um dias eram do mez de agosto, quando andava a era de Adão, que é o anno do mundo em cinco mil cento setenta e seis annos hebraicos, e a era do diluvio em quatro mil quinhentos e dezesete annos romanos, e a era de Nabucodonosor em dois mil cento e sessenta e dois, e a era de Filippe, o grão rei de Grecia, em mil setecentos e vinte e oito annos, e a era de Alexandre, o grão rei de Macedonia, em mil setecentos e vinte e seis, e a era de Cesar imperador de Roma, em mil e quatrocentos e cincoenta e tres, e a era de Nosso Senhor Jesus Christo, em mil quatrocentos e quinze, e a era de Alimus, o Egypcião, em novecentos e setenta e um, e a era dos Alarves em setecentos e noventa e tres, segundo os seus annos, cá os outros annos todos são romanos, e a era dos Persas em setecentos e oitenta e tres, e a era do reinado d'el-rei D. Affonso o primeiro de Portugal em trezentos e treze, e o anno do reinado d'este rei D. João em trinta e dois dos annos solares, quando estava o sol em seis graus do signo de Virgo, e a lua sobre o primeiro quarto de seu crescimento, no primeiro grau dos dois gemeos que são Pollux e Castor, filhos de Leda, já passavam de sete horas e meia de-

pois do meio dia quando a cidade foi de todo livre dos mouros, e os nossos assim como andavam mui cansados por razão do trabalho, e assim por a força da quentura que passaram, começaram de se aposentar aquelles que ainda não eram aposentados, cá muitos havia ahi que depois que uma vez entravam na casa alli aguardavam a vinda da noite, outros tomaram as esperanças tão largas que não se contentaram do primeiro achadego, e a derradeira ficaram sem nenhuma cousa.

Depois que a noite de todo foi cerrada tanto foi o desprezo em que tiveram os mouros pela victoria que tão facilmente houveram, que não tiveram cuidado de poer nenhuma guarda na cidade, sómente quanto tiveram acordo de fecharem as portas, como quer que segundo meu juizo as guardas não eram muito necessarias por aquelle presente, porque a cidade pela maior parte é cercada d'agua, onde tinha assaz segurança, e aquelle pequeno espaço que ficava da parte do sertão não lhe cumpria melhor guarda que a gente do infante que estava sobre a porta de Fez, e outra muita que isso mesmo estava á porta de Alvaro Mendes, e as outras companhas que jaziam pela cidade não tinham cuidado d'outra cousa que de apanharem o esbulho, e quanto mais o tempo se afastava do primeiro começo, tanto o fogo de sua cubiça era mais aceso, e entonce começavam de se arrepender do damno que fizeram em muitas cousas de que se depois poderam aproveitar, cá logo no primeiro começo não esguardando nenhuma cousa fizeram tamanho damno em muitas cousas de grande valia, cuja cobiça lhes ao depois trazia grande arrependimento, porque muitos que se acertaram primeiramente n'aquellas logeas dos mercadores que estavam na rua direita, assim como entravam pe-

las portas, sem nenhuma temperança nem resguardo davam com suas fachas nos sacos das especiarias e esfarrapavam-nos todos, de guisa que todo lançavam pelo chão, e bem era pera haver dó de similhante estrago, qual alli foi feito n'aquelle dia, cá as especiarias eram muitas e de grosso valor, e as ruas não menos jaziam d'ellas cheias do que poderia jazer de junco nos dias das grandes festas, as quaes depois que foram pizadas dos pés da multidão das gentes que por cima d'ellas passavam, e des ahi com o fervor do sol que era grande, davam de si muito grande cheiro.

Mas porque aquelle damno sem proveito lhe podesse logo trazer emproviso arrependimento, a cobiça d'aquella perda os subjugava a andarem depois pelas ruas apanhando os pedaços de canella e grãos de pimenta, menosprezando o trabalho e fadiga que lhe sobre ello vinha, cá em treze dias que alli depois elrei esteve, nunca as ruas eram desacompanhadas d'aquellas gentes de pouco valor, em tantó que não podiam os homens passar livremente que não fossem empachados d'aquella multidão.

Barris de conserva e jarras de mel, manteiga, arrobe e azeite, eram alli tantas estruidas que não faziam alli menos enxurro pelas ruas que se fossem alguns canos d'agua quando chove, a qual perda era muito chorada d'alguns d'aquelles de vil geração, cá os bons e nobres não punham o seu cuidado em similhantes cousas.

Mantimentos houveram alli assaz, assim dos que achavam nas casas, como outros que faziam vir da frota, especialmente vinho, que em similhante tempo era tão desejado que este era um licor de que nas casas dos mouros havia pouca quantidade, ainda que aquelles que acertaram de o beber lhe praz muito do bom.

CAPITULO LXXXVII

Como os christãos em aquella noite traziam entre si desvairadas occupações.

Toda a occupação dos mais d'aquelles era deleitosa, cá posto que todo aquelle dia fossem trabalhados e o espaço da noite fosse tão pequeno, não havia ahi algum tão perigoso que se contentasse de a dormir toda, cá uns se occupavam em fazer trouxas das cousas que apanharam, outros estavam egualando suas partilhas com aquelles com que primeiramente traziam conserva, outros andavam cavando as casas onde achavam a terra movediça, e faziam n'ellas mui grandes foios, pensando de achar alguma riqueza soterrada, e por um pouco que achavam desfaziam grandes alicerces pensando de achar mais, outros tentavam as alturas das aguas que jaziam nos poços e metiam-se n'elles apalpando com os pés pera vêr se poderiam achar ainda algumas riquezas mais sobre o que tinham, e por dizer verdade a muitos não eram seus trabalhos em vão, cá achavam muitas cousas em elles de grossa valia, e os que maior eficacia traziam em estes trabalhos era a gente do povo, especialmente os que eram casados, dos quaes não parecia cousa sobeja por refice que fosse, se elles haviam logar pera a trazer.

Oh! como a ventura muda suas cousas, como lhe praz e acrescenta e mingua segundo seu querer, cá tal havia entre aquelles que n'este reino mantinha uma só choça, e alli acertava ter por pousada grandes

casas ladrilhadas com tigellos de desvairadas côres, vidrados, e os teitos forrados de olivel com formosas soteas cercadas de marmores mui alvos e polidos, e as camas brandas e moles e com roupas de desvairados lavores, como vêdes que geralmente são as obras dos mouros.

«Em forte hora, diziam elles, aquelles pelejassem sobre tanto viço pera nós outros, mesquinhos que andamos no nosso Portugal pelos campos colhendo nossas messes, e fadigados com a força do tempo, cá por derradeiro não temos outro repouso senão pobres casas que em comparação d'estas querem parecer choças de porcos».

Os nobres homens tinham o primeiro acertamento, já contentes não curavam d'outra cousa senão despender o tempo que lhes o somno não occupava os sentidos em recontar a grandeza d'aquella victoria, e uns louvavam os golpes que accertavam de vêr a seus amigos, ou os aquecimentos que houveram, outros culpavam algum estorvo se lhe aquecera, porque perderam algum golpe que poderam farer, outros estimavam a multidão dos mortos quanta seria, sobre cujo numero eram desvairadas opiniões, não com pequena gloria da desaventura de seus inimigos.

Mas sobre todas as cousas se falava nos feitos que o infante D. Henrique fizera, que todo o al estimavam por pouco, e outros tinham cuidado de arrecadarem os prisioneiros, sobre cuja guarda se punha grande diligencia, a uns levando-os ás galés, outros mettendo-os em taes prisões porque tivessem d'elles segurança, outros tinham cuidado de esquadrinhar porque parte se azara mais certamente aquella victoria.

E uns a atribuiram de todo o Deus, os quaes entre todos os outros falavam mais verdadeiramente, dizen-

do que todas as ordenanças prestaram pouco se os mouros tiveram acordo de fecharem as portas e não quizeram sahir fóra, cá por pouco que se tiveram defendendo sua cidade, não podera ser que lhe em breve tempo não viera grande socorro de seus vizinhos e parentes.

Outros diziam que aquello não prestava, cá posto que elles fecharam as portas não tiveram vianda nem lhe podera vir tão azinha de fóra, segundo seu grande despercebimento.

«Ah! como podéra ser, diziam elles, que os mouros defenderam a cidade posto que fecharam as portas, cá el-rei tinha ordenado de poer seu arraial na Almina, onde os mouros foram assim combatidos por força de seus inimigos, e com multidão de sua gente, que não se escusava que em breve tempo não subiram os homens por cima dos seus muros, e posto que os da cidade tiveram mantimentos não poderam ter tantos que podessem abastar a tanta multidão de mouros como era na cidade, porque além dos moradores d'ella eram ahi outros muitos de fóra que ficaram ahi da primeira vez que os mouros viram os navios ancorar no Barbaçote, afóra outros que Salabençala não quiz receber na villa que estavam fóra, os quaes era necessario que recebesse quando visse que de todo queriam combater a cidade».

«Ora vós calae, diziam outros, cá depois de Deus não tem ahi nenhuma cousa tamanho louvor como o nobre conselho que el-rei teve, cá se os mouros tiveram avizamento, ainda que, não fôra mais que um mez antes, nunca se a cidade cobrára que se primeiro não gastára todo Portugal pedaço a pedaço».

E assim em estes feitos e departições despenderam as gentes aquella parte da noite.

Mas o entendimento d'el-rei não buscava nenhuma d'estas cousas, antes jazia pensando na grande mercê que lhe Deus fizera, pera a qual lhe pedia em sua vontade que lhe abrisse azo e caminho como podesse guardar e defender aquella cidade, por testemunho de tamanho milagre, e por tal que a lembrança d'aquella victoria ficasse por successão a todos os reis que depois d'elle viessem e possuissem sua herdade.

CAPITULO LXXXVIII

Do grande pranto que os mouros faziam sobre a perda da sua cidade.

Piedosa cousa era de ouvir os gemidos d'aquelles mouros depois que foram afastados da sombra dos muros de sua cidade, cá se começaram a apartar por entre as espessuras dos arvoredos das suas hortas e pomares, e não havia ahi tal que logo á primeira chegada podesse ter segurança, por muito escuso que o logar fosse, cá assim vinham amedrontados da mortandade que viram fazer em seus vizinhos e parentes.

Mas depois que a noite começou de sobrevir cobraram elles algum atrevimento, e começaram de se sahir d'aquelles matos, cada um por sua parte, e chamar-se uns aos outros por seus proprios nomes, e as madres chamavam os filhos, e os maridos as mulheres, e

aquelles que se acertavam de se acharem tinham algum remedio por seu conforto, ainda que lhe muito não podesse durar, porque a lembrança de sua perda geral não podia esquecer por outra nenhuma cousa de melhoria, por grande que fosse, e sobre todo não havia ahi algum que não tivesse alguma parte que chorar, porque a uns falleciam os filhos, a outros as mulheres e amigos, e taes se acertavam alli a que falleciam todos, e assim começaram a fazer seu pranto mui dorido, chorando sua perdição, cá se alembravam das cousas que perderam, as quaes eram tantas e tão grandes, que cada uma por si lhe fazia mui doloroso sentimento, e entonce cada um nomeava a nobreza d'ellas, e como as perdera.

«Ha no mundo entendimento, diziam elles, em que podera caber que uma tão nobre e tão real cidade em um só dia se podesse perder? Por certo não foram esto homens viventes, mas foram os poderios do inferno que chegaram sobre nós, cá similhante obra mal se poderá crêr que foi em tão breve tempo acabada por nenhuma força nem poderio terreal. E escrevam os auctores das historias que nunca foi nem será alguma companha tão malaventurada como esta nossa, e ainda que nós estiveramos em meio d'um campo com umas poucas de palhas ante nós, não poderamos tão ligeiramente ser vencidos, e se quer ao menos nos leixára nossa má ventura tanto bem que tiveramos algum espaço em que poderamos conhecer nosso vencimento, o qual nos não aproveitára pouco para nosso avizamento.»

E entonces começavam a contar uns aos outros todos os aquecimentos de sua partida, e quaes eram os que morreram logo na primeira rua, e quaes ao depois, e contavam outrosim a grande multidão de seus pa-

rentes e amigos que jaziam espargidos pelas ruas e praças da cidade.

Os velhos diziam que ouviam a seus padres e avós fallar n'aquella perdição, dizendo que dias haviam de vir em que aquella cidade havia de ser regada com o sangue de seus filhos, s. de seus moradores.

Outros contavam sonhos que sonharam de cousas maravilhosas que lhe apareceram, os quaes depois do damno declaravam.

Um houve que disse:

«Quando eu era moço, me mandou meu padre a Tunes pera um meu tio que lá morava, o qual me deu a ensinar a um almoeda da mesquita maior, e estando eu um dia fallando com elle, contando-lhe as bondades d'esta cidade, elle em fim de minhas palavras poz as mãos sobre os olhos e começou de suspirar mui fortemente, e muitas vezes lhe pareciam as lagrimas por de sobre a mão, e entonce me disse:

«Filho meu, rogo-te que me não digas mais das bondades de tua cidade, que me não podes tu mais dizer que eu não saiba. Mas esto te digo, que se os mouros da terra d'Africa soubessem o que eu sei, que já em ella não estaria pedra sobre pedra que não fosse toda no chão, e a sua formosura e bondade ha ainda de ser por nosso mal, o qual sentirão primeiro os d'ella e depois o sentiremos nós outros os de cá, e esto sei eu, disse elle, porque não ha muitos annos que jazendo eu n'esta mesquita, dormindo uma noite, sonhava que via uma mulher com muitos filhos d'arredor de si, e que via uma ponte que se começava de junto de seus pés e chegava até o reino do Algarve, pela qual vinham da terra dos christãos grandes manadas de moços, os quaes pelejavam com os filhos d'aquella mulher até que os matavam todos, e mamavam em suas

tetas, e esto contei eu a outros mouros sabedores, e todos acordámos que aquella mulher representava a terra d'Africa, e os primeiros filhos somos nós outros, os quaes empucharam os christãos de suas terras, s. de sua terra, e de todo esto se ha-de alevantar por cobiça de vossa cidade.

«E porque, disse aquelle mouro, eu nunca tive crença em sonhos, não curei muito esguardar sobre ello.»

Disseram ainda mais que quando a frota d'el-rei partiu de Barbaçote pera os Algeziras, uma das mulheres de Salabençala sonhara que seu marido se mudava d'alli pera outras casas, e porque o ella via muito triste que lhe perguntava porque vinha assim annojado? E que lhe respondia elle que pelo coração que lhe ficava em Ceuta.

«Pois, dizia ella, porque não tornaes lá por elle? porque me tem as portas fechadas, respondia elle»; e Salabençala dizia que sonhara aquella manhã que seu padre o vinha abraçar; outros contavam quantas abusões sonharam havia cem annos, as quaes todas atribuiam ao entendimento d'aquella perdição, e assim estiveram aquella noite em suas tristes departições, cada um contando sua parte, ate que o somno os forçava, onde lhe passavam pelos sentidos cousas mui desvairadas, e segundo se faz commummente a todos aquelles que vigiando são carregados de pensamentos.

E taes havia ahi a que pareciam grandes chamas de fogos, outros aguas correntes, outros multidão de navios, outros viam pelejar touros, outros viam a lua e as estrellas e outros signaes do ceu, a outros parecia-lhes que lhe falavam seus padres, parentes e amigos finados, e ainda muitos d'aquelles que aquelle dia falleceram, e muitos se iam pera asher dades e quiu-

tas que tinham, onde tinham suas casas em que estavam no tempo do seu alacir, segundo vêdes que os mouros costumam quando passam suas fructas, e assim se lançavam sobre o monte das palhas que alli tinham pera suas camas, cá aquelle era o tempo que elles mais aturavam similhantes logares, por razão dos fructos que entonce amadurecem, e alli se começavam a lembrar quanto proveito elles houveram n'aquellas herdades, e das arvores fructiferas que em ellas pozeram, e quanta despeza fizeram em seus edificios, e como tudo em tão breve tempo haviam de leixar a seus inimigos.

Outros ahi havia que se lançavam a chorar pelos comoros dos vallados das suas hortas, emfim d'aquelle triste pensamento a outros sobrevinham tamanha braveza que com aquella lastima se enviavam ás vergonteas de seus enxertos e começavam de as britar, e assim andavam d'uma parte pera outra como homens fóra de si, parecendo aquella sacerdota Edonis, que morava nas montanhas do monte Pindo, a qual fazia cada um anno seus sacrificios ao Deus Bacho, que era Deus do vinho, segundo conta mestre Gonfredo, parecendo-lhes que se fartavam em fazer aquelle estrago, até que cansados faziam fim.

Outros que tinham alguma ferramenta em aquellas quintas decepavam as arvores pelos pés, mas outros havia ahi que se temperavam em suas sanhas, esperando que por ventura cobrariam ainda sua cidade e se poderiam aproveitar d'aquellas cousas, e traziam ás suas memorias muitas escripturas que leram, nas quaes achavam muitos acontecimentos e grandes de outras cidades e villas, que depois tornaram a cobrar seus primeiros moradores, e se lograram das cousas similhantes que antes leixavam.

«Ora pois, diziam elles entre si mesmos, porque destruiremos nós as nossas cousas? cá pôde ser que Deus obrará em nós com a sua misericordia, e nos tornará á posse da nossa cidade, a qual ainda que al não fosse, é tão longe do reino de Portugal que os christãos a não poderão manter.

CAPITULO LXXXIX

Como el-rei enviou seu recado a Martim Fernandes Porto Carreiro, alcaide de Tarifa, notificando-lhe sua victoria.

Sómente a dois logares achamos que el-rei enviou notificar o bom acontecimento que lhe Deus dera em sua victoria.

Onde haveis de saber que pela boa vontade que Martim Fernandes Porto Carreiro mostrou a seu serviço, quando enviou seu filho a elle á frota, como já ouvistes, teve el-rei por bem de lh'o fazer saber primeiro que a outro algum, e ainda disseram alguns que lhe enviou assim aquellas novas, além do que dito é, porque as podesse o dito Martim Fernandes notificar por outras partes d'aquelle reino de Castella, e porém, tanto que foi dentro na cidade, mandou fazer prestes um bergantim no qual enviou com seu recado João Rodrigues Comitre, que lhe contasse as novas d'aquelle aquecimento, e assim todo o outro feito como passára.

Tanto que João Rodrigues chegou a Tarifa, foi logo

com aquelle recado a Martim Fernandes, o qual foi tão ledo com elle que por mui grande espaço não se podia fartar de o ouvir, tornando muitas vezes a perguntar por todas as circumstancias d'aquelles aquecimentos.

—Vós, disse elle a aquelle mensageiro, sejaes tão bem vindo como a melhor Paschoa florida que eu n'este mundo houve, direis a el-rei meu senhor que lh'o tenho em muito grande mercê, e que saiba elle que sua vontade não foi enganada em me querer fazer saber de sua victoria, cá não ha em seu reino homem de meu estado a quem eu desse vantagem de lhe mais prazer de seu bom aquecimento. Mas que se m'o elle assim não fizera saber por vós, ou por outro algum de seu mandado, que eu fôra muito duvidoso de o crêr por outra alguma maneira. Mas não sabeis, disse elle, como estava o castello acompanhado, ou se tinham os mouros tenção de se porem em defensão, da qual cousa me não prazeria, porque o castello é forte e poderiam dar algum trabalho a el-rei?

—Ainda quando eu parti, respondeu João Rodrigues, os mouros estavam em posse d'elle, mas depois que eu fui no mar alongado, quanto seria uma legua da cidade, vi as bandeiras em cima das torres.

E quando Pedro Fernandes Porto Carreiro, seu filho, ouviu assim aquelle recado, houve grande queixume porque não fôra n'aquelle feito, segundo antes requeria a seu padre.

—Vós me tirastes, disse elle contra o padre, d'este meu bom proposito, estorvando-me que não fosse com el-rei, que me fôra grande honra, da qual cousa em todos meus dias nunca perderei magua.

—Se eu cuidára, respondeu o padre, que este feito tão ligeiramente se havia de acabar, não fizera tama-

nha detença em te aviar teus feitos como fiz, cá bem sabes a tenção que tinha acerca d'ello, e esto era encaminhar-te algum regimento pera ires como te pertencia, mas parece que Deus quiz acabar o feito por outra guisa, pelo qual me parece que nunca ouvi falar que cidade nem villa fosse tão em breve filhada, cá muitas vezes já me aconteceu mandar tingir uma meada áquella cidade e não foi tão azinha coberta de tinta, como agora foi tomada d'el-rei.

— Certamente, disse elle, este é tamanho feito que é duvida de se crêr assim logo pelo presente, até que a fama d'elle não seja mais declarada.

O escudeiro foi muito bem agazalhado, e assim aquelles que com elle foram, e des-ahi partiu Martim Fernandes com elle por alviçaras segundo seu estado requeria.

Aqui haveis de tornar que além da boa vontade que aquelle fidalgo tinha a el-rei, havia mui grande razão, assim elle como todos os moradores da Tarifa, de se alegrarem d'aquelle feito, especialmente por lhe ser tirada de ante os olhos tamanha vergonha como tinham em terem aquelles mouros, cá depois até agora elles e seus successores sempre fizeram e fazem mui grandes proveitos pera si em aquella cidade, vendendo ahi seus fructos e mercadorias, com grande avantagem de grandes ganhos.

CAPITULO XC

Como mandou el-rei João Escudeiro a casa d'el-rei D. Fernando de Aragão, e depois a Alvaro Gonçalves de Amaya, e das cousas que lhe enviou dizer.

OUTROSIM mandou el-rei João Escudeiro, um bom homem de sua casa, com seu recado a el-rei de Aragão.

— Direis, disse el-rei, a el-rei D. Fernando como trouxe minha frota de Portugal sobre esta cidade, e os contrarios que houve, assim por azo das cerrações como das correntes que me levaram os navios, e como no fim determinei, sem embargo de todo, pôr-me sobre a cidade, ainda que de muitos fosse aconselhado do contrario, e contar-lhe-heis a ordem que tivemos em trazer a nossa frota, e como meus filhos sahiram na Almina e pela guisa que a cidade foi entrada, da qual por graça de Deus são em posse, cujo aquecimento escrevo a elle primeiramente que a outro algum principe, pela grande e boa vontade que lhe tenho, e des ahi pelo desejo que lhe sinto pera guerrear aos infieis, e logo a cabo de poucos dias enviou a elle Alvaro Gonçalves de Amaya, que era seu vedor da fazenda na cidade do Porto, com outra embaixada, na qual lhe fez saber que por quanto elles já contrataram por suas cartas sobre a conquista, pelo qual, lhe disse el-rei, eu trabalhei de tomar assim esta cidade, por o qual entendo que faço d'aqui grande empacho aos mouros d'aquem e d'alem, cá por seu azo se podem agora

mover quaesquer cousas que quizerem fazer em cada uma d'estas partes acerca da destruição dos mouros, cá os que houverem de vir guerrear estas partes de Africa tem já logar onde venha desembarcar sua frota, e boa fortaleza d'onde possam correr a terra, e pera os que quizerem guerrear o reino de Grada aproveitará muito, porque em esta cidade poderão sempre estar navios que guardem todo o estreito, de guisa que não possam passar nenhuns mouros pera ajudar aos outros, porém, que eu lhe rogo que elle me faça saber a vontade que tem acerca d'este feito, porque eu possa aviar e correger os meus pera proseguir minha intenção.

Muito prouve a el-rei D. Fernando com similhantes novas, e assim disse que dava muitas graças a Deus por dar tão bom acerto a el-rei D. João, seu amigo, mas porém que era já assim aficado d'uma enfermidade que tinha, que duvidava muito viver tanto pera poder vêr tamanho prazer, podendo cometer similhante feito, empero que elle se faria levar em umas andas ao estremo de Portugal, onde lhe rogava que elle quizesse chegar, pera falarem ambos mais largamente acerca de todos seus feitos, e posto que elle morresse em aquella viagem, o que elle entendia que se lhe não escusava, segundo o grande padecimento que tinha, que haveria por mui bem despeza sua vida em similhante trabalho, e por esta guisa se partiu Alvaro Gonçalves de Valença do Cide, onde el-rei entonce estava, mui contente do bom agasalhado que recebera, cá assim elle como João Escudeiro houveram d'elle suas joias e outras mercês mui grandes, segundo que o el-rei era, o qual tanto que Alvaro Gonçalves partiu começou sua viagem, mas em poucas jornadas fez fim de sua vida, e de tal guisa foi todo encaminhado que

primeiro houve el-rei as novas da morte d'el-rei D. Fernando, que Alvaro Gonçalves viesse a elle, e certamente que Hespanha devêra muito de sentir a morte de tal principe, cá era um homem de grandes virtudes, as quaes o encaminhavam a grandes feitos, e elle ficou e foi mui poderoso e amado de todo povo de Castella quando el-rei D. Henrique seu irmão falleceu d'este mundo, onde se elle podera nomear por rei se quizera, porque seu sobrinho a aquelle tempo era de edade de dois annos, a qual cousa elle não quiz fazer, posto que lhe muito requerido fosse, dizendo que nunca Deus quizesse que elle fizesse cousa porque seu nome recebesse algum prasmo, e assim poz el-rei seu sobrinho na cadeira real e o fez receber por rei em todo seu reino, e o regeu depois com a rainha sua madre mui proveitosamente com grande contentamento de todos os do reino, e elle cercou Antequera e a filhou aos mouros, e fez muitos damnos aos mouros dos reinos de Grada, e emquanto regeu Castella cobrou o reino de Aragão, como já temos falado, e se a morte se não antecipára ao levar, não foram os seus dias despesos em outro officio senão na guerra dos infieis, cuja intenção é de crêr que seria grande parte de seu merecimento no outro mundo, cá a boa vontade onde o poder não abasta, em muitos logares é recebida por obra.

Quatro corôas reaes ficaram na Hespanha, que sahiram da sua primeira geração, e um mestre de Santiago, senhor das terras do infantado, com muitas e boas fortalezas em Castella, e outro filho, duque de Gandia, com outros muitos logares em Castella e em Aragão, mas porque os feitos d'aquelles reinos em muitos logares são tecidos com os nossos, fallaremos nós adeante mais compridamente em todas estas cousas.

CAPITULO XCI

Como o auctor falla na grande mortandade que se fez aquelle dia nos mouros.

Em todos os livros historiaes costumam os auctores de mentar assim o numero de mortos como dos captivos, mas esto não entendemos que se possa fazer geralmente em todos os logares, que os vencedores em tal tempo sempre trazem maior cuidado de apanharem o despojo dos inimigos, que contar os que jazem mortos no campo.

Bem pode ser que se possa esto fazer por os capitães dos vencidos, os quaes pelos livros dos seus alardos querem muitas vezes haver conhecimento de sua perda, ou sendo tão poucos os mortos que os possam os vencedores ligeiramente contar, cujo numero nós em este feito nunca podemos certamente saber, porque uns foram que disseram que eram mortos cinco mil, outros fallaram mais largamente e disseram dez mil, outros pozeram o conto em dois mil, e assim andaram errados em seus contos que nós não queremos determinadamente escrever neuhum d'elles, leixando este juizo a aquelles que tiverem discrissão, consirando que, onde o feito andava por tal guisa, qual seria o fim dos inimigos entre aquelles cuja peleja era por desegual comparação por duas maneiras, a primeira porquanto os christãos eram todos armados, pouco ou muito, cada um em seu estado, e a segunda a vi-

ctoria que os nossos cobraram, e a natureza consente que os corpos postos em desaventura sigam mais ligeiramente os medos, que aquelles a quem a fortuna mostra contrario semblante, e quanto os victoriosos sentiam mais fraqueza nos vencidos, tanto maior damno faziam em elles, por cuja razão foi feita em aquelle dia grande mortandade, a qual jazia espargida por todas as ruas da cidade, cá posto que alguns matassem nas casas, como de feito matavam, especialmente mulheres e moços pequenos, quando foi acerca da noite cada um como os achava na pousada, posto que a casa fosse sua na vida, mui azinha os lançava fóra d'ella, não se contentando de os receberem por aquella noite em sua companhia, empero com grande alegria albergavam os mouros, uns pela esperança que tinham do ganho que haviam de haver por seu resgate, outros por serviço que esperavam d'elles, e assim que todas as ruas jaziam acompanhadas d'aquelles mortos, cada um com aquella jazeda que a sua derradeira ventura o leixara, salvo alguns cujas roupas faziam cubiça aos christãos, por a qual os tiravam d'ellas, e os principaes logares em que esta mortualha jazia, assim era n'aquellas ruas acerca do castello onde o infante D. Henrique acertára com aquelles seus, como já dissemos, e como nós outros arrepiamos nossas carnes quando, por accidente, vemos algum homem morto ante nossos olhos, e estamos esmorecendo sobre elle, maravilhando-nos do desvairo de sua continencia, e vem a nós um mordimento de piedade, posto que na sua vida lhe houvessemos odio, vós outros, diz o auctor, que andaveis alli, porque vos não fartaveis de olhar a similhança d'aquelles que por força de vossos golpes perdiam as vidas? os quaes jazendo em terra não podiam direitamente ser conhecidos, e tanto eram ator-

mentados das feridas, que não davam nenhum vagar ás almas pera sair das carnes, e a taes se lhe partiam os espiritos apressados, que lhe leixavam as caras tão feias que verdadeiramente arremedavam a similhança dos anjos infernaes, cuja fera e aspera companha elles em breve tempo haviam de conhecer.

Nem creais que a todos geralmente a morte leixou um geito de jazeda, cá uns jaziam com os corpos tendidos e as mãos apertadas e os dentes fechados, e os outros jaziam com o focinho sobre a terra e embrulhados no seu sangue mesmo, outros com os corpos embuizados, apertando com seus punhos a roupa que traziam, outros jaziam assim espedaçados, que homem não poderia direitamente julgar qual fôra a sua queda, taes havia que os golpes primeiros não eram tão féros como o trilhamento dos vivos, quando acertavam de passar por cima d'elles, pouco prestava alli os falsos promettimentos das torpes deleitações porque aquelle velhaco Propheta primeiramente induzia aquelle simples povo, cá os principes infernaes enviaram alli grandes azes de suas companhas invisiveis, que com mui grande trigança arrancavam as almas d'aquelles mesquinhos e as levavam com mui grandes alegrias pera aquelle eternal captiveiro, onde em preço da espera da luxuria, lhe apresentavam caras tristes e espantosas, nas quaes pera sempre continuadamente hão de contemplar, e assim todas as outras doçuras pagadas por triste preço, e por quanto a lua fôra nova nos primeiros graus do signo Aries, seguiam a sua claridade as primeiras horas da noite, e com isto era necessario que as gentes fossem de umas casas pera as outras visitar seus amigos e buscar suas necessidades, annojavam-se fortemente com a vista d'aquelles mortos, especialmente porque muitos d'elles jaziam tão feios que na

metade do dia traziam aborrecimento, quanto mais de noite, e sobre todo ainda se acertava que alguns d'elles não eram de todo mortos e tinham alguns membros cortados, e depois que os leixava algum tanto a dôr, provavam de se levantar com as caras cheias de sangue e de pó, com que acrescentava mui mais sua fealdade; e porém, com todos os trabalhos do infante D. Henrique não lhe esqueceu o cuidado d'aquelle feito, e enviou a seu padre um escudeiro a perguntar-lhe que era o que se faria d'aquelles mouros mortos? a qual cousa lhe el-rei muito agradeceu, e disse que, pois elle d'ello tivera tal lembrança, que lhe encomendava que tivesse cuidado de mandar aquella gente que os levasse ao mar, sobre a qual cousa houve grande referta, porque elles diziam que os mareantes antes deviam de ter tal cuidado, os outros diziam que não, empero a qualquer d'elles que pertencesse, a cidade foi livre pela guisa que el-rei tinha mandado, e assim do numero dos mortos nem dos captivos não poemos certo termo pelo que dito é, mas dos christãos sabemos certamente que morreram oito em aquelle dia, a saber: cinco á porta que Vasco Fernandes britou, e dois dentro na cidade, contando com elles Vasco Fernandes de Atayde, e mais o alferes de D. Henrique.

CAPITULO XCII

Como os mouros no outro dia olhavam oz muros de Ceuta, e do que diziam em seu louvor.

Como a noite foi trazendo o fim de sua escuridade, e o sol começou a ferir no oriental orizonte, os mouros que sahiram da cidade tomaram suas mulheres e filhos e levaram-nos pera cima da serra, onde as leixaram acompanhadas d'aquelles, que por razão de sua velhice, não podiam inteiramente mandar seus membros.

Todos os outros que eram rijos e poderosos pera pelejar, se vieram caminho da cidade com intenção de tornar á escaramuça com os christãos, pera os tirarem fóra dos muros, pensando que alli haveriam com elles melhor direito.

Mas os outros que ficavam sobre a serra assentados sobre penedos, não podiam partir seus olhos das torres da cidade, onde começavam de consirar como tão pouco tempo havia que estavam em suas casas e em tamanho repouso, abastados de grandes riquezas, e agora que se viam povoadores dos montes ermos, fazendo vida pouco menos de bestas, e des-ahi começavam a olhar o assentamento da cidade e a formosura de suas mesquitas, des-ahi a ordenança das casas com todas as outras cousas e bondades de sua terra, e por ventura havia ahi tal que nunca com tamanha semença a esguardára, e via os seus muros

cheios de gentes estranhas, e com estes pensamentos taes e outros similhantes, lhe sobrevinham grandes choros, e ora culpavam os seus santos, ora Salabençala, dizendo que fôra preguiçoso e covarde em sua defesa, outras vezes culpavam seus officiaes e aquelles que primeiramente abriram suas portas para irem pelejar, ora culpavam sua má ventura, até que não achavam já outrem a quem pozessem mais culpa, e entonce começavam uns cantares de palavras muito tristes louvando as bondades de sua cidade.

«Oh! diziam elles, cidade de Ceuta, flôr de todas as outras da terra de Africa, onde acharão os teus moradores terra em que façam outra similhante? ou como poderão elles consentir que as suas vidas senão gastem com tamanha perda? Onde acharão d'aqui em deante os mouros estranhos que vinham da Ethiopia e de Alexandria, de Berberia, de terra de Siria, que é o reino dos turcos, e os do Oriente que vivem além do rio de Eufrates e das Indias, e outras muitas terras que são além do eixo que está ante os nossos olhos, os quaes todos vinham a ti carregados de tantas e tão ricas mercadorias?

«Onde acharão elles outro logar similhante em que possam lançar suas ancoras, ou nós outros mesquinhos onde iremos morar que sejamos visitados de tantas e tão nobres cousas?

«Por certo já na redondeza do mundo não fica outra similhante, cuja perda não sómente será sentida de nós que a perdemos, mas de todos aquelles que nascerem do ventre de Agar, ou que viverem sob a disciplina do nosso santo Propheta Mafamede.

«Que farão agora os moradores de Gibraltar, e assim todos os outros do reino de Grada, cá perdido é o seu acorro e o seu amparo? E nós desaventurados, que

faremos de nossos filhos e filhas que tinhamos cazadas d'aquella parte, das quaes nos partiamos um dia e n'aquelle mesmo tornavamos pera nossas casas?

«Agora já acabamos de os vêr pera todo sempre. Que joias lhe mandaremos que tragam nas suas grandes paschoas ou por onde nos virão seus recados como sohiam? Acabados são já, e assim choremos suas perdas como se as tivessemos postas nas sepulturas; quaes de nós acharão agora, quando se levantarem das camas, as bestas carregadas de pannos de seda que nos vinham da cidade de Damasco, ou as casas cheias de pedras preciosas dos da communidade de Veneza, ou os grandes sacos de especiaria que nos vinham dos desertos de Libia?

«E que riquezas e nobrezas poderiamos nós nomear que nós cada dia não achassemos ante as portas de nossas logeas?

«Ou qual navio poderia correr por todo o mar Mediterraneo que não mesurasse as suas vellas ante a grandeza de nossa cidade? Nós eramos conhecidos não sómente entre os mouros, mas na maior parte de toda a christandade, cá todos nos haviam mister e todos nos buscavam, não tão sómente os amigos, mas ainda os inimigos, não nos podiam escusar.

«E se te tu não contentavas, cidade de Ceuta, dos teus proprios moradores, porque não mandavas chamar outros por toda a terra d'Africa que te viessem povoar, cá assaz acharas d'elles? E se quer que tanto nos fizesses ora em galardão do que em ti fizeram nossos antecessores, porque ao menos nos ficára poder pera virmos visitar tuas sagradas mesquitas, onde são as sepulturas de nossos padres, e tiveramos licença de entrar nas nossas casas, e não fôra tanto o nosso mal quando as viramos povoada de gente da nossa lei,

mas trouxeste aqui os nossos inimigos do cabo do mundo, porque tingissem as mãos do sangue de teus cidadãos. Não tinhas tu fortaleza de muros em que nos poderamos defender, até que foramos accorridos dos outros logares de nossa comarca? Pois que mal foi este tamanho porque te tão azinha leixaste sogigar a aquelles que te nunca conheceram nem sabiam? Não foi esto por certo com mingua de tua fortaleza, cá muros e torres tens tu arredor de ti feitas por grande mestria, e o teu alcaçar não era feito de terra movediça nem de pedra ensoça, que se podera derribar do primeiro combate, mas feito de mui formosa cantaria, liado com mui forte betume de argamassa, e as torres mui bastas e direitas com todos os outros louvores que se a uma proveitosa fortaleza requer, e o teu assentamento era assim azado pera grande cidade, qual não havia no mundo similhante des a ponta do estreito até o porto de Jafã, que é o postrimeiro do mar Mediterraneo, e por certo (diziam elles) não podemos direitamente dizer que a tua bondade te derribou. Agora é já acabada a inveja que nos nossos vizinhos havia. Mesquinhos de nós, que proveito fazemos agora sobre nossa velhice andar por terras estranhas? melhor nos seria aguardarmos nosso fim em esta terra que nos criou.

«Que resposta daremos áquelles que nos perguntarem como perdemos nossa cidade? Senão que a leixamos como vis cidadãos, porque a longa edade que gasta todas as cousas e as lembranças d'ellas, não poderá tirar deante o conhecimento dos homens a memoria de tamanho feito, a qual viverá em nosso doesto.

CAPITULO XCIII

Como os outros mouros chegaram acerca da cidade, e da escaramuça que travaram com os christãos, e como o infante D. Duarte sahiu a elles.

NÃO tinham os outros mouros que se vieram acerca da cidade similhante occupação, antes era todo seu desejo de tirarem os christãos o mais afastado da cidade que podessem, segundo já dissemos, e porém chegaram-se quanto poderam á cidade, onde estivessem seguros da bestaria que estava sobre os muros. As quaes novas chegaram aos infantes, cada um em sua parte, e o infante D. Henrique estava ouvindo missa n'aquella mesquita que ora é Santiago; tanto que aquelle officio foi acabado mandou que lhe trouxessem um cavallo, e cremos que poucos mais havia, pelo qual lhe era necessario que esperasse, porque d'outra maneira não lhe podera fazer nenhuma cousa, por razão das feridas que tinha nas pernas, e chegando assim á porta de Fez, onde se desceu pera ir acima da torre pera vêr o que os mouros faziam, e estando assim em cima da torre como dito é, sobrechegou o infante D. Duarte e cavalgou sobre o cavallo de seu irmão, e sahiu fóra, dizendo que dissessem ao infante, D. Henrique que tivesse paciencia por aquella vez, que elle queria ir vêr a tenção d'aquelles mouros.

E tanto que assim foi fóra ajuntou-se muita gente

com elle e ordenou suas batalhas, as quaes teve assim ordenadas um grande pedaço, até que viu que os mouros não queriam descer pera pelejar, e por entonce não se fez alli al que de contar seja, senão que um inglez criado da rainha, que chamavam Iniquixius Dama, querendo fazer vantagem entre os outros, leixou a ordenança e foi pelejar com os mouros e foi ali morto, e porque estas são cousas de pequena substancia, não queremos contar mais largamente suas partes.

Outra vez se ajuntaram aquelles mesmos mouros e outros muitos mais que vieram de fóra, as quaes novas chegaram ao infante D. Duarte, e elle assim como lhe tinha bom desejo fez-se logo prestes pera se ir a elles, e assim o Condestable que acertou de haver similhante recado, e estando assim o infante e o Condestable com elle, acompanhados de muitos senhores e fidalgos com intenção de sahirem a pelejar com os mouros, e em esto sobre chegou el-rei e mandou a seu filho que se tornasse logo pera a cidade, cá elle não viera pera andar todo dia em escaramuça com os mouros, que era cousa sem fim e com pequena vantagem de sua honra, e assim se tornaram todos por aquella vez, e em onze dias que el-rei alli esteve depois que a cidade foi tomada, cada dia os mouros alli vinham e os christãos sahiam a elles, onde travavam suas escaramuças, em as quaes morriam alguns como se faz commummente onde se travam taes cousas, e por ora não queremos fazer maior detimento porque achamos que são coisas de baixo valor, cujo recontamento traz pequeno fructo, e queremos levar esta gente a Portugal, porque muitos d'elles querem ainda tornar a fazer suas vendimas e aproveitar-se de seus fructos, segundo a disposição do tempo.

CAPITULO XCIV

Como el-rei mandou chamar o seu capelão mór, e das razões que lhe disse.

A SEXTA feira seguinte, que eram vinte e tres dias do mez, mandou el-rei chamar o mestre Frei João Xira e Affonso Eannes, seu capelão mór, e disse-lhes:

—Domingo, prazendo a Deus, entendo de ir ouvir missa solemne e pregação á mesquita maior, porém tereis cuidado de ajuntar todos os capelães de meus filhos e quaesquer outros clerigos que venham na minha frota, e assim mandareis fazer prestes todos os corregimentos pera a capela que mister forem pera similhante auto.

E logo no outro dia o capelão mór foi vêr aquella mesquita, e achou que lhe cumpria de ser limpa, cá posto que ella fosse mui bem ladrilhada, acerca do chão jazia em ella mui grande multidão de esterco, e esto era por razão das muitas esteiras velhas e podres que em ella jaziam, porquanto os mouros quando fazem sua oração muitas vezes jazem em terra, e outras vezes estão descalços e lançam assim aquellas esteiras por razão da frialdade, e segundo parece depois que a primeira esteira que alli lançaram apodreceu não a quizeram tirar, mas lançaram outra sobre ella, e assim fizeram sempre até aquelle tempo, de guisa que as esteiras de cima estavam sãs, e todas as outras se moe-

ram de tal guisa, que eram tornadas em esterco, pe
cuja razão em aquelle sabbado foram juntadas muit
enxadas e cestos com que lançaram toda aquella e
terqueira fóra, e alimparam muito bem toda a casa,
trouxeram isso mesmo uma taboa larga pera o alt
com seus pés, e por similhante todos os outros corr
gimentos que pertenciam pera aquelle officio do d
seguinte.

No outro dia muito cedo foram alli juntos n'aquel
casa todos os clerigos que vinham em aquella compa
nha, os quaes todos juntos faziam um formoso colle
gio, e foi assim que em aquelle tempo não se acerto
alli nenhum bispo, porque n'aquelle tempo que se
armada fez, uns morreram, outros estavam em seu
estudos, outros eram em côrte de Roma, e assim pe
acerto se não achou alli nenhum.

Empero sua presença não foi alli muito necessari
cá assaz havia ahi de clerigos bem sufficientes per
acabarem aquelle officio, e porém, tomaram logo mui
tos d'aquelles clerigos suas capas mui ricas de qu
havia assaz, e o Preste isso mesmo com seu diacono
subdiacono, tendo prestes sua caldeira com agua
sal, pera fazerem seu officio.

Em esto chegou el-rei e seus filhos com elle, e as
sim o Condestable e o mestre de Christus, e o priol d
Esprital com todos os outros barões e ricos homens
grandes senhores que alli eram, os quaes todos eran
vestidos mui ricamente por honra de tamanha festa,
entonce começou aquelle sacerdote primeiramente faze
suas esconjurações sobre o sal, dizendo sobre elle um
oração que se reza na santa madre egreja, cujas pala
vras dizem assim:

«Piedosamente te rogamos Todo Poderoso Deus, qu
por tua infinda clemencia queiras benzer e santifica

esta creatura d'este sal, a qual te prouve por tua santa mercê dar por bem e saude da humanal geração.»

Por similhante guisa foi feita na agua que estava em uma caldeira de prata, e os sacerdotes cantaram em mentes uma antifona que diz:

«Fundada é a casa do Senhor sobre todas as altezas dos montes, á qual virão todas as gentes, e dirão:

«Gloria seja dada a ti, Senhor».

E o Preste disse a seguinte oração:

«Todo Poderoso Deus que em todo o logar é o teu poderio, e obras segundo te praz, inclina tua vontade is nossas supplicações porque esta casa que ora novamente é fundada no teu nome, seja por ti guardada por tal que a maldade de nenhum poderio a possa contrariar, mas o Espirito Santo obrador faça sempre em ella obrar teu puro serviço e devota liberdade.»

E assim disse outras orações, e ajuntou o sal com agua, e isto assim acabado tomaram as cortinas e as começaram d'armar, e des ahi concertaram o altar em seu logar, que era uma formosa cousa de vêr a reparição d'aquellas cousas como andavam tão ordenadamente por todos aquelles clerigos, cá um trazia a saia, outro o cordel, outros os prégos pera armarem, e assim todas as outras cousas ordenadamente até que o altar de todo foi assentado, sobre o qual foi feito o signal da cruz com agua benta, dizendo:

«Paz seja comtigo».

E depois foram assim espargendo sua agua por as paredes da egreja, começando nas partes do Oriente, assim cercando toda aquella casa de arredor, e entre tanto os outros clerigos cantavam:

«Esta é a casa do Senhor Deus, a qual é bem fundada sobre firme pedra, levante-se o Senhor e destrua os seus inimigos por tal que fujam todos aquelles que

abôrrecem a sua face, dizendo ainda, a minha casa se chamará casa de oração, recontarei o teu nome aos meus irmãos, no meio da tua egreja te louvarei.»

E assim foram dizendo suas orações e antifonas até que chegaram ao fim da sua benção, e cobriram o altar com lenços mui delgados e alvos, sobre os quaes pozeram a Ara sagrada com seus corporaes, e assim pozeram n'aquelle altar um mui rico frontal, acendendo por toda a casa muitos cirios e tochas.

Oh! quanto me parece que seria em aquelle dia alevantado o coração d'el-rei pera dar muitas graças a Deus, vendo seu estado real posto em similhante officio com tanto louvor e honra do santo nome de Jesus Christo, e acrescentamento de sua real corôa, nem aos outros não era pequena folgança vêr similhante feito, cá leixando a honra em que todos tinham tanta parte, folgavam de vèr a ordenança d'aquelles estados com toda a nobreza das outras cousaa que se alli faziam, e esto assim acabado começaram todos os clerigos em alta voz:

«Te-Deum laudamus», mui bem contra-ponteado, em fim do qual fizeram todas as trombetas uma soada, e vêde quejanda seria, pois passavam de dozentas.

CAPITULO XCV

Como o mestre frei João Xira prégou e os infantes foram feitos cavalleiros.

Bem mostrou Nosso Senhor Deus que queria ser servido em aquella casa que com tanta honra se corregia no seu nome, e esto é porque em todas as egrejas por ordenança apostolica devem ser postos sinos com que chamem o povo de Deus pera sua santa casa.

E estando assim em aquelle corregimento lembrou ao infante D. Henrique como em outro tempo os mouros levaram de Lagos dois sinos pera aquella cidade, e mandou logo que soubessem com muita diligencia d'elles e que os trouxessem logo alli.

Os quaes prouve a Deus que foram achados e corregidos por tal guisa, que logo em aquella missa serviram de seu officio.

O mestre prégou alli uma pregação com muitas auctoridades da Santa Escriptura, aprovando o grande serviço que Nosso Senhor Deus recebera em aquelle feito, dizendo que todos poderiam direitamente dizer o seu thema s. que em Ceuta era toda a gloria e honra.

Sermão do padre frei João Xira da Ordem de S. Francisco

«Gloria (disse elle) se toma por muitas guisas por-

que cada um cobrando aquella cousa em cuja bemaventurança tem posta sua fim e propriamente lhe parece que tem a perfeição da gloria, empero falando direitamente, em duas cousas sómente está a perfeição da gloria, s. na bemaventurança que pertence á alma, a qual sobre todas as outras cousas é a perfeição.

A segunda gloria é a honra d'este mundo, quando aos hemens percalçam cobrando-a por uzança d'alguma virtude a victoria d'alguma cousa tratada ou cometida afim d'algum bem, e pera ser aquella que deve, sempre o seu respeito deve de conseguir o serviço de Deus, sem o qual não devemos contar nenhuma cousa por boa, cá os philosophos antigos, pero que gentios fossem, departindo a gloria em muitas maneiras, disseram que uma das cousas porque o homem n'este mundo recebe maior gloria assim era por se maravilharem os outros de suas virtudes e bondades, havendo-o por digno de grande honra, e ainda o auctor do Regimento dos Principes, na primeira parte do seu primeiro livro, departindo a bemaventurança em muitas maneiras, finalmente concludiu que todos os principes e grandes senhores na bemaventurança da alma devem poer todo seu fim, da qual direitamentamente nasce honra que aos homens é dada n'este mundo, porque a honra não se dá senão por razão da virtude.

«Ora vêde se é assaz de gloria a el-rei nosso senhor e a todos vós outros seus criados e naturaes, verdes hoje por força de vossos trabalhos edificar uma casa a honra e louvor de Nosso Senhor Deus, cá posto que lhe vós não fizesseis as paredes de novo, muito mór merecimento é a vós tirarde-la de poder dos infieis, e d'onde primeiramente estava sugeita aos maus e abominaveis sacrificios, por exemplo d'aquelle Senhor

que as mesas dos cambadores derribou e aos que vendiam as pombas lançou com seus azorragues fóra do seu santo templo, mostrando a nós que devemos com toda nossa força trabalhar por as suas santas casas não serem corrompidas por nenhum mau sacrificio, e não tão sómente aquellas que foram de nossa lei, mas todas as outras em que os infieis fazem seus sacrificios devemos quebrantar ou tornar em mosteiros e egrejas se o bem podessemos fazer, e em esto mostrariamos signal de verdadeiros servos de Christo.

«E porque a Moysés, que foi um homem que elle muito amou, mandou primeiramente na lei velha que fizesse tabernaculo, que era como uma tenda em que faziam os filhos de Israel oração e sacrificio a Deus.

«E depois el-rei Salomão, á similhança d'este fez o templo de Jerusalem, que foi outrosim a primeira casa de oração que os judeus houveram, e d'alli em deante uzaram elles de fazer casas em que orassem e fizessem seus sacrificios, que são chamadas Sinagogas.

«Outrosim os christãos fizeram na nova lei egrejas á similhança de templo, em que fizessem limpamente o sacrificio verdadeiro de Nosso Senhor Jesus Christo, e rogassem e orassem a Deus, e lhe pedissem mercê e perdão de seus peccados.

«E pois vós tendes feito o verdadeiro templo, e verdadeira casa a Nosso Senhor, na qual cousa o servistes em duas guisas, a primeira em quanto lançastes d'esta cidade os maus infieis e os tirastes de posse dos seus templos, que são as suas mesquitas, e a segunda em quanto tornastes aquellas mesquitas em templos verdadeiros, que são as egrejas de Nosso Senhor.

«E ainda contemplando acerca d'este acho que des o fundamento d'esta cidade teve Nosso Senhor Deus

ordenado de ser aqui posta a cabeça da egreja de toda a terra d'Africa, porque por duas guisas se contem em nome d'esta cidade a verdadeira essencia de Nosso Senhor Deus, a primeira porquanto o seu nome tem em si tres sylabas que representam como Nosso Senhor Deus em pessoal ternario é sua essencia em roda escripta, cujo centro, segundo diz Hermes é em todo logar, a circumferencia não é em algum, e porem são tres ternarios em geral universidade do mundo compridos de todo em circulação.

«O profundo philosophal thealogo, grande Alberto, sobre o primeiro capitulo da Celestial Hierarchia põe tres graus de entendimento porque se ha-de conhecer Deus.

«A segunda maneira é porque em nome d'esta cidade se contem cinco letras que representam as cinco chagas porque Nosso Senhor Jesus Christo reuniu o genero humano, e assim que não é Ceuta pequena gloria, pois o seu nome traz taes significações.

«Cobrastes ainda a segunda maneira de gloria, que é a honra d'este mundo, cuja perfeição está n'aquelle Decorum, a que os gregos disseram Prepain, que quer dizer em nossa linguagem formosura das obras.

«Em verdade assaz de formosa obra é, cujo nome em todo o tempo será grande, filhar assim uma tamanha cidade em tão breve espaço e tão longe de vossa terra, e fica pera os letreiros de vossas sepulturas uma tal palavra, qual muitos pela ventura desejaram, e os authores das historias não poderão calar a grandeza de tamanho feito, cá certamente não será a vós pequena gloria quando pensardes que depois de vossos dias, o vosso nome e fama de vossos feitos entre todas as presenças dos vivos, e não tão sómente entre os homens de nossa geração mas por todas as partes

do mundo voará vossa fama, cá assim como a vós trouxeram os feitos que se fizeram em Italia e em Lombardia e em outras partes, nas quaes vêdes os nomes d'aquelles que nunca vistes nem conhecestes, e louvaes os seus bons feitos pela escriptura que vistes e ledes d'elles, o que deveis de crêr que não menos farão de vós pelo merecimento de vossas obras.

«E assim concluo que Ceuta é a perfeita gloria e honra.»

E por esta guisa fez o mestre fim de sua prégação.

Não seja porém algum de tão simples conhecimento que presuma que este é o teor proprio d'aquelle sermão, cá bem é de conhecer que não ha nenhum homem por entendido que fosse, que podesse tomar todas as palavras d'uma prégação, quanto mais sendo tanto tempo passado como já dissemos, sómente apanhamos assim algumas cousas que podemos percalçar, pera acompanharmos nossa historia.

Depois que a missa foi acabada, os infantes se foram pera suas pousadas armar, e depois vieram todos juntamente á egreja, a qual cousa era muito formosa de vêr, cá elles haviam todos grandes corpos e bem feitos, e vinham armados em seus arnezes mui limpos e guarnidos, e com as espadas da benção cintas, e suas cotas d'armas, e ante elles iam muitas trombetas e charamelas, de guisa que não sei homem que os podesse vêr que não tomasse mui grande prazer, e muito mais aquelle que com elles havia maior divido, que era el-rei seu padre.

E tanto que chegaram ante elle, o infante D. Duarte se poz primeiramente em giolhos e tirou a espada da bainha e beijou-a, e meteu-a na mão a seu padre, e fel-o com ella cavalleiro, e por similhante guisa fizeram seus irmãos, e esto assim acabado beijaram-lhe a

mão, e apartando-se cada um pera sua parte pera fazer os de sua quadrilha cavalleiros.

Muito me peza porque não poude saber os nomes d'aquelles que alli receberam ordem de cavallaria, empero direi alguns que aprendi; o infante D. Duarte fez cavalleiros o conde D. Pedro, D. Fernando de Menezes, D. João de Noronha, D. Henrique, seu irmão, Pero Vaz d'Almada, Nuno Martins da Silveira, Diogo Fernandes d'Almeida, Nuno Vaz de Castello Branco e assim outros alguns.

E o infante D. Pedro fez ahi cavalleiros Ayres Gomes da Silva, filho de João Gomes, Alvaro Vaz d'Almada, Ayres Gonçalves de Abreu, Martim Corrêa, João de Athayde, Martim Lopes d'Azevedo, Diogo Gonçalves de Travassos, Diogo de Seabra e Fernão Vaz de Sequeira; e o infante D. Henrique fez cavalleiros D. Fernando, senhor de Bragança, Gil Vaz da Cunha, Alvaro da Cunha, Alvaro Pereira, Alvaro Fernandes Mascarenhas, Vasco Martins de Albergaria, Diogo Gomes da Silva e assim outros muitos.

D'el-rei não falamos nada, porque fez tantos, até que com enfadamento os leixou de fazer.

CAPITULO XCVI

Como el-rei teve seu conselho ácerca da guarda da cidade.

Foi um grande falamento ácerca da guarda d'esta cidade, no qual foram desvairadas opiniões, porém tanto que estas cousas foram acabadas el-rei mandou ajuntar todos aquelles que tinha ordenado pera seu conselho, e tanto que assim foram juntos proproz el-rei ante elles estas cousas seguintes, ácerca de seu proposito:

«Bem sabeis, disse elle, todo o fundamento que tive no começo d'este feito, e crêde muito certo que eu não fui facil de trazer ao fim d'este proposito, como sabem bem meus filhos, que foram os principaes movedores d'aquesta empreza, e posto que muitas e sufficientes razões mostrassem porque o devia de fazer, eu resguardei sempre mui bem todos os contrarios que podiam empachar nossa victoria, e principalmente resguardei se seria serviço de Deus começarmos similhante obra, e bem sabeis toda a maneira que ácerca d'ello tive.

«Consirei ainda mais se por ventura poderia manter e guardar esta cidade sob a fé e religião de Nosso Senhor Jesus Christo, porque d'outra maneira me parece que nosso trabalho não fôra justamente despeso, a qual cousa não quiz muito esquadrinhar, consirando que se vontade fosse de Nosso Senhor Deus de a tra-

zer a nossas mãos, não lhe seria dificil de dar azo e caminho porque a podessemos guardar e manter.

«Agora pela sua graça cobramos todo o fim de nosso desejo, pelo qual direitamente lhe devemos dar muitas graças por tres razões:

«A primeira por nos dar victoria, a segunda por no-l'a dar em tão breve tempo e com tão pouco trabalho, a terceira porque nos guardou de tão grandes perigos que podiamos haver, se por sua graça e ajuda não fôra.

«Porém minha vontade é com a graça de Deus, de leixar esta cidade sob a obdiencia de Nosso Senhor Jesus Christo e da coroa de meu reino, pera o qual me movem quatro razões mui sufficientes, segundo meu juizo.

«A primeira porque se faça em ella o sacrificio divino em memoria e lembrança da morte e paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, e este é o verdadeiro signal de conhecimento que lhe poderemos mostrar da grande mercê que nos acerca d'ello tem feita, cá d'outra guisa seria errado nosso primeiro fundamento, onde dissemos que nos moviamos por seu serviço, cá se agora leixassemos assim esta cidade, não sei que serviço receberia de nosso trabalho, cá os infieis tornariam logo a ella, e por doesto de sua santa fé, n'aquellas casas onde o seu sacrificio foi feito fariam outras cousas de grande vituperio e deshonra nossa.

«A segunda razão é porque ficando assim esta cidade sob nosso poder, poderá ser azo de se moverem alguns principes christãos pera virem aqui, e com seu poder e frota sobjugarem alguns outros logares d'esta conquista, principalmente eu ou cada um dos reis que depois de meus dias sucederem em meu senhorio, os quaes vendo ante os olhos o portal aberto, mais li-

geiramente se moverão de accrescentar em sua honra.

«A terceira rasão é porque os bons homens de meus reinos não hajam rasão de esquecer o virtuoso exercicio das armas, ou por ventura querendo obrar em ello não irão buscar os reinos alheios onde provem suas forças, tendo ante si cousa tão azada em que o possam fazer, cá bem sabeis quando me alguns pedem licença pera irem farzer armas a França ou a Inglaterra, é necessario que os correja e lhe faça mercê pera sua viagem, com menos da qual despeza os posso correger e enviar a esta cidade, onde me farão maior serviço.

«E ainda muitos de meus naturaes, que por alguns negocios são desterrados de meus reinos, muito melhor estarão aqui fazendo serviço a Deus, e cumprindo sua justiça, que se irem por terras estranhas e desnaturarem-se pera todo sempre de sua terra.

«A quarta razão é porque a memoria de tamanho feito possa durar ante os olhos dos homens, emquanto a Deus prouver de a conservarem á obediencia dos reis de Portugal, e porque alguns gentis homens que por honra e amor de Nosso Senhor Deus quererão trabalhar contra os inimigos de sua santa fe, tenham casa e logar onde o possam fazer, cá sabeis muito bem como o reino de Grada não é tão azado pera ello como é esta cidade, pelas pazes e tregoas que se entre elles fazem a meude, e porque sabaes minha intenção, e como tenho arrezoado, o faço saber a vós, pois de vós tanto confio, pera que me aconselheis n'aquellas cousas que por ventura meu entendimento não póde alcançar.

CAPITULO XCVII

Como alguns d'aquelles do conselho responderam a el-rei.

Vista assim entre todos aquella intenção que el-rei tinha, todos a aprovaram por mui boa, e houve n'aquelle conselho algumas divisões como geralmente ha em todas as cousas grandes, cá bem deveis de consirar que o movimento de tamanha cousa não podia ser sem muitas duvidas, segundo vereis n'este capitulo, empero por escusarmos somma de palavras departiremos o conselho em duas partes.

A primeira foi d'aquelles a que a tenção d'el-rei de todo pareceu boa sem alguma contradição, e das rasões d'estes não havemos porque falar, pois não desacordaram do proposito. Mas os da segunda parte disseram assim:

«Por quanto, senhor, conhecemos de vossa vontade que é sempre serdes aconselhado em todas as cousas, e que vos não despraz de vos serem ditas quaesquer cousas que homem sinta contra vossa vontade, vos diremos agora o que nos parece por vosso melhor avisamento.

«E quanto é a vossa tenção assim simplesmente filhada, não ha ahi alguma rasão que a possa affastar de ser muito justa e muito boa, mas é de vêr se ha ahi outras contrarias que possam embargal-a, e nomear-vos-hemos aqui algumas pera verdes se são taes

que hajam logar pera direitamente empachar vossa vontade.

«E primeiramente, senhor, deveis consirar como esta cidade é mui alongada de vossa terra e como está em meio de vossos inimigos, os quaes por vingança de sua injuria quererão trabalhar quanto poderem, e tanto que vos d'aqui sentirem affastado buscarão suas ajudas de todas as partes, as quaes de rasão lhe não serão negadas pera similhante feito, e não é duvida que se não faça mui grande ajuntamento sobre esta cidade, ao qual por ventura os que aqui leixardes não poderão resistir, e vós posto que lhe queiraes enviar soccorro, ou não sabereis sua necessidade, ou não tereis abastança de frota tão prestes com que lhe possaes acorrer, cá todo é pera consirar. E posto que lhe uma vez lhe acorraes, não podereis assim fazer outras muitas, e sendo vós tão alongado d'esta terra e os mouros á porta, será peleja mui desegual, os quaes cada dia se hão-de trabalhar quanto poderem de vingar sua deshonra.

«Consirae isso mesmo a grandeza d'esta cidade, por cuja defensão vos é necessaria muita gente e boa, e que póde ser que vindo el-rei de Castella a perfeita edade não quererá estar pelas pazes que seus tutores tem confirmadas comvosco, por cuja rasão vos convirá haverdes mister esta gente e outra muita mais se a tivesseis, pera defensão de vossos reinos.

«Consirae como a gente que aqui estiver ha mister mantimentos e dinheiros pera soldos e pera merecês, e que por pouco que aqui sirvam, sentindo a vontade que haveis na defensão d'este logar, vos requererão maiores merecês do que seu estado e serviço requerem, sobre o qual é necessario que recebaes fadiga e escandalo de vosso povo, e porque é necessario que

sejam constrangidos pera muitas cousas de sua serventia, cujo trabalho lhe não fará pequeno empacho, quanto mais se ainda fôr necessario de lhe tomar algumas cousas pera governança d'ella, o que seria azo de muitos leixarem o reino e se irem pera terras estranhas. E vêde ainda, senhor, a pequena fortaleza que ha em esta cidade, a qual posto que bem cercada seja, não é porém tanto como cumpre, cá logo a cerca d'ella seria boa e assás defensavel se a cidade fosse cheia de gente que morasse em ella, mas estando aqui com fronteiros nunca podem ser tantos que sómente a possam demear.

«E quanto é, senhor, ao que dizeis que vosso principal movimento é por serviço de Deus, querendo que se trate aqui o divinal sacrificio, assim deveis vós de ordenar similhante cousa que o bem que ahi fizerdes não seja azo de maior mal, por quanto em fazerdes egrejas em que se faça o santo sacrificio, assás d'ellas tendes em vossa terra, que são quasi todas destruidas, que seria maior merito reparal-as e corregel-as que fazer aqui outras de novo, em defensão das quaes vossos servidores e naturaes estão em tamanho perigo.

«Onde nos parece que deve ser mais sentida a perda de cada um d'elles, que não o merecimento que se receber da edificação das egrejas que se tão justamente podem escusar, cá diz o Apostolo:

«Nós outros somos templos de Deus», por onde se parece que maior merecimento é conservar os templos espirituaes, que edificar novamente os templos materiaes.

«Outrosim, o sustentamento d'esta cidade póde ser azo de haver mais malfeitores em vosso reino do que até aqui houve, cá o atrevimento da liberdade que

hão-de haver, os fará cometer mais ouzados crimes do que fariam, se não soubessem que a determinação da pena fosse tão certa.

«E finalmente, senhor, consirando todas estas cousas podeis esguardar as cousas que hão de vir, e se vos nossas rasões parecem sufficientes, ordenae sobre ellas vosso feito, de guisa que ao diante vos não possa trazer impedimento.

CAPITULO XCVIII

Como el-rei determinou todavia manter a cidade, e como dava o cargo d'ella a Martim Affonso de Mello.

Eu sou bem lembrado (respondeu el-rei) quantos contrarios houve no começo d'este feito, e quantas vezes fui aconselhado por alguns de vós outros que leixasse minha demanda, mostrando-me outras muitas rasões porque o devia de fazer, e eu sempre tive ante meus olhos o fundamento que tomei pera proseguir este obra, e como me lembrava que era serviço de Deus, logo me parecia que não tinha rasão pera a leixar de acabar, antes me devia despoer a todo o trabalho e perigo pelo poer em fim.

«E consiro agora como sobre tantos contrarios offerecidos, Nosso Senhor Deus quiz dar a victoria contra todo natural juizo dos homens, assim espero n'Elle que lhe prazerá trazer minha tenção a seu santo ser-

viço. E certamente que quanto eu em ello mais consiro, tanto me parece que presumo que ainda esta cidade ha-de ser azo de outro muito maior bem pera mim ou pera outros alguns de minha geração, e finalmente ponho estes feitos nas mãos do Senhor Deus e de minha Senhora a Virgem Maria sua madre, sob cuja esperança determino de guardar e manter esta cidade a sua honra e louvor».

Acabadas assim estas rasões, logo alli n'aquelle mesmo conselho el-rei disse a Martim Affonso de Mello, por fazer logo começo de sua tenção, que se fizesse prestes pera ficar por fronteiro em aquella cidade.

«Martim Affonso, (disse el-rei) assim pelos muitos serviços que vós e vosso padre e os de vossa geração tem feito a mim e aos reis d'onde eu venho, como por sentir que o sabereis mui bem fazer, a mim praz de vos entregar esta cidade, na qual sinto que fareis serviço a Deus e a mim, e acrescentareis em vossa honra e a de vossa geração, e eu vos leixarei dos fidalgos de minha casa e de meus filhos, e assim dos outros meus naturaes, com que vós sejaes bem ajudado em vosso trabalho, e isso mesmo vos leixarei artilharias e corregimento pera vossa defensão, quanto mister fôr, e logo pelo presente vos ficarão bitualhas e mantimentos pera vossa governança, e tanto que a Deus prazendo eu fôr em Portugal, eu terei o cuidado de vós que é rasão».

Martim Affonso assim pelo presente foi beijar a mão a el-rei, dizendo que lh'o tinha muito em mercê, empero que haveria sobre ello seu conselho, mas qualquer que o conselho fosse, diz o auctor, a sua determinação foi muito prasmada da maior parte dos bons que alli eram, porque Martim Affonso foi acon-

selhado de dois homens que não consiraram bem a grandeza d'aquelle feito nem esquadrinharam direitamente a honra de Martim Affonso, aconselhando-o que não acceitasse tal carrego, dos quaes foi um escudeiro de Veiros que chamavam João Gomes Arnalho, e o outro João Zuzarte.

CAPITULO XCIX

Como o conde D. Pedro requereu aquella capitania e fronteira a el-rei, e quaes foram os que alli ficaram.

Desprougue muito a el-rei quando Martim Affonso alegou suas escusas, refuzando aquella ficada; cá certamente não lhe fazia el-rei similhante movimento senão pelo grande amor que lhe havia, e pelo conhecer por mui bom cavalleiro e bem pertencente pera similhante encarrego, cá além do seu grande esforço e ardideza, compoz um livro por seu engenho e saber que se chamava da Guerra, no qual contem muitas e boas ensinanças e avizamentos pera todos aquelles que tiverem fortaleza ou algum logar cercado em frontarias de inimigos, mas muitas vezes os maus conselheiros privam os bons homens de seu entender, por cuja rasão disse o Sabedor:

«Do mau conselheiro guardarás a tua alma».

E porque el-rei sentiu que o principal movimento de Martim Affonso foram aquelles que o assim aconselharam, ao qual os fez mover seu proprio interesse

mais que outra nenhuma justa necessidade, sentindo que se elle alli ficasse que era necessario ficarem elles, portanto mandou el-rei que entre os outros que alli houvessem de ficar, fossem elles; ficando assim este feito pera el-rei eleger em sua vontade outro que alli houvesse de ficar com aquelle encarrego.

O conde D. Pedro de Menezes soube d'ello parte, e foi-se muito trigosamente ao mestre de Christus, rogando-lhe muito que o quizesse ajudar em aquelle feito, cá sua vontade era ficar alli se lhe el-rei fizesse mercê d'aquelle encarrego, a qual cousa o mestre fez com mui bom desejo, sentindo a disposição do conde, e isso mesmo por ser homem que lhe mostrava bom desejo, e assim foi lago acerca d'ello falar ao infante D. Duarte, pedindo-lhe que requeresse a el-rei seu padre aquella cousa pera o conde, de que muito prouve ao infante, e assim foi logo todo encaminhado por a guisa que o conde requeria, do que elle foi muito ledo, e foi por ello beijar a mão a el-rei e ao infante.

Ruy de Sousa, que depois foi alcaide do castello de Marvão, pae de Gonçalo Rodrigues de Sousa, foi o primeiro fidalgo que requereu a el-rei que o leixasse em aquella cidade, dizendo como tinha quarenta homens bem armados e com boas vontades pera ficarem com elle em seu serviço.

Ora vêde se em tal tempo era pera outhorgar similhante requerimento.

El-rei foi muito ledo com tal petição, e assim disse que lh'o agradecia muito, e que prazeria a Deus que o acrescentaria ao deante por ello, e lhe faria muitas mercês.

Entonce disse aos infantes que escolhessem de suas casas certos fidalgos e escudeiros que ficassem alli, os quaes foram estes que se ao deante seguem s. Lopo

Vaz de Castello Branco, alcaide de Moura, que era monteiro-mór d'el-rei, ficou alli por coudel de todos os seus, e os do infante D. Duarte ficaram sob governança do conde D. Pedro, capitão.

E os do infante D. Pedro ficaram a Gonçalo Nunes Barreto, e os do infante D. Henrique a João Pereira, que depois foi mui bom cavalleiro, em aquella cidade e em outras muitas foram elle e outros bons homens antes d'aqueste feito, os quaes andando nas guerras de França e de Inglaterra, ouvindo novas da armada que el-rei fazia, leixaram toda a doçura de França e d'aquellas terras, por vir a serviço d'el-rei, os quaes eram o dito João Pereira e Diogo Lopes de Sousa e Pedro Gonçalves, a que diziam Madafaia, e Alvaro Mendes Cerveira. E além d'estes ficaram n'aquella cidade Ruy Gomes da Silva, Pedro Lopes de Azevedo e os já ditos Pedro Gonçalves e Alvaro Mendes, e Luiz Vaz da Cunha e Luiz Alvares da Cunha, e Fernão Furtado, e o cavalleiro de Santa Catharina, e Alvaro Annes de Cernache, e Diogo de Seabra e Mem de Seabra e Gil Lourenço d'Elvas, e Diogo Alvares Barbas e Gomes Dias, e Pedro Vaz Pinto e João Ferreira, e com estes ficaram por toda a gente dois mil e setecentos homens em Ceuta, e Mice Itão que ficou alli com duas galés pera guardar o estreito, e mandou el-rei que lhe ficassem muitas bitualhas de armaria, assim armas do corpo como béstas e almazem.

Outrosim entre as cousas que foram achadas em Ceuta, que de contar sejam, foram quatro galés e uma galé real, e muitos viratões, béstas e escudos, e uma bombarda e muita polvora, cebo, cera e pez, dardos, ancoras, cabres, treu, mastros, vergas, artimões, governalhos e todo esto em grande abastança, as quaes cousas foram achadas nas tercenas.

E estas cousas assim postas em fim, ante que el-rei partisse mandou ao infante D. Henrique que fosse meter de posse do castello ao conde D. Pedro.

— E a menagem, senhor, (disse o infante) recebel-a-hei eu d'elle, ou a virá fazer a vós?

— Não quero outra menagem, respondeu el-rei, senão o conhecimento que tenho de sua bondade, pela qual d'elle confio que a guardará como é razão.

E assim foi o infante tirar João Vaz d'Almada do castello, e entregal-o ao conde, dizendo-lhe aquellas mesmas palavras que lhe el-rei dissera acerca da menagem, a qual cousa o conde disse que tinha muito em mercê a el-rei e ao infante, e entonce filhou o infante as chaves em a mão, e lh'as entregou e o leixou assim em posse.

E como quer que João Vaz havia tantos dias que alli estava, e cada dia enviasse d'aquellas cousas que alli achou aos navios, e ainda áquelle tempo que leixou o castello ahi ficaram muitos que com o que depois houveram foram assaz contentes, empero não como os primeiros que estiveram com João Vaz.

CAPITULO C

Como el-rei partiu de Ceuta e chegou ao Algarve, e como fez em Tavira seus filhos duques.

JÁ agora a gente de nossa frota anda corregendo os aparelhos pera fazer sua viagem, empero entre elles havia duas tenções mui desiguaes, falando sómente d'aquellas pessoas de baixo estado, porque os fidalgos e outros bons homens haviam grande folgança de ficarem em aquella cidade, esperando que pelo bem que em ella fizessem acrescentariam muito mais em suas honras.

Mas os do povo tinham as tenções mui contrarias de aquestas, cá não podiam presumir que depois que el-rei partisse algum havia de ficar vivo.

E quanto aos outros que haviam de vir pera Portugal, traziam de ledice tanto quanto cuidavam que os que ficavam tinham de tristeza, e uns buscavam rogadores que os escusassem d'aquelle trabalho, e outros buscavam novas maneiras de ronçaria fingindo enfermidade que conhecidamente nunca tiveram, outros prometiam além de sua fazenda o que não tinham, por não haverem razão de ficar, empero estas cousas não lhe aproveitavam muito, por quanto aquelles que eram determinados ficarem, se a necessidade não era manifesta, por seus fingimentos não se leixava de executar toda a primeira ordenança.

Dois dias eram do mez de Setembro, a uma segun-

da feira, quando a frota de todo foi prestes pera partir, e todos aquelles fidalgos e escudeiros foram beijar a mão a el-rei, o qual lhe fez mui grande agasalhado, dizendo primeiramente ao conde.

— Pois que a Deus prouve de vos encaminhar pera requerer similhante cousa, com mui boa vontade que tendes pera me fazerdes serviço, pelo que eu sou teudo de vos acrescentar e fazer honra e mercê, vos encomendo que tenhaes sempre ante os olhos o encarrego que filhastes, e que não menos coração tenhaes pera o guardar e defender do que tivestes pera o requerer, e ainda muito maior consirando bem que na guarda d'esta cidade se contem vossa honra e vida, e vos encomendo que agasalheis mui bem estes fidalgos que aqui leixo pera vos ajudarem a defender e guardar esta cidade, e isso mesmo vos encomendo toda a outra gente que aqui fica, que os trateis docemente e com todo favor que arrezoadamente poderdes, e a uns e a outros encomendo que vos obedeçam como a capitão e a verdadeiro fronteiro.

E ditas estas palavras lhe beijaram todos a mão e se despediram d'elle.

Aos fidalgos disse el-rei que lhes encomendava que não fizesse mingua sua presença ante os seus olhos, mas que sempre trabalhassem por sua honra, segundo a linhagem de que vinham o requeria, e a confiança que n'elles havia.

Ao que todos responderam que elles fariam por tal guisa que antes elle ouvisse novas de sua morte, que de nenhuma outra sua falta.

Os navios que haviam de partir eram já todos prestes, e uns tinham as vergas altas e sómente estavam sobre uma ancora, e outros andavam já á vella, e tanto que el-rei foi dentro na galé, mandou fazer

signal com suas trombetas porque todos os outros navios desfraldassem suas vellas, seguindo sua viagem, na qual cousa foi posta pouca detença, e assim começaram todos de encaminhar com mui grande prazer caminho do Algarve, fazendo desvairados sons em seus instrumentos, como aquelles que a doçura da victoria e a esperança que traziam de vêr sua terra e seus amigos e parentes, fazia seus corações mui alegres.

Mas os outros que ficavam estiveram todo aquelle dia sobre os muros, olhando a frota com mui grande saudade, cá taes ahi havia que não choravam menos que se tivessem certa esperança de nunca mais verem sua terra nem seus amigos e naturaes, e em verdade falando directamente, não era sem rasão de haverem entre si mui grande saudade, cá o logar e o tempo e a presença do feito trazia grande azo pera ello, cá vemos quando se um homem parte de outro, ainda que o espaço seja pequeno de seu apartamento, e todo em um reino e senhorio, não póde a vontade movida com mavioso zêlo estar, que não mostre alguma similhança de sentimento.

Ora que fariam aquelles que por similhante guisa ficavam? certamente não os devemos culpar por nenhuma mostrança que em ello fizessem, cá aquella braveza os fez depois ser muito mais ardidos contra os inimigos, segundo ao deante será mais contado.

A ordenança da frota das gales e alguns outros navios era irem direitamente ao porto de Farão, porque aos outros era dada licença que se fossem a Lisboa pera lhe despacharem seu frete, e encaminhar cada um pera sua terra onde houveram de ir.

E foi assim que os marinheiros da gale d'el-rei erraram viagem, e onde houveram de ir a Farão, fo-

ram a Castro Marim, e os outros navios quando de noite perderam a vista do pharol, seguiram sua viagem direita a Farão, e querendo ir por terra buscar el-rei, acertou-se de se acharem todos em Tavira, onde el-rei estando chamou seus filhos e disse-lhes assim:

«Todos os serviços naturalmente requerem galardão, e porque além de serdes meus filhos sinto que recebi de vós especial serviço em todo este feito, quero que por ello recebaes algum galardão, e primeiramente a meu filho infante D. Duarte, não sei que acrescentamento e que honra lhe possa fazer sobre a que Deus lhe quiz dar, a saber sendo meu primeiro filho herdeiro de meus reinos e de minha terra, elle pode filhar em minha vida tanta quanta lhe aprouver. Mas a vós outros me praz de fazer duques, a saber: a vós infante D. Pedro faço duque de Coimbra, e ao infante D. Henrique duque de Vizeu, e pela grandeza do trabalho que filhou em todos estes feitos, assim na armada que fez no Porto, como do trabalho e perigo que houve no dia que filhámos a cidade, e por todas ás cousas que em ello obrou, o faço senhor de Covilhã.

E os infantes todos tres lhe beijaram a mão, tendo-lh'o muito em mercê, e entonce os fez duques com aquella solemnidade e cerimonia que se costuma, cá assaz havia ahi de nobres homens e corregimentos pera que aquella festa fosse honrada.

CAPITULO CI

Como el-rei despachou alli todos e lhe fez mercê agradecendo-lhe muito seus grandes trabalhos.

Por quanto o reino do Algarve jaz todo na costa do mar oceano, a maior parte de sua serventia é toda em navios, e ainda ha ahi poucas bestas por rasão da terra que não é muito forte pera mantimentos, por cuja rasão el-rei consirou que seria bem despachar alli toda aquella gente, por tal que podessem ir os navios até Lisboa, cá era necessario que todos alli fossem desembarcar por azo do frete que haviam de haver, no qual João Affonso de Alemquer fez um especial serviço a el-rei, entre outros muitos que lhe tinha feitos, e foi assim que consirando elle as mui grandes despezas que el-rei tinha feitas, e como lhe era necessario ainda despender no frete de todos aquelles navios, tanto que foi na cidade de Lisboa mandou comprar pera el-rei todo o sal que havia por toda aquella terra, o qual houve assaz de bem barato por rasão da imposição, e quando lhe os mestres dos navios requeriam frete, fazia lhes pergunta se lhes prazeria de haverem o sal em preço de sua paga?

Os quaes todos juntamente foram contentes consirando como lhes seria melhor levarem seus navios carregados de alguma mercadoria, que levarem o dinheiro, que ligeiramente poderiam gastar, e assim fo-

ram todos mui bem pagos com pouco custo d'el-rei. E estando assim el-rei em Tavira, como dito é, fez ajuntar todos aquelles principaes, e disse-lhes:

— Por quanto minha vontade é de vos despachar, por vos arredar do custo e do trabalho, cada um de vós outros pode avisar os que vem em sua companha que me venham requerer quaesquer mercês ou cousas que a suas honras ou liberdades pertençam, e como quer que já eu por muitas vezes tivesse experimentado vossa boa vontade, em todas as cousas pera que vos requeri, em este presente trabalho senti muito as boas vontades de todos, as quaes fizeram muito mais esforçar a minha pera vos sempre buscar toda a honra e acrescentamento que em minha posse fôr, e sobre todo dou muitas graças a Nosso Senhor Deus por me fazer reinar sobre gente que me tão verdadeira e lealmente tem servido, pelo qual lhe peço por sua santa mercê que me dê sempre azo e poder pera que vos possa governar e reger em todo direito e justiça, e aos bons honrar e acrescentar segundo é razão.

Todos foram muito contentes d'aquellas palavras d'el-rei, dizendo que lh'o tinham muito em mercê, e assim começaram logo alguns a fazer suas petições pera requerer suas cousas segundo lhes pertencia, as quaes eram mui graciosamente desembargadas, outhorgando a todos aquello que achavam que era razão e se podia fazer, e áquelles que por ventura pediam mais do razoado era dada graciosa resposta, de guisa que a doçura de palavras lhe fazia grande contentamento; outros houve ahi que não quizeram pelo presente pedir nenhuma cousa, e se espediram espaçando seus requerimentos pera outro tempo, e por tal guisa foi todo encaminhado que todos partiram muito ledos e

contentes da presença d'el-rei, e elle outrosim das boas vontades que lhe sentia pera seu serviço.

CAPITULO CII

Como el-rei partiu do Algarve e chegou a Evora, e do recebimento que lhe foi feito.

Acabados assim aquelles espedimentos, começou de espalhar toda aquella gente cada uma pera sua parte, e porque os mais d'elles eram anojados do mar, quizeram antes fazer sua viagem por terra, empero esto era mui grave de fazer por razão das bestas que não havia, e assim era mui grande trabalho em as buscar e haver, cá por derradeiro não se podiam achar em tamanho numero como eram necessarias, e tanto bem fez alli a necessidade, que ensinou a muitos contentarem-se das cousas pequenas, que em outro tempo desprezavam as grandes, cá muitos d'elles se não contentavam senão andar em grossas facas e em bons cavallos, se tinham algum geito contra seu prazer, e em aquelle ensejo havia por boa dita se alcançava um pobre mu ou asno de albarda que os podesse escusar do trabalho que esperavam de sentir em aquelle caminho, se houvessem de andar a pé.

Ante que leve el-rei á cidade de Evora me parece que é bem que faça aqui menção d'alguns fidalgos que morreram de peste.

E esto escrevemos aqui porque achamos que al-

guns homens que escreveram algumas cousas que viram d'este feito, não declaravam a morte d'estes senão que morreram em Ceuta, o que mui simplesmente se poderá entender que morreram na filhada da cidade, e porque já especialmente falamos dos outros, diremos agora dos que morreram de peste, falando sómente nas pessoas de conta, e esto depois que a frota partiu de Lisboa até que tornou ao Algarve, e ainda no caminho depois que partiu el-rei pera Evora.

Morreu primeiramente Gonçalo Annes de Sousa, D. João de Castro, Alvaro Nogueira, Alvaro de Aguiar, Vasco Martins do Carvalhal, Nuno da Cunha, Alvaro da Cunha, Alvaro Pinhel, Antão da Cunha, Pedro Tavares e D. Pedro de Menezes.

Deteve-se el-rei alli no reino do Algarve, em mentes entendeu em despachar suas gentes, e tanto que as teve despachadas, logo encaminhou pera a cidade de Evora onde estavam seus filhos e o mestre com elles, cuja ledice não era pequena ouvindo as novas d'aquella victoria, como quer que em sua vontade muito desejara de haver quinhão d'aquelle feito.

Tanto que o mestre soube que el-rei vinha, fez prestes todo seu corregimento pera o receber, segundo pertencia a seu estado, e segundo o caso e a terra de onde elle vinha.

Em aquelle dia sahiram os infantes D. João e D. Fernando, e o mestre d'Aviz com elles um grande espaço, e não ficou homem de pé nem de cavallo na cidade que não sahisse fóra, tanta era a sua ledice com a vinda d'el-rei, e as mulheres alimpavam as ruas, lançando ás janelas as melhores cousas que tinham, e ajuntavam-se cada umas de suas freguezias vestidas de seus melhores vestidos, e com grandes cantares fi-

lhavam quinhão d'aquelle recebimento que todos faziam a el-rei.

E qual seria o coração que visse aquelle recebimento que todos faziam a el-rei, que podesse reter aquellas veias por onde correm as lagrimas, que não se enchessem seus olhos d'agua.

E não sómente as pessoas de comprido entendimento, mas os meninos parvos haviam entender pera se alegrarem com a vinda d'aquelle principe, e assim vinham todos ante elle cantando como se fosse alguma cousa celestial enviada a elles pera sua salvação.

Em todo aquelle dia não fizeram cousa alguma em toda a cidade, cá os officiaes dos officios mecanicos por bem despezo haviam o ganho d'aquelle dia por honrarem a festa do seu principe.

Todas as nobres mulheres d'aquella cidade se foram pera a infanta D. Izabel e a acompanharam até que el-rei seu padre chegou, e ella sahiu até a primeira sala assim acompanhada de todas aquellas nobres mulheres, e com grande mesura e reverencia recebeu seu padre e seus irmãos, e assim todos os outros nobres homens que com elles vinham, cada um segundo seu estado.

Des-ahi el-rei com seus filhos se foi pelo reino, como entre si por melhor ordenaram.

E por agora acerca de seu recebimento e folgança não departo mais, porque bom seria de consirar a qualquer que lêr os virtuosos feitos d'este grande principe, e os grandes trabalhos que filhou por salvação e honra de seu povo, qual seria o amor com que o elles receberiam, quanto mais trazendo comsigo tamanha victoria.

Por certo eu dissera aqui muitas cousas acerca das grandes virtudes d'el-rei, senão houvera de escrever

as suas honrosas exequias com todas as outras cerimonias que pertencem á sua sepultura, onde me parece que tenho razoado logar pera falar de minha intenção o que de suas bondades verdadeiramente souber, porque toda a bemaventurança do homem no fim é de louvar, mas não é pera calar a geral folgança que todos haviam com a certidão d'aquelle feito, e muito mais quando viram as presenças d'aquelles cujas vidas tinham alguma duvida, porque além da victoria não havia ahi tal que viesse sem parte da riqueza d'aquella cidade, e a occupação das mulheres entonce era recontar as cousas que seus maridos trouxeram, porque em ellas naturalmente mora a gloria, e deleitavam-se muito em recontar aquelle bem que houveram, e por tal guisa foi este feito encaminhado, que muitos leixaram o pão de seus agros guardado em seus celeiros, e tornaram ainda a apanhar as novidades de suas vinhas.

CAPITULO CIII

Como o auctor mostra que todas as cousas d'este mundo fallecem, senão a escriptura.

GRANDE louvor deram os philosophos antigos a Numa Pompilio, porque foi o primeiro que achou a arte da moeda, por cuja rasão ficou áquelles que falam latim, chamar-lhe dinheiros, simplesmente dizendo *nummus*, e certo é que elle merece

por a sua boa invenção grande louvor entre os vivos, porque achou o verdadeiro meio em toda a justiça comutativa, não foi elle porém aquelle que repartiu tantas maneiras de moedas como vêdes que ha no mundo, que depois sobre aquella fórma ordenou cada um em seu senhorio a divisão d'ella, segundo lhe aprouve, sómente quanto ficou uma moeda geral porque os homens possam fazer verdadeira comutação em todas as partes, e d'esto não curamos fazer maior distincção que por chegarmos ao nosso proposito.

Ora se Numa Pompilio merece tamanho louvor por a arte da moeda, que devem merecer aquelles que primeiramente inventaram o escrever? Pois trouxeram a nosso conhecimento, não tão sómente a sabedoria das cousas terreaes, mas ainda nos fizeram que conhecessemos e soubessemos as cousas que são sobre a esphera da lua até o postrimeiro ceu, cá pela Santa Escriptura conhecemos aquella real ordenança das nove ordens dos anjos, e como são repartidas em tres hierarchias, e qual é o officio de cada uma, e assim descendo pera fundo até á esphera de Saturno, que de todas sete é a mais alta.

E em verdade seria formosa repartição se eu dissesse alguma cousa ácerca da divisão d'aquelles planetas, e os caminhos que trazem cada um em sua volta, salvo a novena, que é unica, e não tem Epiciclo, segundo mais cumpridamente podem saber aquelles que tem vistos os textos de Ptolomeu ou leram o Almagesto, ou aquello que escreveu Alfragano em suas differenças, ou por outros muitos auctores que ácerca d'ello assaz fallaram, e de como esta escriptura foi primeiramente achada, e as rasões porque, achareis ao deante em nosso prologo, onde começarmos a falar das outras cousas do reino.

Que cousa pode melhor ser entre os vivos que a escriptura? Pela qual seguimos direitamente o verdadeiro caminho das virtudes, que é o premio de nossa bemaventurança; esta é aquella que nos mostra quaes serão os nossos galardões depois do traspassamento d'esta vida, e outras muitas cousas que propriamente pertencem á alma, das quaes não curamos muito falar em este logar, por quanto nossa intenção não é mostrar em este capitulo outra cousa senão como todas as boas obras d'este mundo se perderiam, se as escripturas não fossem. Como souberamos agora que tal foi aquelle imperio dos Assyrios? o qual entre os outros imperios assim por longura do tempo como por grandeza, foi muito acrescentado, cujo começo foi el-rei Nino, durando por muitos segres, correndo por successão de reis até o tempo de Osias, rei de Judá, e por azo da desordenança de Sardanapalo foi destruido por Arbato, capitão dos Medos.

Outrosim o reino dos Caldeos? do qual a Santa Escriptura tão a meude faz memoria, onde reinou Nabuchodonosor, porque Bâlthazar, seu neto, se poz em grande oufania em aquelle convite, do qual Daniel faz menção, em a seguinte noite foi encurvado por o rei dos romanos.

Como poderamos saber a desordenança d'el-rei Xerxes, quando elle com mil e oitenta mil homens de armas e cem mil navios passou em Grecia, e por uma pequena companha dos gregos foi desbaratado sómente por sua soberbosa presunção, desprezando o proveitoso conselho de Amargaro, philosopho?

Como souberamos outrosim os virtuosos feitos d'armas que fizeram primeiramente os reis de Roma? que se começaram a reger por ordenança de ditadores e consules, onde achamos as grandes ensinanças

que recebemos pera regimento de cousa publica, nos quaes se houveram tão virtuosamente Marco Furio Camillo e Marco Regulo, Appio Claudio e Quinto Fabio e Lucio Paulo e Claudio Nero, Marco Marcello, Lucio Pinario e o grande Cypião Africano, e depois Marco Tullio Cicero, Marco Crasso, Gayo Cesar, Pompeu Magno e o virtuoso Catão, e assim todos os nobres homens d'aquelle tempo, os quaes de boamente soffriam morte porque depois pera todo sempre seus nomes fossem achados nas escripturas por dignos de grande memoria, como dizia Vulteo, quando em a terra de Dalmacia, na ribeira do mar Adriatico que jaz contra o occidente, se razoava contra Cesar e contra sua ventura, esforçando seus cavalleiros que esperassem a morte no dia seguinte, a qual tinham muito certa, por Octaviano, capitão de Pompeu.

Oh! (dizia elle) nobres mancebos, esforçai-vos na virtude contra a fortuna, e dae conselho ás cousas de vossa postumaria, cá não é pequena vida a que nos fica, pois em ella temos tempo de escolher qual morte quizermos, nem a gloria de vossa morte não é peor que a vida que por algum pouco mais tempo poderamos viver. Cá morrer pera viver, é bemaventurada cousa.

Segundo Lucano, escreve todo esto no setimo e oitavo capitulos do seu quarto livro, e por certo não são pera esquecer as virtudes d'aquelles primeiros auctores que com tão forçosa industria e eloquente estylo reformaram ante nossos olhos os premios e nobres merecimentos dos excellentes feitos de armas e a gloria e a honra da côrte judicial, pelo qual estado quantas cousas maravilhosas foram feitas pela mão e ditas pela lingua, são traduzidas afim de claro conhecimento, e tanto é esta industria mais perfeita virtude quanto mais reforma o homem á sua perpetuidade

até o fim da vida de todos os homens, cuja clara memoria sempre traz aprazivel deleitação aos corações aparelhados e dispostos a seguir honra, e por certo não é pequeno encarrego o nosso, quando por nosso trabalho os virtuosos homens justamente hão seu merecimento dos seus grandes feitos.

E portanto dizia Tullio no livro *de Senectute*, que lhe não pezava de morrer porque sabia que a sua memoria não havia de morrer com a sua morte, porque dizia elle que assim proveitosamnte vivera, que lhe parecia que não nascera de balde, e a escriptura é a mais segura sepultura pera qualquer principe ou barão virtuoso, porque representa o claro conhecimento de suas obras passadas.

Certo toda a nobreza dos homens fôra destruida, se as plumas dos escrivães a não puzeram em fim, e historias dos historiadores não foram.

E portanto dizia Lucano, no oitavo livro de sua historia, falando de como Cesar chegou alli áquelle logar d'onde fôra Troya, contando a destruição d'aquellas cousas tão grandes, as quaes Julio Cesar esguardava com tanta semença, porque elle e toda a geração real de Roma descendia de Enéas.

«O santo e grande trabalho dos auctores historiaes, Lucano dizia, como tolhes a morte a todas as cousas que achas e as guardas em memoria, que não esqueçam nem morram, e dás aos homens mortaes, edade que lhe dure sempre».

E porém concluindo este capitulo, entendemos que os grandes principes e outros bons homens devem assim virtuosamente obrar em seus feitos, que os auctores das historias hajam rasão de escrever suas obras por sua notavel memoria e ensinança dos outros que depois d'elles quizerem conseguir virtude e arre-

dar-se dos viciosos costumes, por tal que o seu nome não viva entre os homens pera todo sempre em seu doesto, porque além do bom nome que nunca morre ou o contrario que nunca se perde, acrescentam na bemaventurança que pertence á sua alma, por quanto aquelles que descendem de sua geração, recebendo honra pelo seu merecimento rogam a Deus por elles, e assim todos os outros hão em grande reverencia suas sepulturas e bem dizem o seu nome ouvindo ou vendo o processo de suas bondades.

CAPITULO CIV E ULTIMO

No qual o auctor dá graças a Deus no fim de sua obra.

Jesu Christo nosso redemptor e salvador foi aquelle que chamei no começo de minha obra, conhecendo minha fraqueza pera receber sua ajuda, sem a qual em este mundo não se póde começar, mear nem acabar nenhuma cousa.

Porque disse no começo que esta sua ajuda não podiamos por nós mesmos percalçar sem requerimento e intercessão dos santos, principalmente da gloriosa e sem nenhuma mazela Virgem Nossa Senhora Santa Maria sua madre, a qual diz o philosopho no livro da natureza das animalias que a propria condição da pomba é em toda sua vida sempre gemer, e Nossa Senhora é aquella que sempre geme em presença de

seu filho, pedindo salvação pera nossas almas, e ainda remedio pera nossas vidas.

Portanto, em conclusão de minha obra, com toda reverencia e humildade dou muitas graças a Elle verdadeiro Deus meu Senhor Jesu Christo, porque a Elle prouve por sua mercê encaminhar meus feitos por tal guisa, que os trouvesse a fim em louvor e honra d'este virtuoso rei e do mui excellente principe e virtuoso barão, o infante D. Duarte seu filho, e dos outros infantes seus irmãos, e assim de todos os principes, senhores, cavalleiros e fidalgos que no dito feito houveram parte.

Dou outrosim muitas graças á Virgem Maria, por cuja graça e merecimento meu petitorio foi outhorgado, e á Senhora Santa Catharina, Virgem e martyr, em cuja santidade singular devoção tenho, e assim a todos os outros santos e santas da celestial côrte.

E peço com grande reverencia a el-rei meu senhor que me perdôe todas as faltas que em esta obra de minha parte forem achados, culpando em ello mais minha rudeza e fraco engenho, que a determinação de minha vontade.

E peço e rogo outrosim a todos os fieis christãos, especialmente aos naturaes d'estes reinos, que lendo esta obra sempre hajam em memoria a alma d'aquelle santo rei, por cuja virtude, industria e força esta cidade de Ceuta foi ganhada e tirada de poder dos infieis e posta sob o jugo da fé de Nosso Senhor Jesu Christo, e outrosim pela alma d'el-rei D. Duarte, seu filho, de gloriosa memoria, que a ajudou a ganhar e a manteve e defendeu todos os dias de sua vida, e assim de todos aquelles que primeiramente em ella trabalharam e depois até agora morreram em seu defendimento. E devem outrosim pedir a Deus de todo co

ração e vontade que haja misericordia d'ellas e queira conservar o estado d'el-rei Nosso Senhor, e o queira sempre ajudar pera que mantenha e governe seus reinos, especialmente aquella cidade que está por acrescentamento da sua santa fé e da corôa real d'estes reinos, não esquecendo o infante D. Henrique que com tão grandes trabalhos e despeza a governou sempre em seu estado.

Foi acabada esta obra na cidade de Silves, que é no reino do Algarve, a vinte e cinco dias de Março, quando andava a era do mundo em cinco mil cento e onze annos hebraicos, e a era do diluvio em quatro mil quinhentos e cincoenta e dois annos romanos, e a era de Nabuchodonosor em dois mil cento e noventa e sete, e a era de Filippe, o grão rei da Grecia, em mil setecentos sessenta e tres, e a era de Alexandre, o grão rei de Macedonia, mil setecentos e sessenta e um, e a era de Cesar em mil quatrocentos oitenta e oito, e era de Nosso Senhor Jesus Christo em mil quatrocentos e cincoenta, e a era de Alimus o Egypcião em mil e seis, e a era dos Arabigos em oitocentos e vinte e oito, e a era dos Persas em oitocentos e dezoito, e a era do primeiro rei de Portugal em trezentos e quarenta e oito.

Aos onze annos e duzentos e cinco dias do reinado d'el-rei D. Affonso, o quinto d'este nome, e dos reis de Portugal o duodecimo.

FIM

DA CHRONICA QUE COMPOZ GOMES EANNES DE AZURARA, CHRONISTA MÓR QUE FOI D'ESTES REINOS

Do fallecimento d'el-rei D. João o I
Deposito de seu corpo na Sé de Lisboa e triumpho com que depois foi levado e trasladado ao real mosteiro da Batalha
Tirado da chronica d'el-rei D. Duarte que escreveu Ruy de Pina, chronista mór, a qual se conserva na torre do Tombo d'este reino

CAPITULO I

Da morte d'el-rei D. João e como seu corpo foi depositado na Sé de Lisboa e do pranto e exequias que se lhe fizeram.

O muito virtuoso principe de gloriosa memoria, el-rei D. João, dos reis o decimo, e d'este nome o primeiro, rei dos reinos de Portugal e do Algarve, e primeiro senhor de Ceuta, sendo já em muita edade e tocado de doença e paixão perigosa e mortal, foi pelos physicos aconselhado, e pelos infantes seus filhos acordado, que por algum mais alongamento de sua vida estivesse no logar de Alcochete, em Ribatejo, que sobre outros houveram por logar fresco e de singular disposição perà sua saude, onde estando já alguns poucos de dias, sentindo-se fraco e apressado de accidentes e fraquezas que acerca d'elle

e de todos testemunhavam bem sua morte, disse e encomendou aos infantes seus filhos e a outra nobre gente do seu conselho, que por quanto se sentia já no extremo de sua vida, e pera tal rei como elle não convinha morrer em aldeias e desertos, mas na principal cidade e melhor casa de seus reinos, logo o levassem á cidade de Lisboa e o aposentassem dentro no seu castello que entonces mandava muito enobrecer, e assim se cumpriu.

E passados alguns dias em que sentiu melhoramento, os infantes seus filhos por seu mandado e por sua devoção o levaram com grande acatamento á capella mór da Sé e o pozeram em todo seu estado ante o altar do Martyr S. Vicente, onde seu corpo jaz, porque el-rei por ser d'elle muito devoto, ante de sua morte se quiz d'elle em sua vida despedir, e alli ouviu com muita devoção missa solemne em que com grande efficacia encomendou a Deus sua alma.

E porque a dita capella mór a este tempo estava por sua ordenança e despezas começada, e não ainda acabada, por tal que no acabamento d'ella depois de sua morte não houvesse mingua ou tardança, logo ante que se d'alli partisse mandou trazer em ouro amoedado, o que por vista de bons officiaes pareceu que pera sua perfeição abastaria, e á offerta da missa mui devotamente a offereceu, e encommendou ao vedor da obra que d'ella nunca desistisse até se de todo acabar, como se acabou, segundo agora se vê.

E d'alli foi visitar a egreja de Santa Maria da Escada, que está apegada com o mosteiro de S. Domingos, que novamente mandou fazer, em que tinha singular devoção.

E depois de se despedir da imagem de Nossa Senhora, e com inteiro conhecimento de sua morte, en-

commendou a Ella sua alma, e foi levado ao castello d'onde partira, onde poucas horas esteve ante de seu fallecimento, sendo já em poder de religiosos e outros ministros de sua consciencia; e poendo por caso as mãos em sua barba real, porque a achou um pouco crescida a mandou logo fazer, dizendo que não convinha a rei que muitos haviam de vêr, ficar depois de morto espantoso e disforme.

Feito isto, o dito glorioso rei acabou logo sua bemaventurada vida, com mui claros signaes da salvação de sua alma, a quatorze dias de Agosto, vespera da assumpção de Nossa Senhora do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quatro centos e trinta e tres.

E foi cousa assás maravilhosa e de singular exemplo de sua devoção e grande prognostico de sua bemaventurança, que em tal dia tambem nasceu e n'elle entonces cumpria a edade de setenta e seis annos, e em tal dia em batalha campal em que se compriam quarenta e oito annos, venceu n'este reino el-rei D. João de Castella, com que segurou estes reinos e estado, por cuja memoria mandou novamente edificar o mosteiro de Santa Maria da Victoria, que vulgarmente se diz da Batalha, e em tal dia, em que se cumpriam dezoito annos, partiu de Lisboa quando em Africa passou e tomou aos inimigos da fé a mui nomeada cidade de Ceuta.

No qual dia de seu fallecimento o sol foi cris em grande parte de sua claridade, e assim tambem foi o sol cris o dia que a rainha D. Filippa sua mulher falleceu primeiro que elle em Sacavem, e assim o dia que el-rei D. Duarte seu filho herdeiro falleceu depois em Thomar. E como quer que a memoria das suas reaes exequias deve mais propriamente em sua chro-

nica ser registada, porém porque foram as mais excellentes e mais ceremoniadas que até seu tempo n'estes reinos a rei d'elles se fizeram, e foi já obra e officio do mui excellente e seu verdadeiro e legitimo filho seu successor, el-rei D. Duarte, não leixarei de as tocar brevemente.

A hora de seu fallecimento eram presentes seus filhos D. Duarte, primogenito e herdeiro, e o infante D. Henrique e o infante D. João, e o infante D. Fernando, porque o infante D. Pedro, tambem seu filho, a este tempo era em Coimbra. E do pranto e lamentações que ao tempo de sua morte os infantes seus filhos, por mingua de tal padre, e os vassallos por perda de tal rei deviam fazer, cesso de as especificar, sómente saiba-se que em caso, que em as mortes dos reis e principes geralmente se fazem sempre signaes de grandes sentimentos, na d'este glorioso rei assim em prantos como em lagrimas, como na tristeza das vestiduras de todos, se fez por muitos dias com grande especialidade de dôr, que o reino foi todo coberto de vaso de burel, e não era sem causa, porque reinou tanto tempo e com vida tão prolongada, que a nobre gente e povo do reino era já n'elle e por elle por creação e bemfeitorias todos reformados.

E o infante D. Duarte sendo n'este officio de tristeza com os infantes seus irmãos occupado, esquecido por isso do outro pera que o ceptro real já o chamava, parecendo que se não lembrava do que á sepultura d'el-rei seu padre cumpria, foi por frei Gyl Lobo seu confessor, espertado, reprendendo-lhe bem e honestamente como devia fazer algumas cousas que mais eram necessarias que em boca de rei não cabiam, que nos olhos seus e de todos cada vez mais lagrimas renovava, pedindo-lhe que nas outras cousas que mais

eram necessarias que se offereceram, se recolhesse com os infantes e com os do conselho que ahi eram a uma camara, onde consultaram a maneira que se logo teria na sepultura do corpo d'el-rei, que em seu testamento dispozera ser enterrado no mosteiro de Santa Maria da Victoria, que elle em memoria da batalha que venceu alli novamente fundára como já disse, na qual cousa houve votos desvairados, porque a uns parecia que logo ante de o corpo mais se corromper fosse em uma azemula levado ao dito mosteiro, e isto pareceu abatimento pera tão excellente rei.

Outros diziam que se enterrasse n'aquella cidade de Lisboa, e que os ossos com devida honra fossem trasladados depois, e que o sahimento se faria logo no mosteiro da Victoria, posto que seu corpo ahi não estivesse.

A uma d'estas cousas e a outra, houve justas e razoadas contradições, e finalmente foi acordado que o corpo d'el-rei fosse como foi logo metido em um ataude de chumbo bem soldado, por ser metal de corrupções conservativo, encaixado em uma tumba de pau coberta de veludo negro, com cruzes brancas por cima, e assim esteve na salla até á tarde.

E como a noite sobreveiu, o corpo d'el-rei foi trazido ao patim do castello, e ahi posto em umas andas de grande magnificencia pera o caso corregidas, as quaes os infantes e condes e outros grandes senhores, cobertos já de triste burel, tomaram sobre seus hombros, e n'elles com solemne pocissão alumeados com tochas sem conto, o levaram com espantoso pranto á Sé, onde o leixaram ante o altar de S. Vicente, em outra tumba mais alta a que subiam por degraus, feita e guarnecida n'aquella perfeição como pera tal pessoa e tempo convinha, de redor da qual sempre arderam tochas em grande abastança.

E a capella d'onde estava foi sómente coberta de panno de dó, e n'ella, em quanto o corpo alli esteve, ficou ordenança que certos do conselho o acompanhassem, e assim muitos frades da observancia e outros clerigos e religiosos o guardassem continuadamente de dia e de noute por repartição, rezando e orando sempre, rogassem a Deus por sua alma, e os seus capelães eram assim ordenados que nunca a capella estava sem n'ella mui devotamente as horas e officios divinos se dizerem.

E em cada um dos dias que o corpo d'el-rei assim esteve, ordenadamente se diziam por sua alma trinta missas, d'ellas rezadas e outras cantadas, e cada semana uma vez se fazia por elle sahimento solemnizado com vesperas e missas, a que o collegio da Se e outra clerezia e ordens da cidade eram presentes.

CAPITULO II

Como se accordou e fez a trasladação do corpo d'el-rei D. João pera o mosteiro da Batalha.

Pouco depois estando el-rei D. Duarte em Cintra, accordou o tempo da trasladação do corpo d'el-rei D. João seu padre, que seria em Lisboa aos vinte e cinco dias de Outubro logo seguinte, pera o qual por cartas e recados, mandou chamar os prelados e abbades bentos e muitas ordens e cabidos, e infinda clerezia do reino, e assim todos

os infantes e o conde de Barcellos seu irmão, e seus filhos os condes de Ourem e de Arrayolos, e todos os outros grandes e nobres, e muita outra gente do reino.

E vieram alli tambem a infanta D. Isabel, mulher do infante D. João, e a condessa de Barcellos e a condessa de Arrayollos, e outras grandes senhoras e donas do reino.

E não vieram a rainha alli nem a mulher do infante D. Pedro, porque ambas n'aquelle tempo eram prenhes de muitos dias.

Pousou el-rei nos paços da Moeda, e como foi tempo de vir ás vesperas da trasladação, sahiu a pé muito coberto de dó preto, e com elle todos os senhores e nobre gente alli iam todos cobertos de burel, ordenados em procissão com um silencio muito triste, e se havia rumor era de todos os sinos de todas as egrejas e mosteiros da cidade, que não cessavam de tanger.

E foi tanta a gente que houve n'esta ordenança, que os primeiros iam já á porta da Sé e os derradeiros não acabavam de sahir dos paços.

As portas da Sé eram todas fechadas, e sobre uma das janellas da capella de S. Antonio estava o mestre Frey Rodrigo, da ordem de S. Domingos, confessor do infante D. Henrique, que fez um sermão por modos de perguntas ao povo, dito com tanta invenção de tristeza, com que moveu a todos pera muitas lagrimas e espantoso pranto com que entraram na Sé e se alojaram na ordenança em que cada um havia de estar.

A Sé de dentro era de todo coberta de pannos negros, e nos andaimos das naves, cheios de tochas acesas e no cruzeiro, estava feita uma eça grande e alta

e mui triumphante, cercada de muitas tochas, e a bandeira real d'el-rei acompanhada das bandeiras das armas de todos os reis e principes que por sangue e parentesco com el-rei tinham alguma rasão, postas n'aquella devida precedencia que umas a outras de razão tinham.

El-rei e os infantes com os outros grandes senhores como entraram, assim com muitas lagrimas tomaram as andas e tumba em que o corpo d'el-rei ante estava, e o trouveram á eça, e o pozeram sobre um assentamento que pera isso estava ordenado, que por todos os quatro quadros foi cercado de bispos e abbades bentos, revestidos em pontifical, e doze religiosos que com sendos tribulos ensençavam sobre a tumba, e fez aquelle officio com grande solemnidade, D. Fernando, arcebispo de Braga, e acabou-se com grande devoção e mui maiores prantos, nos quaes, porque alguns fidalgos e outras pessoas se chamavam desamparados, el-rei que o ouvia lh'o estranhou muito e lhe defendeu que alguns criados de seu pae não uzassem mais em sua vida de tal nome, porquanto elle os ampararia e lhes faria bem e mercês como cada um merecesse ou tivesse merecido.

Ficou aquella noute com o corpo d'el-rei o infante D. Pedro, por ser filho maior, após el-rei, o qual teve sua guarda com muitos senhores e fidalgos, tendo vigilia de noite com seus capellães, e com outra muita clerezia, que foi pera isso junta.

Ao outro dia, porque el-rei sentiu que a detença do officio havia de ser grande, e os dias eram já pequenos, foi por isso muito cedo na sé, acompanhado como devia, e disse a missa o arcebispo D. Fernando, em pontifical, e á offerta a que veiu, se offereceram, pela alma d'el-rei, muitas ricas cousas de

ouro e prata e brocado, e seda, pertencentes á capella.

E Fr. Gyl Lobo, grande letrado, fez o sermão com thema ao auto conforme.

Acabada a missa, foi ordenada procissão mui solemne, com muitas infindas cruzes, em que todos os clerigos e religiosos levavam tochas acesas.

E el-rei, e os infantes, e condes, pozeram as andas e tumba em que o corpo d'el-rei estava, em grande perfeição concertada.

E logo a procissão abalou, após a qual, e deante da carreta, seguiam adestro cinco cavallos grandes e mui formosos, com ricos paramentos, levados por homens de nobre sangue, a saber o primeiro e dianteiro coberto de damasco branco e vermelho, brosladas n'elle as armas de S. Jorge.

O segundo ia com paramentos de damasquim vermelho e azul, em que as armas d'el-rei iam brosladas.

O terceiro, com similhantes paramentos de panno e côres em que o mote e letra d'el-rei de, *Por Bem*, iam em muitas partes broslados.

O quarto ia com outros taes paramentos, em que iam por letreiros broslados uns F F, que foi a divisa d'el-rei, que tomou pela rainha D. Filippa, sua mulher.

O quinto ia todo coberto de damasco negro, sem algum broslamento, após os quaes cavallos se seguia logo a carreta que el-rei e os infantes, e outros grandes senhores com suas mãos faziam mover.

E após ella, seguiam logo doze cavallos, em que iam cavalgados doze homens nobres, em que levavam as bandeiras e armas d'el-rei; o primeiro foi Pero Gonçalves, vedor da fazenda, levava a bandeira real em sua hastea emburilhada e derribada sobre o hombro,

e os outros um o elmo, e outro levava o estandarte, e outro o guião, e outro a lança, e outro a facha, e assim as outras armas, salvo que o derradeiro levava solto um balsão preto com hastea sobre o hombro, cujas pontas iam pelo chão arrastando, e após elles seguiam grandes companhas cobertas todas de burel e fazendo tão grande pranto, que se não podiam ouvir sem muito espanto, dôr e tristeza.

Na rua Nova se fez um pulpito, em que um mestre em theologia, chegando a elle a carreta fez um sermão pera o caso muito louvado, o qual seguiu a procissão até junto com S. Domingos, onde em um cadafalso que se pera isso ordenou, o doctor Diogo Affonso Manganha, que era letrado e bem eloquente, tanto que a carreta chegou, fez outro sermão cujo thema foi:

Et nos moriamur cum eo; com que trouve pera o caso cousas mui notaveis e assaz bem ditas.

Acabado o qual, a procissão seguiu até ser fóra da porta de S. Vicente, d'onde se tornou com muita gente, e leixaram a carreta que foi logo posta a quatro grandes cavallos que a levaram, com a qual foi el-rei e os infantes e outros grandes homens todos a cavallo, e com elles vinte e quatro homens, padres de religião com tochas acesas nas mãos, iam com o corpo d'el-rei rezando suas horas, rogando a Deus por sua alma, e assim chegaram ao mosteiro de Odivellas, no meio do qual estava uma eça com pannos de dó, tochas e bandeiras pelo modo e maneira que era na Sé de Lisboa, e o D. abbade de Alcobaça com outros abbades e religiosos estavam fóra do cerco do mosteiro revestidos com cruzes em maneira de procissão, esperando o corpo d'el-rei, o qual el-rei e os infantes levaram com grande cerimonia e acatamento ao mos-

teiro, e pozeram na eça, a qual noite vigiaram muitos religiosos com orações continuas e devotas, e acompanhou e o guardou o infante D. Henrique com todos os commendadores da ordem de Christo, e com seus moradores.

Ao outro dia disse missa o D. abbade em pontifical, e á offerta se offereceram por os infantes e outros senhores, grandes e ricas cousas pela alma d'el-rei.

No qual dia se partiram, e foram a Villa Franca de Xira, e na egreja d'ella era feito outro tal corrigimento como o de Odivellas, onde D. Alvaro de Abreu, bispo d'Evora, sahiu a receber o corpo d'-el-rei acompanhado de muitos abbades e clerigos e outra muita clerezia, e assim o levaram até á eça, onde depois das vesperas ditas, ficaram por ordenança certos religiosos pera de noute sempre rezarem, e o infante D. João que sempre acompanhou o corpo d'el-rei com os commendadores e cavalleiros da ordem de Santiago, e com outros muitos fidalgos e pessoas honradas de sua casa, e ao outro dia disse o bispo missa em pontifical, e acabada a missa caminhou pera Alcoentre, e sempre n'aquella ordenança de religiosos e cerimonias como partiram de Lisboa.

E de Alcoentre sahiu o bispo da Guarda receber o corpo d'el-rei, revestido em pontifical, e mui acompanhado de clerezia, e o levaram á egreja que assim mesmo estava corregida como as outras, e ditas as vesperas, ficaram de noute os religiosos ordenados, e por guarda do corpo o infante D. Fernando, acompanhado dos seus e dos creados d'el-rei seu padre.

Ao outro dia o bispo da Guarda disse missa em pontifical.

E n'esta jornada e nas outras passadas sempre ás offertas das missas, por el-rei e pelo infante se offere-

ram ricas vestiduras e calez, e outras joias pera serviço da egreja.

Acabada a missa partiram e foram ao mosteiro de Alcobaça, d'onde sahiu a receber o corpo d'el-rei com devota procissão o D. abbade com seus monges, acompanhado d'outra muita clerezia, e depois das vesperas ditas, além dos religiosos que eram ordenados, ficou alli em sua guarda de noite o conde de Barcellos seu filho natural, e os condes de Ourem e de Arrayolos, seus filhos, com seus fidalgos e cavalleiros.

E ao outro dia em amanhecendo ouviu el-rei missa rezada e não se fez outro officio, porque o maior era aquelle dia reservado no mosteiro da Batalha pera onde logo partiram, e em chegando á ermida de S. Jorge, onde foi a batalha, acharam já ahi os cavallos assim guarnecidos e aparelhados, e os cavalleiros a cavallo, assim como partiram da Sé de Lisboa, e em aquella mesma ordenança seguiram até o mosteiro acompanhados de muita gente, porque muitas pessoas que pera isso foram chamadas, e assim os procuradores das cidades e villas e alcaides do reino não poderam por seus impedimentos ir a Lisboa, e vieram alli.

O mosteiro assim na eça, como na cera e bandeiras, e nos outros cumprimentos estava aparelhado como a Sé de Lisboa, que disse.

Sahiram fóra, em procissão, a receber o corpo d'el-rei, todos os bispos em pontifical, e assim toda a outra clerezia, revestidos com capas e vestimentas as mais ricas, e com muitas cruzes, e como o corpo chegou a elles, esteve quedo, e el-rei e os infantes e condes se desceram, e da carreta tomaram a tumba sobre seus hombros, e a levaram com grande reverencia e a pozeram na eça dentro no mosteiro, e disse

ram muitas missas, e á maior que o bispo d'Evora disse em pontifical, se offereceram muitas mais cousas, e mais ricas das que até alli foram offerecidas, segundo ainda hoje parecem no thesouro d'aquelle mosteiro. No qual mosteiro fez o sermão mui conveniente e mui authorisado, Fr. Fernando da Rotea, frade da ordem de S. Domingos, prégador d'el-rei D. Duarte.

O pranto que sobre o corpo d'el-rei se fez, foi assaz maravilhoso e de grande espanto e sobeja tristeza, que por brevidade se não escreve particularmente como passou.

E porque não desfraudemos aos curiosos de seu epitaphio, pareceu acertado copial-o n'este logar, o qual é o seguinte:

Traducção do epitaphio

Em nome do Senhor, jaz n'esta sepultura o serenissimo e sempre invicto, victoriosissimo, magnifico e em virtudes esclarecido principe D. João, decimo rei de Portugal e sexto do Algarve, e o primeiro entre todos os christãos, que depois da perda geral de Hespanha foi senhor da famosa cidade de Ceuta, em Africa.

Nasceu este excellentissimo rei na muito nobre e muito leal cidade de Lisboa, no anno do Senhor de mil e trezentos e cincoenta e oito, e n'ella foi armado cavalleiro em edade de cinco annos, por mão do serenissimo rei D. Pedro seu pae. E tomando á sua conta depois da morte d'el-rei D. Fernando seu irmão, o governo da mesma cidade e de muitas outras forças que se lhe entregaram, defendeu-a valorosamente contra el-rei de Castella, que nove mezes a teve cercada por mar, com mui grossa armada, e por terra com grande exercito, acommettendo-a com muitos e apertados assaltos, e sendo ajudado de muitos portuguezes.

Sendo depois levantado por rei na cidade de Coimbra com geral alegria, no anno de 1385, fez por sua pessoa e de seus capitães grandes feitos em armas, e entrando muitas vezes pelas terras de seus inimigos, alcançou notaveis victorias, e a principal que teve foi a que Deus lhe deu junto a este convento, vencendo e desbaratando em batalha campal a el-rei D. João de Castella, que trazia comsigo um poderoso exercito

de seus vassallos, e vinha acompanhado de muitos portuguezes e outros estrangeiros que o serviam. E logo foi ganhando á força d'armas muitas forças e castellos de que os inimigos se tinham apoderado, que depois valorosamente sustentou e defendeu por toda a vida.

E conhecendo que Deus fôra o que lhe déra a victoria por intercessão da gloriosissima Virgem Nossa Senhora, que succedeu na vespera da sua festa da Assumpção por agosto, mandou á sua honra edificar este convento, que é a melhor obra de toda a Hespanha.

E com desejos da maior gloria de Deus e pretendendo que só a Elle se reconhecesse n'este reino superioridade em tudo, assentou que os annos que pelo tempo atraz se costumavam a contar nos autos e instrumentos publicos pela era de Cesar, se reduzissem ao nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, e fez que começasse a correr esta conta do anno de mil e quatrocentos e vinte e dois em deante, no qual andava a era de Cesar em MCCCCLX.

E achando estes reinos não menos estragados de costumes que desbaratados das insolencias dos inimigos, poz diligencia em os emmendar e apurar, desterrando com seu exemplo e obras santas todas as devassidões e maldades que geralmente se uzavam, e prantou e fez florecer em seu logar obras de virtude, honestidade e honra.

E procurando escusar guerras com christãos, leixou antes de sua morte assentada com elles paz perpetua pera si e pera seus sucessores.

E abrasado em fogo da fé, passou em Africa com uma grossissima armada em que havia mais de 220 velas, a maior parte naus de grande porte e galés reaes,

e foi acompanhado n'ella do infante D. Duarte seu filho e herdeiro, e dos infantes D. Pedro e D. Henrique, e do conde de Barcellos D. Affonso seus filhos, e de grande poder e numero de animosos vassallos, com os quaes no mesmo dia em que poz os pés em terra de mouros, tomou de assalto com espanto do mundo a fortissima e famosa cidade de Ceuta. E pouco tempo depois vindo sobre ella (segundo se affirma) mais de cem mil combatentes mouros de Berberia e Granada, e tendo-a apertadamente cercada, elle a mandou soccorrer pelos infantes D. Henrique e D. João e pelo conde de Barcellos seus filhos, e por outros senhores e fidalgos, os quaes acomettendo aos mouros os fizeram levantar e fugir com morte de muitos, e toda sua armada desbarataram, mettendo muitos navios no fundo, queimando e tomando outros, e assim livrou a cidade.

E havendo dezoito annos menos oito dias, que se cumpriam, a vespera da Assumpção da Virgem Nossa Senhora, do anno de 1433, que a tinha tomado e fortificado bastantemente contra todo accometimento de inimigos, no mesmo dia mez e anno acabou este gloriosissimo rei bemaventuradamente sua vida na cidade de Lisboa, rodeado de seus filhos e de grande parte da nobreza do reino, leixando a cidade de Ceuta em poder do mui alto e mui glorioso rei D. Duarte seu filho, que á imitação de tal pae procura mantel-a e governal-a com estes reinos na fé de Jesus Christo.

O mesmo rei D. Duarte trasladou com grande honra e magestade o corpo d'el-rei seu pae, acompanhando-o seus irmãos, o infante D. Pedro duque de Coimbra e senhor de Montemór, e o infante D. Henrique duque de Vizeu e senhor de Covilhã e governador

do mestrado de Christo, e o infante D. João condestable de Portugal, e governador do mestrado de Santiago, e o infante D. Fernando e o conde de Barcellos D. Affonso, filho do dito rei D. João, o qual ao tempo de seu fallecimento não tinha outros, senão duas filhas que estavam casadas, e viviam em suas terras com seus maridos, uma a infanta D. Izabel duqueza de Borgonha e condessa de Frandes e senhora d'outros muitos estados, e outra a senhora D. Beatriz, condessa de Hontinton e Arondel, em Inglaterra.

Assistiram mais n'esta trasladação todos os netos e bisnetos que havia d'el-rei D. João s. D. Affonso conde de Ourem e D. Fernando conde de Arrayolos, filho do conde de Barcellos. E tinha n'este tempo outro neto que era o infante D. Affonso, filho primogenito d'el-rei D. Duarte, os quaes contados com os filhos faziam todos numero de vinte pessoas.

Acudiram tambem e foram presentes todos os bispos que havia no reino, com outros muitos prelados, com grande numero de clerezia e frades, e os senhores de terras e alcaides móres, e fidalgos particulares.

Assim foi trazido o real corpo com muita reverencia a este convento, e entrou n'elle aos trinta dias do mez de novembro do dito anno, e foi sepultado na capella mór com a rainha D. Filippa sua unica mulher e mãe illustrissima d'el-rei D. Duarte e dos infantes ditos.

E no anno seguinte, aos 14 de agosto, foram os corpos ambos com nova pompa passados a esta capella que pera sua sepultura tinham edificado.

E acharam-se presentes a mui alta e excellentissima princesa D. Leonor, rainha d'estes reinos, e as

infantas D. Izabel, duqueza de Coimbra, e D. Izabel mulher do infante D. João, com a maior parte dos prelados e nobreza do reino, até ficarem recolhidos em suas sepulturas. As almas tenha o Senhor Deus em sua gloria. Amen.

Á cabeceira d'el-rei estão estes versos latinos:

Hoc tegitur tumulo fælix rex ille Joannes,
Magnanimus, pius, e cunctorum gloria Regum,
Militiaque decus, firmissima regula legum;
Qui tumidum Regem parvo cum milite fregit
Castellæ et Septum sibi magna classe subegit.

Declaram-se estes versos latinos em linguagem:

Encobre-se n'esta sepultura aquelle ditoso rei D. João magnanimo, piedoso, gloria de todos os reis e honra da Milicia, firmissima regra das leis, o qual com poucos soldados quebrantou o soberbo rei de Castella e sujeitou com grande armada a cidade de Ceuta.

TESTAMENTO D'EL-REI D. JOÃO I

TIRADO DA TORRE DO TOMBO

Em nome de Deus verdadeiro, que é Padre, Filho e Espirito Santo, tres pessoas em uma substancia, e da bemaventurada Virgem gloriosa Santa Maria sua Madre, e de todos os Santos e Santas da gloria celestial.

Nós D. João, pela graça de Deus rei d'estes reinos de Portugal e do Algarve, senhor de Ceuta, vendo e considerando como é força que nós e todos os homens hajamos de fiir a vida d'este mundo por morte, a qual não sabemos quando ha de ser, porém querendo-nos prover d'algumas cousas a que nos parece que cumpre depois de nosso acabamento, sendo são e em nosso entender cumprido, qual nos Deus deu, e sem outra nenhuma duvida nem embargo, fazemos, ordenamos e estabelecemos nosso testamento e postrimeira vontade, pela guisa que se ao deante segue:

Primeiramente damos e encommendamos minha alma ao sobredito verdadeiro Deus, e rogamos á Virgem Santa Maria sua madre e côrte celestial, que rogue a Elle por nós, ao qual pedimos por mercê que haja d'ella piedade e se nembre do que soffreu por nós e por todos os outros pecadores até ser posto na cruz, de guisa que hajamos parte e quinhão com Elle no seu santo reino.

Item, mandamos que nosso corpo se lance no mosteiro de Santa Maria da Victoria, que nós mandámos fazer, com a rainha D. Filippa minha mulher, a quem Deus accrescente em sua gloria, em aquelle moimento em que ella jaz, não com os seus ossos d'ella, mas em um ataude assim e em tal guisa que ella jaça em seu ataude e nós em o nosso, pero jaçamos ambos em um moimento, assim como o nós mandamos fazer. E isto seja na capella mór, assim como ora e'la jaz, ou na outra que nós ora mandamos fazer, depois que fôr acabada.

Item, fazemos nosso testamenteiro e cumpridor de todas as cousas que aqui em este testamento mandamos e estabelecemos, o infante Duarte, meu filho primogenito e herdeiro, que prazendo a Deus, depois de

nossos dias ha de ficar em nosso logar por rei e senhor d'estes reinos e senhorio, ou seu filho ou neto lidimo descendente por linha direita, segundo se requer por direito e costume em successão d'estes reinos e senhorio, ou algum de meus filhos por sua direita ordenança, a saber, primeiramente o infante D. Pedro, e depois de sua morte seu filho ou neto, na maneira susodita, e não o havendo hi, fique ao infante D. Henrique, des ahi aos outros meus filhos pelo modo sobredito. Aos quaes mandamos e encommendamos, e a outros quaesquer que depois forem reis e senhores d'estes reinos e senhorio, que tenham e tomem encargo d'este nosso testamento e o cumpram, guardem e façam cumprir e guardar a todo o seu poder, assim e pela guisa, assim como por nós é feito, ordenado e mandado.

Item primeiramente mandamos ao dito infante que haja em sua guarda e encommenda a infanta D. Izabel minha filha, sua irmã, e o infante D. Pedro e o infante D. Henrique, e o infante D. João, e o infante D. Fernando, e o conde D. Affonso seus irmãos, meus netos seus sobrinhos, filhos do dito conde, e os ajude a casar e alojar e lhes faça toda a honra e bem que poder, e em especial lhe encommendamos que aos sobreditos seja sempre mui bom senhor e os leixe viver nas terras que lhe por nós foram e forem dadas, e haver as rendas e senhorio d'ellas.

E ao infante D. Pedro, além das terras que tem, o que lhe demos no commum de Florença, pela guisa que as tem por nossas cartas, e assim a seus filhos maiores e netos, e a outros descendentes lidimos por linha direita, e lhes ordene em cada um anno como hajam seus assentamentos, na maneira que os hão de nós.

E outrosim lhe encommendamos todos nossos criados e criadas, que os guarde em suas honras e em seus privilegios, e lhes faça todo o bem e mercês que poder.

E por quanto nós somos mui bem servidos dos fidalgos, e outrosim dos povos d'estes reinos, e nos fizeram muitos e estremados serviços pera tirarmos estes reinos da sujeição a que os quizeram sojugar os castellãos, que sempre os haja em sua guarda e encommenda, e lhes guarde suas honras e privilegios, e lhes faça toda a honra e mercês que poder, como pertence a cada um em seus estados.

Item, porque nós promettemos no dia da batalha que houvemos com el-rei de Castella, de que Nosso Senhor Deus nos deu victoria, de mandarmos fazer a honra da dita Nossa Senhora Santa Maria, cuja vespera entonces era, alli cerca d'onde ella foi, um mosteiro, o qual depois que foi começado, nos requereu o doutor João das Regras, do nosso conselho, e fr. Lourenço Lampreia, nosso confessor, estando nós em o cerco de Melgaço, que ordenassemos que fosse da ordem de S. Domingos, e nós duvidamos de o fazer, porque assim foi nosso promento de se fazer á honra da dita Senhora Santa Maria, e responderam-nos que a dita ordem em especial era muito da dita Senhora, declarando-nos as rasões porque, as quaes vistas por nós, acordámos e prouve-nos de ordenar que o dito mosteiro fosse da dita ordem, e pera provimento dos frades que houvessem de estar em el supricámos ao Padre Santo que nos desse logar de comprar pera elles certos bens que podessem haver e possuir pera sua governança, e foi-nos por el outhorgado.

E consirando nós depois a maneira que estes frades tem entre si em similhantes casos, ordenamos que se

tenha esta ordenança no acabamento do dito mosteiro e seu bom suportamento e mantimento dos ditos frades, ao qual mandamos, rogamos e encommendamos ao dito infante Duarte meu filho, e a outro qualquer que vier que seja rei e senhor dos ditos reinos, que a faça cumprir e guardar pela guisa que por nós é determinado.

Primeiramente mandamos que o dito mosteiro se acabe de crasta, casarias e de todos os outros edificios que a bom cumprimento do dito mosteiro forem necessarios, pelas rendas de Leiria e seu termo, com seu almoxarifado, assim e pela guisa que se ora faz, e sejam em el manteudos e governados aquelle numero de frades que ora hi de cote egualmente está, assim e pela guisa que o ora são. Os quaes tenham aquella maneira de resar suas horas, e dizer suas missas, responsos e fazer sahimentos por minha alma e da rainha minha mulher, em cuja gloria Deus accrescente, assim como ora se faz, accrescentando por minha alma, depois de nosso enterramento, aquellas missas e horas que o dito infante ou outro que traz nós ficar rei d'estes reinos ordenar, até o dito mosteiro ser acabado, e o numero dos trinta frades em elle postos e governados como a suso faz menção.

E d'alli avante se tenha a maneira por nós ordenada. E acabado o dito mosteiro de todas as obras necessarias, como dito é, pelas ditas rendas de Leiria e termo, e seu almoxarifado, tirando aquello que fôr necessario pera governança dos ditos frades, se comprem tantas e taes herdades e bens, porque se possam razoadamente manter e governar de comer, beber, vestir e calçar os ditos 30 frades da dita ordem de S. Domingos, s. os vinte de ordens sacras, e os dez noviços e frades leigos, e além d'esto certos servido-

res, assim como amaçadeira, cozinheiro, azemel, lavadeira, sapateiro e outros similhantes que lhes forem necessarios.

E aquestos trinta frades ordenamos que estem continuadamente no dito mosteiro, e pela esmola que de nós recebem e haverão de receber, serão teudos de dizerem por minha alma e da dita rainha minha mulher em cada um dia, duas missas rezadas, a saber uma do Espirito Santo, e outra de Santa Maria.

E á quinta feira dirão uma missa cantada de Santo Espirito, e uma rezada de Santa Maria

E ao sabbado dirão cantada a de Santa Maria, e a do Santo Espirito rezada, e á segunda feira dirão por nós as horas dos mortos e uma missa de Requiem cantada, além das ditas duas missas rezadas que hão de dizer. E todos os dias, como acabarem suas horas, ante que vão comer, venham todos onde nós e a dita rainha jouvermos, com cruz e agua benta, e digam um responso cantado.

E nos dias que se houverem de fazer os sahimentos por nós e pela dita rainha, assim como no dia em que se faz sahimento geral por todos os finados, e em os dias dos nossos finamentos, elles digam todas as horas, a saber vesperas, matinas e todos os outros officios dos mortos, e duas missas de Requiem, e dois responsos, além das duas missas que sempre haverão de dizer. E nos dias dos finamentos da rainha e meu os frades de Alcobaça e os do mosteiro, e outros quaesquer frades e clerigos que hi venham, digam um trintairo rezado em cada um sahimento, além das missas e horas que hão de dizer, e sejam sempre pagadas as ditas missas pelo provedor e escrivão do mosteiro, segundo se costumarem de pagar as missas rezadas a aquelles tempos que se fizerem os ditos sahimen-

tos. E mandamos e encommendamos ao dito infante meu filho e a outro qualquer que fôr rei d'estes reinos, que saiba parte em cada um anno como estes frades vivem e cumprem esto que por nós é ordenado, e toda a cousa em que acharem erro faça corregger n'aquella melhor maneira que lhe Deus der a entender com serviço de Deus e prol de nossas almas, e guarda d'este nosso ordenamento.

Item, lhe mandamos e encommendamos que os bens que assim forem comprados pera mantimento e governança dos ditos frades e servidores, não sejam entregues aos ditos frades, mas ponham em elles dois bons homens naturaes d'estes reinos, de boas famas e consciencias, moradores na dita villa de Leiria, que hajam bens de raiz e sejam bem arreigados, um que seja provedor dos ditos bens e outro escrivão, os quaes tenham cargo de adubar e aproveitar e colher os fruitos e rendas d'elles, pelos quaes provejam os ditos 30 frades e servidores de tôdas as cousas que lhes forem mister pera seus comeres, beberes, vestidos e calçados.

O dito provedor e escrivão tenham poder de arrendar estes bens até tres annos e mais não, pero se virem que é necessario rendarem-se por mais tempo, ou se aforarem, ou emprazarem, façam-n'o saber ao que então fôr rei d'estes reinos, e por sua carta e authoridade se faça, e d'outra guisa não.

Item, mandamos e encommendamos ao dito infante meu filho e aos outros que depois de nossos dias forem reis d'estes reinos, que saibam e provejam o melhor e mais continuadamente que poderem que maneira tem este provedor e escrivães em seus officios, e lhes façam tomar conta em cada um anno, e dar quitação, e emquanto acharem que os servem bem e

como devem lh'os leixem haver e não lh'os tirem, e hajam por seu afan em cada um anno o provedor um moio de trigo e dois de cevada e um tonnel de vinho e um marco de prata, e o escrivão haja outro tanto como a metade do que dão ao dito provedor, e quando acharem que o fazem como não devem, deem-lhes aquelle escarmento que entenderem que merecem, e tirem-lhe os officios e ponham logo em elles outros provedor e escrivão, que seja da maneira susodita, os quaes haverão o mantimento sobredito emquanto servirem os ditos officios.

E mandamos-lhe e encommendamos que se acontecer que por alguma esterilidade ou outro caso que sobrevenha, estes bens que assim forem comprados não abastarem pera esta dita governança, que das rendos da dita villa e termo, com seu almoxarifado lhes seja provido tão cumpridamente e em tal guisa que esta nossa ordenança seja em todo bem cumprida e guardada pera sempre.

Item, mandamos e encommendamos ao dito infante e a outro qualquer que fôr rei d'estes reinos, que não consinta que ninguem se lance nem soterre dentro no jazigo que nós mandamos fazer em nossa capella, em alto, nem no chão, salvo se fôr rei d'estes reinos.

E mandamos que pelos jazigos das paredes da capella todas em quadra, assim como são feitas, se possam lançar filhos e netos de reis e outros não, e de quaesquer cousas que cada um dos que se lançarem na dita nossa capella quizerem leixar ao dito mosteiro, possam ser apropriadas as duas partes aos ditos frades, e a nossa capella se apropria só de haver a terça parte de todo o que assim leixarem, e se conjuntem aos outros bens d'ella.

E o dito provedor e escrivão os aproveitem e administrem com os outros bens pera ajuda e governança dos ditos frades, e d'outra guisa se não possa nenhum lançar nos jazigos da dita nossa capella, assim dos de cima que apropriamos pera os reis, como dos outros d'arredor d'ella que apropriamos aos filhos e netos dos reis, salvo leixando á dita capella o terço de todos os bens e cousas que assim quizerem leixar ao dito mosteiro, pelo guisa susodita.

Item, mandamos que se não lance nenhum, de qualquer estado e comdição que seja, na capella principal e maior, do dito mosteiro.

Item, não embargando que os ditos frades hajam de nós o sobredito mantimento de comer, beber, vestir e calçar, não lhes seja embargado nem tolhido de elles haverem e poderem haver suas offertas e mortorios, e todas as outras cousas que os frades de S. Domingos hão em todos os outros mosteiros.

Item, porque poderá ser que os frades por não serem apoderados das rendas d'esta nossa capella, não attenderiam ao repairamento e corregimento do dito mosteiro, como lhe cumpria, pela qual razão se damnificaria em as casarias, guarnimentos e todas as outras cousas que pera elles e pera o dito mosteiro fossem cumpridouras, porém encommendamos e mandamos ao dito infante meu filho e a outro qualquer que fôr rei d'estes reinos e senhorio, a que damos carrego d'este nosso testamento, que elles tenham especial encarrego que assim como em cada um anno hão de mandar prover as rendas do dito mosteiro, que assim em cada um anno mandem prover o corpo do dito mosteiro, com a capella maior e nossa, e esso mentes as outras capellas do cruzeiro e a sanchristia, e o ca-

bido de todos os outros adubios que lhe forem compridoiros e necessarios.

E que esto mesmo façam vêr todos os ornamentos da sanchristia, de cruzes, calices, tribolos e de todos os outros ornamentos de ouro e de prata, e tambem as capas e vestimentas frontaes, e todos os outros ornamentos que lhes por nós até ora foram dados e de aqui em deante dermos, e outros quaesquer que lhe são ou forem dados e leixados pelo dito infante meu filho, e por seus irmãos, ou pelos que forem reis e filhos ou netos de reis.

Os quaes ornamentos encommendamos e mandamos que se appropriem á nossa capella e sejam postos em mãos do dito provedor e escrivão, que os tenham e guardem, e de suas mãos recebam os frades aquelles que lhes cumprir pera seus officios cotidianos.

E quando vierem os dias das festas principaes, demlhes tambem os que houverem mister, e logo se tornem aos sobreditos.

E as outras cousas do dito mosteiro, assim como refeitorio e casa de dormitorio e crasta, e todas as outras cousas de officios, sejam entregues aos ditos frades bem repairadas e corregidas, e seja-lhes d'ello feita escriptura, que assim como as recebem bem feitas, repairadas e corregidas, que assim sejam teudos e obrigados de as manter, correger e repairar e fazer que sejam bem corregidas e repairadas de todo o que lhes fizer mister, e em tal guisa que sejam cada vez melhoradas, e não peioradas.

E esto façam os ditos frades pelas esmolas que houverem e por outra maneira, segundo o elles melhor entenderem, assim como o fazem os outros frades nos outros mosteiros de nossos reinos. E se os ditos frades estas casarias e crasta com seus pomares, hortas

e aguas, tiverem mal repairadas e corregidas, o que fôr rei d'estes reinos os faça requerer e constranger na melhor maneira que bem poder que as correjam, como devem.

Pero, se acontecer por algum caso fortuito, sem culpa dos ditos frades, que algumas das ditas casas e edificios de que elles haverão de ter carrego sejam de todo ou pela maior parte derribados, encommendamos e mandamos ao dito infante e a outro qualquer que seja rei tras nossos dias, que as faça levantar e correger em tal guisa que as tornem ao seu primeiro e bom estado, e assim as entreguem aos ditos frades, que as recebam em si e hajam cuidado de seu repairamento e corregimento, como ante haviam.

Item, porquanto podia ser que ao tempo de nosso acabamento, serão ainda por nós devidas algumas cousas a algumas pessoas, assim do que lhes por nós e nosso mandado, como dos nossos officiaes foram tomadas, ou que nos alguns emprestassem ou aos nossos officiaes, ou que nós devessemos por bem de mercês de cazamentos e corregimentos d'elles, e muitos vestires, tenças, como de algumas mercês de graças que por nós fossem feitas a alguns ou algumas, que lhe não fossem pagadas até o dito tempo;

E porque nossa tenção e vontade é que todo esto seja bem pagado, encommendamos e mandamos ao dito infante meu filho e aos outros que vierem por reis d'estes reinos, a que temos dado o carrego de cumprir este nosso testamento, que façam bem todo pagar.

Primeiramente as cousas que por nós e nossos officiaes de nosso mandado forem tomadas, e depois as cousas que a nós, ou a algum d'elles foram empestadas, e finalmente todas as outras que nós devemos por bem de mercês de cazamentos e corregimentos

d'elles, e mantimentos, vestires e tenças e outras quaesquer graças e cousas de que a alguns fizessemos mercês.

E a maneira que nós acordamos como se estas sobreditas cousas paguem, e esta:

Que logo depois de nosso acabamento o dito infante meu filho, ou outro qualquer que vier por rei e senhor d'estes reinos, aparte todas as rendas da alfandega de Lisboa e do almazem do Porto, e por ellas se faça pagamento das ditas dividas, primeiro do que foi tomado, e depois do que houvemos emprestado, ou d'outra qualquer guisa do alheio, e finalmente todo o al, de que fizemos mercês como dito é. E das ditas rendas da alfandega de Lisboa e do almazem do Porto, não se façam nenhumas despezas até primeiramente todo esto ser pagado. E encommendamos e mandamos que o façam assim cumprir. E se por ventura o dito infante ou outro que fôr rei d'estes reinos, achar algum modo e maneira porque se estas cousas melhor e mais tostemente paguem, encommendamos-lhe e mandamos que assim o façam, e a muito nos prazeria de ser todo cedo e bem pagado, por nossa consciencia ser desencarregada.

Item, encommendamos e mandamos ao dito infante meu filho, ou a outro qualquer que fôr rei d'estes reinos, a que o carrego d'este nosso testamento fica, que por minha alma, e da dita rainha minha mulher, cazem, e deem cazamento a quarenta mulheres de boa linhagem, que sejam minguadas, e os não possam haver todos, ou grão parte d'elles, segundo cumpre as suas condições e estados. As quaes sejam naturaes d'estes reinos e nossas criadas, ou filhas de nossos criados ou criadas, dando-lhe cazamentos razoados, segundo as pessoas e as condições e linhagem de que forem, e

com quem cazarem. E estes cazamentos se paguem pelas ditas rendas da alfandega de Lisboa e almazem do Porto, das quaes rendas se não façam outras nenhumas despezas, até esto ser primeiro pagado. E se por ventura o dito infante ou qualquer que fôr rei d'estes reinos, achar algum caminho, como se estes cazamentos melhor e mais tostemente possam pagar, encommendamos-lhe e mandamos que assim o façam.

Item, porquanto nós por algumas vezes mandamos a Gonçalo Lourenço, cuja alma Deus haja, nosso criado e escrivão de nossa puridade, e do nosso conselho e do infante, e entendendo por nosso serviço, assim quando se foi Martim Vasques da Cunha e João Affonso Pimentel pera Castella, como pelo cazamento e ida da minha filha D. Beatriz, condessa de Arondel, a Inglaterra, e esto mesmo em lhe mandarmos despender por nosso mandado, as nossas despezas não certas por seus alvarás assignados por sua mão, sem outra nossa carta, e nos foi mostrado que todo o que por elle e por seus mandados foi feito em as cousas sobreditas e cada uma d'ellas em seus tempos, como foram feitas e achamos que fôra tudo por elle bem feito, lealmente e verdadeiramente, e como cumpria a nosso serviço;

Mandamos e encommendamos ao dito infante e a outro qualquer que vier por rei d'estes reinos, que em nenhum tempo nem por nenhuma maneira nem lhe seja contradito nem seja feito a seus bens e herdeiros por esto mal, nem constrangimento, nem outro nenhum desaguisado nem demanda do conto, nem recado de como nem porque guisa foi despeza, nem que mostrem nosso mandado de como lhe esto mandamos fazer, cá nós vimos todo e achamos que nos serviu em ello mui bem, leal e verdadeiramente, e que não fez em ello

cousa nenhuma, senão pela guisa que lhe nós mandamos fazer.

E similhante achamos e soubemos do doctor Martim Docem, do conselho nosso e do infante meu filho, e seu chanceller mór, que em desembargar as nossas não certas, e fazer outras cousas por nosso serviço, assim ante que fosse em casa do dito infante como depois que em ella andou, que todo fez muito bem e como devia, com resguardo de nosso serviço. E porém queremos e mandamos que o dito doctor, e Gonçalo Lourenço nem seus herdeiros, nem bens, não recebam por elio nenhuma perda, mal nem damno por nenhuma guisa.

E mandamos ao dito infante Duarte, ou a outro qualquer que fôr rei, que assim lh'o cumpram e guardem e façam cumprir e guardar, e não consintam que lhes nenhum contra elio vá em nenhuma guisa que seja, cá não cumpria a nossa consciencia que aquelles que nos bem serviram e servem, receberem por ello nenhum mal nem damno.

E o dito infante meu filho, ficou a cumprir e manter bem e verdadeiramente e cumpridamente todas as cousas conteudas em este nosso testamento. E em testemunho d'ello assignou comnosco por sua mão. Feito em os nossos paços de Cintra, quatro dias de outubro.

Lopo Affonso o fez, anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1426.

Fim do terceiro e ultimo volume.

INDEX

DP
585
L6
v.7-10
cop.2

Lopes, Fernão
Chronica de el-rei D.
João I.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY